ISSN 1678586-X

9 771678 586004

824

Fundação
Alexandre de
Gusmão

Neste número

Carta do editor

Londres

A correspondência da embaixada em Londres entre 1940-42:
universalização da guerra e a posição brasileira
Pablo Saturnino Braga

Rio da Prata (Buenos Aires)

A Missão de Antonio Cândido Ferreira
nas Províncias Unidas do Rio da Prata (1832-34):
uma perspectiva diplomática da instabilidade regional
Lydia de Carvalho e Thayná Fuly

FUNDAÇÃO
ALEXANDRE
DE GUSMÃO
www.funag.gov.br

CADERNOS DO CHDD

N.32

CADERNOS DO **CHDD**

ANO 17 ◆ NÚMERO 32 ◆ PRIMEIRO SEMESTRE 2018

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

CADERNOS DO **CHDD**

ANO 17 ◆ NÚMERO 32 ◆ PRIMEIRO SEMESTRE 2018

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Cadernos do CHDD

ano 17 • número 32 • primeiro semestre 2018

Fundação Alexandre de Gusmão

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Ministro de Estado Aloysio Nunes Ferreira Filho
Secretário-Geral Embaixador Marcos Bezerra Abbott Galvão

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Presidente Embaixador Sérgio Eduardo Moreira Lima

Centro de História e Documentação Diplomática

Diretor Embaixador Gelson Fonseca Junior

Conselho Editorial da Fundação Alexandre de Gusmão

Presidente: Embaixador Sérgio Eduardo Moreira Lima

Membros: Embaixador Gelson Fonseca Junior
Embaixador Ronaldo Mota Sardenberg
Embaixador Jorio Dauster Magalhães e Silva
Embaixador José Estanislau do Amaral Souza
Embaixador Eduardo Paes Saboia
Embaixador Paulo Roberto de Almeida
Ministro Luís Felipe Silvério Fortuna
Professor Francisco Fernando Monteoliva Doratioto
Professor Eiiti Sato

A *Fundação Alexandre de Gusmão* (FUNAG), instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

O *Centro de História e Documentação Diplomática* (CHDD), orgão da Fundação Alexandre de Gusmão/MRE, fica no Palácio Itamaraty, Rio de Janeiro, prédio onde está depositado um dos mais ricos acervos sobre o tema, e tem por objetivo estimular os estudos sobre a história das relações internacionais e diplomáticas do Brasil.

www.funag.gov.br/chdd

Cadernos do CHDD

Sumário

CARTA DO EDITOR 7

LONDRES - (1940-1942)

A correspondência da embaixada em Londres entre 1940-42: universalização da guerra e a posição brasileira

Pablo Saturnino Braga 15

Correspondência – 1940 25

– 1941 143

– 1942 345

RIO DA PRATA - (Buenos Aires, 1832-1834)

A Missão de Antonio Cândido Ferreira nas Províncias Unidas do Rio da Prata (1832-34): uma perspectiva diplomática da instabilidade regional

Lydia de Carvalho e Thayná Fuly 419

Correspondência – 1832 431

– 1833 493

– 1834 577

Carta do Editor

Este número do Cadernos dá sequência a dois projetos de largo escopo do CHDD: a publicação da correspondência dos enviados no Rio da Prata na primeira metade do século XIX e a dos embaixadores na Europa no contexto da Segunda Guerra Mundial. A revista se preocupou, desde os primeiros números, em levantar e divulgar a correspondência de nossos enviados na América do Sul no século XIX. Sua importância é evidente já que, naquele período, o trabalho diplomático está ligado à formação da nacionalidade, e a política externa começava a definir sua vocação e objetivos, em um país ainda vulnerável a divisões e conflitos internos. Neste número, publicamos a correspondência de Antonio Cândido Ferreira, o enviado brasileiro em Buenos Aires entre 1832 e 1834. De outro lado, apresentada pelo pesquisador Pablo Saturnino Braga, completamos a série da Embaixada em Londres com os telegramas e ofícios trocados entre 1940-1942. A publicação do trabalho da embaixada se dividiu em três etapas, começando no Cadernos n. 30, que cobriu o período de 1937-38 e focaliza a política de pacificação de Chamberlain no pré-Guerra; no n. 31, a correspondência está voltada para os primeiros movimentos do conflito e seus efeitos, entre 1938 e 1940. Agora, a correspondência publicada chega até agosto de 1942, já apontando o desfecho da Guerra, com o estabelecimento das novas alianças entre as potências envolvidas.

O embaixador Moniz de Aragão, que assina a correspondência de Londres, era um diplomata experimentado e que, em sua missão anterior, chefiara a Embaixada em Berlim a partir de dezembro 1935. De lá saiu, declarado *persona non grata* em represália à decisão brasileira de afastar, em 1938, o embaixador alemão, Karl Ritter, acusado de interferir em assuntos internos nacionais, essencialmente, patrocinando a propaganda nazista. Moniz de Aragão tinha experiência e conhecimento para ser, ao mesmo tempo, um atento cronista da evolução cotidiana da guerra e um intérprete rigoroso dos acontecimentos na Europa vistos pela perspectiva britânica. O interesse da documentação nasce da própria abrangência que marca a crônica da guerra elaborada pelo embaixador. Nada escapa à sua consideração: dos movimentos dos exércitos na Europa ou no Oriente Médio, às agruras da população britânica e especialmente londrina. Não deixa de relatar os efeitos dos bombardeios sobre o pessoal diplomático brasileiro. A leitura combinada de seus relatórios mensais sobre a situação política, a evolução da guerra e da economia fornecem um quadro sistemático e rico de informações sobre a Grã-Bretanha naquele período.

Exatamente por sua abrangência – e por acompanhar o cotidiano dos acontecimentos – a documentação oferece ao leitor referências minuciosas sobre cada episódio da guerra. Há longos ofícios sobre a relação entre a Rússia e a Alemanha, sobre as perspectivas do conflito no Oriente Médio etc. Creio, porém, que para o pesquisador a contribuição específica da documentação é a apresentação das avaliações do que acontecia e de prognósticos consistentes sobre o que poderia acontecer.

É interessante ler, nos ofícios, a argumentação sobre determinadas opções estratégicas. De que maneira os EUA vão se comportar? Como evoluirá a relação entre Hitler e Mussolini? A Alemanha nazista é uma ameaça à América do Sul? A Alemanha invadirá os Balcãs? O que significam as tentativas de paz propostas por Hitler? Como se comportará a Turquia? As indagações poderiam se multiplicar e revê-las é um caminho rico para entender a evolução da

guerra e, sobretudo, para entender as opções que foram seguidas e as que não foram e porquê. Interessante também é a descrição que faz Moniz de Aragão do medo diante da possibilidade de invasão alemã e da continuidade da vida "normal" em Londres.

Vale sublinhar, ainda, a riqueza das informações que o embaixador transmite sobre a economia britânica, incluindo em um dos seus ofícios longo estudo de Colin Clark[1], um dos formuladores do uso do conceito de produto nacional bruto, sobre economia de guerra.

Em relação ao Brasil, além dos problemas bilaterais de comércio e de finanças, a preocupação maior dos britânicos (e dos EUA, também) foi com a possibilidade de que a expansão nazista avançasse pela América do Sul. O Brasil seria dos mais vulneráveis, exatamente em virtude da importante presença da comunidade alemã no Sul do país. Menciono ainda os ofícios que trazem notícias de imprensa, especialmente os recortes do *South American Magazine,* a revista que se ocupava da "imagem" sul-americana em Londres.

Sabe-se pouco da vida de Antonio Cândido Ferreira, designado pelo imperador, em 1830, como chefe da Legação Brasileira junto às Províncias Unidas do Rio da Prata, além de cônsul-geral. Tinha, portanto, funções diplomáticas e consulares, e teve o que fazer nas duas... A correspondência que enviou de Buenos Aires, aqui apresentada por duas graduandas do curso de História da UFRJ, estagiárias do CHDD, Thayná Fuly e Lydia de Carvalho, é valiosa para entendermos o período e, sobretudo, como se desenhavam os primeiros passos da relação entre o Brasil e a Argentina. Como vimos na correspondência da missão de Manuel Correa da Câmara em Buenos Aires, no número anterior, os movimentos não foram simples. Depois do reconhecimento formal, mas precário em virtude da disputa em relação à Província Cisplatina, as relações foram suspensas até 1828. Cândido Ferreira chega quatro anos depois para dar início ao processo de aproximação diplomática, como, aliás,

1 AHI 28/2/3. Ofício da embaixada do Brasil em Londres 4 jun. 1941. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/chdd/index.php/pesquisas-complementares>.

indicam claramente as instruções de sua missão. O cenário onde vai trabalhar é complexo e não faltam instabilidade e rivalidade. A instabilidade é interna aos países com as dificuldades que enfrenta a Argentina para consolidar o Estado nacional, diante das rivalidades entre Buenos Aires e as províncias interiores. Do lado do Brasil, no período regencial, revoltas e guerras civis confrontam o poder central. Mas, a instabilidade se confunde com rivalidade já que, se o fim da Guerra da Cisplatina criara-se um Estado – o Uruguai – não garantira a sua estabilidade, muito menos o fim das rivalidades seculares, herdadas de Portugal e Espanha, entre Brasil e as Províncias Unidas no Prata.

Cândido Ferreira tem ofícios que revelam aspectos da complexidade do quadro em que atua. Sabe lidar com os personagens que marcam aquele momento – como os ministros argentinos e os generais Juan Manuel de Rosas e Juan Antonio Lavalleja – e também sabe retratá-los. Não são personagens simples, com Rosas a tentar dominar as Províncias Unidas e reconstituir o Vice-Reinado do Prata; com Lavalleja a buscar controlar o Uruguai, esperando assistência brasileira; com Facundo Quiroga, o símbolo da barbárie no clássico de Sarmiento. E, sabemos, não param aí os problemas, especialmente com as transgressões – por brasileiros e uruguaios – de fronteiras, mal garantidas por um tratado provisório que pôs fim à Guerra da Cisplatina. De outro lado, é intensa a atividade consular de Cândido Ferreira, a lidar com problemas variados, inclusive a convocação forçada de brasileiros detidos para lutar pelo exército argentino. Em relação ao problema central de sua missão, garantir a navegação brasileira pelo rio da Prata, faz sugestões, propostas, atua com determinação, mas pouco consegue.

A leitura dos ofícios e dos despachos mostram os problemas que enfrentava a Argentina quando ainda não estava completo o movimento para estabelecer as instituições nacionais. Mais do que isto, ainda de forma embrionária, mas clara, todo o complexo tecido da relação de vizinhança, das disputas e rivalidades, das possibilidades de aproximação, aparece. A pergunta que se pode fazer,

vendo a região da perspectiva dos anos 1830, a sequência de guerras, primeiro contra Oribe e Rosas e, depois, contra o Paraguai, é: era inevitável? É claro que, em 20 anos, as instabilidades e as rivalidades vão se acentuar e o outro lado, uma espécie de traços de ideologia da amizade sul-americana, anunciada nas instruções de Cândido Ferreira, ficam esquecidas, não há quem as leve adiante, quem as patrocine. Outros tempos e outras circunstâncias, outras lideranças, é que a tornariam realidade. Muito tempo depois.

Gelson Fonseca Junior

Diretor do CHDD

Londres

(1940 - 1942)

Apresentação

A correspondência da embaixada em Londres entre 1940-42: universalização da guerra e a posição brasileira

Pablo de Rezende Saturnino Braga[1]

A terceira série da correspondência diplomática da embaixada do Brasil em Londres publicada neste *Cadernos do CHDD* compreende o período de maio de 1940 a agosto de 1942. O recorte temporal é delimitado, em seu início, pela ascensão de Winston Churchill ao cargo de primeiro-ministro no Reino Unido no auge do expansionismo do III Reich, e, em seu desfecho, pela declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo, momento de retração do nazifascismo, principalmente após as frustrações dos planos nazistas de dominar o Reino Unido e a União Soviética. Esses marcos temporais indicam as duas principais diretrizes para a publicação da documentação diplomática do Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial: a apresentação da visão da diplomacia brasileira sobre os teatros militares e geopolíticos da guerra; e o mapeamento dos interesses estratégicos do Brasil. A análise e inter-relacionamento desses eventos é o objetivo principal desta apresentação. No período destacado, coube ao embaixador Moniz de Aragão a chefia da

1 Pesquisador do CHDD, doutor em Ciência Política (IESP-UERJ), mestre em Relações Internacionais (PUC-Rio) e professor assistente do Departamento de Relações Internacionais da Ibmec-Rio.

missão diplomática brasileira em Londres, e a autoria da maior parte da documentação enviada de Londres para o Rio de Janeiro. O diplomata havia ingressado nos quadros do Ministério das Relações Exteriores em 1908, exercendo a função de auxiliar de gabinete do ministro José Maria da Silva Paranhos Júnior, o barão do Rio Branco, e encerraria sua carreira em Londres, no ano de 1952.

A chegada de Churchill ao poder no Reino Unido foi momento crucial para o país definir sua posição face ao avanço alemão na Europa Ocidental. As tropas nazistas marchavam em direção a Paris e colecionavam grandes vitórias, em especial após a capitulação da Holanda.[2] Muito embora hoje o lugar comum do imaginário político seja a exaltação das qualidades de grande estadista de Churchill, o líder inglês assumiu o poder em posição de notável fragilidade no Partido Conservador. O influente *lord* Halifax, chanceler na época, defendeu insistentemente um acordo de paz com Hitler ao invés da resistência[3] – e tinha apoio de importantes quadros do partido, como o ex-primeiro-ministro Neville Chamberlain e, em especial, o rei Jorge VI.

A iconografia sobre Churchill é inesgotável, mas convém destacar o recente filme *O Destino de uma Nação*[4] que retrata exatamente a conjuntura inicial da documentação transcrita, quando o estadista conseguiu articular em Londres o apoio político para a estratégia de resistência militar britânica. Apesar da inicialmente conturbada relação entre Churchill e o rei Jorge VI, a convivência produziu "a mais próxima relação pessoal entre um monarca e um primeiro-ministro na história moderna britânica".[5] Os ininterruptos bombardeios da Luftwafe contra a Inglaterra iniciados em 7 de setembro de 1940, são tema muito presente nos documentos, e o drama diário da resistência britânica é narrado pelo representante brasileiro, Moniz de Aragão. Os bombardeios atingiram a embaixada brasileira, inclusive os aposentos pessoais do embaixador, que informou em telegrama:

2 AHI 28/1/9. Missões Diplomáticas Brasileiras, Londres. Ofício de 1º de junho de 1940.
3 Ver matéria do *Telegraph* em: <https://www.telegraph.co.uk/news/uknews/2650832/Lord-Halifax-tried-to-negotiate-peace-with-the-Nazis.html>. Acesso em: junho de 2018.
4 Título original em inglês: *Darkest Hour*. A atuação de Gary Oldman como Winston Churchill rendeu ao ator inglês o Oscar e o Globo de Ouro de 2018.
5 JAMES, Robert Rhodes (1998). *A Spirit Undaunted*: The Political Role of George VI. London: Little, Brown and Co, p. 195.

> O bairro diplomático foi muito atacado, tendo caído, ontem, uma bomba incendiária nesta embaixada que foi prontamente apagada pelo nosso pessoal, auxiliado pelos bombeiros. Outra grande bomba explodiu a 200 metros distante daqui, tendo um estilhaço perfurado a janela de meu apartamento, sem dano pessoal.[6]

A destruição do consulado brasileiro em Southampton[7] e o ferimento do cônsul adjunto em Londres[8] foram destacados em outro telegrama dele:

> A residência do cônsul adjunto foi atingida diretamente por uma bomba, sendo destruído parcialmente o edifício, inclusive o abrigo onde se achavam protegidos. Umas das paredes, ruindo, vitimou nove pessoas, ferindo 30, inclusive o cônsul Carlos Alberto Gonçalves, felizmente sem gravidade. Foi convenientemente medicado e está relativamente bem, tendo, porém, sofrido grande choque nervoso.[9]

Apesar da intensidade dos bombardeios, o *Blitzkrieg* não resultou na derrota britânica, e a balança de poder da guerra foi reconfigurada em 1941, como ponderou Moniz de Aragão ao exaltar discurso de Churchill à nação: "A última vez que o senhor Churchill tomou a palavra, em 11 de setembro de 1940, os ditadores do Eixo pareciam prestes a realizar os seus sonhos de hegemonia mundial".[10] Com o fracasso nazista na batalha de Londres e as derrotas italianas no Mediterrâneo, "todos os planos dos chefes do Eixo ficaram perturbados e a realização dos seus sonhos torna-se mais difícil."[11]

Outra variável determinante para a mudança do equilíbrio de poder da guerra foi a nova frente de conflito que Hitler abriu contra a União Soviética em junho de 1941, apesar dos círculos oficiais ingleses terem duvidado até o último minuto dos planos do *führer* para a União Soviética.[12] Moniz de Aragão também demonstrou ceticismo quanto à intenção nazista de dominar o Império soviético: "parece-me que o único objetivo imediato de Hitler é obrigar a adesão da Rússia ao Eixo".[13] No telegrama em que conta a pitoresca chegada

6 AHI 29/5/3. Missões Diplomáticas Brasileiras, Londres. Telegrama de 19 set. 1940.
7 AHI 29/5/3. Idem. Londres. Telegrama de 5 dez. 1940.
8 AHI 29/5/3. Idem. Londres. Telegrama de 19 set.1940.
9 Ibidem.
10 AHI 28/2/1. Missões Diplomáticas Brasileiras, Londres. Ofício de 11 fev. 1941.
11 Ibidem.
12 AHI 29/5/4. Missões Diplomáticas Brasileiras, Londres. Telegrama de 23 jun. 1941.
13 AHI 29/5/4. Idem. Londres.Telegrama de 20 jun. 1941.

à Escócia de Rudolph Hess, braço direito de Hitler no Partido Nazi, Moniz de Aragão deixa mais nítida a sua percepção sobre a aliança russo-germânica:

> A sensacional chegada aqui de Rudolph Hess está causando viva impressão, sendo o principal assunto na imprensa. Rudolph Hess desceu em paraquedas de avião alemão de caça, desarmado, vindo da Baviera. Está, presentemente, num hospital em Glasgow, devido a ferimento no acidente de aterragem. Foi, oficialmente, identificado e a habilidade de seu voo noturno desmente a alegação dos nazis de desequilíbrio mental. Estão sendo feitos diferentes comentários pelo motivo de sua vinda ao país inimigo, sendo mais aceito o propósito de desertar dos nazis, depois de uma profunda desinteligência pessoal com Adolf Hitler e outros membros do partido, pondo em perigo sua vida. Rudolph Hess era sinceramente contrário a qualquer política germano-russa, sendo inimigo mortal dos comunistas, o que parece indicar o propósito da Alemanha [de] se aproximar, cada vez mais, de Moscou.[14]

A Operação Barbarossa, maior força de invasão militar da história, projetou a derrota soviética numa guerra relâmpago de dois meses. As dificuldades enfrentadas para o suprimento das tropas, a chegada do rígido inverno russo e a capacidade de contra-ataque soviético culminaram em marcantes derrotas que não apenas inviabilizaram as metas ambiciosas de Hitler, como também abalaram o mito da invencibilidade do exército nazista.[15]

O ano de 1941 terminou com um episódio crucial para a definição final das alianças e internacionalização do conflito. O ataque japonês a Pearl Harbor em dezembro de 1941 foi determinante para a entrada dos Estados Unidos nos conflitos militares contra o Eixo e também para a definição da posição brasileira. A política externa brasileira na conjuntura da Segunda Guerra Mundial foi um dos temas bastante explorado por historiadores e cientistas políticos. Segundo Gerson Moura, o Brasil buscou preservar a neutralidade por maior tempo possível para, por meio da barganha, extrair os recursos que viabilizassem a construção de uma siderúrgica de grande porte, imprescindível para o desenvolvimento industrial do país. Com uma abordagem econômica, Marcelo de Paiva Abreu defendeu que a perspectiva da "equidistância pragmática" superestimou a capacidade alemã de viabilizar um projeto industriali-

14 AHI 29/5/4. Missões Diplomáticas Brasileiras, Londres. Telegrama de 13 maio 1941.
15 EVANS, Richard J. O. Terceiro Reich em Guerra. São Paulo. Planeta, 2012.

zante no Brasil. Sem entrar no mérito deste interessante debate da historiografia da política externa brasileira,[16] a documentação apresentada neste volume reforça a ideia de que Getúlio Vargas soube manipular a percepção mundial sobre suas inclinações ao nazifascismo, gerando incertezas sobre as possibilidades da posição brasileira no conflito. O simbolismo de posicionamentos como o "Limiar de uma nova era",[17] discurso do presidente brasileiro no dia 11 de junho 1940 a bordo do encouraçado *Minas Gerais*[18], surtiu efeitos. O empréstimo do Eximbank, aprovado pelo presidente Roosevelt, ocorreu na esteira do polêmico discurso elogioso aos regimes autoritários – e em um contexto de franca ascensão do nazismo e a marcha das tropas alemães em direção à Paris. O telegrama enviado pela embaixada em Londres para a Secretaria de Estado no Rio de Janeiro abordou o assunto:

> O *Daily Telegraph*, desta manhã, publicou destacadamente um telegrama de seu correspondente em Washington, considerando que o discurso do presidente da República, aparentemente apoiando a Alemanha e a Itália, está causando desconfiança nos Estados Unidos.[19]

Episódios menores, reproduzidos na documentação, ilustram as dúvidas que a posição inconclusiva de Vargas suscitava. Além da constante preocupação dos ingleses com as atividades nazistas na América do Sul, a denúncia de funcionários brasileiros que estariam trabalhando secretamente para o governo de Vichy[20], Estado-fantoche da Alemanha

16 Ver: MOURA, Gerson (1980). *Autonomia na Dependência*; a Política Externa Brasileira de 1935 a 1942. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; ___. (1991). *Sucessos e Ilusões*; Relações Internacionais do Brasil durante e após a II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Editora FGV; ___. *Relações exteriores do Brasil (1939-1915)*: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a II Guerra Mundial. Brasília: Funag, 2012. 277 p; ABREU, Marcelo de Paiva (1980). A Economia Brasileira e a Segunda Guerra Mundial: O setor externo, *in* P. Neuhaus, *Economia Brasileira*: Uma Visão Histórica. Rio de Janeiro: Campus. ___. (1984). O Brasil e a Economia Mundial (1929-1945), in Boris Fausto (ed.), *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, tomo III, vol. 4. ___. (1990). *A Ordem do Progresso*; Cem Anos de Política Econômica Republicana, 1889-1989. Rio de Janeiro: Campos, 1990; GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas*. São Paulo: Símbolo, 1977; SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos (1930-42)*. São Paulo: Nacional, 1985; ALMEIDA, João Daniel Lima de. *História do Brasil*: Manual do candidato. Brasília: Funag, 2013. 595 p. BUENO, Ironildes. Estados Unidos *versus* Alemanha: o falso dilema sobre o início da indústria de base brasileira, *Cena Internacional*, v. 8, n. 2, p. 171-192.

17 A transcrição do discurso está disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/getulio-vargas/discursos/1940/21.pdf#acontent>. Acesso em: maio de 2018.

18 A mesma embarcação em que marinheiros se rebelaram na Revolta da Chibata de 1910.

19 AHI 29/5/3. Missões Diplomáticas Brasileiras, Londres. Telegrama de 13 jun. 1941.

20 AHI 29/5/4. Idem, Londres. Telegrama de 11 jan. 1941.

nazista na França. Uma rede de intrigas foi forjada ao redor do trabalho de dois diplomatas brasileiros e colocou sob suspeição a embaixada do Brasil. Frederico Chermont Lisboa e Edmundo Barbosa da Silva foram interrogados pelo serviço de inteligência britânico, após autorização de Moniz de Aragão, mas a teoria de conspiração foi refutada.[21] Outro fato foi a negação pela Inglaterra do exequátur ao cônsul brasileiro na Índia por sua suposta simpatia ao nazismo criaram contratempos para o Brasil. As incertezas sobre o posicionamento brasileiro propiciaram até os agouros sensacionalistas de influente jornalista francesa, *madame* Tabouis. Em artigo publicado no jornal britânico *Sunday Dispatch* do dia 26 de janeiro de 1941, transcrito na documentação,[22] ela expressa preocupação e alarmismo por uma suposta possibilidade de o Brasil declarar guerra à Inglaterra – cenário jamais considerado pela historiografia, e que no contexto contemporâneo se enquadraria em uma clássica *fake news*. O ofício da embaixada brasileira criticou a jornalista:

> Nesse artigo dedica quatro parágrafos à questão do material bélico comprado para as nossas forças armadas na Alemanha e ao bloqueio britânico, para dizer, com a nota sensacional que caracteriza as suas reportagens, que os nossos círculos militares, influenciados pela propaganda alemã, teriam pedido ao senhor presidente Getúlio Vargas que declarasse guerra à Inglaterra, e que brevemente os Estados Unidos negociariam alguma forma de aliança com os países sul-americanos.[23]

A III Reunião dos Chanceleres das Américas, convocada pelos Estados Unidos da América após Pearl Harbor, reduziu o espaço para posições ambíguas. O evento ocorreu em janeiro de 1942 no Palácio Tiradentes, no Rio de Janeiro, e foi muito bem recebido na Europa, como expressa telegrama com mensagem elogiosa do rei inglês.[24] A diplomacia estadunidense impulsionou a colaboração hemisférica, e o documento final do encontro recomendou a todos os países americanos o rompimento das relações diplomáticas e comerciais com o Eixo. A expectativa dos Aliados era um rompimento coletivo, porém a Argentina e o Chile optaram por preservar sua opção de neutrali-

21 FARIAS, Rogério de Souza. *Edmundo P. Barbosa da Silva e a construção da diplomacia econômica brasileira*. Brasília : Funag, 2017, p. 161-169.

22 AHI 28/2/1. Missões Diplomáticas Brasileira, Londres. Ofício de 31 jan. 1941. Outra fonte de jornais da época é a hemeroteca da Biblioteca Nacional, que pode ser acessada em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

23 Ibid.

24 AHI 29/5/5. Missões Diplomáticas Brasileira, Londres. Ofício de 6 fev. 1942.

dade no conflito. O telegrama da Secretaria de Estado que anuncia o resultado da Conferência do Rio (enviado para as embaixadas em Londres, Vichy, Berlim, Lisboa, Roma, Madri e Tóquio) apresenta curiosa correção textual que poderia ser um indicativo das expectativas da chancelaria sobre as negociações que ocorreram até os momentos finais do encontro: o termo "declaração conjunta" foi substituído por "recomendação".[25] O chanceler brasileiro, Oswaldo Aranha, apoiava a opção pelo rompimento coletivo imediato, porém, diante da recusa argentina e chilena em firmar tal posição, foi aprovada uma resolução que apenas recomendava o rompimento de relações, conforme o artigo III da declaração final[26]. Ainda assim, a conferência logrou a aprovação de uma série de resoluções que consolidavam a colaboração dos países do continente com os esforços de guerra dos Estados Unidos.

O Brasil, imediatamente após a conferência, rompeu relações com o Eixo e passou a contribuir para o esforço de guerra dos EUA, principalmente com a permissão do uso de bases aéreas e navais no Nordeste para o transporte de materiais e tropas estadunidenses. A colaboração atraiu a hostilidade do Eixo, e Hitler autorizou a "Operação Brasil". O afundamento de navios de cabotagem por submarinos alemães na costa brasileira e a morte de cerca de 600 pessoas (número maior do que o de soldados brasileiros mortos em conflito) catalisaram grande comoção nacional em agosto de 1942, e o Brasil enfim declarou guerra ao Eixo.[27]

Essas grandes linhas da narrativa do envolvimento brasileiro na guerra são enriquecidas por outros acontecimentos presentes na documentação transcrita. O boicote comercial inglês à Alemanha criou tensões com o Brasil. O imbróglio envolvendo o navio mercante *Siqueira Campos* foi o mais emblemático e domina boa parte da documentação por praticamente três meses. O navio transportava armas alemãs para o Brasil, adquiridas antes da guerra. O governo brasileiro solicitou ao governo britânico a sua liberação, porém a tumultuada comunicação entre as autoridades atrasou o *navicert*.[28] O tema foi levado pelo embaixador brasileiro ao chanceler britânico, *lord* Halifax. Em telegrama para

25 AHI 30/1/2. Missões Diplomáticas Brasileira, Londres. Ofício de 23 jan. 1942.

26 Ver declaração final em: <http://www.oas.org/consejo/Meetings%20OF%20Consultation/Actas/Acta%203.pdf>. Acesso: 07/2018.

27 O documentário "1942: O Brasil e sua guerra desconhecida", exibido pela Philos TV, traz depoimentos sobre o envolvimento brasileiro na guerra. Pode ser acessado pelo link: <https://vimeo.com/215077936>. A inspiração é o livro homônimo de João Barone.

28 O *navicert* é um certificado emitido em tempos de guerra e/ou bloqueio marítimo que especifica o conteúdo da carga de um navio neutro para que sua passagem seja autorizada.

a Secretaria de Estado, Moniz de Aragão explica seus esforços para solucionar a querela:

> *Lord* Halifax, em extensa carta, recebida ontem à noite, começa recordando o meu desagrado quando o visitei em 1º de novembro e lhe fiz sentir a gravidade com que o governo brasileiro encarava a resposta negativa sobre o livre trânsito do material bélico a bordo do *Siqueira Campos*. Acrescentou que o assunto da minha diligência estava sendo novamente examinado com a melhor boa vontade, tendo ele, como me prometera, voltada a interessar-se junto ao ministro competente.[29]

Porém, a detenção do navio, dos passageiros e da carga no estreito de Gibraltar atendeu às exigências delimitadas no bloqueio britânico, e nem mesmo a interferência do primeiro-ministro resolveu de imediato a questão. A contínua insatisfação do governo brasileiro, manifestada em telegramas e ofícios, revelou a prioridade da resolução do problema. *Lord* Halifax convocou o embaixador brasileiro para explicar que estava empregando todos os meios ao seu alcance, como consta em telegrama confidencial enviado de Londres para o Rio de Janeiro.[30] A Secretaria de Estado informou à embaixada que o drama dos passageiros já repercutia na opinião pública, que passou a pressionar por uma solução.[31] A embarcação somente chegaria ao Rio de Janeirono dia 8 de janeiro de 1941, três meses depois de sua saída da Alemanha. As abordagens frequentes a navios mercantes brasileiros para verificar a presença de mercadorias alemães (o caso do *Siqueira Campos* foi mais tenso, mas não o único) somadas à espionagem britânica de diplomatas brasileiros forjaram um cenário desafiador para as relações bilaterais, contornado em grande medida pela habilidade política do representante brasileiro.

O incidente do *Siqueira Campos* é revelador do prestígio de Moniz de Aragão[32], que usou esse capital para viabilizar a liberação do navio. O acesso a alta cúpula britânica em tempos de guerra foi um sinal do bom relacionamento do diplomata brasileiro em Londres. O episódio em que foi declarado *persona non grata* quando embaixador brasileiro na

29 AHI 29/5/3. Missões Diplomáticas Brasileiras, Londres. Telegrama de 23 nov. 1940.
30 AHI 29/5/3. Idem. Londres. Telegrama de 6 dez. 1940.
31 AHI 29/5/16. Idem. Telegrama de 12 dez. 1940.
32 Ver <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-joaquim-de-lima-e-silva-muniz-de-aragao>. Acesso em: junho de 2018.

Alemanha em 1938, em retaliação à expulsão do embaixador alemão no Brasil, contribuiu também para evitar eventuais desconfianças sobre uma possível cooperação do embaixador com o governo nazista. Fica clara a opção política do representante brasileiro em defesa dos regimes democráticos e repulsa ao totalitarismo. Ao explicar, por exemplo, detalhadamente as batalhas que levariam à ocupação nazista na França, Moniz de Aragão é taxativo ao adjetivar os alemães como "monstros".[33] E quando expressou sua opinião sobre os movimentos geopolíticos provocados pela guerra, imputou a responsabilidade ao Eixo e exaltou os valores democráticos e o papel dos Estados Unidos da América em sua defesa, tal como demonstra fragmento abaixo:

> Os Estados Unidos da América, a Europa e o Extremo Oriente, por assim dizer todo o mundo está assim agitado e convulsionado pela desorganização geral oriunda do que foi provocado pelo imperialismo germano-ítalo-nipônico. Em plano mais afastado como um cenário de fundo, pode ser apreciado o último discurso do presidente Roosevelt aqui considerando como uma de suas mais belas, nobres e vigorosas orações, tanto para a defesa da democracia, como da liberdade e das forças morais e cristãs da humanidade.[34]

As atividades diplomáticas de Moniz de Aragão foram intensas, apenas diminuídas devido a uma intercorrência cirúrgica por apendicite.[35] Ele se encontrou com proeminentes figuras da cena política europeia, como Charles De Gaulle, líder francês que liderou a resistência da "França Livre" em Londres. Um interessante tema desses encontros, destacado na documentação, foi o envio de um delegado da "França Livre" ao Rio de Janeiro, em caráter não oficial.[36] A proposta foi, todavia, negada pelo Itamaraty:

> Rogo a Vossa Excelência dizer ao general De Gaulle que, não obstante a simpatia que nos liga à causa que ele e seus partidários propugnam, não podemos reconhecer qualquer delegado seu sem provocar protestos do governo de Vichy, com o qual mantemos relações.[37]

33 AHI 28/1/9. Missões Diplomáticas Brasileira, Londres. Ofício de 1 jun. 1940.
34 AHI 28/2/1. Idem. Londres. Ofício de 23 jan. 1941.
35 AHI 29/5/5. Idem. Londres. Telegrama de 8 ago. 1942.
36 AHI 29/5/5. Idem. Telegrama de 1º de abril 1942.
37 AHI 30/1/2. Idem. Telegrama de 27 abril 1942.

Uma peculiar situação assumida pelo Brasil merece também ser lembrada. O governo brasileiro aceitou representar os interesses italianos "na Inglaterra, domínios, colônias e territórios sob mandato".[38] Por conta disso, o Brasil acabou mediando entre Inglaterra e Itália a situação de cidadãos italianos na Abissínia. A maior parte dos ofícios e telegramas que abordam os distintos temas em que o Brasil representou a Itália serão disponibilizados *online* pelo CHDD.[39] No tocante à mediação diplomática oficial, o Brasil foi elogiado por mediar, junto com Argentina e Estados Unidos, o conflito entre Peru e Equador.[40] Outras questões mais corriqueiras, como as instruções da chancelaria para as negociações comerciais, principalmente da carne e do açúcar, ocupam os ofícios, despachos e telegramas transcritos na sequência.

O atual número encerra, portanto, mais uma série da documentação diplomática do Brasil no contexto da Segunda Guerra. As publicações cobrem, assim, a comunicação diplomática com a potência expansionista – Alemanha[41]; um país ocupado – França[42] e a potência em resistência – Reino Unido.[43] A continuidade da linha de pesquisa aponta para outros estudos de caso que contribuem para uma maior amplitude analítica de um dos momentos mais delicados e complexos do século XX, o qual permanece vivo nas relações internacionais contemporâneas. O *Cadernos do CHDD* apresentará ainda a documentação com a Espanha, estudo de caso que promete ampliar o ângulo das pesquisas anteriores, principalmente por conta do ensaio geral do conflito mundial que representou a guerra civil espanhola e a peculiar posição assumida pelo regime franquista durante a guerra.

❖

38 AHI 29/5/16. Missões Diplomáticas Brasileira, Londres. Telegrama de 31 maio 1940.

39 Ofícios, despachos e telegramas não selecionados para a publicação poderão ser acessados em: <http://www.funag.gov.br/chdd/index.php/pesquisas-complementares>.

40 AHI 29/5/4. Idem. Londres. Telegrama de 18 de julho de 1941.

41 CHDD – Centro de História e Documentação Diplomática. *Cadernos do CHDD.* Ano XI, n. 20; ano XII, n. 21; e n. 22. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2013. Disponíveis em: <http://funag.gov.br/chdd/index.php/cadernos-do-chdd>.

42 FRANCO, Álvaro da Costa (org.). Em meio à crise: Souza Dantas e a França ocupada (1940-1942*)*. Rio de Janeiro: CHDD – Centro de História e Documentação Diplomática. Brasília: Funag, 2008. p. 473.

43 CHDD – Centro de História e Documentação Diplomática. *Cadernos do CHDD.* Ano XVI, n. 30; e n.31; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2013. Disponíveis em: <http://funag.gov.br/chdd/index.php/cadernos-do-chdd>.

1940

TELEGRAMA • 11 MAIO 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Acordo comercial e financeiro com a Grã-Bretanha.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

61 – 11 MAIO 1940 – Rogo informar esse governo de que consideramos a sua proposta de acordo comercial e financeiro satisfatória em suas linhas gerais e estamos desejosos de chegar a um entendimento com a Grã-Bretanha para regular as transações entre os dois países, nas circunstâncias atuais. Aceitamos com prazer a vinda do senhor John Phillimore, sugerida pelo embaixador inglês aqui, para discutir conosco os termos do acordo. Vossa Excelência dirá também a esse governo da nossa boa vontade e do empenho que fazemos em facilitar em tudo o que estiver em nosso poder as aquisições da Inglaterra em nossos mercados, mesmo antes de concluído o acordo. EXTERIORES

❖

OFÍCIO • 16 MAIO 1940 • AHI 28/1/9

[*Índice*:] O novo gabinete.

N. 168

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 16 de maio de 1940.

Senhor Ministro,

O novo gabinete que se apresentou no dia 13 do corrente à Câmara dos Comuns, presidido pelo senhor Winston Churchill, pediu imediatamente a aprovação de uma moção pela qual o Parlamento declarasse acolher a formação de "um governo que representa o desejo inflexível da nação unida, para prosseguir a guerra contra a Alemanha até a vitória das armas aliadas". Essa moção, que foi realmente um voto de confiança, foi adotada por 381 votos contra 0, o que dá ao novo gabinete do Reino Unido toda a autoridade necessária para a continuação da luta com uma energia cada vez maior.

2. Não resta dúvida que o senhor Churchill, levado pelas circunstâncias ao posto de primeiro-ministro, representa neste momento a

vontade unânime da nação britânica, de fazer o necessário em todos os domínios para levar a guerra até a vitória final. Foi precisamente para que essa unanimidade, tão necessária neste momento, fosse obtida que o senhor Chamberlain se afastou voluntariamente ao posto de comando, assegurando, porém, a sua colaboração ativa ao novo governo, gesto que honra ao estadista que soube sempre assumir corajosamente suas responsabilidades e que permanece como uma das maiores figuras da política inglesa contemporânea.

3. As declarações do senhor Churchill são claras, precisas, francas e não deixam a menor dúvida sobre o desenvolvimento que pretende dar à política de guerra do seu governo.

4. A imprensa britânica é unânime em salientar que o novo gabinete assume o poder em um momento em que a guerra começa realmente e se felicita da vontade inflexível do primeiro-ministro de sustentar a luta até a vitória sem desfalecimento.

5. Na organização do novo governo o senhor Chamberlain ocupará o cargo de lorde presidente do Conselho e poderá ajudar o primeiro-ministro com os seus conselhos de político experimentado e mesmo substituí-lo em caso de necessidade, pois as suas funções equivalem às de vice-presidente do gabinete.

6. Na lista dos novos ministros observa-se desde logo os nomes de três titulares nas pastas da Defesa Nacional, os senhores Eden, no Ministério da Guerra; Alexander no da Marinha e Sinclair na Aviação.

7. Como era previsto, alguns dos antigos colaboradores do senhor Chamberlain deixaram as suas pastas. *Sir* John Simon passa a ser Lorde Chanceler, isto é, presidente da Câmara dos Lordes, o que faz com que automaticamente seja elevado à dignidade de Par do Reino. O Ministério das Colônias passou a ser dirigido pelo *lord* Lloyd. O senhor Herbert Morisson ocupará o cargo de ministro do Abastecimento.

8. Não se trata, pois, de um governo formado para equilibrar forças políticas, tendo sido realizada uma nova convenção. Os *leaders* dos três principais partidos agora representados no governo serão consultados quando surgirem questões afetando a orientação da ação ministerial, inclusive as eventuais condições de paz.

9. As principais mudanças verificadas na vida política inglesa, com a organização do gabinete Churchill, são as seguintes: desaparecimento da divisão em dois grupos do Partido Liberal e do Partido Trabalhista, que passam a ser simples organizações ministeriais; realização pela primeira vez de uma verdadeira união nacional, pois mesmo depois

da guerra de 1914 houve no Partido Trabalhista uma forte oposição pacífica, representada pelos senhores Snowden e Ramsay MacDonald.
10. Seria curioso saber quais serão agora os elementos de oposição na Câmara dos Comuns, quando voltar a se reunir no próximo dia 21 do corrente.
11. Como Vossa Excelência sabe, o governo inglês, na Sala de Sessões do Palácio de Westminster, toma assento à direita do presidente, tendo em frente os *leaders* e principais deputados oposicionistas, mas nas circunstâncias atuais parece não mais existir oposição e, no máximo, poderão ser feitas interpelações ou críticas de tempos em tempos, por parte de antigos ministros ou talvez pelo senhor Lloyd George.
12. Nas graves circunstâncias que atravessamos, o regimento da Câmara dos Comuns sofrerá, pois, importantes modificações, sem precedentes nos anais parlamentares deste país.
13. Tudo indica uma evolução favorável, tendente a uma simplificação e aceleração da política do Parlamento.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 17 MAIO 1940 • AHI 28/1/9

[*Índice*:] Proposta argentina sobre a declaração de neutralidade.

N. 170

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 17 de maio de 1940.

Senhor Ministro,

Conquanto esteja certo de que não será novidade para essa secretaria, sabedor da informação que transcrevo abaixo, julgo do meu dever levá-la ao conhecimento de Vossa Excelência, por me ter sido prestada por pessoa autorizada, intimamente relacionada nos meios da imprensa.
2. À sugestão argentina no sentido de que as repúblicas americanas modifiquem a atual posição de neutralidade, em face do conflito

europeu, o ministro do Exterior chileno teria declarado não poder ainda adotar uma posição definitiva a respeito. O embaixador argentino no Chile, em comunicado oficial, teria afirmado que, na Declaração de Panamá sobre a zona de segurança, os países americanos fizeram todo o possível por garantir a neutralidade do continente. Inoperante o Comitê do Rio de Janeiro, que é uma roda que gira no espaço, propunha o governo argentino, para sair dessa situação, a revisão da posição atual. Tal proposta não deve ser considerada como tendente a aproximar o continente da guerra, senão que uma necessidade, diante dos métodos de agressão sistemática, para os países americanos de se porem de acordo, para salvaguardar os interesses continentais.

3. Conforme informei a Vossa Excelência pelo telegrama n. 116, o embaixador argentino nesta capital divulgou, por intermédio da Agência Havas, um comunicado procurando explicar a atitude do seu governo em relação com a proposta em questão. Vossa Excelência terá também tido conhecimento, pelo mesmo telegrama, de que aqui em Londres, de fontes bem informadas, soube que a iniciativa argentina foi inspirada pelo governo britânico, com o desejo de talvez influir sobre os Estados Unidos no sentido de ser adotada por Washington uma política mais favorável aos interesses dos Aliados no presente momento.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 20 MAIO 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Acordo comercial e financeiro com a Grã-Bretanha.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

68 – 20 MAIO 1940 – Resposta ao seu telegrama n. 119. No intuito de possibilitar e incrementar as relações de comércio e de facilitar os pagamentos entre os dois países, estamos prontos a praticar

imediatamente o esquema sugerido pelo governo britânico, mediante os seguintes esclarecimentos e modificações:

1º) Ao número 1 – Inclusão do Canadá no acordo. Entendemos, por seu telegrama, que a Índia já está incluída;

2º) Ao número 3 – Pela conta especial do Banco do Brasil poderão ser pagos também títulos da dívida pública brasileira que o governo brasileiro venha a adquirir, em bolsa ou diretamente, bem como títulos de empresas privadas;

3º) Ao número 5 – Propomos a seguinte redação: "O saldo (qualquer que seja sua importância) da conta especial do Banco do Brasil será coberto, durante a vigência do acordo, por uma garantia em ouro, calculada segundo o preço do ouro no Banco da Inglaterra, no dia da assinatura do acordo." Se esse preço for modificado, o saldo da conta especial na data de tal modificação, será reavaliado na equivalência do novo preço do ouro;

As operações comerciais serão reguladas pela taxa de câmbio da libra esterlina nos mercados brasileiros, em vigor na data da assinatura do acordo, e o Banco do Brasil compromete-se a modificá-la somente quando se alterar, e na medida desta alteração, a taxa do dólar.

Considerando, de um lado, que a conta especial do Banco do Brasil pode apresentar, por tempo indeterminado, saldo a seu favor considerável, e de outro, que temporariamente precisará ficar a descoberto, estipula-se no presente acordo que será permitido ao Banco do Brasil um descoberto [*de*] até três milhões de libras. Na expiração do acordo, se a conta especial estiver a descoberto, deverá ser regularizada dentro de sessenta dias.

Calculando as necessidades de pagamento por parte do Brasil em 12 milhões de libras por ano, e atendendo a que o governo brasileiro deseja resgatar títulos de sua dívida pública externa; e que há negociações em curso, por parte de empresas particulares, para recolhimento de suas obrigações, contraídas no mercado inglês, o limite mínimo de compras, por parte da Inglaterra, deve ser elevado para 15 milhões de libras no primeiro ano.

O governo brasileiro deseja combinar com o governo britânico as percentagens de produtos brasileiros a serem adquiridos pelo império britânico. EXTERIORES

❖

OFÍCIO[1] • 20 MAIO 1940 • AHI 28/1/9

[*Índice*:] Atitude dos países americanos.

N. 171

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 20 de maio de 1940.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o incluso recorte do *The South American Journal*, contendo um artigo sobre a reação nos países americanos da invasão alemã na Escandinávia, Holanda e Bélgica.

2. Diz esse editorial que os povos da América, ainda que espectadores, ficaram chocados com o ato alemão, poucas horas depois de ter o rádio de Berlim negado os rumores de concentração de tropas nas fronteiras da Bélgica e da Holanda. Isto se depreende dos entendimentos diplomáticos e das sugestões que emanaram das capitais argentina e uruguaia, endossadas pelo Brasil e aprovadas por Washington. Refere-se em seguida às *démarches* do ministro Cantilo para concluir que os países latino-americanos e os Estados Unidos ficarão expostos à agressão alemã, caso os dirigentes do Reich ambicionarem suas riquezas. A distância da Europa não é mais suficiente salvaguarda e a vitória alemã equivale ao começo da sua sujeição, a despeito de tudo quanto digam os nazis.

3. Sobre o alarme causado nos Estados Unidos a respeito, é interessante a correspondência de Washington, no *Evening News*, de 16 do corrente.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 28 MAIO 1940 • AHI 28/1/9

[*Índice*:] Relações anglo-russas.

N. 185

1 Anexos não localizados no volume.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 28 de maio de 1940.

Senhor Ministro,

De acordo com as informações que desde algum tempo tenho enviado a Vossa Excelência, é sabido agora que mais ativamente vão sendo feitos entendimentos entre o governo britânico e o embaixador russo nesta capital para melhorar as relações entre os dois países.

2. As notas que tinham sido trocadas entre os dois governos não tinham obtido até o presente momento nenhum resultado prático, mas existe, sem dúvida, um mútuo interesse de ser conseguido um acordo e assim deve ser interpretada a declaração do subsecretário parlamentar do Foreign Office, feita há dois dias, na Câmara dos Comuns, manifestando o desejo de um entendimento rápido e positivo.

3. As últimas notícias indicam que *sir* Stafford Cripps deve partir imediatamente para Moscou como embaixador em missão especial, encarregado de sondar as possibilidades de um acordo anglo-russo, conforme o desejo do governo dos sovietes, e a resposta que acaba de ser recebida pelo Foreign Office foi, segundo parece, julgada em condições de permitir o início de negociações mais concretas.

4. Nos círculos bem informados declaram que a posição do governo britânico permanece inalterada e que está disposto a negociar um convênio comercial com a condição que sempre seja considerada a atual situação criada pela guerra e que nada do que possa ser expedido para a Rússia seja empregado para ajudar direta ou indiretamente a Alemanha.

5. A resposta russa agora recebida oferece garantias sobre a parte relativa à reexportação, mas não admite qualquer interferência no que se refere ao comércio russo propriamente dito com qualquer país, seja neutro ou beligerante.

6. Não resta dúvida que no momento extremamente grave que atravessa este país, as negociações anglo-russas assumem uma importância considerável e pode se relacionar com a evolução da situação germano-russa.

7. O governo de Moscou, como tive ensejo de telegrafar a Vossa Excelência, em devido tempo, esperava há muito que este país enviasse um plenipotenciário e *sir* Strafford Cripps encontrará no Kremlin um acolhimento simpático, sendo reconhecidamente um adepto fervoroso de uma aproximação anglo-russa.

8. É sabido que as relações entre Moscou e Berlim estão passando por

uma fase de tensão, pois os colaboradores do *führer* procuram chamar sua atenção sobre a possibilidade de um acordo anglo-russo contra a política imperialista do III Reich, acordo esse que a diplomacia do senhor Ribbentrop tinha impedido no justo momento, em agosto de 1939.

9. Somente Rudolf Hess, o tenente-general do *führer* no Partido, teria declarado que a Alemanha estaria hoje bastante forte para não ser perturbada por uma mudança da política russa e que de outra parte nada poderia impedir o desenvolvimento da aplicação dos projetos militares do *führer* no que se refere à União Soviética.

10. Parece que a propaganda alemã contra a Rússia terá início a cada momento, sendo explorados os seguintes pontos: os sovietes teriam "sabotado" as convenções econômicas germano-russas, impedindo o envio de engenheiros alemães para organizar a economia e os transportes russos. Em seguida os moscovitas teriam intervido no jogo balcânico da Alemanha, impedindo a formação da frente ítalo-russo-alemã naquela região. O acordo militar de Moscou com Belgrado impediria, de ora avante, o Reich de liquidar as questões balcânicas "pacificamente", como pretendia. Acresce que a Rússia estabeleceu relações mais amistosas com a Turquia, aliada da França e da Inglaterra. Também será referido que se o Reich não pode ainda se apossar do minério de ferro sueco, isso deve ser atribuído à política russa, que não permitiu a invasão alemã da Suécia e dificultou o comércio de trânsito em favor do Reich pelos portos russos em forma, por assim dizer, proibitiva. Finalmente, a política russa com o seu perpétuo jogo de balança asiática receia certamente uma vitória alemã.

11. O rádio do dr. Goebbels vai funcionar contra a propaganda bolchevista, executada por Moscou no Reich, voltando, pois, ao seu tema predileto de outras épocas anteriores ao namoro feito pelo senhor Ribbentrop aos governantes do Kremlin.

12. Depois de sérias deliberações, o *führer* passará a ameaçar Stalin com a poderosa força armada alemã, mas aqui se sabe, nos meios autorizados, que reina grande inquietação em Berlim, quanto à atividade da Rússia devido à partida do negociador inglês.

13. Em linhas gerais, na parte política, as conversas anglo-russas estabeleceriam as bases de um acordo prometendo à Rússia respeitar seus direitos no Báltico e em relação a certos territórios antigamente incorporados à Polônia, de população genuinamente russa, apoio para a revisão de suas fronteiras com a Romênia e auxílio para a manutenção de sua situação política no Mar Negro. Em troca, a Rússia estaria pronta a intervir militarmente na atual guerra se a Itália

ou a Alemanha perturbasse de qualquer forma a posição política ou territorial dos países balcânicos. Desde logo a sua posição de neutra no atual momento seria reforçada com a proibição de auxílios materiais e de comércio à Alemanha, além dos normais e admitidos pelo Direito Internacional nessas circunstâncias.

14. Evidentemente, no atual momento um apoio russo aos Aliados será de grande importância, mas muita gente não tem grande entusiasmo por uma aproximação anglo-russa, considerando os perigos que podem aparecer, permitindo certas facilidades à propaganda da III Internacional, cujos trabalhos aqui, conjuntamente com os da quinta coluna alemã, são bem mais importantes do que era lícito supor e assim determinaram as medidas de repressão que acabam de ser, em boa hora, tomadas para a defesa da nação.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 29 MAIO 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Guerra na Europa.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

79 – 29 MAIO 1940 – Rogo a Vossa Excelência trazer-nos informado do que há sobre a atitude da Rússia no tocante a qualquer ação italiana nos Balcãs. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 31 MAIO 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

82 – 31 MAIO 1940 – Resposta seu telegrama n. 139. Falei ao embaixador inglês que me prometeu telegrafar ao secretário de Estado. Vossa Excelência deverá procurar o Foreign Office e fica autorizado a transigir quanto às máquinas destinadas aos estabelecimentos fabris militares permanecendo, porém, intransigente quanto ao material bélico que encabeça a lista remetida por carta-telegrama e que é o seguinte: 40 tubos de canhões antiaéreos Krupp: 11.800 tiros para canhão antiaéreo; quatro baterias de campanha Krupp de 75mm. compreendendo 16 canhões: 16 armões; 24 viaturas [de] munição; quatro viaturas-forja; seis aparelhos de escuta. Lembro a Vossa Excelência que [recentemente], para atender a reclamação britânica, exigimos do governo alemão a retirada do cônsul alemão no Rio Grande.[2] EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 31 MAIO 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Guerra na Europa.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

83 – 31 MAIO 1940 – Comunico confidencialmente a Vossa Excelência que, consultado pelo governo italiano, o governo brasileiro aceitou tomar a seu cargo, na hipótese da Itália entrar na guerra, a proteção dos interesses italianos na Inglaterra, domínios, colônias e territórios sob mandato, onde tivermos consulados de carreira. Recomendo, pois, a Vossa Excelência estar preparado para tal eventualidade. Providenciarei oportunamente para dotar essa missão de pessoal necessário. Queira informar[3] aos Consulados de carreira [aí] e nas colônias, [domínios e possessões][4] com as quais Vossa Excelência se puder comunicar em código. EXTERIORES

❖

2 Período tachado na minuta, ao final: "e que sempre temos demonstrado a melhor boa vontade com esse governo: Parece-nos que é tempo que demonstre para conosco o mesmo.".
3 A palavra "informar" substitui expressão tachada: "dar instruções".
4 Intervenção à lápis.

OFÍCIO • 01 JUN. 1940 • AHI 28/1/9

[*Índice*:] Mês político n. 6

N. 189

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 1º de junho de 1940.

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o Embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n. 6, relativo ao mês de maio próximo passado.

[*Anexo*]

Mês político n. 6

A situação

Na madrugada do dia 10 de maio, dois dias depois do mais categórico desmentido quanto às ameaças alemãs nessa direção, o exército alemão violava, sem provocação, a neutralidade da Holanda e da Bélgica – a quarta pequena nação desde o começo da guerra – ao mesmo tempo que forçava a frente francesa na extremidade norte da linha Marginot, com todo o ímpeto da sua formidável máquina militar.

A sucessão rápida dos acontecimentos desde então está na memória de todos. A invulnerabilidade dos tanques couraçados, com a sua incrível velocidade de 80 quilômetros a hora, e escoltados por massas compactas de aviões, deitou por terra toda a concepção tática do Estado-Maior francês. O gênio germânico de adaptação, a sua organização sem falhas, revelou-se irresistível nesse avanço fulminante e que em pouco tempo conseguiu seu objetivo, que era de separar os dois exércitos britânico e francês.

A surpresa e a confusão do ataque motivaram os erros inverossímeis, como os corajosamente confessou o senhor Reynaud, permitindo a passagem daqueles monstros pela única ponte sobre o Mosa, que a podia ter interceptado.

Após a rendição da Holanda, ao fim de cinco dias, assistiu-se à submissão do exército belga, comandado pelo seu rei, uma decisão que o próprio governo classificou de traição única na história.

Não é da seara desta embaixada referir as peripécias desta inverossímil decisão do rei Leopoldo. Os jornais ingleses interpretam-na

de maneira mais diversa, chegando alguns, como o *Daily Express* e o *Yorkshire Post*, a acusá-lo de cumplicidade, no momento mesmo em que pedia o socorro dos Aliados. O *Evening Standard* apelidou-o de "King Quisling". Mesmo o *Times* o julgou com severidade, apesar de ter o primeiro-ministro, nos Comuns, recomendado suspensão de julgamento.

As críticas que se estão fazendo sobre o seu caráter lembram as que se fizeram ao duque de Windsor, por ocasião da sua abdicação: um homem vaidoso, com "charme" pessoal, mas neurótico e irrefletido. A decisão do rei sem dúvida obedeceu à sinistra pressão italiana. Em Roma a notícia foi dada antes mesmo que em Berlim. O rei Vitor Emanuel teria agido como mediador.

Subindo o curso do Somme, depois de ter alcançado Amiens, lançaram as suas divisões motorizadas sobre o canal da Mancha, visando, como objetivo imediato, a Grã-Bretanha em vez de Paris.

Qual será o destino da Força Expedicionária Britânica e das forças francesas, cercadas por três lados e com a sua comunicação com os portos, por assim dizer, interceptada? Está heroicamente tratando de retirar-se sobre a costa, a fim de evitar a capitulação. A aviação, com grande entusiasmo, no intuito de cobrir a retirada, deixa cair uma cortina ininterrupta de bombas sobre os tanques alemães. As marinhas aliadas também estão fazendo esforços sobre-humanos para permitir o reembarque, operação tornada dificílima já que o porto de Dunquerque, o único que resta, está destruído e exposto à artilharia alemã.

É uma luta homérica, que terá a sua decisão nas próximas 48 horas.

Concentração nacional e poderes discricionais

A renúncia do gabinete Chamberlain, em seguida ao fracasso da expedição à Noruega, permitiu subisse ao poder o senhor Winston Churchill, com uma coalizão mais robusta ainda que a do gabinete Lloyd George na guerra passada. O *leader* da oposição laborista, Clemente R. Attlee, Arthur Greenwood, Herbert Morrison e Ernest Bevin, principais figuras do partido, sentam-se ao lado dos conservadores, *lord* Halifax, Neville Chamberlain (mantido no pequeno *War Cabinet*), Anthony Eden e *sir* John Anderson. Ingressou também o chefe liberal, *sir* Archibald Sinclair.

Os poderes discricionários pedidos ao Parlamento e por ele votados a 23 de maio pelo major Attlee, *lord* do Selo Privado e *leader* do governo na Câmara dos Comuns, foi uma verdadeira revolução constitucional, sem precedentes na história da Grã-Bretanha.

A situação era tão grave, disse o senhor Attlee, que exigia a total mobilização de todas as forças da nação, pois "estamos resolvidos a que o agressor não vencerá. Impõe-se que o governo exerça completo controle sobre as pessoas e as propriedades, todo o mundo, todos os bens". Em cinco minutos passava a [m]oção. O *Emergency Powers Bill* foi aprovado por aclamação, antes mesmo de terminada a leitura. Na mesma tarde passou à Câmara dos Lordes e na mesma noite era sancionado pelo rei.

De um golpe foram aprovadas todas as conquistas as mais avançadas do socialismo. O Estado passou a controlar todas as indústrias vitais e os capitais dos bancos. Foram entregues às supremas exigências da salvação nacional os serviços e a fortuna de todos os cidadãos. As sagradas liberdades por que se bate o povo britânico foram conscientemente sacrificadas pelos seus próprios guardiões em holocausto à causa nacional. Em poucas horas logrou-se o que custou anos à Mussolini, Hitler e Stalin!

Foi votado logo a seguir o *Treachery Bill*, introduzindo a pena de morte para os casos de traição ou sabotagem, o qual veio ainda mais fortalecer o governo, completando o aparato da revolução totalitária britânica.

A lei é ampla para prevenir todos os processos que a técnica alemã tem empregado sobre os seus vizinhos. As recentes medidas de precaução abrangeram os alemães refugiados, todos os homens e mulheres da classe B foram logo internados.

Também as atividades dos cidadãos britânicos, simpatizantes mais ou menos abertamente do credo político inimigo e dos propagandistas do pacifismo estão sendo atingidas pela nova lei. Desde a sua promulgação, uma centena de fascistas, a começar pelo chefe do partido, *sir* Oswaldo Mosley, e o deputado Ramsay, foram presos. O pacifista Beckett também foi detido e cerca de 200 revolucionários irlandeses expulsos.

O governo tomou conta da indústria, dos meios de transporte e outros serviços públicos. O ministro do Trabalho passou a ter poderes absolutos sobre a produção e salários e arregimentação do trabalho. Os lucros a maior serão regulados por um imposto de 100%. Tais medidas visam, em primeiro lugar, o rápido incremento da produção de guerra. O ministro terá a colaboração de um Comitê Consultivo de Empregadores e de representantes dos sindicatos.

Em resposta ao apelo do ministro de Suprimentos, H. Morrison, milhões de operários trabalharam com todo o afinco no domingo e assim continuarão a fazer, com o apoio das Trade Unions, obtido na sessão do dia 25. A mensagem desse conclave foi: Soldados, estamos

convosco e decididos a empregar todos os nossos esforços para fornecer-lhes os músculos de que precisam.

Inspetores do Ministério do Trabalho vigiarão de ora em diante a intensificação do trabalho nas fábricas e oficinas para que não se repita o desperdício de braços ou a desorganização dos primeiros nove meses.Foi afinal compreendido o verdadeiro sentido do que seja uma nação em guerra.

O mesmo vigor vai ser empregado na mobilização das forças para a defesa interna. Nesse terreno não se poderá dizer que haja falta. Além do milhão e meio de homens incorporados às fileiras, cerca de um milhão está registrado para o serviço militar que ainda não começou o internamento por falta de aparelhamento. Mais duas classes (1911 e 1910) já foram convocadas, que elevarão os efetivos a 2 milhões e 900 mil.

O ataque alemão sobre os portos franceses da Mancha obrigou o governo a concentrar sua atenção para os problemas da defesa interna.

Foi transferido da chefia do Estado-Maior e nomeado comandante em chefe da Defesa Nacional, o general Ironside.

Substituindo nesse posto o general Kirke, aquele distinto oficial terá que dedicar a sua atenção ao perigo dos paraquedistas e dos aviões porta-tropas. O novo organismo Local Defense Volunteers, que já com 400 mil homens, foi criado para fazer face a esse perigo. Tal Corpo de Voluntários, também chamado de *parashots*, será armado e terá por obrigações reportar o movimento dessas tropas, assim como vigiar fábricas, estações ferroviárias, linhas telefônicas, pontes e outros edifícios visados por um ataque inimigo.

Toma-lhe o lugar o general *sir* John Dill, seu assistente na chefia do Estado-Maior do Império.

Outras precauções

A fim de assegurar a distribuição da alimentação em caso de emergência, o país foi dividido em 17 áreas, controladas por funcionários do Ministério da Alimentação, subdivididos em 800 distritos, que poderão funcionar independentemente. Os víveres serão distribuídos em outros tantos depósitos, de modo a descongestionar os portos e docas, impedindo que os mesmos sejam destruídos pelo inimigo. Tais depósitos podem assegurar o suprimento durante algumas semanas.

Ficam assim economicamente resolvidos os problemas da segurança e do transporte desse importante fator.

Entendimentos com a Itália

Com o regresso de *sir* Wilfred Greene da Itália, onde esteve negociando com o governo de Roma meios e modos de aliviar o controle de contrabando, as notícias são mais animadoras quanto às relações comerciais e a este ponto delicado, que era cavalo de batalha para as queixas italianas. Teria sido alcançada uma base satisfatória para um acordo, que continua a ser discutido em Roma com os funcionários da embaixada britânica. Compreendendo a posição da Itália, potência mediterrânea, os Aliados resolveram afrouxar de certo modo o rigor dessas medidas. Ao que parece, o sistema de *navicert* vai ser estendido a todas as companhias de navegação italianas, de modo a dispensar a parada no Mediterrâneo.

O sistema já vinha sendo eficazmente empregado, pelo que o controle vem sendo feito nos portos de origem em vez de no alto-mar.

Entretanto, recrudesceram novamente. As demonstrações da imprensa e as medidas militares visam afirmar que a Itália está nas vésperas de entrar na guerra. A suspensão e adiamentos das partidas de vapores não são de ordem a tranquilizar. Pode ser que não tenham outro objetivo senão a de manter o estado de tensão ordenado de Berlim.

Em face de tanta notícia contraditória, a atitude dos Aliados continua prudente e calma. Como demonstram as presentes negociações, eles estão prontos a fazerem concessões razoáveis, mas sem perder de vista as ambições imperialistas da Itália no Mediterrâneo e sobre territórios franceses. Os súditos ingleses lá residentes já foram aconselhados a deixar o país.

Londres, 1º de junho de 1940.

Moniz de Aragão

Redação do conselheiro Joaquim de Sousa-Leão

❖

TELEGRAMA • 03 JUN. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

149 – SEGUNDA-FEIRA - 3 JUNHO 1940 – 19h00 – Os meios autorizados declararam que apesar do oferecimento reiterado dos Aliados para

negociações com a Itália, esta sempre e ainda agora, no que se refere ao bloqueio, tem se recusado, mas o governo britânico apesar disso, continua disposto a examinar as legítimas aspirações italianas, mas se o governo italiano prefere a guerra, encontrará a França e a Grã-Bretanha preparadas para enfrentarem tal emergência. Causou excelente impressão a declaração do governo espanhol sobre o firme propósito de defender sua neutralidade. Está oficialmente confirmado que os Aliados já conseguiram embarcar e transportar para porto seguro cerca de 80% de suas tropas que combatiam no norte da França, e que as perdas dos alemães em homens e material são extremamente severas. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 04 JUN. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Acordo de pagamentos com a Grã-Bretanha.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

86 – 4 JUNHO 1940 – Em resposta ao seu telegrama n. 143, queira comunicar a esse governo que aceitamos a proposta que acompanhou seu ofício aéreo n. 135, de 24 de abril último, composta de sete parágrafos, acrescentando ao parágrafo n. 3 o seguinte: "compra em bolsa, ou diretamente, de títulos federais, estaduais ou municipais da dívida pública externa do Brasil, emitidos na Grã-Bretanha, ou de títulos de empresas privadas brasileiras." Além disso, o governo brasileiro deseja que fique estabelecido o seguinte: a) na eventualidade da alteração do preço ouro por parte do Banco da Inglaterra, o saldo da conta especial A e bem assim o saldo da conta especial serão reavaliados segundo a equivalência do novo preço do ouro; b) o Banco do Brasil calculará o valor em mil réis da libra, nos mercados brasileiros, na base da cotação oficial do dólar em Londres e na do preço oficial do ouro também em Londres, atualmente de 168 *shilings* e 6 *pence* por onça fina, equivalente a 4 dólares e dois e meio *cent*[*s*] por libra; c) o governo de Sua Majestade instruirá o Banco da Inglaterra no sentido de operar desde já na forma indicada, entendendo-se para tal fim diretamente por telegrama com o Banco do Brasil, ao qual por sua vez o governo brasileiro dará as necessárias instruções; d) o acordo vigorará até 30 de junho de 1941. Vossência comunicará ainda a esse governo que está

sendo preparada uma relação de produtos para cuja venda ao império britânico o governo brasileiro deseja melhor tratamento. Dirá também que o governo brasileiro tomou boa nota da afirmação segundo a qual o programa de compras do governo britânico é de tal importância que, a não ser que seja perturbado por motivos imperiosos, existe o propósito de realizar grandes aquisições no Brasil. Dirá, finalmente, que o governo brasileiro está certo de que os ajustes internacionais do governo britânico não serão de modo a contrariar os interesses comerciais brasileiros, servindo de empecilho a qualquer compra de produtos, tanto em relação ao gênero quanto em relação às quantidades. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 05 JUN. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice:*] Guerra na Europa.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

154 – QUARTA-FEIRA - 5 JUNHO 1940 – 16h10 – Aditamento ao meu telegrama n. 151. O embaixador italiano disse-me hoje que a defesa dos interesses da Itália no Canadá será, provavelmente, confiada ao Japão visto ser ali representado por uma legação. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 05 JUN. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Material Bélico.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

155 – QUARTA-FEIRA – 5 JUNHO 1940 – 18h30 – Referência ao telegrama de Vossa Excelência n. 82. Falei pessoalmente com o ministro dos Negócios Estrangeiros. Tratei do assunto com o máximo interesse, tendo *lord* Halifax prometido que tudo faria para obter solução favorável, ponderando, porém, ser matéria dependente de outro ministério, de ação independente. Acrescentou que, se estivesse em suas mãos,

estaria resolvido no sentido de satisfazer os nossos desejos. Prometeu-me intervir junto ao ministro da Guerra Econômica no sentido de obter licença para a totalidade da nossa encomenda e, se impossível, para a parte essencial indicada por Vossa Excelência. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 07 JUN. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Acordo de pagamento com a Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

160 – SEXTA-FEIRA – 7 JUNHO 1940 – 19h00 – Cumpridas as instruções contidas nos telegramas de Vossa Excelência n[úmero]s 86 e 87. Este governo preferiria que o acordo vigorasse pela duração da guerra, expirando 6 meses depois em idênticas condições de outros acordos que concluiu ou, não sendo isso conveniente, pelo menos até setembro de 1941, mês em que acaba o ano agrícola. O projeto mais detalhado que acompanhou o ofício aéreo reservado número 188, de 31 de maio, não contém modificações básicas, incorporando apenas a cláusula relativa à taxa cambial. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 08 JUN. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

95 – 8 JUNHO 1940 – Referência ao seu telegrama n.155. Tomamos grata nota de seus termos. A demora de licença, porém, trará para nós perda desse material, que será aproveitado pela Itália. Preenchemos todas as formalidades. Nada explica delonga na concessão de licença, salvo decisão de prejudicar-nos, o que parece absurdo, [sobretudo porque] favorece a Alemanha e Itália. A demora na concessão de licença está causando aqui a pior impressão nos meios governamentais e militares. Queira, pois, fazer tudo para obter autorização imediata para o embarque desse material e diante de qualquer protelação apresente

nota responsabilizando esse governo pelos prejuízos decorrentes desse ato. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 10 JUN. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Material bélico.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

164 – SEGUNDA-FEIRA – 10 JUNHO 1940 - 16h50 – Referência ao telegrama n. 95. O Foreign Office apoiou imediatamente, com todo interesse, o nosso pedido junto ao ministério competente, o qual acaba de me dizer que, apesar de não termos apresentado provas completas do preenchimento das formalidades exigidas, e apesar de que mesmo nesses casos, este governo se reserva a liberdade de decisão, vai submeter o nosso pedido ao comitê do bloqueio. Acrescentou que a decisão do caso do vapor *Lages* foi um favor excepcional que aqui julgam que não foi devidamente correspondido. Repeti que já; e que as delongas ameaçam prejudicar os interesses da nossa defesa. Apontaram-me que nas fábricas de munição trabalham inúmeros técnicos alemães e que quanto mais material alemão for recebido no Brasil, maior razão haverá para permanência desses técnicos e mais será favorecida a atividade da quinta coluna. Nessas condições aquele ministério pediu-me que Vossa Excelência obtenha junto das autoridades competentes, na medida do possível, sejam dispensados tais elementos e nesse sentido estimaria que alguma promessa pudesse ser feita por meu intermédio. Limitei-me a dizer que levaria o que precede ao conhecimento do governo. Vossa Excelência pode assegurar aos ministros da Guerra e da Marinha que esta embaixada não tem medido esforços no sentido de obter uma solução favorável. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 10 JUN. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Material bélico.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

165 – SEGUNDA-FEIRA, 10 JUNHO 1940 – 17h20 – Aditamento ao telegrama n. 164. O governo britânico acaba de autorizar livre trânsito para o material bélico destinado ao ministério da Guerra e para a encomenda do ministério da Marinha indicada no despacho n. 39, de 3 de abril, tendo transigido, de acordo com o telegrama de Vossa Excelência n. 82, na parte relativa aos estabelecimentos fabris, para facilitar solução. As ordens serão dadas para Gibraltar, no caso da declaração de guerra da Itália. Telegrafei ao nosso consulado em Gênova prevenindo. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 10 JUN. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

166 – SEGUNDA-FEIRA – 10 JUNHO 1940 – 19h00 – O desenvolvimento da batalha na França continua a principal preocupação, no momento, do governo britânico, que está enviando grandes reforços de aviação e tanta tropa quanto é possível equipar atualmente. As notícias aqui chegadas dizem que as perdas alemãs em homens e material alcançam proporções incalculáveis. Os círculos bem informados acreditam que o Reich está fazendo um esforço decisivo lançando impiedosamente todas as suas forças, inclusive as reservas, na luta e já está fazendo vir reforços de aviação na Noruega e Dinamarca. Nas últimas 24 horas agravaram-se as ameaças de invasão da Suíça pela fronteira da Basileia, onde as concentrações de tropas alemãs são cada vez mais intensas, visando a ofensiva contornar a linha Maginot em direção a Belfort. O governo alemão está exercendo pressão sobre a Iugoslávia afastando-a de Moscou, que persiste no propósito de evitar a intervenção germano-italiana nos Bálcãs. Os ataques violentos da imprensa moscovita contra a Itália teriam determinado a partida, ontem, do embaixador italiano para Moscou. Também é sabido que os sovietes intensificaram a defesa das suas fronteiras do Báltico ao Mar Negro com ofensivas que já alcançam 140 divisões. Espera-se com ansiedade esta noite o discurso do presidente Roosevelt. O rei da Noruega acaba

de chegar em Londres. As tropas aliadas removidas de Narvik para a frente francesa. Mussolini acaba de declarar a guerra aos Aliados.
MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 11 JUN. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Guerra na Europa. Proteção interesse italianos.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

102 – 11 JUNHO 1940 – A pedido do governo italiano queira notificar ao governo britânico o seguinte: os vapores abaixo apontados, de acordo com as disposições do artigo primeiro, da terceira e décima Convenção da Haia, respectivamente de 1899 e 1907, foram aparelhados pelo Estado italiano para servirem como navios hospitais militares: *Califórnia, Aquilea, Gradisca, Po Tevere e Arno.* Os navios serão distinguidos pela coloração e outros sinais previstos no artigo 5 das aludidas convenções. Conforme a praxe adotada na guerra de 1914-1918, terão as chaminés pintadas de branco com cruz a vermelho dos dois lados; três cruzes vermelhas em campo branco serão postas no final do convés em posição bem visível do alto. A fim de permitir a individuação perfeita dos mesmos durante a noite, os sinais de reconhecimento serão iluminados convenientemente. Além disso, haverá no centro do navio uma cruz acesa formada de lâmpadas vermelhas e ao longo de bordo uma série de lâmpadas verdes, contornando o *coronamento*, assim como ambos costados até a altura da ponte comando. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 12 JUN. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

176 – QUARTA-FEIRA – 12 JUNHO 1940 – 20h15 – A resistência francesa inspirando confiança permite o envio de reforços para uma possível

estabilização na frente de batalha, dando tempo de chegar grande auxílio de material esperado dos Estados Unidos da América. Não se deve esquecer que o ataque alemão continua cada vez mais intenso sem sinal enfraquecimento, assim, julgo que a situação permanece extremamente difícil. O *status quo* nos Balcãs parece por enquanto garantido devido ao compromisso de princípios entre a Rússia e a Itália apoiados pela Turquia, de não haver qualquer intervenção militar naquela região. É esperada hoje a declaração de guerra do Egito à Itália. Parece-me que, de acordo com os Aliados, a Turquia ficará na situação de não beligerante, favorável aos Aliados, para só intervir no momento oportuno. O ministro iugoslavo informou-me confidencialmente que seu governo comunicou à Itália e à Rússia o seu firme propósito de defender sua neutralidade tendo recebido garantias de Roma e de Moscou [*de*] que será respeitada, sempre que nenhuma dessas nações tente violá-la. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 13 JUN. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

177 – QUINTA-FEIRA – 13 JUNHO 1940 – 13h15 – Um decreto real publicado hoje, estende à Itália todas as medidas adotadas anteriormente no que se refere ao bloqueio da Alemanha. Todos os artigos, antes considerados como contrabando de guerra para o Reich, também o foram agora para a Itália, assim como também lhe serão aplicadas as mesmas regras para o embargo e confisco de suas exportações, tal como foi imposto à Alemanha no mês de novembro último. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 13 JUN. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Discurso presidente Getúlio Vargas.

Da Embaixada em Londres

178 – QUINTA-FEIRA – 13 JUNHO 1940 – 13h45 – Com referência a circular n. 1453. O *Daily Telegraph* desta manhã publicou, destacadamente, um

telegrama de seu correspondente em Washington, considerando que o discurso do presidente da República, aparentemente apoiando a Alemanha e a Itália, está causando desconfiança nos Estados Unidos. Entretanto, salientou a declaração do secretário de Estado americano enaltecendo a cordialidade das relações americano-brasileiras e as do nosso embaixador em Washington, considerando as palavras do presidente mal interpretadas pela imprensa e [*lacuna*] somente a assuntos domésticos. O correspondente aproveitou a ocasião para apresentar o perigo que oferece atualmente as atividades da quinta coluna no nosso continente, principalmente no Brasil, na Argentina, no Uruguai e no México. Aguardo a explicação oficial anunciada, para divulgação aqui, e estou atento para evitar qualquer exploração que possa ser feita em torno do assunto. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 17 JUN. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Proteção de interesses. Instruções aos cônsules.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

110 – 17 JUNHO 1940 – Os cônsules, encarregados da proteção dos interesses italianos nesse país, a convite da Itália, devem lembrar-se que atuam com o assentimento desse governo e que exercem apenas os seus bons ofícios, mas nunca procedem oficialmente em nome da Itália. As relações normais desta com esse país cessaram com a declaração de guerra. Ao intervir, pois, em favor de cidadãos italianos, os cônsules deverão atuar oficiosamente com toda a cautela e diligência, de modo a conciliar a conveniência dos interesses que defendem com a conveniência do país em que se acham. Uma vez que os nossos cônsules não procedem como cônsules da Itália não há emolumentos a cobrar, mas deverão abrir conta especial para escrituração de todos os gastos que fizeram no interesse da Itália. Se as autoridades locais consentirem, os consulados poderão içar a bandeira brasileira nos edifícios em que se acham os arquivos dos consulados italianos no país.[5] EXTERIORES.

5 Acréscimo à caneta: "Queira transmitir aos nossos consulados aí." e "para Londres: Ilhas Britânicas".

TELEGRAMA • 24 JUN. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

202 – SEGUNDA-FEIRA – 24 JUNHO 1940 – 13h15 – As condições do armistício impostas pela Alemanha e aceitas pelo governo de Bordéus são aqui definidas como completa capitulação e, como declarou o primeiro-ministro britânico, jamais poderiam ser aceitas por um governo livre, soberano, independente e constitucional, pois os termos não podiam ser mais humilhantes. A imprensa comenta a atitude francesa com profunda mágoa e critica amargamente o marechal Pétain pela traição à aliança franco-britânica e manifesta decepção em face da declaração do governo francês de que não seriam aceitas condições incompatíveis com a honra nacional. O general Gaule acaba de instituir aqui um comitê nacional francês apoiado pelo império colonial francês para continuar a luta de acordo com o governo britânico, que financiará todos os gastos para tal fim. A constituição definitiva do comitê será anunciada brevemente. O primeiro-ministro belga fez hoje a declaração de que seu país continuará firme ao lado da Grã-Bretanha, dando ordens para a marinha mercante belga refugiar-se imediatamente em portos ingleses. O embaixador americano fez hoje um vibrante apelo para a Cruz Vermelha dos Estados Unidos da América enviar auxílio urgente em face dos próximos perigos de destruição e miséria que ameaçam a Grã-Bretanha com a anunciada ofensiva alemã contra este país, cujo possível bombardeamento poderá representar um verdadeiro cataclisma. Permita-me Vossa Excelência sugerir a remessa de café e arroz à Cruz Vermelha britânica, o que também serviria de propaganda e seria muito apreciado aqui. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 25 JUN. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Carnes na Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

207 – TERÇA-FEIRA – 25 JUNHO 1940 – 20h45 – Com a capitulação da França suscitou-se uma situação grave relativamente ao fornecimento de carnes contratadas pelos frigoríficos com o ministério da alimentação. O ponto de vista do ministério é que, com relação à carne tipo

continental, destinada à França, ele aqui em nome do governo francês, não se julga responsável pelo pagamento respectivo. Afirma que a carne continental era assunto de contrato separado de compromisso para a carne destinada ao consumo do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. Em reunião, hoje, no ministério conjuntamente com os representantes de Armour, Wilson e Swift e dos frigoríficos "Anglo", o secretário Alencar declarou que os frigoríficos brasileiros sempre consideraram o Ministério da Alimentação, que pagava toda a carne tanto a destinada à Inglaterra quanto à França em libras esterlinas, como também subscrevia o compromisso assumido pelo governo francês. Lembrou que ao governo britânico os frigoríficos forneceram sempre carne baseados no entendimento prévio verbal, registrado apenas nas atas respectivas na reunião do ministério. Se as compras com o governo francês tivessem sido consideradas pelos frigoríficos como inteiramente a parte, só teriam aceitado esse fornecimento mediante um contrato formal. A atitude do ministério é idêntica com relação à carne contratada pela Argentina e pelo Uruguai. O primeiro problema a resolver parece-me conseguir que o ministério aceite a carne destinada à França, já preparada, cujos estoques no Brasil montam a 4.603 toneladas. O mesmo deve ser conseguido com relação ao gado já adquirido e que representa 2.261 toneladas de carne. O nosso delegado conseguiu que o ministério providenciasse para segurar aqui toda a carne brasileira destinada à França, seguro que corre normalmente por conta do governo francês, e que já foi embarcada. Esse seguro será pago pelo inglês em caso de perda do navio. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 26 JUN. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa. Atos de sabotagem.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

208 – QUARTA-FEIRA – 26 JUNHO 1940 – 16h45 – Informações de boa fonte indicam que deve começar intensa agitação política nos principais países americanos, movida por agentes alemães, tendente principalmente a perturbar e possivelmente a impedir as exportações para a Grã-Bretanha. Conviria, principalmente, a nossa polícia marítima exercer, urgentemente, severa vigilância sobre os vapores provenientes ou destinados a este país escalando em portos brasileiros, pois estão

ameaçados de atos de sabotagem, bem assim como as instalações dos portos e das companhias comerciais ferroviárias e de navegação que possam auxiliar, direta ou indiretamente, o abastecimento da Inglaterra, como aliás já sucedeu recentemente na Argentina com um vapor da Mala Real Inglesa. Trata-se principalmente de ameaça de destruição por meio de bombas de dinamite. MONIZ DE ARAGÃO

TELEGRAMA • 27 JUN. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

212 – QUINTA-FEIRA – 27 JUNHO 1940 – 19h30 – A imprensa divulga que, em consequência do armistício entre a França e a Alemanha e Itália, o bloqueio se estenderá ao primeiro país. Todos os navios com destino a portos franceses serão interceptados por patrulhas britânicas e as mercadorias destinadas à França, desembarcadas em Portugal e Espanha, ficarão sujeitas ao controle de contrabando inglês. Até agora esses países não estavam incluídos na zona do bloqueio por não poderem as mercadorias aos mesmos enviadas passar para a Alemanha. O controle contrabandista dos navios destinados aos portos franceses e espanhóis do Mediterrâneo será feito em Gibraltar e Alexandria. Desconhecem-se ainda os postos de controle relativos aos portos de Portugal e Espanha no Atlântico. As forças de bloqueio deverão ser muito aumentadas pois as importações da França em tempo de guerra atingiram 30 milhões de toneladas anuais de carvão, cereais, carnes, açúcar, óleos e gorduras. As colônias francesas na África Setentrional são importantes fornecedoras de manganês, minério de ferro e fosfatos. Não recebemos sobre este assunto nenhuma comunicação oficial. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 01 JUL. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

221 – SEGUNDA-FEIRA – 1 JULHO 1940 – 20h00 – Há dias circulam boatos sobre divergências que teriam surgido entre membros do governo.

Algumas estações de rádio dinamarquesas e espanholas chegaram a afirmar a existência de conversações de paz entabuladas por intermédio da embaixada inglesa em Madri. Os referidos boatos acrescentaram a formação aqui de um partido de paz dirigido por Chamberlain, e outro de guerra chefiado por Churchill. Ontem o governo desmentiu categoricamente tais notícias, atribuindo ser manobra alemã para sondar a opinião inglesa sobre a possibilidade de uma ofensiva de paz germano-italiana. Chamberlain declarou pelo rádio prestar incondicionalmente todo o apoio ao atual primeiro-ministro, renovando o propósito dos conservadores de continuar a luta ao lado do governo e auxiliar a defesa da Grã-Bretanha e do Império Britânico até o extremo limite, contra qualquer tentativa de invasão alemã. Acredito que, apesar do desmentido, a embaixada inglesa em Madrid recebeu insinuações de possíveis conversações de paz, mas que foram recusadas formalmente. Continuam os ataques aéreos diários contra a Grã-Bretanha com danos relativamente pequenos e graves perdas para a aviação inimiga. Espera-se a cada momento grande ataque com possibilidade de adiamento, podendo uma ofensiva germano-italiana contra Gibraltar e a África através da Espanha preceder à tentativa de invasão das ilhas britânicas. O último ato russo na Romênia, embora preparado há muito tempo, é interpretado aqui como tendo, neste momento, colhido de surpresa a Alemanha e a Itália que, de forma alguma, esperavam que a ocupação se estendesse à Bucovina. Os meios competentes julgam que o governo russo visava garantir, desde já, a defesa contra uma futura possível ação da Alemanha na Ucrânia. Foi oficialmente desmentido que a morte do marechal Italo Balbo tenha ocorrido em combate com a força aérea britânica e ser o desastre atribuído a atentado ou acidente normal de aviação. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO[6] • 05 JUL. 1940 • AHI 28/1/9

[*Índice*:] Mês político n. 7.

N. 249

Londres, 5 de julho de 1940.

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos

6 Datilografado no topo: "Uma cópia seguiu por via aérea.".

cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n. 7, relativo ao mês de junho próximo passado.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]

Mês político n. 7

Desde o mês que acaba de terminar a humanidade vem vivendo as horas mais dramáticas e decisivas para a sua história.

O exército alemão prosseguindo na sua fulminante avançada sobre os portos da Mancha e depois sobre Paris, flanqueada a leste e oeste, esmagou a França com o peso da sua implacável máquina de guerra. Imposto um armistício, que entrega ao inimigo todas as bases necessárias para um ataque aéreo e marítimo sobre a Inglaterra, a Alemanha dirige agora todo o seu esforço sobre estas ilhas.

Em 28 de maio, o rei dos belgas ordenou a capitulação do seu exército. Três semanas bastaram para que o general Pétain, substituindo-se ao governo do senhor Reynaud, pedisse a 16 a cessação das hostilidades. A capitulação belga e o colapso militar e moral francês puseram fim ao quarto episódio da guerra. Foi mais uma vitória total dos alemães no continente europeu, com a colaboração, à última hora, da Itália de Mussolini, que no dia 10 apunhalara a adversária vencida pelas costas, na frase do presidente Roosevelt.

A derrota provou não só que os chefes políticos das potências ocidentais haviam falhado e o que é mais grave – do ponto de vista militar – que a estratégia dos seus chefes militares fora decisivamente subjugada pela tática revolucionária de Hitler. Tal derrota não é menos óbvia porque a retirada resultasse um feito parcial – o episódio quase legendário da evacuação de Dunquerque.

O recuo francês pode ser a princípio ordeiro, mas no final a frente foi rompida em diversos pontos e desorganizada a resistência. Não se verificou a expectativa de que o exército francês pudesse recompor-se depois de abertas as brechas em Ardennes e Sedan.

A superioridade alemã em forças mecanizadas e motorizadas foi o fator decisivo, mas é evidente que o Alto Comando francês não se mostrou à altura da situação. Só demasiado tarde abriu os olhos à dura realidade, renunciando aos métodos obsoletos da última guerra.

Confiante na invulnerabilidade da linha Maginot (que, entretanto, só cobria metade da fronteira) descuidou da mecanização e da aviação. A responsabilidade pela incompreensão dos preparativos e planos da Reichswehr, aliás, cabe igualmente aos dois governos Aliados.

A história do que se passou na França foi contada no Parlamento pelo senhor Churchill no dia 25. Quando parecia iminente a rendição, o senhor Reynaud pediu ao primeiro-ministro que fosse a Tours. No dia 13 teve lugar essa entrevista, acompanhado de *lord* Halifax. O que ocorreu não corresponde à versão publicada pelo ministro da Informação Prouvost. O senhor Reynaud pediu em nome da França a liberação do compromisso de não assinar a paz em separado, no que o senhor Churchill, com relutância, julgou não poder aceder. Concordou em que fizesse o chefe do governo francês um novo apelo ao presidente Roosevelt e caso a resposta deste não fosse satisfatória, deveriam encontrar-se novamente para considerar a situação. No dia 16, outra mensagem do senhor Reynaud declarava insuficiente a resposta americana e insistia pela sua liberdade de ação. O gabinete foi aqui logo reunido e a resposta dada no sentido de que, mediante a condição da entrega da esquadra, este governo daria o consentimento. Na mesma tarde, quando se preparava o senhor Churchill para transladar-se para Bordeaux, o governo francês era posto abaixo e substituído pelo do marechal Pétain, que foi constituído com o objetivo principal de pedir um armistício.

Foi, pois, com angústia e espanto, afirmou o senhor Churchill, que lemos o artigo 8º do armistício, segundo o qual a esquadra francesa seria internada nos portos sob controle da Alemanha e da Itália. De que vale a declaração alemã, continuou ele, de que esses navios não serão aproveitados na guerra, sobretudo quando esses termos podem ser revogados sob qualquer pretexto de não observância por parte da França?

Notícias, não confirmadas, mas de boa fonte, dizem que uma parte da esquadra francesa no Mediterrâneo está virtualmente nas mãos dos ingleses. Algumas tripulações teriam mesmo sido desembarcadas em Casablanca. Consta também que os navios da frota do Atlântico, inclusive os dois couraçados que ainda não estavam prontos, acham-se fundeados em portos ingleses, de onde não poderão mais voltar. Os ingleses estão decididos a não tolerar que fórmulas acadêmicas se atravessem na realização desse *desideratum*. O *Clemenceau* teria sido dinamitado nos próprios estaleiros pelos franceses. De todos modos nenhuma das grandes unidades francesas cairão nas mãos dos alemães.

As precauções contra a hipótese da invasão estão sendo febrilmente

ativadas, faltando porém, como sempre, um chefe de grande prestígio que enfeixe nas suas mãos todos os poderes sobre a população civil como sobre as forças militares.

Em todas as encruzilhadas e artérias rodoviárias foram levantadas casamatas para metralhadores, cercas de arame farpado e veículos obsoletos foram acumulados para impedir a passagem de motocicletas. As forças motorizadas se encontram ao longo da costa oriental prontas para enfrentar o inimigo e para defender os campos de aviação contra os paraquedistas. Corpos de voluntários civis estão sendo adestrados para enfrentarem os invasores que vierem pelo ar.

Enfim a defesa da Grã-Bretanha revela que o governo está consciente de que a guerra é total e atinge a todos os habitantes da fortaleza, que passaram a ser as ilhas britânicas.

O senhor Churchill cometeu um grave erro não tendo logo de início reconhecido o Comitê Provisório formado pelo general de Gaulle, em Londres. Muitos chefes militares e governadores coloniais, que a princípio se mostraram inclinados a se revoltarem contra o armistício do marechal Pétain, puderam, ante a falta de outro governo reconhecido, serem induzidos a obedecer ao governo de Bordeaux.

Tardiamente, como sempre, só no dia 28 foi aquele Comitê reconhecido. Apesar de retirada a embaixada britânica da França, este governo ainda mantém relações com o encarregado de Negócios francês em Londres. Essa situação, porém, é falsa e provavelmente não se poderá manter.

Acentuam-se as críticas contra a permanência no gabinete da antiga *clique* apaziguadora (*appeasement*) de Chamberlain, Halifax, Simon e Caldecote. Por questão de coesão de partidos, o senhor Churchill hesita em afastar os elementos conservadores.

Dos novos ministros, destacam-se os senhores Bevin, ministro do Trabalho; Beaverbrook, ministro da Produção de Aviões; H. Morrison, ministro dos Suprimentos e Attlee, líder do governo nos Comuns. A obra desses homens representa uma reação contra os moldes rotineiros ou burocráticos, contra os quais a opinião pública se revolta.

Trabalha-se as 24 horas do dia, suspenderam-se os fins de semanas e feriados. A nação está consciente de que a Alemanha vitoriosa, o Império Britânico será exterminado, não só como símbolo de um ideal político, senão que como herdeiro de uma imortal civilização. Só pode salvá-lo a guerra total, nessa luta pela própria existência, em que se joga o tudo pelo todo.

A Grã-Bretanha está enfrentando o futuro com calma e resolução. O Império compartilha o sacrifício. Os Estados Unidos estão tomando posição ao lado do defensor da civilização comum. As palavras do grande presidente afastaram o país do seu anterior isolamento. O presente *status* de não beligerância ou pré-beligerância parece assegurado depois da eleição do candidato republicano, simpatizante da causa Aliada. Já a campanha eleitoral não se ferirá no campo internacional. A Grã-Bretanha poderá, pois, contar com os amplos recursos do vasto continente norte-americano.

Segundo fontes autorizadas, os planos para a invasão alemã e conquista da Grã-Bretanha estão prontos. Cem mil homens seriam desembarcados por aviões porta-tropas e por barcaças de fundo chato, equipadas com motores Diesel e protegidas por lanchas torpedeiras. Esta operação viria logo depois de um intenso bombardeio aéreo e por canhões de longo alcance, montados em Calais, e seria auxiliada por intensa atividade da quinta coluna, em cooperação com os paraquedistas, que tratariam de criar a confusão dentro do país. As divisões, que se vêm concentrando na Noruega, tentariam desembarques na Escócia e na costa norte da Inglaterra, com o objetivo de desviar parte das forças de defesa. Os principais ataques seriam feitos em Norfolk com forças mecanizadas, carros de assalto, artilharia e todo o equipamento motorizado que desembarcariam por seus próprios meios, de modo a poderem penetrar rapidamente no país. Naturalmente o êxito desses planos depende de que o inimigo primeiro estabeleça completa supremacia aérea, mediante o bombardeio preliminar que paralise a produção bélica, reduza o poder ofensivo da Royal Air Force e destrua o aparelhamento portuário.

O senhor Churchill e outros membros do gabinete, bem como a imprensa do país, vêm afirmando ultimamente que o assalto final alemão é inevitável e para breve. Tudo faz crer que isso assim seja, mas não está fora das cogitações, já que se vão passando os dias sem que este se verifique, que Hitler não se anime à formidável aventura, em que arrisca tudo o que conquistou e o seu futuro, se fracassar. As proezas do Royal Air Force, o domínio dos mares e a concentração de um grande exército no próprio solo britânico, ao mesmo tempo que uma provável deficiência de gasolina, lubri[fi]cantes e outros produtos essenciais à prolongação da guerra, levem-no a optar pela consolidação prévia das suas vitórias, voltando-se para o Oriente. É bem possível que o *führer* trate primeiro de conquistar os Balcãs e a Ucrânia e reduza

à semi-vassalagem a Espanha e Portugal, garantindo-se assim o suprimento do exército e da sua força aérea.

À independência de todos os problemas europeus, desencadeados pela agressão nazista, não podia ser mais claramente revelada que pelo *ultimatum* soviético à Romênia. Essa decisão foi provavelmente tomada na previsão de acontecimentos que poderiam perturbar o *status quo* balcânico. Provavelmente o governo alemão está convencido de que acabada a guerra no ocidente, ele pode voltar-se para a Rússia, despojando-a das suas recentes aquisições. Mas o último avanço soviético, incluindo a Bucovina, que nunca fez parte do Império dos Czares, veio complicar o problema. A invasão da Bessarábia já roubou à Alemanha a colheita das vastas plantações de soja, financiadas por sindicatos alemães.

As tropas vermelhas estão agora demasiado perto da zona petrolífica para que a Alemanha possa ficar tranquila. A Hungria e a Bulgária estão pedindo insistentemente a proteção de Roma para as suas reivindicações contra a Romênia e a renúncia formal da garantia franco-britânica por esta última obriga a Hitler a moderar o irredentismo daqueles. O rompimento de hostilidades no Báltico viria aumentar essa posição embaraçosa e poria em perigo a sua base de suprimentos na hora do seu desafio decisivo à Grã-Bretanha. Para evitar todas essas complicações, o governo do Reich trataria, quiçá, de chegar a um acordo com a Grã-Bretanha, plano esse que teria sido abordado pelo governo espanhol com o embaixador britânico, *sir* Samuel Hoare, co-autor do plano de partição da Abissínia.

Em vez de investir contra as ilhas britânicas, como Napoleão, quando compreendeu que a Inglaterra não podia ser envolvida, ele se dirigiria sobre outra frente. Mesmo assim, dada a firmeza das decisões governamentais, a Grã-Bretanha não aceitaria propostas de paz e prosseguirá na guerra até a vitória final e [*que se*] restabeleça a ascendência das Potências Ocidentais.

Os termos do armistício franco-italiano, insistindo pela desmilitarização das colônias francesas, abrem o caminho para a invasão germânica na África com o auxílio da Itália. As duas potências do Eixo almejam dividir-se os espólios, ficando com o Reich a parte do leão. Conhecida a pouca belicosidade do soldado italiano, tropas alemãs serão incorporadas ao exército italiano para o ataque, que seria dirigido da Itália e da Espanha. Tropas alemãs já atingiram a fronteira franco-espanhola em grande número e outras tropas especialmente preparadas para a guerra africana pelo general von Epp, estão chegando

à Itália, com carros de assalto adaptados ao deserto. A Espanha seria compensada com Gibraltar e parte do Marrocos.

Esse plano seria completado com a conquista da África Equatorial francesa e do Congo belga e visa finalmente a imobilização do Egito e da União Sul-Africana. É um plano inverosimilmente grandioso. Mas Hitler sonha e executa tudo de maneira colossal.

Londres, em 1º de julho de 1940.

Moniz de Aragão

Redação do conselheiro Joaquim de Sousa-Leão Filho

❖

TELEGRAMA • 09 JUL. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa

Da Embaixada em Londres

239 – TERÇA-FEIRA – 9 JULHO 1940 – 17h50 – O encarregado de Negócios da França aqui foi ontem ao Foreign Office confirmar a notícia anteriormente irradiada de Vichy sobre a próxima partida do pessoal da embaixada francesa. Essa comunicação foi feita com expressão de marcado sentimento de parte a parte e até a partida do representante da França serão examinados os difíceis problemas relacionados com as atuais relações franco inglesas, sendo a opinião aqui não ser desejo do governo de Vichy romper oficialmente as relações diplomáticas, apesar de toda a pressão nesse sentido, feita pelo governo alemão. A entrevista do ministro dos Negócios Estrangeiros italiano com o chanceler alemão, segundo opiniões autorizadas são destinadas a combinar decisões de grande importância no desenvolvimento político e militar da guerra, tais como a cooperação ítalo-alemã no ataque à Inglaterra; procurar arrastar a França para o eixo Berlim-Roma com a promessa de melhores condições de paz e a atitude a ser adotada nos Balcãs, decorrente da ocupação russa na Bessarábia e na Bucovina e da futura ação de Moscou, em face da atual política nazista na Romênia, não sendo estranhável que a Alemanha seja obrigada a concordar com a anexação dos Cárpatos rutenos à Rússia, enquanto procura entendimentos com o Japão para reviver o pacto Anticomintern, em forma de aliança contra a Rússia e a Grã-Bretanha e assim impedir a expansão

comunista nos Balcãs. A participação italiana nessas combinações foi discutida também nas recentes conversas de Berlim. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 09 JUL 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Carnes na Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

240 – TERÇA-FEIRA – 9 JULHO 1940 – 18h50 – Há tempos, no curso das conversações sobre o acordo de pagamento, alto funcionário do Board of Trade declarou ao delegado J. de Alencar Netto que envidaria, pessoalmente, todos os esforços para mostrar ao governo britânico a necessidade estrita do cumprimento do tratado relativamente à importação de carnes. Insistiu nesse ponto de vista, não obstante citar Alencar Netto a declaração feita, no começo das hostilidades, pelo Ministério da Alimentação, sobre a abolição da quota de restrição e as declarações subsequentes, nesse sentido, do mesmo ministério e confirmadas pelo Foreign Office. Em vista disso, procurei, em 7 de junho, acompanhado por J. de Alencar Netto, o subsecretário permanente dos Negócios Estrangeiros, ao mesmo ponderando não corresponder a opinião do referido funcionário ao que nos fora comunicado em diversas ocasiões pelo departamento do governo britânico. Citei o projeto do telegrama elaborado pelo Ministério da Alimentação propondo ao Brasil, no interesse de ambos os países, a compra de toda a nossa produção de carnes disponíveis para exportação durante um ano e li a correspondência trocada sobre o assunto, subsequentemente com aquele ministério e o próprio Foreign Office, o qual prometeu examinar o assunto. Acabo de receber uma carta do subsecretário de estado dos negócios estrangeiros em que alega existir mal-entendido sobre a política comercial britânica a ser seguida durante a guerra com os países estrangeiros. Começa dizendo que o acordo de pagamento com o Brasil, assim como os já concluídos, não visa aumentar a aquisição inglesa, sendo, porém, condição indispensável para permitir as compras britânicas no Brasil. Acrescenta que o programa de importação prevê, entretanto, consideráveis compras de produtos brasileiros, a menos que surjam perturbações imprevistas. Declara, em seguida, que as cartas trocadas por J. de Alencar Netto com o ministro da Alimentação e o Foreign Office se referiam especialmente às carnes em conserva, dizendo textualmente: "Produção nacional com relações ao qual [*sic*]

devendo evitar discussão obrigação efetiva de tratado com outros países embora em tempos passados tenha havido alguma retroação voluntária, das importações totais". Continua dizendo que o governo britânico enquanto não for impedido por força maior se propõe a cumprir as obrigações decorrentes do tratado, desejando conservar relativamente às compras de carnes de vaca, de carneiro e de cordeiro, tanto quanto possível na proporção existente antes da guerra. Acrescentando esperar que não seja retardada a conclusão do acordo de pagamento, salienta dever esclarecer que a existência do acordo não constitui garantia alguma e que o governo britânico continuará a comprar qualquer produto determinado. Termina dizendo que a sua carta deve ser considerada como a expressão definitiva da política do governo britânico relativamente ao assunto e como "... invalidando o projeto do telegrama enviado a Alencar pelo Ministério da Alimentação, bem assim as cartas dirigidas ao mesmo pelo Foreign Office e pelo Ministério da Alimentação, que parecem justamente ter ocasionado o mal-entendido a que me referi". Estamos redigindo a resposta na qual, em primeiro lugar mostrarei não ser possível falar-se em mal-entendido, pois o projeto do telegrama aludido se referia à compra de toda a nossa produção disponível para exportação, não considerando, portanto, proporção dessa produção para quantidade de carne eventualmente comprada de outros países. É verdade que a carta aludida do subsecretário de Estado se refere, especialmente à carne em conserva, devido J. de Alencar Netto ter tido conhecimento, naquela época, da pressão da Argentina e do Uruguai, insistindo pela obediência da proporção antes da guerra, particularmente com relação a esse produto artificial, por estarem em perspectiva, então de grandes compras pelo governo britânico. O assunto das carnes em conserva se ligava, porém, à abolição da quota de restrição comunicada por este governo no começo das hostilidades do Ministério da Alimentação. Diz textualmente "... entendo que todas as quotas relativamente as carnes tanto refrigeradas quanto em conserva foram anuladas no começo das hostilidades..." Rogo a atenção de Vossa Excelência para os ofícios reservados n[úmero]s 17 e 22, do delegado Alencar Netto. Esse assunto já fora tratado anteriormente, conforme o telegrama n. 49. É de ambos prever que a minha resposta não demoverá este governo de sua atitude evidentemente em parte devido à forte pressão da Argentina, sempre bom cliente deste país e em defesa dos grandes capitais ingleses colocados ali, mas ficará patente tratar-se de mudança da política comercial britânica e não de um bem-entendido, como quiseram justificar.

Acredito, porém, que o fato de podermos vender os nossos produtos em melhores condições de preços sempre será tomado em consideração nas compras de carnes. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO[7] • 15 JUL. 1940 • AHI 28/1/9

[*Índice*:] A concepção da neutralidade.

N. 266

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 15 de julho de 1940.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, no incluso recorte, o editorial do jornal *The Times*, de 13 do corrente, que trata do conceito da neutralidade.

2. Referindo-se a um protesto do governo britânico contra a decisão do governo sueco de permitir a passagem pelo território do seu país de homens e provisões para as forças alemãs na Noruega, diz o referido jornal que as regras de neutralidade, elaboradas pelo zelo dos juristas internacionais e pela prática dos Estados, foram destruídas radicalmente pela guerra totalitária. Entre 1914 e 1918, acrescenta, os territórios de países neutros, na Europa, tornaram-se o campo de uma nova e forte espécie de contenda econômica. A neutralidade passou a ser, neste continente, uma situação duvidosa para os Estados pequenos, tornando-se, em todas as partes, uma prerrogativa dos países grandes ou distantes, aos quais os ditadores receiam atacar ou não podem fazê-lo. Até a neutralidade dos fortes deixou de ser uma situação de isolamento passiva e imparcial, e o referido conceito perdeu o seu caráter próprio, confundindo-se agora com o de não beligerância.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

7 Anotação datilografada no topo: "Uma cópia seguiu por via aérea." Anexo não localizado no volume.

❖

TELEGRAMA • 16 JUL. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Café brasileiro na Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

250 – TERÇA-FEIRA – 16 JULHO 1940 – 19h30 – Em consequência das últimas medidas sobre o racionamento do chá, é previsto um provável aumento do consumo do café. Consta existir estoque apreciável do café apreendido como contrabando. O *South American Journal* considera que como resultado da diminuição do chá venha a difundir-se na população o gosto pelo café e alvitra que a solução do problema brasileiro do café seria fornecer certa quantidade, gratuitamente, a este país, o que não importaria em prejuízo para o Brasil, obrigado a destruí-lo. Peço vênia a Vossa Excelência para lembrar a conveniência do Departamento Nacional do Café oferece-lo à Cruz Vermelha, a fim de contrabalançar o gesto argentino, indicado do meu telegrama n. 202. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 17 JUL. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

264 – QUARTA-FEIRA – 17 JULHO 1940 – 19h00 – As últimas notícias indicam que o governo alemão prepara uma ofensiva de paz contra a Inglaterra em forma de *ultimatum* indireto, cuja execução seria combinada durante a nova visita a Berlim do ministro dos Negócios Estrangeiros da Itália, como prelúdio do grande ataque que a Alemanha há tempos vem preparando contra a Grã-Bretanha. A nova reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros do Eixo, inspirada também no desejo de criar confusão na opinião pública, aqui e na América, com a apresentação de plano pacífico para a reconstrução da política europeia nos moldes planejados por Hitler, com simulado desejo de obter a cooperação britânica, visa quebrar o moral do povo inglês, cada vez mais decidido a lutar pela sua liberdade e pela dos países invadidos. Tudo leva a crer que o chanceler alemão, não confiando completamente no resultado do ataque à Inglaterra, quer tentar a paz, evitando que a guerra se prolongue até o próximo inverno. No último

discurso, o primeiro-ministro mostra claramente a firme decisão do governo britânico de continuar a luta com toda energia, tendo causado profunda impressão aqui, nos Estados Unidos da América e na própria Alemanha. É convicção geral que a destruição dos grandes centros industriais, portos comerciais e militares e a redução da Inglaterra à impotência por qualquer meio, figura no programa da política alemã para execução imediata, e aqui a defesa está sendo cada vez mais intensificada. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 17 JUL. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Proteção de interesses italianos.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

173 – 17 JULHO 1940 – A respeito da partida do pessoal da embaixada e dos consulados da Itália aí, a Embaixada da Itália passou nota transmitindo os agradecimentos do governo fascista a Vossa Excelência, seus colaboradores, e aos consulados nesse país pelo trabalho de assistência àqueles funcionários italianos. Agradeceu também, e de maneira muito especial, a assistência de V. Exa. e do nosso cônsul em Glasgow aos náufragos do *Arandora Star*. EXTERIORES

❖

OFÍCIO • 18 JUL. 1940 • AHI 28/1/9

[*Índice*:] Problemas pan-americanos.

N. 273

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 18 de julho de 1940.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência um recorte do *The Scotsman*, de 13 do corrente, intitulado "Problemas Pan-Americanos".[8]

2. O articulista refere-se à notícia que foi divulgada laconicamente em alguns jornais, sobre a intenção do Brasil de solicitar da próxima Conferência Pan-Americana em Havana, o mandato sobre as três Guianas, interpretando-a como se referindo à francesa e à holandesa. Este gesto do Brasil, continua o articulista, é tanto mais significativo porquanto

8 Não localizado no volume.

sucede a uma declaração do presidente Roosevelt sobre a doutrina de Monroe e pode ser consequente de uma sugestão de Washington a fim de criar um precedente para os Estados Unidos em relação à Martinica.

Depreende-se de todos os rumores que circulam a respeito da ocupação das ilhas europeias das Antilhas, que existe apreensão no continente americano de possíveis ataques alemães em territórios do hemisfério ocidental.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 19 JUL 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

272 — SEXTA-FEIRA – 19 JULHO 1940 – 18h45 – Os círculos políticos e diplomáticos estão muito interessados na próxima reunião da Conferência Pan-americana de Havana, acreditando que a ofensiva alemã de paz, visando assegurar o domínio completo da Europa e do seu comércio, se fará sentir aí de modo intenso com a ameaça da perda do mercado alemão e o dos países conquistados para as repúblicas latino-americanas, caso não queiram adotar o plano político-comercial de reorganização da Europa nos moldes nazistas. Esses planos visam anular o comércio britânico com a América do Sul e do Norte e ocultamente buscam diminuir a influência norte-americana no nosso continente. O acordo anglo-japonês é considerado como indispensável, visto no momento atual o governo britânico não poder militarmente resistir à pressão japonesa, mas todo o esforço converge para, conjuntamente com a Rússia, obter a paz entre a China e o Japão. O desenvolvimento da política do Eixo em Madri continua sendo acompanhado com o máximo interesse, existindo sério receio de invasão da Espanha para atacar Portugal e Gibraltar e, assim, isolar a Grã-Bretanha do continente. Contrariamente aos boatos divulgados

pela imprensa alemã e italiana, a população deste país está inteiramente calma, apesar dos intensos ataques aéreos alemães nos últimos dias e, confiante no governo, está disposta a prestar toda a sua colaboração com as forças armadas para repelir qualquer tentativa de invasão inimiga. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 29 JUL. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

202 – 29 JULHO 1940 – Quarta-feira última esteve comigo o embaixador inglês a quem fiz novas sugestões a respeito do transporte de material bélico da Alemanha, tanto no sentido de assegurar a permissão por Gênova, mas também a possibilidade de saída por Lisboa. O embaixador alegando ser assunto da competência de outro ministério – o do Bloqueio – prometeu, entretanto, apoiar com o maior interesse as minhas sugestões. Julgo toda a conveniência sua colaboração minha ação e a do embaixador inglês. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 30 JUL. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

301 – TERÇA-FEIRA – 30 JULHO 1940 – 16h15 – Os círculos bem informados acreditam que a recente ofensiva de paz alemã obedeceu a três razões principais, sendo a primeira que a Alemanha acaba de conquistar territórios muito superiores em extensão ao que presumia em tão curto tempo, e assim, necessita de calma para organizar e consolidar seus domínios. O segundo motivo está ligado à escassez de artigos alimentícios, que já se faz sentir principalmente nos países invadidos e que pode apresentar um quadro trágico de fome durante o inverno que se aproxima, mormente tendo em vista a reduzida colheita de trigo que se prevê em toda a Europa, e o terceiro é determinado pela eficiência, cada vez mais sensível, da aviação britânica que, nos seus bombardeios

sobre a Alemanha e territórios ocupados por ela, têm feito uma verdadeira devastação, enquanto que os ataques alemães sobres este país tem causado, relativamente, até agora pequenos danos, devido principalmente à defesa britânica. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 30 JUL. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Acordo de pagamentos com a Grã-Bretanha.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

216 – 30 JULHO 1940 – Foi assinado hoje o acordo sobre pagamentos entre os Bancos do Brasil e da Inglaterra[9]. Queira combinar com o Foreign Office a troca de notas aprovando esse ajuste. Creio necessário aguardar chegada aí das cópias autenticadas que seguem via Nova York por correio aéreo, porquanto ambos os governos conhecem os termos do acordo. Entretanto, caso o governo britânico concorde trocar notas imediatamente, Vossa Excelência está autorizada fazê-lo. EXTERIORES

❖

OFÍCIO[10] • 01 AGO. 1940 • AHI 28/1/10

[*Índice*:] Conferência Pan-Americana.

N. 296

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 1º de agosto de 1940.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência três recortes, sendo um do *Tablet,* de 20 de julho último e dois do *Times,* de 23 do mês passado e de hoje, contendo artigos referentes à Conferência Pan-Americana de Havana.

2. Esses artigos tratam dos principais assuntos nela debatidos e das consequências que deles podem resultar. Salientam a importância da conferência, sobretudo no atual momento internacional; consideram os diversos problemas que a ela se apresentam como o dos mandatos

9 Tachado no original: "Grã-Bretanha".
10 Anexos não transcritos.

sobre as colônias europeias na América, o de aquisição pelos Estados Unidos do *surplus* da produção dos países latino-americanos etc. Não perdem nunca de vista os articulistas os esforços feitos pela Alemanha e Itália para uma penetração econômica e talvez política nas Américas, a resistência que lhe pode ser feita pelos Estados Unidos e a reação dos próprios países latino-americanos.

3. Toda a imprensa registrou com agrado a unanimidade lograda nas deliberações finais da conferência. A atitude de reserva que a Argentina tomara no princípio preocupava os círculos políticos, receosos de que ela, por espírito de desconfiança ou rivalidade continental, viesse perturbar um acordo tão completo quanto foi obtido e tão necessário no atual momento.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexos: 1 - "Pan-americanism". *The Times*. Londres, 23 de julho de 1940.
2. "Solidarity at Havana". *The Times*. Londres, 1º de agosto de 1940.]

❖

DESPACHO[11] • 10 AGO. 1940 • AHI 29/3/13

Índice: Comércio dos neutros.

N. 98 .944.2

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1940.

O ministro de Estado das Relações Exteriores cumprimenta atenciosamente o senhor embaixador do Brasil em Londres e tem a honra de passar às mãos de Sua Excelência as inclusas cópias de quatro cartas, pelas quais a Sociedade Exportadora Ltda., estabelecida em Santos, solicitou providências do Itamaraty, no sentido de serem

11 Anexos não constam no volume.

salvaguardados os seus direitos de propriedade, sobre mercadorias despachadas com destino a Roterdam e Antuérpia que, em razão do atual conflito europeu, teriam ficado retidas na Grã-Bretanha.

O ministro de Estado das Relações Exteriores roga, pois, a Sua Excelência o obséquio de tomar as devidas providências a fim de defender os interesses daquela firma.

❖

OFÍCIO[12] • 13 AGO. 1940 • AHI 28/1/10

[*Índice*:] Artigo do *Times* sobre o plano Hoover de abastecimento à Europa.

N. 326

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 13 de agosto de 1940.

Senhor Ministro,

Desde a sensacional entrevista do embaixador americano em Bruxelas, de passagem por Londres, sobre o perigo de fome [n]este inverno na Bélgica e do apelo filantrópico do ex-presidente Hoover, para que o bloqueio britânico seja suspenso, de modo a permitir o abastecimento das populações conquistadas, toda a imprensa britânica se vem ocupando desse palpitante assunto.

2. O incluso editorial do *Times*, visivelmente de inspiração oficial, reproduz o ponto de vista deste governo. Socorros imediatos não serão permitidos enquanto perdurar a ocupação alemã da Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica e França, cabendo-lhes toda a responsabilidade, por eles mesmo criada, quando transportaram para a Alemanha os estoques disponíveis de matérias-primas e de produtos alimentícios encontrados naqueles países, cujas populações ficaram assim praticamente sem víveres e na perspectiva de colheitas reduzidas.

3. Esse jornal acrescenta que o rigor do bloqueio atual será suavizado, dando-lhes a segurança de que o alívio chegará logo que as tropas alemãs forem obrigadas a se retirar. O articulista diz, ainda, que deve ser preparado um plano para socorrer a Europa, logo que se verifique a queda de Hitler, nas bases da proposta apresentada pelo professor Julian S. Huxley, igualmente junta em anexo, no sentido de que sejam

12 Anexos não localizados no volume.

acumulados mantimentos nos países da América e da África para serem embarcados para a Europa, logo que termine a guerra.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 15 AGO. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

264 – Resposta ao seu telegrama n. 343. Não nos podemos conformar com a recusa do Ministério do Bloqueio e acreditamos que esse governo, considerando mais atentamente as nossas razões, modifique a sua decisão. A concessão dada em nota da embaixada britânica só podia referir-se a todo o material encomendado à Alemanha. Não vemos, portanto, como possa ser agora posta em dúvida, principalmente quando nenhum dos motivos invocados é de molde a justificar a reconsideração do acordo a que havíamos chegado sobre o trânsito. Trata-se de material indispensável à defesa do Brasil, que a Alemanha teria vantagem em deter no país para empregá-lo contra a Grã-Bretanha, e cuja saída em nada contraria os interesses desta última. Tal é a importância desse material para nós que estamos decididos a acarretar com as despesas onerosisímas do frete ferroviário até Lisboa, donde o traríamos para cá e onde estaria sob a guarda de um país amigo. Tem, portanto, esse governo todo o interesse em facilitar o trânsito ganhando com isso a simpatia do Brasil, principalmente dos seus círculos militares. Esperamos que Vossa Excelência, esclarecendo o espírito desse governo, saberá demovê-lo de sua injustificável e contraproducente atitude, cujos efeito serão [nefastos] às nossas relações. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 17 AGO. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

267 – 17 AGOSTO 1940 – Resposta ao telegrama de Vossa Excelência n. 358. Vossa Excelência não deve interpretar a nossa insistência como significando falta de confiança na sua ação, que tem sido devidamente apreciada, mas como prova da importância que damos à vinda desse material. Confiamos nos resultados da gestão de Vossa Excelência, porque estamos com a razão, como porque temos a certeza de que Vossa Excelência empregará todo o seu esforço e habilidade na defesa do nosso ponto de vista e saberá obter que esse governo use para conosco o mesmo tratamento amistoso que lhe temos dado em tantas ocasiões. Enviaremos segunda-feira a comunicação da embaixada inglesa. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 21 AGO. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

363 – QUARTA-FEIRA – 21 AGOSTO 1940 – 13h00 – O discurso do primeiro-ministro causou excelente impressão e foi muito comentado pela imprensa favoravelmente. As declarações positivas e firmes produziram sobre a opinião pública grande confiança na ação do governo e na defesa nacional, devido ao espírito de resolução do orador, o qual deixou evidenciada a realidade da vitória alcançada pela aviação britânica em recente e furioso ataque dos alemães e a decisão deste governo irredutível em prosseguir a luta sem tréguas, pelo tempo necessário, com o aumento contínuo de todos os recursos de resistência, principalmente das forças aéreas navais e terrestres e a intensificação de todos os meios do bloqueio da Alemanha e da Itália e de [to]dos os países sob seu domínio. Foi vivamente aplaudida a declaração de que o Império Britânico ofereceu espantosamente alugar aos Estados Unidos da América, por 99 anos, possessões inglesas no continente americano para servirem de bases navais e aéreas americanas para a defesa contra

futuros e possíveis perigos, o que demonstra o desenvolvimento das relações anglo-americanas de forma cada vez mais íntima. As atividades aéreas alemães foram muito reduzidas nas últimas 24 horas e interpretadas como prova da derrota infligida pela aviação britânica, que no entretanto, continua atacando eficazmente objetivos militares alemães e italianos. O ministro búlgaro disse-me estar concluído o acordo com a Romênia para restaurar a antiga fronteira romeno-búlgara, o qual será assinado proximamente. O governo turco declarou ao embaixador alemão em Ancara, que defenderá a Grécia se esta for atacada. A retirada dos ingleses da Somália é interpretada como uma manobra militar, inevitável depois do colapso francês. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 21 AGO. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Proteção interesses italianos.

Da Embaixada em Londres

367 – QUARTA-FEIRA – 21 AGOSTO 1940 – 17h45 – Conforme comuniquei em meu telegrama, o governo britânico alega que o governo italiano nega à embaixada americana em Roma o acesso aos campos de internamento e informações sobre os internados britânicos, devido ao suposto mal [*sic*] tratamento dos internados italianos neste país. A fim de dissipar o mal-entendido, remeto ao governo italiano, por intermédio da nossa embaixada em Lisboa, cópia do relatório que envio a Vossa Excelência sobre a verdadeira situação atual, cada dia melhorada graças à boa vontade e à cooperação encontrada sempre da parte das autoridades britânicas, como sobre a impressão colhida na visita efetuada por esta embaixada aos campos de internamento, sem nenhuma dificuldade. Já obtive numerosas libertações e temos esperança numa próxima partida de repatriados. A confusão e mesmo certa violência praticada no momento da declaração de guerra contra os italianos foram corrigidas por nossa intervenção e assim continuo a agir, melhorando cada vez mais a situação material e moral dos internados, que já se podem comunicar pelo correio com as suas famílias, aqui e na Itália. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 26 AGO. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

374 – SEGUNDA-FEIRA – 26 AGOSTO 1940 – 16h30 – Nas últimas 48 horas os alemães renovaram seus ataques aéreos, em grande escala, diários e noturnos, visando principalmente a área londrina, sendo abatidos, nessas 48 horas, 90 aviões inimigos. Algumas bombas caíram ontem na *city*, produzindo vários incêndios, sem maiores consequências. A aviação britânica tem combatido brilhantemente, dominando até agora. Os prejuízos materiais são importantes, mormente nas cidades costeiras, havendo certo número de mortos e feridos. Os alemães procuram, essencialmente, causar pânico, metralhando civis a baixa altura, sempre que podem, nos centros de aglomeração. O bombardeio da costa francesa tem sido respondido com eficiência pelos alemães. A defesa passiva tem funcionado otimamente e a população continua a manter absoluta calma, em face da extrema gravidade do momento. Todos nesta embaixada e no consulado, com quem me comunico diariamente, estão bem. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 29 AGO 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Material bélico.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

388 – QUARTA-FEIRA – 29 AGOSTO 1940 – 18h30 – Referência ao telegrama de Vossa Excelência n. 282. Estive no Foreign Office tratando pessoalmente do assunto com o máximo interesse. Entreguei o *memorandum* historiando a matéria e defendendo o ponto de vista de Vossa Excelência. Minha gestão foi recebida muito cordialmente, com promessa de que o Foreign Office, vivamente interessado, tudo fará em prol do estreitamento das nossas relações e apoiará o nosso pedido junto aos Ministérios da Guerra e da Economia, de quem depende a solução. Entretanto, foi chamada a minha atenção para o fato de que a decisão da ordem, em conselho de novembro de 1939, de bloquear totalmente a Alemanha como represália, anulou praticamente qualquer possível entendimento anterior que direta ou indiretamente pudesse prejudicar

a aplicação das referidas medidas, e depois da entrada da Itália na guerra, ainda mais se tornaram rigorosas as medidas para impedir qualquer exportação ou importação ítalo-alemã. Nessas circunstâncias, o Foreign Office teme que o ministério competente mantenha a decisão anterior referida a Vossa Excelência no meu telegrama n. 231, acrescentando que, de qualquer modo, se a solução for negativa não deve ser interpretada como uma medida à política de cordialidade com o Brasil, mas sim de defesa vital deste país, e a boa vontade do governo britânico não pode ser posta em dúvida, pois já foi comprovada em quatro ocasiões anteriores em relação a este mesmo assunto. Proponho que a embaixada inglesa aí apoie urgentemente a minha ação com todo empenho. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 31 AGO. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

CONFIDENCIAL.

Da Embaixada em Londres

396 – TERÇA-FEIRA – 31 AGOSTO 1940 – 13h30 – Os ataques aéreos alemães, diurnos e noturnos prosseguem extremamente violentos, mas as áreas londrinas continuam eficazmente defendidas por poderosas defesas antiaéreas e pela aviação de caça, cujos feitos excedem quanto era lícito prever, como a coragem e o valor dos seus pilotos. Os aviões alemães continuam sendo abatidos ou dispersados e os danos materiais não correspondem à importância dos ataques, embora haja numerosos mortos e feridos. Estão longe de serem atingidos os objetivos militares. O pânico da população e a destruição das defesas do país são visados especialmente pelo inimigo. As fontes autorizadas dizem terem sido celebrados acordos secretos anglo-espanhóis, que impedem a passagem de tropas alemãs pelo território espanhol e asseguram à Espanha a satisfação da sua aspiração sobre Gibraltar no fim da guerra, quando passaria a ser terra espanhola, guardando a Inglaterra apenas o direito de usar ali uma base naval aérea. O desenvolvimento da política balcânica está sendo acompanhado com vivo interesse, mormente pelo eixo, para a aproximação com a Grã-Bretanha, sendo sintomático o recente movimento de tropas russas e alemãs para as suas respectivas fronteiras. São inteiramente destituídas de fundamento as notícias divulgadas pelo rádio alemão sobre a partida do rei e da rainha para

destino desconhecido. Ambos continuam em Londres e são vistos diariamente nas suas contínuas visitas aos estabelecimentos militares e beneficientes. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 05 SET. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

408 – QUINTA-FEIRA – 5 SETEMBRO 1940 – 19h30 – Os ataques aéreos alemãs continuam sendo repelidos, conquanto cada vez mais intensos. O acordo anglo-americano provocou grande satisfação pelo valioso apoio material prestado pelos Estados Unidos da América e, segundo acreditam os círculos autorizados, abrange maiores proporções do que apenas a cessão dos *destroyers* e a utilização pelos Estados Unidos da América das colônias inglesas. Parece-me que secretamente foi feito entendimento para cancelamento da dívida inglesa de guerra e entrega das outras unidades navais americanas de maior importância. No acordo não foram incluídas as utilizações das ilhas Falkland, Honduras Britânicas, para evitar conflito com a Argentina e a América Central. Segundo informação autorizada, o governo britânico nestes últimos dias foi confidencialmente sondado várias vezes sobre a possibilidade de uma conversação de paz. Essas propostas, orientadas pela Alemanha, foram feitas por elementos influentes ligados à Espanha e ao Vaticano e chegaram a admitir a possibilidade da restauração da Polônia, em certas condições, mas foram recusadas terminantemente por não oferecerem suficientes garantias do restabelecimento da Europa nas suas fronteiras de antes da atual guerra. Isso está sendo interpretado como reais, e cada vez maiores, dificuldades encontradas pela Alemanha para vencer este país e está refletido no discurso de ontem do chanceler alemão. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 08 SET. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

412 - DOMINGO – 8 SETEMBRO 1940 – 12h45 – Londres foi alvo ontem do mais violento ataque aéreo até agora registrado, em represália

ao ataque da aviação britânica. Foram visadas as docas ao longo do Tâmisa, provocando grandes incêndios nos armazéns. Numerosas bombas explosivas e incendiárias foram atiradas indiscriminadamente sobre esta cidade, durante toda a noite. O comunicado desta manhã revelou 400 mortos e 1.300 feridos. Abatidos 88 aparelhos alemães contra 22. A defesa antiaérea e os aviões britânicos opuseram encarniçada resistência. Rogo a Vossa Excelência comunicar às famílias que o pessoal da embaixada e dos consulados está bem. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 09 SET. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

413 – SEGUNDA-FEIRA – 9 SETEMBRO 1940 – 16h45 – A furiosa ofensiva aérea continua em pleno desenvolvimento, a fim de quebrar a resistência e o moral da população e, principalmente, enfraquecer a força aérea britânica. Os ataques seriam diversão ao plano principal do inimigo, que continua a ser a invasão. Nas últimas 24 horas foram verificados indícios veementes dos preparativos da invasão. Os serviços de passageiros em Londres estão temporariamente desorganizados. O moral da população continua levantado. Os funcionários brasileiros estão bem. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 11 SET. 1940 • AHI 28/1/10

[*Índice*:] Material bélico adquirido na Alemanha.

N. 387

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 11 de setembro de 1940.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, o texto do *memorandum* referido no meu telegrama n. 388, de 29 de agosto último, sobre a encomenda de material bélico para o governo brasileiro, adquirido na Alemanha.

Logo que obtenha qualquer resposta deste governo transmitirei pelo telégrafo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

N. 69

Memorandum

Anos antes do início da atual guerra, o governo brasileiro fez à casa Krupp, na Alemanha, uma grande encomenda de material bélico e outros artefatos necessários ao nosso aparelhamento militar, segundo um vasto programa de reorganização da defesa nacional.

2. Ante a iminência da guerra, o Brasil, para se assegurar a execução dessa encomenda, fez pagamentos adiantados à referida firma.

3. O primeiro embarque, a bordo do vapor brasileiro *Cuyabá*, foi ainda efetuado em Hamburgo nas vésperas do rompimento das hostilidades. A garantia de livre trânsito para o referido vapor foi dada à nossa embaixada aqui e confirmada pelo embaixador britânico no Rio de Janeiro, em carta de 8 de setembro de 1939. Pela comunicação dirigida ao secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores, o embaixador, depois de referir-se a essa autorização, pediu a enumeração das futuras partidas desse material bélico, dando claramente a entender o consentimento do governo britânico quanto à livre passagem do material na totalidade da encomenda, cujo pagamento parcial fora efetivado por antecipação, na forma acima indicada.

4. Um segundo embarque, pelo vapor *Raul Soares*, foi autorizado em meados de novembro do ano passado.

5. A entrada em vigor da Ordem em Conselho, de 27 de novembro de 1939, que veio inesperadamente bloquear a exportação alemã, como ato de represália contra o Reich, foi considerada, na opinião do governo brasileiro, como uma medida contrária aos direitos dos neutros. O Brasil não só não a reconheceu, como formulou em tempo as mais amplas reservas contra ela.

6. Por razões práticas, quando dos embarques pelos vapores *Lages* e *Almirante Alexandrino*, via Gênova, o governo brasileiro deu ao governo britânico a segurança de que haviam sido cumpridas as exigências da Ordem em Conselho e, assim, puderam ser despachados esses navios com o salvo-conduto do governo britânico.

7. O valor total das mercadorias recebidas, incluindo o último material

embarcado pelo *Almirante Alexandrino*, não atinge senão uma reduzida percentagem dos pagamentos efetuados antes de 27 de novembro último.

8. Por ocasião da última remessa autorizada a 10 de junho de 1940, o Ministério da Guerra Econômica, ao informar a esta embaixada da decisão favorável que acabava de tomar, declarou que assim tinha agido com a deliberação de não mais conceder no futuro idênticas facilidades e, aludindo ao emprego de certo número de técnicos alemães, que estariam instalando nas nossas usinas e estabelecimentos militares o material importado, mostrou o desejo de que os mesmos fossem dispensados, na medida do possível. Informado desse desejo, o ministro das Relações Exteriores desde logo prometeu intervir junto às autoridades brasileiras competentes nesse sentido e, posteriormente, comunicou a esta embaixada estar, de fato, o governo brasileiro dispensando aos poucos os serviços dos referidos técnicos.

9. Quanto à declaração do Ministério da Guerra Econômica, que foi logo transmitida ao Rio de Janeiro, esta embaixada recebeu informações para fazer sentir ao governo britânico a premência para o Brasil em receber esse material, já pago e indispensável à defesa do país, mormente no presente momento, em que é obviamente impossível colocar a tempo uma encomenda desse vulto em qualquer outro país. Considerando os entendimentos anteriores, o governo brasileiro estranhou essa deliberação do governo britânico e, nessas condições solicita, com mais vivo empenho, que o governo de Sua Majestade, examinando mais atentamente as razões expostas, reconsidere a atual decisão, tão prejudicial à segurança do Brasil.

10. A manutenção dessa decisão ocasionará também ao Brasil grandes prejuízos financeiros, pois não poderemos obter a restituição das somas pagas, e assim só trará vantagens à Alemanha, que poderá utilizar o material referido na presente guerra. Já tendo sido efetuado o pagamento, como foi dito, a exportação agora do aludido material em nada prejudicaria os objetivos visados pela Ordem em Conselho, uma vez que as exigências foram preenchidas no caso em questão.

11. Já como consequência da guerra, o Brasil se viu privado, em setembro último, dos seis contratorpedeiros que se achavam em construção neste país e que foram requisitados pelo governo britânico. A concessão agora solicitada, a fim de fortalecer o nosso equipamento terrestre, seria, a nosso ver, uma justa compensação pelo enfraquecimento dos nossos efetivos navais, verificado naquela ocasião, medida, aliás, cuja legitimidade o governo brasileiro prontamente reconheceu.

12. Tal é a importância do recebimento desse material para o Brasil, que o governo está disposto a acarretar com as despesas onerosíssimas do transporte ferroviário até Lisboa, onde desejaríamos embarcá-lo a bordo de vapores brasileiros.
13. Transportado para o Brasil, ficará o mesmo sob a guarda de um país que tantas provas de amizade tem dado à Grã-Bretanha durante a atual guerra.
14. O governo britânico, resolvendo favoravelmente o assunto, ganharia a simpatia geral do Brasil e principalmente a dos seus círculos militares, com grande proveito para as boas relações dos dois países.

Londres, 29 de agosto de 1940.

❖

TELEGRAMA • 16 SET. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

428 – SÁBADO – 16 SETEMBRO 1940 –13h15 – Agradecemos o telegrama de Vossa Excelência n. 318. Os últimos e intensos bombardeios têm produzido grandes danos materiais em Londres, destruindo numerosos edifícios, principalmente nos bairros de residências, entre as quais estão incluídas a legação peruana e o consulado venezuelano. Grande indignação devido aos ataques intencionais ao Buckingham Palace. A aviação britânica continua atuando com grande coragem e eficiência, tendo ontem abatido 175 aparelhos inimigos, ou cerca de 50% dos aviões. O moral da população continua ótimo. Todos nesta embaixada e no consulado bem. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 19 SET. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa. Ferido o cônsul adjunto em Londres.

Da Embaixada em Londres

446 – SEGUNDA-FEIRA – 19 SETEMBRO 1940 – 17h15 - O último *raid* alemão foi extremamente violento, causando grandes prejuízos materiais à população civil. A residência do cônsul adjunto foi atingida diretamente por uma bomba, sendo destruído parcialmente o edifício, inclusive o abrigo onde se achavam protegidos. Umas das paredes ruindo, vitimou nove pessoas,

ferindo 30, inclusive o cônsul Carlos Alberto Gonçalves, felizmente sem gravidade. Foi convenientemente medicado e está relativamente bem, tendo, porém, sofrido grande choque nervoso. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 20 SET. 1940 • AHI 29/5/16

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

329 – 20 SETEMBRO 1940 – Congratulo-me com Vossa Excelência por terem saído todos ilesos. EXTERIORES

❖

OFÍCIO • 23 SET. 1940 • AHI 28/1/10

[*Índice*:] A Batalha de Londres.

N. 410

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 23 de setembro de 1940.

Senhor Ministro,

A guerra total não compensa os sacrifícios que ela impõe em homens e material, pois não alcança o objetivo que o inimigo tem em vista.

2. Não é dar provas de um excessivo otimismo fazendo essa comprovação depois de muitos dias de *blitzkrieg*.

3. Efetivamente há quase três semanas que durante o dia e noite os alemães enviam vagas ameaças de bombardeiros e de aviões de caça sobre Londres e seus subúrbios.

4. Os aparelhos de defesa da força aérea britânica tendo infligido severas perdas aos aviões que se arriscaram durante o dia sobre o estuário do Tâmisa os nazis estão abandonando os *raids* diurnos.

5. As incursões noturnas, sempre violentas, demonstram, contudo, pouca eficácia, em face da defesa antiaérea britânica. Não tentarei de deixar de julgar [*sic*] nas devidas proporções as grandes destruições e danos materiais causados pelas bombas alemãs, atingindo hospitais, museus, casas comerciais, edifícios públicos e particulares, igrejas, clubes e um grande número de embaixadas, legações e consulados nos bairros do West End e habitações operárias na zona [l]este desta capital. Grande número de vítimas já se conta e muitas centenas de homens e mulheres

ficaram, de um momento para outro, privados de suas casas e de seus haveres. Essa desgraça não pode deixar de ser comovedora pela barbaria que ela representa, mas a perda de bens de ordem particular não afeta de forma alguma a resistência coletiva do Estado.

6. Desde muitos dias os bombardeios alemães não alcançaram, de modo decisivo, nenhum objetivo de ordem militar e apenas conseguiram, em parte, desorganizar alguns serviços urbanos.

7. O grande industrial, *lord* Nuffield, pôde anunciar ontem que não somente as incursões inimigas não tinham diminuído a produção em geral, mas ao contrário esta tinha consideravelmente aumentado durante as últimas semanas.

8. Isso é realmente certo para todas as categorias de fabricações de guerra.

9. Acresce que o auxílio americano aumenta regularmente e assim *lord* Beaverbrook, ministro da Aeronáutica, acaba de declarar que os Estados Unidos já estão fornecendo à Grã-Bretanha quinhentos aviões por mês e dentro de um semestre essa cifra será dobrada.

10. Não deve ser esquecido quanto têm sido importantes os prejuízos causados pela aviação britânica no funcionamento das usinas de guerra do Reich.

11. O ministro da Guerra Econômica acaba de informar que nove das dez fábricas de gasolina sintética da Alemanha tinham sido eficazmente bombardeadas pelos aviões ingleses.

12. Ao adotar a guerra total os alemães tiveram principalmente a intenção de criar o terror. Pouca importância ligaram aos objetivos visados e apenas tinham em vista quebrar o moral das populações britânicas, para criar dificuldades de resistência ao governo.

13. Enquanto assim agem os aviadores nazistas, a força aérea britânica se interessa exclusivamente em destruir a organização militar do Reich. Diariamente e em forma metódica as usinas, vias de comunicações, estradas de ferro, portos, concentrações de tropas e de embarcações têm sido alvo de terríveis bombardeios por parte dos aviadores britânicos.

14. Lamento ter que registrar a destruição de uma parte da residência do senhor Carlos Alberto Gonçalves, nosso cônsul adjunto, que soterrando o abrigo em que se havia refugiado quase o vitimou, tendo ele escapado com ligeiros ferimentos, sofrendo, porém, um choque nervoso extremamente forte. Informei logo a Vossa Excelência sobre esse fato, além do que ocorreu nesta embaixada há dias passados.

15. De qualquer forma, todos nós que vivemos em Londres, nos momentos terríveis que atravessamos com as nossas vidas em perigo a

cada instante, devemos considerar como o fez o senhor Attlee, *lord* do Selo Privado, que tudo induz a ser mantida uma grande confiança na vitória da aviação britânica na grande batalha de Londres.

16. Depois de muitos dias de alerta e de combates furiosos, durante os quais a metralha semeou a morte, a destruição e a miséria por todos os lados, os londrinos mantém intacta a decisão de resistir até o fim.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 24 SET. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

451 – TERÇA-FEIRA – 24 SETEMBRO 1940 – 18h30 – Através da opinião pública, acompanhamos com vivo interesse as conversações de Washington, entre o secretário de Estado americano, o embaixador inglês e o ministro da Austrália, prestes a se transformarem em um acordo visando maior defesa do Pacífico, em face da ameaça japonesa, e a China, a Rússia e as Índias neerlandesas provavelmente serão chamados a participar desses entendimentos. Também estão sendo consideradas as possibilidades de os Estados Unidos da América utilizarem as bases navais britânicas na Austrália, na África do Sul e em Nova Zelândia, incluindo Singapura. A esquadra americana assumiria a defesa dos interesses ingleses no Pacífico e a Grã-Bretanha asseguraria a proteção dos interesses americanos no Atlântico, permitindo, assim, o reforço naval britânico no Mediterrâneo. As entrevistas dos ministros dos Negócios Estrangeiros italiano e alemão, para resolver certos problemas vitais, são julgadas aqui de máxima importância, pois é projetada grande ação militar na África, possivelmente com auxílio da Espanha, para cortar o Império Britânico em duas partes, no caso em que a invasão seja julgada pelos técnicos como de impossível realização imediata. Os círculos militares londrinos julgam, porém, que o intento de invadir a Grã-Bretanha não foi abandonado, e que, a despeito dos fortes e eficazes ataques da

aviação britânica e das concentrações dos elementos dessa operação, os preparativos alemães prosseguem ativamente. O programa das conversações de Roma incluiu também a coordenação da política colonial germano-italiana-espanhola e a organização da propaganda desses três países em um só organismo, para sua atividade na América do Sul, especialmente no Brasil, na Argentina, no Chile e no México, incluindo a criação de um movimento pan-ibérico, que deverá abranger Portugal, sob a orientação do Instituto Ibero-Americano de Berlim, e certificou que a Itália estenderia seus domínios sobre o novo território africano e a Alemanha obteria, além das antigas colônias, o Congo Belga e assumiria a proteção de um simulado Estado Independente da África do Sul. A América do Sul passaria a ser considerada como zona de influência econômica e comercial ítalo-alemã e política da Espanha, em luta aberta contra os interesses anglo-americanos no nosso continente. As últimas notícias aqui divulgadas indicam que, a despeito da grande pressão exercida pela Alemanha com as restrições ao direito da Espanha a tomar parte ativa na guerra, ao lado do Eixo, o general Franco está hesitante em modificar a atual política espanhola, impressionado com a rigorosa resistência e com a ofensiva britânica, acrescentando-se que a atitude dos Estados Unidos é cada vez mais favorável à Grã-Bretanha. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 02 OUT. 1940 • AHI 28/1/10

[*Índice*:] A situação internacional.

N. 424

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 2 de outubro de 1940.

Senhor Ministro,

A formação da nova tríplice *entente* constitui sem dúvida um dos mais importantes acontecimentos da guerra e revelou a todos uma triste realidade, pois, apesar de esperada, havia sempre umas esperanças de que o Japão não chegaria a se entregar completamente ao domínio da política de Berlim.

2. Podemos agora buscar algumas conclusões de tão graves fatos.

3. Apesar das aparências, o acordo germano-ítalo-nipônico é a expressão da incapacidade do governo alemão de terminar a guerra rapidamente por uma vitória fulminante contra a Inglaterra. É também a prova da impossibilidade do Japão de quebrar a resistência da China e

das dificuldades crescentes que o *duce* está encontrando na execução de um plano de guerra que ele formulou no momento do colapso francês e que, segundo os intentos italianos, seria um bom negócio e de liquidação rápida.

4. A resolução da Inglaterra permanece a mesma, enquanto que a sua capacidade de resistência aumenta cada vez mais. Os Estados Unidos, que já tinham em grande parte ultrapassado sua incerteza e indecisão na sua política externa, no que se refere aos negócios da Europa, estão mais decididos a ajudar materialmente o império britânico.

5. As consultas anglo-americanas visando definir uma política comum estão entrando na rotina diplomática dos dois países.

6. O espantalho japonês não assusta os Estados Unidos e a formação do novo acordo tríplice parece encerrar um período, o da *blitzkrieg* e iniciar um outro, o da extensão das frentes e das diversões estratégicas.

7. Na ordem diplomática, o pacto de Berlim e as conversações que o precederam, não esgotou todos seus efeitos.

8. Muito proximamente ouviremos falar da Espanha e talvez da União Soviética e em forma mais remota de Portugal.

9. No terreno militar deveremos prever para época muito próxima acontecimentos dignos de nota. Mussolini esperava que o *führer* realizasse a invasão das ilhas britânicas para forçar a Grécia e o Egito a se entregarem ao domínio italiano. A batalha da Inglaterra e melhor ainda a de Londres não deu ao atacante os resultados que ele descontava como causa liquidada. Nessas condições o chanceler Hitler atualmente está impelindo a Itália a iniciar sua ofensiva no Mediterrâneo Oriental, oferecendo auxílio material e pessoal técnico de que carece o exército italiano. Não deve ser esquecido que desde o mês de junho os ingleses transportaram para aquela região reforços consideráveis de homens e de material de guerra, tendo inclusive reforçado a sua esquadra do Mediterrâneo.

10. Quer se trate da situação estratégica ou da situação diplomática pode ser dito que o outono se inaugura com preparativos mais animadores do que os do verão que acaba de terminar.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 03 OUT. 1940 • AHI 28/1/10

[*Índice*:] Mês Político n. 10.

N. 428

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 3 de outubro de 1940.

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o Embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n. 10, relativo ao mês de setembro próximo passado.

[*Anexo*]

Mês político n. 10

Ao encerrar-se a campanha de verão e aproximando-se o inverno, os dois beligerantes procedem a um balanço das respectivas posições. As potências do Eixo estão ativamente empenhadas em ganhar novas alianças para auxiliá-las na prossecução da guerra contra a Grã-Bretanha nos demais teatros de operações, pois salta aos olhos que a invasão das ilhas britânicas foi por enquanto abandonada mesmo que não o tivesse sido em consequência do propalado fracasso que teriam encontrado, em duas ocasiões, as tentativas feitas pelas tropas alemãs durante o mês, assunto de um telegrama desta embaixada sobre a situação militar.

Informações chegadas de Alemanha, por vias neutrais, falam na reorganização econômica da Europa, abrangendo as áreas petrolíferas da Romênia e as do trigo húngaras e búlgaras incorporando esses países à orbita dos Estados vassalos do Reich.

Os planos alemães preveem uma redistribuição de esferas no mundo. Para esse fim, as potências do Eixo concluíram uma aliança militar com o Japão, assinando o pacto de Berlim de 27 de setembro.

Esse pacto, além de conter uma ameaça velada contra a Rússia, forçando-a a uma cumplicidade passiva nas futuras manobras balcânicas do Eixo, é uma advertência aos Estados Unidos com o fito de evitar a sua entrada na guerra, desviando-lhe a atenção para o Pacífico. Como disse o senhor Welles, "criando uma nova ordem na Ásia, o Japão, mostrou bem claramente que somente ele decidirá até que ponto os interesses históricos dos Estados Unidos e os direitos contratuais dos cidadãos americanos no Oriente serão respeitados."

Visa o pacto também paralisar a Turquia contendo a veleidade dos russos ou engodando-os com promessas sobre os Dardanelos,

subjugar a Grécia por meios suasórios ou pela força e envolver eventualmente a Espanha no conflito com a tentação do Marrocos francês.

Presentemente, a preocupação dos ditadores é fazer do general Franco um associado efetivo assim como utilizar o governo de Vichy como ponto estratégico de partida para as suas operações na Síria.

A tática militar se desenvolve segundo um vasto plano que almeja o controle do canal de Suez e do estreito de Gibraltar, as duas portas do Mediterrâneo; logrando assim a destruição do poder naval britânico o acesso às minas petrolíferas do Irã e do Iraque e finalmente um bloqueio continental ainda mais extenso que o de Napoleão, por compreender o norte da África e o Próximo Oriente.

A chave estratégica desse programa é o Egito. É lá que a Grã-Bretanha terá que jogar a grande cartada. Ela precisa resistir no Egito a todo transe, a menos de ver a guerra se estender, cada vez mais desfavoravelmente ao longo no Nilo até à Rodésia e à África do Sul. É essa uma tarefa, para os próximos seis meses de outono e inverno, que demandará um esforço heroico e uma determinação nunca igualados por outros povos. A invasão do Egito e do Sudão é uma questão tão decisiva quanto à da própria Grã-Bretanha. O futuro do Reino Unido e do Império, nessa nova fase, será decidido no Nilo e não no Tâmisa.

As razões para a mudança de tática alemã são óbvias. Depois da queda da França, Hitler acreditava vencer facilmente a Inglaterra. A *blitzkrieg* de Goering, que arrasaria a resistência britânica pelo ar foi derrotada às mãos dos pilotos da Royal Air Force, com a consequente destruição das bases de invasão e das frotas de desembarque.

A força aérea britânica cada dia cresce em número e em eficiência. A primeira parte da *battle of Britain* foi por esta ganha contra a expectativa nazista e as profecias de uma breve e inelutável catástrofe.

Assim a máquina militar inimiga será agora arremessada sobre a África, por todos os meios à sua disposição. E para resisti-la será preciso mobilizar para aquela região todas as forças que a Inglaterra puder dispensar em homens e aviões.

O ataque provavelmente será por duas frentes. O marechal Graziani vem consolidando as suas bases avançadas, a despeito dos ataques navais [e] aéreos britânicos, e está construindo uma estrada de rodagem de Sollum a Sidi Barrani, o que deixa prever um ataque frontal contra o primeiro posto fortificado de Matruh a 150 milhas da fronteira. Como a defesa britânica será encarniçada, ainda que inferior em número e armamento, não é verossímil que essa operação seja

isolada. É evidente que outra operação será tentada para a conquista do Sudão, avançando os italianos de Kassala a Khartoum. A cooperação alemã, então, escopo terá para atingir à Síria e à Palestina, a fim de se apoderar de Haifa e dos campos petrolíferos de Mosul.

O pacto com o Japão tem entre outros fins o de se assegurar, para essas operações sobre o Egito, o consentimento da Rússia e da Turquia à passagem das tropas alemãs.

A batalha da Grã-Bretanha

Desde 18 de agosto, Londres é a linha de frente. Esse bombardeio era, aliás, esperado no começo da guerra e mesmo em escala ainda não atingida. A surpresa foi que os alemães demorassem tanto. Coração do império, sede do governo, era natural que o inimigo procurasse atacá-la e submetê-la, pois, mais que qualquer outra capital, Londres constitui um objetivo militar. Uma sexta parte da população do país está aqui concentrada e suas docas movimentavam 80% do comércio marítimo britânico. A sua vulnerabilidade ao ataque aéreo, sobretudo depois que o exército alemão estava postado do outro lado do canal, era tão óbvia que a cidade estava destinada a ser o alvo da ofensiva inimiga. Essa foi iniciada em grande escala a 7 de setembro, sob a direção imediata do marechal Goering, que anunciou com espalhafato a sua inevitável e decisiva aniquilação de Londres.

A defesa, porém, revelou-se a altura do poderoso atacante e os danos materiais causados, embora consideráveis, não são de ordem a realizar as previsões do líder alemão. Com notável fortaleza de ânimo a população londrina vem se adaptando a todos os inconvenientes resultantes da perturbação dos serviços públicos e os perigos a que está exposta. Os aviões inimigos têm visado objetivos militares, como estações ferroviárias, docas, edifícios públicos, mas também têm deixado cair bombas indiscriminadas sobre bairros operários e residenciais, que atingem hospitais, teatros, ruas comerciais e até sobre o palácio de Buckingham, que de modo algum está situado junto a depósitos de petróleo, como pretendeu escusar o atentado a propaganda alemã. A verdade é que assistimos a aplicação da teoria nazista do terror.

O que é surpreendente é que a cidade, a despeito de tudo, consegue manter a sua fisionomia normal. Quatro semanas de bombardeio intenso, diurno e noturno, nada fizeram para estabelecer o predomínio militar do inimigo. A repulsa das formações alemãs, nos ataques em massa tentados durante o dia a 7, 15 e 27 de setembro, foi de natureza a que eles abandonassem essa tática. Dois mil e seiscentos aparelhos e seis mil pilotos foram

sacrificados em vão durante agosto e setembro, que não se comparam às perdas britânicas, quatro vezes menores em número de aparelhos e insignificantes em pilotos.

Os planos de invasão tiveram que ser temporariamente abandonados, o mês fatídico – setembro – passou sem que ela se verificasse. A vigilância incessante da Royal Air Force sobre as bases de invasão e o bombardeio dos cais, barcaças etc. pela aviação e marinha britânica na costa da França, desorganizou os preparativos alemães e causou-lhes sérias perdas de vidas e material.

Tampouco foi logrado o objetivo simultâneo de paralisar ou sequer diminuir o rendimento vital das fábricas de aviões e de munições. Só há que lastimar a morte de três mil civis e 10 mil feridos, desde que começaram os ataques sobre a Grã-Bretanha.

O incidente de Dakar

Os brindes de certo jantar em Londres teriam revelado a aventura planejada pelo general de Gaulle contra Dakar. O eco desses brindes chegará à Paris. O embaixador alemão Abetz teria chamado o senhor Laval para exigir a resistência do governo de Vichy contra a tentativa franco-britânica. Como Laval declarasse não serem suficientes as forças do Senegal, Abetz insistiu por que os navios franceses deixassem Toulon, com o intuito ostensivo de se dirigirem a Casablanca. Não se compreende como, mas o fato é que as autoridades britânicas deixaram-nos passar por Gibraltar. Quando de Gaulle apresentou *ultimatum*, foi resistido à bala, e com surpresa verificou que os simpatizantes locais da sua causa haviam sido suplantados pelas forças desembarcadas da esquadra de Vichy, e, obedecendo ao seu propósito de não lutar contra os seus compatriotas, de Gaulle retrocedeu. As forças britânicas, que não contavam com essa reação e não estavam preparadas para encetar grave combate, recuaram.

Como esta foi a primeira ação ofensiva dos Aliados, desde a *débâcle* francesa, o fracasso foi tanto mais lamentável e a repercussão no estrangeiro não foi de modo a resguardar o prestígio britânico, principalmente nos Estados Unidos. *Lord* Halifax está sendo culpado pelo que chamam de fiasco diplomático, fiasco que se atribui primeiramente à insuficiência de informações e depois à falta de coragem nas decisões já ao deixar passar navios que evidentemente se moviam com o beneplácito alemão, já ao não levar até o fim a expedição, uma vez começada. Influi sem dúvida nessa deliberação uma razão sentimental, que era não provocar a declaração de guerra por parte da ex-aliada.

Se juntarmos a esse fiasco o passe de mágica japonês, aliando-se ao eixo Berlim-Roma, a fé popular na direção da política internacional britânica sofreu dois rudes golpes. Esse ato por parte do Japão derruba toda uma cautelosa política de *appeasement* do Foreign Office, que se vê obrigado a reconhecer que o episódio da estrada de Burma foi outro passo errado.

Moniz de Aragão

À Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 07 OUT. 1940 • AHI 28/1/10

[*Índice*:] Relações franco-britânicas.

N. 432

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 7 de outubro de 1940.

Senhor Ministro,

Notícias emanadas de boa fonte dizem que o chanceler Hitler e o senhor Mussolini, durante a recente entrevista de Brenero, examinaram a possibilidade de ser concluído um Tratado de Paz definitivo entre os países totalitários e a França, em virtude do qual este último país participaria ativamente na guerra contra a Grã-Bretanha.

2. Exata ou falsa a informação é verossímil e inquietante.

3. Parece muito provável que perturbados pelos insucessos de suas tentativas de invasão do Reino Unido, os dirigentes alemão e italiano aspirem a uma utilização completa da base estratégica de partida que representa o solo francês.

4. Poderiam pedir ao governo de Vichy de se submeter e tornar-se um aliado efetivo ou de pelo menos consentir na ocupação total do território francês.

5. Ninguém pode prever qual será em tal caso a resposta do marechal Pétain.

6. Em meados de junho, em vez de se deixar guiar pelo interesse nacional, os chefes de Vichy calcularam serem maiores as probabilidades de uma rápida derrota inglesa. Ninguém pode agora prever qual será a última decisão, pois certamente depende em parte da opinião francesa e indiscutivelmente o povo ali começa a melhor compreender

os fatos. Alguns artigos de jornais servem de indicação e mostram que o interesse francês não reside mais em se submeter incondicionalmente às vontades de Berlim. Tudo parece mostrar que já existe uma ideia que o dever de todo francês reside no fato de impedir que o governo de Vichy possa aceitar o estado de guerra ao lado das potências do Eixo.

7. Neste país existe a convicção de que se impõe uma maior propaganda visando esclarecer exatamente o povo francês sobre a verdadeira situação atual e que os elementos de resistência britânica são inexpugnáveis.

8. Todos aqui compreendem que em França ninguém conhece a verdade sobre a evolução da guerra e sabem que o governo de Vichy, assim como o alemão que administra a França ocupada, tem o maior interesse em que tudo fique ignorado.

9. Vichy e Paris impedem as irradiações estrangeiras, impedem aos jornais estrangeiros a entrada no país, interceptam a correspondência postal e recusam aos viajantes os vistos de entrada e saída.

10. Habilmente orientada pelos alemães está se formando uma certa anglofobia em França e é de temer que desorientados e mal informados os franceses recebam com uma certa reserva as informações de seus compatriotas residentes na Grã-Bretanha.

11. Parece que um grande movimento está sendo feito nos Estados Unidos pela associação dos franceses livres para aproveitar do melhor modo as forças dispersas dos franceses em todo o mundo.

12. O senhor Churchill e o general de Gaulle estão vivamente empenhados em que os franceses do estrangeiro possam falar aos seus patrícios na França com a certeza de serem ouvidos e compreendidos.

13. Esse trabalho está em primeiro plano no programa político deste país, pois a situação é grave e os ingleses querem evitar que a França, no seu estado de depressão atual, possa ser amplamente dominada pelo inimigo.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

❖

TELEGRAMA • 10 OUT. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da embaixada em Londres

482 – QUINTA-FEIRA – 10 OUTUBRO 1940 – 18h30 – O primeiro-ministro foi eleito unanimemente líder do Partido Conservador, o seu último discurso impressionou bem. Os ataques alemães sobre Londres redobraram nas últimas 48 horas, causando numerosas vítimas na população civil. As bombas caídas perto do consulado-geral do Brasil produziram danos materiais. É esperada a ruptura das relações diplomáticas anglo-romenas, parecendo confirmar que a fase preliminar do programa da guerra no inverno começou no sudeste europeu e Oriente próximo, sendo prevista a marcha do exército alemão através dos Balcãs para atacar a Turquia e fortalecer a ofensiva italiana contra o Egito. A situação da Espanha continua a inspirar apreensões e está sendo muito observada a atitude do Japão, que ainda não reagiu como se esperava, em face da política unida anglo-americana no extremo Oriente, mas a situação aí é considerada grave. Todos da embaixada e do consulado-geral estão bem. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 15 OUT. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

492 – TERÇA-FEIRA – 15 OUTUBRO 1940 – 17h30 – O bombardeio de ontem à noite foi considerado como o mais intenso e destrutivo dos que vem sofrendo Londres, ininterruptamente, há quase dois meses. Foram empregadas, pela primeira vez, bombas simultaneamente incendiárias e de grande poder explosivo. Algumas bombas de explosão retardada caíram próximo desta embaixada, interrompendo o tráfego, outras em frente à casa do cônsul-geral, o qual foi obrigado a retirar-se com a sua família por ordem policial e medida de segurança. O imóvel onde residem J. de Alencar Netto e Barbosa da Silva foi atingido. A embaixada italiana sofreu alguns danos materiais que farei reparar imediatamente. Várias missões diplomáticas, tais como dos Estados Unidos da América, da Espanha, da Turquia, do Chile, da Argentina, da Iugoslávia, do Uruguai, da Hungria, do Peru e da Polônia, para proteger seus arquivos,

estão tomando pequenas casas na zona suburbana, relativamente menos expostas, onde o secretário e o pessoal do consulado podem pernoitar, ficando assim, tanto quanto possível, mais protegidos. Em face da atual situação cada vez mais grave, permito-me insistir no pedido do meu telegrama n. 457. Todos bem. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 16 OUT. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Situação dos funcionários brasileiros em Londres em consequência da guerra na Europa

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

362 – 16 OUTUBRO 1940 – Resposta ao telegrama n. 492. O Ministério não pode atualmente conceder aumento de vencimentos o que fará no próximo ano se a situação continuar a mesma ou agravar-se. Entretanto, Vossa Excelência dirá quanto precisa para toda e qualquer providência, como aluguel de casa, assistência aos funcionários ou qualquer medida que julgar aconselhável adotar nas circunstâncias como chefe que é, com liberdade de ação, merecedor de nossa inteira confiança e apoio. EXTERIORES

❖

OFÍCIO • 16 OUT. 1940 • AHI 28/1/10

[*Índice*:] Incertezas sobre a política russa.

N. 458

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 16 de outubro de 1940.

Senhor Ministro,

Desde alguns dias a política internacional de Moscou está despertando o mais vivo interesse pela importância que a sua atitude definitiva pode representar no desenvolvimento dos grandes acontecimentos atualmente em curso.

2. Os dirigentes do Kremlin devem estar satisfeitos no seu amor-próprio, pois estão sendo cortejados de todos lados e assim a Alemanha mostra-se ansiosa em manter boas relações com a Rússia, o Japão busca a sua amizade, a Turquia trata de estreitar suas relações e os Estados

Unidos e a Grã-Bretanha estudam as possibilidades de uma aproximação com os sovietes.

3. Esse é sem dúvida um dos aspectos da questão, mas existem outros não menos importantes.

4. Todas as medidas tomadas por Hitler são orientadas para afastar ou anular a influência russa na Europa oriental. Os Estados dessa região, um após outro, deverão ser englobados, espontaneamente ou pela força, no espaço vital alemão e aderir à denominada "nova ordem europeia".

5. Moscou parece que, ocultamente, de acordo com a Alemanha, abandonou à própria sorte os Estados eslavos (Bulgária e Iugoslávia), tal como a Romênia.

6. O avanço alemão, já em execução, na direção do mar Negro, não indica por enquanto que seja determinante de qualquer reação russa, que nesse caso renunciaria à sua política tradicional.

7. A única declaração oficial de Moscou até agora conhecida é a que reafirma a neutralidade russa, que permanece como a pedra angular da política soviética. Segundo reafirma o senhor Molotov, a União Soviética continuará a sua política de neutralidade e a política internacional da Rússia continua não encontrando contradições históricas com a Prússia e a Alemanha, que hoje forma o grande bloco do III Reich.

8. Na realidade assistimos a uma partida de xadrez extremamente disputada entre Hitler e Stalin, visando o domínio dos estreitos, de Constantinopla e do Próximo Oriente.

9. O *führer* avança suas tropas, instala aeródromos, constrói estradas e faz supor que a Rússia está de acordo. Moscou responde que a Alemanha não preveniu o governo russo sobre o envio do seu exército para a Romênia e faz concentrar alguns corpos militares de elite na Bessarábia, ocupa as bocas do Danúbio e deixa correr o boato de que suas conversas com a Turquia para um pacto de defesa mútua estão muito adiantadas.

10. Temos assim a impressão de estarmos assistindo aos lances diplomáticos do XVII século.

11. Todos julgam a Rússia sincera quando reafirma sua vontade de permanecer neutra neste momento e não há dúvida sobre este ponto, assim como quando o chanceler Hitler proclama o seu desejo de manter, ainda que provisoriamente, relações cordiais com Moscou.

12. Os acontecimentos que atualmente se sucedem com uma rapidez vertiginosa podem perturbar essas diretivas das políticas russa e alemã.

13. O colapso da França, para os interesses russos, foi demasiado e para o *f*ü*hrer* a resistência britânica é um obstáculo que ele não previa e que se apresenta para o seguimento dos seus planos como um problema insolúvel.
14. A impossibilidade da aviação alemã em obrigar a Grã-Bretanha a capitular determinou Berlim a se voltar, talvez precipitadamente, para leste.
15. Toda a questão, a meu ver, reside no fato de poder a Alemanha descobrir as necessárias compensações para calmar as crescentes inquietações de Stalin, que continua hesitante em empreender a luta contra Berlim, que poderia com grande vantagem ser aproveitada pelo Japão para liquidar com Moscou certas contas ainda pendentes.
16. Daí talvez o interesse demonstrado por certas conversas que estariam sendo mantidas entre Moscou e Washington e que se chegarem a algum resultado, ulteriormente, Londres seria chamado a participar de qualquer vantagem eventualmente obtida.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

❖

TELEGRAMA • 17 OUT. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Carnes brasileiras para a Grã-Bretanha.

CONFIDENCIAL

Da embaixada em Londres

495 – QUINTA-FEIRA – 17 OUTUBRO 1949 – 13h30 – Visitei ontem o novo presidente do Board of Trade. Referindo-me à notícia divulgada na imprensa sobre a projetada compra avultada de carne na Argentina, manifestei que confiava em que nenhum contrato dessa natureza fosse concluído sem que o Brasil tivesse oportunidade de fazer uma oferta que estávamos prontos a apresentar. Ainda mesmo admitindo que este governo, modificando sua política no começo da guerra, passasse a orientar a sua compra de carne frigorificada em estrita obediência no tratado, tais obrigações não existiam relativamente à carne em conserva, insinuando que, caso os interesses do Brasil não fossem tomados em devida consideração, isto não contribuiria para criar atmosfera favorável à tarefa da missão comercial britânica, ora em viagem para o Brasil. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 22 OUT. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

373 – 22 outubro 1940 – Ciente [do] seu n. 501. Urge [que] esse governo autorize [o] embarque [do] material bélico [no] vapor *Siqueira Campos*, que está aguardando parte deste material para poder partir. Embaixador inglês aqui já fez igual aviso ao governo britânico. exteriores

❖

OFÍCIO • 23 OUT. 1940 • AHI 28/1/10

[*Índice*:] O discurso do senhor Churchill dirigido aos franceses.

N. 471

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 23 de outubro de 1940.

Senhor Ministro,

O primeiro-ministro na noite de segunda-feira proferiu, pelo rádio, um discurso dirigido aos franceses.

2. Segundo as últimas notícias aqui recebidas, o Ministério da Propaganda alemã tudo fez para perturbar a audição na França e na Alemanha dessa alocução.

3. Se a referida informação for exata, como parece, essa medida teve como efeito imediato aumentar o interesse pelas palavras do senhor Churchill.

4. A British Broadcasting Corporation irradiando o discurso, em várias ondas, e, em diferentes horas, rompeu esse bloqueio.

5. O senhor Churchill falou aos franceses como ninguém antes tinha feito desde Clemenceau.

6. É o mesmo verbo breve, enérgico, cujas palavras parecem jorrar de uma catarata lançada à face do adversário. É o mesmo apelo humano dirigido à alma de um povo que não pode estar de acordo com a orientação que querem dar ao seu destino.

7. Em tais ocasiões, no tempo da outra guerra, o senhor Clemenceau jamais falou para um grupo, para instituições determinadas, para uma outra França diferente das outras e sempre se dirigiu à França propriamente dita. Assim também o senhor Churchill fez anteontem, não fazendo distinção entre os franceses.

8. Ele falou de tão alto que não percebia mais os homens de Vichy. Não procurou explicar o passado, mas simplesmente se preocupou com o futuro.
9. Dirigiu ao povo de França uma mensagem que na sua simplicidade abrangeu todos os franceses e todos os povos que, dominados pelo regime da força, esperam a sua liberação.
10. Com o seu gênio oratório o senhor Churchill soube comover e tranquilizar os seus ouvintes com a sua eloquência.
11. Os franceses devem ter sorrido quando o primeiro-ministro se referiu aos peixes da Mancha, que esperam a passagem dos alemães na sua invasão às ilhas britânicas e à alusão feita ao *duce* na sua posição de servidor às ordens do chefe do III Reich.
12. O senhor Churchill recomendou aos franceses meditarem sobre as palavras de Gambetta no que se refere à Alsácia e Lorena. "Nunca esqueçam o território perdido, mas não falem demais...".
13. Poucos conselhos serão talvez tão sábios na hora que atravessamos.
14. Os franceses que tiveram a tarefa de reconstruir o seu país, depois da guerra de 1870, como que obedecendo a uma ordem moral não se referiam jamais às províncias roubadas.
15. Tinham compreendido que a repetição de uma ideia diminuía uma parte da sua força interna e conservavam, como um fogo latente no mais íntimo dos seus corações, esse sentimento e temiam enfraquecê-lo se fizessem declarações públicas. Isso foi certamente um dos grandes segredos da energia francesa desde o Tratado de Frankfurt até a guerra de 1914.
16. O Sedan de 1940 foi mais desastroso do que o seu precedente de 1870.
17. Os franceses de hoje devem assim recordar as palavras de Gambetta e pensar na França de amanhã em silêncio.
18. Não é possível prever o futuro destino da França e discussões estéreis podem prejudicar a vontade de expulsar o invasor.
19. Todos os que tentaram reconstruir a pátria francesa desde já não farão senão construir um fraco castelo de cartas.
20. O senhor Churchill tratou de despertar energias adormecidas e principalmente impedir que atos irrefletidos ou ordenados por Berlim fossem realizados sem uma maior atenção.
21. Os franceses devem, sem dúvida, ao senhor Churchill, uma grande gratidão pelos conselhos dados.
22. Hoje já os jornais dizem que da entrevista do senhor Hitler com o senhor Laval, em Paris, não saíra a esperada declaração de guerra à Grã-Bretanha, como tanto desejava o senhor Ribbentrop e que seria muito do agrado do senhor Mussolini.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 25 OUT. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da embaixada em Londres

516 – sexta-feira – 25 outubro 1940 – 16h15 – Os ataques aéreos alemães foram atenuados nas últimas 48 horas, devido, principalmente, ao mau tempo, mas ainda assim causaram apreciáveis danos, tendo sido destruída a legação da Libéria e do Afeganistão. A entrevista de Hitler com Pétain, Laval e Franco desperta o máximo interesse. O último discurso do primeiro-ministro, dirigido aos franceses, é considerado como tendo produzido viva impressão na França, determinando séria reação no sentido de evitar a declaração de guerra de Vichy, considerada aqui nos últimos dias, como provável. A ofensiva diplomática alemã, foi determinada para impressionar os Estados Unidos da América e para perturbar a eleição de Roosevelt, que Berlim quer evitar a todo custo. A resistência britânica estaria obrigando a Alemanha a obter urgentemente o possível auxílio francês e espanhol para o prosseguimento da campanha de inverno. A imprensa fornece detalhes sobre os desastres alemães nas suas tentativas de invasão malogradas por ataques da aviação e da esquadra inglesa, calculando-se que as baixas dos inimigos devem alcançar a várias dezenas de milhares de homens entre mortos e feridos. moniz de aragão

❖

TELEGRAMA • 28 OUT. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

518 – segunda-feira – 28 outubro 1940 – 18h30 – Os ataques aéreos recrudesceram com violenta intensidade, produzindo numerosas vítimas na população civil. Várias bombas de alto poder explosivo caíram nas

vizinhanças desta embaixada, rompendo os vidros de diversas janelas, sem maiores consequências. O prédio contíguo à embaixada italiana foi atingido diretamente, produzindo-se pequenos estragos que farei reparar. O consulado italiano sofreu bastante pela água, devido às bombas incendiárias terem produzido incêndio, felizmente logo dominado. Estou providenciando com o cônsul-geral para proteger os arquivos italianos da melhor maneira possível. Acredita-se aqui que nos próximos dias haverá nova ação militar ítalo-alemã para precipitar a guerra antes que a cooperação técnica militar anglo-americana produza todo o seu rendimento e para complicar as eleições do presidente americano. Parece iminente a invasão da Grécia pela Itália. Os círculos bem informados dizem que a Espanha manterá a atitude de não beligerante, embora mais favorável ao Eixo, preparando ativamente suas forças militares com o auxílio alemão, fortificando seus portos e facilitando suas bases no Mediterrâneo e no Atlântico, recebendo a promessa formal da futura satisfação das reivindicações de Gibraltar e Marrocos. Os círculos ligados ao Foreign Office, mais otimistas sobre a atitude dos franceses, julgam excluída a possibilidade do auxílio militar de Vichy contra a Grã-Bretanha. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 05 NOV. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

532 – SEGUNDA-FEIRA – 5 NOVEMBRO 1940 – 17h45 – Depois de 57 noites consecutivas de mortíferos bombardeios de Londres, pela primeira vez, ontem, não foi dado alerta, permanecendo, contudo, a população nos abrigos. Este fato é atribuído, em parte, às baixas infligidas à aviação inimiga pela defesa londrina, e, principalmente, pelo tempo mau reinante. Acaba de ser anunciado, oficialmente, o desembarque de tropas britânicas em Creta, sem detalhes sobre a importância do referido contingente. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 05 NOV. 1940 • AHI 28/1/11

Índice: Nova ofensiva de paz alemã.

N. 509

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 5 de novembro de 1940.

Senhor Ministro,

Desde alguns dias circulam boatos nos meios diplomáticos de Londres sobre um novo plano de paz formulado pelo *führer* e que teria sido comunicado ao governo dos Estados Unidos por intermédio da embaixada americana em Vichy.

2. Segundo o meu informante, que é pessoa autorizada, esse plano está baseado no fato que a Alemanha não tem reinvindicações a fazer ao Reino Unido senão a restituição de suas antigas colônias.

3. O chanceler Hitler faria uma proposta de paz mais ou menos na seguinte forma:

> 1 – O Império Britânico, não tendo sido derrotado nem conquistado ficará tal como é presentemente;
>
> 2 – A Europa, tendo sido dominada militar e politicamente pela Alemanha ficará fora da zona de influência e de interesse da Grã-Bretanha;
>
> 3 – O governo do Reich estaria pronto a assinar um pacto de não agressão por um período de dez ou mais anos com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos;
>
> 4 – Nessas condições, a Alemanha aceitaria tomar parte numa conferência para o desarmamento geral das grandes potências em perfeita condição de igualdade, tomando como base os seus respectivos interesses comerciais e políticos.

4. O *führer* alemão submetendo esse projeto, evidentemente inspirado pela inquietude provocada pela colaboração cada vez mais eficiente da Grã-Bretanha com os Estados Unidos, não deixa, porém, de permanecer na sua posição ameaçadora, fazendo nessa mesma ocasião prevenir ao governo de Washington que a Alemanha poderá "liquidar com a Grã-Bretanha" rapidamente por meio de uma ação simultânea no Mediterrâneo, no próximo e médio Oriente. Além disso a Alemanha também teria insinuado a possibilidade em que julga poder organizar uma revolta separatista na África do Sul.

5. Está claro que assim agiria o governo de Berlim se o senhor Churchill, como tudo indica, rejeitar tais ofertas de paz, que aliás todos aqui acreditam não serão tomadas em consideração pelos americanos se for reeleito o senhor Roosevelt, sendo mesmo tal iniciativa julgada como um meio de propaganda contra o atual presidente norte-americano no presente momento.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 07 NOV. 1940 • AHI 28/1/11

[*Índice*:] O último discurso do primeiro-ministro.

N. 516

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 7 de novembro de 1940.

Senhor Ministro,

O primeiro-ministro fez anteontem a sua esperada declaração na Câmara dos Comuns sobre a situação geral da política internacional em face dos últimos acontecimentos.

2. Desde logo o senhor Churchill se referiu à guerra aérea anglo-alemã, revelando que desde o início da *blitzkrieg* pereceram 14 mil civis e 20 mil outras pessoas foram feridas durante os bombardeios, enquanto apenas 300 mortos foram contados nas ações da marinha e da aviação britânica. Deve ser calculado cerca de 75% das vítimas civis acima mencionadas para a população londrina.

3. O chefe do governo inglês salientou que depois de dois meses de contínuos ataques aéreos o objetivo alemão não foi alcançado. A desorganização da vida econômica, a desmoralização do povo inglês continua a pertencer ao domínio dos sonhos que o governo do Reich acaricia como recompensa ao seu feroz esforço de abater a nação britânica.

4. Acrescentou o orador que a diminuição da intensidade das incursões aéreas inimigas, verificada nos últimos dias, não deve ser inteiramente atribuída ao mau tempo reinante. As condições atmosféricas são sem dúvida fatores poderosos e continuarão a desempenhar um grande papel nesta matéria, mas existem outras causas que se tornarão mais importantes à medida que o tempo for passando. A Câmara compreenderá que não lhe possa fornecer detalhes técnicos sobre esta questão.

5. É uma referência aos meios de defesa empregados atualmente pelos serviços de proteção aérea que se estão tornando sem dúvida mais eficientes.

6. Em seguida fez uma referência à Grécia, confirmando no meio de calorosos aplausos que o alto comando britânico tinha podido estabelecer bases navais e aéreas na ilha de Creta, conforme no devido tempo informei Vossa Excelência pelo telégrafo. O ministro comentou severamente a agressão italiana contra o governo de Atenas. A esse respeito assim se exprimiu:

> O ditador italiano, talvez embaraçado pelos namoros com os alemães do senhor Laval ou talvez porque devia agir na execução de um vasto plano de pilhagem, lançou-se com o seu egoísmo habitual contra a heroica nação grega, pequena, mas famosa e imortal.

7. A França e a Inglaterra tinham prometido socorrer a Grécia se ela fosse vítima de um ataque não provocado. Era uma garantia conjunta de Paris e Londres. Infelizmente o governo de Vichy está neste momento ocupado em organizar sua colaboração com o senhor Hitler no plano que deve ver estabelecido na Europa para uma nova ordem de coisas. De qualquer forma o governo do marechal Pétain não está praticamente em condições de assegurar a execução dos compromissos que tinha assumido. Não estamos, pois, sós. Nós devemos encarar os nossos deveres que nos incumbem conservando muito presente no nosso espírito o sentimento das responsabilidades imensas que temos no nosso país e no Egito. Nessas circunstâncias não podemos senão fazer o melhor possível para bem cumprir o nosso dever.

8. O primeiro-ministro também se referiu longamente ao tema da invasão das ilhas britânicas, considerando que a ameaça persiste conquanto com o caráter de possibilidades atenuadas de execução imediata.

9. Ao chegar à conclusão, o senhor Churchill manifestou uma certa esperança com uma nota de acentuado otimismo. Demonstrou que é precisamente constituindo, equipando, reforçando e adestrando sem desfalecimento um exército mais poderoso que todas as forças militares britânicas do passado que o Reino Unido poderá um dia atacar o inimigo na sua própria base e ganhar a guerra.

10. O orador celebrou ainda a potência da marinha inglesa e, falando da guerra no mar, reconheceu que os submarinos nazis constituem uma ameaça bastante séria mas afirmou que o Almirantado conhece bem o problema e que o domínio dos mares não deixará de pertencer, como no passado, às frotas de Sua Majestade Britânica, preparando-se desde já para as lutas e ações que deverão empreender num espaço de tempo

quase indeterminado, que poderá ultrapassar o ano de 1944, com uma perspectiva de duração da atual guerra para mais três ou quatro anos.

11. Terminando por uma nota característica o senhor Churchill disse:

> Ao regressar numa das recentes noites à minha casa aproximei-me de um grupo de homens protegidos pelos seus capacetes de aço que se abrigavam no vão de uma grande porta, procurando tão bem quanto possível se defenderem da metralhadora inimiga, conversavam tranquilamente e sem me reconhecerem um dentre eles, com uma voz profunda, exclamou: "a vida será tão boa e bela se pudermos resistir até o fim. Eis o que deve ser a divisa britânica para o inverno que se aproxima. Deveremos depois achar outra para o futuro do ano vindouro."

12. Assim propôs o senhor Churchill um novo lema para a resistência de que a nação britânica, e em particular o povo de Londres, tem dado sobejas provas nestes tormentosos momentos que atravessamos e que ainda nos resta aturar.

13. O discurso foi francamente apoiado por toda a imprensa e parece ter provocado nos Estados Unidos uma grande impressão por ter o senhor Churchill se exprimindo em forma francamente mais otimista do que nas suas últimas declarações.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 11 NOV. 1940 • AHI 28/1/11

[*Índice*:] A demissão do general Hertzog.

N. 521

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 11 de novembro de 1940.

Senhor Ministro,

A cisão que acaba de se verificar no partido nacionalista dos Afrikanders, da África do Sul, pode ser considerada como um feliz acontecimento tanto para o desenvolvimento da guerra como para o futuro daquele domínio.

2. A demissão do general Hertzog que será talvez seguida, em futuro mais ou menos próximo, pela do senhor doutor Malan, outro chefe do partido, representa o resultado de uma luta extremamente violenta, conduzida no interior do país por um grupo de extremistas que querem não somente a separação da África do Sul do Commonwealth britânico, mas ainda a adoção na União Sul-Africana de um governo totalitário.
3. Trata-se simplesmente de uma espécie de nazismo sul-africano violentamente anti-inglês e antissemita que possui sua organização militar secreta no modelo dos S.A. alemães e à qual Berlim dispensa uma simpatia e um interesse deveras acentuado.
4. O general Hertzog separando-se desses elementos facilita a tarefa do general Smuts cuja maioria no Parlamento, embora suficiente, não era muitas vezes bastante para permitir ao governo sul-africano uma ação mais decisiva.
5. Não deve, contudo, ser exagerada a importância das divergências internas na União Sul-Africana, no que diz respeito à política de guerra, para o que essa maioria atualmente deve ser calculada numa base de 60% contra 40%.
6. O governo de Londres recebeu a notícia da recente atitude do general Hertzog com grande satisfação, considerando-a como um gesto de alto patriotismo e determinando uma possibilidade do governo britânico poder contar ali com um apoio mais eficaz no que diz respeito à defesa externa e interna do Império.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 12 NOV. 1940 • AHI 28/1/11

[*Índice*:] O Reich e a Rússia.

N. 532

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 12 de novembro de 1940.

Senhor Ministro,

Há cerca de treze meses, exatamente em 29 de setembro de 1939, o senhor Ribbentrop assinava, em Moscou, com o senhor Stalin, um acordo de política geral, cujos termos precisos nunca foram conhecidos e que deixava as mãos livres à Alemanha na Europa, sob reserva do respeito recíproco dos interesses vitais dos dois países.

2. Desde então essa associação, que a muitos parece não ser uma verdadeira aliança e na qual os contratantes não assumiram publicamente compromissos militares, sem obrigações diplomáticas, tem se mantido, apesar de toda a série de acontecimentos surgidos desde aquela época.

3. Enquanto o *führer* fazia a conquista da Europa ocidental e central, o governo de Moscou se apropriava, sem riscos, da metade da Polônia, dos Estados Bálticos, da Bessarábia e da Bucovina, como já me referi em ofícios anteriores.

4. Stalin estava ocupado em colocar a Europa oriental sob sua influência absoluta, como uma barreira contra um eventual avanço alemão.

5. Foi então quando o chanceler Hitler tomou conta, empregando os seus métodos habituais, da Romênia, avançando assim fulminantemente até o mar Negro e, pelo Pacto de Berlim, concluído um ano depois do Tratado de Moscou, o Japão foi incorporado à política do Eixo como uma ameaça, ou melhor, uma advertência à Stalin.

6. Durante esse intervalo, a França foi abatida, mas a Grã-Bretanha ataca ferozmente, resistiu vitoriosamente e os Estados Unidos, com um impulso unânime, declaram-se favoráveis a um auxílio, sem limites, ao Império Britânico.

7. Roosevelt, o homem mais odiado pelo governo de Berlim e Roma, foi reeleito e Mussolini empreendeu a aventura grega.

8. Essa é a presente situação que de novo reúne Hitler e Stalin. O *führer* tem necessidade do auxílio russo para a execução dos seus projetos orientais, não tendo podido abater a Inglaterra em sua ilha e quer agora isolá-la do seu Império. Para isso a neutralidade ou a submissão turca é indispensável. Para obter esse desejo, torna-se necessário que os russos o ajudem, estando o *führer* disposto a oferecer, como recompensa, uma nova partilha de influências políticas, desta vez no próximo e no médio Oriente.

9. Qualquer que seja o resultado das conversas Molotov – Ribbentrop, podemos estar seguros que Berlim, Roma e Tóquio procurarão obter todos os efeitos de propaganda visando a desmoralização dos aliados. Ouviremos falar de adesão da Rússia à Tríplice, ou pelo menos

da aprovação de Moscou aos planos germânicos da ordem nova hitlero-fascista na Europa e japonesa no extremo Oriente.

10. Creio que será prudente acolher tais notícias com uma extrema prudência.

11. A política moscovita tem uma nota dominante que é a vontade de manter a paz, ou mais propriamente dito, a sua neutralidade. Ainda ontem a Pravda, órgão oficial russo, lembrava a decisão da União Soviética de se manter fora do conflito europeu e o rádio de Moscou insistia sobre o caráter comercial e econômico dos próximos entendimentos.

12. Poderemos talvez considerar como seguro que Stalin, por múltiplas razões, entre elas o temor de expor seu regime e seu país aos golpes da Alemanha, não assumirá nenhum compromisso que possa arrastá-lo em uma guerra, sendo pouco provável que aceite encargos fixando sua posição definitiva em uma luta, cujo fim não lhe parece ainda muito seguro.

13. Há tempos que o governo de Moscou desejava esclarecer a posição política da Alemanha nos Balcãs, no mar Negro e nos Dardanellos e, para amedrontar o Reich e a Turquia talvez seja o intuito exato da visita do senhor Molotov a Berlim.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[13] • 12 NOV. 1940 • AHI 28/1/11

[*Índice*:] Falecimento do senhor Neville Chamberlain.

N. 533

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 12 de novembro de 1940.

Senhor Ministro,

Conforme informei sem demora a Vossa Excelência pelo meu telegrama n. 547, o senhor Neville Chamberlain faleceu no dia 10 do

13 Anexo não transcrito.

corrente mês, na sua casa de campo, onde residia presentemente desde que se retirou do gabinete de Guerra britânico.

2. O antigo primeiro-ministro, que tinha 71 anos de idade, estava gravemente enfermo desde o fim de verão, quando foi submetido à uma série de operações em uma clínica de Londres.

3. O senhor Chamberlain cedeu a presidência do Conselho de Ministros em maio do ano em curso, quando o senhor Winston Churchill foi nomeado para ocupar o seu posto.

4. O nome do senhor Chamberlain ocupará um lugar de imenso destaque na história política do Império Britânico. Todos se recordam dos seus esforços desesperados para salvar a paz do mundo, em setembro de 1938 e mesmo em agosto de 1939. Desde a sua ascensão ao poder em maio de 1937, ele se tinha dedicado a essa obra com uma grande lealdade e mesmo obstinação.

5. O senhor Chamberlain acreditava, com toda sinceridade de seu espírito reto e honesto, que poderia evitar a guerra pelo menos por mais alguns anos, impedindo que a mesma geração tivesse de pegar em armas duas vezes.

6. Na sua ação política, ele considerava fatos preponderantes a união anglo-francesa, pois, como seu irmão *sir* Austen, ele julgava os destinos dos dois países intimamente ligados na defesa contra o inimigo comum.

7. Nas páginas do Livro Azul britânico sobre a origem da guerra, encontramos a cada momento evidenciada a sua luta incessante para, por todos os modos, alcançar a possibilidade de um compromisso e, até o último momento, até a véspera do dia mais trágico, ele permaneceu como o campeão da paz.

8. Nada foi mais emocionante do que a declaração que ele fez como primeiro-ministro, no dia 3 de setembro de 1939, na ocasião de anunciar à Câmara dos Comuns o estado de guerra entre a Grã-Bretanha e o Reich. O senhor Chamberlain disse então o seguinte:

> Tudo para o que trabalhei, tudo o que esperava, tudo em que baseava a minha fé durante a minha vida pública, acaba de desmoronar. Nada me resta a fazer, senão consagrar tudo o que ainda possuo como forças para a defesa da pátria e para a obtenção da vitória da nossa causa.

Seis meses mais tarde o senhor Neville Chamberlain cedia ao senhor Winston Churchill o seu lugar de primeiro-ministro para conservar o posto de *lord* presidente do Conselho.

9. Com esse título ele ficou com o pesado encargo de estabelecer a coordenação dos trabalhos dos diferentes departamentos ministeriais. Cauteloso, atento, desejando tudo verificar pelos seus próprios meios, ele ligava um conhecimento profundo dos negócios do Estado a um sentimento elevado dos seus deveres e de suas responsabilidades. Somente a grave enfermidade que acaba de abatê-lo poderia arrancá-lo do seu trabalho fecundo e patriótico.

10. Toda a nação britânica cobriu-se de luto e a imprensa, sem uma nota dissonante, deplorou a grande perda que acaba de sofrer.

11. Dei-me pressa em passar ao Foreign Office a nota que junto remeto por cópia.[14]

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 13 NOV. 1940 • AHI 28/1/11

[*Índice*:] Cooperação pan-americana para a defesa do continente.

N. 538

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 13 de novembro de 1940.

Senhor Ministro,

A título de informação, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, no incluso recorte, um telegrama de Washington anunciando a decisão virtualmente chegada entre os países latino-americanos para o uso em comum das bases aéreas e navais na defesa do Continente.

2. Diz o referido despacho telegráfico que as bases existentes serão desenvolvidas em pontos capitais, como Natal, e que outras serão construídas ao longo das costas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

14 Não transcrita.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*: "U.S.A. and S. America pool baes". *The Evening Standard,* Londres, 7 novembro 1940.]

❖

TELEGRAMA • 16 NOV. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico. Transporte armamento.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

401 – 16 NOVEMBRO 1940 – Queira comunicar a esse governo que não sendo possível fazer o vapor *Siqueira Campos* esperar por mais tempo em Lisboa, determinou o governo a partida do mesmo com a carga munida de *navicert*, passageiros e mais os armamentos de propriedade do governo brasileiro de que Vossa Excelência tem conhecimento. Nosso ato decorre da certeza em que está o governo brasileiro de que assim procedendo exerce um direito que não é passível sequer de dúvidas e mais de que seu ato está de acordo com a lei internacional e em nada fere ou ameaça seu interesse inglês. Espera, assim, o governo brasileiro que esse governo não interfira nem dificulte a viagem do *Siqueira Campos*, antes favoreça a mesma, dando mais um testemunho de sua cooperação tradicional com o Brasil. EXTERIORES

❖

OFÍCIO • 16 NOV. 1940 • AHI 28/1/11

[*Índice*:] Blocos continentais.

N. 543

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 16 de novembro de 1940.

Senhor Ministro,

A propósito da visita do senhor Molotov à Berlim, o incluso editorial do *Times* de hoje, faz importantes comentários sobre a repercussão política dos entendimentos a que terá chegado com o governo do Reich e alude ao novo conceito dos blocos continentais, propalado pelas potências do eixo Berlim-Roma-Tóquio.

2. Diz o *Times* que esse sistema se baseia numa errônea interpretação

da Doutrina de Monroe, adotada primeiramente pelo Japão e ultima-mente pela Alemanha, como protótipo da nova ordem na Ásia e na Europa. Passa depois a considerar a posição da Grã-Bretanha nessa divisão de esferas, contra a qual ela se opõe, não podendo ser incluída na federação regional europeia, nem tão pouco excluída. Além disso, a dependência em que ela está como o resto do seu império dos mercados mundiais, dependência em que também se encontram os países da América, já que não se bastam a si mesmo, revela a impraticabilidade desses planos. Nem a concepção do bloco pan-americano provê uma estrutura adequada para as necessidades econômicas do hemisfério ocidental.

3. Uma divisão da humanidade, continua o mesmo jornal, em quatro ou cinco grandes áreas geográficas, cada qual dominada por um *Herrenvolk,* dirigindo e explorando um grupo de povos submissos e dominada pela preocupação de atingir a autarquia, é um passo retrógrado, para a barbaria de outras épocas. A Europa ocidental é o berço da civilização ocidental. Algumas das nações mais jovens, ricas e avançadas da comunidade das nações ocidentais encontram-se no novo mundo. Aproximá-las, portanto, do velho mundo, desprezando as divisões continentais, é a tarefa mais urgente da reorganização econômica que terá de vir depois da guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*: "Continental Blocs". *The Times*, Londres, 16 de novembro de 1949.]

❖

TELEGRAMA • 19 OUT. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Material bélico

SECRETO

Da embaixada em Londres

560 – terça-feira – 19 outubro 1940 – 18h – Estive no Foreign Office fazendo a comunicação constante do telegrama de Vossa Excelência n.

401, defendendo o ponto de vista do governo brasileiro com o máximo interesse. Tive acolhimento muito reservado, tendo sido lamentada a decisão tomada pelo Brasil, e me foi dito nada poder ser adiantado por enquanto sobre a atitude do governo britânico devido ao assunto ser examinado pelas autoridades competentes, devido à gravidade do mesmo. Por um conduto indireto, soube que o governo britânico já tinha sido prevenido sobre a partida do *Siqueira Campos* e parece-me que a primeira ideia foi a de deter o navio até o esclarecimento do assunto. Assim agindo, este governo procederia de acordo com a decisão tomada, desde a guerra com a Itália, de até mesmo confiscar qualquer navio sem *navicert* logo que receber carga procedente da Alemanha ou da Itália, como em tempo informei. Logo que receber qualquer comunicação, telegrafarei. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 22 NOV. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Material bélico

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

568 – SEXTA-FEIRA – 22 NOVEMBRO 1940 – 15h00 – Aditamento ao meu telegrama n. 567. *Lord* Halifax, em extensa carta, recebida ontem à noite, começa recordando o meu desagrado quando o visitei em 1º de novembro e lhe fiz sentir a gravidade com que o governo brasileiro encarava a resposta negativa sobre o livre trânsito do material bélico a bordo do *Siqueira Campos*. Acrescentou que o assunto da minha diligência estava sendo novamente examinado com a melhor boa vontade, tendo ele, como me prometera, voltado a interessar-se junto ao ministro competente, quando o embaixador inglês comunicou, a 16 do corrente, que o navio tivera ordem de partida, confirmada na minha entrevista do dia 19, quando deixei novo *memorandum*. O ministro dos Negócios Estrangeiros confessou a sua surpresa com a nossa decisão, visto parte da carga estar ainda pendente de discussão entre os dois países. Nessas circunstâncias, o governo britânico julgou não dever modificar a decisão anterior, negando o livre trânsito do material bélico e foram mantidas as instruções às autoridades navais de interceptar a passagem do navio, acreditando tenham sido executadas. Lamentou profundamente que essa situação tivesse ocorrido, mas acredita que o

governo brasileiro compreenderá não ter o governo outra alternativa na defesa dos interesses britânicos e de outros países. Do resultado desta guerra, disse-me ele, depende o futuro da humanidade e a nossa vitória é de interesse de todos os países que, como o Brasil, ligam importância à liberdade individual e aos princípios democráticos. A nossa arma mais eficaz para vencer a guerra e encurtar a luta é o bloqueio efetivo contra a Alemanha, e conceder nova exceção obrigaria inevitavelmente fazer a outros governos neutros tendo como resultado anularmos essa importante arma. Reconhecemos quanto o governo brasileiro ficará desapontado com a nossa negativa, mas não duvido que ele compreenderá não nos ser possível solapar a estrutura de sua política do bloqueio. Termina pedindo que eu exponha a Vossa Excelência a situação como aqui é encarada e que expressa ao mesmo tempo todo o seu sentimento pelas circunstâncias imperativas para obter a vitória, que impediram o governo britânico tomar decisão mais agradável para o nosso governo. O texto segue pelo correio aéreo. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 22 NOV. 1940 • AHI 28/1/11

Índice: As atividades da diplomacia hitleriana.

N. 556.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 22 de novembro de 1940.

Senhor Ministro,

A atividade intensa da diplomacia do chanceler Hitler está se desenvolvendo com uma velocidade máxima e assim está agindo desde mais ou menos oito semanas e tudo o que tem produzido em tal espaço é pouco apreciável e praticamente só pode inscrever até agora em seu crédito a assinatura da Hungria como adesista ao Pacto do Eixo.

2. É esperado que esse "triunfo diplomático", como apregoa a imprensa de Berlim, seja seguida pela notícia de que a Romênia, que está praticamente sob o domínio nazista desde a entrada das tropas alemães em seu território, também se juntará à política germano-italiana.

3. O ditador romeno, o senhor Antonescu, foi recebido ontem com todas as honras à sua chegada em Berlim de volta a Roma.

4. O *führer,* animado pelos seus recentes e aparentes êxitos, já está na capital do Reich para receber o senhor Antonescu e certamente a imprensa alemã já está preparando os seus clichês para imprimir em

suas folhas a nova "vitória diplomática" que parece será conhecida dentro de poucas horas.

5. Isso depois de oito febris semanas de uma atividade sem precedente desde o começo da presente guerra e sempre acompanhada pelos anúncios dos jornais alemães e italianos de que uma gigantesca obra diplomática está sendo construída para estabelecer a nova ordem europeia que terá repercussão em todo o mundo.

6. Nas presentes circunstâncias parece que esse outro *blitz* falhou. De tudo apenas resultou que a Hungria praticamente desaparece do seio das nações livres.

7. Há várias semanas Hitler e Mussolini conversaram sob as frias nuvens do Brennero e ali tomaram, segundo refere a imprensa oficial de Berlim, decisões conjuntas e uniformes sobre [o] futuro plano da política que deverá dirigir a nova ordem, afetando a imensa área que se estende do norte da Europa até os trópicos africanos.

8. Desde então o *führer* tem feito circular através do continente o seu trem blindado passando por Paris, indo até Hendaye, voltando depois a Florença para tornar a Viena.

9. Nesse entretanto tiveram lugar as ruidosas conversas de Molotov em Berlim. O Departamento de Propaganda alemão divulgou pelo mundo que se tratava de assunto da mais alta importância enquanto a imprensa soviética ficava silenciosa como o chefe do Kremlin na sua atitude misteriosa e indecisa mas, é forçoso reconhecer, de grande habilidade diplomática.

10. Somente ontem alguns diários nossos fizeram mornas referências à visita do primeiro-ministro soviético à capital alemã. Assim o Konsomolskaya Pravda, órgão do Partido Comunista, apenas adiantou que a entrevista referida teria agradado ao desenvolvimento da influência internacional da União Soviética, uma vez que sua cooperação era vivamente solicitada por governos fortes.

11. As repetidas visitas do ministro dos Negócios Estrangeiros de Espanha a Berlim e Berchtesgaden, a misteriosa caçada em um ponto ignorado do país dos sudetas em que o senhor Ribbentrop e Ciano tomaram parte, as atividades do embaixador Von Papen, a entrevista do rei da Bulgária com o senhor Hitler no seu chalé do Tirol bávaro, constituíram uma longa série de conchavos secretos que terminaram na cerimônia do Palácio do Belvedere, em Viena.

12. O *führer* procurou dar ao ato da adesão húngara o maior significado político e assim escolheu Viena como teatro do congresso que reorganizou a Europa depois da queda de Napoleão.

13. Existe uma certa crença de que o chanceler Hitler, organizando as solenidades do Belvedere teria em vista lançar o programa da nova ordem da política que seria apresentada ao mundo e especialmente à América como um fato consumado e sob a aparência de uma união continental europeia sob a dominação alemã.
14. Essa formação de uma tal união continental como intenção do *führer* está agora sendo temerosamente encarada pelos países balcânicos.
15. O correspondente do *Daily Mail* no Balcãs, enviou ontem à noite, ao seu jornal, aqui em Londres, uma informação sobre a possibilidade de uma intensificação da política de pressão e ameaças sobre outros países para imitarem a rendição da Hungria. Naturalmente a Iugoslávia e a Bulgária são os mais ameaçados.
16. A nova ordem alemã consistiria em um grupo de pequenos povos amedrontados, temporariamente "protegidos" pelo exército do Reich, e preparados para assinar tudo o que lhes for ordenado por Berlim em troca de pseudogarantia de não serem aniquilados politicamente.
17. Esse é o cenário que contemplamos depois das oito semanas de alta pressão da máquina diplomática alemã que produziu um resultado pouco compensador, com exceção das conversas germano-russas que talvez tenham sido mais produtorias [*sic*] para a Rússia do que geralmente se supõe.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 25 NOV. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Detenção do *Siqueira Campos* em Gibraltar.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

417 – 25 NOVEMBRO 1940 – Rogo a Vossa Excelência transmitir em nota a esse governo o seguinte:

I – O vapor brasileiro Siqueira Campos, recolhido à Gibraltar pelas autoridades navais inglesas, conduzia pela rota habitual para o Brasil, passageiros e carga comercial, sendo que está com *navicert*. O referido navio transportava, ainda, conforme o aviso dado a esse governo, material fora de comércio de propriedade do governo do Brasil.
II – Esse material procedia originariamente da Alemanha e fora, após seu recebimento em Essen pela Comissão Militar brasileira, transportado para Lisboa e aí embarcado no vapor *Siqueira Campos*.
III – Esse mesmo material, cujas relações foram comunicadas em tempo e em todos seus detalhes a esse governo, é parte mínima de uma encomenda feita pelo governo brasileiro, conforme contrato assinado em 25 de março de 1938, após duas concorrências para as quais foram convidadas firmas inglesas e de outros países.
IV – Em virtude desse contrato e na forma de recibos em nosso poder, anteriores a 25 de novembro de 1939, já tinha o governo brasileiro pago as seguintes prestações:

Em 13/4/38 – Prestação n. 1 –	£	425.000,000.00
Em 4/1/39 – Prestação n. 2 –	£	212.500,000.00
Em 10/4/39 – Prestação n. 3 –	£	212.500,000.00
Em 4/7/39 – Prestação n. 4 –	£	212.500,000.00
Em 5/10/39 – Prestação n. 5 –	£	212.500,000.00
Total	£	1.275.000,000.00

E depois dessa data fez mais as seguintes prestações:

Em 7/2/40 – Prestação n. 6 –	£	318.750,000.00
Em 9/10/40 – Prestações ns. 5 e 6 –	£	637.500,000.00
Total	£	956.250,000.00

V – O material entregue à Comissão Militar brasileira e transportando pelos vapores *Raul Soares, Almirante Alexandrino*, e, agora, *Siqueira Campos*, consta de relações detalhadas fornecidas a esse governo por ocasião da viagem dos três vapores, sendo que parte do material mencionado nessas relações deixou de vir como, por exemplo, quatro baterias de 150 a 16 canhões de 88 m/m.
VI – Esta é a situação de fato que, de nenhuma maneira justifica a violência feita ao *Siqueira Campos*, pois a sua carga comercial tem *navi-*

cert e nele não viajam inimigos da Inglaterra, mas neutros e brasileiros, agora com suas vidas expostas aos riscos e bombardeios da base naval a que foram recolhidos.

VII – A carga particular e os passageiros estão na inteira forma dos regulamentos ingleses. A outra carga não é particular, mas propriedade oficial que não pode ser objeto desses regulamentos, por isso que diz com a neutralidade, a defesa e a soberania do Brasil.

VIII – Admitindo, apenas para fins de elucidação, que essa carga estivesse sujeita aos regulamentos ingleses, como acontece com a comercial, ainda neste caso, nada explica o ato das autoridades inglesas uma vez que a mesma a) foi encomendada antes da declaração de guerra; b) já estava paga, como aliás é normal em encomendas desta natureza, antes de 25 de novembro de 1939; c) é apenas complementar de material já recebido pelo Brasil com pleno conhecimento do governo inglês. Salvo a hipótese, que nada autoriza supor, de má vontade desse governo não é possível admitir que à carga oficial do Brasil, de material indispensável à defesa de seu território e à manutenção de sua neutralidade, sejam feitas exigências maiores do que aquelas que se fazem ao comércio em geral.

IX – Este ato, se mantido, viria prejudicar unicamente o Brasil uma vez que a casa Krupp está paga desse material já recebido pelas autoridades brasileiras. Poder-se-á alegar que com este ato visa o governo inglês evitar novos pagamentos à casa Krupp e, consequentemente, disponibilidades alemãs no exterior. Esse argumento parece-nos tão desarrazoado que seria difícil viesse a ser oficialmente invocado. A verdade, porém, é que tem sido referido nas palestras tidas pelos representantes ingleses. A obrigação contratual do Brasil estabelece em caso de guerra e na impossibilidade de ser o material retirado, o seu armazenamento na Alemanha. O governo do Brasil estava retirando o material para Lisboa e havia obtido, por notas trocadas com o governo alemão, que as prestações atuais e futuras fossem em marcos e ficassem depositadas no Banco do Brasil e aplicadas unicamente na aquisição de mercadorias brasileiras a serem indicadas pelo Brasil e que só seriam transportadas após a terminação da guerra. A situação, pois, que o governo inglês está criando é a de nos obrigar ao pagamento, sem qualquer reserva, em virtude de contrato, ficando o material na Alemanha, para ser, talvez, usado contra a Inglaterra e seus aliados.

X – A atitude inglesa só prejudicará o Brasil e, provavelmente, a Inglaterra e seus aliados, e virá favorecer única e exclusivamente a Alemanha e seus aliados que, graças a essa decisão inglesa, ficarão com o dinheiro e o material do Brasil.

XI – A política do bloqueio não nos parece atingida pela facilidade que fizer o governo inglês ao livre trânsito do *Siqueira Campos*, uma vez que o material transportado é de propriedade do governo brasileiro, foi encomendado antes da guerra e foi pago antes de 25 de novembro de 1939 e é constituído de peças, aparelhos e armas complementares de outros que vieram antes com pleno conhecimento desse governo. Aliás, o governo brasileiro não tinha e nem tem, sem prévio entendimento com a Inglaterra, o propósito de transportar material além das importâncias pagas até novembro de 1939, dando, assim, mais uma demonstração de seu espírito de cooperação na situação atual.
XII – Estes fatos e considerações, sem entrar no exame jurídico e político da questão e seus precedentes, parecem ao governo do Brasil de natureza a convencer o governo de Sua Majestade da razão que assiste ao Brasil neste lamentável incidente e o fazem esperar pelas facilidades que pediu para o livre trânsito do *Siqueira Campos*. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 25 NOV. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico. Detenção do *Siqueira Campos* em Gibraltar.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

418 – 25 NOVEMBRO 1940 – Como Vossa Excelência terá visto dos termos de nossa nota, cingimo-nos a um exame objetivo dos fatos, sem entrar em apreciações jurídicas e políticas ou nas consequências que de uma recusa adviriam para as nossas relações, esperando que o governo britânico resolva soltar o navio. *Lord* Willingdon, que se tem manifestado em nosso favor, prometeu telegrafar ao seu governo. Estamos informados de que o governo dos Estados Unidos da América está também fazendo *démarches* em favor do nosso ponto de vista. Declarei ao embaixador inglês que Vossa Excelência entregaria amanhã, pessoalmente, a nossa nota ao ministro de Estrangeiros. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 27 NOV. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico. Detenção do *Siqueira Campos* em Gibraltar.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

427 – 27 novembro 1940 – Referência o seu telegrama n. 581. Informo Vossa Excelência de que o Departamento de Estado, que vinha insistindo havia dias com o encarregado de Negócios inglês, está agora tratando com *lord* Lothian, mostrando a importância de uma solução favorável, não só para o Brasil, como tendo em vista a situação continental. O chefe do Estado-Maior dos Estados Unidos, general Marshall, por seu lado, tem feito pressão sobre *sir* Walter Layton. É nosso maior desejo resolver esse incidente de forma a salvaguardar as nossas boas relações com esse país não estamos, porém, dispostos a sacrificar nossos direitos. exteriores

❖

OFÍCIO • 29 NOV. 1940 • AHI 28/1/11

[*Índice*:] A visita do senhor Molotov a Berlim.

N. 568

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 29 de novembro de 1940.

Senhor Ministro,

Conforme tive ensejo de informar a Vossa Excelência por telegrama, foram aqui recebidas ultimamente certas notícias complementares sobre a recente viagem do senhor Molotov a Berlim.

2. Segundo essas notícias, dignas de crédito, pode ser deduzido que o governo soviético, para evitar qualquer mal-entendido, tinha decidido que o seu ministro dos Negócios Estrangeiros trataria isoladamente, em Berlim, com o governo alemão e que suas conversas ficariam limitadas a questões interessando unicamente à Rússia e à Alemanha.

3. Moscou se recusou a considerar o Eixo como um bloco e não admitiu que a Itália participasse dos entendimentos entre o senhor Molotov e o senhor Von Ribbentropp.

4. O governo soviético ainda menos consentiu em negociações com a tríplice, que constitui hoje uma aliança militar efetiva, entre a Alemanha, Itália e Japão.

5. Desde logo, o senhor Molotov tornou pública a sua opinião, declarando ao ministro chinês, em Moscou, que a União Soviética estava decidida a continuar a apoiar e ajudar o governo do marechal Chang-Kai-Check.

6. O primeiro cuidado do senhor Molotov, regressando à Rússia, foi o de desmentir uma notícia, de origem alemã, divulgada por uma agência americana, segundo a qual os sovietes teriam decidido a conclusão de um pacto com o Japão pelo qual a U.R.S.S. se comprometeria a abandonar a China à sua sorte.

7. As informações acrescentam que, embora as relações anglo-russas atravessem, atualmente, uma fase de frieza, especialmente depois do insucesso dos esforços para estabelecer uma aproximação entre Moscou e Washington, o governo russo decidiu manter sua posição de neutro e em nenhum caso interviria, mesmo indiretamente, no conflito atual. Também em nenhuma circunstância Stalin pensa em se juntar a qualquer potência, ou grupo de nações, contra a Grã-Bretanha.

8. Como compensação, todas as questões pendentes entre o Reich e a Rússia foram solucionadas satisfatoriamente.

9. Assim, por exemplo, a Alemanha teria consentido em retirar suas tropas dos portos finlandeses e outros problemas foram facilmente solucionados de tal forma que, sem discussão, as relações entre Berlim e Moscou ficaram robustecidas.

10. Contrariamente ao que foi divulgado, por uma certa imprensa, as questões afetando o Próximo Oriente e a Ásia Central não foram abordadas, no decurso das conversas berlinesas, se uma troca de impressões tiver sido feita, entre o *führer* e o senhor Molotov, não lograram se concretizar em uma negociação propriamente dita.

11. É, porém, certo que a questão balcânica foi discutida fundamentalmente, sendo permitido crer que o senhor Molotov fez sentir, nessa ocasião, ao governo alemão, não ter interesses vitais no mar Egeu e que não estava diretamente interessado na guerra ítalo-grega, mas que em relação aos estreitos do mar Negro, o assunto devia ser considerado de magna importância para o seu país.

12. Nessas duas zonas – estreitos e mar Negro – a União Soviética deseja absolutamente a manutenção do *status quo* e a extensão da guerra até os Dardanelos e aos países do mar Negro traria diretamente prejuízos aos interesses soviéticos e, tal emergência não poderia deixar de ser encarada senão muito seriamente pela Rússia.

13. Para concluir, o informante alude que, na Turquia, os círculos diplomáticos afirmam que a atitude soviética, em relação aos estreitos, foi compreendida pelo chanceler Hitler, que teria aceito a tese russa, no que se refere ao assunto, mas o teria obrigado a modificar os seus futuros planos militares naquela região.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 29 NOV. 1940 • AHI 28/1/11

[*Índice*:] A futura política latino-americana de armamentos.

N. 570

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 29 de novembro de 1940.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, em anexo, o interessante artigo da revista *The South American Journal,* de 23 do corrente, sobre a futura política latino-americana de armamentos.

2. Pela primeira vez, creio eu, aparece na imprensa britânica um aplauso à política de aparelhamento militar dos países do nosso continente. Até agora, o critério era considerar as somas gastas com uma tal política como sacrifício oneroso para as finanças dos países, que nela embarcavam o que não se justificava, uma vez que não há indústrias locais de armamentos.

3. Mas, em vista do 1 milhão 750 mil alemães existentes na América do Sul e do Centro, cita-se agora o depoimento da viúva do marechal Pilsudski, sobre falta de lealdade da população polaca de origem alemã, com maior número que os cidadãos alemães residentes na Polônia, que apesar da longa radicação e caldeamento poloneses, logo traíram a pátria no momento culminante, revelando claramente que o sangue alemão persiste através] do tempo. Este exemplo da Polônia, diz a referida viúva, foi repetido na Holanda e na Bélgica e poderá verificar-se na América latina. Cita as medidas tomadas pela Argentina para preparar-se contra tal perigo, como as somas que o Brasil está invertendo no seu rearmamento.

4. Passa, em seguida, o artigo de fundo a comentar o caso dos *destroyers* que o governo americano esteve pronto a alugar-nos, propósito que esta revista combateu em tempo, para concluir, julgando que em face do perigo latente dessa incógnita que é Dakar, justifica-se e

impõe-se sem perda de tempo o reforço dos nossos meios de defesa navais e militares.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*: "The future armament policy of Latin-America". *The South American Journal,* Londres, 23 de novembro de 1940.]

❖

TELEGRAMA • 30 NOV. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa. Importação de carne, fruta e outros gêneros da Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

590 – SEXTA-FEIRA – 30 NOVEMBRO 1940 – 17h00 – O ministro da Alimentação, advertindo a população, declarou ontem que os navios com câmara frigorífica estão sendo necessitados para fins de guerra e não será assim talvez possível importar carne na escala anterior, o mesmo acontecendo com as frutas e outros gêneros. Essas declarações confirmam a dificuldade atual da situação do transporte marítimo, referida anteontem na Câmara dos Comuns pelo ministro da Marinha Mercante, decorrente da sensível perda ultimamente sofrida pela ação dos submarinos inimigos e pela crescente necessidade dos objetivos de guerra determinados pelo aprovisionamento do exército do Próximo Oriente. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 30 NOV. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

429 – 30 NOVEMBRO 1940 – Referência aos seus telegramas n[úmero]s 585, 586 e 589. Confiamos na ação de Vossa Excelência em mostrar a

esse governo a necessidade imperiosa de uma solução favorável. Estamos orientando a opinião, procurando conter explorações que visam utilizar este incidente contra a Inglaterra, envenenando o sentimento público, e temos conseguido manter uma atmosfera de expectativa confiante. Será preciso, porém, que a decisão não se faça tardar, pois há naturalmente elementos desejosos de agitar a opinião contra a Inglaterra, e a detenção do navio com o material do governo e numerosos passageiros se presta a isso. Nosso caso é inteiramente diferente do da Argentina, pois não se trata de fábricas, mas de armamentos indispensáveis à defesa. Fábricas como essa que alega a Argentina, desistimos de várias que faziam parte de nossas encomendas, por não terem como justificação uma necessidade imediata para defesa nacional. Convém ter em vista esta distinção fundamental a fim de evitar confusões prejudiciais. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 02 DEZ. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

431 – 2 DEZEMBRO 1940 – A situação a bordo do *Siqueira Campos* com 383 passageiros está se tornando grave pelas dificuldades que está encontrando para o reabastecimento. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 02 DEZ. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

432 – 2 DEZEMBRO 1940 – Com referência à parte final de seu telegrama n. 585, comunico que por nota de 4 de outubro de 1939, fizemos mais categóricas reservas sobre reforma lei presas alemã e sobre lista contrabando. Por nota de 7 do mesmo mês, protestamos contra ameaça captura de navios neutros que mudassem de rumo ou se escusassem à visita, quando navegando em águas inglesas ou francesas. Recordamos então princípios do direito que protegem a navegação neutra. Por nota de 30 outubro protestamos contra a ameaça [*de*] possível destruição

de navios neutros que viajem luzes apagadas. Em vista do perigo da navegação [*em*] águas francesas e inglesas e andarem armados navios ingleses, a Alemanha nos convidava a proibir, à semelhança dos Estados Unidos da América, viagem nossos navios zona de guerra. Por nota 5 de dezembro recordamos que governo brasileiro se reservava o direito de proceder como melhor lhe parecesse e lhe ditassem suas conveniências e que, consequentemente, tornávamos a Alemanha responsável por prejuízos decorrentes da não adoção medidas sugeridas por ela. Por nota 8 de junho protestamos contra minagem das águas adjacentes [*aos*] portos da Bélgica e Holanda e zonas no mar Báltico. Por nota 18, do mesmo mês, protestamos contra minagem portos África do Sul. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 02 DEZ. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Incidente do Itapé.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

434 – 2 DEZEMBRO 1940 – Informo Vossa Excelência de que ao incidente do *Siqueira Campos,* que continua sem solução, se juntaram o do *Buarque*, do Lloyd Brasileiro, do qual em 26 de novembro último retirou o patrulhamento inglês em Port of Spain parte de seu carregamento, e agora a do *Itapé*, de gravidade sem par. O *Itapé*, da Companhia Nacional de Navegação Costeira, viajava a 18 milhas do farol São Tomé rumo a Vitória, quando foi obrigado a parar por um navio inglês armado em cruzador auxiliar e a entregar 22 passageiros de nacionalidade alemã que se achavam a bordo, procedentes de diversos portos brasileiros e destinados à Bahia e a Belém. Protestou o comandante contra a violação da zona de segurança estabelecida pela Conferência de Panamá, ao que lhe respondeu o comandante inglês não reconhecer essa imunidade, mas unicamente a que conferem as águas territoriais de três milhas. O navio esteve detido durante cerca de duas horas e impossibilitado de usar seu aparelho radiotelegráfico. Não há explicação para esses fatos e menos ainda para a sua sequência. Rogo a Vossa Excelência obter que esse governo esclareça os propósitos a que obedecem esses atos de violência, que dão a impressão de fazerem parte de uma política de hostilidade ao Brasil, pois de outra forma não se poderiam compreender tantas derrogações dos princípios do direito e da prática internacional, sem mesmo a justificação da necessidade. Precisamos conhecer o que

está atrás de tudo isso para podermos agir com firmeza em defesa do nosso direito. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 03 DEZ 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

435 – 3 DEZEMBRO 1940 – Resposta ao seu telegrama n. 591. Vossa Excelência pode comunicar a esse governo: I – Que não poderíamos querer violar o bloqueio quando oficialmente e com antecedência demos conhecimento ao embaixador aqui e ao governo aí, por intermédio de Vossa Excelência, da partida do vapor e de que viajaria pela rota normal. Essa alegação não tem, pois, o menor fundamento. II – Não retiramos nem retiraremos os passageiros, os quais têm ordem de só abandonar o vapor se coagidos. Aguardamos a decisão do governo inglês para podermos deliberar em definitivo. Insista por essa decisão. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 04 DEZ. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Incidente com o vapor brasileiro *Itapé* – Guerra.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

436 – 4 DEZEMBRO 1940 – Aditamento ao telegrama n. 434. Comunico a Vossa Excelência, para seu governo, o resumo da nota passada hoje, à embaixada britânica aqui:

> O governo brasileiro protesta formalmente contra o ato do navio de guerra inglês, cujo procedimento é tanto menos justificável quanto não existe preceito no direito internacional que autorize o beligerante a deter cidadãos inimigos a bordo de navio neutro. O *Itapé* que, como de costume, nas alturas do farol de S. Tomé, se afasta da rota normal da navegação costeira, viajava de porto para porto nacional, caso em que não se pode contestar a legitimidade da proteção da bandeira brasileira. Não pode, ao menos ser invocada a restrição do art. 47 da Declaração de Londres, porquanto a Inglaterra não

só não a ratificou senão, há pouco, no caso do *Asama-Maru* [*como*] não reconheceu força obrigatória nos seus princípios. O governo brasileiro reafirma, portanto, como incontestável, o seu direito de transportar cidadãos de países beligerantes de um para outro porto do seu território; exigir uma discriminação entre aqueles, negando a uns o que permite a outros, seria contestar-lhe o direito de ser neutro. Lamenta ter de lembrar ao governo britânico ser este o terceiro atentado, nos últimos 15 dias, contra a navegação pacífica do Brasil e salienta que a opinião pública começa a inquietar-se e talvez possa ver na repetição desses incidentes, propósitos que temos razões para acreditar não estarem na intenção do governo britânico. Esperamos, portanto, que os alemães desembarcados sejam restituídos às autoridades brasileiras. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 04 DEZ. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

437 – 4 DEZEMBRO 1940 – Referência ao seu telegrama n. 593. Chamei hoje o embaixador inglês e disse-lhe que o governo brasileiro precisava obter uma solução para o caso do *Siqueira Campos*, se era intenção do governo inglês reter a carga deixando partir o navio com os passageiros, desembarcar os passageiros retendo o navio e a carga ou continuar detendo o navio, os passageiros e a carga. Para seu conhecimento, informo que conversei hoje pelo telefone com Sumner Welles, que me pôs a par das *démarches* feitas pelo State Departament neste caso. Disse-me ainda esta manhã que pediu *lord* Lothian que telegrafasse diretamente a Churchill insistindo por uma solução favorável ao Brasil. Acrescentou não poder compreender a intransigência inglesa e que o governo brasileiro podia contar com a solidariedade dos Estados Unidos da América. Na hipótese de uma solução favorável ao caso do *Siqueira Campos*, poderá Vossa Excelência a insinuar esse governo que não insistiremos sobre os outros dois casos, de repercussão continental. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 05 DEZ. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa. Situação do consulado em Southampton.

Da Embaixada em Londres

596 – quarta-feira – 5 dezembro 1940 – 16h00 – O ataque aéreo foi extremamente violento no sábado e no domingo, destruindo quase totalmente Southampton, tendo sido o consulado brasileiro atingido por uma bomba explosiva. O cônsul está bem e pede avisar à família. Conseguiu salvar os livros, o código, as estampilhas, o armário de aço e alguns móveis danificados. Sugere o fechamento provisório do consulado, dadas as atuais condições da cidade que está inabitável, havendo paralisação completa do serviço. Parece-me conveniente a transferência do cônsul e auxiliares para outro posto, ou mudança da sede do consulado para Basingstoke, no mesmo distrito, a 30 quilômetros de distância. moniz de aragão

❖

TELEGRAMA • 06 DEZ. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Carnes brasileiras na Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

601 – sexta-feira – 6 dezembro 1940 – 18h00 – Referência ao meu telegrama n. 543. Realizou-se ontem a reunião entre os representantes do Ministério da Alimentação, dos frigoríficos brasileiros e J. de Alencar Neto. O ministério comunicou que, devido às grandes perdas de navios, sofridas ultimamente, foi obrigado a rever e reduzir todo o programa de compras. Ofereceram agora comprar vinte e três mil e quinhentas toneladas de carne frigorificada, inclusive miúdos, sendo a proposta firme e não sujeita ao haver da praça, como anteriormente foi comunicado no telegrama citado. Não insiste na redução dos preços, mas pagará os mesmos do segundo contrato. Comprarão ainda vinte mil toneladas de carne em conserva e mais três e meio por cento dessa quantidade de extrato e carne e concederão licença de importação, no ano próximo, para mil toneladas de outros produtos e de carnes enlatadas. Oferecem preços de carne em conserva, inferiores à ultima venda, insinuando que, no caso de os aceitarmos, poderiam aumentar a quantidade desse produto. Alencar protestou contra a nova diminuição e solicitou esclarecimentos sobre se as compras na Argentina e no Uruguai estavam sendo diminuídas na mesma proporção, dizendo que o Brasil concluiu um acordo de pagamento com o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda

e devia mesmo receber tratamento mais favorável que aqueles países, por não adquirir a Inglaterra muitos dos nossos produtos principais. O ministério respondeu não poder desvendar os algarismos relativos às compras na Argentina e no Uruguai, onde também compraria muito menos, mas poder afirmar que estava proporcionando ao nosso país tratamento equitativo e mesmo favorável. Durante a reunião, o representante do ministério referiu-se à conversação, que se estaria procedendo, entre o Ministério da Fazenda britânico e as autoridades brasileiras, relativamente a certos pagamentos, informando depois, particularmente, que a solução favorável dessas conversações, ligada à dívida comercial e à compensação e encampação das companhias britânicas, muito contribuiria para fortalecer a situação do Ministério da Alimentação perante o da Fazenda, permitindo maior compra ao Brasil. O representante dos frigoríficos, que também funcionam na Argentina e no Uruguai, e bem assim o embaixador aqui, confirmam que houve, efetivamente, grande redução nas quantidades a serem compradas naqueles países. Consta, de boa fonte, que as dificuldades feitas pela Argentina à concessão de créditos à Inglaterra estão demorando a conclusão do contrato de carnes com aquele país. O Ministério competente diz que a proposta de orçamento do Frigorífico Sul-Brasileiro não foi aceita, entre outros motivos, devido à má qualidade de uma pequena partida de produtos dessa companhia, importados no princípio do ano. Prometeu, entretanto, considerar a possibilidade de permitir a importação de nova partida, a título de experiência, a fim de certificar-se de haver melhorado a qualidade. O Ministério receia que a participação do Frigorífico Sul-Brasileiro venha criar uma situação difícil para com os grandes frigoríficos, tendo J. de Alencar Neto assegurado não se oporem as mesmas no que diz respeito às carnes em conserva conforme lhe declararam em fevereiro último e conforme o ofício n. 26, de 7 de março, do delegado do Brasil à conferência de carnes. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 06 DEZ 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Detenção *Siqueira Campos*. Material bélico.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

605 – SEXTA-FEIRA – 6 DEZEMBRO 1940 – 15h30 – Acabo de ser convocado por *lord* Halifax, o qual me informou ter empregado todos

os meios ao seu alcance para solucionar o caso do *Siqueira Campos*, considerando o vivo empenho e interesse do governo brasileiro, e desejoso de sempre testemunhar o apreço em que o governo britânico tem as suas relações com o Brasil. Acrescentou ter sido obrigado a travar grande luta com o ministério competente, o qual considera que o bloqueio ficará enfraquecido se nos fosse dada uma solução favorável. Nessas circunstâncias, e para que o assunto não mais seja retardado, o Conselho de Ministros foi chamado a deliberar e resolveu que, em princípio, o *Siqueira Campos* seja libertado, mas sob certas condições que estabeleceriam compensações ao ato que este governo considera extremamente perigoso para a sua defesa. O ministro dos Negócios Estrangeiros disse ter telegrafado ao embaixador inglês aí para submeter, sem demora, a Vossa Excelência a proposta deste governo que, se for aceita, o *Siqueira Campos* será imediatamente libertado com toda a carga e armamento. Essas condições seriam: um compromisso formal do governo brasileiro de não mais pedir livre trânsito para mercadorias alemãs; autorizar o Lloyd Brasileiro a cooperar no *ship-warrant-schema*; imobilizar os navios inimigos fundeados em portos brasileiros e dificultar as atividades da linha aérea italiana. *Lord* Halifax pediu-me dizer particularmente a Vossa Excelência que muito estimaria se pudéssemos concordar com sua proposta, pois o Ministério do Bloqueio, apesar dessa resolução, está extremamente contrariado, temendo que possam prejudicar a política do bloqueio integral. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 06 DEZ. 1940 • AHI 28/1/11

[*Índice*:] Mês político n. 1[2].

N. 590

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 6 de dezembro de 1940

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o Embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n.12, relativo ao mês de novembro próximo passado.

[*Anexo:*]

Mês político n. [12]

Este mês assistimos a uma viravolta na fortuna militar dos beligerantes. O pêndulo gravita por enquanto para o lado da Grã-Bretanha e suas aliadas. Mussolini ofereceu a oportunidade e a Grécia deu o ímpeto, ajudada pela Inglaterra. Como resultado vemos as forças italianas na Albânia em franca retirada, perseguidas pelos gregos e pela aviação britânica. Os rebeldes albaneses já começam a se erguer contra os seus senhores. Com os portos italianos de embarque e desembarque, dos dois lados do Adriático, seriamente danificados pelos ataques aéreos e à vista da repercussão que o golpe severo sobre Taranto teve no espírito público italiano, não parece que os chefes fascistas possam enfrentar tantos revezes indefinidamente. Não faltam aos italianos tropas de reserva, mas o que não está sendo fácil é lançá-las na brecha. Já transparecem os desentendimentos entre políticos e militares, cada qual culpando o outro pelo presente fracasso.

Somente a Alemanha poderá tirar a Itália das presentes dificuldades. Para fazê-lo teria que atingir a Grécia, através da Iugoslávia ou da Bulgária. A alternativa de deixar a Itália sozinha, a extricar-se do atoleiro, equivalerá a vê-la eliminada da guerra antes do fim do inverno. O golpe sobre o prestígio do Eixo seria desastroso, pois o campo para novas expedições militares ficará *ipso facto* reduzido, assim como cessará guerra submarina contra as comunicações marítimas inglesas. A incursão precipitada da aliada na Grécia é uma causa para embaraços. Para Mussolini, segundo a opinião da imprensa britânica, a posição é desesperadora, de qualquer lado que a encaremos a menos que ele possa obter promessas generosas dos Aliados para cessar a guerra. Se não pedir o auxílio da Alemanha, sofrerá uma derrota que poderá derrubá-lo. E se o fizer, será a um preço tal que deixará bem patente ao povo italiano a imprudência da sua política, formando ao lado de Hitler, pois que a Alemanha só prestará apoio militar à Itália se lhe for assegurado o completo controle das forças armadas e bem assim a entrega do porto de Trieste.

Não podia ser mais mal escolhida a ocasião. Veio num momento em que os chefes nazistas planejavam durante o inverno a subjugação da Europa balcânica mediante uma dupla pressão militar e econômica. Fazia parte essencial do seu plano que os recursos econômicos dessa região fossem imediatamente colocados à disposição dos alemães.

Parece que Mussolini, decepcionado com as conversas de Hitler com o marechal Pétain, das quais resultaria o sacrifício das pretensões

italianas sobre a França, decidiu conquistar sozinho um trunfo. Mas avaliou mal a situação.

É difícil prever o que será a atitude do *führer*. Não lhe convém assistir inativo ao fortalecimento da Inglaterra, com a progressiva expansão do auxílio dos Estados Unidos, que acabarão colocando-se ao seu lado, em vista da participação cada vez mais ativa na guerra.

Enquanto isso se dá, os demais Estados neutros ou não beligerantes do Oriente Próximo mostram entusiasmo pelas façanhas gregas. Assim, ante os revezes militares sofridos pelo parceiro débil do Eixo e a resistência estoica dos ingleses aos ataques violentos pelo ar, a Bulgária e a Iugoslávia estão resistindo à pressão diplomática para que se juntem à nova confederação europeia planejada por Hitler, fugindo ao exemplo da Hungria, da Romênia e Eslováquia. A lista dos países que seriam admitidos à Tríplice Aliança parece ter ficado completa, a despeito do que propalou a imprensa alemã. O rei Boris, além disso, terá sido advertido pela Turquia contra a eventualidade de uma invasão búlgara da Grécia, como pela Rússia, que não estimaria ver se alastrar a guerra pelos Balcãs. As mesmas informações chegam da Iugoslávia.

Também a Espanha teria ficado sugestionada pela inesperada marcha dos acontecimentos na Grécia. A firme decisão do general Franco, de conservar o país alheio à guerra, parece fortalecida. Aliás, a política inglesa tem estado atenta aos esforços que a Alemanha vem fazendo para desbancá-las nas relações comerciais dos dois países.

A conclusão de um acordo mediante o qual créditos em libras serão fornecidos à Espanha para a compra de produtos essenciais, veio demonstrar uma considerável melhoria nas relações entre ambos, e mais confiança, por parte da Inglaterra em que a Espanha não modificará a sua atitude. Não há indicações ainda sobre a última visita do senhor Serrano Suñer a Berlim e a circunstância de que Portugal está muito mais confiante agora sobre o seu futuro é indicativa de que não se espera uma ameaça alemã sobre a península.

Voltou a Londres o general de Gaulle. Duas alternativas se apresentam à sua ação e à do governo britânico com relação ao marechal Pétain e, em particular, ao general Weygand. A primeira é manter uma expectativa prudente da possível mudança na opinião pública francesa. A segunda consiste em prosseguir uma campanha ativa de propaganda pelo rádio, que vem provocando os protestos dos elementos fascistas na França, o que prova que o chefe dos franceses livres logrou forçar o governo de Vichy à defensiva. O fato é que o espírito francês começa

a se reerguer e muito perguntam se realmente não teria havido outra alternativa que a do colapso em junho e se não deveria ter sido continuada a guerra na África. Os dirigentes de Vichy não ousam exercer coação policial para impedir que as irradiações do general de Gaule pela British Broadcasting Corporation, sejam ouvidas.

Convencido de que seus planos no Oriente não darão a vitória rápida de que necessita e ansioso ante o crescente poderio da Grã-Bretanha, Hitler voltou-se novamente para a Grã-Bretanha, numa dupla ofensiva – ataques aéreos sobre cidades industriais e portos, e intensificação do bloqueio submarino.

Os destruidores bombardeios de Coventry, Birmingham, Southampton e Bristol, revelam o início da "Segunda batalha da Grã-Bretanha". Os comunicados britânicos do Ministério do Ar e do Almirantado revelam a intensidade dessa dupla investida. As perdas britânicas no mar estão sendo anunciadas sem rebuços e sem demora. Elas têm sido severas, embora não ainda atinjam os máximos da guerra passada, mas não tão graves quanto quer fazer crer a propaganda alemã. Os comboios continuam a transportar suas cargas valiosas aos portos do Reino Unido e a produção industrial, embora se ressinta desses bombardeios, continua intensa, reparando rapidamente as destruições sofridas.

Nos telegramas quase diários desta embaixada vêm sendo relatados pormenores sobre o que está sendo o efeito dos bombardeios noturnos. Entretanto a população civil vem revelando um espírito indomável. Se o objetivo alemão é auxiliar indiretamente os italianos na sua posição embaraçosa, para impedir que a Inglaterra possa fornecer a cooperação militar que prometeu à Grécia, esse cálculo não parece estar logrando êxito. O auxílio britânico independe das exigências da sua defesa interna, podendo o material requerido no Mediterrâneo, continuar a ser fornecido, pois que é de diversa natureza.

A maior parte desses ataques tem sido indiscriminada e sobre centros urbanos. Tem havido inevitavelmente destruições em Coventry e Birmingham que se estão refletindo de algum modo sobre a produção industrial e bélica.

Segundo informações procedentes da Alemanha e que chegam a Angora, os alemães compreendem que, depois do fracasso italiano no Mediterrâneo, o campo decisivo da guerra volta a ser o Ocidente. Enquanto a Inglaterra não for batida, a Alemanha não pode dar execução a seus grandiosos projetos. Mesmo a França só está conquistada a meio. Vai-se tornando evidente que o marechal Pétain nada

cederá à Alemanha enquanto ele estiver em condições de recomeçar a luta ao lado da Grã-Bretanha com os seus exércitos coloniais e o resto da sua frota. A política do Reich será, portanto, enfraquecer a Grã-Bretanha durante o inverno por um bombardeio impiedoso e pelo bloqueio, na esperança de que uma invasão seja possível na próxima primavera, senão antes.

Ao regressar aos Estados Unidos, *lord* Lothian declarou francamente à imprensa que o momento breve chegaria em que a Grã-Bretanha esgotaria os fundos com que paga suas compras nos Estados Unidos, declaração que foi interpretada como significando que este país estava atingindo o fim dos seus recursos financeiros, e por isso foi muito criticada aqui.

A verdade não é essa. A Grã-Bretanha está longe de ter gasto a totalidade do seu ativo financeiro, ou as suas disponibilidades líquidas em dólares e ouro. Há naturalmente um limite para estas, que na opinião dos entendidos, resistirá até meados de 1941. *Lord* Lothian, porém, conhecedor dos métodos americanos, achou que devia soar o primeiro alarme – de modo a dar tempo para que seja apreciada a situação inevitável no futuro e para que se tomem os passos necessários para remediá-la.

No começo da guerra, as disponibilidades em dólares e títulos americanos somavam a £ 332 milhões e 500 mil. Até outubro foram consumidas £ 210 milhões em compras nos Estados Unidos. A produção de ouro atingiu £ 187 milhões e 500 mil. As encomendas já colocadas ultrapassam nesse período de £ 30 milhões, mas como o pagamento não é adiantado, a dívida inglesa é maior no papel do que na realidade. É certo que a Comissão de Compras britânica tem colocado ordens sem preocupação do custo. Além disso, as encomendas feitas pela França foram assumidas pela Inglaterra. A rapidez do esgotamento está em relação direta com a das entregas. Esta está se intensificando e assim o problema se apresentará mais cedo do que se pensa. Um representante do Treasury, *sir* Frederick Phillips, vai partir para Washington a fim de discutir esses assuntos e expor a situação financeira da Grã-Bretanha.

Do ponto de vista prático, os Estados Unidos não poderão deixar de prestar auxílio. O ímpeto dado à sua indústria e á construção de novas fábricas para atender as encomendas especializadas feitas pela Grã-Bretanha, não pode mais ser suspensa a esta altura sem causar uma séria crise econômica, que ninguém tem interesse em ver surgir naquele país.

Londres, 5 de dezembro de 1940.

Redação do conselheiro J. de Sousa-Leão.

❖

TELEGRAMA • 07 DEZ. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Detenção do *Siqueira Campos*. Material bélico.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

440 – 7 DEZEMBRO 1940 – Resposta seu telegrama 605. Recebemos nota [do] governo inglês. Vamos passar nota dizendo: 1º) Desde que tenhamos livre trânsito para *Siqueira Campos*, desistiremos do material secundário que está no *Bagé;* 2º) Quanto ao plano de *warrant* para navios, sendo o Lloyd Brasileiro empresa do governo, achamos difícil compromisso total, mas aplicaremos com simpatia e na medida do possível as medidas ali propostas para facilitar o trânsito de navios; 3º) A imobilização de navios fundeados em portos brasileiros depende da ação continental, mas estamos dispostos a sondar o terreno; 4º) Apreciamos [o] esforço [de] *lord* Halifax e por nossa parte temos igualmente removido intransigências [e] dificuldades criadas por outros departamentos do governo. EXTERIORES

❖

OFÍCIO • 10 DEZ. 1940 • AHI 28/1/11

[*Índice*:] Situação geral da guerra.

N. 596

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 10 de dezembro de 1940.

Senhor Ministro,

Depois de uma relativa calma, que durou alguns dias, centenas de bombardeios alemães, provenientes simultaneamente das bases nazistas da Bélgica, Países Baixos, e da França efetuaram sobre Londres, na noite de domingo para segunda-feira, um dos ataques mais violentos até agora verificados.

2. Os próprios alemães declaram em seus comunicados oficiais que nessa furiosa investida teriam lançado sobre esta capital 100 mil bombas incendiárias e 700 toneladas de explosivos.

3. Os danos pessoais e materiais foram apreciáveis, tendo sido atingido grande número de edifícios públicos e particulares, inclusive sete hospitais, hotéis e escolas e a estação londrina da British Broadcasting Corporation. Tudo indica que a atividade dos aviadores alemães será intensificada e procurarão repetir a tática destruidora empregada sobre Coventry, Bristol, Birmingham e Southampton.

4. Como acreditam certos críticos militares, devemos esperar nos próximos dias ataques maciços, talvez mais funestos do que os que suportamos nos terríveis dias de setembro e outubro.

5. Não devemos, porém esquecer que desde algumas semanas a defesa antiaérea tem sido muito melhorada e é lícito esperar que os alemães encontrarão sérios obstáculos.

6. O inimigo não é de desânimo rápido, sendo muito possível que, beneficiado pelos nevoeiros do inverno, volte a se ocupar do velho projeto de invasão.

7. Não acredito que o *führer* se limite a preparar a sua grande ofensiva para a primavera e que se contente, durante a atual estação, de algumas ligeiras ações para satisfazer a opinião pública do seu país e se pensarmos diferentemente, creio que poderemos ter perigosas desilusões.

8. Assim vemos que se, desde algum tempo, as expedições aéreas contra Londres têm sido mais moderadas, os alemães não deixaram, entretanto, de atacar violentamente os grandes centros industriais e os portos britânicos. No mesmo momento agiam com grande atividade no mar, intensificando a campanha submarina para infligir perdas à marinha mercante e ao comércio britânico. Não me parece que as coisas fiquem limitadas a isso, pois seria temerário imaginar que o chanceler Hitler suporte sem reação a perda de prestígio que representam para o Exo as derrotas italianas na Grécia e no Mediterrâneo.

9. É notório quanto tem estado ativa a diplomacia do Reich. Ela trabalha com empenho em Belgrado e em Sofia e já os serviços de propaganda do senhor Goebbels recomeçaram a falar sobre a possibilidade de passagem de tropas alemães pelo território búlgaro. Não deixam, porém, os alemães de admitir que, para alcançarem tais fins necessitam que o governo búlgaro seja mudado e que a atitude da Iugoslávia, em relação ao Reich, seja modificada.

10. Não é fácil descobrir quais sejam as outras esperanças que alimentam o *führer* para obter novos e fulminantes êxitos como exige a sua política. No Oriente como no Ocidente o caminho está fechado. Ele pode se gabar de estar bloqueando a Grã-Bretanha, torpedeando

um número considerável de seus navios mercantes, mas ninguém pode estar iludido, pois embora realmente as perdas sejam de grande importância, elas não alcançam, entretanto, o limite que impediria os navios ingleses de continuar a singrar os mares em todas as direções assegurando de fato o bloqueio da Alemanha e da Itália.

11. O mesmo pode ser dito em relação aos bombardeios dos centros industriais britânicos que não criaram até agora dificuldades graves à produção do material de guerra deste país. A situação é, porém, diversa em relação aos recentes ataques da Royal Air Force, na zona metalúrgica e industrial do Ruhr e do Rheno, que foi severamente castigada pelos aviões britânicos e os danos ali causados foram de vital importância. A situação pode ser encarada agora com mais otimismo.

12. Todos os acontecimentos das últimas semanas são de natureza a revigorar a confiança e exaltar a esperança dos britânicos.

13. Somente devem ser previstas ainda muitas horas difíceis e cruéis sacrifícios, pois um inimigo da força do que atualmente este país enfrenta não se deixaria abater sem desferir ainda muitos e duros golpes ao seu adversário.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 11 DEZ. 1940 • AHI 28/1/11

[*Índice*:] O último discurso do senhor Hitler.

N. 599

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 11 de dezembro de 1940.

Senhor Ministro,

A imprensa desta manhã trata longamente do discurso proferido ontem em Berlim pelo chanceler Hitler, julgando ser surpreendente que ele tenha podido admitir que a Grã-Bretanha, nação que anteriormente tinha considerado como vencida e destroçada, possa ainda estar em condições de eventualmente lançar uma ofensiva contra o continente.

2. A opinião geral neste país é que existe um número muito reduzido de pessoas no mundo que se deixe iludir pelas declarações do *führer* quando procura justificar sua inatividade, no que diz respeito a um ataque militar contra a Grã-Bretanha, alegando ser isso consequente a dever aguardar o momento oportuno quando é sabido que por várias vezes ele já tentou a invasão com resultados extremamente negativos.
3. Ainda mais inexplicável é a desculpa em relação ao mau tempo quando este ano o estado atmosférico tem sido dos mais favoráveis para qualquer empreendimento visando um desembarque nas costas britânicas. Os últimos seis meses a temperatura, os mares e o vento têm sido tão bons que a imprensa já tem dito que o tempo estaria se aliando aos nazis.
4. No seu discurso o senhor Hitler não aludiu às derrotas italianas na Grécia e no Egito e foi muito sóbrio em referências a sua aliada.
5. A primeira reação verificada em Londres foi que em geral o *führer* se sentiu obrigado a dar desculpas dos seus atos para levantar o moral dos operários alemães, o qual estaria muito deprimido pelos últimos acontecimentos e principalmente devido aos ataques da aviação britânica.
6. Um outro aspecto do discurso em questão que mereceu comentários foi a referência feita pelo orador ao que ele denomina as "massas brancas". Esta frase será sem dúvida devidamente julgada e causará irritação em todos os impérios coloniais que a Alemanha espera conquistar, como também no Japão, o último aderente ao pacto do Eixo, visto representar exatamente o pensamento do *führer* de que a nova ordem política, que deve futuramente reger o mundo, será somente aplicada pelos povos de raça branca.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 11 DEZ. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico. Detenção [*do*] vapor *Siqueira Campos*.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

444 – 11 DEZEMBRO 1940 – Com referência ao seu telegrama n. 614. Nossa desistência[15] não se limita, com efeito, ao material que está no *Bagé*. É de caráter geral e abrange todo o material de procedência inimiga. O governo espera que, em troca de renúncia tão ampla, esse governo não se recusará a dar satisfação à opinião pública do Brasil, resolvendo favoravelmente os casos pendentes. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 12 DEZ. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico. Detenção do *Siqueira Campos*.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

448 – 12 DEZEMBRO 1940 – Esteve aqui o embaixador da Inglaterra. Disse-lhe que nós havíamos respondido a nota sobre o *Siqueira Campos*, dentro de vinte e quatro horas e que esperávamos que o governo inglês fizesse o mesmo. Tal pode ser a demora da solução desse assunto que anule todos os efeitos do entendimento que buscam ambos os países. A opinião pública aqui, cada vez mais ansiosa, nos obriga a todos os esforços para solucionar a questão. Queira dizer com urgência quando poderemos esperar resposta. EXTERIORES

❖

OFÍCIO • 13 DEZ. 1940 • AHI 28/1/11

[*Índice*:] A vitória britânica no Egito.

N. 604

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 13 de dezembro de 1940.

Senhor Ministro,

O senhor Winston Churchill, na Câmara dos Comuns, declarou ontem que as forças britânicas no Egito tinham obtido uma vitória "de primeira ordem".

2. As notícias ulteriormente recebidas em Londres completam as

15 Acréscimo a caneta: "de transportar". E no fim: "A demora da solução aumenta toda hora a ansiedade geral.".

declarações do primeiro-ministro e assim a ação ofensiva das tropas britânicas naquela região constituem sem dúvida um grande êxito com o prosseguimento do movimento envolvente que logrou a tomada de Sidi Barrani e consequente cerco do exército italiano que ali operava.

3. Os comunicados oficiais já indicam que o número de prisioneiros atinge a mais de 20 mil, incluindo três generais italianos e tudo indica que esse número será elevado, pois tanto o governo britânico com o Estado-Maior do general Wavell tem sempre se mostrado muito modesto e prudente.

4. Por ocasião dos primeiros êxitos, eles pediam ao público não exagerar a importância da vitória e se recusavam a falar da ofensiva quando realmente o ataque foi desse caráter e em grande estilo, terminando por uma sangrenta derrota das forças do general Graziani que se vem juntar aos desastres italianos na Albânia.

5. As tropas operando no Egito são constituídas por elementos britânicos, australianos, hindus e por contingentes franceses, sob a direção do general de Gaulle, auxiliadas por aviadores poloneses.

6. A imprensa celebra com entusiasmo esse grande feito do exército imperial e prevê que a frota italiana será obrigada finalmente a enfrentar a esquadra inglesa ou confessar sua impotência.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 15 DEZ. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico. Detenção do *Siqueira Campos*.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

452 – 15 DEZEMBRO 1940 – A visita hoje, domingo, do embaixador Knox trazendo-nos a notícia da liberação do *Siqueira Campos* foi uma prova, altamente desvanecedora, do interesse desse governo e da boa

vontade de seu representante em pôr um termo a um incidente tão deplorável. Queira aceitar os meus agradecimentos e do governo pela dedicação de Vossa Excelência e de seus auxiliares e manifestar a *lord* Halifax a satisfação com que recebi a decisão do governo inglês, e acompanhei seus esforços. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 17 DEZ. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Material bélico. Detenção do Siqueira Campos.

CONFIDENCIAL

625 – SEGUNDA-FEIRA – 17 DEZEMBRO 1940 – 17h45 – Cumprido as instruções do telegrama de Vossa Excelência n. 452, visitei esta manhã *lord* Halifax, o qual se mostra muito agradecido pelo modo pelo qual o governo brasileiro apreciou seus esforços visando a solução satisfatória do caso do *Siqueira Campos*. Pediu-me dizer a Vossa Excelência que também apreciava a importância do espírito de cooperação e boa vontade que tinha encontrado da parte de Vossa Excelência, o que tanto contribuiu para o feliz resultado. Disse que a demora tinha sido devida ao mal-entendimento determinado pela má interpretação da comunicação da embaixada aí, que podia ser entendida como Vossa Excelência tendo prometido fornecer certa precisão ulterior, mas o assunto tendo ficado esclarecido, cessaram os obstáculos. Pediu que Vossa Excelência dispense o máximo interesse para que o Lloyd Brasileiro se adapte, tanto quanto possível, ao *ship's warrant scheme* e, outrossim, esperava que a imobilização dos navios seria, como Vossa Excelência prometeu, tomada em consideração e que, por sua parte, iria telegrafar a Washington para que os Estados Unidos da América cooperem no sentido de ser obtida uma solução tão rápida quanto possível e satisfatória para todos. Prometeu-me obter do Almirantado providências imediatas para que não seja retardada a liberação do navio. Agradeço sinceramente a Vossa Excelência as generosas referências feitas aos desta embaixada nesta emergência. Sinto-me deveras feliz em ter contribuído com o eficaz auxílio dos meus colaboradores para a solução deste tão desagradável incidente. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 17 DEZ. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico. Detenção vapor *Siqueira Campos.*

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

455 – 17 dezembro 1940 – Rogo providenciar com urgência a ordem de soltura do *Siqueira Campos*. exteriores

❖

TELEGRAMA • 17 DEZ. 1940 • AHI 29/5/16

Índice: Material bélico. Detenção *Siqueira Campos.*

confidencial

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

457 – 17 dezembro 1940 – Estranhamos o atraso da libertação do *Siqueira Campos*. O embaixador inglês aqui, muito aborrecido, atribuiu a demora a possíveis erros de transmissão de telegramas referentes à questão *warrants* que aceitamos em princípio e aplicaremos imediatamente após esclarecimentos de pormenores. exteriores

❖

TELEGRAMA • 19 DEZ. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Material bélico. Detenção *Siqueira Campos.*

confidencial

636 – quinta-feira – 19 dezembro 1940 – 13h00 – Aditamento ao meu telegrama n. 631. Devido às minhas diligências e apesar de libertação do *Siqueira Campos*, recebi, ontem à noite, carta de *lord* Halifax confirmando, por escrito, a ordem dada às autoridades em Gibraltar, concedendo livre trânsito ao referido vapor e explicando uma vez mais que a demora foi determinada pelo atraso incompreensível no recebimento do telegrama que o embaixador inglês aí expediu domingo passado, o que determinou uma investigação. O Almirantado diretamente acaba de me informar que o comandante do *Siqueira Campos* foi autorizado, desde ontem cedo, a seguir viagem livremente e supõe que já tenha largado de Gibraltar. Congratulo-me com Vossa Excelência pela feliz

solução do incidente, salientando a boa vontade e a cooperação que encontrei por parte de *lord* Halifax e do Almirantado. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 30 DEZ. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

651 – SEGUNDA-FEIRA – 30 DEZEMBRO 1940 – 16h30 – Os ataques contra Londres recrudesceram com a máxima violência, sendo que o de ontem à noite foi sem dúvida dos mais terríveis, tendo causado graves danos à população civil, com a destruição de numerosas casas particulares, igrejas, hospitais e museus, sem nenhum objetivo militar, por milhares de bombas incendiárias em escala comparável à dos primeiros ataques de setembro e outubro. Nosso bairro foi mais de uma vez severamente atingido, tendo sido destruída completamente, na nossa vizinhança, a embaixada do Egito, por uma bomba de grande poder explosivo, matando três funcionários. Apesar desta embaixada ter sido cercada por numerosos incêndios, nada sofremos: todos estão bem. Rogo tranquilizar nossas famílias. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 31 DEZ. 1940 • AHI 29/5/3

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

655 – TERÇA-FEIRA – 31 DEZEMBRO 1940 – 18h00 –A situação na França continua muito confusa. Está sendo acompanhada aqui com grande interesse, havendo, entretanto, confiança na resistência do marechal Pétain no que se refere à entrega da esquadra francesa aos alemães. Sabe-se que os Estados Unidos da América estão agindo de forma a apoiar o governo de Vichy contra a pressão de Berlim. O discurso do presidente Roosevelt foi recebido com grande simpatia e considerado eloquente prova da coragem e realismo dos Estados Unidos da América em face dos perigos que atualmente ameaçam o mundo. A definição franca do presidente, considerando os Estados Unidos da América como o arsenal das democracias e sua confiança segura na derrota do Eixo, produziram grande impressão e elevaram ainda mais o moral do povo britânico, disposto a resistir sem vacilação na luta decisiva em

que está empenhado. A intensificação do fornecimento americano de material bélico é considerada susceptível de abreviar a guerra se puder ser entregue imediatamente em grande quantidade. É esperada a reação alemã e parece cada vez mais evidente que, sem excluir a possibilidade de uma próxima ação inimiga do Mediterrâneo visando Gibraltar, tudo leva a crer que a Alemanha realmente está ativamente renovando o seu material de guerra para tentar, sem demora, fulminante ataque contra a Grã-Bretanha. O feroz bombardeio de domingo, com propósito de destruir Londres pelo fogo, foi interpretado, em círculos competentes, como operação preliminar de invasão. Continua a reinar completa confiança nos meios de defesa adotados pelo governo, que conta com a cooperação incondicional de toda a população. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 31 DEZ. 1940 • AHI 28/1/11

[*Índice*:] O discurso do presidente Roosevelt.

N. 633

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 31 de dezembro de 1940

Senhor Ministro,

O presidente Roosevelt pronunciou domingo um importante discurso que foi aqui amplamente divulgado pela imprensa e pelo rádio, tendo tratado novamente dos assuntos de que já em outras ocasiões tinham preocupado sua atenção, pondo agora um ponto final na preparação psicológica do povo americano no que diz respeito a uma completa cooperação anglo-americana.

2. Investido pela terceira vez do mandato presidencial, apesar da tradição solidamente estabelecida, fortemente apoiado pela maioria no Congresso, o presidente Roosevelt pode orientar os destinos de sua pátria na direção que lhe parece mais propícia para assegurar o triunfo do ideal da liberdade e da democracia que ele compartilha com os seus nacionais.

3. Uma vez mais ele demonstrou ser um terrível adversário dos regimes totalitários, explicando com veemência que as ambições de hegemonia da Alemanha, Itália e Japão, claramente indicadas no Pacto Tríplice, constituem uma ameaça direta para os Estados Unidos e para a América do Sul.

4. Também no seu discurso demonstrou os perigos das doutrinas de apaziguamento, contra tentativas de uma paz de compromisso, denun-

ciou a nefasta propaganda dos teuto-italianos nos Estados Unidos e demonstrou as consequências a que poderá arrastar a Europa.

5. Manifestou grande confiança na vitória da Grã-Bretanha, prometendo todo o seu apoio para uma ajuda sempre crescente a este país, declarando solenemente que os Estados Unidos devem se transformar no arsenal das democracias.

6. O presidente Roosevelt jamais fez declarações tão vigorosas e francas e seu discurso é sem dúvida um aviso, um convite à ação de auxiliar eficazmente a Grã-Bretanha e um ato de fé.

7. A opinião pública britânica e os círculos autorizados, ligados ao Foreign Office, acolheram as palavras do presidente Roosevelt com verdadeiro entusiasmo.

8. Em geral são esperad[a]s fortes reações na Alemanha e na Itália, sendo provável que o *führer* e o *duce* respondam sem demora aos ataques do presidente dos Estados Unidos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

1941

OFÍCIO • 02 JAN. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice:*] Mês político n.1.

N. 1

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 2 de janeiro de 1941.

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n.1, relativo ao mês de dezembro próximo passado.

[*Anexo*]

Mês político n.1

Ao encerrar-se o mês e o ano, estão os ingleses triunfantes por terem obtido primeiro êxito em terra. A vitória do Deserto, à medida de que se divulgam pormenores, cresce de vulto.

A captura de 40 mil prisioneiros a custa de mil perdas somente é um fato por si só mais que eloquente. Testemunha sagacidade na direção, perfeita eficiência e cooperação entre as três armas: exército, marinha e aviação. Essa vitória, juntamente com os contínuos sucessos gregos na Albânia, veio justificar as recentes disposições estratégicas britânicas.

A Alemanha goza da vantagem de operar centrifugamente. A declaração do primeiro-ministro, há duas semanas, nos Comuns, demonstra claramente o muito que isso significa, ao revelar que os canhões e os tanques despachados para o Egito em julho e agosto passados, para a batalha de dezembro, tiveram que seguir via cabo da Boa Esperança, consequência de quem é obrigado a operar centripetamente.

Os alemães, no centro da Europa, podem jogar as suas tropas para qualquer ponto bem mais rapidamente que os seus adversários podem mover as suas de um ponto da periferia para outro. Naturalmente esse exemplo geométrico é demasiado simplista. Na realidade o problema complica-se com considerações de transporte, circunstâncias geográficas e estratégicas. Contudo, salta aos olhos que é mais fácil ao estado-maior alemão mover as suas tropas da Alemanha para a Itália ou para Espanha, do que ao estado-maior britânico mover tropas da Inglaterra para o Egito dando volta à África, o que o obriga a preparar seus planos com maior antecipação para poder mandar tropas a um determinado sítio em determinado momento. Não basta ao Comitê de Guerra tomar deliberações acertadas em face de dados conhecidos. Impõe-se, ao contrário,

estar sempre adiantado sobre o inimigo. Essa preocupação de prever todas as eventualidades, revela quanto é essencial não perder de vista a perene preparação contra qualquer ataque sobre as Ilhas Britânicas, pois de nada serve ganhar batalhas em outros continentes se não for possível repelir o inimigo da sua própria casa. Por isso, como disse o senhor Winston Churchill, "precisamos manter um grande exército", quando mais não seja, como precaução contra erros de previsão.

A criação de uma região militar no Oriente foi, em tempo, pouco comentada, mas foi uma dessas medidas de longo alcance, agora coroada de êxito. Serve para demonstrar, além disso, ao Japão, o novo parceiro do Eixo, que os acontecimentos na Europa e na Ásia não fizeram com que a Grã-Bretanha esquecesse a importância de salvaguardar seus interesses na China e no Pacífico.

Tal como se apresenta à Grã-Bretanha, a posição estratégica atual é a seguinte: o Império Britânico combate em duas frentes e está de sobreaviso numa terceira. No Atlântico está forte e cada dia que passa vai-se fortalecendo (sempre, naturalmente, que consiga conter os ataques contra os seus comboios marítimos procedentes dos Estados Unidos e do Canadá), mas ainda é cedo para que ela tome a ofensiva. No Mediterrâneo ela pôde fazê-lo, tendo podido, ao que parece, infligir uma vitória decisiva à Itália. No Pacífico, mantém ativa vigilância sobre o Japão, cuja vista tem que se dirigir para dois lados ao mesmo tempo: a Europa e a América.

Face ao Império Britânico, ainda não de todo armado, está a Alemanha com a sua prodigiosa máquina de guerra, ainda tateando para desferir o golpe contra a ilha-fortaleza, consciente ambos de que só essa ação será definitiva.

Tendo fracassado na tentativa de impor a sua força aérea sobre a Royal Air Force, a Alemanha vê-se obrigada a esperar um segundo inverno de guerra, época impropícia para campanhas na Europa, salvo no Mediterrâneo, onde, aliás sua aliada está mais carecida de auxílio, do que em posição de dá-lo.

Se a trincheira vital no Atlântico resistir, o tempo será um fator favorável para a Inglaterra à medida que se vai estendendo a ajuda material norte-americana; se, ao contrário, esta puder ser seriamente abalada, então o tempo trabalhará para a Alemanha. Este fator também está do lado daquele que fabricar os mais modernos aparelhos de guerra. A demora na ofensiva contra a França e a Bélgica permitiu à Alemanha construir nas usinas Skoda os novos e aperfeiçoados carros de assalto, que foram a principal causa do colapso francês.

A conclusão a tirar dessas reflexões, à parte outros fatores que também exercem influência, tais como a atitude da Rússia e o problema do petróleo, é que nos próximos meses deve-se contar com uma tentativa alemã para restabelecer o equilíbrio perturbado pelos desastres italianos, a pedido de Mussolini ou mesmo contra a oposição italiana. Mas, independentemente desses esforços, Hitler não descuidará a preparada invasão da Grã-Bretanha pelo ar ou pelo mar, já ou na primavera.

As modificações introduzidas pelo ministro das Finanças no sistema de empréstimos correspondem às exigências de uma guerra prolongada. Até a data, além das Cadernetas Econômicas (*Savings Certificates*) e dos Títulos da Defesa (*Defence Bonds*) fez dois apelos ao público: um empréstimo de guerra de 300 milhões de libras a três por cento e a oferta ilimitada de Títulos de Guerra (*War Bonds*) a prazo curto e juros de dois e meio por cento, prorrogáveis por um ano. Mas a inovação mais significativa consiste em novas apólices de prazo médio (25 anos), ao juro de três por cento. Essas apólices são mais atraentes que as outras, só vencem num prazo relativamente afastado da guerra. É grande o contraste entre os juros pagos na guerra passada (cinco por cento) e na presente (entre dois e meio e três por cento). A manutenção dessas taxas tão reduzidas não seria justificável caso pudesse afugentar os capitais. Desde novembro de 1939, isto é, 13 meses, *sir* Kingsley Wood declarou ter o governo obtido 1.269 milhões de libras de empréstimo, resultado verdadeiramente apreciável, que excedeu as expectativas. Talvez seja o máximo que se possa esperar em face dos impostos aumentados e na falta da compulsa[ção] desejada por Keynes, que previa o fracasso da subscrição voluntária.

Entretanto, os esforços não podem ser diminuídos. Impostos e empréstimos, porém, não bastarão para cobrir o custo da guerra. Já se avaliam as despesas do governo em dez milhões diários.

Não é somente na redução dos juros que se registra progresso sobre a Guerra Mundial, mas também na diminuição do consumo, ajudada pelo racionamento introduzido a tempo. Mas ainda há muito que fazer nessa direção, a julgar pelos clamores da imprensa, e o melhor meio de conseguí-la está na popularização dos *Savings Certificates*, que tolhe os gastos em coisas supérfluas, enquanto provê o indivíduo com uma útil armadura para os dias difíceis que se hão de seguir à guerra.

Encerrou-se, a 19 de dezembro, a sessão do Parlamento, tendo nessa ocasião o primeiro-ministro discorrido sobre a guerra. Nesse discurso, o senhor Churchill afirmou que o ano de 1940 se encerrava

tendo passado uma etapa importante na longa estrada a percorrer até a vitória final. Há apenas seis meses este país estava empenhado numa luta que, no estrangeiro, julgavam desesperada para a defesa da sua existência. Hoje, disse ele, nossa posição estratégica é ainda a de defensiva – uma nação semiarmada a combater outra poderosa, que já atingiu o seu ponto de saturação. O ano de 1941 abrirá possibilidades que não nos foi dado até agora aproveitar, isto é, poderemos desafiar tal inimigo. Mas até lá devemos estar prontos para uma ofensiva formidável, em que ele tentará impedir-nos a mudança dos papéis.

A recrudescência da campanha submarina, que parecia dominada faz um ano, voltou a ser inquietante, devendo a tarefa de arrestá-la ser a principal preocupação do momento. Da mesma maneira há que estar preparado para o assalto às Ilhas Britânicas. O perigo da invasão não passou e o inverno oferece vantagens que contrabalançam os inconvenientes da estação. Como os alemães compreendem que, só desferindo um golpe decisivo contra estas, poderão ganhar a guerra, antes que a Grã-Bretanha possa completar o seu equipamento, deve a nação – continua o senhor Churchill – estar preparada para o ataque direto "na próxima primavera, amanhã ou esta noite".

Isto no continente, pois no outro teatro da guerra, foi possível aos ingleses iniciar essa nova fase estratégica. Em face de um inimigo mais fraco – o parceiro do Eixo – e depois de revelado essa fraqueza na Albânia, graças à bravura e patriotismo dos aliados gregos, o exército do Nilo preparou com cautela a sua reação, escolhendo uma feliz oportunidade para iniciar a ofensiva fulminante que empreendeu contra forças superiores em número. A grande vitória obtida pelas divisões do general Wavell, em Sidi Barrani não custaram mais que 72 mortos e 738 feridos. Os prisioneiros feitos entre as tropas italianas e líbias já se aproximam de 40 mil, sendo que ainda duas divisões metropolitanas e legiões de Camisas Negras se encontram sitiadas em Bardia e não poderão escapar ao cerco que logo lhes movem as divisões motorizadas e o bombardeio da marinha britânica. É muito provável que, ante a impossibilidade de se remeter auxílios da Itália, os italianos sejam totalmente eliminados da Líbia, como depois o hão de ser na Somalilândia e possivelmente na Abissínia, onde já se estão revoltando as tribos entusiasmadas pelas vitórias inglesas.

Os alemães constatam com decepção o contraste entre as qualidades militares dos seus aliados e às das tropas britânicas, às quais se renderam corpos inteiros de exército. O senhor Churchill não acusou

os vencidos de falta de brio ou valor e atribui o fracasso à causa, que não era de ordem a inflamar os ânimos nessa guerra impopular a que os arrastou um tirano: "Foram tanto tempo controlados e disciplinados, sem responsabilidades na direção do país – continua ele – que não sentiram aquelas emoções viris que são a base das ações militares".

Poucos dias depois dirigiu-se novamente o senhor Churchill ao povo italiano, por ocasião do Natal, procurando dissociá-lo do *duce*.

Outro discurso que teve animadora repercussão neste país foi o do senhor Roosevelt, pronunciado ao mesmo tempo que a *City* de Londres estava sendo alvo de um ataque destruidor e sem objetivo militar. Pela primeira vez a posição dos Estados Unidos, ao lado da Grã-Bretanha, foi exposta inequivocamente: "Nenhum ditador ou combinação de ditadores enfraquecerá nossa determinação de auxiliar a Grã-Bretanha, por ameaças". Com ênfase e precisão, o presidente enunciou o princípio de que a Inglaterra, sendo a primeira linha de defesa dos Estados Unidos, cabia a este país tornar-se o arsenal para as democracias que defendem ideais comuns, numa emergência que é tão grave quanto a própria guerra.

⌘⌘⌘⌘

Para suceder a *lord* Lothian foi nomeado embaixador em Washington, *lord* Halifax. Essa nomeação, que foi unanimente aprovada neste país e não menos bem recebida nos Estados Unidos como uma distinção sem precedente (um secretário de Estado deixar o posto para assumir uma embaixada), obrigou a importantes modificações ministeriais. Em consequência foram promovidos dois dos mais jovens membros do governo, os senhores Anthony Eden e David Margesson. Eden como Beaverbrook são dos ministros mais chegados a Churchill. Pode-se ter como certo que o novo secretário de Estado executará uma mais agressiva política exterior. Seu substituto na pasta da guerra era o enérgico *leader* conservador na Câmara dos Comuns. É um organizador capaz e ativo, que vinha prestando uma colaboração leal ao primeiro-ministro. Os dois ministros seguirão com maior harmonia ainda, se possível, a diretiva do chefe do governo, que é ao mesmo tempo ministro da Defesa.

O senhor Eden, no Foregin Office, entra para o War Cabinet, do qual só fazia parte em função consultiva. *Lord* Halifax não perde a sua qualidade de membro, mas de Washington não poderá ter influência nas suas deliberações.

Neutralidade da Irlanda

A semana passada o senhor de Valera apelou para os amigos da Irlanda nos Estados Unidos a fim de que ajudassem o seu país a

obter de lá material bélico e comestíveis, apelo que até agora não foi respondido. O presidente Roosevelt, entretanto, aludiu ao Eire na sua *fireside chat* de domingo, 29 de dezembro: "Se os nazis ganhassem, poderia a independência irlandesa ser excepcionalmente mantida num mundo sem liberdade?". Suas palavras deixam bem claro que o presidente abandonava a neutralidade pela não beligerância, quanto ao povo americano, enquanto que o senhor de Valera mostra igual ênfase no seu propósito de manter o Eire rigorosamente neutral.

Em vista dessa diversidade de vistas, será muito mais difícil que os Estados Unidos possam auxiliar o aprovisionamento da Irlanda. O último pedido de Washington para o salvo-conduto de um navio, a fim de reconduzir cidadãos americanos, foi rejeitado por Berlim.

Grande parte das perdas marítimas britânicas verificam-se ao largo da costa irlandesa. A esquadra britânica está obrigada agora a fazer a tarefa que na guerra passada estava repartida entre cinco esquadras aliadas. Com menor número de *destroyers* à sua disposição para patrulhar o Pacífico, o Mediterrâneo e o Atlântico, a tarefa de proteger os comboios que saem de Cardiff, Liverpool e Glasgow tornou-se infinitamente mais difícil. Isso revela a importância das bases navais que a Grã-Bretanha dispunha no Eire e de que abriu mão em 1937.

Ora os Estados Unidos não parecem inclinados a mandarem a sua frota mercante ao Eire sem maior garantia do que a que existe. Assim a resposta à [*solicitação*] de Valera depende tanto da atitude que o seu governo assuma, como da de Washington, isto é, da boa vontade com que venha a acolher as sugestões do governo britânico no sentido de uma maior colaboração.

A divisão de opinião de Irlanda continua. 50% dos irlandeses são anti-britânicos e estão convencidos de que a vitória alemã é a garantia da união irlandesa (norte-sul) e da sua independência. O elemento pró-britânico, contudo, não opta pela alternativa da invasão do país pelas tropas britânicas estacionadas na Irlanda do Norte e advertem de que uma ação prematura reacenderia a guerra civil.

O prestígio pessoal de Valera, porém, tem diminuído. Sua ação enérgica contra os extremistas republicanos alienou-lhe esse elemento, ao passo que a conduta de imparcialidade não é do agrado dos anglófilos.

Londres, 2 de janeiro de 1941.

Moniz de Aragão

(Redação do conselheiro J. de Souza-Leão)

TELEGRAMA • 07 JAN. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Missão *lord* Willington.

Da Embaixada em Londres

13 – terça-feira – 7 janeiro 1941 – 19h00 – Fui convocado hoje pelo novo ministro dos Negócios Estrangeiros para entrar em contato direto depois de sua recente posse. Na entrevista foi extremamente cordial pedindo-me assegurar a Vossa Excelência o seu vivo desejo de cooperar com decidido empenho no constante fortalecimento dos vínculos que unem os nossos países, recordando a velha e tradicional amizade anglo-brasileira. Em nome do primeiro-ministro encarregou-me de manifestar a gratidão do governo britânico à fidalga recepção que foi dispensada recentemente à missão de *lord* Willingdon cujos relatórios acabam de ser aqui recebidos, o que foi também muito apreciado pelo próprio rei da Inglaterra que, acrescentou o ministro Eden, dispensou especial interesse à referida missão. moniz de aragão

❖

TELEGRAMA • 11 JAN. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Acusações infundadas contra dois funcionários da embaixada do Brasil.

secreto

Da Embaixada em Londres

18 – sábado – 11 janeiro 1941 – 13h45 – O subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros comunicou-me em caráter confidencial a denúncia recebida pela polícia contra Frederico Chermont Lisbôa e Edmundo Barbosa da Silva de estarem servindo clandestinamente aos interesses do governo de Vichy. Combinaram que o assunto seria urgentemente esclarecido com a mútua colaboração do Foreign Office e desta embaixada sem prejuízo dos privilégios diplomáticos, tendo, porém, eu declarado imediatamente ao subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros responder sem reservas pela honorabilidade desses meus colaboradores. O inquérito foi feito com a máxima presteza, sendo acompanhado pelo conselheiro de embaixada Joaquim de Souza Leão Filho. Ontem o subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros deu-me conhecimento dos resultados da investigação que provaram serem completamente infundadas as acusações, lamentando em nome do

seu governo o ocorrido. Encarregou-me de agradecer a ambos funcionários as facilidades prestadas para a elucidação do caso, pelo desagradável equívoco e, outrossim, por meu intermédio, de apresentar-lhes desculpas assegurando que prosseguirá a ação criminal contra os caluniadores.

Prometeu-me confirmar essas declarações por escrito. Remeto a Vossa Excelência pela mala diplomática ofício. Muito me apraz consignar que mais uma vez pude verificar a perfeita correção e honorabilidade desses dois funcionários, em tudo correspondendo à confiança que ambos sempre me mereceram. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 13 JAN. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Proteção interesses italianos.

Da Embaixada em Londres

20 – SEGUNDA-FEIRA – 13 JANEIRO 1941 – 13h15 – Rogo informar ao governo italiano que, dentro de quinze dias, deverá partir um vapor conduzindo o cônsul e cidadãos alemães para Lisboa, onde receberá de volta funcionários britânicos procedentes da Alemanha. Sondamos a possibilidade de realizar-se o primitivo entendimento entre o Foreign Office e o embaixador italiano para repatriar certo número de italianos. O Foreign Office concordou, em princípio, contanto que os arranjos não atrasem a partida. Será possível embarcar cerca de 300 pessoas, sendo necessário que o governo italiano consulte o governo alemão sobre se não vê inconveniente nesse embarque, bem como o governo português quanto ao desembarque, em trânsito, em Lisboa, dos referidos passageiros. Rogo instruções com a máxima urgência. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 13 JAN. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] O acordo germano-russo.

N. 23

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 13 de janeiro de 1941.

Senhor Ministro,

Por uma coincidência, talvez forçada, no mesmo dia em que o presidente Roosevelt enviava ao Congresso a sua mensagem pedindo

uma ajuda total à Grã-Bretanha, o governo de Berlim assinava em Moscou acordos econômicos que a propaganda hitleriana fez acompanhar de comentários entusiásticos destinados, sem dúvida, a dissimular a gravidade da decisão dos Estados Unidos.

2. Trata-se na realidade de acordos complementares aos tratados de 19 de agosto de 1939 e de 11 de fevereiro de 1940, baseados na troca de cereais e petróleo russos por maquinarias alemãs. Isso representa a conclusão de longas negociações e o resultado final do que ficou combinado em Berlim no decorrer das conversas do senhor Molotov quando ali esteve recentemente.

3. Naquela época, 12 de novembro último, o senhor Hitler tinha procurado apresentar essa visita como devendo produzir um maior entendimento entre os soviéticos e a Alemanha e mesmo arrastar Moscou a se incorporar ao pacto do Eixo enquanto Stalin sempre salientou o caráter puramente econômico da entrevista, reafirmando os seus propósitos de neutralidade no atual conflito.

4. Sem querer diminuir a importância das relações econômicas entre a Alemanha e a Rússia deve, contudo, ser observado que elas não representam nenhum papel preponderante no desenvolvimento da guerra na proporção que os nazis lhe emprestam.

5. Não me parece que exista nenhuma relação entre os acordos germano-soviéticos de 10 desse mês e o projeto total de auxílio à Grã-Bretanha o qual, sob o ponto de vista político e material, constitui um fator decisivo para ajudar este país a ganhar a guerra.

6. Tanto Hitler como Stalin não podem ignorar esse fato, mas ambos não querem que tal fato transpareça claramente nos seus países.

7. Enquanto isso Moscou vai aproveitando da necessidade presente da Alemanha e não seria estranho que o *führer* chegue a conceder ao ditador do Kremlin a posse de Memel, outrora julgado pelo governo de Berlim como vital para a sua defesa.

8. A imprensa de Moscou se prevalece do ensejo para recordar que, na sessão dos *soviets* em 1939, o governo russo declarou desejar manter relações pacíficas com todos os países enquanto não constituam ameaças para os interesses ou para o território da União Soviética e assim estaria disposto a concluir acordos econômicos com todas as nações, beligerantes ou não.

9. Não resta dúvida que ainda desta vez Stalin foi vencedor, pois, além dos acordos comerciais que seriam favoráveis à Alemanha, mas de execução sempre aleatória, existe um outro de caráter definitivo, referente à delimitação da fronteira germano-russa consagrando todas as

aquisições polonesas e bálticas feitas pela União Soviética com o abandono pela Alemanha de todas as posições comerciais que ela outrora ocupava nos Estados bálticos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 14 JAN. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] As relações anglo-americanas.

N. 28

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 14 de janeiro de 1941.

Senhor Ministro,

O projeto de lei apresentado pelo presidente Roosevelt ao Congresso americano trará à Grã-Bretanha o auxílio o mais completo que um país em paz pode dar a um outro em guerra.

2. Não serão somente os arsenais, as usinas, as fábricas, os estaleiros de construção naval dos Estados Unidos que ficarão ao serviço deste país.

3. O governo americano ficará também autorizado a comunicar a Londres todas as informações interessando a defesa nacional e a permitir a exportação de qualquer artigo ou mercadoria do mesmo gênero.

4. As bases militares, navais e aéreas americanas poderão ser utilizadas sem restrição pelas forças britânicas e como diz o comunicado oficial, publicado em Washington, um cruzador de batalha inglês poderá recorrer aos arsenais americanos para ser reparado.

5. Nessa luta pela defesa das democracias contra os Estados totalitários a maior república do mundo traz ao maior de todos os impérios o seu concurso total. O presidente Roosevelt não poderia dar mais à Grã-Bretanha exceto a sua decisão de manter o seu país fora da guerra.

6. Quanto caminho foi percorrido desde o início do verão passado quando os Estados Unidos, depois do colapso da França, duvidavam da capacidade de resistência da Grã-Bretanha. Os acontecimentos rapidamente modificaram a situação e revelaram tanto aos americanos como aos britânicos a comunhão dos seus ideais e do seu destino, precipitaram essa

evolução, já anunciada pelo senhor Churchill no fim de agosto, operando essa maior união progressiva das duas grandes democracias de língua inglesa cuja torrente, como disse o mesmo primeiro-ministro, corre tão caudalosamente como a do Mississipi "inexorável, irresistível e benéfica".

7. É incontestável que *lord* Halifax, o novo embaixador britânico em Washington, será um novo traço de união entre o povo inglês e o povo americano. Ele será, como disse o *New York Times*, na luta comum o agente de ligação entre a frente de batalha e o arsenal.

8. Antes de sua partida para os Estados Unidos ele teve ensejo de conhecer o senhor Hopkins, amigo pessoal do presidente Roosevelt, aqui chegado há poucos dias, que lhe teria transmitido o modo de pensar e as preocupações da opinião americana.

9. Antes de se empenhar mais a fundo, se assim exigir a situação, o presidente Roosevelt deseja saber exatamente, para explicar ao seu povo, porque ele deve envolver a América na guerra e, em outros termos, estimaria conhecer precisamente os fins de guerra da Grã-Bretanha.

10. Não cogita ele de estabelecer qualquer acordo fixando distribuição de territórios ou estabelecendo zona de influência, mas de um entendimento de ordem geral no que diz respeito aos princípios básicos para a nova organização do mundo resultante da presente guerra.

11. A definição dos objetivos da guerra em que este país está empenhado representa, para o presidente Roosevelt, o complemento do imenso trabalho que ele está exigindo da indústria de guerra americana. A mobilização rural do povo norte-americano é inseparável da mobilização material da sua indústria. Essa dupla tarefa deve ser conduzida paralelamente para assegurar o máximo rendimento da máquina de guerra americana.

12. Toda a imprensa e a opinião pública britânica está ansiosa de ver qual a reação alemã em face dessa atitude do presidente americano e em geral todos se surpreendem que o senhor Hitler, tão fácil de perder a paciência e de se exasperar com qualquer acontecimento que contrarie seus interesses quando praticado por países fracos, continue tão conciliante e aparentemente calmo em relação à grande República americana.

Aproveito para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 20 JAN. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Comentários sobre a entrevista Hitler-Mussolini.

Da Embaixada em Londres

35 – SEGUNDA-FEIRA – 20 JANEIRO 1941 – 17h00 – As possíveis consequências da entrevista entre os chefes de governo alemão e italiano estão sendo consideradas aqui com o máximo interesse. Os círculos autorizados acreditam que a conversa teria girado em torno de entendimentos sobre o futuro desenvolvimento da guerra, principalmente auxílio para a Itália e a intensificação da ofensiva aérea contra a Grã-Bretanha no Mediterrâneo a partir das bases italianas, não sendo excluídas as possibilidades de entendimento para um ataque de surpresa sobre Gibraltar, nos Balcãs e diretamente contra as Ilhas Britânicas e tal plano estaria dependente da colaboração que ainda poderá ser prestada aos alemães pelos italianos. O governo britânico resolveu adotar medidas severas a fim de impedir a propaganda comunista que aqui está sendo feita, tendo havido recentemente um grande congresso, provocando indignação geral os discursos pronunciados, quando toda a nação unida trabalha e luta para impedir que o país seja dominado pelos regimes extremistas. Um informante autorizado disse que foram expedidos, dos Estados Unidos da América para a América do Sul, agentes secretos e devem ter chegado aí, por via aérea, vindo da Itália, munidos de fundos necessários e instruções para fazer a propaganda favorável ao Eixo e agitar a política interna, aproveitando os elementos descontentes e da oposição, de modo a perturbar a vida dos nossos países e impedir que possamos ajudar os Estados Unidos da América e a Grã-Bretanha de qualquer maneira; outrossim, devem tratar de desorganizar a nossa indústria de exportação e de todo modo destruir, possivelmente, as que trabalham para os países inimigos do Eixo e seus meios diplomáticos. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 21 JAN 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] Artigo "Despertar da América".

N. 47

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 21 de janeiro de 1941.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o incluso

artigo do senhor J. L. Garvin, intitulado o "Despertar da América", comentando a significância dos recentes discursos do presidente Roosevelt e do secretário de Estado.

2. Diz esse jornalista, diretor de um dos mais importantes órgãos da imprensa, que, de uma maneira ou de outra, o destino das futuras gerações será determinado pelo presente conflito, quiçá, para todo o tempo. Os Estados Unidos e o continente americano estão diretamente envolvidos nessa luta de ideologias. Uma vez derrotada a frota britânica, a esquadra americana ficará à mercê das esquadras totalitárias e do Japão. O sistema nazi e o de seus associados dominaria os continentes, avassalando os impérios coloniais europeus na África e na Ásia.

3. Dada a proximidade da costa africana da brasileira, nesta época do submarino e do avião, a posição da América Latina será tão vulnerável, que não escapará à hegemônica megalomaníaca da raça alemã. A doutrina de Monroe ficaria letra morta, bem como as condições afortunadas que o nosso hemisfério vinha gozando, à sombra dessa doutrina.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo:* "American's Awakening". *The Observer*, Londres, 19 de janeiro de 1863.]

❖

OFÍCIO • 23 JAN. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] A situação política.

N. 59

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil.
Londres, 23 de janeiro de 1941.

Senhor Ministro,

Três acontecimentos de ordem política acabam de ser verificados e por casualidade no mesmo dia, isto é, a 20 do corrente mês. Todos são de natureza a exercer uma influência considerável no decurso da guerra.

2. Um é a posse do presidente Roosevelt que assim inicia seu terceiro mandato presidencial nos Estados Unidos; o outro é o encontro em

Berchtesgarden dos dois chefes de governo do Eixo e o terceiro é o discurso proferido pelo ministro dos Negócios Estrangeiros do Japão, em Tóquio.

3. Os Estados Unidos da América, a Europa e o extremo Oriente, por assim dizer todo o mundo, está assim agitado e convulsionado pela desorganização geral oriunda do que foi provocado pelo imperialismo germano-ítalo-nipônico.

4. Em plano mais afastado, como um cenário de fundo, pode ser apreciado o último discurso do presidente Roosevelt aqui considerado como uma de suas mais belas, nobres, e vigorosas orações, tanto para a defesa da democracia, como da liberdade e das forças morais e cristãs da humanidade.

5. "Os Estados Unidos não podem recuar", e essa vontade clara e precisa do presidente americano, apoiada pela quase unanimidade do seu povo, explica a atitude da Tríplice, a entrevista do *führer* e do *duce*, e as declarações do senhor Matsuoka.

6. O Eixo sentiu o golpe. O êxito político incontestável que o senhor Hitler acaba de lograr junto ao governo de Vichy e que o protege a oeste e mesmo no Mediterrâneo não compensa, no entretanto, as derrotas do senhor Mussolini na Grécia e na Líbia, a fraqueza imprevistamente revelada do regime fascista e de seus recursos, a fermentação da Europa Oriental, onde a Romênia está em completa anarquia, a Bulgária cada vez mais hesitante e resistente às pressões de Berlim, e a Grécia enfrentando valentemente o inimigo contra quem luta sem lhe dar tréguas com grave ameaça para o prestígio italiano.

7. Nessas condições os ditadores reconhecem a necessidade de agir com urgência e mormente antes que o "terrífico apoio americano" de que já falou o senhor Wilkie, possa impedir que o Eixo desfeche o tão anunciado golpe mortal contra o Império Britânico nas suas Ilhas, no Mediterrâneo, e nos Balcãs.

8. Uma diversão no Extremo Oriente seria muito propícia para ocupar os Estados Unidos, e paralisar sua ação na Europa.

9. O gabinete de Tóquio parece disposto a se prestar a esse jogo da Alemanha. No discurso que o senhor Matsuoka pronunciou na Dieta japonesa, recordando suas declarações anteriores, admitiu o caráter automático da participação eventual do Japão nas operações militares do Eixo, fez ameaças em relação às Índias neerlandesas e principalmente à Indochina e convidou os Estados Unidos a se manterem fora do atual conflito devendo, porém, reconhecer a hegemonia do Japão no extremo Oriente.

10. A Tríplice, agora mais do que nunca dirigida pelo senhor Hitler, parece que está reunindo suas forças para uma grande ação. A propaganda alemã empresta à entrevista de Berchtesgarten e ao discurso do ministro japonês o valor, não somente de um importante aviso e seria a indicação do início de uma fulminante ofensiva em todas as frentes.
11. Os comentadores italianos nas suas irradiações de ontem e anteontem seguem o mesmo sistema de ameaças.
12. Dizem que os ataques germano-italianos nos mares, nos ares e no Mediterrâneo serão cada vez mais intensos e que não restaria à Grã-Bretanha senão setenta dias para receber o golpe de graça. Acrescentam que a nova guerra relâmpago que a Alemanha está preparando com um cuidado minucioso, será muito mais violenta que a verificada nas campanhas da Polônia e da França.
13. Desde logo um fato é evidente. Na Polônia como em França, a aviação alemã não encontrou resistência por parte dos aliados, pois a aviação francesa era quase nula e a britânica ainda não dispunha dos elementos com que conta atualmente e cuja ação tem sido das mais eficazes e brilhantes. De outro lado devemos considerar que a Itália não consegue, sem a ajuda alemã, restabelecer a sua situação militar e assim sua aliança será cada dia um peso maior para o Reich.
14. O Japão pela sua parte está impossibilitado fisicamente de levar a bom termo a conquista da China e de assim fazer a guerra com probabilidades de êxito contra os Estados Unidos.
15. O auxílio americano à Grã-Bretanha está em pleno desenvolvimento.
16. Assim o esforço germano-italiano, ainda mesmo apoiado pelo Japão, não oferece grandes probabilidades de imediato e definitivo resultado como deseja o *führer,* mesmo porque a Grã-Bretanha está pronta para todas as eventualidades e decidida, como disse o senhor Churchill em Glasgow, há poucos dias, a não ceder um palmo do seu território ao inimigo ainda que isso custe a vida de todos os ingleses.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 25 JAN. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Vitórias inglesas na África. Possibilidade de invasão da Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

44 – SÁBADO – 25 DE JANEIRO DE 1941 – 13h30 – O governo britânico, embora sem grande nervosismo, está encarando a possibilidade de Londres ser vítima de nova série de ataques aéreos mais intensos, se possível, do que os que já sofremos. Caso isso se verifique e a situação fique ainda mais grave, também sob o ponto de vista de uma possível tentativa de invasão, fui, confidencialmente, informado sobre a possibilidade de que a população civil seja evacuada, a fim de melhor permitir a defesa desta capital. Sei que o Foreign Office, neste caso, obedecendo a um antigo plano, providenciará para a localização do corpo diplomático em zonas de, relativamente, menor perigo. Prevejo críticos momentos para os próximos sessenta dias, mas julgo que a resistência e o preparo das forças britânicas, cada vez mais eficientes, ainda vencerão o atacante. Todo o país confia animado, com uma coragem sem limites e excelente moral, robustecido pelas recentes vitórias na Líbia. O *Times* e outros jornais salientam a declaração do ministro dos Negócios Estrangeiros, rebatendo os boatos tendenciosos, de origem alemã, sobre as relações anglo-portuguesas, referentes à pouca simpatia pelo atual regime português. Nessa declaração, o ministro dos Negócios Estrangeiros salienta a cordialidade anglo-lusitana, acrescentando que a vitória britânica significará uma garantia dos direitos de todas as nações e da defesa de sua independência e que jamais o Império britânico intervirá nos negócios internos de outros países, nem imporá qualquer governo ou regime. Notícia oficial indica que, em Tobruk, foram aprisionados 14 mil italianos, entre os quais quatro generais e um almirante, tomados 200 canhões, sendo que as baixas britânicas atingiram apenas a 500 homens, entre mortos e feridos. Prosseguindo na campanha anticomunista, o governo apreendeu a edição do jornal *Daily Worker*, proibindo sua publicação, assim como a do hebdomadário *Week*, também comunista. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 28 JAN. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] Carbonados. Compra de 50% da produção brasileira pela Alemanha.

N. 70

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 28 de janeiro de 1941.

Senhor Ministro,

O *Daily Telegraph* de hoje diz que, segundo notícia publicada pelo jornal *P. M.*, dos Estados Unidos, uma organização de contrabando de diamante está operando em grande escala no Brasil, para assegurar a continuação do funcionamento da máquina de guerra alemã. Cerca de 50% da produção de carbonados está sendo adquirida pela Alemanha, a preços altíssimos. Sem isso, algumas das indústrias de guerra vitais daquele país seriam obrigadas a deixar de trabalhar dentro de seis meses.

2. Consta, diz o referido jornal, que o embaixador alemão no Rio de Janeiro, senhor Kurt Prüfer, dirige as atividades dos peritos em diamantes que estão invadindo o nosso mercado e exportando essa pedra para fora do Brasil. Berlim teria dito a Prüfer que nada deve impedir sua ação no sentido de adquirir o controle dos nossos suprimentos. *Sir* Geoffrey Knox, embaixador britânico, teria fornecido ao governo brasileiro provas de que o senhor Kurt Prüfer está fazendo sair os diamantes do país na mala diplomática alemã, fugindo assim às taxas de exportação e infringindo as regras de direito internacional.

3. Nosso governo parece ter conhecimento de tudo, mas hesitaria em pedir a retirada do representante alemão, para não prejudicar as relações germano-brasileiras. Além disso, não é seguro que a Grã-Bretanha comprará os carbonados, se forem encerrados os negócios com a Alemanha. Os agentes britânicos, por seu lado, não podem interceptar os diamantes, surpreendendo os agentes nazis na volta das regiões diamantíferas, por medo de prejudicar as relações com o Brasil.

4. O *P. M.*, diz mais que os diplomatas italianos no Rio de Janeiro auxiliam essa exportação, mandando as malas diplomáticas pelos aviões da Lati para Roma, via a África do Norte.

5. Em contradição com o que afirmou quando disse não ser seguro que a Grã-Bretanha comprará os carbonados, o *P.M.*, alega que os círculos interessados do Rio de Janeiro souberam que as autoridades britânicas querem deslocar os alemães do mercado, fazendo um grande esforço para comprar toda a produção.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 29 JAN. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Proteção interesses italianos.

Da Embaixada em Londres

51 – QUARTA-FEIRA – 29 JANEIRO 1941 – 12h30 – Resposta ao telegrama de Vossa Excelência n. 33. Angelo Lauria, provisoriamente em Londres, voltará à Ilha de Man caso não seja concedida a repatriação pela qual já estávamos trabalhando e seu nome incluído na lista que submetemos às autoridades competentes. As negociações para a repatriação de italianos estão infelizmente em suspenso por falta de resposta ao meu telegrama n. 20, de 13 do corrente. A partida do navio foi fixada para os próximos dez dias. Este governo necessita, urgentemente, resposta do governo italiano sobre duas consultas feitas no referido telegrama. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 30 JAN. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] Perspectivas da guerra.

N. 77

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 30 de janeiro de 1941.

Senhor Ministro,

O período que estamos atravessando é caracterizado por uma espécie de pausa na ação hitleriana exatamente como sucedeu há seis meses, antes da ofensiva aérea contra a Grã-Bretanha, e antes das invasões da Noruega, da Bélgica e da Holanda.

2. O *führer* várias vezes empregou essa tática que consiste em manter uma expectativa ansiosa para despistar seus adversários.

3. O senhor Goebbels procurando definir o método da guerra alemã declarou anteontem que este consistia essencialmente no emprego das

alternativas de "pausas longas e criadoras" e de "batalhas fulminantes e dramáticas" e assim o chanceler Hitler durante os meses em que parece menos ativo faz seus preparativos, amadurece suas decisões e mantém o espírito guerreiro do povo alemão. Ele trata, e isso não foi dito pelo senhor Goebbels, de minar e destruir o moral dos outros povos.

4. No que se refere aos preparativos alemães deve ser mencionada a constante progressão dos reforços militares que o Reich está mandando para a Romênia, a penetração discreta dos "especialistas" na Bulgária, na Iugoslávia e a viagem a Berlim do ministro da Guerra húngaro.

5. Em Ancara os meios militares e políticos começam a ver nesses movimentos os sinais precursores de uma ofensiva para a primavera em direção à Salônica.

6. Quanto à preparação moral devem ser considerados dois fatos que embora diametralmente opostos agem no mesmo sentido sobre o espírito público nos Balcãs. Um, é o exemplo da Romênia que tendo tudo cedido à Alemanha tudo perdeu, e o outro é que a Grécia, tendo batido a Itália, demonstrou que nem sempre a reação contra países mais fortes é negativa.

7. Os nazis da Bulgária e da Iugoslávia podem ver atualmente, examinando a situação da Guarda de Ferro romena, com que desembaraço Hitler abandona e não hesita em trair os seus amigos quando o seu interesse está em jogo.

8. O *führer* continua empregando o método de obter o máximo de vantagens com o mínimo de risco. Daí suas ameaças e brutalidades alternadas com amabilidades simuladas e promessas que vai fazendo a Sófia e a Belgrado.

9. Na própria Grécia ele se esforça de lançar a indecisão e o desânimo, mas parece difícil vencer o moral de um povo vitorioso que tem o apoio do mundo inteiro e que sabe poder contar materialmente com a Grã-Bretanha e a Turquia.

10. Assim a situação psicológica e moral nos Balcãs é contrária aos projetos do *führer* e se ele quiser impor ali sua vontade deve recorrer à força.

11. É também com a força e com a sua própria, pois os italianos estão desfalecendo, que ele deve entrar no Mediterrâneo, no Atlântico e na Mancha para prosseguir a guerra e principalmente atacar a Grã-Bretanha.

12. Nesse fato devemos encontrar a explicação das palavras pronunciadas pelo almirante Raeder que anunciou há poucos dias a agravação da guerra naval sob todas as formas para aniquilar a potência naval inglesa e inutilizar os centros vitais do Império britânico impedindo totalmente o seu abastecimento.

13. Seja qual for a evolução que tomar a guerra e por mais violenta que seja a ação alemã todos aqui têm a impressão de que a Grã-Bretanha está preparada para enfrentar toda e qualquer eventualidade e repelir o inimigo.

Aproveito o ensejo para reiterar o Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 31 JAN. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Discurso do Chanceler Hitler.

Da Embaixada em Londres

54 – SEXTA-FEIRA – 31 JANEIRO 1941 – 17h30 – O discurso de Hitler é considerado aqui como constituindo uma ameaça ao continente americano, receoso do eficaz auxílio americano e, no seu conjunto, relativamente moderado [e] sobretudo reservado mas, dele não podem ser tiradas conclusões, pois parece destinado a dar confiança ao seu povo, não deixando parecer suas futuras intenções. Os preparativos da defesa do país continuam ativamente na previsão de um ataque fulminante, que fontes autorizadas supõem deva ser tentado durante o mês de fevereiro, quando as correntes marítimas e marés são mais favoráveis na Mancha. Nos últimos dois dias as atividades aéreas foram mais acentuadas tendo fracassado os grandes ataques, com bombas incendiárias, de ontem e anteontem, graças a ação da defesa passiva. *Mr.* Wilkie, em visita oficiosa, continua sendo muito festejado e suas declarações são francamente favoráveis à política de completa cooperação e auxílio dos Estados Unidos da América. Sua visita ao presidente da Irlanda está despertando maior interesse não sendo excluída a possibilidade, também, de uma visita a Vichy. A nova vitória britânica na África foi recebida com grande entusiasmo. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 31 JAN. 1941 • AHI 30/1/1

Índice: Guerra [na Europa]. Forças militares dos países em guerra.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À Embaixada em Londres

40 – 31 janeiro 1941 – Rogo enviar informações minuciosas acerca da situação militar desse país, decorrente da guerra, principalmente no que se refere às características das suas forças, organização do alto comando e suas relações com o governo, armamento e estimativa das massas mobilizadas. exteriores

❖

OFÍCIO[1] • 31 JAN. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] O último discurso do chanceler Hitler.

N. 78

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 31 de janeiro de 1941.

Senhor Ministro,

O *führer* alemão pronunciou ontem um discurso cheio de divagações, de repetições de assuntos já por ele tratados, com as mesmas recriminações sobre o Tratado de Versalhes, de idênticos ataques contra a Grã-Bretanha, as democracias, os judeus, os emigrados políticos, renovando certas falsas e audaciosas afirmações sobre a política alemã nos últimos tempos, concluindo com palavras tranquilizadoras para o seu povo afirmando que a Alemanha não morrerá de fome e nem será batida.

2. Poucos trechos foram considerados de maior importância e alguns silêncios mereceram atenção.

3. O chanceler Hitler toma o *duce* sob sua proteção reconhecendo os embaraços atuais do seu parceiro, admite seus infortúnios, mas declara-se fiador da honra de Mussolini na sua amizade com o Reich e da vontade da Itália de prosseguir a luta.

[4]. Fez uma ameaça aos Estados Unidos e mesmo ao continente americano considerando a Europa como seu espaço vital e que tanto a Alemanha como a Itália não permitiriam aos americanos de se imiscuir nos seus negócios.

[5]. No momento em que o Congresso de Washington discute o projeto de lei sobre a ajuda total à Grã-Bretanha o *führer* entende dever ameaçar com o torpedeamento todos os navios americanos. É uma manobra de intimidação bem conhecida, complementar das que já tentou sem êxito

1 No original, numeração repetida a partir do terceiro parágrafo.

e mais especialmente da empregada há poucos dias pelo ministro dos Negócios Estrangeiros do Japão, instigado por Berlim.

[6]. Contra a Grã-Bretanha ele anuncia no seu discurso em termos vagos que desfecharia golpes onde e sempre que puder e que começará na primavera a guerra submarina com a mais forte intensidade possível.

[7]. Deve ser notado que desta vez o *führer* não se referiu à organização da Europa nem de suas relações com os demais países e nem fez a menor alusão à situação da França. Não alude também a nenhuma das operações em curso ou em preparação e não pronunciou uma única vez a palavra invasão.

[8]. A imprensa londrina e os círculos mais autorizados consideram esse discurso como relativamente moderado e sobretudo reservado, aliás, como exige a presente situação.

[9]. Com efeito, desde junho último, Hitler tem tido que enfrentar graves dificuldades militares e diplomáticas que não cessam de aumentar. Ele não pode senão enaltecer o passado e prometer um lindo futuro para manter o moral do seu povo e intimidar a América.

[10]. O marechal Göring em uma mensagem especial e Goebbels recebendo Hitler no Sportpalast de Berlim tocaram o sinal de reunir em torno do *führer,* fazendo entrever as graves dificuldades que se anunciam para as próximas semanas.

[11]. Não é possível tirar conclusões extras desse discurso que se desenvolveu em generalidades, sem nenhuma precisão.

[12]. A palavra foi dada ao homem para esconder o seu pensamento e esse provérbio pode ser aplicado especialmente ao senhor Hitler e a seus discursos de 30 de janeiro de 1936, quando ele declarou querer afirmar ser um elemento pacífico entre as nações, pois no dia 7 de março seguinte invadia a Renânia; em janeiro [*de*] 1939 ele dizia que somente os belicosos acreditavam ser possível uma guerra e reafirmava sua aparente convicção que o mundo teria uma longa era de paz e no entretanto seis meses depois atacava furiosamente a Polônia.

[13]. No momento atual ninguém se ilude na Grã-Bretanha e todos acreditam que se aproxima o momento mais grave desde o início da presente guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 31 JAN. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] Artigo de *madame* Tabouis.

N. 81

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 31 de janeiro de 1941.

Senhor Ministro,

A título de informação, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, o incluso recorte do *Sunday Dispatch*, de 26 do corrente, contendo a correspondência semanal de Nova York feita pela conhecida jornalista francesa, madame Tabouis.

2. Nesse artigo dedica quatro parágrafos à questão do material bélico comprado para as nossas forças armadas na Alemanha e ao bloqueio britânico, para dizer, com a nota sensacional que caracteriza as suas reportagens, que os nossos círculos militares, influenciados pela propaganda alemã, teriam pedido ao senhor presidente Getulio Vargas que declarasse guerra à Inglaterra, e que brevemente os Estados Unidos negociariam alguma forma de aliança com os países sul-americanos para contrarrestar a influência dos países do eixo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*:] *The Sunday Dispatch,* Londres, 26 de janeiro de 1941.

Madame Tabouis

President Roosevelt is planning another extremely important step - the creation of a giant overall Control Board which would, in fact, give the government command over whole the economic, commercial and financial life of the United States.

• Such a move would give the President a power in America as absolute

as Hitler's in Germany. Yet, in spite of Mr. Roosevelt's fears, the first reaction among American business circles to this plan has been excellent.
• At the same time, I found an extremely favourable reaction among the important leaders of american finance whom I interviewed during the inauguration ceremonies in Washington.
• Their unanimous opinion was for America to enter the war immediately, as they fear that Hitler may, anyway, plunge the U. S. into war within two months by attacking Singapore - with Axis friend Japan as the attacker.
• It must be said that among the general American public, and the women particulary, there is a feeling that the United States should not participate in the war at this juncture.
• The policies of the State Department also reflect the evolution of ideas which President Roosevelt is impressing upon all americans today.
• A few days ago, the brazilian leader, President Vargas, informed the State Department of the following very interesting fact. Military leaders of his general staff, influenced by nazi propaganda, requested him to declare war upon England because the british blockade was harmful to brazilian interests:
• President Vargas replied that his decision would be made only after consultation with President Roosevelt. Surrounded with great mistery, the affair was reported to the State Department. As a result, pro-nazi papers in Brazil which published news unfavourable to the United States have been banned.
• Well informed circles anticipate that, within the very near future, an agreement of some sort between the United States and Brazil will be announced.
• The State Department today realises that speedy action is necessary for the total alliance of south american countries with the United States - or else one will see ties being established between these States and the Axis Powers.
• Signing of the new Russo-Japanese agreement has excited much comment in Washington and caused the State Department to examine very carefully a report they had just received from London. In this, Mr. Harry Hopkins, the U. S. envoy in London, stressed Mr. Anthony Eden's wish that the United States should make some rapprochement gesture towards the Soviet.
• To this report must go the credit for the lifting of the United States moral embargo against the Soviet which followed.
• This is simply an American gesture of good will. Moscow would like to obtain U. S. machinery to extract oil from Russian wells. But United

States officials know that if the russians produce more oil than they need the surplus would go to the japanese or the nazis. Nevertheless, the State Department felt at this moment, when the Moscow government is establishing ties with Tokyo, it was necessary to make a courteous gesture towards the Soviet.

• There is no doubt that a russo-japanese rapprochement in the Far East would have consequences as fatal as those the russo-german pact has had.

• The State Department is eagerly awaiting the arrival of Robert Murphy to find how efficient assistance can be given to the Allies in North Africa.

• Washington experts believe that if Britain captures Italy's next big port, Benghazi, the germans, to stop the italian disaster, would have to attack Gibraltar and French Morocco.

• Hitler's plan is that the italians should divert as large a number of british troops as possible when he launches the great spring attack he plans against Great Britain.

❖

OFÍCIO • 31 JAN. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] Inquérito sobre propaganda britânica no Brasil.

N. 83

CONFIDENCIAL

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 31 de janeiro de 1941.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de informar a Vossa Excelência que, desde algum tempo, o governo britânico vem se preocupando seriamente com o desenvolvimento da propaganda ítalo-alemã no nosso país e na Argentina e assim resolveu proceder a um inquérito, tendo disso encarregado uma personalidade que suponho tenha sido o senhor Ortiz Echagüe que goza de toda confiança deste governo, e tem em Buenos Aires uma posição de real destaque na imprensa, pois é um dos redatores principais de *La Nacion*, o qual agiria ligado ao Serviço de Informações deste país.

2. Esse jornalista teria viajado com tal fim por toda a América do Sul e mesmo já publicou no seu jornal, em Buenos Aires, artigos referentes a este assunto.

3. Vim a saber desse fato em conversa com o embaixador argentino que confidencialmente me forneceu uma cópia da informação recebida pelo Foreign Office no que se refere ao Brasil.

4. Junto remeto a Vossa Excelência cópia desse documento com o pedido do embaixador Le Breton de ser feito uso extremamente confidencial para que não seja descoberto pelo governo britânico a origem de nossa informação.

5. Disse-me ainda o embaixador argentino que no referente ao seu país o relatório indicava certa preocupação de ordem política devido à atual crise ali reinante, e que estaria sendo explorada pelos elementos do Eixo com o fim de ser preparada uma revolução com um golpe extremista. Há dias, tendo circulado o boato de que o governo do Reich enviará como embaixador para Buenos Aires o senhor Von Papen, isso pareceria indicar que, de acordo com os seus sinistros precedentes, ele iria assumir aquele posto para dirigir com a sua notada habilidade e astúcia esse movimento, mas a notícia, segundo me disse o embaixador argentino, não passou de projeto, mas parece ter entrado nas cogitações do governo de Berlim, o que é bastante sugestivo.

6. Tratando-se de informações emanadas de tão boa fonte, apresso-me em levá-las ao conhecimento de Vossa Excelência para os fins convenientes.

Aproveito para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*] CONFIDENCIAL

Situación del esfuerzo propagandístico británico en los Estados Unidos del Brasil

La impresión recogida por los observadores británicos con respecto a la situación del esfuerzo propagandístico que el gobierno del Reino Unido en el Brasil, es que acaso sea esta República aquella en la cual han alcanzado menos éxito.

Las razones que se aducen para explicar esta circunstancia son las siguientes:

a) la vastedad del país y el hecho de que los interesas de Rio de Janeiro y de São Paulo sean, a veces, divergentes.

b) la fuerza de la importante minoría alemana.

c) el criterio estricto y, según dicen, en ciertas oportunidades parcial del censor.

d) la orientación de la prensa, que en ninguna otra República de Sud América incluye tantos diarios favorables el Eje.

e) la falta de organización del servicio de prensa de la embajada británica en Rio y la alegada inadaptabilidad del agregado de prensa, para el desempeño eficaz de sus funciones.

Se hace notar, por otra parte, que la opinión pública es, en general, favorable. Además, el servicio de noticias de la agencia *Havas* surtía a 27 importantes diarios, y ha de ser continuado en adelante por la agencia *Reuter*, lo que constituye una evidente y considerable ventaja.

Los observadores lamentan la forma de actuar del agregado de prensa, *mr.* Abbott, caballero que fue durante 20 años cónsul general de S. M. en São Paulo. Se extrañan de su parsimonia en invertir los fondos de que dispone; de que no aproveche de su condición de católico para insinuar su propaganda a través de los círculos clericales; de que no haya establecido contactos con los ambientes universitarios, que se consideran favorables a la causa británica; de que sus relaciones con la prensa en general se limiten a atender al *Correio da Manhã*, despreocupando la vinculación con todos los demás periódicos, a cuyos representantes – se insinúa – trata con una frialdad que está en desacuerdo con la hidalga tradición de cortesía del país; de que resienta toda forma amistosa de observación.

Notan, sin embargo, que el embajador lo sostiene en toda forma, fundado, según referencias personales, en que la principal ventaja del agregado es precisamente la de que, como hace muy poco o nada, difícilmente habrá de crear situaciones comprometedoras para su jefe.

De resultas de los viajes de observación cuyos resultados de refieren, se ha tratado de coordinar y conciliar la acción de la Oficina de Prensa de la Embajada, el Comité de Propaganda de Rio de Janeiro y la Cámara de Comercio Británica. Las casas comerciales, que habían venido subscribiendo unos 30 contos mensuales para propaganda, han convenido en que trataría de reunir unos 100 contos para dicho objeto, con los que se contratará, como primer medida, un especialista en publicidad cuyos servicios serán compartidos con el Comité de São Paulo, y un empleado de prensa propiamente dicho, destinado a mantener los contactos con los diarios de la Capital.

El mismo criterio se aconseja para São Paulo, donde el cónsul general, según se refiere, está distanciado del embajador en Rio, de la Cámara de Comercio local y del agregado de prensa, vale decir: de todo el mundo. Los británicos consideran a São Paulo como el más "fascista" de

todos los centros importantes de Sud América contemplan, por lo tanto, con alarma el hecho de que el cónsul general se niegue a circular folletos o cartas de propaganda sino en un número ridículamente inadecuado. Han reorganizado por consiguiente sus servicios, en forma similar a la adoptada en Rio, y reunido a este efecto unas £ 1.000 mensuales.

En términos generales, el esfuerzo propagandístico británico en el Brasil parecería que debiera dirigirse, en la opinión de los observadores, hacia contrarrestar la propaganda y sobre todo la influencia alemana; a mantener los intereses británicos libres de la amenaza potencial que significa el movimiento integralista.

❖

TELEGRAMA • 03 FEV. 1941 • AHI 30/1/1

Índice: Proteção de interesses italianos.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

45 – 3 FEVEREIRO 1941 – Consta ao governo italiano que esse governo estaria propenso a conceder tratamento diverso aos prisioneiros de guerra italianos, segundo pertençam ao exército ou a milícia fascista, concentrando os primeiros em campos separados dos últimos. Em caso de ser procedente a notícia, o governo italiano, que não reconhece para essa discriminação nenhum fundamento jurídico, nem militar, ameaça medidas de retorsão. Outrossim, em face da declaração, feita (nos Comuns) a 28 de dezembro pelo ministro da Guerra britânico, de que esse governo estaria disposto a transportar para a Inglaterra parte dos prisioneiros de guerra, com o fim de suprir a falta de mão de obra, o governo italiano deixou constante que o transporte de prisioneiros para a Inglaterra em navios ingleses os exporia a riscos que contrariam a Convenção de Genebra sobre prisioneiros de guerra. Rogo a Vossa Excelência averiguar a procedência de ambas as notícias e responder-me com a possível urgência. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 04 FEV. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Forças militares dos países em guerra.

Da Embaixada em Londres

60 – terça-feira – 4 fevereiro 1941 – 12h30 – Os círculos políticos continuam preparados para a anunciada e próxima ofensiva alemã contra a Grã-Bretanha. Com a chamada da classe de 1919, haverá quatro milhões de homens em armas, exercitados e equipados, dispondo de armas automáticas, protegidos por elementos blindados e motorizados e tanques prontos para atuar na primeira linha de batalha. As forças aéreas contam atualmente com uma reserva de pilotos para mais do dobro dos aparelhos existentes, cujo número cresce num ritmo progressivo com o auxílio norte-americano, na razão de mais de mil por mês. A Guarda Nacional foi mobilizada, constando de um milhão e quatrocentos mil homens, e a defesa da costa, segundo a opinião dos técnicos, é constantemente reforçada e considerada de primeira ordem. O exército inglês que está operando na África é calculado em cerca de 400 mil homens. As informações correntes indicam que a próxima intensificação de guerra, aérea e submarina, visa paralisar a indústria de guerra e abater o moral da população, por falta de víveres, com violentos ataques sobre as principais cidades e centros industriais britânicos, para desorganizar a vida do país e, principalmente, a tentativa de invasão. Nesse intervalo, a Itália, ajudada pela Alemanha, tentaria uma ofensiva sobre Salônica, através da Iugoslávia, e Hitler trataria de ocupar a Turquia e, possivelmente, invadir Portugal e Espanha para isolar completamente a Grã-Bretanha. Na previsão dos próximos acontecimentos, a população foi aconselhada a armazenar víveres para duas semanas. moniz de aragão

❖

TELEGRAMA • 4 FEV. 1941 • AHI 30/1/1

Índice: Proposta do Conselho Internacional do Açúcar.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

47 – 4 fevereiro 1941 – Referência ao seu telegrama n. 53. O Instituto do Açúcar e do Álcool julga que seria da máxima importância fixar para o Brasil um novo contingente de 80 mil toneladas, equivalente à exportação realizada pelo Brasil no período-quota de 1º de setembro de 1939 a 31 de agosto de 1940. Caso não seja possível obter a fixação desse contingente, deverá ser defendida a quota integral de 60 mil toneladas, inicialmente instituída. Todos os esforços deverão ser envidados também para que deixe de vigorar a redução de 10%, imposta ao nosso

contingente de exportação, desde o segundo período-quota, fixado pelo Conselho Internacional do Açúcar. EXTERIORES

❖

OFÍCIO • 06 FEV. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] *Ship Warrant Scheme.*

N. 100

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 6 de fevereiro de 1941.

Senhor Ministro,

A pedido do Ministério da Marinha Mercante, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, em anexo, cópia da carta de 31 de janeiro último, acompanhada de uma tradução e de três anexos, em que o ministério elucida as disposições do *Ship Warrant Scheme*, com relação à navegação neutra.

2. Como diz o referido documento, aquele ministério espera que o governo brasileiro possa demonstrar às companhias de navegação brasileiras a vantagem em fazerem uso desses *Ship Warrants*, pois de outro modo seus navios podem ficar sujeitos a que lhes sejam negadas facilidades para navegação nos portos controlados pelo governo britânico.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 06 FEV. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Proteção dos interesses italianos.

Da Embaixada em Londres

66 – QUINTA-FEIRA – 6 FEVEREIRO 1941 – 12h15 - Referência ao telegrama de Vossa Excelência n.45. Nenhuma discriminação sendo feita entre prisioneiros pertencentes ao exército ou à milícia fascista, todos são estritamente tratados segundo a Convenção de Genebra. Ainda nada

foi definitivamente assentado, quanto ao transporte para a Inglaterra. Fizemos representação às autoridades competentes, no sentido indicado pelo telegrama de Vossa Excelência. O problema da distribuição dos prisioneiros está sendo estudado, de modo a achar-se ocupação remunerada, evitando a inatividade nociva. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 06 FEV. 1941 •AHI 29/5/4

[*Índice*:] Proteção interesses italianos. Evacuação de civis italianos na Abissínia.

Da Embaixada em Londres

67 – QUINTA-FEIRA – 6 FEVEREIRO 1941 – 12h30 – O governo britânico está seriamente preocupado com a situação dos civis italianos residentes na Abissínia, principalmente mulheres e crianças, ameaçados pela revolução ajudada pelas tropas britânicas. O ódio ali reinante contra os italianos será dificilmente contido, por isso, o primeiro-ministro declarou que a Grã-Bretanha não pode propor a evacuação dos civis italianos, mas poderá facilitar, se for solicitada, conquanto já tenha sido perdido muito tempo útil. O *Daily Telegraph* informa que o conde Volpi teria sido incumbido de negociar com as autoridades britânicas o assunto acima referido, o que ainda não está confirmado. Agradeceria qualquer informação a respeito. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 06 FEV. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Proteção interesses italianos.

Da Embaixada em Londres

69 – QUINTA-FEIRA – 6 FEVEREIRO 1941 – 17h30 – Aditamento ao meu telegrama n. 67. O ministro dos Negócios Estrangeiros, com quem almocei hoje, disse-me estar surpreendido com a notícia divulgada pela imprensa, sobre o desejo do governo italiano de evacuar civis, mulheres e crianças, da Abissínia, pois, até agora, não foi abordado sobre o assunto. Confirmou a declaração do primeiro-ministro e teme que, se for exato ser esse o desejo do governo italiano, mais tarde não seja possível, devido ao desenvolvimento da guerra naquela região. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 10 FEV. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] Discurso do primeiro-ministro, de 9 de fevereiro de 1941.

N. 121

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 10 de fevereiro de 1941.

Senhor Ministro,

A título de informação, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, no incluso recorte, o texto completo das palavras do senhor Winston Churchill, irradiadas ontem à noite, sobre a próxima fase da guerra e a situação em geral, o qual está sendo aclamado como o seu melhor discurso e teve uma animadora repercussão em todos os círculos aqui e nos Estados Unidos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*: "Mr. Churchill on next phase of the war". *The Times*, Londres, 9 de fevereiro de 1941.]

❖

TELEGRAMA • 11 FEV. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

74 – TERÇA-FEIRA – 11 FEVEREIRO 1941 – 17h00 – O discurso do primeiro-ministro foi considerado como o mais otimista e confiante no resultado final da guerra dos que tem feito até hoje, e foi irradiado durante um alerta, com aviões inimigos sobrevoando Londres. A imprensa unanimemente aplaude as palavras sadias e francas do orador, salientando a importância de suas declarações e elogia calorosamente a ação naval britânica contra Gênova e as extraordinárias vitórias britânicas na Líbia. Tudo indica que a expansão alemã nos Balcãs está em pleno desenvolvimento e os súditos britânicos que se encontram na Bulgária já teriam recebido ordem de partida para a Turquia, com a possível urgência, pois parece iminente a ocupação do território

búlgaro por tropas nazistas. A atitude russa e a turca em face dos acontecimentos ainda não estão indicadas com precisão. A manobra visa um ataque contra a Salônica através da Bulgária. A situação na França está sendo acompanhada, como de hábito, existindo confiança em que o governo de Vichy não entregará a esquadra e as bases da África francesa, que seriam defendidas pelas armas, se necessário. Continuam os preparativos da anunciada ofensiva inimiga contra a Grã-Bretanha, estando a aviação britânica muito ativa na obra de destruição dos elementos dos supostos pontos de partida da invasão. O governo britânico está persuadido de que, no seu esforço desesperado para destruir este país, a Alemanha empregará gases, o que daria lugar a imediata represália, já tendo Berlim sido devidamente avisada para não abandonar, um só momento, suas máscaras. A impressão geral é de que se a invasão for tentada, será repelida, pois os técnicos julgam que o preparo atual das tropas britânicas e seu armamento justificam amplamente esse prognóstico. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 11 FEV. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Rompimento relações diplomáticas da Grã-Bretanha com a Romênia.

Da Embaixada em Londres

75 – TERÇA-FEIRA – 11 FEVEREIRO 1941 – 17h00 – O governo britânico – devido à situação externa de gravidade nos Balcãs, decorrente da completa ocupação da Romênia pelos alemães, e à iminente invasão da Bulgária – resolveu romper as relações diplomáticas com o governo romeno, dando ordens para a partida imediata de seu ministro e pessoal da legação e consulado. A legação romena aqui também está preparando a sua partida. Informação de fonte autorizada indica que os alemães estão usando a Romênia como base e ponto de partida de imediata ação militar nos Balcãs. O primeiro-ministro preveniu ao governo búlgaro sobre o perigo que está correndo seu país, e a ação que o governo britânico exerceria, sem demora, se as tropas alemãs transpusessem a fronteira búlgara. As últimas notícias informam que o governo russo não prestará assistência à Bulgária se for invadida, enquanto a atitude da Turquia continua sendo observada com muita atenção, pois se mantém extremamente reservada. Os círculos autorizados predizem que Hitler está agindo a fim de impelir o Japão a participar da guerra, no momento em que for lançada a grande ofensiva

contra a Grã-Bretanha. O governo britânico, de acordo com Washington, está tomando todas as precauções para poder enfrentar qualquer situação que eventualmente ocorra no Pacífico, de forma que o Japão fique isolado e privado de qualquer auxílio da Alemanha, e bloqueado pelas potências interessadas. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 11 FEV. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] O último discurso do senhor Churchill.

N. 127

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 11 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Há cerca de cinco meses que o primeiro-ministro não tinha falado para o Império Britânico. A última vez que o senhor Churchill tomou a palavra, em 11 de setembro de 1940, os ditadores do Eixo pareciam prestes a realizar os seus sonhos de hegemonia mundial.

2. O senhor Hitler tinha começado a batalha de Londres e preparava a invasão das Ilhas Britânicas e o senhor Mussolini ameaçava o Egito e o canal de Suez, centros vitais do Império. Nessa ocasião, a América do Norte hesitava em tomar qualquer atitude definitiva com uma certa incredulidade e uma viva apreensão sobre a resistência da Grã-Bretanha.

3. Quanto caminho percorrido desde então e como se transformou a situação política e militar deste país.

4. Hoje o frágil cenário do "Segundo Império Romano" ameaça ruir, os exércitos do *duce* estão sendo castigados pelos gregos na Albânia e sua frota de batalha destruída em grande parte, está reduzida à impotência. Quanto ao *führer*, depois de ter perdido a batalha de Londres e ter feito falência nas suas preliminares tentativas de invasão, deve prestar socorro à sua aliada desfalecente.

5. A Grã-Bretanha e o Império aguentaram a investida e juntos repeliram corajosamente os assaltantes, obtiveram vitórias e suas forças materiais e morais não cessaram de aumentar, a despeito dos sofrimentos, prejuízos e perdas de vidas preciosas.

6. Todos os planos dos chefes do Eixo ficaram perturbados e a realização dos seus sonhos torna-se mais difícil. Os Estados Unidos ganharam confiança e sob a direção do presidente Roosevelt estão intensivamente preparando o maior auxílio que lhes é possível dar à Grã-Bretanha.

7. O primeiro-ministro pôde, com um legítimo orgulho, apresentar um balanço exato da situação que representa um dos mais extraordinários episódios da história da Grã-Bretanha e do mundo enumerado com franqueza as forças de que dispõe o Império e assim justificando os motivos de um razoável otimismo.
8. Não devem ter sido somente os franceses ao ouvir o canhoneiro de Gênova e ao conhecer a extensão das vitórias britânicas no Mediterrâneo que tenham sentido um justificado júbilo pois por isso também uma grande esperança anima agora os povos dos países ocupados pelos nazis e por todos os que estão ameaçados da mesma sorte.
9. Pelo exame feito, o senhor Churchill não se limitou a manifestar os motivos de sua confiança no futuro, mas como em outras ocasiões ele disse toda a verdade ao seu povo tirando certas conclusões e prevendo certas graves eventualidades.
10. O perigo subsistente no Mediterrâneo central, nos Balcãs, onde a situação se complica, no Atlântico, em torno e sobre as Ilhas Britânicas e finalmente a ameaça da invasão não desapareceu e mesmo se apresenta em forma mais aguda.
11. O *führer* terá que agir e todas as vitórias que ele poderá obter e mesmo que o conduzisse, como em outras épocas, Alexandre até as bocas do Ganges, de nada servirão se não conseguir abater a Grã-Bretanha.
12. A guerra deve, sem dúvida, entrar proximamente em uma nova fase de uma extrema violência.
13. O primeiro-ministro, seguro da resolução britânica, confiante na ciência dos seus chefes militares e técnicos e na coragem dos seus compatriotas, tanto militares como civis, pediu apenas ao presidente Roosevelt que lhe dê os instrumentos que permitam à Grã-Bretanha de terminar a sua tarefa. Os Estados Unidos darão esses elementos com tanto mais facilidade quanto hoje sabem de modo preciso, garantidos pela palavra do ministro Churchill, que isso não acarretaria o envio de seus homens para os campos de batalha da Europa.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 13 FEV. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Entrevista dos chefes dos governos espanhol, italiano e francês.

Da Embaixada em Londres

81 – QUINTA-FEIRA – 13 FEVEREIRO 1941 – 17h00 – O governo britânico desmente o boato circulante com insistência de que o general Franco e Mussolini estejam discutindo qualquer proposta britânica e que muito menos tem conhecimento de qualquer conversa secreta, de interesse, em Roma, visando uma paz em separado. Nenhuma proposta foi formulada e se Mussolini estivesse disposto a fazer qualquer sugestão, certamente já teria feito pelos canais competentes. A entrevista em curso entre os chefes dos governos espanhol, italiano e francês desperta grande interesse, sendo objeto de desencontrados prognósticos da imprensa. Os círculos competentes julgam que o assunto dominante da referida entrevista é a posição dos três países na África, em face da atual derrota italiana e o problema ligado a uma possível retirada do exército italiano através da Tunísia. Existem todos os indícios de preparativos para uma invasão, estando prontas as forças alemãs e dispostas a atender à primeira ordem para atacar este país num gesto desesperado de esforço para obter uma solução da atual guerra. Alguns círculos, entretanto, sem esconder a gravidade da situação, julgam que Hitler divulga essa ameaça iminente para esconder os seus verdadeiros propósitos, que seriam de uma imediata ação militar vigorosa nos Balcãs e possivelmente na Espanha, visando Gibraltar. Os governos belga e holandês retiraram os seus representantes diplomáticos em Bucarest. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 13 FEV. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] As conversas hispano-ítalo-francesas.

N. 137

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 13 de fevereiro de 1941.

Senhor Ministro,

Todos os observadores concordam quando opinam que os encontros Franco-Mussolini e Franco-Pétain que provavelmente serão seguidos das entrevistas que se anunciam entre os senhores Sunmer

e Ribbentrop, significam unicamente tentativas para salvar Mussolini, mas onde esse acordo de vistas cessa de existir é quando se refere aos meios a serem empregados para tal fim.

2. Várias hipóteses são aqui consideradas e entre elas uma parece desde logo dever ser afastada pelo simples exame da situação.

3. O *duce,* cuja posição pessoal e em face da que apresenta o seu país, nunca esteve – apesar das aparências e a despeito dos serviços prestados à Espanha – em condições de impor sua vontade ao general Franco. Embora o caudilho espanhol tenha consentido em ir ao encontro do *duce*, não resta dúvida que Mussolini se apresenta como o pedinte.

4. Consequentemente ele não obterá nada mais do que o general Franco se dispunha voluntariamente a lhe conceder, ou que seja exigido pelo *führer* pois, ao contrário de Mussolini e da Itália, o prestígio de Hitler e a admiração pela Alemanha se mantêm intactos no exército e na falange espanhola.

5. Restam, pois, duas hipóteses – uma é a da mediação e a outra a de uma ofensiva de paz – ambas se originam em Vichy e estão sendo divulgadas pelos órgãos dos correspondentes americanos. A primeira não merece ser considerada e já foi mesmo desmentida pelo governo britânico.

6. O armistício e a paz parecem ser muito desejados na Itália, senão por Mussolini pelo menos pelo povo que sempre foi contrário à guerra, pela casa real, por uma parte do exército, pelo clero e por alguns membros do próprio partido fascista.

7. Está claro que o *führer* não pode permitir que Mussolini conclua uma paz separada nem mesmo um armistício que teria para a Alemanha graves consequências estratégicas e não menos consideráveis consequências de ordem política.

8. Tudo indica que os dirigentes de Berlim não hesitariam em intensificar a sua pressão em Roma agindo por todas as formas para evitar que a Itália se separe do eixo, abandonando a Tríplice e entregando suas bases à Grã-Bretanha.

9. A nova ofensiva de paz é ao contrário inteiramente conforme aos processos e vantajosa para o Reich. Os precedentes não faltam, seja no período que precedeu a guerra, seja depois de setembro de 1939, isto é, cada vez que Hitler prepara uma ação diplomática ou militar de importância, faz sempre preceder de uma campanha de apaziguamento ou de uma ofensiva de paz.

10. Foi Hitler quem sugeriu, em novembro de 1939, a iniciativa de paz dos soberanos da Bélgica e da Holanda e mais tarde fez multiplicar

as sondagens no mesmo sentido pelos monarcas da Escandinávia. Algumas semanas antes do ataque da Noruega ele ainda procurava iludir o senhor Sumner Welles sobre possibilidades de um arranjo pacífico do atual conflito.

11. Desta vez o objetivo da Alemanha seria provocar de novo uma confusão e criar dúvidas sobre a resolução da Grã-Bretanha, no espírito dos países e dos homens de Estado, que nos Balcãs e em outros lugares tenham veleidades de resistência no momento em que o *führer* prepara em segredo, com febril atividade e método, as armas com as quais quer abater o Império Britânico e seus aliados.

12. Nesse caso o *duce* não tiraria um proveito imediato da operação a menos que não seja seguida do internamento, na Tunísia, dos restos do exército do general Graziani.

13. A presença ao lado do caudilho espanhol do embaixador de Espanha na França faz supor que o governo de Vichy pretende desempenhar um papel em toda essa manobra, cujos fins reais não são perfeitamente compreensíveis.

14. Inútil será acrescentar que essa ação diplomática está sendo vigilantemente acompanhada por este governo e pelos Estados Unidos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 14 FEV. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

82 – SEXTA-FEIRA – 14 FEVEREIRO 1941 – 17h00 - Os círculos ligados ao Foreign Office acreditam que a entrevista ítalo-espanhola não é motivo de inquietação para a Grã-Bretanha, e que nada autoriza a acreditar que a Espanha modifique sua atitude atual e que, embora tenha reafirmado sua amizade para com as potências do Eixo, o general Franco confirmou sua decisão de manter a política independente, sem compromissos de se envolver na guerra. A recente atitude do Japão está impressionando

o governo britânico e, enquanto o gabinete de Guerra australiano está examinando a situação grave no extremo Oriente para adotar medidas defensivas urgentes, aqui considera-se que as relações anglo-japonesas estão chegando a um ponto muito delicado, o que obrigaria a Grã-Bretanha a tomar providências muito importantes, principalmente para impedir que o Japão continue a abastecer os navios alemães que estão operando no Pacífico, atacando a marinha mercante inglesa. Depois de relativa tranquilidade, Londres foi ontem novamente bombardeada por alguns aviões isolados, durante curto tempo, tendo-se produzido estragos apreciáveis nos distritos de habitações populares. O pessoal da embaixada e do consulado está bem. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 14 FEV. 1941 • AHI 30/1/1

Índice: Carnes brasileiras na Grã-Bretanha

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

58 – 14 DE FEVEREIRO DE 1941– Referência ao seu telegrama 601, de 1940. Rogo informar se já foram fixadas, definitivamente, as quotas do Brasil para 1941 de carne frigorificada. No caso afirmativo, quais são elas, preços estabelecidos e também a distribuição respectiva entre os frigoríficos. Outrossim, se há quota relativa à carne de porco, e existindo, quais as condições do fornecimento e frigoríficos contemplados. EXTERIORES

❖

OFÍCIO • 14 FEV. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice:*] Os objetivos de guerra da Grã-Bretanha.

N. 140

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 14 de fevereiro de 1941.

Senhor Ministro,

A questão dos objetivos de guerra continua a constituir um assunto de grande interesse e sempre ocupa a atenção dos periódicos, livros etc., tanto aqui como nos Estados Unidos.

2. Em várias ocasiões o governo britânico foi convidado na Câmara dos Comuns a tornar público os seus fins na atual guerra.

3. Geralmente sempre se absteve, mas julgou dever criar um comitê interministerial encarregado de preparar a doutrina do gabinete nesta matéria.
4. Na Câmara dos Comuns, ontem, um deputado interpelou o senhor Churchill sobre se a questão dos objetivos da guerra tinha sido objeto de consultas com o governo americano e se a Câmara seria informada antes de qualquer declaração ministerial. O primeiro-ministro respondeu que os Estados Unidos compreendiam tão bem as razões pelas quais a Grã-Bretanha está se batendo que não se recordava ter tido de tratar este assunto com qualquer representante americano. Acrescentou que não podia tomar nenhum compromisso para com a Casa dos Comuns fora das conversações normais existentes entre o governo e as comissões parlamentares.
5. É, porém, sabido que *lord* Halifax deve tomar a palavra no próximo dia 21 nos Estados Unidos e que a imprensa americana está insinuando que ele tem a intenção de tratar no seu discurso da questão relativa aos objetivos de guerra da Grã-Bretanha.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 19 FEV. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Carnes brasileiras na Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

86 – QUARTA-FEIRA – 19 FEVEREIRO 1941 – 12h00 – Resposta ao telegrama de Vossa Excelência n. 58. Não existe cota para nenhum país. Como resultado das negociações que estão terminando, o Ministério da Alimentação comprou, para embarque, até agosto próximo, 23.500 toneladas de carne frigorificada, sendo, primeiro, 12.500 toneladas de carne do tipo resfriado e os preços, dos diferentes cortes, idênticos aos dos contratos anteriores, indicados na letra C, parágrafo 16, do ofício n. 27, da Delegação de Carnes, de 21 de março de 1940; nessa quantidade estão incluídas 500 toneladas de quartos traseiros, sem osso, por preço ainda não ajustado; também, 3.500 toneladas de miúdos volume necessário, considerando a grande compra de

carnes de vaca em conserva. Segundo, 6 mil toneladas em meias carcaças tipo continental, sem osso, por preço ainda não ajustado. Terceiro, 5 mil toneladas de porco congelados, sem osso, inclusive miúdos ao preço de £ 0-0-5 e um quarto. Distribuição de carne de vaca: Armour 33 ½ %; Angelo 28% Swift e Wilson 19% cada um. Distribuição de porco: Frigorífico Nacional Sul Brasileiro 500 toneladas; as restantes 4.500 entre os frigoríficos acima mencionados, proporcionalmente à carne de vaca. Quarto, 40 mil toneladas de carne de vaca em conserva, sendo 37.550 de produtos novos, cujos preços foram indicados no telegrama n. 642, e 2.450 de produtos estoques ao preço de primeira qualidade, dúzia de latas de doze onças, £ 0-6-9, de 6 libras e 2 libras, £ 0-3-6, segunda qualidade, respectivamente, £ 0-6-3 e £ -3-1-0. Os frigoríficos contemplados e na proporção indicada no telegrama n.12. Oferecemos mais 6.800 toneladas de carnes em conserva, que provavelmente serão aceitas. Conseguimos também, finalmente, que o ministério solicitasse oferta de carne de porco em conserva. O ministério declarou que, a situação dos transportes permitindo, comprará quantidade suplementar de carne frigorificada. O delegado do Carnes [*sic*] comunica esperar a terminação das negociações pendentes para remeter o relatório. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 20 FEV. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice:*] A política alemã e a América do Sul.

N. 156

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 20 de fevereiro de 1941.

Senhor Ministro,

Há dias ouvi de uma alta personalidade política e militar inglesa algumas interessantes informações referentes a atual ação política da Alemanha que muito diz respeito ao nosso continente.

2. Disse-me o meu informante que, além da propaganda que o Reich deseja intensificar no nosso continente, como há tempos telegrafei a Vossa Excelência, para criar embaraços à nossa exportação para este país, existe o propósito de fomentar uma agitação política antinorte-americana e de caráter interno, procurando provocar greves e auxiliar os elementos da oposição e descontentes para possíveis movimentos subversivos, ou, pelo menos, obrigar os governos a desviar sua atenção do grave problema atual, isto é, a guerra contra os países que querem dominar o mundo pela força.

3. Acrescentou que o hitlerismo, apesar de estar envolvido na dura luta do momento, contudo não perde de vista obter primeiramente uma maior influência e depois a hegemonia sobre os povos sul-americanos. Berlim, apoiando-se em suas conquistas europeias e nas possibilidades de ação em territórios africanos, que facilmente poderão ser submetidos, mais ou menos diretamente, vai preparando e organizando o modo de mais se aproximar do Atlântico Sul.

4. Assim acaba de ser divulgado que uma importante missão alemã, composta de cinquenta membros, figurando entre eles oficiais graduados do Estado-maior, chegou a Agadir, com o fim de fazer trabalhos de exploração mineral em Turoudin. Esse pretexto, como observou o meu informante, serve para mascarar os verdadeiros objetivos dessa missão alemã em toda a costa ocidental africana, que seriam pesquisas para o descobrimento de supostas riquezas minerais. Afirmam os indígenas que nos vales dos rios Sus, Nun e Draa existem fabulosas riquezas que os franceses e espanhóis, que ocupam esses territórios, não se acham em condições de explorar e por isso os alemães aproveitariam a atual situação, com promessas de grandes vantagens a Vichy e Madri.

5. Essa tática de penetração nazi já é muito conhecida e devemos recordar que Agadir constituiu sempre um dos centros de atividade preferidas pelos agentes alemães desde os tempos do imperador Guilherme. Há anos passados, quando os espanhóis ocupavam a região de Ifni, encontraram os chefes cabilas Aiteljons inteiramente sob as ordens da propaganda germanófila.

6. O famoso Sultão Azul nunca foi senão um agente alemão e se tornou célebre por uma entrevista publicada na imprensa espanhola pouco antes da guerra civil, quando um personagem ilustre proclamou abertamente existirem ligações das tribos vizinhas do Saara com a Alemanha, que então auxiliava a revolta dos muçulmanos contra a França. Os agentes germânicos tentavam utilizar a ocupação alemã de Ifni para formar um centro de influência sobre os cabilas daquela zona e então enviaram expedições de propaganda para fomentar agitações, disfarçados em comissões de investigações das ricas regiões minérias ali existentes, mas o general espanhol Capaz, que era o governador daquele território, impediu que desenvolvessem suas atividades com patriótica dignidade, afastando os espanhóis das manobra alemãs na costa ocidental da África.

7. Os alemães continuaram afirmando que Ifni contém formidáveis reservas de ouro, mas jamais foi ali encontrado pelos espanhóis qualquer indício desse fato. Realmente o que buscavam os alemães

é exatamente o que tratam de obter hoje, isto é, pontos estratégicos de apoio que possam servir para que sua aviação consiga alcançar o Atlântico Sul em qualquer oportunidade com o volume de tráfego que for necessário. Pretendem assim ter nas suas mãos o domínio da rota Europa-América, pelo sul, com a grande extensão imperial do futuro que favoreceria a qualquer intento de hegemonia mundial extensivo às Américas, auxiliado pelos progressos da aviação. Essa rota do futuro estava controlada pela França e pela Espanha, que ocupam toda a costa ocidental da África desde o estreito de Gibraltar até Dakar.

8. Os alemães querem, a todo custo, apoderar-se dos pontos estratégicos, onde instalem aeródromos para servir de base para o caminho de penetração no Atlântico Sul. Essa seria a verdadeira razão da missão nazista, assim como das outras que presentemente atuam por conta de Berlim na costa ocidental da África, buscando supostas riquezas.

9. A atitude patriótica do império francês livre fez fracassar em grande parte o objetivo alemão, não podendo apoderar-se, como queria, das possessões francesas na África e não seria estranho que nas recentes entrevistas entre o marechal Pétain e general Franco esse assunto tinha sido abordado, considerando a sua grande importância.

10. Tudo isso revela eloquentemente que a Alemanha não perde de vista a política de influência que quer exercer sobre os povos ibero-americanos, procurando, desde logo assegurar-se do controle das comunicações diretas entre a Europa e as repúblicas sul-americanas, buscando estender o seu domínio ao longo da costa da África desde o Marrocos espanhol até o Marrocos francês, passando por Ifni, o Saara e o Rio do Ouro até Dakar, ponto essencialmente cobiçado por Hitler para um dia próximo manter a América do Sul ao alcance dos seus aviões.

11. Considerando a importância dessas informações e ainda mais a sua origem digna de toda a fé, julguei do meu dever levá-las, sem demora, ao conhecimento de Vossa Excelência para os fins convenientes.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 22 FEV. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] A situação política internacional.

N. 163

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 22 de fevereiro de 1941.

Senhor Ministro,

A declaração do senhor Butler, subsecretário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, feita ontem na Câmara dos Comuns, sobre a oferta japonesa de mediação na atual guerra, não surpreendeu os observadores da situação internacional que conhecem de sobra os métodos da política nazista.

2. Segundo essa declaração, o Japão teria afirmado no dia 18 do corrente, pela palavra do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, desejar "ardentemente" manter a paz e que "estaria pronto a servir de mediador não somente no extremo Oriente, mas também em qualquer parte do mundo".

3. No dia imediato o mesmo ministro definia a posição do governo de Tóquio acrescentando que sua oferta era igualmente válida para os Estados Unidos, mas que o Japão não interviria jamais senão a pedido das potências interessadas.

4. Encarecendo essas declarações oficiais, a imprensa japonesa deixou claramente perceber que se uma conferência da paz se reunisse, todas as potências convidadas poderiam apresentar suas reivindicações e protestos.

5. Tudo leva a crer que essa nova ofensiva de paz, apesar das negativas de Berlim, foi inspirada pelo governo alemão e uma ação dessa natureza não ficaria limitada ao Japão pois há indícios que o general Franco, a pedido do *duce*, teria sido convidado a agir no mesmo sentido para propor um acordo que visaria cessar as hostilidades no mar latino e permitiria a consolidação de uma vasta zona de paz. Esse assunto teria sido tratado também durante o recente encontro entre o caudilho espanhol e o marechal Pétain, mas ambos julgaram não dever se imiscuir em tão delicada matéria.

6. Na outra extremidade do Mediterrâneo a propaganda alemã afirma, desde algumas semanas, que o *führer* não visa senão garantir a paz nos Balcãs e que no interesse geral a Grécia deveria, pelo seu intermédio e sob seus auspícios, entrar em negociações com a Itália. Esses são os principais temas que têm sido constantemente repetidos em Atenas, em Ancara, pelos representantes mais autorizados dos nazis e foram também os pontos essenciais das conversas do próprio *führer* com os ministros iugoslavos em Berchtesgaden.

7. Estamos, pois, em face de uma nova ofensiva de paz em grande estilo que tem, entre outros fins, o de fortificar nos Estados Unidos o movimento pacifista e de criar obstáculos à grande corrente de solidariedade que está levando os americanos cada vez mais a ajudar a Grã-Bretanha. Essa manobra é certamente, de um lado, um sinal de fraqueza como foi a ofensiva de paz de 1917, a qual recorda em forma evidente.
8. É também, e principalmente, uma astúcia de guerra inteiramente nos moldes do Terceiro Reich tal como os métodos que levaram os países aliados à Conferência de Munique em 1938 e como a oferta feita ao embaixador britânico em Berlim, em agosto de 1939; as propostas dos soberanos belga e holandês e as tentativas dos monarcas escandinavos, em fevereiro de 1940, antes da agressão contra a Noruega, Países Baixos e Bélgica.
9. Enquanto se prepara a ofensiva de paz, os japoneses reúnem suas forças na ilha de Hainan e concentram sua esquadra no mar da China e os alemães ativam os preparativos de invasão da Bulgária visando uma agressão à Grécia para ajudar a Itália e seguir sua marcha para o Oriente.
10. Não devemos esquecer que a nova Tríplice está contaminada pelo germe de uma conflagração universal e que Hitler não hesitará em precipitar o Japão em um conflito se julgar que uma tal calamidade poderá paralisar o esforço americano e quebrar a resistência britânica.
11. Paz ou guerra, nenhuma dessas duas manobras não surpreenderão, a meu ver, o Império Britânico nem os Estados Unidos e assim, no mesmo dia em que o governo japonês lança[*va*] sua ofensiva de paz, o presidente Roosevelt interditava a passagem e qualquer uso não autorizado das bases navais e aéreas no Pacífico Ocidental e um exército australiano desembarcava em Singapura.
12. A Grã-Bretanha está resolvida a continuar a luta até o fim e as informações aqui recebidas induzem a crer que a reação nos Estados Unidos, decorrente da atitude japonesa foi contrária aos fins visados pelo Eixo.
13. Em telegrama de hoje dei conta a Vossa Excelência resumidamente destes importantes assuntos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 24 FEV. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] A próxima ofensiva alemã.

N. 165

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 24 de fevereiro de 1941.

Senhor Ministro,

Todos os esforços da propaganda alemã e italiana visam dar a impressão de estarmos nas vésperas de uma grande ofensiva alemã que seria encetada sobre diversas frentes simultaneamente e pelos meios os mais formidáveis, não sendo excluída a hipótese do emprego de gases contra a população da Grã-Bretanha.

2. As irradiações alemã, americana, italiana, húngara, espanhola etc. têm divulgado sensacionais notícias a esse respeito. Os planos atribuídos a Hitler e a sua pretendida ação fulminante contra este país, no Mediterrâneo, no Balcãs, no Pacífico, na África e até no Extremo Oriente têm sido descritos com uma riqueza incalculável de detalhes.

3. Nos Balcãs a ocupação da Bulgária parece já ter começado, o que já teria dado lugar em Belgrado e em Sófia a uma viva agitação. Na capital búlgara as manifestações antigermânicas são atribuídas a "desordens de caráter comunista".

4. Dois desmentidos devem ser salientados: um de Moscou buscando salvar sua responsabilidade negando qualquer participação na assinatura do acordo turco-búlgaro e o de Berlim e Roma protestando contra notícia de oferta de mediação no conflito ítalo-grego.

5. Os alemães buscam novamente criar confusão e pânico nos Balcãs noticiando um desembarque de tropas britânicas em Lemnos e em Salônica.

6. Belgrado continua silenciosa sobre os resultados das entrevistas de Berchtesgaden, mas anuncia a viagem do ministro dos Negócios Estrangeiros, senhor Marcovitch, a Budapeste onde, segundo os telegramas de hoje, teria chegado a ordem de Berlim de dissolução do exército húngaro. Evidentemente as posições da Hungria e da Iugoslávia são tratadas simultaneamente pelo Reich.

7. Na extremidade sudoeste do continente europeu a Alemanha envia amavelmente uma coluna motorizada do seu exército a título de socorro, para ajudar os trabalhos de desobstrução das ruas de Santander. Alguns aqui chegam a supor que se trata de um pequeno cavalo de Tróia que assim penetra na Espanha.

8. A Grã-Bretanha, entretanto, coloca minas em toda a extensão do Mediterrâneo central.

9. No Extremo Oriente a ofensiva de paz japonesa fracassou. O ministro Matsuoka deu a esse propósito explicações julgadas aqui como deveras infelizes, dizendo ter sido mal interpretado o seu pensamento, pois só tinha em vista uma mediação japonesa no conflito franco-siamês. Entretanto, na declaração que o embaixador japonês fez ao Foreign Office estava claramente indicado que o Japão oferecia a sua mediação para a solução de "qualquer conflito, em qualquer parte do mundo".

10. As reações de Berlim e Roma foram diferentes. Os italianos a princípio se regozijaram com a notícia enquanto os alemães afetaram um grande desinteresse e superioridade, quando é sabido que o balão de ensaio foi preparado na capital alemã.

11. Enquanto isso, os governos do Eixo, pela voz dos seus embaixadores em Roma e Berlim, fazem declarações públicas reafirmando a fidelidade do Japão à Tríplice e designando a Grã-Bretanha como o inimigo comum cuja derrota noticiaram para um futuro próximo.

12. Essa agitação é aqui interpretada como um prelúdio ao esforço que será tentado pela Alemanha, uma vez que não pode contar com a eficiência das armas italianas e que, quanto ao Japão, a sua ação seria cheia de perigos.

13. Devemos, pois, prever para as próximas semanas um desenvolvimento da situação militar alemã comportando uma intensa campanha submarina cooperando com a aviação para provocar um bloqueio contra a Grã-Bretanha. Essa ação seria combinada com ataques maciços da aviação inimiga contra centros industriais de armamentos deste país e bem assim para destruir as comunicações internas e perturbar a sua vida econômica e comercial. Os alemães buscariam igualmente uma solução do problema Mediterrâneo para permitir que melhor possam desfechar um golpe direto contra as ilhas Britânicas.

14. Aqui todos se mantêm confiantes e direi mesmo os centros militares desejariam que fosse lançada a tentativa de invasão, certos como estão [*de*] que o exército e a aviação britânica saberão cumprir o seu dever, auxiliados pelo patriotismo e pela coragem dos seus compatriotas que hoje são todos, por assim dizer, soldados de primeira ordem, otimamente preparados para repelir o invasor.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 25 FEV. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] Laranjas. Importação na Grã-Bretanha.

N. 167

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 25 de fevereiro de 1941.

Senhor Ministro,

Em aditamento aos meus ofícios anteriores, a respeito da situação da laranja brasileira neste mercado, tenho a honra de informar a Vossa Excelência que o Foreign Office, referindo-se à conversação que tive com o ministro da Alimentação, sobre o assunto, em 19 de abril do ano passado, comunicou-me, por nota de 24 do corrente, não ser provável, em virtude da falta de praça refrigerada, que importações da nossa fruta, no Reino Unido, possam ser feitas durante a próxima estação.

2. O referido departamento, que declarou haver o governo britânico chegado a essa conclusão, prejudicial para o Brasil, com o máximo pesar, acrescentou, porém, sem garantir, que algumas pequenas quantidades serão possivelmente embarcadas, entre abril e julho do corrente ano.

3. Junto, Vossa Excelência encontrará copias[2] da referida nota e minha resposta, assim como de uma carta dirigida pelos Serviços Comerciais desta embaixada ao Ministério da Alimentação, relativamente à matéria, no dia 9 deste mês.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 25 FEV. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] Os discursos do *führer* e do *duce*.

N. 168

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 25 de fevereiro de 1941.

Senhor Ministro,

O[s] dois ditadores, apenas com vinte e quatro horas de intervalo

2 Não transcritas.

um do outro, proferiram grandes discursos, inteiramente nos moldes de seus regimes.

2. Desta vez, porém, o mundo não se emocionou, pois o tempo das ameaças e das intimidações já passou e de resto um dos dois, Mussolini, pode ser considerado como praticamente batido, com o seu exército e a sua esquadra derrotada pelos britânicos e gregos.

3. No dia 18 de novembro, três semanas antes do início da campanha da Grécia e da ofensiva do general Wavell, o *duce* se gabava de dominar o Mediterrâneo e anunciava o ajuste de contas com a Grécia mantendo todas suas reivindicações – Córsega, Nice, Tunísia e Malta.

4. Desta vez ele reconhece que a Itália não estava pronta e acusa a "história" que lhe "apertou o pescoço" e trata de pedir perdão ao seu povo, confessando praticamente que o enganou quando afirmava a força invencível dos oito milhões de baionetas italianas.

5. Ele oferece ao povo italiano, emocionado pela derrota, exasperado pelas restrições alimentares, pelas privações de toda classe, pelos bombardeios da aviação e da esquadra britânica, indignado pelo número crescente de alemães na península, como promessa confortadora a perspectiva de uma longa guerra que, segundo ele, será ganha graças à força alemã.

6. É a confissão mais flagrante das responsabilidades dos erros praticados que jamais foi proferida por qualquer chefe de governo.

7. Mussolini não pode mais ser considerado pelo *führer* como seu parceiro que já deve considerar a Itália como um país protegido necessitado do prestígio e da força alemã.

8. Hitler se utilizará da Itália por todos os modos obrigando seus habitantes a trabalharem para o Reich e no seu discurso de Munique fingiu estender sua mão a Mussolini com benevolência, prometendo socorrê-lo.

9. A maior parte da alocução do *fuhrer* é dedicada a justificar a sua política no passado e a glorificar o presente.

10. Pela primeira vez ele aludiu aos boatos de revolução na Alemanha para repeli-los com desprezo. Saúda a chegada da primavera anunciando uma vez mais a guerra submarina sem limite e desafia a Grã-Bretanha de desembarcar tropas no continente.

11. A leitura atenta desse discurso permite verificar que jamais o *fuhrer* demonstrou tanta indecisão, nervosismo e inquietação. No entretanto o *duce* colocou o seu destino nas suas mãos e não parece mais tão seguro da vitória final.

12. Esses dois discursos refletem, a meu ver, a perturbação profunda que as vitórias britânicas trouxeram aos cálculos e planos de Roma e Berlim.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[3] • 25 FEV. 1941 • AHI 28/2/1

[*Índice*:] Controle da exportação britânica para o Brasil.

N. 174
RESERVADO

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 25 de fevereiro de 1941.

Senhor Ministro,

Em carta datada de 18 do corrente, anexa por cópia, o Foreign Office me comunicou que, por ordem a ser expedida no dia seguinte, seria estendido ao Brasil o controle das exportações instituído em novembro último para uma série de países. Disse o Foreign Office que o embaixador britânico no Rio de Janeiro tivera instruções de informar o governo brasileiro da expedição dessa ordem e explicar ao mesmo as circunstâncias que haviam levado o governo britânico a tomar tal decisão.

2. Segundo o comunicado à imprensa, que veio apenso à carta do Foreign Office, as autoridades britânicas incluíram o Brasil – como também o Chile, o Peru e a Colômbia – entre os países para os quais as exportações só podiam ser feitas mediante licença prévia do *Board of Trade*, obedecendo à necessidade do conseguir o maior benefício possível pra o Reino Unido das suas exportações e também com objetivo de manter o volume das exportações britânicas para esses países dentro dos seus recursos em libras esterlinas.

3. Com o intuito de obter maiores esclarecimentos sobre o assunto o secretário J. de Alencar visitou o Board of Trade. No relatório anexo encontram-se as informações colhidas pelo dito funcionário, para as quais tomo a vênia de chamar a atenção de Vossa Excelência.

4. Foi-nos dito que, se o Reino Unido havia realizado importantes compras no Brasil, afluindo destarte grande soma de esterlino para a conta especial do Banco do Brasil no Banco da Inglaterra, por outro

3 Carta não localizada no volume. Relatório anexo não transcrito.

lado muito haviam aumentado as exportações inglesas ao nosso país, de modo que o Board of Trade estava prevendo o desequilíbrio da balança de pagamentos e a falta de esterlino no Brasil. Se isto podia ser remediado comprando maior quantidade de produtos brasileiros, tal solução não era sempre possível pois a Grã-Bretanha, nas circunstâncias atuais, devia limitar as suas compras aos artigos indispensáveis para o prosseguimento da guerra e à sua existência. A falta de transporte, por sua vez, também limitava as compras possíveis. Não existia, contudo, intuito algum de diminuir as importações de produtos do Brasil.

5. Se as afirmações do Board of Trade são até certo ponto tranquilizadoras, não resta dúvida, entretanto, que a faculdade de poder controlar as exportações proporciona às autoridades britânicas uma arma valiosa nas suas negociações comerciais.

6. Pelas conversações com o Board of Trade soubemos da decretação pelo governo brasileiro, em 10 do corrente, do controle da exportação de numerosos produtos. Esta informação foi recebida pelo Foreign Office da embaixada britânica no Rio de Janeiro há mais de duas semanas, tendo já mesmo sido publicada, no número de 20 do corrente, do *Board of Trade Journal*, órgão oficial daquele departamento. Certas revistas entram em circulação atualmente com bastante atraso e não tínhamos ainda recebido esse número no dia da entrevista com o Board of Trade. Este se mostrou muito interessado por saber maiores detalhes sobre a medida tomada pelo nosso governo. Conforme tive a honra de dizer a Vossa Excelência no meu telegrama, sobre assunto do controle da exportação britânica, muito agradeceria que futuramente esta embaixada seja mantida telegraficamente ao corrente de todos os atos do governo brasileiro que afetem o nosso comércio exterior, pois o correio aéreo demora atualmente um mês para aqui chegar.

7. O Board of Trade também nos proporcionou outras informações de grande interesse para a nossa orientação, dizendo-nos que as autoridades britânicas haviam adiantado a importância de £500 mil ao Brasil para a compra de algodão – informação essa cuja confirmação agradeceria a Vossa Excelência – referindo-se ainda a outras negociações de caráter comercial. Afirmou, aliás, que o incidente do *Siqueira Campos* adiou certas propostas de compra de produtos brasileiros que a embaixada britânica no Rio de Janeiro tivera instruções de fazer ao nosso governo, em fins do ano passado.

8. O aludido departamento evidenciou também grande interesse pela situação dos congelados em mil-réis de propriedade britânica,

provenientes de juros e outros pagamentos, creditados no Banco do Brasil. Esses congelados, cujo valor fora aqui estimado em princípio do ano em £ 2milhões, deviam, disse o Board of Trade, ser liquidados paulatinamente, mas essa liquidação havia prosseguido muito lentamente.

9. Pelo que acima ficou exposto renovo a Vossa Excelência o pedido de sempre trazer esta embaixada ao correte do que aí for feito em relação ao nosso comércio em geral afetando principalmente este país e também sempre informada esta repartição sobre as ideias e projetos que eventualmente o nosso governo tenha a respeito deste assunto, para que possamos agir de modo eficiente auxiliando mesmo qualquer negociação que porventura Vossa Excelência julgue dever entabular com a embaixada britânica.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 26 FEV. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Comércio Brasil-Grã-Bretanha. Controle das exportações.

Da Embaixada em Londres

97 – QUARTA-FEIRA – 26 FEVEREIRO 1941 – 13h00 – O Foreign Office passou nota, comunicando haver o embaixador inglês aí informado Vossa Excelência de extensão ao Brasil das medidas de controle da exportação, explicando as circunstâncias que levaram esse governo a tomar tal decisão. Solicitamos maiores informações do Board of Trade, que afirmou que a medida visava impedir o desequilíbrio da balança de pagamentos entre ambos os países e que este governo havia procedido de modo semelhante com outras nações onde a situação comercial indicava possível falta de esterlinas, não tendo absolutamente a intenção de diminuir as compras no Brasil por motivo do controle de exportação. Na mesma ocasião soubemos que o governo havia decretado, em 10 do corrente, o controle da exportação de numerosos artigos, informação essa recebida por este governo telegraficamente e já publicada no número que acaba de sair do jornal oficial do Board of Trade. Esse

departamento está interessado em informações detalhadas sobre o assunto. A esse propósito, muito agradeceria a Vossa Excelência providenciar, a fim de que esta embaixada seja mantida ao corrente de todas as medidas que afetam o comércio exterior do Brasil, especialmente com este país, por via telegráfica, visto demorar o correio aéreo um mês. Colhemos também no Board of Trade outras informações de interesse para nossa orientação sobre as negociações de caráter comercial feitas aí entre a embaixada inglesa e o nosso governo. O Board of Trade está interessado em conhecer a situação dos créditos em mil-réis congelados, provenientes dos juros das empresas inglesas, cuja liquidação paulatina foi prometida no começo do ano passado e que aqui julgam est[ar] sendo feita lentamente. Agradeceria a remessa urgente de nova tarifa aduaneira que, estou informado, acaba de entrar em vigor. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 26 FEV. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Exportação de laranjas brasileiras para a Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

52 – QUARTA-FEIRA – 26 FEVEREIRO 1941 – 13h15 – Este governo, em nota de 24 de fevereiro, lamenta muito, devido à falta de vapores munidos de câmaras frigoríficas, ser improvável a importação de laranjas do Brasil durante a estação vindoura. Acrescenta, sem contudo garantir, que poderá, provavelmente, importar do Brasil quantidade muito pequena entre abril e junho. Respondi salientando a importância para o Brasil da indústria cítrica e solicitando reservar praça sempre que possível. A cópia da correspondência trocada segue pelo correio aéreo. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 01 MAR. 1941 • AHI 28/2/2

[*Índice*:] Mês político

N. 183

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 11 de fevereiro de 1941.

Senhor Ministro,

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações

Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n. 3, relativo ao mês de fevereiro próximo passado.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]

Mês político n. 3

Nas vésperas de grande batalha do Atlântico com que Hitler anunciou sua vitória sobre a Grã-Bretanha, *lord* Chatfield fez há dias um discurso que é uma advertência e um apelo. O ataque em grande escala sobre as rotas marítimas já foi iniciado por meio de submarinos, aviões e torpedeiros rápidos (*E-Boats*) alemães, colocados ao longo da costa francesa sobre o Atlântico. Sobretudo os ataques aéreos têm-se revelado particularmente perigosos e frequentes, já diretamente às saídas dos portos, já perseguindo os comboios no alto-mar. Partindo de Bordeaux e Lorient saem os *dive-bombers* até mil quilômetros da costa. A defesa contra tais golpes de surpresa é naturalmente muito precária. Têm sido ultimamente mais numerosas as perdas pelos aviões do que pelos próprios submarinos. O raio de ação daqueles, sua maior visibilidade e relativa invulnerabilidade, tornam essa arma excessivamente perigosa.

O ex-ministro da Coordenação da Defesa prevê que o bloqueio será intensificado ao máximo de que a Alemanha é capaz. Devemos esperar, disse ele, que as nossas perdas mercantes aumentarão, a ponto de se tornarem alarmantes. Só há uma maneira de se garantir contra esse perigo, é repetir o esforço desenvolvido em 1917: primeiramente tirar o máximo rendimento de tonelagem existente, em segundo lugar tornar mais rápidas as reparações. *Lord* Essendon, dando eco ao clamor público, declarou perante a Chamber of Shipping que maior celeridade na descarga era essencial. Além de outros fatores de que resulta congestão nos portos, a insuficiência de mão de obra e de transporte terrestre para a distribuição das mercadorias constituem falhas muito sérias, como tão pouco há a necessária cooperação entre os diferentes ministérios competentes.

O Ministério do Transporte, utilizando-se dos poderes discricionários, acaba de introduzir um plano para a criação de um corpo

móvel de estivadores, com a aprovação das associações de classes, que concentrará sob sua direção todos os empregados no Merseyside (Liverpool, Birkenhead, Manchester etc.), o qual deverá estender-se à região do Clyde brevemente. Essa medida visa assegurar uma mais rápida circulação nos portos, esperando-se realizar uma economia de 40% no número de horas atualmente empregado nas operações de carga e descarga. O plano assegura uma remuneração mínima aos estivadores qualquer que seja o gênero de serviço, todos eles tornados obrigatórios. São eles regimentados como nas forças armadas, trabalhando para a comunidade e não para determinados empregadores como até agora. Com a cooperação dos armadores, das autoridades portuárias e das *trade unions*, conta-se com uma rápida reorganização nas docas, nos estaleiros e nos transportes, a partir do dia 10 de março.

As devastações causadas pelo bombardeio intenso nos portos e cidades industriais não afetou o moral da população inglesa que vem sendo preparada para a guerra total. O que a surpreende é que o governo tenha relutado tanto tempo em pôr em prática as medidas de que se armou e vive a pregar. Se os alemães não procederem à invasão, a guerra será decidida no mar. Tudo depende da aptidão dos ingleses em manterem abertas suas rotas de navegação. A marinha mercante, com extraordinário heroísmo tem continuado a transportar cargas preciosas através de todos os perigos, graças à proteção e vigilância da Royal Navy. Como se explica que essas cargas não eram escoadas com toda a rapidez e jazia à mercê das bombas incendiárias, deficientemente protegidas? A necessidade de uma defesa contra o fogo tornou-se imperiosa desde os *raids* de 7 de setembro contra as docas do Tâmisa. Passaram-se seis meses de discussões e só ultimamente, depois do incêndio da *City* é que se introduziu a vigilância compulsória e e ainda assim pouco satisfatória. Só as firmas que empregam mais de 30 pessoas estão obrigadas a manter o serviço. Todas se queixam de falta de homens. Algumas cidades res[s] entiram-se de falta d´água para extinguir os incêndios.

Enquanto que a Grã-Bretanha continuou durante o mês a ofensiva iniciadas no novo ano em dois teatros – contra a Alemanha no ar; contra a Itália nos três elementos ar, terra e mar – Hitler preparou-se para novos golpes em longínquas paragens. Seus planos são mais complexos que os da Inglaterra e dependem de uma perfeita coordenação para o êxito.

De um lado, como já referi, a sua campanha contra as vias de comunicação, não só para obrigar à rendição pela fome e escassez de matérias-primas, como para impedir a chegada do auxílio americano.

De outro lado, vem ele incitando os japoneses a fazer ameaças contra o Império britânico no Pacífico Sul, jogando-os contra a Indochina e as Índias neerlandesas, de modo a fechar para a Inglaterra essa importante fonte para fornecimento de óleo.

Para todos os efeitos, a Bulgária está incorporada às potências do Eixo e o seu território já vem sendo ocupado pelas tropas alemães, apesar do otimismo com que a imprensa britânica recebeu a hábil e progressiva manobra dos nazis nos Balcãs. O recente pacto de não agressão turco-búlgaro foi bem acolhido pela imprensa britânica, sem embargo de se que tornou evidente a completa aquiescência do exército búlgaro aos desígnios agressivos da política alemã. A retirada do ministro britânico de Sófia, seguir-se-á de poucos dias a do ministro em Bucareste. Segundo este, os alemães colocaram 350 mil na Romênia. Tais forças, com ou sem a participação ativa dos búlgaros, atravessarão a Bulgária para atacar Salônica e possivelmente a Turquia depois. Enquanto Berlim exercia uma pressão diplomática sobre Sófia, elementos da força Luftwaffe e do exército penetravam disfarçados as fronteiras do país para preparar os aeródromos e tomar outras medidas preliminares. O referido pacto era indicativo, além do mais, de que a Turquia manteria uma atitude defensiva, sendo mesmo discutível se ela defenderá seu território europeu, a despeito de todas as suas solenes e reiteradas declarações de que fará a todo transe. Os turcos têm que andar com cuidados por causa da atitude ambígua de Moscou. Foi por instigação dos sovietes que a Turquia não se mexeu quando da agressão italiana sobre a Grécia. Agora ela está aparentando maior firmeza, depois da visita do ministro dos Estrangeiros e do chefe de Estado-Maior britânico.

Também sobre a Iugoslávia dirige Hitler as suas vistas. Como preço para a neutralidade desse país, propõe o chanceler alemão que se façam cessões territoriais à Hungria e à Bulgária, mediante a incorporação de parte da Albânia e de um corredor ao mar Egeu, através da Grécia. Completamente cercada, a Iugoslávia será facilmente subjugada à nova ordem europeia, econômica e política.

Não se divulgaram quais serão as medidas que a Grã-Bretanha empregará para vir ao socorro da Grécia contra a Alemanha. Ouve-se dizer que ela desembarcará tropas em Salônica, onde já teria estabelecido uma base aérea. Esses planos estão sendo mantidos em segredo. Hitler espera assustar os gregos, induzindo-os a concluir um armistício com a Itália. Estes, porém, ainda não deram mostra de enfraquecimento. Continuam a progredir na Albânia, atacam com vantagem a aviação italiana e despacham tropas para a fronteira búlgara. Isto deixa

pensar que o senhor Eden, na sua visita à Turquia, terá revelado a intenção de ampliar o socorro britânico.

Presentemente ninguém poderá acusar a diplomacia inglesa de tímida ou hesitante. A linguagem do ministro em Sófia, repetindo a advertência pública à Bulgária do senhor Churchill, no seu recente discurso, há três semanas, pelo rádio, não pecou pela indecisão.

Tanto nesse terreno como no militar, as iniciativas têm sido prontas e eficazes. Com uma rapidez que ninguém previa, os ingleses vêm dando golpes decisivos no império africano da Itália. Em seguida a Bengasi, veio a queda fulminante de Mogadíscio a capital da Somalilândia, limitando o perigo dos aviões e submarinos italianos, imobilizados nas suas bases.

Enquanto os alemães avançam para o Mediterrâneo, segundo seus métodos usuais – diplomacia, espionagem, corrupção, até a entrada dos aviões e carros de assalto – os ingleses não se conservaram na atitude de espectadores, senão que procuraram ripostar e contrarrestar essa ofensiva.

A oportuna missão do senhor Eden ao Próximo Oriente, juntamente com o general *sir* John Dill, teve um duplo objetivo. Permitiu-lhe entrevistar-se com o general Wavell, repetindo os entendimentos que precederam na sua viagem anterior as brilhantes vitórias na Líbia, como foi ajustar medidas estratégicas com os aliados, turcos e gregos. Embora ainda tenha terminado as suas visitas, o êxito das mesmas parece assegurado, em parte contribuindo o prestígio do chefe militar, a aliança anglo-turca saiu robustecida e isso num momento em que a ameaça alemã está se aproximando.

Na véspera de uma campanha em que os turcos, como os gregos e os ingleses, deverão coordenar os seus esforços, essas visitas, sucedendo às recentes conferências do general Wavell em Atenas, estarão dando que pensar aos alemães.

Ao mesmo tempo que Hitler prossegue a sua guerra de nervos nos Balcãs, o Japão, talvez por instigação dos seus parceiros do Eixo, tira partido das dificuldades europeias para expandir a sua penetração para o Sul. Há anos que o Japão vem hostilizando os interesses britânicos na China. Depois de fomentar um conflito entre o Sião e a Indochina, o governo de Tóquio promoveu uma mediação favorável ao primeiro, que vem firmar sua suserania na esfera em que pretende exercê-la. O ministro do Exterior insinuou no seu último discurso que estaria pronto a mediar também na guerra europeia. O senhor Butler imediatamente declarou nos Comuns que a Grã-Bretanha de nenhum modo entraria em negociações de paz, o que levou o senhor Matsuoka a desmentir-se. O senhor Churchill

teve uma entrevista no dia com o embaixador do Japão para reafirmar que as medidas de reforço de base de Singapura, onde foram desembarcadas tropas australianas e para onde foram despachados mais aviões, não ameaçavam o Japão e eram medidas exclusivamente defensivas.

A esquadra americana do Pacífico vem sendo reforçada e já fo[ram] aprovad[os] no Congresso créditos para a fortificação da Ilha de Guam, no Pacífico, medidas que terão tido um efeito moderador em Tóquio. Usando a base de Singapura, essa esquadra será um obstáculo eficaz para qualquer agressão japonesa contra as Índias neerlandesas. O Japão não se arriscaria a ocupar qualquer dessas possessões, sem primeiro aniquilar as bases britânicas de Hong Kong e Singapura ou a holandesa de Surabaia, de modo que a atitude daquele país só pode ser explicada pelo desejo de criar uma atmosfera de inquietação, prestando assim aos alemães o serviço de distrair forçar britânicas da frente europeia.

O decreto legislativo sobre privilégios diplomáticos foi finalmente aprovado. Foi um dos raros atos, como disse o senhor Butler, propostos pelo Foreign Office, para o qual não há precedentes. Ficou estabelecido um *status* de independência para os membros dos governos aliados e dos Franceses Livres, na Grã-Bretanha. Os soberanos e o corpo diplomático, que os representa, gozam desses privilégios, mas para os governos no exílio não havia as mesmas imunidades, pois esta é a primeira vez que Londres é a sede de administrações que continuam a exercer suas funções em território estrangeiro. Esses governos, em virtude do *Allied Force Act*, já comandavam suas respe[c]tivas forças armadas na Grã-Bretanha. O novo decreto dá aos ministros de Estado e funcionários graduados a mesma extraterritorialidade de que gozam os diplomatas.

A presença de tantos governos aliados neste país, faz da Inglaterra, na frase do secretariado parlamentar do Foreign Office, uma Europa em miniatura.

Estão virtualmente concluídas entre o Foreign Office e a delegação norte-americana chegada em janeiro, as negociações para a administração e jurisdição das bases aéreas e navais cedidas pela Grã-Bretanha nas colônias britânicas na América.

Certos membros do Parlamento desejam debater em sessão secreta esses arranjos, embora estejam de acordo com o arrendamento das mesmas, considerado como servindo os interesses de ambos países.

Londres, 1º de março de 1941.

Moniz de Aragão

OFÍCIO • 12 MAR. 1941 • AHI 28/2/2

[*Índice*:] O esforço britânico.

N. 213

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 12 de março de 1941.

Senhor Ministro,

No momento em que o presidente Roosevelt, cujo projeto de auxílio à Grã-Bretanha foi adotado pelo Congresso americano por uma considerável maioria, se prepara a acelerar a ajuda às democracias, o governo britânico, por sua vez, entende levar ao máximo o seu esforço de produção. Verdadeiras medidas revolucionárias são as que foram anunciadas no domingo último pelo ministro do Trabalho.

2. Todas as mulheres de 20 a 23 anos de idade serão proximamente convocadas para trabalhar nas usinas de guerra e, enquanto não ficar estabelecido esse serviço obrigatório, o senhor Bevin faz um apelo às voluntárias. Ele pediu a todas as mulheres inglesas contribuírem para a defesa nacional, fabricando os obuses e enchendo os cartuchos das bombas e granadas. Ele se dirigiu a todas as classes sociais e tanto às mulheres solteiras como às casadas. O ministro do Trabalho disse necessitar imediatamente de 100 mil voluntárias, e para as mães de família que se apresentarem foram previstas todas as medidas de proteção e amparo para os filhos menores.

3. Também para a indústria da construção naval o senhor Bevin reclamava especialistas e trabalhadores e fez um apelo veemente nesse sentido, pois julga necessário que os estaleiros e arsenais trabalhem com pleno rendimento no momento em que a Alemanha se gaba de empreender sem tréguas a mais feroz guerra submarina. Nessas condições, o governo britânico adotou uma medida enérgica, colocando sob a direção do Almirantado tudo o que se refere à construção e reparação dos navios de guerra e mercantes.

4. Toda a Grã-Bretanha aceita com satisfação as severas providências impostas pelas circunstâncias do momento. Falando em Newcastle, o presidente do Trade Union dirigiu por sua vez um caloroso apelo a todos os trabalhadores e operários britânicos, pedindo que se esforcem em produzir o máximo do possível em canhões, aeroplanos e munições.

5. Deve ser dito que presentemente o esforço da produção industrial britânica alcança dez vezes mais do que no período 1914 – 1918. Os operários ingleses compreendem o que lhes incumbe de responsabilidade

para ganhar a guerra e se sentem orgulhosos de participar de uma tarefa que julgam sagrada, tal como definida pelo presidente Gibson, isto é, "derrotar Hitler e restaurar a liberdade no continente e a democracia nos países que sofrem sob o domínio dos nazis".

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 12 MAR. 1941 • AHI 28/2/2

[*Índice*:] Relações franco-britânicas.

N. 214

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 12 de março de 1941.

Senhor Ministro,

O governo britânico foi ontem surpreendido com a declaração feita em Vichy pelo almirante Darlan em relação ao bloqueio com a ameaça de organizar comboios de navios mercantes protegidos por navios da esquadra francesa.

2. Os círculos governamentais não ligam grande importância aos comentários injustos do almirante Darlan e julgam inconcebível que ele tenha agido de boa-fé ao dizer que os ingleses são menos generosos do que os alemães que atualmente exploram e dominam a França.

3. Consideram esses círculos que os problemas do momento são extremamente graves para "pilhérias desse gênero".

4. O primeiro-ministro, segundo se propala, fará uma declaração a respeito deste assunto para demo[n]strar uma vez mais qual a verdadeira razão da atual política britânica.

5. À primeira vista parece que Vichy, visivelmente inspirado pelos alemães, deseja colocar a Grã-Bretanha em face a duas hipóteses. Permitir que os navios franceses atravessem Gibraltar livremente, o que significaria o abandono do bloqueio ou provocar um conflito armado com a esquadra francesa, o que seria cair na cilada alemã.

6. A impressão geral é que os ingleses não se deixarão intimidar e não afrouxarão o bloqueio, apesar do almirante Darlan declarar que

os mantimentos que quer importar são destinados unicamente ao consumo da França não ocupada.

7. Essa justificativa não é considerada como válida, pois o governo britânico tem provas suficientes de que tudo que entra na França está sujeito a um confisco alemão na proporção de 80%, para ser dividido entre o Reich e a Itália. Além disso é sabido que muitas fábricas na referida zona estão produzindo material de aviação e maquinarias de guerra para a Alemanha, sendo que algumas usinas espontaneamente, e outras sob a ameaça de não mais ser permitido o abastecimento de matérias-primas para o território francês sob o governo do marechal Pétain.

8. O tráfego entre Marselha e os portos africanos há muitos meses não tem sido tão intenso como atualmente, e não entretanto o almirante Darlan no seu discurso apenas se referiu ao trigo quando muitos navios chegados ali transportam principalmente copra, óleo vegetal e outros produtos gordurosos de que há grande falta na Alemanha, o que verdadeiramente representa uma violação do bloqueio econômico britânico.

9. O *Times* em artigo de hoje diz que refletindo sobre as ameaças do almirante francês seria bom que o governo britânico recordasse ao marechal Pétain a extensão dos saques e roubos dos alemães em todo o território francês como também lhe fizesse sentir estar ele adotando francamente uma política de "cooperação leal com a Alemanha" segundo suas próprias declarações, o que sem dúvida representa uma ação que pode ser interpretada como pouco amistosa, para não ser considerada como hostil, à Grã-Bretanha.

10. Nessas condições, prossegue o mesmo jornal, o governo de Vichy não pode pretender auferir um tratamento preferencial e mais favorável ao concedido aos demais países neutros e amigos da Inglaterra.

11. Não resta dúvida que, apesar de tudo, a Grã-Bretanha não esquece que o povo francês foi seu grande aliado na outra guerra e até bem pouco tempo, e sei que o Ministério do Bloqueio Econômico estaria mesmo disposto a facilitar a importação de trigo e outros alimentos pela França para livrar a sua população da fome de que está ameaçada por culpa dos alemães, se fosse encontrado uma forma que impedisse a reexportação para a Alemanha.

12. O governo britânico tem estado em continuo contato com o presidente Roosevelt sobre este assunto, pois, de forma alguma quer favorecer a Alemanha, sendo esse o principal objetivo da questão ventilada por instigação de Berlim.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 13 MAR. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Guerra na Europa. Danos causados ao consulado do Brasil em Liverpool.

Da Embaixada em Londres

125 – QUINTA-FEIRA – 13 MARÇO 1941 – 13h30 – O cônsul em Liverpool pede informar ter sido, ontem à noite, atingido o edifício do nosso consulado, diretamente, por bombas explosivas, ficando inutilizado por incêndio. Além disso, bomba de explosão retardada nas imediações da vizinhança impede o acesso. O cônsul e demais funcionários puderam, com risco de vida, salvar o dinheiro e a parte mais importante do arquivo, tendo depositado no cofre as estampilhas, os carimbos e outros valores. O serviço terá que ficar interrompido, enquanto se providencia nova instalação. Todo o pessoal está bem e pede tranquilizar as famílias. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 18 MAR. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Guerra na Europa. Repercussão [*do*] discurso [*do*] presidente Roosevelt.

Da Embaixada em Londres

131 – TERÇA-FEIRA – 18 MARÇO 1941 – 16h30 – O discurso do presidente Roosevelt continua tendo grande repercussão e está tendo determinante influência na atitude dos países balcânicos mais diretamente ameaçados pelo Reich. Segundo informações de boa fonte, a Alemanha ainda não fez qualquer exigência formal à Iugoslávia, exercendo, porém, grande pressão indiretamente, e, por sondagem dos seus diplomatas em Berlim estaria convencida de que o governo iugoslavo cada vez mais se dispõe a assumir atitude enérgica em defesa da independência nacional. O fracasso da grande ofensiva italiana na Albânia e as vitórias britânicas na África também contribuem para essa política de firmeza, tanto em Belgrado como em Atenas. Com referência à resposta da Turquia à mensagem de Hitler é sabido que contém apenas agradecimentos, reafirmando a decidida vontade do povo

turco de manter sua independência. Aqui acreditam que, caso os alemães ataquem nos Balcãs, a Grã-Bretanha, auxiliada pelos Estados Unidos da América, dará todo o apoio moral e material, tanto à Grécia como à Turquia. A ameaça de invasão pelos alemães recrudesce com a aproximação da primavera. Os ataques aéreos sobre Bristol foram, ontem e anteontem, de excepcional violência. Os círculos diplomáticos acreditam na possibilidade de um próximo rompimento de relações entre os Estados Unidos da América e a Alemanha. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 19 MAR. 1941 • AHI 28/2/2

[*Índice*:] O último discurso do presidente Roosevelt.

N. 233

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 19 de março de 1941.

Senhor Ministro,

Segundo informações recebidas nos círculos diplomáticos ligados ao Foreign Office, o discurso do presidente Roosevelt provocou na Alemanha um despeito e uma irritação muito mais intensa do que pode ser julgado pelos comentários da imprensa e dos rádios de Berlim e de Roma.

2. Aqui julgam que essa reação é facilmente compreendida, pois o *führer* e seus auxiliares geralmente se mostram, em tais casos, de uma violência sem limite e não admitem que uma palavra mais franca de um homem de Estado da Europa Central ou dos Balcãs possa ser proferida contra eles ou contra o nazismo e, quando isso ocorre, logo desencadeiam uma campanha de insultos nos seus órgãos de imprensa e tratam imediatamente de aplicar represálias.

3. Na atual circunstância, Hitler e seus companheiros ficaram naturalmente perplexos e indignados diante da coragem e firmeza com que foram tratados pelo presidente americano sem terem meios, não somente de poder responder com os mesmos argumentos, que lhes faltam, mas ainda poder exercer uma vingança ou ao menos defender o orgulho próprio de todo o povo alemão.

4. Nessas condições, nos referidos círculos ninguém duvida que de acordo com os processos hitlerianos, Berlim estaria preparando um ato de violência qualquer, de caráter vingativo para a afronta que os Estados Unidos acabam de fazer à Alemanha, sem deixar a Hitler os meios de se desagravar.

5. A escolha da vítima é atualmente um problema difícil, pois é muito limitado o número, não podendo a Alemanha agir diretamente contra os Estados Unidos, e o que ainda complica a situação é que as restantes nações que poderão ser alvo das iras do *führer* não são extremamente fracas como ele desejaria, para lograr o seu objetivo.

6. A partida precipitada dos residentes alemães na Grécia e a hostilidade que se percebe desde alguns dias na imprensa do Reich contra a Grécia demonstra que considerações de prestígio, tanto como de estratégia, poderão impelir os alemães a intervir militarmente marchando sobre Salônica e Atenas.

7. A questão que ocupa a ordem do dia é a de saber se pelos mesmos motivos a Alemanha julgará dever punir a Iugoslávia.

8. Parece, no entretanto, que o estado-maior alemão hesita ainda em tomar uma deliberação nesse sentido, primeiramente porque teme encontrar uma séria resistência que teria como resultado, mesmo se o exército alemão fosse rapidamente vitorioso, destruir a Iugoslávia que hoje constitui um dos celeiros do Reich e também porque receia possíveis complicações com a Rússia.

9. Existem aqui fundados motivos para crer que as negociações prosseguem entre Belgrado e Moscou para a conclusão de um tratado de não agressão e de defesa mútua entre a Iugoslávia e a Rússia soviética.

10. Ouvi a esse respeito certas observações em relação ao fato de que uma agressão significa naturalmente pouco quando, como é o caso da Iugoslávia e Rússia, não possuem fronteiras comuns.

11. Por outro lado um auxílio mútuo seria a maneira natural para a Rússia incitar a Iugoslávia à resistência contra a pressão alemã e eventual tentativa de absorção ou ocupação incompatível com a honra de uma nação livre.

12. Existe um certo ceticismo entre os diplomatas britânicos em relação ao fato de saber se Moscou cogita verdadeiramente de prestar uma assistência militar e total à Iugoslávia.

13. Alguns julgam que os sovietes, tendo tido conhecimento de certos projetos atribuídos aos alemães de encetarem no começo do verão uma campanha contra a Ucrânia, velha ambição de Hitler, não hesitarão em buscar aliados onde seja possível.

14. Outros pensam que a Rússia agirá segundo o desenvolvimento dos acontecimentos e, em tal eventualidade, Moscou agiria de acordo com Berlim se o Reich for bem-sucedido e em posição diametralmente oposta em caso contrário.

15. De qualquer forma, por enquanto não vejo motivo real para crer que a ação Berlim-Moscou não continue a ser exercida em plena harmonia, pois até agora a política Stalin-Hitler ainda não entrou em grave choque, continuando ambos a dividir os proveitos sempre que a ocasião tem sido propicia.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 20 MAR. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. (Ataque aéreo a Londres).

Da Embaixada em Londres

134 – QUINTA-FEIRA – 20 MARÇO 1941 – 14h00 – O ataque aéreo, ontem à noite, foi extremamente violento, sendo Londres o principal objetivo. Quatro hospitais, inclusive uma maternidade, foram atingidos, além das docas. As bombas lançadas, ontem, foram de excepcional poder explosivo. Ainda não foi divulgado o número das vítimas, que deve ter sido importante. O subsecretário dos Negócios Estrangeiros, interpelado na Câmara dos Comuns, declarou que qualquer sugestão para garantir a população civil italiana na Abissínia, devia partir do governo italiano ou da autoridade militar naquela zona. Acrescentou que o governo britânico jamais recebeu pedido nesse sentido, mas devia declarar que, enquanto se desenvolvem as operações militares, as forças e os servidores do Estado nada podem fazer para proteger a população localizada atrás da linha inimiga que, em dado momento, pode ficar ameaçada. Cumpre, pois, conforme declaração do subsecretário dos Negócios Estrangeiros, ao alto comando italiano assegurar a proteção da referida população. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 22 MAR. 1941 • AHI 28/2/2

[*Índice*:] Missão comercial britânica à América do sul.

N. 240

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 22 de março de 1941.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, nos inclusos recortes[4], dois artigos publicados pelo *Times*, de 22 do corrente, sobre a viagem da missão Willingdon à América do Sul.

2. O primeiro deles, artigo editorial intitulado "Good will and markets", se refere, entre outras coisas, a declarações feitas recentemente, nesta capital, por um dos membros da missão, *lord* Forres, a respeito da potencialidade industrial do Brasil e de outros países sul-americanos. Segundo *lord* Forres, essa potencialidade, ainda na sua infância, receberá da guerra um poderoso impulso; e no seu desenvolvimento o capital dos Estados Unidos desempenhará um papel importante, conjuntamente com o capital britânico, no qual muitos daqueles – pincipalmente a República Argentina – se apoiaram, no passado.

3. O segundo artigo faz considerações de ordem geral sobre a mencionada viagem.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 25 MAR. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Atividade nazista na América do Sul. Situação balcânica.

Da Embaixada em Londres

138 – SEGUNDA-FEIRA – 25 MARÇO 1941 – 18h15 – Os jornais salientam a conferência, em Santiago do Chile, dos embaixadores alemães em Buenos Aires, Lima e La Paz como o prenúncio de uma ação nazista mais intensa

4 Não localizados no volume.

na América do Sul, tal como parece já estar ocorrendo no México, acrescentando que o assunto está sendo objeto de muita atenção do governo americano, mormente com relação à defesa do canal do Panamá. O desenvolvimento da situação balcânica continua a inspirar vivo interesse, não havendo otimismo sobre a atitude do governo iugoslavo. O governo britânico mantém-se em permanente contato com Ancara, Atenas e Belgrado. Um boato não confirmado, mas julgado digno de crédito, indica que o governo russo teria dado segurança à Turquia de não intervir na sua política se julgar dever agir em defesa de sua independência. Possivelmente uma declaração será feita em Moscou nesse sentido. O último bombardeio de Plymouth produziu graves danos na zona residencial, sendo grande o número de mortos, sobretudo de mulheres e crianças. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 26 MAR. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Situação balcânica. Utilização de bases inglesas do Atlântico.

Da Embaixada em Londres

144 – QUARTA-FEIRA – 26 MARÇO 1941 – 16h30 – A assinatura, pela Iugoslávia, do pacto tripartido, não causou surpresa, mas é considerada de extrema importância para o desenvolvimento da guerra. A expansão germânica nos Balcãs está determinando maior aproximação das relações anglo-russas, estabelecendo, entre Moscou, Ancara e Londres possibilidades de êxito para novos entendimentos, no interesse da defesa comum. O subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros disse-me hoje, reservadamente, estar iminente a assinatura do contrato e regulamento para a utilização das bases inglesas no Atlântico pelos Estados Unidos da América, acrescentando considerar a situação com o maior otimismo, em face da franca e decisiva política americana de auxílio à Grã-Bretanha. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 26 MAR. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Normas para a entrada de estrangeiros no Brasil.

Da Embaixada em Londres

145 – QUARTA-FEIRA – 26 MARÇO 1941 – 18h15 – Aditamento ao meu telegrama n. 141. Realizou-se hoje um grande almoço, no Conselho britânico, de despedida ao senhor Francis Toye, que partirá para o Rio de Janeiro

para dirigir a Sociedade de Cultura Inglesa. Estiveram presentes altas autoridades diplomáticas e políticas. Foi levantado um brinde a Sua Excelência o Senhor Presidente Getúlio Vargas. O subsecretário dos Negócios Estrangeiros pediu-me manifestar a Vossa Excelência o desejo deste governo de que seja o passaporte visado nesta embaixada, visto tratar-se de funcionário pago pelo governo britânico, tendo, portanto, caráter semioficial, e dispensar o Foreign Office o máximo interesse ao assunto. MONIZ DE ARAGÃO

❖

DESPACHO • 26 MAR. 1941 • AHI 29/3/13

Índice: Contribuição do Brasil para o Conferência Internacional de Carnes.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

AC 24/845.73 (60)(00) – RIO DE JANEIRO – 26 MARÇO 1941 – A Secretaria de Estado das Relações Exteriores apresenta seus cumprimentos à Embaixada do Brasil em Londres e, para fins de caráter orçamentário, solicita-lhe o obséquio de remeter, com a maior urgência possível, informações sobre o montante das contribuições que deverão ser pagas pelo Brasil à Conferência Internacional de Carnes, nos exercícios de 1941 e 1942. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 27 MAR. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Guerra na Europa. Golpe de Estado na Iugoslávia.

Da Embaixada em Londres

147 – QUINTA-FEIRA – 27 MARÇO 1941 – 13h00 – Notícias de Belgrado, que acabam de ser recebidas pelas agências telegráficas, dizem que, esta madrugada, o rei Pedro deu um golpe de Estado, expulsou o regente Paulo, prendeu o primeiro-ministro e o ministro dos Negócios Estrangeiros, tomando posição francamente contra o Eixo. Essas notícias causaram grande sensação, sendo esperado a cada momento o texto da proclamação dirigida pelo rei ao seu povo. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 27 MAR. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Guerra na Europa. Golpe de Estado na Iugoslávia.

Da Embaixada em Londres

148 – quinta-feira – 27 março 1941 – 16h00 – Aditamento ao meu telegrama n. 147. O primeiro-ministro acaba de declarar que o governo britânico dará todo apoio ao novo rei dos sérvios, croatas e eslovenos na defesa contra a eventual agressão alemã, não duvidando de igual atitude por parte dos Estados Unidos da América. Acrescentou que o Império britânico e seus aliados farão causa comum com a Iugoslávia. A situação é considerada extremamente delicada, sendo ansiosamente esperada a reação na Rússia e na Turquia. moniz de aragão

❖

TELEGRAMA • 27 MAR. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Guerra na Europa. Ataque ao navio brasileiro *Taubaté*.

Da Embaixada em Londres

149 – quinta-feira – 27 março 1941 – 16h30 – A imprensa trata minuciosamente da agressão alemã ao navio brasileiro *Taubaté*, lamentando ter havido vítimas e condenando severamente o aviador nazista, cuja conduta considera criminosa e imperdoável. Diversos colegas têm manifestado a esta embaixada seus sentimentos de simpatia. moniz de aragão

❖

OFÍCIO • 27 MAR. 1941 • AHI 28/2/2

[*Índice:*] O novo aderente ao Pacto Tripartido.

N. 255

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 27 de março de 1941.

Senhor Ministro,

O governo iugoslavo ao aderir em Viena, como era esperado, ao Pacto Tripartido assinou a submissão do seu país à Alemanha.

2. Essa é a opinião dominante nos meios ligados ao Foreign Office e as notas, pelos quais o *führer* garantiu as fronteiras da Iugoslávia e se compromete a não pedir autorização para a passagem de tropas alemãs através [d]o território iugoslavo, não terão certamente valor senão

enquanto Hitler julgar compatível com seus interesses políticos e de acordo com suas necessidades estratégicas.

3. Releva notar que o governo alemão não se comprometeu a não invadir a Iugoslávia por sua própria iniciativa.

4. Nem a resistência da nação, especialmente do elemento sérvio, nem os avisos e recomendações reiteradas dos governos britânicos, grego e turco puderam deter a ação do regente Paulo.

5. Foi ele quem solicitou a incorporação da Iugoslávia na órbita do Eixo e isso foi claramente indicado pelo ministro Ribbentrop no seu discurso no qual coloca o governo iugoslavo no mesmo pé de igualdade que os outros signatários tais como a Hungria, Romênia, Eslováquia e Bulgária.

6. Assim, pois, ficou afastada qualquer possibilidade de formação de uma frente balcânica de Belgrado a Ancara através da Sérvia meridional, da Macedônia e da Trácia.

7. É uma situação que os governos de Londres, de Atenas e de Ancara tinham previsto e que já tinham considerado ao elaborarem os seus planos defensivos.

8. Em relação à defecção do governo iugoslavo devem ser notadas as declarações que acabam de ser trocadas entre a Turquia e a Rússia soviética.

9. Por esse ato, o governo de Moscou deu aos turcos a certeza que sua resistência a uma eventual agressão seria compreendida pelos russos que nada fariam para comprometê-la guardando uma perfeita neutralidade.

10. Em certos termos, as relações turco-russas voltaram ao que eram antes da assinatura do tratado germano-russo em 17 de setembro de 1939 e se encontram restabelecidas no plano do acordo de não agressão russo-turco de 1925, o que significa que a Rússia e a Turquia estão decididas a prosseguir no desenvolvimento de uma política de paz e se obrigam a observar entre elas uma neutralidade que não exclui a perfeita compreensão para o caso em que uma ou outra dessas nações seria atacada, uma vez que todas duas prometem não participar de qualquer combinação que poderia arrastá-las a atos de hostilidades entre ambas, prevalecendo uma perfeita reciprocidade.

11. Parece interessante observar a evolução da política de Moscou que foi anunciada pela sua atitude em relação à Bulgária, antes e depois da adesão de Sófia à Tríplice.

12. Continuando a se mover no quadro da neutralidade e da paz, Moscou foi progressivamente impelido a modificar a sua neutralidade pacífica à medida que a ameaça alemã se aproxima dos estreitos.

13. A declaração de 25 do corrente marca um passo a mais, pois introduz novamente na fraseologia russa a noção de agressão cujo autor não pode ser senão Hitler.
14. O assunto sendo considerado sob este aspecto não parece exagerado dizer que a referida declaração de 25 de março constitui um documento importante e que estabelece entre Moscou, Ancara e Londres possibilidades de possíveis contatos e eventuais entendimentos.
15. Assim, estou informado de que nos últimos dias têm sido frequentes as visitas do embaixador dos sovietes ao Foreign Office e que nos círculos políticos desta capital o assunto está sendo considerado com um maior otimismo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 27 MAR. 1941 • AHI 28/2/2

[*Índice*:] Programa de paz.

N. 257

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 27 de março de 1941.

Senhor Ministro,

No recente discurso proferido por *lord* Halifax em Nova York na Pilgrims Society ele esboçou em grandes traços um primeiro ensaio do programa de paz.
2. Apesar de ainda ligeiramente esboçado, vale a pena observar e perceber o movimento geral do projeto cuja parte essencial subsistirá sem dúvida depois dos retoques necessários.
3. O frontispício desse programa de paz, que servirá talvez de guia para a reconstrução após guerra, está constituído de princípios que se baseiam em qualquer democracia na própria vida e garantia da liberdade de todos os seres humanos.
4. *Lord* Halifax declarou que a guerra atual tinha por objeto a manutenção desses princípios.

5. "O presente conflito", disse o referido embaixador, "pôs em perigo certas máximas essenciais à vida que todos queremos viver, que desejamos ver em torno de nós. É verdade que combatemos pela nossa própria vida porque ela, sem essas máximas, ficaria sem interesses e valor".

6. O embaixador britânico em Washington continuou dizendo:

> Esses princípios constituem os elementos básicos dos direitos promulgados na declaração da Independência americana há 150 anos. Como o presidente Roosevelt fez há dez dias em seu discurso histórico, eu desejaria poder reivindicar hoje para todo homem o direito de pensar, falar e de agir livremente dentro dos limites das leis e de ter franca liberdade de acesso ao pensamento dos outros homens com o direito de formar livremente associações nacionais ou internacionais, viver sem temor de agressão, da injustiça e da miséria e finalmente o direito de crer e de adorar segundo o impulso de sua consciência.

7. Em seguida a esta declaração de ordem geral, *lord* Halifax indicou o plano de reconstrução do mundo. Ele disse perceber no futuro uma associação de nações fortes em condições de cooperar para garantir sua prosperidade econômica e sua defesa. Nenhuma nação poderá dominar as outras e todas, mesmo as mais pequenas e fracas, deverão ter o seu lugar e estar prontas para certos sacrifícios para o bem geral.

8. A ordem internacional para ser estável deve prever e regular as modificações que poderão intervir nas relações entre os Estados, mas acrescentou *lord* Halifax, os direitos não poderão existir sem os deveres.

9. Qualquer nação deverá estar pronta, como todo cidadão, para tomar na devida consideração tudo o que interessa na esfera política como na econômica a prosperidade do seu vizinho.

10. Seria inútil ensaiar impor um sistema de associação de povos às nações que não queiram colaborar sinceramente e parece que é necessário tratar de criar no mundo condições políticas e econômicas tais que os povos perceberão por si mesmos a profunda comunhão de seus interesses.

11. A União dos Países Britânicos (*British Commonwealth*) é hoje o bastião da defesa das liberdades humanas e poderá se transformar, graças a sua dispersão geográfica, na fórmula de partida que nos encaminhará para a unidade de um mundo mais vasto.

12. *Lord* Halifax falou ainda da cooperação econômica entre os povos:

> Quando a vitória for conquistada o nosso objetivo será desenvolver por todos os meios pelas trocas a percepção

do interesse geral. Os problemas que implicam necessidades comuns não podem ser resolvidos senão por uma ação coletiva. Nosso propósito será uma justa repartição da prosperidade.

13. Enfim, o embaixador declarou que esse vasto programa de reconstrução não podia ser encarado se não existir um dispositivo de segurança que impeça a Alemanha de retomar, depois de sua segunda derrota, pela terceira vez a sua política agressiva, abusiva de dominação do mundo e assim esperava que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha compreendessem a imensa responsabilidade que então lhes caberá.
14. Direitos do homem, associação política dos povos para a própria prosperidade econômica e defesa, manutenção de uma força armada enquanto a Alemanha não se submeter às novas doutrinas são os principais pontos do vasto plano que *lord* Halifax apresentou, não somente diante dos membros da Pilgrims Society de Nova York, mas diante de todas as pessoas e organizações políticas que têm responsabilidades na elaboração da futura paz.
15. Por uma extraordinária coincidência ele colocou como lema de sua alocução a citação de Pascal, referente a uma organização mundial baseada na justiça e na força, exatamente como foi feito em 1924 quando foi firmado o protocolo da Sociedade das Nações, referente à segurança e defesa dos Estados, membros da referida organização.
16. A imprensa comenta elogiosamente o discurso do embaixador, julgando que ele prestou um grande serviço à grande obra de liberdade e progresso que está sendo elaborada pelos governos britânico e americano.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 28 MAR. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Guerra na Europa. Ataque ao navio brasileiro *Taubaté*.

Da Embaixada em Londres

150 – sexta-feira – 28 março 1941 – 10h30 – Aditamento ao meu telegrama n. 149. A agressão ao *Taubaté* continua sendo o principal

comentário da imprensa e do rádio. O *Times* publicou hoje destacada e extensa entrevista do comandante Tinoco, o qual afirma sem hesitação, ter não somente ele, mas toda a tripulação, visto distintamente a insígnia alemã na asa e na cauda do aparelho atacante, o qual de nenhum modo poderia ter-se equivocado quanto à nacionalidade do vapor. Forneceu ainda outros pormenores sobre a brutalidade do ataque, salientando a cortesia do acolhimento pelas autoridades de Alexandria e o imediato auxílio prestado por um avião britânico, que logo atendeu ao seu pedido de socorro. O comandante acrescenta que, além das avarias sofridas pelo *Taubaté* no ataque à metralhadora, houve o arrombamento do casco do navio por explosão de uma bomba próxima, um morto e doze feridos. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 31 MAR. 1941 • AHI 28/2/2

[*Índice*:] Missão comercial britânica à América do Sul. Declarações de *lord* Forres.

N. 266

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 31 de março de 1941.

Senhor Ministro,

Já no ofício n. 240, de 22 do corrente, refiro-me a declarações feitas por um dos membros da missão Willingdon, *lord* Forres, do Conselho de Indústrias e de Exportação do Board of Trade e presidente do Grupo de Exportadores. Recentemente, em discurso pronunciado na Câmara de Comércio de Londres, o mesmo salientou ser necessário acelerar o plano britânico de exportações, a fim de combater o sistema alemão de trocas. No passado, a instabilidade do câmbio fora um dos maiores obstáculos à realização de negócios com a América do Sul e, se essa dificuldade pudesse ser resolvida, as demais também poderiam. Os exportadores, assim, não perderiam o contato com os mercados e fregueses daquele continente, ainda mesmo que não estivessem em condições de fornecer tudo o que lhes fosse encomendado.

2. *Lord* Forres declarou que tinha ficado muito impressionado com o número e a variedade de indústrias que se estavam desenvolvendo no Brasil. Uma empresa dos Estados Unidos estava auxiliando o aumento da produção de aço no nosso país e barras aí preparadas já vinham sendo usadas na construção de edifícios. Pneumáticos feitos de algodão e borracha do Brasil estavam sendo exportados para a África do Sul.

3. *Lord* Forres disse ainda que cientistas brasileiros, em conexão com outros peritos, haviam descoberto um método de utilização do café na manufatura de substâncias plásticas (*plastics*) que poderiam ser usados para a fabricação de aviões e automóveis.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 31 MAR. 1941 • AHI 28/2/2

[*Índice*:] O comércio internacional depois da guerra.

N. 267

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 31 de março de 1941.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, nos inclusos recortes[5], dois editoriais do *Financial News*, de 25 e 26 do corrente, sobre os problemas que o Reino Unido terá de encarar, terminada a guerra, com relação ao seu comércio

2. O primeiro deles, do dia 25, ao tratar do comércio internacional, mostra que a Grã-Bretanha tem interesse no desenvolvimento do mesmo, não só pelo benefício que tirará da especialização internacional, como também pela questão do transporte e construção de navios. A Grã-Bretanha não poderá, porém, conseguir o aumento desse comércio, sem comprar os produtos de outros países; e isso significa que os produtos britânicos terão de preparar-se para lutar contra a competição do estrangeiro.

3. O segundo editorial diz, entre outras coisas, que, relativamente a numerosos artigos primários, a Grã-Bretanha poderia talvez negociar contratos de compra de grandes proporções, por longo prazo. Não seria difícil, por exemplo, ao Ministério da Agricultura determinar a quantidade total de trigo a ser importada durante uns três anos e assegurar o seu fornecimento por meio de negociações com os produtores.

5 Não localizados no volume.

O mesmo poderia ser feito com o açúcar, a carne, o cobre, o minério de ferro e grande número de outros artigos, cuja procura, numa economia bem dirigida, seria estável. Do mesmo modo, haveria possibilidade de fixar, em muitos casos, a exportação. Essa solução parece ao *Financial News* a melhor para estabilizar o comércio mundial e impedir nas relações comerciais internacionais as flutuações violentas que no mercado interno deveriam ser evitadas por uma política adequada.

4. Atualmente, lembra o jornal, certos produtos estão sendo comprados em quantidades globais. Esse processo, acha, perdurará depois da guerra. Confessando que o comércio nessa base se assemelharia um tanto ao regime comercial introduzido pela Alemanha, desde há alguns anos, afirma que o objetivo não seria o mesmo. Os alemães, declara, tiveram por fim restringir o comércio e auferir os maiores benefícios para o Reich, enquanto que o intuito da politica comercial aventada seria, pelo contrário, desenvolver o comércio ao máximo possível, evitar flutuações prejudiciais e proporcionar benefícios e segurança a todos os países.

5. Visto a importância do órgão financeiro em questão, são de interesse esses editoriais, por evidenciarem o pensamento de certos círculos econômicos deste país, sobre a matéria.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 02 ABR. 1941 • AHI 30/1/1

Índice: Controle das exportações no Brasil.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

80 – 2 ABRIL 1941 – Referência ao seu ofício n. 174. O governo dos Estados Unidos da América, devido à situação internacional, controlou as exportações do país, declarando, porém, que concederia facilidades às destinadas ao Brasil, caso o governo brasileiro garantisse que os produtos daquela procedência não seriam reexportados. Foi para atender a essa situação que o Brasil instituiu o regime dos certificados

de exportação. Se Vossa Excelência julgar necessário, poderá dar conhecimento a esse governo das verdadeiras razões que levaram o governo brasileiro a tomar aquela atitude. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 03 ABR. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

158 – QUINTA-FEIRA – 3 ABRIL 1941 – 16h45 – Em consequência da capitulação de Asmara e da iminente ocupação de Massana, fica assim toda a Eritreia em poder dos britânicos que também já ocuparam mais de metade da Abissínia. Notícias oficiais dizem que os italianos se retiram em toda a parte em completa derrota. Os círculos autorizados dizem que o ministro de Negócios Estrangeiros japonês em Berlim e Roma recebeu penosas impressões sobre o atual desenvolvimento da guerra, determinando a abstenção do Japão em intervir imediatamente ao lado do Eixo, como desejaria o governo alemão. As relações anglo-russas têm feito progresso, tornando-se mais cordiais, confirmadas por declaração oficial do subsecretário dos Negócios Estrangeiros à Câmara dos Comuns. Tem havido frequente contato entre o embaixador russo aqui e o Foreign Office, nos últimos dias. A diplomacia britânica, de acordo com a Turquia, procura formar um bloco de resistência turco-greco-iugoslavo, apoiado pela Grã-Bretanha e pela Rússia, contra a expansão ítalo-alemã nos Balcãs e no Próximo Oriente. O governo britânico declarou, oficialmente, que vai intensificar o bloqueio da França, considerando que sua independência e neutralidade não podem ser admitidas, pois mesmo o território francês não ocupado não pode ser tecnicamente neutro, pois está realmente sob a influência de Berlim, e acresce que as autoridades francesas continuam criando dificuldades ao livre exercício das funções do direito de beligerância britânico, sendo em tudo manejadas pelos alemães em seu proveito, isto é, importando tudo o que necessitam por intermédio de navios franceses, inclusive material bélico. Nestas condições, o governo britânico considera seu direito impedir, por todos os modos, que o bloqueio seja rompido em favor da Alemanha e julga que não age nem ilegal nem arbitrariamente. O governo britânico estaria sendo integralmente apoiado pelos Estados Unidos da América nessa política, que já teria, nesse sentido, agido energicamente em Vichy. As últimas notícias

indicam que o número total de prisioneiros italianos na África alcança a cifra de 180 mil homens. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 07 ABR. 1941 • AHI 28/2/2

[*Índice*:] A nova agressão alemã.

N. 294

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 7 de abril de 1941.

Senhor Ministro,

As últimas notícias aqui recebidas indicam que o *führer* iniciou a sua ofensiva de primavera, atacando simultaneamente a Grécia e a Iugoslávia com a colaboração da Itália.

2. Em uma proclamação aqui divulgada, o chefe do governo alemão procura justificar sua ação sem, porém, encontrar argumentos convenientes em favor do seu ato.

3. A semelhança das razões invocadas e até a coincidência da hora dessas novas invasões com as anteriormente operadas na Holanda e na Bélgica constituem objetos de comentários da imprensa londrina.

4. Em geral, todos manifestam aqui que o interesse dominante não reside nessas tentativas de justificação, mas nas decisões tomadas por Berlim e nas circunstâncias em que se produziu essa nova agressão, sob todos os pontos de vista, injustificada.

5. Contra sua própria tendência, várias vezes demonstrada; contra a doutrina do seu estado-maior, o chanceler Hitler resolveu instalar uma nova frente de batalha.

6. Depois da conquista fulminante da Europa ocidental há cerca de dez meses, o *führer* se tinha gabado de ganhar, pouco a pouco, sem um tiro, todos os territórios europeus que foi incorporando ao Reich e de assim obrigar o Reino Unido a se submeter ao fato consumado.

7. Entretanto, a Alemanha não conseguiu até agora invadir a Grã-Bretanha e os últimos povos livres da Europa recusaram de se submeter ao domínio do Eixo.

8. O Império britânico, em obediência da garantia dada em abril de 1939, tem sustentado a Grécia contra o seu agressor italiano e agora Hitler, para conquistar o último canto de terra livre, deve empregar a força e lutar.

9. No momento em que ele se empenha com a Itália nessa aventura, encontra em sua frente a Grécia e a Iugoslávia unidas, e a Grã-Bretanha que, tendo retomado o seu posto no continente, vai combater lado a lado com essas nações.
10. A Turquia, sobre a qual Hitler guarda o mais absoluto silêncio, vigia a sua fronteira e além defende a zona dos seus interesses vitais.
11. No segundo plano os Estados Unidos tratarão de ajudar os povos agredidos com todas as suas forças, conforme a recente declaração do presidente Roosevelt.
12. A Alemanha também enfrenta a Rússia que no sábado último assinou com a Iugoslávia um pacto de não agressão e de amizade, pelo qual essas duas potências prometem manter uma mútua política de confiante amizade.
13. Pode facilmente ser notada a diferença entre esse acordo e os tratados que garantem ao mesmo caso a neutralidade benevolente.
14. Assim a Rússia parece decidida a agir preventivamente, se assim me posso exprimir, para impedir a extensão da guerra nos Balcãs.
15. É a definição da política tradicional do Kremlin, mas constitui também uma visível crítica da ação de Hitler que, diante do povo russo, é apresentado agora com[*o*] um agressor.
16. Não é mais possível saber o que resta do tratado germano-russo de 23 de agosto de 1939, pelo qual as duas partes se comprometeram, no artigo 2º, a não apoiar ou auxiliar de nenhuma forma uma terceira potência que entrasse em conflito com um deles, e, pelo artigo 3º, a estabelecer contatos imediatos para consultas mútuas para todas as questões de interesse comum.
17. Logo depois do golpe de Estado de Belgrado, foi previsto que os acontecimentos então ocorridos marcavam uma fase nova no desenvolvimento da guerra e essa situação está agora esclarecida e aparece como inspirada por novas diretivas com perspectivas imprevistas que podem alterar profundamente a ação dos elementos em luta.
18. Ainda não está definida a atuação da Turquia, mas tudo indica, e aqui todos acreditam, que será em tudo conforme ao seu compromisso com a Grã-Bretanha e com a Iugoslávia, mormente depois de ter ficado segura de não correr perigo por parte de Moscou.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 09 ABR. 1941 • AHI 28/2/2

[*Índice*:] O auxílio britânico nos Balcãs.

N. 297

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 9 de abril de 1941.

Senhor Ministro,

A confirmação da notícia anteriormente divulgada do envio de um corpo expedicionário britânico para a Grécia causou grande satisfação e foi considerado como particularmente apropriado no momento em que a Grã-Bretanha foi chamada para dar um apoio total às novas potências obrigadas de lutar contra agressões do Eixo.

2. Além disso foi notado que quando os gregos respondiam por um altivo desafio e de magnífico desprezo ante às tentativas alemãs de intimidação, a Grã-Bretanha ela também desprezava as alegações do Reich, pretendendo que as tropas britânicas não poderiam pôr o pé no continente.

3. A imprensa londrina não deixou a esse propósito de observar o modo estranho pelo qual Berlim somente agora se refere à presença de forças britânicas na Grécia para justificar sua agressão, pois não devia certamente ignorar tal fato existente há algum tempo.

4. Isso parece tanto mais extraordinário, pois o Reich afirma na mesma ocasião em suas declarações públicas que a Grã-Bretanha acende a guerra nos Balcãs fazendo morrer, por sua causa, os soldados dos seus aliados.

5. Pode, porém, ser compreendido que a Alemanha não deseja admitir que a Inglaterra, tendo demonstrado a sua grande força impedindo a invasão nas suas ilhas, possa passar a uma ação direta e ofensiva enviando tropas para uma outra extremidade da Europa.

6. Todos admitem aqui que pelo espírito indominável de que fazem prova pequenos povos, tais como os iugoslavos e gregos, e pelo enorme esforço que estão desenvolvendo para a sua própria defesa, merecem sem dúvida a admiração do mundo inteiro e têm direito ao mais amplo auxílio.

7. Quando o aspecto dos acontecimentos nos Balcãs fez prever que cedo ou tarde a Alemanha atiraria contra a Grécia o peso de suas forças para socorrer a sua aliada derrotada, a Grã-Bretanha tomou logo

disposições para tornar efetivo o seu auxilio, o que dá toda significação às últimas notícias oficiais sobre o corpo expedicionário britânico que já está operando ao lado das novas vítimas do furor teutônico.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 15 ABR. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Guerra na Europa. Pacto russo-japonês.

Da Embaixada em Londres

172 – TERÇA-FEIRA – 15 ABRIL 1941 – 17h30 – A situação geral continua bastante confusa, mas todos aqui estão confiantes. A ofensiva alemã na Líbia causou desapontamento, mas os círculos militares não consideram que ofereça real perigo ao Egito, visto que a defesa britânica será reforçada por elementos disponíveis depois da derrota italiana na Abissínia e na Eritreia. A campanha balcânica será penosa e longa e a atitude da Turquia é observada com grande atenção. Considera-se aqui que a significação do pacto russo-japonês não deve ser exagerada, sendo ele destinado a estabelecer uma situação que já existia de fato entre Tóquio e Moscou. Também se considera o acordo inspirado no desejo do Japão ficar mais garantido, no caso de conflito no oceano Pacífico, e no da Rússia ficar mais protegida, numa eventual expansão germânica na Ucrânia. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 15 ABR. 1941 • AHI 28/2/2

[*Índice:*] O último discurso do senhor Churchill.

N. 306

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 15 de abril de 1941.

Senhor Ministro,

O primeiro-ministro tomou ontem a palavra na Câmara dos

Comuns para fazer uma declaração sobre a atual situação diplomática e militar.

2. Como de costume o senhor Churchill falou com uma inteira franqueza e mesmo com uma certa energia sem atender ao que ele julga serem "questões de prestígio ou de considerações de opinião pública".

3. É a linguagem viril de um chefe seguro de suas tropas às quais nada dissimula e que não trata de iludir com vagas esperanças.

4. No balanço que ele fez, os aspectos favoráveis da situação, as vantagens obtidas e duráveis foram inscritas no mesmo plano dos indícios desfavoráveis, dos elementos incertos e das possíveis consequências negativas.

5. No ativo deve ser mencionado o desmoronamento do Império italiano da África Oriental que liberta as forças imperiais britânicas e um material de grande importância, que fez dominar completamente o mar Vermelho, artéria vital do Reino Unido; as severas derrotas infligidas à esquadra italiana em Matapan, em grande parte reduzida à impotência; o aumento constante da força material e moral da aviação britânica e os progressos contínuos obtidos nas defesas aéreas do império britânico.

6. No passivo real ou virtual deve ser inscrita a presença dos alemães na África do Norte e o avanço dessas forças na Cirenaica que constitui sem dúvida uma nova ameaça para o Egito; a ofensiva nazista nos Balcãs que oferece um crescente perigo para a Turquia e para a Ucrânia e poderá ser dirigida novamente para oeste visando uma tentativa de invasão da Grã-Bretanha; a possibilidade de ruptura do equilíbrio das forças navais no Mediterrâneo se o governo de Vichy cedesse a certas imposições de Berlim e a batalha aérea e submarina do Atlântico que está infligindo sensíveis perdas à marinha mercante britânica.

7. A apresentação desse balanço foi feita pelo primeiro-ministro com toda a sinceridade e evidentemente teve por fim indicar ao povo britânico que não deve se entregar a um otimismo fácil que certos recentes acontecimentos poderiam justificar e para que todos prossigam nos seus esforços de preparar a defesa do país.

8. É principalmente sobre a batalha do Atlântico que o senhor Churchill mais se estendeu na sua exposição. Construir navios incessantemente e proteger os comboios constitui a ordem do dia.

9. Essa ordem é tanto valiosa para oImpério britânico como para os Estados Unidos se o governo americano não quiser que seus esforços sejam feitos em vão para ajudar a Grã-Bretanha a ganhar a guerra.

10. A vitória do Atlântico é que deve assegurar às democracias ocidentais a superioridade material necessária para abater definitivamente a força alemã.
11. Restabelecendo a verdadeira perspectiva dos acontecimentos e sua importância, o senhor Churchill indicou claramente a orientação que devem ter os esforços a serem feitos para ser obtida a vitória para a qual os Estados Unidos estão cada vez mais decididos a colaborar.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 17 ABR. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Danos no edifício da embaixada. Situação funcionários.

Da Embaixada em Londres

174 – QUINTA-FEIRA – 17 ABRIL 1941 – 12h30 – Os ataques aéreos desta noite foram extremamente violentos, os mais terríveis, durando desde o anoitecer até a madrugada. Nosso quarteirão, principalmente nossa rua e vizinhanças, sofreu graves danos e a maior parte dos edifícios foram destruídos. O edifício da embaixada foi seriamente danificado, tendo o prédio próximo se desmoronado. O pessoal da embaixada, auxiliado pelo vigia, trabalhou toda a noite com extrema dedicação, protegendo o arquivo contra a possibilidade de incêndio e destruição do edifício, merecendo caloroso elogio. A situação ameaça tornar-se extremamente grave, com o recrudescimento dos bombardeios. Rogo a Vossa Excelência urgente solução para o assunto do meu telegrama n. 128, a fim de poder, eventualmente, socorrer o pessoal e atender a gastos extraordinários. Todos estão felizmente bem. Rogo a Vossa Excelência avisar às respectivas famílias. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 17 ABR. 1941 • AHI 28/2/2

[*Índice*:] O pacto russo-japonês.

N. 318

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 17 de abril de 1941.

Senhor Ministro,

O pacto de neutralidade russo-japonês, de 13 do corrente, continua sendo objeto dos comentários os mais diversos e contraditórios, principalmente por parte da imprensa estrangeira.

2. A propaganda da Tríplice possui a arte de provocar confusão nos espíritos.

3. Berlim, Roma e Tóquio desde domingo último cantam hinos de vitória e inundam o mundo com notícias extraordinárias afirmando que o novo pacto russo-japonês constitui um aditamento ao acordo tripartido de 27 de setembro de 1940 e que o governo de Moscou abandonará à sua sorte a China, dando liberdade ao Japão para empreender sua política expansionista para os mares do sul.

4. O próprio texto do acordo não parece justificar tais interpretações.

5. A Rússia se comprometeu a ficar neutra no caso do Japão ser atacado. Não é verossímil que os Estados Unidos ou a Grã-Bretanha sejam os autores de uma agressão contra o Japão e se, ao contrário, o governo de Tóquio empreender um ataque contra os Estados Unidos ou contra o Império britânico, a Rússia pode se considerar desligada de seu compromisso.

6. O Japão, por seu lado, está obrigado a ficar neutro se os sovietes forem objeto de uma agressão, mas a Rússia, não podendo ser atacada senão pela Alemanha, parece evidente que o governo japonês se coloca em posição contraditória com o compromisso que assumiu pelo pacto da Tríplice, isto é, de socorrer com toda suas forças o signatário desse pacto que for agredido.

7. Assim, pois, longe de poder ser considerado como um anexo do pacto de Berlim, o acordo de Moscou parece ser a própria negação.

8. Um dos objetivos do *führer* ao constituir a nova Tríplice foi principalmente garantir-se contra uma eventual mudança da política russa com ameaças de ser constituída uma dupla frente de batalha.

9. Stalin ao assinar o acordo de Moscou parece ter descoberto o que estava sendo preparado contra ele e justificou sua posição ganhando a possibilidade de ter que combater a oeste sem temor de um ataque na Ásia.

10. O governo de Moscou, conforme as informações de Ancara e de Chongking, teria assegurado aos chineses que continuará a abastecê-los

e a fornecer armamentos para a luta em que estão empenhados contra os japoneses.
11. É evidente que estamos em face de uma diplomacia sútil e complicada e principalmente desleal.
12. Na verdade, a aplicação do pacto de Moscou dependerá do curso dos acontecimentos e foi, aliás, o que o senhor Cordell Hull, muito sabiamente, quis indicar na sua recente declaração feita à imprensa americana, quando ponderou que facilmente as partes poderiam ser tentadas por diversas causas a exagerar o alcance do referido acordo. Acrescentou o estadista americano que seu governo, no que lhe dizia respeito, não via motivo determinante para uma mudança de sua política.
13. O aviso parece útil, pois segundo toda verossimilhança, o Japão, sob a direção do senhor Matsuoka, entusiasmado pelo seu êxito, vai se servir do pacto de Moscou para desenvolver em todas as regiões do Pacífico uma formidável propaganda, acentuando certos processos de intimidação.
14. Os governos britânico e americano não estão dispostos a ceder e o Japão, bastante depauperado por guerras que duram há vários anos não parece em condições de ousar uma aventura extremamente perigosa nos mares do sul contra forças possantes como são presentemente as do Império britânico e dos Estados Unidos reunidas ou mesmo apenas contra a esquadra americana.
15. Em resumo, os círculos ligados ao Foreign Office, sem deixar de considerar a importância do pacto russo-japonês, julgam principalmente como sendo um movimento de defesa russa contra a possibilidade de um ataque alemão.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 18 ABR. 1941 • AHI 28/2/2

[*Índice*:] Artigo sobre o Brasil publicado pelo jornal *Cavalcade*.

N. 319

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 18 de abril de 1941.

Senhor Ministro,

O *Cavalcade*, jornal desta capital – de caráter sensacional, porém muito lido pelo seu baixo preço – publicou, no número de 8 de março último, o incluso artigo (anexo n.1), dizendo estar o Brasil infestado de escorpiões e moscas. Estas últimas, acrescenta o jornal entre outras coisas, são em tão grande quantidade "que podem até escurecer o sol e invadem de tal modo os vapores que transportam carne que os mesmos chegam a parecer navios carvoeiros".

2. No anexo n. 2, Vossa Excelência encontrará o texto de uma carta que o secretário J. de Alencar, encarregado dos Serviços Comerciais desta embaixada, dirigiu ao referido jornal, a respeito do assunto.[6]

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 22 ABR. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Passagem de tropas alemãs pela península Ibérica e território francês não ocupado.

Da Embaixada em Londres

181 – TERÇA-FEIRA – 22 ABRIL 1941 – 13h30 – Os meios competentes estão muito preocupados com o recrudescimento da propaganda alemã na Espanha, tanto mais inquietadores por concordar com a campanha atual dos falangistas espanhóis contra Portugal, apoiados pelo rádio alemão na Holanda, que continua a insistir em que a manutenção da aliança anglo-lusa é contrária aos interesses portugueses no momento atual e que o governo português deve definir a sua atitude. Um porta-voz do Foreign Office disse-me que o governo alemão pediu ao general Franco o direito de passagem a seis divisões para atacar Gibraltar. Esse pedido teria sido feito em carta pessoal de Hitler ao caudilho, que lhe foi entregue por Rudolf Hess, que acaba de regressar a Berlim. Idêntico pedido para as referidas tropas atravessarem a França não ocupada será feito ao almirante

6 Anexos não transcritos.

Darlan, na sua próxima visita a Paris. Os círculos diplomáticos acreditam na possibilidade, de uma ou outra forma, das tropas alemãs atravessarem a Espanha, visando Gibraltar, dentro de poucas semanas. A situação nos Balcãs deixa poucas esperanças. Será inevitável a evacuação das tropas da Grécia, o que acredito já começou, lentamente, em direção ao Egito. A ocupação britânica do Iraque é comentada de modo favorável, tendo merecido a aprovação da Rússia. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 01 MAIO 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Cumprimento acordo anglo-italiano sobre libertação membros corpos diplomático e consular.

Da Embaixada em Londres

197 – QUINTA-FEIRA – 1º MAIO 1941 – 17h00 – O ministro dos Negócios Estrangeiros, em nota que acabo de receber, faz referência ao entendimento existente entre este governo e o italiano, sobre a libertação dos membros dos corpos diplomático e consular e seu pessoal e família, quando detidos por uma das partes. Faltando-lhe notícias, há duas semanas, do paradeiro do ministro inglês em Belgrado e seu pessoal, este governo tem motivos para supor terem sido capturados pelas forças italianas, embora sem confirmação. Assim, o governo britânico não pôde deixar de duvidar das intenções do governo italiano a esse respeito e, em consequência, resolveu deter nas Bermudas o adido naval italiano em Washington, almirante Lais, em viagem para a Itália, até ficar esclarecida a situação. O governo britânico pede informar o governo italiano, assegurando que as medidas adotadas em relação ao referido almirante são inteiramente de precaução e que tem toda a intenção de cumprir o acordo no seu verdadeiro espírito de reciprocidade, o que acredita também ser propósito da Itália. Rogo a Vossa Excelência uma resposta urgente que me habilite a responder a este governo. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 01 MAIO 1941 • AHI 28/2/3

[*Índice:*] Mês político n. 5.

N. 355

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 1º de maio de 1941.

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n. 5, relativo ao mês de abril próximo passado.

[*Anexo*]

Mês político n. 5

O mês que acaba de se encerrar trouxe duras lições para os ingleses. O desenvolvimento da magistral estratégia empregada pelos alemães nos Balcãs e na Líbia não tinha sido devidamente avaliado pelo governo e pela opinião pública neste país. Esta nota de surpresa e a compreensão de gravidade da situação ressalta agora dos comentários da imprensa e dos discursos no Parlamento. O triunfo alemão sobre um exército aguerrido e considerável como o sérvio, a dissolução do Estado iugoslavo no espaço de poucos dias, foi feito militar da primeira magnitude, mais aniquilante que a conquista da Sérvia em 1915, por Mackensen. Ter impedido a junção dos sérvios com os gregos na Albânia, como ter separado a Grécia da Turquia penetrando até o mar Egeu, equivaleu a ação, quer militar, quer politicamente, só comparável à técnica guerreira de Napoleão.

A pressão alemã agora passa a ser exercida sobre a Turquia e a Mesopotâmia. As forças britânicas, repelidas da Grécia, ficarão submetidas ao cerco alemão no Egito. Os dois pontos vitais para o Império, o canal de Suez e os oleodutos, que suprem a esquadra com o petróleo de Mosul, estarão expostos aos ataques da aviação alemã, instalada em Bengasi e na Grécia. Dizer-se que só a Batalha do Atlântico será decisiva é prova de demasiado otimismo, pois a luta para o domínio no Mediterrâneo faz parte dessa batalha, visto afastar a Grã-Bretanha das suas fontes de suprimento.

É apenas uma questão de tempo a ocupação da Turquia europeia. Assegurado o comando dos Dardanelos e cortado o contato da Rússia com o mundo ocidental, se os alemães quiserem, como o revelaram nas campanhas contra a Polônia, a França, nos Balcãs e na Líbia, poderão eles, com os seus carros de assalto, penetrar pela planície russa até Moscou e Leningrado, cidades que a Luftwaffe está apta a destruir, como destruiu Varsóvia e Belgrado. A Rússia meridional seria também conquistada com a mesma facilidade até Baku, pois Hitler, para poder reorganizar a Europa sob a hegemonia da Alemanha, precisa do trigo da Ucrânia e do petróleo do Cáucaso. Os sovietes sabem bem que estão ameaçados pelas duas armas em que

até agora eram mestres – a revolução e a propaganda. Hoje a supremacia nessas armas passou para os nazis. É por ter consciência dessa inferioridade que Stalin aceitou a colaboração com o seu arqui-inimigo. Isolado, vai ele agora pagar o preço da sua persistente hostilidade ao Império britânico. Ao passo que deste nada tinha a temer, seu destino é, pois, aceitar a nova ordem nazista e consentir que a Rússia se torne um Estado vassalo da Alemanha.

Em suma, a Alemanha está vendo realizarem-se todos os planos frustrados na guerra passada, da qual esta é a continuação, isto é, a posse dos portos da Mancha e de Paris, segundo o plano Schlieffen, a campanha da Sérvia, a absorção da Itália, a conquista da Romênia e um segundo Brest-Litowsk.

Estas conquistas por mais brilhantes e avassaladoras, porém, não bastam para assegurar a vitória. Por mais formidável que seja a ameaça contra o Império britânico, elas não serão decisivas enquanto se mantiver o espírito de resistência. Este parece permanecer intacto. Os recentes bombardeios violentos sobre Londres (16 e 19 de abril), vieram reafirmar a determinação do povo britânico.

Está o povo (quero dizer as classes pobres), ainda mais que os políticos, compenetrado de que a guerra contra os alemães é de vida e morte. Já não diferencia entre os inimigos de 1914 e os nazis. Nenhuma submissão aos termos propostos pelo senhor Matsuoka ou paz sem vitória seria aceitável, dado o seu presente estado de espírito. Observa-se, porém, uma certa dessatisfação com o governo. Os reversos na Cirenaica puseram abruptamente fim ao otimismo que se generalizara depois das vitórias sobre os italianos. O primeiro-ministro continua a ser o *leader* indiscutido, cuja popularidade em nada diminuiu. O governo é que está sendo criticado. A crítica é, sobretudo, contra a ineficiência burocrática de alguns ministérios. Ela manifesta-se também no Parlamento, cujos debates vêm sendo mais animados e mais interessantes. Mas o interesse que os mesmos despertam ressente-se da falta de oposição inteligente.

A opinião pública tem perdido confiança na política, pelo menos quanto ao seu aspecto partidário. Ela vai inequivocamente pendendo para a esquerda. Mas não se pode dizer que essa tendência favorecerá o Partido Laborista, como tampouco o Liberal, que segundo se prevê, não sobreviverá à guerra. É que o *Labour Party* foi tão inepto na política internacional, quanto depois os conservadores. A esquerda não é menos responsável pela guerra, no seu utópico pacifismo, do que a direita apaziguadora. Na condução da guerra, a participação laborista não se revela à altura das expectativas. A sinceridade de um Greenwood (ministro sem pasta) ou de

um Morrison (ministro do Interior), a energia de um Bevin (ministro do Trabalho) não os livrou de um certo desapontamento. Nem essa falta de visão está sendo compensada por uma atividade sempre bem-sucedida. Julga-se também que o senhor Churchill precisa de ter um auxiliar com quem dividir parte das suas múltiplas tarefas. Admite-se que *lord* Beaverbrook deixe a pasta em que imprimiu o seu dinamismo para ocupar essa posição. Esperam-se outras modificações ministeriais que permitam a introdução de novos elementos, estranhos ao Parlamento e vantajosamente recrutados nos meios de negócios, a exemplo de *lord* Woolton, *sir* Andrew Duncan e o senhor Lyttelton. Diz-se, outrossim, que haverá fusões de atividades esparsas, unindo-se os Ministérios do Transporte e da Navegação. Enfim, conta-se para muito breve com uma reorganização ministerial.

As críticas manifestam-se também ao redor da personalidade do senhor Eden, cuja prolongada missão à Turquia e à Grécia, durante todo o mês de março e princípios de abril, não logrou a união balcânica que poderia ter enfrentado a ameaça alemã. Culpam-no de responsabilidade na aventura grega, que impediu o complemento da tarefa de liquidar o Império italiano em Trípoli.

É evidente que, encarado o problema do ponto de vista puramente militar, foi um erro enfraquecer os já não abundantes elementos mecanizados com que contavam os ingleses na Líbia. A campanha da Grécia, longe das bases, era desvantajosa, sobretudo pela insuficiência do apoio aéreo. Contra as forças superiores do agressor, a posição do corpo expedicionário era necessariamente precária, a menos que a Turquia e a Iugoslávia tivessem feito a tempo causa comum. Mas do lado político, a posição era outra. A Grã-Bretanha até então não havia podido prestar ajuda eficaz a nenhum dos países vítimas da agressão alemã. Os objetivos alemães nos Balcãs eram óbvios: os campos petrolíferos do Iraque e o controle do Egito. Para ganhar o tempo necessário para que se avolume a contribuição americana, impunha-se a resistência nos Balcãs. Havia ainda o compromisso para com a Grécia. Era preciso tentar a organização da defesa comum dos países ameaçados, mas para isso era mister a expedição imediata de efetivos de certa monta, sob pena de sério desprestígio. Era mister correr o risco. E se o fracasso, em vista do desequilíbrio de forças, tinha que ser inevitável, a luta foi heroica e a retirada sob os ataques incessantes de uma aviação, que dominava os ares, resultou um milagre de estoicismo e organização. A evacuação iniciada em 24 de abril, terminou poucos dias depois. 45 mil homens, ou 80% da força expedicionária, puderam ser salvos. As perdas

em mortos, feridos e prisioneiros cifram-se em 13 mil, muito menores que as alemãs, segundo as estimativas inglesas.

Na segunda semana do mês entrante, a Câmara terá ocasião de pronunciar-se sobre o voto de confiança pedido pelo governo. Prevê-se uma aprovação por unanimidade. O senhor Churchill prometeu que o debate não seria restrito às operações militares na Grécia e na Líbia, mas abrangeria igualmente a política administrativa e econômica.

É no Mediterrâneo que o exército alemão pode atacar o Império Britânico. A oportunidade já se oferecera após o colapso francês, mas não foi aproveitada o ano passado porque a Alemanha esperava uma vitória fácil na Batalha da Grã-Bretanha. Agora que a Batalha do Atlântico está indecisa, parece que o ataque será pela Síria.

Prostrada a França, o governo de Vichy dificilmente se oporá à penetração alemã nessa região, quando já se acham ocupadas as ilhas no Egeu. Se essa tentativa não for por diante, resta Gibraltar e Marrocos. Na eventualidade de uma marcha alemã sobre a Espanha, com ou sem o seu consentimento, a França será ainda mas premida a se declarar. Para melhorar a sorte da população, dependente da França ocupada para o abastecimento alimentar e de matérias-primas na França inocupada, seus governantes serão afinal forçados a uma decisão em favor da Alemanha. Se a França recusar a cooperação, Vichy receia seja constituído em Paris um governo chefiado por Laval, bem como a ocupação do resto do país. Nessa previsão, é provável que o almirante Darlan, como admite a imprensa aqui, se coloque à frente da esquadra e a ponha à disposição da Alemanha. Breve, portanto, assistiremos ao trágico desenlace, que atirará os dois antigos aliados um contra o outro.

Já no Iraque, viu-se o êxito das intrigas germânicas provocando o golpe de Estado em que tomou conta do poder um simpatizante do Eixo. Dada a posição central desse país, entre a Síria, a Turquia e Irã, e a existência dos preciosos poços de petróleo, é fácil de compreender o perigo da situação aí criada. Servindo-se dos aeródromos na Síria, os alemães poderão conduzir tropas pelos ares a fim de interceptar o oleoduto ou dinamitar os poços.

Depois da derrota grega, o principal teatro de operações voltou a ser o da Líbia. Os alemães estão se esforçando por penetrar a linha de defesa na fronteira egípcia. Tobruque, no flanco alemão, está sendo um obstáculo ao seu avanço, o que permite aos ingleses concentrar os seus esforços. O general Smuts anunciou que as tropas sul-africanas, que estão liquidando os últimos postos italianos na Abissínia, serão

conduzidas ao Egito. Os primeiros navios conduzindo munições e armamento americanos estão chegando a Suez, fruto da declaração americana de que o mar Vermelho não é mais zona de combate. Para se assegurarem esse ponto vital, é forçoso que os ingleses possam expulsar os alemães do norte da África. Desta feita, Trípoli não poderá ficar nas mãos dos italianos, sob pena dos alemães estabelecerem ligações com os franceses em Túnis e os espanhóis em Marrocos.

A Batalha do Atlântico prossegue com toda a fúria. Os persistentes ataques alemães sobre Liverpool e outros portos revelam que eles bem percebem que mais importante ainda que a campanha submarina, é a destruição dos portos. A intensificação das medidas de defesa naval e aérea já tem logrado resultado, a extensão do patrulhamento da esquadra norte-americana veio facilitar a tarefa da Royal Navy, o bombardeio contínuo das bases dos submarinos inimigos, forçam os alemães a atacarem as docas onde atracam os comboios. As medidas de defesa contra os graves estragos que os aviões têm causado não se fizeram esperar e o número crescente de aparelhos derrubados ultimamente pelos *night-fighters* é de certo modo encorajante.

O problema constitucional da Índia continua insolúvel e a preocupar os governos daquela colônia e o da Grã-Bretanha. O recente debate parlamentar, apesar do discurso do ministro Amery, não satisfez à Câmara. O mesmo desapontamento reina na Índia. Embora não seja esse um momento para realizar importantes reformas constitucionais, quando as comunicações através do canal de Suez estão ameaçadas e quando a atitude do Japão é duvidosa, acredita-se que o proposto estudo em conjunto dos três projetos – o britânico, do Congresso e dos Moderados – poderá permitir uma fórmula para um acordo temporá[*rio*]. É possível que o vice-rei designe um Comitê Especial de Guerra para colaborar com o governo e associado à Câmara dos Príncipes, numa mais ativa participação na guerra.

Moniz de Aragão

❖

OFÍCIO • 02 MAIO 1941 • AHI 28/2/3

[*Índice*:] Guerra econômica.

N. 359

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 2 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Num artigo publicado pelo *Financial News* de hoje, o correspondente diplomático desse jornal diz que, no debate geral sobre a guerra, a ser realizado na Câmara dos Comuns, na próxima semana, é possível que alguns oradores se refiram à guerra econômica, embora tal assunto não esteja incluído nesse debate.

2. Segundo o referido correspondente, o fato de não terem ainda os depósitos e refinarias de óleo da Romênia sido atacados pela aviação inglesa, em particular, será objeto de duras críticas na Câmara dos Comuns. Em muitos círculos, o sucesso do avanço germânico nos Balcãs é atribuído, em parte, ao fato de que os alemães foram deixados tranquilamente de posse do óleo da Romênia, não precisando assim lançar mão de suas reservas. A atitude adotada pelo Ministério da Economia Beligerante, considerando mais vantajoso bombardear esse óleo depois de chegar à Alemanha, será atacada, atendendo a que, devido às circunstâncias, em vez do óleo ser mandado para os exércitos, estes é que foram mandados para a vizinhança dos depósitos de óleo.

3. Continua o correspondente dizendo que o governo britânico com certeza será solicitado a reparar esse erro. Os círculos diplomáticos pensam que a atitude da Turquia, e mesmo a da Rússia, com relação à pressão alemã, será determinada em grande parte pela decisão do governo de bombardear, ou não, os mencionados depósitos de óleo. Uma campanha alemã contra qualquer desses países requereria enormes quantidades de petróleo e as tropas alemãs envolvidas nas operações teriam de abastecer-se principalmente nas fontes da Romênia. A imprensa turca já está criticando a atitude britânica relativamente ao assunto.

4. Outra questão que será levantada no próximo debate sobre a guerra econômica, acrescenta o correspondente, é a dos *navicerts*, pela facilidade com que tais certificados estão sendo concedidos. Círculos bem informados dizem que durante os últimos meses enormes quantidades de mercadorias foram embarcadas de Martinica para Casablanca e outros portos da França controlados pela Alemanha, com o conhecimento e o consentimento do Ministério da Economia Beligerante. Segundo informações seguras, as importações de óleo e outros produtos essenciais efetuadas por Martinica excederam de muito as necessidades dessa colônia, pela razão de que o excedente é reexportado para a França. O pagamento é feito com certeza pela reserva de ouro francesa, que se encontra naquele território, e uma grande parte dos artigos assim importados, sob a garantia de *navicerts*, é enviada para a Alemanha.

Consta também que o volume de matérias essenciais, recentemente importado por Portugal sob *navicerts*, é demasiado grande. As importações de algodão e óleo feitas por esse país, no mês de janeiro último, foram superiores às efetuadas durante todo o ano de 1939. Uma parte desses produtos deve ter sido reexportada para os países do Eixo. A Espanha também teve permissão para importar, há pouco, uma quantidade apreciável de óleo, estando os seus depósitos completamente cheios. Ela adquiriu ainda um grande número de tanques móveis para óleo, os quais serão de grande utilidade para tropas germânicas que eventualmente atravessem o país. Por outro lado, termina o correspondente, há esperanças de que o movimento de tropas na fronteira da Sibéria com o Manchukuo desorganizará por algum tempo o tráfego na estrada de ferro transiberiana, retardando o transporte das cargas alemãs via Vladivostock e Harbin.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 06 MAIO 1941 • AHI 28/2/3

[*Índice*:] Política europeia.

N. 365
RESERVADO

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 6 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Há dias tive ensejo de conversar com uma alta personalidade política que é aqui considerada como uma de mais responsabilidade no momento atual.

2. No curso dessa conversação pude colher algumas informações de grande interesse e que passo a referir.

3. Assim aqui julgam que, apesar das contínuas notícias divulgadas pela imprensa sobre a presença de vinte e sete divisões alemãs entre Bordeaux e Baiona que ali estariam aguardando ordem para invadir a Espanha, existem indícios para fazer crer que essas forças servirão

não para uma ação militar na península Ibérica, mas para operações na África, mais provavelmente em Marrocos.

4. A futura manobra hitleriana na África do Norte está sendo entrevista com uma precisão crescente.

5. A Espanha serviria unicamente de estrada livre para a penetração nazista na África e o objetivo do *führer* é utilizar bases no protetorado de Marrocos e colônias espanholas da costa ocidental da África para poder dispor livremente da via imperial do Reich da América pelo Atlântico Sul.

6. Nos últimos meses os alemães, aproveitando-se da benevolência do governo de Madri, foram colocando seus agentes e mesmo elementos militares em postos estratégicos no caminho costeiro que se estende do estreito de Gibraltar até o Saara.

7. Assim, Tanger, Ceuta, Larache, Cabo Juby, Canárias, Rio do Ouro, Guiné Espanhola e Fernando Pó, cujas defesas têm sido reforçadas por técnicos alemães, constituem as principais etapas do caminho que estão percorrendo para alcançar Dakar, que atualmente já está praticamente controlada pela aviação nazista que tem concentrado seus aparelhos em grandes massas em toda essa linha.

8. Tal como a Espanha poderá ser o único caminho para a África, esta servirá de rota do nazismo para alcançar as costas da América do Sul.

9. O objetivo principal da ação germânica é, sem dúvida, segundo aqui opinam, assegurar-se, por meio do domínio da costa ocidental africana, uma comunicação com o continente americano para burlar o bloqueio britânico.

10. O meu informante acrescentou que em Berlim já existe a certeza de que não poderão vencer a batalha do Atlântico e assim buscam abrir um caminho costeando a África para que possam estabelecer uma fácil ligação entre Dakar e Natal, por onde possam receber matérias-primas e produtos alimentícios da América do Sul.

11. Essa esperança, de poder iludir o domínio do Atlântico, exercido pelas esquadras britânica e americana, constitui incentivo dos alemães para arrastar a Espanha nessa aventura, pretendendo convencer aos espanhóis que, graças a essa manobra, poderão dispensar os víveres que atualmente recebem dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha.

12. Assim colocando o assunto, o governo de Berlim julga poder realizar os seus intuitos de intervir na política espanhola sem chocar com o sentimento de independência daquele país, e sem ter necessidade de ocupar militarmente a península para que esta se preste docilmente a servir de instrumento para o desenvolvimento do seu programa de ocupação da África com o fim acima citado.

13. Apesar de parecer a muitos iminente a realização desses acontecimentos, aqui acreditam que ainda será retardada até que fique completada nos seus mínimos detalhes.
14. Não existe a crença de que possa ser realizada antes de uma completa vitória nazi-italiana no Egito e sem que as tribos do Marrocos se disponham à revolta contra o regime atual do protetorado em que se encontram.
15. Para concluir, a impressão que tive dessa conversa é que ainda mesmo no caso de não ser tentada imediatamente essa nova ação alemã, é incontestável que neste momento as ambições do *führer* se estendem sem limites, abrangendo já a Espanha para dominar a costa da África e se aproximar da América do Sul.
16. Tratando-se de assunto de tamanha importância para os nossos interesses, julguei do meu dever levá-lo sem demora ao conhecimento de Vossa Excelência para os devidos fins.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 09 MAIO 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Carnes brasileiras na Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

211 – SEXTA-FEIRA – 09 MAIO 1941 – 16h00 – Referência à comunicação cuja transmissão solicitei em meu telegrama n. 209. As transações nele referidas, relativas a uma partida de carne de porco em conserva e outra de carne de vaca em conserva e sobre as quais os frigoríficos nacionais poderão fornecer detalhes, só poderão ser concluídos na base de consignação, pois o Ministério da Alimentação, devido à má qualidade do produto anteriormente recebido dessa firma, não aceita outra base. Saliento que, só depois de persistentes esforços, conseguimos que o ministério concordasse em experimentar esses produtos dos frigoríficos nacionais. Muito agradeceria a Vossa Excelência a fineza de fazer sentir à referida companhia a conveniência de anuir às mencionadas condições que lhe foram sugeridas por seus agentes,

insistindo na necessidade absoluta de só enviar mercadoria perfeita e devidamente acondicionada. Seria também aconselhável a intervenção dessa Secretaria de Estado junto ao Banco do Brasil, para que permita, excepcionalmente, a exportação da partida aludida em consignação, por tratar de assunto de interesse nacional, tendo por fim colocar os frigoríficos nacionais como fornecedores desses produtos do Ministério da Alimentação. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 13 MAIO 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Guerra na Europa. Chegada a Glasgow de Rudolph Hess.

Da Embaixada em Londres

217 – TERÇA-FEIRA – 13 MAIO 1941 – 17h15 – A sensacional chegada aqui de Rudolf Hess está causando viva impressão, sendo o principal assunto da imprensa. Rudolf Hess desceu em paraquedas de avião alemão de caça desarmado, vindo da Baviera. Está, presentemente, num hospital em Glasgow, devido a ferimento no acidente de aterragem. Foi, oficialmente, identificado e a habilidade de seu voo noturno, desmente a alegação dos nazis de desequilíbrio mental. Estão sendo feitos diferentes comentários pelo motivo de sua vinda ao país inimigo, sendo mais aceito o propósito de desertar dos nazis, depois de uma profunda desinteligência pessoal com Adolf Hitler e outros membros do partido, pondo em perigo sua vida. Rudolf Hess era sinceramente contrário a qualquer política germano-russa, sendo inimigo mortal dos comunistas, o que parece indicar o propósito da Alemanha se aproximar, cada vez mais, de Moscou. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 14 MAIO 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] A fuga de Rudolph Hess para a Grã-Bretanha.

N. 391

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 14 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Conforme antecipei pelo telégrafo, Rudolf Hess, o segundo

sucessor de Hitler, o seu braço direito no partido e o seu amigo mais fiel, acaba de se constituir prisioneiro dos ingleses.

2. Essa é sem dúvida a notícia mais extraordinária e sensacional que foi divulgada desde o início da guerra.

3. A surpresa causada pela chegada de Rudolf Hess na Escócia foi de tamanha magnitude que muitos chegaram a duvidar da veracidade de tal informação.

4. Esse acontecimento sem precedentes na história foi objeto de extensos comentários em todos os círculos políticos e por parte da imprensa.

5. Todos os que conheceram Hess e puderam julgá-lo, não hesitam em asseverar que ele era o único homem entre os colaborado[*re*]s mais imediatos de Hitler que demonstrava mais equilíbrio, ponderação e sinceridade em suas convicções políticas.

6. Nessas condições, a sua fuga da Alemanha deve ter obedecido a motivos extremamente imperiosos. A verdadeira razão não é conhecida e o governo britânico declarou que não fornecerá nenhuma indicação, mas desde logo asseverou estar Hess perfeitamente bem e, conforme o laudo dos médicos que o examinaram, não sofre de qualquer perturbação mental.

7. Foi identificado pelo conselheiro de embaixada Ivone A. Kirkpatrick, que serviu longos anos na embaixada britânica em Berlim, estando, pois, em condições de poder facilmente reconhecê-lo.

8. O ministro das Informações insinuou a hipótese que Rudolf Hess resolveu deixar sua pátria infeliz para viver, embora prisioneiro, em país livre.

9. Essa apreciação não deixará de aumentar o ponto de vista exageradamente otimista que alguns emitem de que os ratos deixam o navio quando este começa a naufragar.

10. Creio que convém julgar essa opinião como sujeita a muitas reservas.

11. Não resta dúvida que é natural a satisfação do ministro Duff Cooper, pois o assunto representa um acontecimento sensacional para a propaganda britânica, mas é duvidoso que Hess tenha subitamente renunciado a toda a sua obra, em que tanto trabalhou, para a formação do nacional-socialismo na Alemanha.

12. O governo britânico já afirmou que Rudolf Hess não trouxe nenhuma incumbência de fazer qualquer proposta de paz nem veio investido de qualquer mandato.

13. Não resta dúvida que Hess saiu da Alemanha espontaneamente depois de ter minuciosamente preparado a sua fuga e ter calculado todos os perigos, pois sua cabeça será agora posta a prêmio no Reich.

14. O seu exílio para a Grã-Bretanha deve ser prova de que razões de força extremamente maior o impeliram a tal ato, considerando o que isso representa, pois se trata de uma personalidade da imediata confiança do *führer* e para a qual não havia segredos na Alemanha.
15. Esses fatos tão evidentes incitam os meios diplomáticos britânicos a pensar que Rudolf Hess abandonou sua pátria, ali deixando sua mulher e seu filho expostos aos mais graves perigos, porque sua situação pessoal ficou insustentável, com risco de sua própria vida.
16. A forma pela qual o rádio alemão apresentou o assunto demonstra certamente que Hitler temia de tal forma a evasão de Hess que não hesitou em lhe proibir o uso de aviões, sendo ele, como acaba de provar, um dos seus mais hábeis pilotos.
17. Nos meios autorizados de Londres, todos acreditam que graves divergências irromperam entre ele, o *führer* e certos membros dirigentes do Reich, em consequência da orientação política que a Alemanha está tendo presentemente.
18. Os que privaram com Hess e que o conhecem bem, como eu, não duvidam em afirmar que ele era um dos únicos chefes nazistas verdadeiramente sincero em seus sentimentos e convicções contrárias ao comunismo e, principalmente, contra Stalin.
19. A brusca mudança da atitude do Reich, em relação à Rússia, deve ter sido uma das causas primordiais dessas profundas divergências políticas que devem ter assumido uma importância capital.
20. Pode ser objetado que tudo leva a supor que Hess teria aceito e concordado com o tratado concluído pelo ministro Ribbentrop, em 1939. Essa objeção pode, entretanto, ser refutada pelo fato de que Hess sabia que a União Soviética, naquela ocasião era extremamente vulnerável e que seria possível ao Reich submetê-la facilmente pela força depois da vitória na frente oeste, poucos meses depois, quando esperavam que a Alemanha poderia impor a paz.
21. O prosseguimento indefinido da luta contra a Grã-Bretanha, permitindo à Rússia de se fortalecer, teria induzido a Hess a necessidade de ser iniciada, sem demora, a guerra contra os sovietes, sem esperar a vitória no Ocidente, para ainda poder a Alemanha lutar contra um inimigo mais ou menos desarmado.
22. É sabido que o estado-maior alemão julga que ainda presentemente o momento é favorável para uma tal ação, mas será muito tarde dentro de seis meses.

23. Considerando as sinceras convicções de Hess, certamente não deixou de combater com todas suas forças para impedir que fosse desprezada a política antirrussa, embora justificada por muitos elementos nazistas que julgam ser de primeira necessidade derrotar antes de tudo a Grã-Bretanha.
24. Essa atitude facilmente criou sérias dificuldades, envenenou as relações entre Hess e seus companheiros amigos de Ribbentrop e, talvez mesmo, com o próprio *führer* a tal ponto que chegou a pôr em perigo a sua vida.
25. Hess conhece bem os processos nazistas de eliminação dos elementos que não se submetem incondicionalmente e, naturalmente, recordando o que foi feito a Roehm e Strasser e, segundo muitos, a Balbo, não hesitou em fugir a tempo de evitar o seu "suicídio".
26. Incontestavelmente, o ato de Rudolf Hess terá na Alemanha, como em todo o mundo, uma formidável repercussão.
27. Suas consequências serão, principalmente na Alemanha, incalculáveis e imprevisíveis. Desde logo, pelo efeito produzido, a fuga de Hess custa mais caro a Hitler de que a perda de uma batalha e compromete o efeito de seus recentes êxitos, pois é a prova precisa do que presentemente está ocorrendo no interior da Alemanha, podendo ser interpretada como o indício do grave perigo que ameaça o nazismo e seu próprio chefe.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 15 MAIO 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Fuga Rudolph Hess.

Da Embaixada em Londres

218 – QUINTA-FEIRA – 15 MAIO 1941 – 17h00 – Continua sendo vivamente comentada a fuga do senhor Hess que se acha recolhido a um hospital militar, sendo considerado prisioneiro de guerra. O senhor Hess, desde sua chegada, está conversando livremente com um representante das autoridades britânicas, sendo esperadas, proximamente, declarações do primeiro-ministro sobre o assunto. Os círculos bem informados asse-

guraram ter ele declarado que o povo alemão está sofrendo devido aos ataques aéreos, tendo acrescentado que estaria disposto a prestar informações ao governo britânico, que seriam de grande utilidade para livrar a Alemanha da atual tirania. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 16 MAIO 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Guerra na Europa. Repercussão na Inglaterra do acordo franco-germânico. Caso Hess.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

219 – SEXTA-FEIRA – 16 MAIO 1941 – 16h30 – O ministro dos Negócios Estrangeiros informou à Câmara dos Comuns que a atitude do governo francês, quanto à Síria, determina, praticamente, a transferência à Alemanha do direito de mandato francês naquele território, onde já estão chegando oficiais e aeroplanos alemães. O governo britânico já tomou providências para uma ação imediata, no que está sendo apoiado pelo governo americano, que também agirá com toda a energia. A nova situação criou uma crise grave nas relações entre Vichy e Londres. O discurso do marechal Pêtain foi interpretado aqui como indicativo de um ulterior e próximo avanço nazista em direção a Dakar, para estabelecer contato direto com a América do Sul e ameaçar o continente, o que já está dando lugar a conversas entre os governos britânico e americano. O primeiro-ministro disse, ontem, que o senhor Hess não está investido de missão, que fugiu apenas para escapar à ameaça contra sua vida e está perfeitamente são. Consta que o interessado continua fazendo mais declarações sobre a situação de seu país. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 19 MAIO 1941 • AHI 28/2/3

[*Índice:*] As relações econômicas internacionais da América Latina.

N. 397

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 19 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

O editorial do *South American Journal*, de 17 do corrente, comenta longamente um relatório sobre as relações econômicas internacionais

da América Latina, feito pelo senhor Jaime A. Zuloaga, diretor do Comércio Exterior do Departamento de Controle Geral da Colômbia, e publicado nos *Anales de Economia y Estatistica* desse país.

2. O referido artigo concorda com as previsões do senhor Zuloaga de que o campo que triunfar na guerra atual terá fatalmente uma influência determinante sobre a atitude da América do Sul e que, no caso da vitória britânica, as mudanças políticas, nesse continente, não serão tão sérias quanto as perturbações econômicas e sociais. O que o jornal censura é o fato de ter o autor do relatório querido demonstrar que a política dos países sul-americanos de permitir a inversão de grandes capitais estrangeiros no seu desenvolvimento econômico constitui uma espécie de atentado velado contra a sua independência.

3. O argumento geral do jornal consiste em recordar seu tema favorito das faltas frequentes, de grande número das repúblicas sul-americanas, contra os capitais britânicos e de como estes abandonaram progressivamente grande parte do controle que exerciam antes sobre as atividades de suas empresas nessas repúblicas.

4. O jornal contesta o argumento do senhor Zuloaga de que a política mais eficaz de penetração é a de inversão de capitais nos negócios de transporte. Diz que, durante os últimos trinta anos, nenhuma nova via férrea foi construída na América do Sul com capital britânico e que algumas milhas de linhas assentadas, nesse período, foram somente curtas extensões das estradas existentes. A maior parte das companhias foi formada há 50 ou 60 anos, com permissão dos governos dos países interessados, os seus itinerários tendo sido fixados de acordo com os desejos das respectivas autoridades. Se algumas linhas foram construídas através de regiões despovoadas, cuja exploração econômica seria obra de séculos, como diz o relatório, as autoridades locais e, frequentemente, personagens locais tiveram parte importante na decisão; essas linhas, aliás, não deram o resultado que era de esperar.

5. O *South American Journal* termina o seu artigo dizendo que será bem recebido qualquer estudo que economistas latino-americanos façam sobre o passado, procurando, dos fatos observados, formar possíveis planos para o futuro. Nenhum benefício poderá, porém, ser esperado se tais estudos contiverem falsas afirmações; os economistas jovens devem, por isso, ser prevenidos contra o risco de chegar a conclusões que a experiência mostra não serem justas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 26 MAIO 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Guerra na Europa. Luta em Creta. Entrada dos Estados Unidos na guerra. Espionagem na América.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

229 – SEGUNDA-FEIRA – 26 MAIO 1941 – 18h60[*sic*] – a Batalha de Creta continua com a máxima intensidade, sendo objeto dos comentários de todos os círculos, unânimes em considerarem que a Grã-Bretanha teve tempo para preparar a defesa, devendo estar em condições de resistir vitoriosamente. Todos consideram que a captura de Creta constituiria extraordinária vitória alemã, visto ser base estratégica de primeira importância. A luta será, pois, de vida ou morte. Os círculos autorizados acreditam na nova possibilidade de uma tentativa de invasão da Grã-Bretanha, considerando todos que as operações de Creta constituem um anseio geral. Também admitem que, vitoriosa a Alemanha em Creta, concluirá com a Rússia um acordo sobre a admissão de zonas de influência germano-russas no Iraque e na Pérsia para a utilização do petróleo dessas regiões. A pressão sobre a Turquia foi intensificada sob a ameaça de ocupação das províncias turcas que fizeram parte de Geórgia até 1920. Estou informado de que o general Franco, a pedido de Hitler, está tratando de empreender uma ação junto aos governos da América do Sul a fim de impedir a participação dos Estados Unidos da América na guerra como beligerante, pois os governos alemão e italiano julgam que, se isso acontecer, não poderão vencer. Os jornais salientam as atividades dos agentes alemães da América, cuja propaganda estaria sendo dirigida pelo cônsul da Alemanha em São Francisco da Califórnia, em contato com o encarregado de Negócios em Washington, de onde partem instruções e recursos para a agitação na América do Sul. Acrescentam que o doutor Kurt Rieth, que também usa o nome de Walter Teagle, é encarregado da organização dos partidos nazistas na América do Sul e da orientação das suas

atividades, tendo estado no Rio de Janeiro, onde chegou a 6 de março último, de Roma. Nessa ocasião, conferenciou-se aí com os cônsules da Alemanha, fundando uma comissão ligada à embaixada para tratar dos interesses do Eixo na América do Sul e manter contato direto com o comitê interamericano, isolados dos Estados Unidos da América, encarregado de tudo fazer para impedir a participação americana na guerra. Para esse serviço os agentes alemães disporiam de 5 milhões de dólares nos Estados Unidos da América. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 30 MAIO 1941 • AHI 28/2/3

[*Índice*:] O último discurso do presidente Roosevelt.

N. 422

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 30 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

O recente discurso do presidente Roosevelt constitui o anúncio do auxílio máximo que ele pode assegurar às democracias nas atuais circunstâncias, a menos de declarar formalmente o estado de guerra com a Alemanha e a Itália.

2. Essa é a impressão geral que se depreende dos comentários nos círculos autorizados e dos artigos dos principais jornais desta manhã.

3. A imprensa também registra a imensa maioria dos americanos que apoiam o presidente, conforme testemunham as notícias telegráficas aqui recebidas sobre declarações feitas por numerosas altas personalidades dos Estados Unidos.

4. Foi principalmente salientado pela imprensa londrina que o ponto capital do discurso é o que se refere à perfeita solidariedade pan-americana e à entrega do material de guerra à Grã-Bretanha, considerada como de necessidade imperiosa e que será realizada com toda segurança.

5. Embora permaneçam certas incertezas sobre as modalidades da execução, ninguém, porém, duvida sobre a solução dessa questão vital para os Aliados.

6. A opinião britânica nota ainda que as declarações de Roosevelt constituem uma réplica dura e resoluta às ameaças do almirante Raeder contra os Estados Unidos, que assim tiveram um efeito diametralmente oposto ao que era esperado pelos alemães. Constituem também uma

resposta às tentativas pelas quais os nazis julgavam poder intimidar os americanos, enviando poderosas unidades de sua frota para uma ação nas paragens da Groenlândia.

7. Finalmente o presidente demonstrou que os protestos do senhor Laval em sua recente irradiação não foram tomadas em consideração pela pouca confiança que inspiram.

8. Nos telegramas dos correspondentes de Nova York, os jornais ingleses declaram que os Estados Unidos estão conscientes da luta gigantesca que se aproxima do continente americano e estão prontos a tudo fazer para salvaguardar a liberdade dos mares e defender o ideal pelo qual sempre lutaram.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[7] • 13 JUN. 1941 • AHI 28/2/3

[*Índice*:] Conferência dos Aliados.

N. 456

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 13 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

O palácio de St. James foi ontem o cenário de uma cerimônia de significação histórica.

2. Os ministros de Estado britânicos, os altos comissários dos domínios e os ministros dos governos exilados em Londres, numa declaração solene, comprometeram-se a prestar mútua assistência na luta contra a opressão alemã e italiana até a vitória final e a estabelecer uma paz duradoura com a cooperação voluntária dos povos livres.

3. O senhor Churchill inaugurou a reunião pronunciando um memorável discurso, em que exprimiu com característico vigor e eloquência a sua condenação aos ultrajes contra a humanidade, simbolizados pelas

7 Anexo não localizado no volume.

ruínas de Varsóvia, Roterdã e Belgrado, bem como o seu desafio a Hitler, Mussolini e Darlan. O primeiro-ministro terminou a sua oração reafirmando a sua confiança na vitória e com uma mensagem de encorajamento.

4. Incluso segue um recorte do *Times*, relatando o acontecimento, de que já me ocupei no telegrama n. 256 desta data.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 13 JUN. 1941 • AHI 28/2/3

[*Índice*:] Política germano-russa.

N. 457

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 13 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

Desde a conclusão do tratado de 23 de agosto de 1939, a Alemanha e a Rússia têm seguido caminhos paralelos, evitando com cuidado as possíveis causas de eventuais desacordos e riscos de conflitos até o dia em que a política nazi e suas necessidades estratégicas fizeram com que os interesses de Hitler e de Stalin se tenham demonstrado como contrários um ao outro.

2. Depois da capitulação de junho de 1940, o chefe do Kremlin se precipitou em tomar precauções do Báltico ao mar Negro, com a incorporação dos três países baltas e da Bessarábia, supondo constituir uma linha de proteção.

3. Entretanto, no mês de outubro do ano passado, Hitler ocupava a Romênia; em março último, se apoderava da Bulgária; no mês seguinte, esmagava a Iugoslávia anulando a influência moscovita nos Balcãs e as forças alemãs desenhavam assim um semicírculo em torno das terras e das águas russas.

4. Durante longo tempo Stalin supôs, e talvez ainda acredite ser possível, manter a orientação política que tinha adotado e que se resume no desejo de completa neutralidade e defesa da independência nacional.

5. Em novembro de 1940, por ocasião da visita do senhor Molotov a Berlim, o governo russo recusou participar do acordo da Tríplice, mas em abril último concluía com Tóquio um tratado de neutralidade que constitui uma espécie de garantia e contrapeso. O Japão então se comprometeu a respeitar a integridade territorial da União Soviética e de se manter neutro no caso de vir ela a ser atacada por uma terceira potência.

6. Essa manifestação de independência da parte de Moscou desagradou a Berlim, onde a irritação ainda mais aumentou quando Moscou, algumas horas antes da invasão da Iugoslávia pelos alemães, assinava com Belgrado um pacto de amizade e de não agressão.

7. Desde então Stalin, que concentrou todo o poder em suas mãos sob o título de presidente do Conselho, multiplicou as manifestações exteriores de sua boa vontade em relação à Hitler como estando desejoso de calmar-lhe os nervos. Deve ser recordado a denúncia das relações diplomáticas da Rússia com os governos norueguês, belga, iugoslavo e grego.

8. Hitler, porém, exige mais e como fez anteriormente com a Áustria, Tchecoslováquia, Polônia e mais recentemente com a Romênia, Iugoslávia e Bulgária, concentrou agora sobre a Rússia a sua principal atenção e nessa direção dirigiu a sua guerra de nervos anunciando ora um acordo e ora uma ruptura de relações.

9. Além disso, instalou em todas as fronteiras russas desde a Finlândia até a Bessarábia um imponente dispositivo militar, cada dia reforçado, como se o ataque fosse inevitável e próximo.

10. Na realidade a guerra relâmpago tendo, devido à resistência britânica e ao auxílio americano, cedido o lugar a uma guerra de usura, Hitler não pode se comprometer e sustentá-la sem ter de uma forma ou de outra a livre disposição e o domínio do imenso reservatório de homens e de matérias-primas que limita a leste as fronteiras da Nova Ordem.

11. As relações germano-soviéticas entram em uma fase de prova do que podem valer a vontade e a força.

12. O governo russo tudo fará para adiar o conflito e seguir estabelecendo o equilíbrio nas suas relações com a Alemanha e a Grã-Bretanha, mas provavelmente com mais vantagem para Berlim.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

TELEGRAMA • 19 JUN. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Relações germano-russa e o acordo turco-germânico vistos de Londres.

Da Embaixada em Londres

261 – QUINTA-FEIRA – 19 JUNHO 1941 – 15h00 – O assunto das relações germano-russas, intimamente ligado ao conflito da Síria, continua a preocupar seriamente o governo britânico, o qual se mantém em permanente contato com Washington. As últimas notícias sobre a Rússia apresentam a situação como muito grave, parecendo iminente um ataque alemão apoiado pela Romênia para recuperar a Bessarábia. Os círculos londrinos bem informados não se mostram demasiado alarmados, considerando as notícias exageradas e como parte da guerra de nervos para obrigar a Rússia a aderir ao Eixo e consolidar, assim, a política da nova ordem europeia. Não excluem, porém, a possibilidade de que a Alemanha seja obrigada a atacar a Ucrânia, em vista da extrema necessidade de abastecer-se de trigo e petróleo. O avanço dos Aliados na Síria está encontrando mais resistência, tendo sido assinalada a presença de aviões alemães cooperando com os franceses. O acordo turco-alemão causou aqui impressão desagradável, tendo sido considerado como êxito diplomático de Berlim, embora menor do que Hitler desejava, pois esperava obter imediatamente a utilização na Turquia de bases de penetração no Levante. Ninguém se ilude sobre as futuras consequências do acordo. Os alemães estarão melhor colocados para continuar a pressão, cada vez mais forte, sobre Ancara. O comunicado oficial declara que para o governo britânico não foi surpresa, tendo sido sempre informado sobre o andamento das negociações, e mantendo-se cordiais as relações anglo-turcas. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 20 JUN. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Relações germano-russas.

Da Embaixada em Londres

263 – SEXTA-FEIRA – 20 JUNHO 1941 – 13h00 – Persiste o boato de agravação das relações germano-russas, ocupando a atenção da imprensa e interessando vivamente a opinião pública. Os círculos oficiais continuam com ceticismo sobre os ataques alemães e a única informação exata é que

grandes contingentes de tropas alemãs continuam chegando à fronteira russa. Parece-me que o principal objetivo imediato de Hitler é obrigar, a todo custo, o governo da Rússia a aderir ao pacto do Eixo, que se recusou em novembro último. As notícias da apresentação de *ultimatum* e outras exigências alemãs foram postas em dúvida pelo Foreign Office sem, contudo, excluir que sejam as intenções do governo alemão fazê-lo, caso a Rússia resista ultimar um acordo. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 20 JUN. 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] O acordo germano-turco.

N. 476

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 20 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

A conclusão do tratado de amizade germano-turco é sem dúvida na ordem diplomática a última consequência, até a presente data, do colapso francês e também decorre do desenvolvimento da campanha dos Balcãs e da ocupação pelos alemães da Grécia e das ilhas do mar Egeu.

2. O Tratado de Ancara, de 19 de outubro de 1939, era, como Vossa Excelência sabe, um acordo tripartido entre a Turquia, a Grã-Bretanha e a França.

3. O governo turco por esse ato adotou abertamente de fato a política das democracias ocidentais na ocasião em que a Rússia soviética, sua aliada, nos últimos quinze anos, se colocava na posição de uma potência benevolamente neutra em relação à Alemanha.

4. Essa adesão turca implicava por parte dos Aliados na obrigação de lhe dar um apoio ativo, fornecimentos de material bélico, e de manter um exército no oriente pronto a intervir quando necessário ao lado dos turcos.

5. No dia 23 de junho do ano passado a capitulação de Rethondes suprimiu o exército francês da Síria, então comandado pelo general Weygand, fez cessar o abastecimento de material de guerra francês e deixou a Turquia sem defesa em face às forças ítalo-alemãs.

6. O governo turco teve então o mérito de não perder o seu sangue frio e se recusou a denunciar a aliança com a Grã-Bretanha e França que desde então sem qualquer outro compromisso, passou a ser um acordo bilateral.

7. Hoje ainda ele mantém o tratado de 1939 como se deduz do próprio texto do acordo de 18 do corrente mês e das declarações feitas pelo primeiro-ministro otomano.

8. Entretanto, a pressão alemã tinha sido extremamente forte desde um ano e o governo de Ancara sucessivamente por uma evolução lenta transformou a aliança ativa em uma posição de não beligerância, de acordo com o precedente italiano, para chegar a uma posição de equilíbrio entre o Reich e o Império Britânico.

9. Depois que as colunas motorizadas alemãs completaram a conquista dos Balcãs e avançaram até as ilhas do mar Egeu, controlando praticamente a entrada dos Dardanelos e do golfo de Esmirna, o cerco das terras e das águas turcas a oeste ficou fechado.

10. Somente graças à rapidez com que os ingleses dominaram a revolta do Iraque e interviram na Síria pôde ser mantida ao sul uma comunicação livre entre a Turquia e a Grã-Bretanha.

11. Essa última circunstância contribuiu certamente a reforçar a resistência turca, em face das exigências de Berlim, e tudo parece indicar que se forem atacados, os turcos poderão ainda opor-se contra uma penetração nazista na Anatólia.

12. Assim, sob o ponto de vista dos Aliados, a conclusão do tratado germano-turco representa mais o reflexo da situação em que se acham os turcos do que uma tendência de mudança de orientação política em relação aos países em luta.

13. Não resta dúvida que os processos alemães conseguiram vencer a resistência turca e que a assinatura do acordo em questão causou neste país uma desagradável impressão, pois representa uma vitória diplomática do senhor Von Pappen e de ora avante Berlim poderá agir na Turquia com mais facilidade. Isso, aliás, é bem compreendido aqui e ninguém se ilude que a propaganda do senhor Goebbels vai aproveitar esse êxito para mostrar o prestígio da política para o estabelecimento da nova ordem europeia e será aproveitado como arma a ser usada pelo *führer* para obrigar a Rússia a adotar a essa mesma política como, aliás, as últimas notícias já indicam.

14. Deve ser dito que o governo britânico, conforme um comunicado que acaba de divulgar, foi sempre informado das negociações entre Berlim e Ancara e considera que o governo turco agiu com perfeita lealdade.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 23 JUN. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Guerra na Europa. Guerra germano-russa. Atitude da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos da América.

Da Embaixada em Londres

264 – SEGUNDA-FEIRA – 23 JUNHO 1941 – 12h45 – O ataque alemão contra a Rússia é objeto das atenções gerais não tendo causado surpresa, apesar dos círculos oficiais ingleses terem duvidado, até o último momento. O primeiro-ministro declarou que a Grã-Bretanha dará todo o possível apoio material e moral à Rússia, em face desta nova agressão, salientando, contudo, que este apoio não modifica sua opinião com relação ao comunismo, que sempre combateu. Acredita-se, aqui, que os Estados Unidos da América acompanharão a Grã-Bretanha auxiliando a Rússia, visto como uma rápida vitória alemã será apenas o prelúdio de maior esforço dos nazis para dominar o mundo e de ameaça às Ilhas Britânicas. Embora o rádio de Moscou anuncie a possibilidade de uma aliança anglo-americano-russa, aqui o assunto não é ainda encarado sob esta forma; apenas é previsto contato mais íntimo entre os estados-maiores e os governos, sendo esperada maior atividade da ofensiva aérea britânica contra a Alemanha como já foi verificado no último bombardeio das indústrias renanas, sendo abatidos somente ontem, trinta aviões alemães contra dois britânicos em combate na França. É previsto o recrudescimento da pressão alemã sobre a Espanha para a adesão ao pacto tripartido e facilitar o ataque sobre Gibraltar. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 23 JUN. 1941 • AHI 28/2/3

[*Índice:*] A guerra germano-russa.

N. 479

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 23 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

O inevitável acaba de se realizar com a ordem de Hitler de fazer marchar o seu exército contra a Rússia.

2. Tudo demonstrava desde uma semana, e como telegrafei a Vossa Excelência, que a Alemanha e a Rússia estavam empenhadas em uma prova de vontade e de força, da qual deveria resultar ou a submissão completa de Moscou ou a guerra

3. A segunda alternativa prevaleceu e a guerra que Stalin, julgando servir aos seus interesses e da União Soviética, tinha querido evitar ou retardar tanto quanto possível, finalmente lhe foi imposta pelo chefe do nazismo que até ontem jogava com ele como parceiro.

4. No dia 1º de outubro de 1939, algumas semanas depois do acordo germano-russo, de não agressão, o senhor Churchill fez interessantes declarações dizendo:

> Não posso predizer qual será a ação da Rússia, pois isso é um enigma, um mistério quase indecifrável. Talvez exista uma chave representada pelo interesse nacional russo. Não pode ser conforme a esse interesse ou à segurança de Moscou que a Alemanha se instale nas margens do mar Negro ou que ocupe os Estados balcânicos e que escravize as populações do sudeste da Europa. Isso seria contrário aos interesses vitais da Rússia. Nesse ponto os interesses moscovitas se orientam na mesma direção que os da Grã-Bretanha e da França.

5. A Rússia acabou por dar razão, embora tardiamente, a essa profecia do senhor Churchill, pois que contrariamente a todas as previsões de origem alemã, Stalin aceita a luta e Molotov chama o povo russo às armas.

6. O conflito inscrito na história entre o germanismo e o eslavismo, sejam quais forem os dirigentes do momento e suas ideologias, se repete. Uma vez mais Hitler conseguiu, por processo que já podem ser considerados como clássicos, isolar sua vítima para melhor derrotá-la.

7. Não existe nada de verdadeiro na conspiração anglo-russa imaginada pelo *führer*.

8. Por uma reviravolta rápida, Hitler destrói o que adorou e venera o que queimou.

9. Ele retoma a sua fase do *Mein Kampf*, de chefe da cruzada anticomunista. É uma das explicações dessa ação imprevista que parece bem se assemelhar a um golpe de desespero.

10. Acuado pela resistência britânica e pela intervenção americana para uma longa guerra, o *führer* quer, tentando restabelecer a união do

povo alemão e a unidade do partido nazi, assegurar-se por meio de uma campanha fulminante a posse das riquezas russas de matérias-primas e quer igualmente esmagar o exército moscovita para afastar a temida ameaça para preparar o dia em que resolva mais livremente investir contra a Grã-Bretanha.

11. Ele conta com uma repetição da campanha da Polônia e das batalhas do ocidente.

12. Desta vez, porém, os alemães encontram um adversário que dispõe de um material considerável e de reservas imensas de homens superiores às do Reich, talvez no entretanto, com preparo técnico- militar inferior.

13. Seja qual for o resultado da batalha gigantesca que está tramada a [l]este da Europa entre os dois colossos, a vantagem imediata e futura parece incontestavelmente pertencer à Grã-Bretanha e a seus aliados, pois esse novo esforço usa a máquina de guerra alemã e permite tanto ao Império Britânico quanto aos Estados Unidos intensificar suas produções bélicas.

14. Em 1914, a presença da Rússia ao lado dos Aliados salvou a França e pela ofensiva na Prússia oriental permitiu a vitória da Marne. Em 1940, a ausência da Rússia tornou possível a derrota da França depois do esmagamento da Polônia.

15. A entrada em cena da Rússia, neste verão de 1941, parece constituir um elemento decisivo no duelo em curso entre Hitler e a Grã-Bretanha, Rússia e demais aliados.

16. O senhor Churchill uma vez mais não se enganou e no discurso irradiado ontem à noite anunciou que o governo britânico estava, nas atuais circunstâncias, ao lado da Rússia para auxiliar com todos os seus recursos a resistência ao agressor.

17. Acrescentou que a causa da Rússia é a de todos os homens livres do mundo e que embora tenha sempre combatido o comunismo, adotava esta atitude que de nenhuma forma modificava o seu modo de pensar em relação à teoria em questão. Prometeu que a Grã-Bretanha dará à Rússia todo o auxílio e jamais fará qualquer paz de compromisso com os alemães.

18. Acrescentou que o perigo de que a Rússia está ameaçada é idêntica para este país e para os Estados Unidos.

19. As últimas informações indicam que o governo americano apoiará também a Rússia e assim a coalizão dos povos está em marcha contra o inimigo comum.

20. Junto remeto a Vossa Excelência o texto do discurso do primeiro-ministro acima mencionado[8].

8 Não localizado no volume.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 24 JUN. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Colaboração anglo-russa contra a Alemanha.

Da Embaixada em Londres

267 – TERÇA-FEIRA – 24 JUNHO 1941 – 12h30 – Reinou, ontem, grande atividade diplomática, sendo especialmente notadas as sucessivas conferências entre o embaixador russo e o embaixador americano, o qual teria dado garantias satisfatórias sobre as disposições do governo americano em relação à Rússia, e afirmado o perfeito acordo com as declarações do primeiro-ministro sobre as atividades do governo britânico. A situação da Polônia em face da atual política com a Rússia, merece especial atenção deste governo, bem assim a da Finlândia em relação à Alemanha. É iminente a partida de uma missão militar britânica para Moscou, composta de altas personalidades do exército, da marinha e da aviação e de técnicos dos três serviços. Também é prevista a partida de uma missão econômica. Aceitando o oferecimento e o apoio dos efetivos britânicos, Stalin também prometeu a colaboração militar, econômica e comercial russa e manifestou a mais viva satisfação em receber a missão inglesa. Foram feitas declarações, ontem, pelo embaixador russo, quando examinou com o ministro dos Negócios Estrangeiros o plano de colaboração anglo-russo a ser realizado de acordo com o governo americano. A ofensiva aérea britânica contra a Alemanha e as bases aéreas e parques industriais dos países ocupados continua intensa, tendo sido abatidos 83 aviões em três dias, contra 16 britânicos. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 01 JUL. 1941 • AHI 28/2/4

[*Índice:*] Mês político n. 7.

N. 508

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 1º de julho de 1941.

A Sua Excelência o senhor secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n. 7, relativo ao mês de junho próximo passado.

Moniz de Aragão

[*Anexo*]

Mês político n. 7

A 22 de junho, data precisa em que, há 129 anos, Napoleão atravessava a mesma fronteira, foi levantada a cortina de um grandioso drama – a invasão da Rússia pela Alemanha – acontecimento que surpreendeu e empolgou a atenção mundial. Churchill revelou-se um profeta. Faz meses que previu em discurso este ataque contra os sovietes; Stalin havia sido por ele prevenido, e os comunistas ingleses foram igualmente advertidos da próxima reviravolta. Entretanto, o golpe foi dado com relativa surpresa. É certo que a semana que o precedeu fora de rumores alarmantes. Mas, ao desmentido de Molotov seguiu-se o desmentido alemão de que perigasse a paz entre os dois países. Embora ninguém tivesse ilusões sobre a ambição de Hitler ou sobre o seu respeito à palavra empenhada, poucos acreditavam que a sua ousadia fosse tão longe, arriscando-se a uma guerra desnecessária, pois era evidente que os alemães conseguiriam, da fraqueza de Stalin, o petróleo e o trigo de que necessitam. A campanha agora iniciada põe antes em perigo a utilização dessas vantagens econômicas. A menos que haja um colapso rápido ou uma revolução interna na Rússia – talvez a cartada com que Hitler conta – os alemães não poderão obter o suprimento normal desses estoques por algum tempo.

A verdade é que a invasão é uma aventura militar exigida por Hitler e pelos chefes da Reichswehr, contra o voto da diplomacia de Ribbentrop e de Wilhelmstrasse. Hitler não quis entrar em acordo. Consta que os termos propostos por aquele ministro ao embaixador soviético, na véspera da invasão, eram tais que esse retrucou serem

inaceitáveis. Parece que constavam da cessão da Ucrânia e da Transcáucasia pelo prazo de 40 anos e da desmobilização do Exército Vermelho.

Essa decisão deve ter sido ditada pela confiança nazista em que o exército alemão liquidaria com o poder militar dos sovietes, antes que a Grã-Bretanha, com o auxílio americano, pudesse atacar o Reich; em outras palavras, ela visa assegurar a retaguarda da Europa pan-germânica, batendo seus inimigos um a um. Hitler evidentemente está certo de que pode ganhar a guerra mediante uma série de golpes rápidos e fulminantes. Segundo seus cálculos, este ano de 1941 deverá ser decisivo.

Mas talvez o *führer* se equivoque. Mesmo que ele consiga a vitória rápida que antevê, poderá ver-se envolvido em dificuldades que não possa controlar ou limitar.

Prudentemente, Churchill não alimentou o mesmo otimismo fácil quando falou naquele mesmo dia 22, que a maioria dos comentadores expressou pela imprensa. Se os alemães não conseguirem essa vitória fácil, a empresa resultará num desastre fatal para os nazis. Mas se a tiverem, será uma grande vitória que abalará as democracias. Na sua magistral proclamação, o primeiro-ministro rebateu a suposta "cruzada pela civilização europeia contra o Bolchevismo", que Hitler anunciou. A agressão nazi não é uma cruzada, disse ele, mas simplesmente o prelúdio do ataque contra a Inglaterra e contra os Estados Unidos. Churchill, longe de apoiar o credo comunista, classificou-lhe os defeitos como se não distinguindo dos do nazismo. Todo o mundo civilizado é contra o comunismo, disse ele. O apoio que os russos deram aos alemães com o pacto de agosto de 1939 não lhes granjeou amigos. Churchill foi o legítimo porta-voz de quase todos os ingleses, quando disse ser um inimigo do bolchevismo, de há 20 anos, e que assim continuaria. Mas esta guerra não é de ideologias. É uma oportunidade estratégica que todos os governos, que se defendem contra a agressão nazista, têm o dever de aproveitar. Os russos, que resistem a essa invasão, receberão, portanto, toda a assistência possível do Império britânico. É uma questão de bom senso. Seria absurdo recusar-lhes cooperação. "Todos os que combatem o nazismo terão o nosso apoio; todos os que marcham com Hitler, serão nossos inimigos", eis a síntese com que ele enquadrou o problema.

Foi, pois, um ato de indiscutível habilidade a decisão imediata de promessa britânica. Pôs fim a uma campanha de rumores, que a missão pacífica de Hess alimentará. Sendo o plano de Hitler dividir as opiniões, impunha-se uma liderança como a de Churchill para arrastar

todos aqueles que se acham en[g]ajados nessa guerra contra a dominação mundial do ditador alemão.

A lição que res[s]alta dessa nova fase é a de que mais um neutro, que tudo fez para ficar à margem do conflito e que confiou no pacto de amizade e não agressão que lhe oferecera a Alemanha, foi por seu turno alcançado pelas chamas da guerra, quando assim o exigiram os interesses do Reich. Nisto a situação dos russos é idêntica a dos poloneses ou a dos holandeses e belgas. Somente os russos também haviam sido reincidentes e cínicos agressores. Metade da Polônia, os países baltas, parte da Finlândia, a Bessarábia e a Bucovina foram as iscas com que a Alemanha lhes acenou para deles obter isolacionismo. Mas, nem por isso, nem por merecer o castigo pela defecção de 1939 poderia ser outra a política da Grã-Bretanha – a mesma que ela adotou em relação aos demais neutros, vítimas da agressão hitleriana. O fato de que esse neutro é uma grande potência, militarmente equipada, só poderia tornar tal decisão mais evidente e inevitável. Logo a aprovaram os domínios. Seguiu-lhe os passos a administração americana, que prometeu a assistência dos Estados Unidos e descongelou em Nova York os créditos soviéticos, no total de cem milhões de dólares.

Outra, porém, é a posição da Finlândia, da Romênia e da Polônia. As duas primeiras permitiram que a Alemanha utilizasse seus territórios como base para o ataque, mas enquanto os romenos tomaram parte na ofensiva, a Finlândia declarou-se neutra até que os russos bombardearam suas cidades. As relações da Grã-Bretanha com a Romênia estão cortadas. É natural que os finlandeses queiram reconquistar o que perderam para a Rússia. Mas a Finlândia foi notificada de que a Inglaterra combaterá os alemães, onde quer que se achem, como se está dando na Síria. Em face da declaração de Churchill não prevalece a simpatia demonstrada em fins de 1939, quando ela resistia à agressão.

Semelhante é o problema para os países baltas que haviam conquistado sua independência liberando-se da Rússia. Os governos que aí forem constituídos, se-lo-ão sob a égide da Alemanha. Posto que não tenha aceito a recente perda de suas independências, a Grã-Bretanha não reconhecerá os organismos que os alemães instituírem.

Diferente é o caso da Polônia. O general Sikorski procedeu com a mesma prontidão que Churchill, definindo a atitude do seu governo. Verificada a participação da Rússia na guerra, os poloneses partem do princípio de que as fronteiras de 1921 foram ou serão restauradas e que o pacto de não agressão foi revalidado. Os russos já estão sendo

afastados das regiões por eles ocupadas em fins de 1939. Tal circunstância só facilitará a futura solução do problema polonês. A oferta agora da sua independência pela Alemanha é um novo cúmulo do cinismo e da hipocrisia. Nenhum polonês deixar-se-á enganar por ela, como nenhum aceitou participar de um governo Quisling.

Finalmente surge o caso da Suécia. Quando a Finlândia estava sendo atacada pela Rússia e que a Inglaterra desejou mandar auxílio através da Suécia, o governo desta recusou-se a dar passagem às tropas aliadas. Agora, entretanto, ela deu esse consentimento à Alemanha para agredir um país neutro. O comunicado sueco procurou classificar esse ato de pequeno desvio da sua conduta imparcial e compatível com a sua soberania em vista das precauções que vão ser tomadas. Salta aos olhos a incoerência das duas atitudes e o governo britânico não perdeu tempo em queixar-se em Estocolmo. O assunto foi considerado pelo senhor Eden como grave, não só para as relações entre os dois países, como para o futuro imediato da Suécia, quando teve uma entrevista com o ministro da Suécia. O *Times* comentando o fato afirmou que, terminada a guerra, não será possível dar o mesmo tratamento às nações que comprometeram a sua neutralidade, que for dado às que a souberam reaguardá-la.

Churchill prometeu ajudar os russos. Com o embaixador Cripps, partiu uma missão militar e alguns técnicos econômicos. Auxílio militar direto, porém, é geograficamente impossível. Os americanos poderão enviar material por Vladivostok. O tratado turco-alemão obriga a neutralidade daquela ex-aliada e impede um ataque sobre o flanco alemão do mar Negro, caso pudessem os ingleses atacar por aí, o que não é provável. Resta a única contribuição da ofensiva aérea sobre os centros industriais, as bases navais e os aeródromos na França. A concentração da aviação alemã na frente russa debilitou a defesa aérea no Ocidente.

O bombardeio noturno sobre o Ruhr, a Renânia, Hamburgo, Bremen e Kiel assumiu este mês proporções excepcionais. Vem sendo empregados melhores aparelhos, bombas mais possantes e em maior número. Em duas semanas foi lançada maior tonelagem que durante todo o mês de abril, que já constituíra um recorde.

Ainda mais importante está sendo a ofensiva diurna sobre a Mancha. Bombardeiros escoltados por caças atravessam diariamente o canal para atacar objetivos selecionados –aeródromos, usinas elétricas, refinarias de petróleo e junções ferroviárias no norte da França. A destruição de aparelhos alemães recorda as cifras do outono de 1940,

quando da Batalha da Grã-Bretanha com a diferença de que agora está com os ingleses a iniciativa; 150 aparelhos alemães contra 45 britânicos foram abatidos em doze dias de combates. Os alemães foram, por assim dizer, expulsos do ar nessa região.

⌘⌘⌘⌘⌘

Posto que se intensifique a ofensiva da Royal Air Force, não é de se presumir que os alemães não a retomem num futuro próximo em grande escala. Batida a Rússia, a armada aérea da Luftwaffe será novamente lançada sobre as cidades e fábricas da Grã-Bretanha com a máxima intensidade logo que as noites voltarem a ser longas. Na previsão dessa probabilidade as autoridades estão resolvidas a melhorar a Defesa Passiva (*Air Raid Precautions*). Só depois que os centros de 12 importantes cidades foram destruídos é que o governo se decidiu a nacionalizar o Corpo de Bombeiros.

Sir William Beveridge, reputado jornalista e economista, está clamando pela imprensa por que esses serviços sejam unificados sob um Ministério da Defesa Civil. Essa campanha vem sendo bem recebida e é provável que dentro de pouco se constitua o novo ministério, com poderes amplos para obter a coordenação que se impõe entre as diversas autoridades competentes.

O mesmo esforço de concentração está sendo exigido dos órgãos de propaganda dentro de um Ministério de Informação reconstituído, mediante a criação de uma diretoria de *Political Warfare* em estreita colaboração com o Foreign Office, capaz de conceber planos construtivos de organização econômica para depois da guerra, que possam ser contrapostos à nova ordem hitleriana, como disse o senhor Eden, em recente discurso da *Mansion House*.

Com certa surpresa foi recebida a recusa do primeiro-ministro canadense, Mackenzie King, ao convite que lhe dirigiu o senhor Churchill para a proposta Conferência Imperial de Guerra, que se pretendia realizar em Londres, em julho ou agosto próximo, segundo o bem-sucedido precedente da guerra passada.

Em vista da resposta semelhante que deu o primeiro-ministro da África do Sul, general Smuts, isto é, de que não era possível aos dois ausentarem-se dos seus países no momento atual, na falta de substitutos que arquem com a responsabilidade dos seus cargos, o senhor Churchill declarou, no dia 24, que era impossível reunir a conferência este ano.

Foram anunciadas, a 29, novas modificações ministeriais. *Lord* Beaverbrook passou para o Ministério dos Suprimentos, em sucessão

de *sir* Andrew Duncan, que volta à presidência do Board of Trade, cujo titular, senhor Oliver Lyttelton, será enviado em missão ao estrangeiro.

O objetivo dessas mudanças é completar a mobilização da indústria e de braços para uma maior produção bélica, em resposta às críticas sobre a insuficiência e a lentidão com que vem sendo feita a arregimentação de todos os recursos disponíveis, críticas que têm sido dirigidas mais quanto aos métodos que quanto às personalidades. Assim, o governo apela para a energia executiva de que deu provas *lord* Beaverbrook no Ministério da Produção Aérea. *Sir* Andrew Duncan, graças às suas qualificações especiais como técnico em petróleo e à boa conta que deu na sua anterior administração, regressa ao departamento para que está mais apto.

A dubiedade da atitude russa e a fraqueza militar britância demonstrada na Grécia, levaram a Turquia a submeter-se à pressão alemã, assinando o pacto de amizade com o Reich. Tudo o que a Turquia logrou fazer, para preservar a aliança com a Grã-Bretanha foi inserir uma cláusula respeitante aos compromissos existentes de ambos países. Se o pacto anglo-turco permanece na forma, perde o seu valor no futuro. Como poderão os dois países dar-se toda a "ajuda e assistência" contra agressores no Mediterrâneo, quando a Turquia se obriga pelo novo tratado a "não recorrer a medidas, diretas ou indiretas, que sejam dirigidas" contra o agressor único ou principal que é a Alemanha?

A razão verdadeira para essa atitude turca está no colapso da França, pois que o pacto de 1939 era na realidade tríplice, pois que era baseado no poder militar francês no Oriente próximo. Se as tropas francesas da Síria se tivessem colocado ao lado das inglesas, a balança pesaria contra a Alemanha. Agora, qualquer que seja a sua opinião sobre a vitória final, a Turquia tem que considerar seus interesses imediatos, pois ela sabe que se for atacada agora pelos alemães será fatalmente sobrepujada.

Na Síria, os progressos dos ingleses e franceses livres está sendo lento, ainda que satisfatórios. A resistência da guarnição francesa está sendo mais séria do que fora esperado e as operações têm sido conduzidas pelo comando britânico com a preocupação de poupar derramamento de sangue fratricida. Consta, porém que Vichy está discutindo com Ancara a possibilidade de evacuar os 20 mil soldados que lá se encontram, pelo que deve-se esperar para breve com a suspensão da luta. Aliás, a cidade de Palmira já foi cercada e o avance dos Aliados já se encontram às portas de Beirute.

Na Líbia, a situação dos ingleses melhorou consideravelmente com a chegada de grande número de aviões da Inglaterra como dos Estados Unidos. Os bombardeiros e caças dos tipos mais novos têm tido notável êxito, permitindo que a superioridade aérea britânica, já provada sobre os italianos, também se faça sentir sobre os alemães. As patrulhas inglesas não têm encontrado oposição. Parece que os alemães só estão empregando aparelhos italianos, como foi revelado num recente bombardeio sobre Malta, que foram abatidos em grande número pela Royal Air Force. Prosseguem os ataques aéreos sobre a Cirenaica.

Moniz de Aragão

Redação do conselheiro Joaquim de Sousa Leão.

❖

TELEGRAMA • 02 JUL. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Comentários sobre a situação econômica e financeira do Brasil na imprensa londrina.

Da Embaixada em Londres

278 – QUARTA-FEIRA – 2 JULHO 1941 – 13h00 - Os jornais financeiros salientam que a posição de firmeza dos títulos brasileiros na bolsa de Londres, é melhor do que a de quaisquer outros títulos sul-americanos. Foi favoravelmente comentado o recente artigo do *Economist*, já remetido pelo correio aéreo, o qual salienta o progresso industrial sul-americano e sobretudo o desenvolvimento do Brasil, que não pode ser igualado. Acrescentou que no período de 1914 a 1935, enquanto a Argentina aumentou a produção industrial de 79%, o Brasil alcançou 502% e que o plano econômico do presidente Getúlio Vargas começou a produzir resultados em 1934. Nenhum outro país, salvo a Rússia, obteve tão notável aumento. Conclui dizendo que, no ano passado, quando o país celebrou o décimo aniversário do novo regime, o presidente Getúlio Vargas pôde recordar esses progressos, ao mesmo tempo, acentuando que tinha sido facilitado pelo abundante trabalho dos brasileiros, protegidos por adequada legislação social, utilizando somente os recursos nacionais. Tratando-se de comentários do *Economist*, órgão extremamente considerado, tenho grande prazer em transmiti-los sem demora. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 05 JUL. 1941 • AHI 28/2/4

[*Índice*:] O discurso de Stalin.

N. 522

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 5 de julho de 1941.

Senhor Ministro,

O recente discurso do senhor Stalin é considerado aqui como destinado a ter uma enorme repercussão em toda a parte e suscetível de obrigar as populações e potências hesitantes ou desconfiadas a considerar seriamente a atual posição política do mundo.

2. A opinião pública londrina foi unânime em julgar que Stalin fez prova de um realismo extraordinário expondo, ao povo russo em particular e ao universo em geral, o verdadeiro aspecto do conflito desencadeado há dias por Hitler.

3. Moscou, tendo durante dois anos feito sua política com a Alemanha seja por simpatia, cálculo ou mesmo temor, e tendo durante esse tempo acusado a Grã-Bretanha de fazer uma guerra capitalista e imperialista, agora acaba de proclamar bem alto que essas apreciações foram erradas e que, resistindo aos ataques contra seus países, Stalin reconhece que o Reino Unido, a França, a Bélgica, a Holanda, a Noruega, a Iugoslávia e a Grécia não fizeram senão defender sua liberdade e que a Grã-Bretanha, única sobrevivente dessa tremenda luta, nada mais faz do que se bater pela liberdade comum, inclusive agora da Rússia.

4. Repudiando o vocabulário antigo, Stalin declarou publicamente que sua pátria combate atualmente não por ideologias, mas por um idealismo nobre, tal como velha concepção de amor da pátria e da liberdade.

5. De fato, pode ser dito que, desde o primeiro dia, a Rússia se empenhou em uma guerra nacional e essa concepção foi logo compreendida pelos círculos políticos e diplomáticos ingleses, mesmo entre os que não tiveram jamais qualquer simpatia pelos comunistas de Moscou.

6. As declarações de Stalin vieram esclarecer a situação, pois o seu silêncio depois da proclamação hitleriana e mesmo depois da resposta de Molotov, permitia que se mantivesse uma certa dúvida, causando alguma inquietação sobre a unidade de vistas e diretriz política dos membros dirigentes da União Soviética.

7. Stalin sabe que com a derrota do seu país todo o regime se destroçará e que Hitler não esconde sua intenção de reorganizar a carta da Rússia como pretende fazê-lo com os demais países da Europa hoje sob seu domínio.

8. Nesses projetos, como já tive ensejo de me referir em outros ofícios, o *führer* inclui a Ucrânia e os países bált[ico]s que seriam transformados em Estados vassalos assim como a Rússia branca.
9. Stalin, combatendo agora por um ideal e não pela revolução vermelha, facilita o apoio anglo-americano e torna mais fácil a posição da Inglaterra que também está empenhada em uma luta de morte contra os nazis.
10. O presidente do Conselho Soviético exprimiu em termos eloquentes a gratidão pela colaboração britânica contra o inimigo comum.
11. Entretanto parece que a urgência em resolver certos problemas militares será o tema essencial da colaboração anglo-russa e que as questões de ordem política serão consideradas como subsidiárias e serão apenas incidentemente evocadas e jamais em forma que possam determinar uma dificuldade para a coordenação dos esforços no plano militar.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 08 JUL. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Comentários sobre a situação decorrente da guerra russo-alemã. Atitude do Japão.

Da Embaixada em Londres

288 – terça-feira – 8 julho 1941 – 15h45 – Conquanto os técnicos militares ainda não ousem fazer prognósticos sobre o resultado final da guerra russo-alemã, a impressão dominante é que as tropas nazistas foram, até agora, contidas em toda a frente de batalha. As últimas notícias indicam que os contra-ataques russos aumentam, em número e em força, enquanto parece decrescer a energia da ofensiva das divisões couraçadas alemãs. Depois de 15 dias de luta violenta, a resistência dos russos é julgada mais forte do que no início da guerra. As negociações prosseguem entre a embaixada russa e o chefe do governo polonês para um entendimento, visando a liberação dos prisioneiros poloneses

na Rússia e acordo sobre a reintegração da Polônia nas suas antigas fronteiras. As negociações estão sendo orientadas pelo ministro Eden que consagra todos os esforços para a criação da frente única contra o inimigo comum. A situação do Japão é acompanhada com o máximo interesse, tendo aumentado a suposição de que evitará envolver-se diretamente no conflito, pelo menos, até que a luta na Rússia fique mais esclarecida. A ocupação da Islândia pelos americanos causou grande satisfação, pois será extremamente útil para a defesa da navegação entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 8 JUL. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Incidentes na fronteira. Peru-Equador.

Da Embaixada em Londres

289 – TERÇA-FEIRA – 8 JULHO 1941 – 15h45 – A imprensa em geral publica notícias sobre o conflito peruano-equatoriano, lamentando as hostilidades na América e, em geral, os círculos políticos e diplomáticos julgam que tenha sido o resultado de instigações de agentes alemães e japoneses. Manifestam o desejo de uma ação conjunta dos principais países americanos, para que se restabeleça prontamente a paz continental. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 11 JUL. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Material bélico.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

293 – SEXTA-FEIRA – 11 JULHO 1941 – 17h00 – Almocei hoje com o ministro das Relações Exteriores, estando presentes outros ministros de Estado. Sua Excelência pediu-me dizer-lhe que o governo britânico tinha tido grande satisfação em encontrar uma fórmula de poder resolver, favoravelmente, o assunto relativo ao nosso armamento e que supunha satisfeito o governo brasileiro. Desde o princípio, o primeiro-ministro ordenou atender o nosso pedido dentro das possibilidades e

não prejudicando a política do bloqueio, vital para a defesa do Império britânico, e que sempre tinha tido em vista não perturbar, de nenhuma forma, as tradicionais relações anglo-brasileiras. No caso presente, o governo britânico desejaria que o presidente da República e Vossa Excelência soubessem todo o empenho do governo britânico em facilitar a nossa defesa e ser agradável ao exército brasileiro. Agradeci e prometi transmitir. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 18 JUL. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Repercussão em Londres da constituição do novo gabinete japonês e da mediação para a solução do incidente Equador-Peru.

Da Embaixada em Londres

301 – SEXTA-FEIRA – 18 DE JULHO DE 1941 – 13h00 – Nos círculos ligados ao Foreign Office considera-se que a crise política japonesa foi provocada por elementos extremistas do gabinete, que conseguiram impor suas vistas quanto ao desenvolvimento das ações diplomática e militar nas atuais circunstâncias. Embora as razões da demissão do ministério japonês sejam ainda desconhecidas, parece existir desacordo entre os dois partidos do governo: um, tendente à franca intervenção na guerra ao lado do Eixo, outro, pela aproximação com os Estados Unidos da América e a Grã-Bretanha. O governo britânico está acompanhando a situação do Oriente com a máxima vigilância. Os meios bem informados afirmam que Washington e Londres estão em permanente contato na previsão de graves acontecimentos contra a Rússia ou a Indochina e as Índias Neerlandesas, o que aqui acreditam, determinariam conflitos com os Estados Unidos da América. A atitude da Espanha, querendo por todos os meios impedir a intervenção dos Estados Unidos da América na guerra, é inspirada diretamente pelo senhor Hitler e liga-se muito ao desenvolvimento da política do Eixo no Extremo Oriente. A imprensa comenta favoravelmente a aceitação pelo Peru e o Equador da mediação do Brasil, Estados Unidos da América e Argentina, ficando assim afastadas a ameaça de guerra no continente americano. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 23 JUL. 1941 • AHI 28/2/4

[*Índice*:] Perspectiva de nova ofensiva de paz alemã.

N. 566

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 23 de julho de 1941.

Senhor Ministro,

Em conversa com funcionários do Foreign Office e com os embaixadores turco e espanhol, soube que a diplomacia e a propaganda do Reich estão fazendo visíveis preparativos em diversas capitais, inclusive Ancara, Madri e Lisboa, visando uma nova ofensiva de paz.

2. Assim já foi divulgado que no mesmo momento em que a avançada alemã na Rússia parece ter sido, pela segunda vez em 15 dias, contida com graves perdas para as forças nazistas, os diplomatas germânicos e os especialistas da propaganda do senhor Goebbels afiam as suas armas para uma nova tentativa de paz que deverá ser lançada proximamente.

3. Os círculos alemães em Ancara confessam não somente que a campanha na frente Oriental não tem produzido os resultados esperados, mas admitem que os obstáculos imprevistos encontrados na frente russa pela máquina de guerra alemã estão causando um grande nervosismo aos soldados e oficiais do *führer*.

4. Observadores, recentemente chegados de Berlim a Lisboa, declaram que os nazis iniciaram, em toda a Europa ocupada e neutra, uma campanha em favor do que resolveram chamar de "cruzada contra o bolchevismo" de cujos chefes eram aliados até um mês atrás.

5. Eles querem principalmente convencer aos neutros que essa cruzada constitui a única esperança de salvar a Europa do comunismo.

6. Logo depois tratariam de buscar convencer a Grã-Bretanha desse pseudoperigo o que desde já pode ser dito com resultado negativo.

7. A atitude da Turquia não é considerada como fácil de ser compreendida, apesar de que não resta dúvida que o governo de Ancara deseja de qualquer forma uma paz de compromisso.

8. Ao mesmo tempo, há apenas dois dias, a Grã-Bretanha recebeu a promessa de que a Turquia não consentirá em nenhum caso a se tornar um país conquistado, ocupado ou utilizado pelo Reich tal como a Bulgária e a Hungria e que jamais será dada permissão para tropas alemãs utilizarem o território turco seja qual for o motivo.

9. O correspondente da agência francesa de informações da política alemã informou que a oferta de paz hitleriana será provavelmente

apresentada no próximo mês de setembro, como em tempo informei a Vsa. Excelência, mas tudo depende do desenvolvimento da guerra na Rússia.

10. Essa ofensiva de paz compreenderia uma proposta contendo, entre outras, as seguintes condições: garantia de respeito à integridade territorial do Império britânico apenas desmembrado das antigas colônias alemãs que seriam reincorporadas ao Reich; liberação de uma grande parte da França, sendo que a Alsácia-Lorena seria definitivamente anexada pela Alemanha e Córsega, Tunísia e uma parte da Sabóia seriam atribuídas à Itália; restauração da Holanda e da Bélgica; reconhecimento da zona de influência política, econômica e comercial dos Estados Unidos nas Américas do Sul e Central; a Noruega e Dinamarca passariam a formar um só Estado com a constituição de país vassalo da Alemanha, dependente do governo de Berlim.

11. Esse projeto, como Vossa Excelência verá, não cogita da Áustria, da Tchecoslováquia, da Polônia nem dos demais países balcânicos, pois, segundo alega o meu informante, já foram todos considerados pela Alemanha como definitivamente desaparecidos do mapa europeu, constituído parte integrante do Reich alemão ou da Itália.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 30 JUL. 1941 • AHI 28/2/4

[*Índice*:] Planos nazistas na América Latina.

N. 581

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 30 de julho de 1941.

Senhor Ministro,

A título de informação, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, no incluso recorte do *Daily Telegraph* de hoje, um longo telegrama do correspondente deste jornal em Washington, a propósito das revelações do senhor Sumner Welles quanto às atividades subversivas e anti-americanas dos alemães na América.

2. O correspondente também refere às notícias chegadas de Buenos Aires sobre a mensagem secreta descoberta pelas autoridades argentinas, que provaria a participação dos agentes nazistas no recente conflito entre o Peru e o Equador, como resultado da conferência dos quatro representantes diplomáticos alemães em Santiago.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexo: *Daily Telegraph*. Londres, 30 de julho de 1841.][9]

❖

TELEGRAMA • 01 AGO. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Notícias da imprensa inglesa. Atividades alemãs na América do Sul.

Da Embaixada em Londres

321 – SEXTA-FEIRA – 1º AGOSTO 1941 – 17h00 – A imprensa, desde há alguns dias, acompanha com o maior interesse as atividades alemãs na América do Sul, comentando, longa e principalmente, as notícias relativas às medidas de defesa adotadas por alguns países sul-americanos contra a infiltração nazista. Os incidentes alemães na Bolívia e na Argentina motivaram um longo artigo no *Manchester Guardian*, demonstrando que a ação nazista no nosso continente começa a provar ter sido mais intensa do que realmente se supunha e que tudo indica que a intriga e outras atividades serão intensificadas, mormente para criar dificuldades à cooperação dos Estados Unidos da América em favor dos aliados. No caso da Bolívia, houve a principal intenção de impedir a exportação de estanho e antimônio e no da Argentina a de dificultar a remessa de trigo e carne. Segundo informações dignas de crédito, alguns navios alemães chegaram ao Brasil, à Argentina e ao Chile em princípios do ano, conseguindo romper o bloqueio e levando importante material de propaganda e armas, principalmente fuzís-metralhadoras, revólveres e

9 Não transcrito.

granadas de mão, destinados a auxiliar possíveis revoluções nos países latino-americanos. Essa suposição decorre de certos documentos apreendidos a bordo do navio mercante *Erlangen*, há pouco tempo apreendido no Atlântico Sul pelos ingleses, quando buscava romper o bloqueio, em viagem do Pacífico para a Europa. O *Daily Telegraph* de hoje fez referências, embora veladas, sobre esse assunto. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 01 AGO. 1941 • AHI 28/2/4

[*Índice:*] Atividades nazistas na América do Sul.

N. 587

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 1º de agosto de 1941.

Senhor Ministro,

A imprensa londrina nestes últimos dias tem comentado com o mais vivo interesse as notícias recebidas pelas agências telegráficas relativas às atividades nazistas na América do Sul e tem salientado as medidas adotadas por várias repúblicas ibero-americanas em consequência dos recentes acontecimentos ocorridos, principalmente na Bolívia e na Argentina.

2. Conforme informei pelo telégrafo, o conceituado jornal *Manchester Guardian* publicou, no dia 30 de julho, um longo artigo tratando do conflito germano-boliviano, salientando que a infiltração alemã na Bolívia não difere do que está ocorrendo em outros países da América Latina.

3. Observa o articulista que os alemães em toda a parte sempre demonstraram grande habilidade e tenacidade nos seus processos em preparar golpes nos momentos mais oportunos, visando sempre o desenvolvimento das ideologias nazistas e ulterior domínio político e comercial dos países que pretendem dominar.

4. Releva que na Bolívia, além do governo de Berlim manter escolas alemãs, concentraram suas atividades buscando apoio no exército, sendo nisso facilitados pelo fato que numerosos oficiais bolivianos têm praticado na Alemanha depois da guerra do Chaco e que ainda existe naquele país uma missão militar italiana composta de treze oficiais instrutores cujo contrato somente terminará no ano 1947.

5. Prossegue o mesmo jornal declarando que os alemães também utilizaram como meio de propaganda os serviços de suas linhas aéreas

comerciais funcionando sob o nome de Lloyd Aéreo Boliviano, cuja importância é fácil de avaliar pelo fato da posição central que ocupa entre as diversas linhas americanas e sua ligação com o sindicato Condor no Brasil, a Lufthansa no Peru e o serviço aéreo transatlântico italiano da companhia Lati.

6. Recorda a decisão do governo boliviano em maio último assumindo a direção e julga que esse ato deve estar ligado com idênticas medidas adotadas pelo Peru, Equador e Colômbia.

7. Os alemães, prossegue o referido órgão, obtiveram o apoio de uma grande parte da imprensa boliviana onde apenas um ou dos jornais conservaram suas opiniões democráticas e favoráveis ao pan-americanismo, mas o resto, cerca de seis outros diários, foram absorvidos pela propaganda dos serviços da companhia Transatlântica.

8. Os representantes de grandes corporações americanas de nacionalidade germânica não hesitaram em utilizar suas posições para fechar contratos somente com os jornais germanófilos.

9. Isso teria determinado medidas por parte dos Estados Unidos para evitar que essa situação perdurasse e, de acordo com as autoridades britânicas, criaram dificuldades para o fornecimento de papel de imprensa de origem canadense e destinados a esses órgãos de publicidade.

10. O artigo em questão expõe em seguida outras formas das intrigas da propaganda alemã, tal como a que está protegida pelas imunidades diplomáticas, processo geralmente adotado pelos alemães em todos os tempos, favorecendo organizações de movimentos subversivos e de espionagem.

11. Tais atividades teriam determinado o governo de La Paz a pedir a retirada do ministro alemão von Wendler como medida radical para impedir que fosse instalado na Bolívia um governo extremista.

12. Pondera ainda que a recente conspiração nazista para depôr o atual governo boliviano não encontrou razões políticas fundamentais e sua verdadeira significação deve ser achada primordialmente no desejo de açambarcamento pela Alemanha dos preciosos recursos naturais da Bolívia, entre os quais figura em primeira linha o estanho.

13. Menciona também o mesmo artigo que o incidente ocorreu, por coincidência curiosa, no momento em que o Japão iniciou sua ação expansionista e isso explica ainda mais que a base de tudo é a luta p[elo] estanho, tungstênio e o antimônio, visando que não possam esses produtos ser utilizados pelos Estados Unidos.

14. No que se refere à Argentina, aqui supõem que tudo o que tem ali ocorrido ultimamente seja devido a ter sido instalado naquele país

o centro da propaganda nazista para os países sul-americanos, decorrente do que foi aconselhado pelo agente alemão Rieth que, em março último, percorreu nosso continente como observador e portador de instruções para as missões diplomáticas do Reich e presidiu a reunião realizada em Santiago do Chile, da qual participaram os embaixadores e ministros alemães em Buenos Aires, Santiago, Lima e La Paz, conforme em tempo informei pelo telégrafo.

15. Um informante autorizado disse-me confidencialmente que vários navios mercantes alemães que conseguiram chegar a portos brasileiros, argentinos e chilenos no princípio deste ano levaram clandestinamente importantes cópias de material bélico destinadas aos agentes nazistas, compreendendo principalmente fuzís-metralhadoras, aparelhos transmissores e receptores de telégrafo sem fio, granadas de mão, revólve[re]s etc., além de numeroso elemento de propaganda. Esse fato teria ficado comprovado por certos documentos apreendidos recentemente a bordo do vapor alemão *Erlangen,* aprisionado pelos ingleses no Atlântico Sul ao tentar romper o bloqueio aliado na sua viagem de regresso à Europa.

16. Tratando-se de assunto interessando nossa defesa, julguei do meu dever levar sem demora o que precede ao conhecimento de Vossa Excelência, mormente tendo colhido as referidas informações de fonte digna de crédito.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 07 AGO. 1941 • AHI 28/2/4

[*Índice*:] A política anglo-americana e a guerra.

N. 602

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 7 de agosto de 1941.

Senhor Ministro,

A ação diplomática visando uma intensificação da colaboração

anglo-americana é considerada, neste momento, como indispensável e os círculos políticos autorizados prognosticam que novos passos serão dados proximamente.

2. O desenvolvimento dessa política de crescente intimidade e amizade entre Londres e Washington constitui o resultado inevitável criado pelo novo estado de coisas derivado das modificações, as mais importantes, da situação internacional nos últimos tempos.

3. A participação da Rússia na guerra constitui um desses fatores, colocando desde logo em primeiro lugar certos problemas, principalmente o da quantidade de armas e munições destinadas à Grã-Bretanha que os americanos poderão reservar para os exércitos moscovitas.

4. A evolução cada vez mais rápida e mais perigosa no Extremo Oriente exige igualmente a revisão ou pelo menos uma coordenação mais estrita da política anglo-americana, desde logo, para produzir todos os efeitos desejados, derivados do congelamento dos créditos japoneses; da aplicação de embargos e, finalmente, no que diz respeito à execução de um plano estratégico conjunto na previsão do prosseguimento da política agressiva iniciada pelo Japão, no sul do oceano Pacífico.

5. Nessas condições, parece como muito provável que a política britânica-americana, em relação a Vichy, assuma um caráter de perfeita uniformidade e de maior firmeza no que se refere à defesa do Atlântico, que ficaria gravemente comprometida com a ocupação alemã de Dakar.

6. Os avisos dados pelos senhores Cordel Hull e Sumner Welles ao Japão e ao governo de Vichy foram aqui muito apreciados e os círculos diplomáticos consideram que, contrariamente ao que tem sido feito até agora, deve ser acreditado que as observações referidas dos estadistas americanos significam o prelúdio de uma colaboração e de uma unificação mais marcada para o desenvolvimento da política americana com a britânica em todos os domínios, mesmo onde certas dificuldades técnicas tinham prevalecido.

7. Podemos, pois, concluir e os círculos diplomáticos neutros afirmam ter razões para acreditar que as novas seguranças dadas pelo governo de Vichy aos Estados Unidos foram acolhidas em Washington com indiferença e ceticismo, análogo ao que despertou em Londres, sendo que em nada modificou a atitude franca e decidida dos ingleses e americanos.

8. Essa impressão não parece que se modificará senão no caso do governo de Vichy, por atos e não por palavras, provar que se opõe às atividades alemãs que estão ameaçando a África francesa e principal-

mente Dakar, que já está servindo de base a submarinos alemães e que definitivamente, sob o domínio nazista, poderá constituir grave perigo para a defesa do Atlântico e do novo continente.

9. A atitude do governo de Vichy não inspira confiança e tudo indica que o marechal Pétain se mostra impotente para resistir à pressão dos alemães ajudado pelo almirante Darlan.

10. Esses e outros problemas não menos graves estão sendo atentamente considerados pelos governos de Washington e de Londres devendo, pois, ser esperados importantes acontecimentos em futuro próximo decorrente de uma ação conjunta dos aludidos governos na defesa dos seus interesses.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 08 AGO. 1941 • AHI 28/2/4

[*Índice:*] A ação diplomática anglo-americana e o governo de Vichy.

N. 605

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 8 de agosto de 1941.

Senhor Ministro,

Os meios diplomáticos ligados ao Foreign Office não escondem o descontentamento causado tanto aqui como em Washington pela atitude do governo de Vichy decorrente das declarações feitas pelo senhor Sumner Welles em relação à política americana de não tolerar que a segurança do Atlântico e do novo continente seja ameaçada pela ocupação alemã de bases tais como Casablanca, Algeria e Dakar.

2. O comunicado oficial publicado pelo governo francês confirma o que tinha sido antecipado pela imprensa tornando o problema de difícil solução amistosa.

3. Assim, como anunciei a Vossa Excelência em outros ofícios e telegramas, as conversações anglo-americanas em curso buscam um perfeito entendimento para o futuro desenvolvimento da política

conjunta de Londres e Washington, no que diz respeito ao governo de Vichy, e certas personalidades bem informadas já não ocultam a possibilidade de uma ruptura com o marechal Pétain e o possível e imediato reconhecimento do general De Gaulle como chefe do governo francês além das qualidades políticas de que já está investido.

4. Nem Londres como Washington poderão aceitar como verdadeira e muito menos como sincera, a argumentação de Vichy no que se refere à Indochina, o que aliás, já se evidencia pelo fato de que o Japão estaria oferecendo ao governo de Bangcok certas províncias do Camboja em troca de concessões econômicas e bases estratégicas no Sião.

5. O fato das explicações sobre o pacto franco-japonês parecerem pouco convincentes, desperta ainda maior intranquilidade sobre o futuro das colônias francesas particularmente da África Ocidental.

6. O marechal Pétain parece ter afirmado ao almirante Leahy que seu governo não tenciona atualmente recorrer ao auxílio alemão para a defesa de suas colônias, mas que a França se reservaria todos os direitos para futuramente pedir a proteção de Berlim caso acredite que as referidas colônias se achem ameaçadas.

7. Isso, observam aqui, demonstra claramente que Vichy admite a absurda possibilidade de tais ameaças por parte da Grã-Bretanha ou dos Estados Unidos e exclui tal perigo no que se refere à Alemanha ou Itália.

8. Informações digna[s] de crédito indicam a recente passagem de três mil alemães por Casablanca em direção à Dakar os quais, segundo dizem os franceses, seriam técnicos encarregados de ajudar os trabalhos de fortificação que estão sendo feitos na África francesa por ordem de Berlim e complacência de Vichy.

9. Pode ser facilmente compreendido qual o efeito causado em Londres e Washington por esse fato bastante significativo e que ocorreu no mesmo momento em que o general Weygand ficou subordinado ao almirante Darlan, principalmente no que diz respeito aos assuntos coloniais africanos.

10. Em Londres, muitos têm a impressão que Vichy, cedendo praticamente à pressão alemã, buscaria salvar a sua face, tentando um esforço maior para tranquilizar a América, do que para evitar de ter que enfrentar a opinião pública francesa, apesar de existirem indícios que a situação atualmente na França pode ser considerada como quase revolucionária e a agitação das massas populares cresce continuamente como testemunham graves manifestações ocorridas nos centros industriais de St. Etienne, Lyon, Marselha, Rouen e Toulouse.

11. Apesar de tais acontecimentos, a situação não teria ainda atingido o grau de gravidade a ponto de causar uma principal preocupação ao governo de Vichy que mais cuidaria, como disse, de evitar um choque com os Estados Unidos de profundas consequências, pois comprometeria imediatamente a alimentação do povo francês, já extremamente afetado pela Alemanha com as suas permanentes requisições de víveres e matérias-primas.
12. O governo britânico observa uma grande reserva em face do desenvolvimento dessa importante ação diplomática franco-americana, mas é sabido que apóia incondicionalmente os Estados Unidos e eventualmente entraria em cena, se os acontecimentos assim o exigirem.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 11 AGO. 1941 • AHI 28/2/4

[*Índice:*] O desenvolvimento da guerra.

N. 609

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 11 de agosto de 1941.

Senhor Ministro,

As recentes notícias divulgadas pelos técnicos militares, nos principais jornais nos últimos dias, indicam que o estado-maior alemão, por ordem do chanceler Hitler, estaria estudando apressadamente uma mudança tática da guerra.
2. Os exércitos nazistas praticamente paralisados por uma inesperada resistência dos russos obrigaram ao *führer* a encarar um novo e vasto plano que estenderá a guerra e envolverá os países seguintes: Espanha, Portugal, Japão, Sião e talvez a Turquia e a Suécia.
3. O referido plano prevê a continuação da campanha na Rússia sob a forma defensiva, enquanto os exércitos alemães invadiriam a Espanha e Portugal e logo depois a Turquia em demanda do petróleo do Cáucaso.

4. Nessa mesma ocasião, o Japão seria compelido por Berlim a invadir a Rússia pela Sibéria e, ocupando o Sião, atacaria as possessões britânicas do sul do Pacífico.
5. Uma das partes essenciais dessa combinação envolve a França, que seria obrigada por Hitler a dar livre passagem às tropas alemãs e colaborar com Berlim em grande escala, pondo às suas ordens todos os seus recursos materiais e militares.
6. Os portos franceses no Mediterrâneo e na África ficariam sob controle alemão sendo que Dakar, já fortificado por técnicos nazistas, seria definitivamente ocupado para base aérea e submarina do Reich.
7. Aqui acreditam que o ministério alemão em Lisboa já teria feito sentir ao governo português a necessidade de sua cooperação com o Eixo para poder ter garantido um lugar na nova ordem europeia com todas as suas colônias e, no caso de recusa, o território português seria incorporado à falange espanhola, passando a ser dirigido por Madrid que ficaria sob orientação hitleriana.
8. Em relação ao Japão, nas últimas quarenta e oito horas, como informei pelo telégrafo, aumentaram os indícios de uma próxima extensão da conflagração às regiões do extremo Oriente como deseja a Alemanha.
9. Apesar disso o governo russo continua a demonstrar a esse respeito uma grande tranquilidade e as grandes concentrações de forças japonesas na Manchúria e em frente a Vladivostok não impediram o senhor Lozovsky de declarar à imprensa em Moscou que as relações russo-japonesas não tinham sofrido modificação desde a assinatura do pacto de neutralidade de 12 de abril último.
10. Não parece, entretanto, haver dúvida sobre as intenções agressivas de Tóquio, instigado por Berlim, e daí o permanente contato que tem havido entre Grã-Bretanha e os Estados Unidos, determinando mesmo em grande parte a entrevista entre os chefes destes governos que se está realizando ao largo de New Brunswick.
11. É sabido que tanto Londres como Washington já tomaram todas as precauções militares navais e aéreas para completar as sanções econômicas adotadas contra o Japão e, assim, tanto a Grã-Bretanha como os Estados Unidos estão prontos para toda e qualquer eventualidade.
12. O Japão já foi, aliás, prevenido, pois os embaixadores britânico e americano em Tóquio informaram claramente ao governo japonês sobre o ponto de vista de Londres e Washington, tal como é conhecido pelas declarações feitas há dias pelos senhores Cordell Hull e Anthony Eden.
13. As conversas entre o presidente Roosevelt e o senhor Churchill

talvez impressionem o governo japonês, dando-lhe a certeza da decisão conjunta das democracias anglo-saxônicas de se oporem pela força às aspirações de hegemonia japonesa.

14. De qualquer forma, embora a guerra ameace tornar-se ainda mais sangrenta e mais longa, as perspectivas são mais favoráveis para os Aliados do que no ano passado e isso devido aos golpes que a Rússia tem desfechado na máquina de guerra alemã e ao apoio hoje ilimitado dos Estados Unidos à Grã-Bretanha.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 12 AGO. 1941 • AHI 28/2/4

[*Índice:*] A situação política e militar.

N. 614

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 12 de agosto de 1941.

Senhor Ministro,

No ano passado quando a aviação alemã empenhada na batalha da Grã-Bretanha recuava progressivamente para bases mais seguras da costa francesa, o chanceler Hitler concluía o Pacto de Berlim e instaurava a nova ordem europeia; jogava o Japão contra os Estados Unidos; instigava os governos de Madri e de Vichy contra Londres e impelia Mussolini a atacar o Egito.

2. Em agosto de 1941, comprometido na perigosa aventura da Rússia, o *führer* tenta por todos os meios provocar diversões nas duas extremidades da Europa e da Ásia.

3. A ameaça contra a Turquia não constitui propriamente uma diversão, pois faz parte do quadro da campanha da Rússia, tratando-se apenas de um detalhe.

4. Hitler busca no Pacífico e na Sibéria, assim como na Espanha e na África francesa, encontrar os elementos que lhe permita manter no seu campo a fortuna que parece lhe estar novamente escapando.

5. É no Extremo Oriente que a manobra parece estar mais adiantada.
6. O Japão manifesta ostensivamente uma atitude agressiva e desejos de se lançar, alternativa ou simultaneamente na direção do Norte e do Sul.
7. A batalha em curso – desde uma semana, nas planícies da Ucrânia – servirá de indicação, pois Tóquio poderá crer que o ataque contra Sibéria, se a Rússia for batida, será menos perigoso, visto que não correrá o risco de encontrar forças americanas, britânicas e australianas.
8. Não pode ser dito desde já se esse cálculo será errado ou certo, mas não deve ser esquecido que o auxílio em material bélico dos Estados Unidos está sendo feito em larga escala para o exército russo do extremo Oriente, que assim vai sendo fortalecido em forma apreciável.
9. Na Espanha, na África do Norte e mesmo em Portugal o trabalho nazista persiste e se mostra agora mais ativo, enquanto aqui em geral existe a impressão de que uma decisão nesse setor parece menos iminente.
10. Entretanto, não passou desapercebido que as três recentes reuniões do Conselho de ministros em Madri determinaram importantes modificações no exército espanhol.
11. Ninguém também ignora que Hitler favorece uma nova divisão do Marrocos francês em favor do general Franco.
12. Também despertou a atenção dos círculos militares que na Espanha diversas estradas estratégicas, todas em direção à fronteira portuguesa, foram recentemente reconstruídas e modernizadas sendo mesmo empreendida a construção de novas rodovias.
13. Conforme informei pelo meu ofício n. 609, de 11 do corrente, o ministro alemão em Lisboa estaria fazendo pressão sobre o governo português para induzi-lo a aderir ao plano alemão de colaboração na nova ordem europeia e naturalmente essa diligência teria sido feita sob certas ameaças, tais como invasão do território português e sua dominação por um poder espanhol nazificado.
14. Por outra parte, é sabido que neste momento o almirante Darlan está sob uma grande pressão de Berlim, exercida diretamente pelo senhor Abetz e indiretamente pelos extremistas franceses adeptos de uma ilimitada colaboração franco-germânica.
15. Hitler daria a Vichy a promessa e o compromisso da Alemanha de defender o Império francês, pedindo ao marechal Pétain de cumprir a sua palavra dada em Montoire de ajudar o governo de Berlim na África contra as manobras britânicas e gaullistas.
16. Parece, pois, nessas condições, bastante difícil ao governo de

Vichy de recusar, tal como no caso da Indochina, a pseudoproteção e eventualmente a defesa comum da África que, em palavras claras, significará aceitar o protetorado alemão, assim como deseja Hitler para ameaçar a América.

17. Tanto nesse caso, como no do Extremo Oriente, a situação é deveras grave, pois os Estados Unidos consideram Dakar um dos postos avançados estratégicos do hemisfério ocidental ,da mesma forma que julgam, como a Grã-Bretanha, o Sião uma fronteira da Austrália e das possessões americanas do Pacífico.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 13 AGO. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Guerra na Europa. Apoio anglo-russo à Turquia. Tensão das relações entre o governo de Vichy e Londres e Washington. Eventual reconhecimento do governo de Gaulle. Regresso de Churchill.

Da Embaixada em Londres

334 – quarta-feira – 13 agosto 1941 – 13h00 – Foi divulgado esta manhã o compromisso anglo-soviético para prestar toda assistência à Turquia, caso seja atacada por qualquer potência europeia. A referida garantia consta de declaração escrita em termos idênticos à feita pelos embaixadores inglês e russo em Ancara ao governo turco. Ambos os embaixadores, antes de entregarem a aludida declaração, expressaram claramente ao ministro dos Negócios Estrangeiros turco o ponto de vista deste governo e do governo russo, visando reafirmar a posição dos dois países em relação à Turquia e desfazer as intrigas nazistas, demonstrando donde provém o perigo verdadeiro para a Turquia. O desenvolvimento da política francesa causou impressão desagradável, determinando especial atenção do governo britânico sobre as consequências futuras. A tensão entre Vichy, Londres e Washington tende a agravar-se, havendo quem suponha existir grande probabilidade do

próximo reconhecimento do general de Gaulle como chefe do governo francês. O regresso do primeiro-ministro é esperado para o fim da semana. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 15 AGO. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Agente do general de Gaulle no Brasil.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

337 – SEXTA-FEIRA – 15 AGOSTO 1941 – 12h15 — O conselheiro barão Dayet, o mais antigo encarregado de Negócios da França aí, atualmente chefe do departamento político da Organização da França Livre, pediu-me manifestar a Vossa Excelência o grande desejo do general De Gaulle de enviar ao Brasil um representante, sem caráter oficial, para entrar em relações oficiosas com o governo brasileiro e informar sobre o desenvolvimento crescente do movimento libertador da França e melhor poder resolver, de acordo com Vossa Excelência, certas questões de caráter administrativo. Salientou que não se trata de nenhuma forma de reconhecimento oficial do referido general. O representante em questão atuaria aí nas mesmas condições que seus colegas, já em função no México, Estados Unidos da América, Argentina, Chile, Peru, Cuba, América Central, Islândia e Canadá. Acrescentou que desejava saber, confidencialmente, se o governo brasileiro se opõe, de qualquer forma, à presença aí do aludido representante e seria especialmente grata para o general de Gaulle se Vossa Excelência concordar, autorizando o visto no passaporte. Nada adiantei, prometendo apenas informar Vossa Excelência para os devidos efeitos. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 15 AGO. 1941 • AHI 28/2/4

[*Índice*:] A declaração anglo-americana.

N. 625

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 15 de agosto de 1941.

Senhor Ministro,

Conforme antecipei pelo telégrafo, informando Vossa Excelência desde a partida do primeiro-ministro, realizou-se ao largo da costa

canadense o seu encontro com o presidente Roosevelt para uma conferência da qual já resultou uma declaração conjunta que consagra a solidariedade anglo-americana na ação para vencer a guerra e estabelecer uma maior identidade de vistas no que se refere aos problemas da paz.

2. Assim, na entrevista histórica que acaba de ter lugar, o presidente dos Estados Unidos e o primeiro-ministro da Grã-Bretanha combinaram, por assim dizer, o programa da conferência e o quadro da futura regulamentação da paz mundial.

3. Muitos ficaram surpresos, não podendo ler na declaração anglo-americana nada mais do que já foi dito tanto em Londres como em Washington.

4. Trata-se na realidade de uma codificação de princípios conhecidos por terem sido mencionados em discursos e anteriores declarações dos senhores Churchill, *lord* Lothian, *lord* Halifax e ministro Eden feitas neste país e do presidente Roosevelt, dos senhores Cordell Hull e Sumner Welles nos Estados Unidos.

5. Foi mais uma vez afirmado, e em forma categórica, a recusa de serem reconhecidas quaisquer mudanças territoriais obtidas pelo emprego da força, o que de fato constitui a doutrina Stimson, de 1932, adotada pelo governo britânico em setembro de 1940.

6. Os dois chefes dos governos também revigoraram o princípio de direito de os povos terem ampla liberdade de organizar a sua vida tal como prescreve a velha fórmula da revolução francesa, como foi recentemente recordada ao ser assinado o acordo russo-polonês.

7. A declaração anglo-americana evocou também a igualdade de direitos de todas as nações para o comércio e o acesso às fontes de matérias-primas; à liberdade dos mares, doutrina tradicional dos Estados Unidos, ainda reafirmada pelo presidente Roosevelt na sua mensagem ao Congresso em 7 de julho último; a construção de um sistema no qual os governos deverão viver sem temor nem necessidade e o desarmamento das nações culpadas de agressão precedendo o desarmamento geral para a segurança de todos.

8. Assim foram anunciados os objetivos de paz das democracias ocidentais.

9. Esses propósitos constituem um novo estatuto das nações e um código universal do trabalho e se assemelham bastante aos 14 pontos do presidente Wilson, ao Pacto da Sociedade das Nações e ao Estatuto da Organização Internacional do Trabalho.

10. Os jornais salientam que a declaração Roosevelt-Churchill nada contém que os aliados da Grã-Bretanha, inclusive a Rússia, possam objetar.

11. Também está sendo considerada como uma medida visando anular a anunciada ofensiva de paz que, dizem, seria intenção do *führer* lançar proximamente.
12. Em geral, aqui julgam que o mais importante e o mais satisfatório deste assunto é que o governo americano, pelo seu presidente, tenha decidido de ora avante, embora sem ser beligerante, e sem mesmo ter concluído uma aliança com a Grã-Bretanha, a obrigar o povo americano de participar mais diretamente da guerra e se comprometer a colaborar na obra de construção da paz.
13. Os círculos diplomáticos expressam a opinião que se deve esperar como resultado da conferência presidencial muito mais que a declaração conjunta sobre propósitos de paz depois da destruição do regime nazista e que os primeiros efeitos serão observados muito breve e ninguém se surpreenderá quando forem conhecidos.
14. Naturalmente os grandes problemas do momento foram examinados a fundo, o que explica a presença de numerosos técnicos militares, navais e políticos ao lado do presidente e do senhor Churchill.
15. Desde logo parece certo ter sido concertada uma ação conjugada das marinhas americana e britânica contra o Japão no caso de ser a mesma julgada necessária em face das ameaças do governo de Tóquio.
16. As próximas declarações do presidente Roosevelt e do primeiro-ministro britânico trarão uma maior clareza sobre a situação e darão à opinião pública dos dois países uma maior confiança no que diz respeito ao futuro desenvolvimento da guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 16 AGO. 1941 • AHI 28/2/4

[*Índice*:] Navios do Eixo em portos latino-americanos.

N. 627

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 16 de dezembro de 1941.

Senhor Ministro,

Em 15 do corrente, a imprensa londrina divulgou uma notícia no sentido de haver o governo argentino resolvido tomar conta de 20 navios alemães e italianos, ancorados nos seus portos, notícia recebida com grande satisfação, segundo os jornais, pelas autoridades do Reino Unido.

2. O *Financial Times* de 15 do corrente, comentando o assunto, disse que o governo britânico desde algum tempo vinha lembrando à Argentina e a outros países da América Latina que eles podiam, de acordo com as leis internacionais, exercer o seu direito de angária, assumindo o controle de meios de comunicação, em tempo de guerra.

3. Os governos desses países – continuou o referido jornal – estavam, porém, receosos das consequências que poderiam eventualmente advir de tal medida. O assunto se prolongou assim durante uns dois meses, só sendo resolvido, pelas autoridades argentinas, quando o governo americano se manifestou no mesmo sentido indicado pela Grã-Bretanha. Calcula-se que nos portos sul-americanos haja uns 32 navios alemães, de 50 a 60 italianos, e 17 dinamarqueses.

4. Acrescentou o *Financial Times* que este país, embora ainda se julgue com o direito de não reconhecer qualquer mudança de bandeira em tempo de guerra, ultimamente modificou consideravelmente a sua atitude, com relação ao assunto. A Grã-Bretanha informara aos Estados latino-americanos que não faria objeção a que eles assumissem o controle de tais navios, no caso de que os mesmos só fossem usados para fins por ela aprovados. Isso não significa que a Grã-Bretanha não examinará esses navios, se descobrir que eles estão sendo empregados para atividades prejudiciais aos seus interesses.

5. Constou que a Grã-Bretanha tomaria parte em conversações a se realizarem dentro em breve, para determinar exatamente a utilização dos vapores confiscados pela Argentina. Havia esperanças, terminou o mencionado jornal, de que outros governos latino-americanos seguissem o exemplo daquela república do Prata, tomando sob seu controle os navios do Eixo que se encontram em seus portos.

6. Na tarde do mesmo dia tive ocasião de conversar, sobre as notícias em questão, com o embaixador argentino que me declarou serem as mesmas prematuras, pois ele apenas havia iniciado com este governo entendimentos para tal fim e acreditava que as negociações respectivas levariam algum tempo. Nesse sentido telegrafei a Vossa Excelência no dia 16, em aditamento à minha comunicação anterior sobre esse mesmo assunto.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

J. Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

DESPACHO • 20 AGO 1941 • AHI 29/3/13

Índice: Conferência Internacional de Carnes. Londres.

AC/94/845.73 (60)(00)

Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1941.

A Secretaria de Estado das Relações Exteriores cumprimenta a embaixada do Brasil em Londres e solicita-lhe o obséquio de fornecer, tão cedo quanto possível, as seguintes informações complementares sobre a Conferência Internacional de Carnes:

a) resumo histórico, desde a fundação (quando e como foi instituída) até a presente data;

b) objetivos;

c) atual composição da diretoria e do secretariado e nomes dos respectivos membros;

d) finanças (fundos e elaboração e aprovação do orçamento);

e) resumo das atividades;

f) quando e como aderiu o Brasil à Conferência (data da notificação) e ato pelo qual o governo brasileiro autorizou essa adesão;

g) situação financeira do Brasil em face da Conferência; valor das contribuições relativas a 1941 e 1942.

❖

TELEGRAMA • 22 AGO. 1941 • AHI 30/1/1

Índice: Agente do general de Gaulle no Brasil.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

181 – CONFIDENCIAL – 22 AGOSTO 1941 – Resposta ao seu telegrama n. 337. O governo brasileiro, que mantém relações com o governo de

Vichy, não poderá receber agente do general de Gaulle. Entretanto, permite a entrada neste país de qualquer cidadão francês, desde que observe as disposições gerais para o visto de passaportes. EXTERIORES

❖

OFÍCIO • 26 AGO 1941 • AHI 28/2/4

[*Índice*:] Declarações do primeiro-ministro.

N. 645

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 26 de agosto de 1941.

Senhor Ministro,

As declarações do primeiro-ministro feitas anteontem são consideradas certamente como as mais importantes das que ele tem feito ultimamente pelo rádio.

2. Ele descreveu o seu encontro com o presidente Roosevelt e a situação geral, inclusive a campanha da Rússia, em forma que trouxe um grande conforto a todos os povos oprimidos.

3. Um sopro de humanidade anima a sua mensagem de esperança e de confiança, além da reafirmação das promessas contidas na "Carta Magna do Atlântico".

4. A Solidez dos vínculos que unem presentemente os Estados Unidos e a Grã-Bretanha foi salientada em termos magníficos e emocionantes.

5. Ninguém até agora fez mais na história política dos dois povos anglo-saxões do que os senhores Churchill e Roosevelt para ligar esses dois países em uma ação conjunta tão perfeita.

6. A política inaugurada há cerca de um ano pela cessão aos Estados Unidos das bases britânicas no Atlântico encontrou o seu ponto culminante na definição de uma política de paz comum depois da derrota do hitlerismo que todos esperam e desejam.

7. Outros desenvolvimentos dessa política são esperados em futuro próximo.

8. O discurso do senhor Churchill foi, segundo as notícias aqui divulgadas, muito bem acolhido em todo o nosso continente, pois encoraja os que receavam que o presidente americano se aventurasse demasiadamente e comprometesse o seu país na guerra antes do tempo.

9. Por outra parte, fornece argumentos suplementares aos que não cessaram de dizer que as aspirações de Hitler à dominação universal constituem uma ameaça para os Estados Unidos e à América em geral.

10. Pelo que diz a imprensa, em Berlim a primeira reação foi de raiva mal contida e às legítimas esperanças que o senhor Churchill despertou no coração de todos os seus auditores, o rádio alemão opõe, como uma dura realidade, o anúncio de um comboio de duas dúzias de navios que teriam sido afundados pelos submarinos e bombardeiros alemães, informação essa, aliás, desmentida pela chegada do referido comboio a portos britânicos com uma perda apenas de dois ou três navios.
11. A coincidência é curiosa, pois, desde mais de um mês os submarinos nazistas foram expulsos das grandes rotas do Atlântico.
12. Junto remeto a Vossa Excelência recorte do *Times* contendo o aludido discurso na íntegra para melhor apreciação do que contém[10].

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 28 AGO. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Campanha na Pérsia. Situação na Próximo Oriente.

Da Embaixada em Londres

359 – QUARTA-FEIRA – 28 AGOSTO 1941 – 14h30 — As operações no Irã continuam progredindo sem resistência real às tropas britânicas e russas que ocuparam as principais zonas petrolíferas e, não sobrevindo imprevistos, a questão será liquidada em poucos dias. As declarações oficiais deste governo indicam que as medidas adotadas são exclusivamente contra a Alemanha e não estão a Grã-Bretanha e a Rússia em guerra contra o Irã. Continuam mantidas as relações diplomáticas com Teerã, dependendo as futuras relações da atitude do Irã. O governo britânico está apenas preocupado em expulsar os alemães que preparavam um golpe de Estado anti-russo-britânico. Salienta-se, aqui, que a Grã-Bretanha não deseja perturbar o comércio, e a vida da nação persa, nem tem propósitos territoriais e que as tropas serão retiradas

10 Não localizado no volume.

logo que as condições militares o permitam. Notícia de fonte neutra e segura indica que a Alemanha busca desencadear grande ofensiva diplomática e fazer maior pressão sobre a Turquia, contra quem dirigirá a guerra de nervos. Parece iminente nova exigência alemã, enquanto os nazistas concentram tropas na fronteira búlgaro-turca. Aqui se acredita que Berlim tratará de explorar o pacto de Saadbad, que une a Turquia ao Iraque, Irã e Afeganistão, já correndo boatos de que os signatários se preparam, instigados pelos nazistas para propor mediação no caso do Irã. A manobra visa agitar o Oriente, buscando envolver os países referidos, a Arábia e, possivelmente, o Egito muito ligado ao Irã. A situação da Turquia é muito delicada, mas, geralmente, inspira confiança. MONIZ DE ARAGÃO

❖

DESPACHO • 30 AGO. 1941 • AHI 29/3/13

Índice: Exportação de materiais estratégicos e borracha para os Estados Unidos da América.

EC/102.870.1(22)(00)

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1941.

Senhor Embaixador,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em atenção ao pedido constante de seu ofício n. 501, de 30 de junho último, a inclusa cópia da nota[11] pela qual este ministério, respondendo à embaixada dos Estados Unidos da América, lhe comunicou que o governo brasileiro se comprometia a reservar para aquele país, em determinadas condições, a parte exportável de algumas matérias-primas de valor estratégico.

2. Sobre o mesmo assunto, cabe-me informar Vossa Excelência de que, em aditamento ao mencionado acordo, ficou combinado que o Brasil também exportaria as referidas matérias-primas para qualquer país americano que tivesse adotado ou viesse a adotar providências destinadas a impedir a sua reexportação para fora do continente.

11 Não localizada no volume.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:
Maurício Nabuco

A Sua Excelência o Senhor J. J. de Lima e Silva Moniz de Aragão
Embaixador do Brasil em Londres

❖

TELEGRAMA • 02 SET. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Amortização de empréstimo de 1930 do Departamento Nacional do Café. Ata dos títulos.

Da Embaixada em Londres

365 – TERÇA-FEIRA – 2 SETEMBRO 1941 – 18h00 – Conforme expus em meu ofício aéreo n. 664, os principais jornais financeiros salientam o bom efeito causado pela notícia de que o Departamento Nacional do Café realizou a amortização parcial do empréstimo de 7% do café, de 1930, produzindo alta sensível desses títulos e mantendo a procura de outros brasileiros. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 02 SET. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice:*] A recente entrevista Hitler-Mussolini.

N. 666

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 2 de setembro de 1941.

Senhor Ministro,

Com exceção da imprensa e das irradiações de Berlim e Roma, ninguém aqui ligou uma grande importância à última entrevista dos dois ditadores.

2. No Reich, como na Itália, não há preocupação de esconder que a entrevista na frente russa foi concebida como devendo ser uma resposta ao encontro Churchill-Roosevelt e à Carta do Atlântico.

3. A imprensa italiana aproveita a ocasião para enaltecer as "magnificas condições dos soldados fascistas" chamados para combater os

russos e para igualmente fazer uma publicidade sobre o *duce*, cujo nome tem desaparecido dos jornais nos últimos tempos.

4. Aos oito pontos da declaração anglo-americana o *führer* e o *duce* opõem três pontos:

1º– Continuação da guerra até a vitória; 2º – supressão, não da guerra em geral, mas das causas de futuras guerras; 3º – restabelecimento da justiça pela supressão da exploração das massas populares.

5. Outros comentadores dizem: "Um só ponto: o governo universal sob o domínio de Hitler" e alguns insistem sobre o caráter "defensivo" da guerra que o Eixo deve sustentar.

6. Mussolini, no telegrama de agradecimento que dirigiu ao *führer,* depois de terminada a entrevista, insiste sobre o fato de que a Alemanha e a Itália "manifestaram claramente ter salvo a civilização europeia do perigo bolchevista".

7. Berlim salienta de preferência a passagem do comunicado final, relativo à continuação da guerra, mas os serviços de propaganda do Eixo preveniram o público contra um exagerado otimismo no que se refere ao prazo de duração da guerra.

8. A impressão aqui causada e que decorre dos comentários da entrevista é que tanto Berlim, como Roma, estão agora na defensiva.

9. Pouco importa que Hitler tenha pedido a Mussolini o envio de dez divisões ou que o *duce* tenha reclamado um maior concurso alemão na África, que se tenha falado das reinvindicações italianas na França ou sobre a atitude da Espanha.

10. O fato essencial é que cerca de três meses depois da campanha da Rússia os dois chefes, alemão e italiano, tenham de comum acordo constatado que a guerra não poderá terminar vitoriosamente em 1941, contrariamente a todas as promessas que ambos tinham feito aos seus povos, os quais terão que suportar um novo inverno, que desta vez será de duras privações e sacrifícios e isso quando o moral dos alemães e italianos parece já estar bastante batido.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[12] • 10 SET. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice*:] O último discurso do primeiro-ministro.

N. 678

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 10 de setembro de 1941.

Senhor Ministro,

O senhor Winston Churchill fez ontem, na Câmara dos Comuns, uma detalhada exposição sobre o desenvolvimento da guerra e da atual situação tanto política, como militar.

2. O primeiro-ministro examinou todos os teatros das operações que se estendem agora em terra, no mar e nos ares desde as ilhas do Spitzberg até o mar Vermelho, salientando os sensíveis progressos obtidos desde a sua última declaração, feita em junho último.

3. Diminuição da tonelagem aliada afundada pelas potências do Eixo, aumento das baixas infligidas à marinha inimiga, intensificação das construções navais anglo-americanas e isso no que se refere à Batalha do Atlântico.

4. Necessidade de abastecer com o máximo esforço a Rússia, diminuição correspondente dos fornecimentos americanos à Grã-Bretanha, constituindo o verdadeiro programa da próxima conferência de Moscou.

5. A consolidação da posição aliada no Oriente (Iraque, Síria e Irã), para facilitar o abastecimento da Rússia e o seu contato com os aliados, foi outro ponto tratado pelo primeiro-ministro.

6. O encontro do Atlântico entre o senhor Churchill e o presidente Roosevelt foi também tratado nessa declaração, considerando o primeiro-ministro que marcará um imenso progresso na história da humanidade.

7. O ministro Churchill prevenindo a nação britânica contra esperanças de uma vitória rápida não deixou de manifestar uma maior confiança.

8. Ao concluir, o orador declarou que o caminho percorrido até hoje foi duro e difícil, mas se a situação parecia desesperadora, há um ano, para muitos, hoje não resta dúvida que é bem melhor.

9. Acrescentou que "nós podemos dizer agora que somos donos dos nossos destinos e que permanecemos senhores de nossa alma".

10. Junto remeto a Vossa Excelência retalhos do *Daily Telegraph* de hoje contendo o texto completo dessa importante declaração.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

12 Recortes não localizados no volume.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 11 SET. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice*:] Visita aos prisioneiros de guerra.

N. 682

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 11 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência as observações que me apresentaram os representantes da embaixada do Brasil depois da visita que fizeram, entre 14 e 17 de agosto último, aos três campos de prisioneiros de guerra italianos, na Inglaterra.

2. O campo n. 13 é o único campo permanente. Aí se encontram as tripulações de submarinos e os pilotos aviadores capturados sobre o Atlântico, Malta, Gibraltar e a Ilhas Britânicas.

3. Os campos n[úmero]s 16 e 17 são campos de trânsito. Aí estavam alojados os 2 mil e poucos prisioneiros, trazidos do Egito para serem utilizados na lavoura e a segunda leva de mil, chegada pouco depois.

4. Todos esses homens foram escolhidos por serem trabalhadores agrícolas. Acompanham este relatório recortes de jornais[13], que os mostram dedicados a essas atividades e que trazem referências elogiosas à sua técnica de trabalho.

5. Espera-se a chegada de mais dois navios, na próxima semana, conduzindo outros 1.450 homens, igualmente destinados a trabalhos rurais, o que elevará o total a 4.450, quantos são contemplados presentemente, segundo o plano traçado pelo governo britânico.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

13 Não localizados no volume.

OFÍCIO • 11 SET. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice*:] Licença de exportação.

N. 684

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 11 de setembro de 1941.

Senhor Ministro,

A *Britsh Export Gazette*, de agosto último, referiu-se a assunto que tem sido causa, como esta embaixada já pode constatar, de reclamações por parte dos importadores de artigos britânicos, na América: a política adotada pelas autoridades deste país relativamente à concessão de licenças para o embarque de mercadorias aqui produzidas.

2. Disse o mencionado jornal que, como já tem acontecido algumas vezes, um importador brasileiro, por exemplo, depois de colocar um pedido nesse mercado, é informado telegraficamente de que a necessária licença foi conseguida, mas para uma quantidade menor do que a encomendada. O importador concorda com a redução e naturalmente começa a tratar da venda da mercadoria que conta receber. Algum tempo depois, no entanto, esse importador recebe novo telegrama, com a informação de que a licença foi cancelada.

3. Casos como esses – termina o jornal – prejudicam gravemente o prestígio do comércio britânico. Seria preferível que as licenças fossem recusadas de início, em vez de canceladas depois de realizado o negócio.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 15 SET. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice*:] O discurso do presidente Roosevelt.

N. 689

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 15 de setembro de 1941.

Senhor Ministro,

As consequências de ordem política e prática do recente discurso

do presidente Roosevelt somente devem, segundo aqui se pensa, ser analisadas, em todos os seus efeitos, depois de devidamente conhecidas as reações americanas e alemãs.

2. Desde já, a opinião britânica acredita que a questão dos comboios protegidos por canhões americanos é agora inevitável e, segundo as declarações feitas a esse propósito por *lord* Halifax, a atitude do presidente americano representa o desejo da maioria do povo dos Estados Unidos.

3. Entretanto, certos círculos políticos londrinos não dissimulam a importância que ligam à posição que, em futuro próximo, os isolacionistas americanos poderão tomar em tais circunstâncias e, segundo as críticas que eles formularem contra a política da Casa Branca, melhor poderá ser compreendido aqui, se realmente os Estados Unidos acabam de fazer um passo decisivo na direção de uma cooperação total com a Grã-Bretanha na presente guerra.

4. Existe, porém, a esperança de que o presidente Roosevelt não se deixará impressionar com eventuais manifestações de elementos germanófilos e parece também verossímil que as reações de Berlim não poderão influenciar a aplicação de certas medidas consideradas como inadiáveis, tanto no interesse britânico, como no americano.

5. No caso dos dirigentes do Reich dissimularem seu despeito e evitarem insultar a América, essa atitude será bem aceita pela oposição americana, mas trará grandes inconvenientes para o *führer* e para o senhor Goebbels que assim receberiam um duro golpe sem reagir, quando, em outras ocasiões, sempre se mostraram tão impacientes e suscetíveis com certos atos, que logo declararam inamistosos, tal como sucedeu durante as lutas políticas contra os tchecos, poloneses e iugoslavos.

6. Se, entretanto, não se abstiverem de qualquer reação violenta ou agredirem os Estados Unidos correrão, certamente, o perigo de unir todos os americanos em torno de seu presidente.

7. Nas primeiras manifestações aqui conhecidas e fornecidas pelas irradiações de Berlim, nota-se ainda certa hesitação na atitude a ser adotada, mas, em geral, permanece a impressão [de] que talvez os alemães prefiram uma réplica brutal, sob a forma quer de um golpe na África e nas costas do Atlântico oriental, quer de ataques indiscriminados contra os navios mercantes, sejam eles britânicos, aliados os americanos.

8. De qualquer forma, os meios militares julgam que a recente decisão do presidente Roosevelt presta um grande auxílio à Grã-Bretanha que, assim, disporá de um certo número de importantes unidades de sua esquadra para reforçar a sua posição naval no Mediterrâneo.

9. E esse auxílio é tanto mais precioso quanto no momento atual a Alemanha procura obter uma maior cooperação da Itália, com o possível apoio da França, para futuras operações no mar Negro, forçando, se necessário, a passagem dos Dardanelos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 24 SET. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Formação do Comitê Nacional Francês, com sede em Londres.

Da Embaixada em Londres

397 – TERÇA-FEIRA – 24 SETEMBRO 1941– 18h15 - Ficou assentado entre o general de Gaulle, o senhor Churchill e as nações aliadas a formação de um Comitê Nacional francês, com sede em Londres. O referido comitê tratará das questões relativas às atividades da França livre representando, em princípio, os franceses que em toda parte tenham aderido ao movimento do general de Gaulle. A organização, tendo sido feita de pleno acordo com o governo britânico e com a aprovação dos Estados Unidos da América, representa o primeiro passo para o futuro reconhecimento como sendo o verdadeiro governo francês. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 24 SET. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice*:] Conselho nacional da França livre.

N. 707

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 24 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

Conforme informei pelo telégrafo, o general de Gaulle, de acordo com o primeiro-ministro britânico e o presidente Roosevelt, acaba de fundar a base do governo que dirigirá a França depois da guerra.

2. Assim, [o] chefe das forças livres, que recentemente regressou a Londres, depois de uma visita de seis meses à África e ao próximo Oriente, anunciou ontem terem sido feitas grandes modificações no que diz respeito à organização dos assuntos referentes à França Livre, o que equivale à criação de um governo provisório que de ora avante trabalhará com mais eficiência.
3. Foram criadas duas novas organizações, o Comitê Nacional de franceses livres e o Conselho Nacional de deliberações.
4. O comitê será composto de nove membros, presidido pelo general de Gaulle, escolhidos entre as maiores personalidades que aderiram ao movimento da França livre e terá funções executivas e o Conselho Nacional abrangerá todas as organizações existentes nas diversas partes do mundo e terá o caráter de órgão legislativo.
5. O general de Gaulle manterá o supremo comando das forças francesas livres que, com exceção da Marinha e da Aviação, estão operando no norte da África.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 30 SET. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Títulos brasileiros em Londres.

Da Embaixada em Londres

410 – terça-feira – 30 setembro 1941 – 16h30 – A falta de publicação do preço da amortização suplementar do empréstimo de café, de São Paulo, de 7%, tem dado ensejo a críticas na imprensa financeira e na *City*, acarretando certo declínio das cotações em geral dos nossos valores. Os agentes incumbidos das operações telegrafaram para o Brasil, informando do ocorrido, não tendo ainda recebido resposta. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 30 SET. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice*:] A Conferência de Moscou.

N. 726

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 30 de setembro de 1941.

Senhor Ministro,

A conferência tríplice – proposta em 15 de agosto pelo presidente Roosevelt e o senhor Winston Churchill e aceita no mesmo dia pelo senhor Stalin – está presentemente reunida em Moscou.

2. Houve uma certa admiração de que decorresse um tão longo período entre a convocação e a reunião, mas os que assim julgaram mostraram desconhecer o verdadeiro caráter e objetivo da conferência.

3. A reunião de Moscou é, antes de tudo, uma assembleia técnica que deve estabelecer o plano geral das necessidades e das possibilidades de fabricação dos três países aliados ou associados.

4. Uma tal tarefa necessita evidentemente de um estudo prévio e apurado da situação em geral nos pontos de vista militar e industrial, levando em conta as possibilidades de transporte e as vias de comunicação.

5. Esse estudo implica, em cada um dos países interessados, uma perfeita coordenação de vários departamentos governamentais com os centros produtores.

6. Durante o mês decorrido entre a convocação e a reunião da conferência, Londres, Washington e Moscou mantiveram uma ininterrupta ligação, o que permitiu organizar minuciosamente o programa dos assuntos a serem debatidos.

7. No intervalo, tanto aqui como nos Estados Unidos, pôde ser avaliado com precisão as reais necessidades da Rússia e a urgência de um socorro imediato.

8. A opinião britânica, principalmente refletida na imprensa, não cessou de manifestar a sua ardente simpatia pela causa russa e os homens de Estado deste país em várias reuniões públicas afirmaram a firme deliberação de prestar à União Soviética toda a possível assistência moral e material.

9. Assim, estão sendo enviados armamentos e a força aérea britânica já está operando na frente russa. A "semana britânica de fabricação de tanques para a Rússia" deu resultados, excedendo todas as previsões. O general Wavell chegou a Teerã para combinar com os seus colegas russos a melhor utilização das vias de comunicação iranianas para a defesa do Cáucaso.

10. De Washington chegou a notícia da intenção do presidente Roosevelt de ceder à Grã-Bretanha e à Rússia toda a produção americana de material bélico dos três próximos meses.
11. A Conferência de Moscou inicia, pois, os seus trabalhos sob os auspícios os mais favoráveis.
12. É necessário agir com presteza, declarou o delegado americano ao chegar à Rússia, acrescentando que os trabalhos da conferência deverão estar terminados dentro de uma semana.
13. Assim, não são somente os defensores de Leningrado, da Carcóvia, de Moscou e de Odessa que agradecerão esses propósitos, pois todos os aliados estão plenamente convencidos que da campanha da Rússia depende em grande parte a destruição do nazismo, que constitui o fim que todos têm em vista para a liberdade do mundo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 01 OUT. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice:*] O último discurso do senhor Churchill.

N. 732

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 1º de outubro de 1941.

Senhor Ministro,

O primeiro-ministro fez ontem, perante os membros da Casa dos Comuns, a exposição mais otimista das que até agora apresentou ao Parlamento e ao povo britânico desde o início da guerra e especialmente depois da capitulação de Bordeaux.
2. Desde logo referi a Vossa Excelência, pelo telégrafo, mencionando o favorável acolhimento dispensado por toda a imprensa britânica a essas declarações em que foram claramente expostos os diversos pontos revelando a verdadeira situação geral do país, tanto no terreno militar e político como diplomático.

3. Não se trata de fazer crer que tenham desaparecido todos os perigos nem que o caminho para a vitória seja fácil e o senhor Churchill acredita mesmo que o risco de uma invasão da Grã-Bretanha subsiste e que por esse motivo o exército britânico deve continuar mantendo uma guarda vigilante.
4. Da mesma forma a batalha do Atlântico ainda não foi definitivamente ganha, mas resultados apreciáveis foram obtidos graças à colaboração americana.
5. Não somente Hitler não conseguiu cortar as artérias vitais do Império britânico, mas presentemente as perdas infligidas pela marinha inglesa às frotas do Eixo não cessam de aumentar enquanto que as britânicas diminuíram de duas terças partes no último trimestre.
6. Além disso surgiram modificações fundamentais, desde um ano e mesmo desde os últimos três meses, na posição da Grã-Bretanha e dos povos que entre maio de 1940 e abril de 1941 tinham decidido prosseguir na luta contra o inimigo comum.
7. A Grã-Bretanha tem agora aliados mais poderosos, "se olharmos para leste ou para oeste", disse o senhor Churchill, "não estamos desacompanhados".
8. Os Estados Unidos com suas imensas reservas, a Rússia nos campos de batalha, a Europa continental, embora dominada, se apresenta em plena revolta e a China que luta pela sua independência formam um conjunto, ou melhor, uma verdadeira coalizão em torno da Grã-Bretanha.
9. O primeiro-ministro não somente falou com calor e emoção sobre a resistência dos exércitos russos mas ainda, na medida em que lhe era permitido fazer publicamente sem revelar intenções secretas e projetos futuros comprometedores para a defesa do país, indicou em termos gerais que os maiores sacrifícios e os mais enérgicos esforços seriam feitos pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos para permitir à Rússia de aguentar indefinidamente a luta.
10. Sem dúvida, o *führer* conservou a iniciativa e mesmo em certos domínios a superioridade militar mas, como disse o primeiro-ministro, os Aliados estão em vias de anularem essas vantagens tal como foi feito em relação à aeronáutica.
11. Essa é a atual tarefa em que a Grã-Bretanha e seus aliados estão empenhados e o "caminho pode ser ainda difícil e perigoso", acrescentou o senhor Churchill, mas "o fim é certo e já pode ser percebido graças a unidade de ação dos Estados Unidos com a Rússia em harmonia com o Império Britânico".
12. Junto remeto a Vossa Excelência recorte do *Times* de hoje contendo o texto das declarações acima referidas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*: "Progress of the war. Mr. Churchill´s review". *The Times*, Londres, 1º de outubro de 1941.]

❖

OFÍCIO • 02 OUT. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice*:] Comentário político.

N. 733

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 2 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

As alusões feitas pelo ministro Churchill no seu discurso de terça-feira, de que já me ocupei em ofício anterior, sobre a possibilidade de uma invasão das Ilhas Britânicas, não fizeram maior impressão, pois opinião dominante é que assim falando o orador teve em vista manter a atmosfera de iminente perigo de um ataque, o que permitiu à Grã-Bretanha fazer o esforço extraordinário, em matéria de armamento e de defesa a que assistimos perplexos, e organizado assim a resistência que pode manter contra os terríveis assaltos do inimigo sem nenhum resultado prático.

2. Os meios competentes também comentam o fato que o senhor Churchill deve ter encarado seriamente as consequências que resultariam de uma pausa nas operações na frente [l]este, o que facilitaria aos alemães reorganizarem suas forças e tirar todo o partido desse fato para encetar novas ações a oeste da Europa.

3. Círculos ligados ao Foreign Office continuam pensando que nesse caso os alemães não empreenderiam uma tarefa tão gigantesca e difícil como a invasão da Inglaterra, mas prefeririam operações mais fáceis como, por exemplo, a conquista da África francesa, e, em caso de não haver resistência por parte de Vichy, a ocupação pura e simples desses territórios combinada com a invasão simultânea da Espanha e de Portugal.

4. A questão desde logo assentada consiste em saber se os britânicos podem organizar uma fulminante ofensiva na África do Norte para impedir

a realização do plano nazista. O senhor Churchill habilmente não quis nada adiantar no seu discurso, mas admitindo que o general Auchinleck possa repetir e completar a obra do general Wavell do inverno passado ocupando toda a Líbia, um problema surgiria novamente, decorrente da atitude de Vichy quando as forças britânicas chegarem às fronteiras da Tunísia.

5. Os assuntos políticos e militares têm repercussões muito importantes uns sobre os outros para que, na atual situação, possam ser feitas previsões mesmo limitadas.

6. As conversas do general Wavell com o seu sucessor no comando das tropas operando na Líbia, seguindo-se às que teve em Londres, induz a crer que o assunto está progredindo sobre a possibilidade de uma ofensiva britânica que em geral todos desejam, mas isso não deve ser considerado como certo, devido à grande incógnita sobre o desenvolvimento das operações alemães no sul da Rússia e certo número de outros fatores imprevistos como um ataque sobre Gibraltar etc..

7. Assim, a impressão que prevalece do discurso do primeiro-ministro, sem dúvida uma das suas mais brilhantes e importantes peças oratórias, é que todos devem ter paciência e esperar o momento mais propício para tomar as iniciativas que Hitler ainda detém, mas, quando a ocasião chegar, não deverá ser desprezada e todos deverão estar prontos para marchar em bloco contra o inimigo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 2 OUT. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice:*] Artigo do *Financial News*. Relações pan-americanas.

N. 736

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 2 de outubro de 1941.

Senhor Ministro,

O *Financial News* de ontem publicou um editorial intitulado "Pan-American Unity", que tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência no recorte anexo.

2. O *Financial News* alude aos efeitos da guerra sobre a economia do continente sul-americano, dizendo que a perda dos mercados fez nascer em certo momento nesses países o pensamento que seria preferível encarar uma solução de compromisso com a Alemanha nazista para evitar hostilidades prolongadas. As dificuldades econômicas, escreve o jornal, reforçaram os elementos subversivos na América do Sul e reaviveram os temores da *dollar diplomacy* por parte dos Estados Unidos. Assim, mesmo os esforços da administração de Washington conseguiram forjar laços mais fortes e íntimos entre os Estados Unidos e os países latino-americanos, tanto sob o ponto de vista comercial e financeiro, quanto no tocante às relações diplomáticas. O editorial faz referência especial à formação no Brasil de indústria siderúrgica em grande escala, com o auxílio financeiro e técnico dos Estados Unidos, salientando que o material para as respectivas instalações gozará de prioridade na repartição do comércio de exportação norte-americano e passará também antes das necessidades da indústria civil dos Estados Unidos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo:* "Pan-American Unity". *The Financial News,* Londres, 1º de outubro de 1941.] [14]

❖

OFÍCIO • 2 OUT. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice:*] Mês político n.10.

N. 737

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 2 de outubro de 1941.

A Sua Excelência o senhor Secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o Relatório Político n.10, relativo ao mês de setembro próximo passado.

14 Anexo não transcrito.

[*Anexo*]

Mês político n. 10

Se, do ponto de vista inglês, a declaração do presidente Roosevelt, de volta da conferência no Atlântico com o senhor Churchill, causa certo desapontamento, depois disso sua atitude veio compensar amplamente a sua aparente reticência. No discurso do dia 1º – a resposta ao torpedeamento de três navios americanos – Roosevelt colocou Hitler num dilema pouco confortável. O episódio do *destroyer Greer* então frizou bem a situação. Ou a Alemanha cessa os seus ataques no Atlântico e em todos os oceanos, concedendo a liberdade dos mares aos navios que transportam o material bélico americano para a Grã-Bretanha e a Rússia, ou aceita o desafio do presidente, posição para onde quer manobrá-la o almirantado americano, sobretudo agora que a diplomacia sutil da Casa Branca parece remover a ameaça japonesa. Boa parte da esquadra dos Estados Unidos está se passando para o Atlântico, para melhor assegurar a proteção da frota mercante britânica e aliada, através das zonas de defesa estabelecidas por Washington.

A entrada em jogo desse importante fator assegura à Grã-Bretanha a vitória indiscutível da Batalha do Atlântico, permitindo a transferência de maior parte de sua frota para o Mediterrâneo. Impedir que isso se verifique era justamente o papel atribuído ao Japão.

Mas não param aí os serviços que o presidente Roosevelt vem prestando com a sua nova política de *shoot at sight*. Por meio do *Lease and Lend Act*, técnicos e operários americanos estão construindo, segundo consta, uma base naval no Ulster, cuja eventual ocupação por forças americanas (incluída nesse caso a Irlanda nas chamadas zonas de defesa do continente) afasta a tentação para um ataque alemão. Com propositada circunspeção, o presidente tem-se furtado a definir quais sejam as zonas marítimas que devem ser nelas compreendidas. O mesmo pode ocorrer com as colônias britânicas da África Ocidental, para contrarrestar a sempre temida utilização de Dakar e Casablanca pelos alemães.

É sabido que os russos desejam ver a Inglaterra criar uma nova frente militar (no Ocidente) e diz-se que desejariam ver Lloyd George entrar para o gabinete.

Consultado a respeito, este teria imposto condições que obrigariam a exclusão dos atuais componentes e até do primeiro-ministro, o qual ainda adere à ideia da coalizão.

Churchill rejeitou a proposta do *Times* para que indicasse o sucessor num caso de emergência e apreciou o apoio que lhe deu o senhor Mackenzie King, recentemente, contra o tão falado Gabinete de Guerra Imperial, no grande discurso que daqui dirigiu aos dois povos norte-americanos. O afastamento do senhor Menzies do governo australiano veio ainda mais fortalecer a sua resistência ao referido projeto. Churchill receiaria que Menzies lhe fizesse sombra, gozando como goza de grande popularidade junto à opinião pública inglesa.

Grande número de homens públicos e de jornalistas endorsam [*sic*] o pedido russo da expedição de uma nova força britânica contra a Alemanha. Nas últimas sessões do Parlamento eram frequentes as interrogações sobre quando se animariam os ingleses a prestar a colaboração militar à Rússia. E se se considera que já há quatro milhões de soldados no Reino Unido, setecentos e cinquenta mil no Egito e um milhão na Índia, essa interrogação é perfeitamente justificada. Mas a dificuldade, por enquanto insuperável, está no problema da tonelagem, quer naval quer mercante, para efetuar um desembarque no continente. Só pela Pérsia é que uma possibilidade existe. A atitude neutral da Turquia imobiliza, porém, as forças britânicas nesse setor, na expectativa de um ataque dos alemães sobre aquele país, se estes intentarem uma ofensiva pelo mar Negro contra o bastião do petróleo no Cáucaso, como pode muito bem verificar.

Os turcos negaram passagem aos *destroyers* italianos, *soi-disant* vendidos à Bulgária, e garantiram que não serão desviadas para a Alemanha as encomendas de cromo, manganês e outros produtos já prometidos à Inglaterra e aos Estados Unidos.

Na revista que passou a 30 de setembro aos acontecimentos do mês, nos Comuns, o senhor Churchill referiu-se a essa invasão do continente europeu para aliviar a pressão do peso sobre a Rússia, declarando que se fosse dar indicações sobre as próximas decisões estratégicas ele estaria ajudando o inimigo. E, por outro lado, se fosse enumerar as razões que impedem a realização desse projeto só viria dar seguranças gratuitas a Hitler.

Em compensação às declarações categóricas quanto a amplitude dos socorros prestados à Rússia – numa escala que aumentará dia a dia – desfizeram as dúvidas na Câmara, que desistiu da sessão secreta sobre o particular.

Outra afirmação importante e animadora, que o primeiro-ministro fez, foi a relativa às cifras das perdas marítimas. Disse ele que [de] julho a setembro estas tinham sido apenas um terço das correspondentes a

abril, maio e junho. Nestes três meses elas subiram a 318 navios britânicos, aliados e neutros representando 1.416.416 toneladas. Um terço equivale a 106 navios e 472 mil toneladas durante três meses de verão.

Comparando ao ano passado, (depois da queda da França) continuou ele, não nos achamos mais só. Se olhamos para o Oriente, temos um aliado com um exército capaz de enfrentar a fúria alemã e que se bate com uma tenacidade admirável. Para o Ocidente, avoluma-se a caudal de armamento que sai das fábricas de um associado não beligerante e estende-se ao Atlântico a cooperação naval da grande frota americana.

Já agora percebe-se, diz ainda o senhor Churchill, que a Alemanha capaz de todas iniciativas em terra, perdeu-a no ar. Sua força aérea não lhe permite mais desenvolver ofensivas simultâneas. Todo verão a Luftwaffe foi concentrada sobre a Rússia, pelo que cessaram os ataques contra as Ilhas Britânicas e contra os comboios.

Reuniram-se finalmente em Moscou, em fins de setembro os representantes da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos com os chefes do governo soviético, a fim de discutirem os meios de suprirem a Rússia com as suas mais prementes necessidades em armamento e matérias-primas. Essa conferência foi preliminarmente preparada em Londres, de modo que, ao partirem, os delegados das duas grandes potências sabiam exatamente as quantidades e as datas em que poderiam ser efetuadas as entregas. Parece que os russos, abandonando a sua reserva habitual, resolveram revelar todas as suas deficiências. Segundo os correspondentes de jornais comunicam de Moscou, os delegados britânicos e americano têm-se entrevistado com Stalin, que pessoalmente tem intervido nas sessões para adiantar as decisões e eliminar tropeços burocráticos.

Que essa conferência foi oportuna, ressalta do desenvolvimento das operações na frente oriental, onde a grande ofensiva iniciada sobre Kiev, o coração industrial da Rússia, teve o seu desenlace mais rapidamente do que aqui se esperava. A perda de material bélico e dos meios de sua produção constitui uma séria ameaça para a defesa do país. Parece que os russos lograram remover para o interior uma parte dessas fábricas, mas será preciso que eles resistam à pressão sobre Carcóvia e a Ucrânica Oriental se quiserem continuar a guerra com os métodos atuais e a alta eficiência exigida do material bélico.

Por isso se espera que a contribuição inglesa nessa pendência vital será a máxima compatível com as suas próprias necessidades. A produção está sendo intensa quer em aviões, quer em tanques, que

atingiram em setembro verdadeiros recordes. A última semana de produção de carros de assalto foi dedicada à Rússia e, graças a esse estímulo aos operários, ela subiu 10%.

O futuro da guerra depende da capacidade dos russos de opor uma resistência definitiva em algum ponto, que lhes permita manter em funcionamento as linhas de comunicação, bem como as fábricas de munições do Ural. Se isso for logrado, a guerra será encurtada e a situação militar bem outra, passado o inverno. Se, porém, eles forem eliminados, a guerra transformar-se-á, como no tempo de Napoleão, em uma luta gigantesca entre as potências marítimas e um grande sistema continental. Onde colidirem geograficamente os respectivos interesses, haverá renhidas batalhas com relativamente poucas ocasiões para o emprego dos exércitos. Até onde alcançar o raio de ação dos bombardeiros, haverá duelos encarniçados. O razoável é que as potências navais consigam eliminar a ameaça submarina do Eixo. A luta seria então longa, mas a vitória final, pelo extenuamento de uma das partes, penderia para o lado que domina os oceanos.

A 23 de setembro, o governo britânico dirigiu ao finlandês uma nota que contém uma advertência para suspender a guerra contra a Rússia. Se a Finlândia persiste em invadir territórios russos, a Grã-Bretanha será forçada a tratá-la como inimiga, não só durante a guerra como quando a paz for feita, o que muito constrangeria ao governo britânico, dada a amizade que sempre existiu entre os dois países. Posto que o representante diplomático da Grã-Bretanha tenha sido expulso de Helsinque, o governo de Sua Majestade está pronto a restabelecer as relações diplomáticas sempre que a Finlândia termine a guerra e evacue os territórios que ultrapassam suas fronteiras de 1939.

O general de Gaulle formou um comitê de comissários nacionais para exercerem, sob sua presidência, a direção do movimento francês livre até que um governo possa ser constituído na França, inteiramente livre de influências estrangeiras.

Os comissários são os senhores Pleven para as Finanças e Colônias; Dejean para os Negócios Estrangeiros; Cassin para a Justiça e Educação; Diethelen para o Interior, Trabalho e Informação; general Gentilhomme para a Guerra; almirante Muselier para a Marinha e o Comodoro-do-ar Valin para a Aviação. O capitão T. d'Argenlieu é um comissário sem departamento.

A formação deste comitê representa um importante passo adiante na transformação dos franceses livres da organização original, meramente

combatente, num corpo político que deverá eventualmente incorporar todo o Império francês, na expectativa dos que o constituíram. Já foi dias depois reconhecido pelos governos britânico, russo e demais aqui exilados. O general de Gaulle conta ser reconhecido eventualmente pelos Estados Unidos, isso dependendo evidentemente da habilidade e energia com que proceda. Em todo o caso, o governo de Vichy assiste preocupado e impotente a essa expansão, mormente depois que for cumprida a promessa, esperada para muito breve, de ser dada à Síria a sua independência.

A Grã-Bretanha e os Estados Unidos resolveram prestar auxílio financeiro ao governo do general Chiang Kai-shek. Foi designado como perito financeiro, por parte deste país, *sir* Otto Niemeyer, principal assistente de *sir* Montagu Norman no Banco da Inglaterra. A nomeação de um técnico da sua nomeada revela a importância ligada em Londres a essa cooperação ao governo nacionalista da China, que continua com êxito a resistir do interior do país à invasão japonesa, prestando assim um inestimável serviço à causa da Grã-Bretanha.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 03 OUT. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice*:] A Conferência de Moscou.

N. 741

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 3 de outubro de 1941.

Senhor Ministro,

A Conferência de Moscou que se reuniu a 29 de setembro, conforme informei pelo meu ofício n. 726, de 30 do referido mês, encerrou seus trabalhos anteontem.

2. Em três dias, graças à minuciosa preparação que tinha sido feita em Londres, Washington e Moscou e devido ao trabalho ininterrupto dos delegados, a conferência logrou em tão curto tempo um completo êxito.

3. Esse feliz resultado está mencionado nos comunicados britânicos, russo e americano assim como no discurso de encerramento da conferência proferido pelo senhor Molotov e na declaração do senhor Stalin que acompanhou pessoalmente todos os trabalhos até sua conclusão.

4. A Conferência de Moscou obteve não somente um completo acordo de ordem técnica, mas ainda logrou uma perfeita unidade sobre o ponto de vista político, como se deduz das declarações feitas pelos chefes das delegações das três potências participantes.
5. O acordo técnico, cujos detalhes ficaram naturalmente secretos, atinge tanto as fabricações de guerra e as matérias-primas, a sua repartição, transporte e entrega segura.
6. Em termos gerais, o comunicado anuncia a decisão tomada pelos Estados Unidos e a Grã-Bretanha de pôr à disposição do governo soviético tudo o que as autoridades militares e civis russas possam necessitar.
7. O governo russo, a título de reciprocidade, fornecerá aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha importantes quantidades de matérias-primas, principalmente madeiras e minério de ferro.
8. Trata-se de um verdadeiro pacto de assistência mútua em matéria de armamentos e uma reafirmação da vontade comum dos três governos de levar a luta até a vitória.
9. No que diz respeito à União Soviética, o senhor Molotov deu uma solene garantia da "vontade inflexível" do governo e do povo russo que "suportam os mais duros e violentos golpes do invasor".
10. O senhor Stalin declarou que "os exércitos soviéticos estão agora em condição de reforçar sua defesa incessantemente e de passar a uma vigorosa contra-ofensiva".
11. Finalmente, a Conferência de Moscou renovou a adesão dos três governos aos princípios contidos na "Carta do Atlântico", e principalmente no que se refere ao aniquilamento da "tirania nazista" e ao estabelecimento de uma paz, garantindo ao mundo toda a segurança política e social.
12. Pela primeira vez a Grã-Bretanha, a União Soviética e os Estados Unidos afirmam solenemente e conjuntamente a unidade de seus fins, marcando um perfeito acordo tanto para a atual política de guerra como em relação aos objetivos que têm em vista para a futura paz.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 06 OUT. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice*:] O último discurso do senhor Hitler.

N. 743

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 6 de outubro de 1941.

Senhor Ministro,

A imprensa em geral fez poucos comentários ao último discurso do *führer* e considera que passou o tempo em que as suas orações eram esperadas com ansiedade pelas democracias ocidentais e enchiam os alemães de entusiasmo.

2. Agora, dizem os jornais londrinos, quando os alemães ouvem seu *füehrer* buscam sobretudo motivos de esperanças e consolo.

3. A opinião dominante é que o discurso de 3 do corrente mês tinha o principal objetivo de desculpar os dirigentes em face do seu povo, sendo, portanto, matéria de propaganda interna.

4. É assim que aqui julgam interpretar a explicação confusa sobre a falta de êxito dos ataques aéreos sobre a Grã-Bretanha em 1940; a longa exposição cheia de reticências e contradições sobre as relações germano-russas desde agosto de 1939 até a agressão de 22 de junho e a insistência sobre o perigo que constituía para a Alemanha e para o mundo o formidável arsenal russo.

5. Não é ainda a noção da defesa do solo nacional, mas o *führer* já se aproxima da concepção da luta pela existência que ele tenta fazer compreender aos seus nacionais ou pelo menos ao seu partido.

6. Em geral os suíços, suecos, portugueses e até os japoneses, segundo telegramas aqui publicados, comentam com surpresa que o chanceler Hitler não fala mais da destruição do Império britânico; não fixa como outrora prazo para a terminação da guerra e nem mesmo para a duração da campanha russa e que não fez referência, nem uma vez, a uma vitória rápida e certa.

7. No começo deste ano, o *führer* e o ministro Ribbentrop tinham declarado que o ano de 1941 assistiria a maior vitória da nossa história.

8. A imprensa alemã, segundo foi aqui divulgado, se limitou a salientar o lado defensivo do discurso e da ação da guerra em curso, exprimindo em termos vagos a esperança de ser realizada a vontade da Alemanha de vencer.

9. Foi notado que as irradiações alemãs a esse propósito foram ainda mais significativas, pois, parafraseando a palavra de Goebbels sobre a

última oportunidade da Alemanha, a Rádio Berlim acentuou a "gravidade do momento", acrescentando que a "questão de saber como a guerra acabará é mais importante do que a de buscar prever quando terminará".

10. O *Times*, em resumo, também concordou com os conceitos acima emitidos dizendo que o discurso era simplesmente defensivo e não mais agressivo, como os que o *führer* anteriormente pronunciava.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 08 OUT. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice:*] Efeitos do *Lend and Lend Act* sobre as exportações britânicas.

N. 748

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 8 de outubro de 1941.

Senhor Ministro,

Segundo notícias publicadas pela imprensa desta capital, os exportadores britânicos estão querendo ter um encontro com industriais norte-americanos, a fim de discutir arranjos mais flexíveis, no tocante aos mercados sul-americanos. A Federação das Indústrias Britânicas está insistindo com o Board of Trade para agir nesse sentido.

2. O senhor Leslie Downs disse na Câmara de Comércio de Hull, anteontem, que todos os mercados da América do Sul estavam agora fechados à maquinaria inglesa. Outras indústrias também – ele acreditava – haviam sido prejudicadas pelo *Lend-Lease Act* (ofício n. 709, de 24 de setembro último), e firmas locais tinham tido que cancelar ordens, recebidas da América do Sul, para o fornecimento de máquinas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 09 OUT. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice*:] A situação política.

N. 750

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 9 de outubro de 1941.

Senhor Ministro,

O *führer*, tal como tem sucedido em outros ocasiões, busca criar no mundo um novo estado de nervosismo que se manifesta entre os alemães pela esperança e pela inquietação entre os outros povos.

2. Em Berlim o discurso do chanceler Hitler atuou de forma a fazer esquecer o passado e exaltar o futuro próximo enquanto que no estrangeiro ele trata de aproveitar a expectativa ansiosa que despertou depois de 3 do corrente, para exercer pressões, provocar hesitações e reunir em torno dele os possíveis desanimados.

3. O espetáculo que oferecem, desde vários dias, a Finlândia, a Turquia e o Japão serve de exemplo.

4. Ainda que não seja conhecido oficialmente o texto da resposta finlandesa à nota do governo britânico, foi contudo sabido por intermédio do rádio alemão, que deu ao assunto uma larga divulgação, que ela constitui uma recusa de cessar a luta e que afirma a intenção do governo de Helsinque de continuar ajudando a Alemanha na guerra contra a Rússia.

5. Isso é aqui interpretado não somente como o resultado da pressão de Berlim, mas ainda como sintoma expressivo da convicção que anima os dirigentes finlandeses sobre a possibilidade de uma vitória alemã.

6. Em Ancara, o senhor Clodius, não tendo conseguido na semana passada a entrega de cromo, adiou a sua partida e se esforça de renovar a negociação comercial, com a esperança de que algum êxito espetacular alemão na Rússia ou em direção ao Cáucaso possa determinar o governo turco a modificar sua intransigência, concedendo maiores vantagens ao Reich.

7. Em Tóquio, imprevistamente foi notado que o tom da imprensa, muito reservado desde algumas semanas, é agora agressivo contra os países aliados.

8. Artigos em jornais importantes revelam novamente a cólera japonesa contra o que julgam ser tentativas de cerco do Japão pela Grã-Bretanha e os Estados Unidos, revelando pretendidas manobras britânicas no Sião e quanto aos Estados Unidos, dizem que "a paciência nipônica tem limites e que Roosevelt comete um grave erro julgando

poder prolongar indefinidamente as negociações entabuladas com o embaixador Nomura".

9. Aqui julgam que a febre baixará em Tóquio, as hesitações atribuídas ao governo de Ancara e mesmo as intransigências de Helsínque se dissiparão, tal como os entusiasmos de Berlim, se os russos puderem conter a investida alemã e se Londres e Washington prosseguirem imperturbavelmente sua política de ação solidária e forte.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 16 OUT. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice:*] Informações sobre a política europeia.

N. 760

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 16 de outubro de 1941.

Senhor Ministro,

Em várias fontes, todas dignas de crédito, tenho colhido ultimamente algumas informações sobre a política europeia que passo a expor, julgando que possam interessar a Vossa Excelência e serem úteis para os serviços competentes desse Ministério.

2. Assim, segundo notícias recentemente aqui recebidas, provenientes da Suíça e de Portugal, parece que não deve ser excluída a possibilidade de proximamente assistirmos a graves acontecimentos na Itália onde o desassossego aumenta e a situação se agrava em virtude das dificuldades internas e externas mormente decorrentes da pressão alemã e da crise alimentar. Mussolini parece estar perdendo diariamente o seu prestígio e muitos afirmam já não possuir de fato a direção suprema e livre dos negócios políticos.

3. A ocupação alemã do território e da administração italiana prossegue em ritmo acelerado. A Gestapo está procurando retirar as forças italianas que possam ser elemento de apoio para o povo em qualquer emergência de reação contra o domínio nazista.

4. Por enquanto a Gestapo parece ainda se sentir fraca para uma ação mais enérgica, e trata de consolidar sua posição reforçando seus elementos de ação contra o Partido Pró-Paz com a Grã-Bretanha, que está crescendo com o apoio de muitos chefes militares, e preparar, se necessário, uma verdadeira invasão alemã. Já se ouve falar de fortificações alemãs que estariam sendo feitas ativamente na passagem do Brennero.

5. Os Aliados, para poderem aceitar uma paz separada com a Itália, terão de estar prontos a intervir militarmente para garantir a fronteira ítalo-germânica, mas essa atitude não é julgada como possível de ser adotada antes do exército do Nilo ter expulsado da África todas as tropas ítalo-alemãs e ninguém prevê ainda quando o general Auchinleck poderá desenvolver uma operação militar dessa importância. É compreensível que os britânicos não podem arriscar o seu exército a um insucesso idêntico ao ocorrido no ano passado naquela região.

6. Não resta dúvida que hoje mais do que nunca o interesse primordial para a Grã-Bretanha continua sendo a segurança da sua linha de comunicação pelo Mediterrâneo.

7. O desenvolvimento dos acontecimentos na Espanha parece confirmar certas suspeitas bem fundadas que aqui estão tendo de que o Eixo já estaria sendo julgado em Madri com menos probabilidades de ganhar a guerra, determinando esse fato a necessidade do governo espanhol de robustecer a sua política de maior independência, em face da Alemanha e da Itália, para uma mais completa neutralidade no atual conflito.

8. Certas informações indicariam mesmo que os ingleses estariam examinando a possibilidade futura de entrar no continente com o envio de um corpo expedicionário através da península Ibérica, naturalmente de acordo com esses países e no seu próprio interesse.

9. Assim o Gabinete de Guerra britânico já deve ter escolhido o ponto mais favorável para um desembarque, mas, desde logo pode ser assegurado que, quando chegar o momento de tal aventura, ela será tentada com o máximo possível de elementos favoráveis e na zona mais próxima dos portos e das costas britânicas.

10. A Itália é um problema diferente e se abater as armas e apelar para a Grã-Bretanha para pedir proteção contra o seu antigo aliado, as forças defensoras deverão vir da África, o que ainda mais evidencia a necessidade do inimigo ser expulso da Líbia, constituindo um requisito indispensável para qualquer ação militar dessa importância no Mediterrâneo.

11. A chegada da missão americana em Brazzaville é considerada aqui como de extrema importância. Realmente esse acontecimento não implica em um reconhecimento *de jure* do general de Gaulle pelo governo americano, mas deve ser encarado como uma aceitação *de facto* da autoridade da França Livre sobre esses territórios estratégicos e econômicos de grande valor.
12. O coronel Cunningham, chefe da missão, está acompanhado pelo comandante Mitchell, da aviação naval americana e pelo senhor Lawrence Taylor, do Departamento de Estado, e antigo secretário da embaixada dos Estados Unidos em Paris.
13. Os membros da missão estabelecerão contatos com os elementos da França Livre e farão investigações de ordem militar, econômica, naval e sobre possibilidades de futuras ligações aéreas desse território com a América.
14. A África francesa livre é considerada pelos ingleses como especialmente importante devido a três razões: constitui um grande reservatório de mão-de-obra, como já foi demonstrado nas recentes campanhas da Líbia, Síria, e África; poderá oferecer, em certas circunstâncias, uma importante linha transversal da defesa e constitui uma valiosa rota muito protegida para o abastecimento por via aérea de todo o Próximo Oriente.
15. Na América, existe cada vez mais a convicção de que o general Weygand não tenciona recuperar pelas armas, como tanto desejaria Vichy, os territórios ocupados pelas tropas do general de Gaulle e tudo indica que essa opinião é inteiramente compartilhada pelo governo britânico.
16. Outras recentes informações, aqui chegadas, permitem compor um quadro da atual situação política na França.
17. Conquanto Vossa Excelência esteja certamente bem informado sobre este assunto julgo, entretanto, dever dizer que aqui acreditam que em geral em ambas as zonas, ocupada e não ocupada, tudo coopera para dar a impressão que os alemães tendo atacado a Rússia ficarão tão enfraquecidos que não lhes será possível alcançar uma vitória rápida e decisiva como proclamavam mormente contra a Grã-Bretanha e tal como o almirante Darlan sempre se mostrou tão convencido.
18. O prestígio do referido almirante parece ter diminuído bastante nos últimos tempos e como resultado o marechal Pétain já tem em várias ocasiões impedido muitas das suas iniciativas, embora continue oficialmente a aparecer como um dos melhores discípulos do velho marechal.
19. Os alemães, empenhados a fundo na campanha russa, diminuíram sua pressão sobre a França, mas as chamadas negociações de paz

continuam, no entretanto, esporadicamente a ser tratadas em Paris e ressurgirão com toda a intensidade logo que o momento seja mais favorável para Hitler.

20. O quartel-general francês está, entretanto, bem informado sobre a real situação dos exércitos alemães. Assim puderam observar que as melhores tropas foram tiradas da França, inclusive todas as ambulâncias, artilh[a]ria antiaérea, carros armados e um número considerável de cavalos foram violentamente requisitados, sem a menor oposição de Vichy, mas com grande indignação dos seus proprietários.

21. Os oficiais alemães na França não cessam de ostensivamente criticar os últimos atos de Hitler e a disciplina dos exércitos de ocupação, ali como em outros países, deixa agora muito a desejar.

22. A situação interna na França é considerada em Londres como muito grave e tudo ali se desenvolve com uma crescente confusão.

23. Em Vichy existem presentemente sete poderes que trabalham em constante luta uns contra os outros e são os seguintes: o marechal Pétain; o almirante Darlan; o Exército; a Legião; o ministro Pucheu; a Igreja, o esqueleto de um Parlamento que talvez venha mais tarde formar um verdadeiro elemento constitucional e nos bastidores se agita uma sombria imagem da Monarquia, cujos suportes são variáveis, manifestando entretanto uma completa incompreensão sobre os reais desejos do povo.

24. A diferença na mentalidade e atitude do povo das zonas ocupadas e não ocupada é cada vez maior e hoje chegaria a tal ponto que ao ser atravessada a fronteira dessas zonas existe a impressão de uma passagem de um país para outro inteiramente diferente em todos os sentidos.

25. Posso assegurar a Vossa Excelência que o ponto de vista acima exposto exprime bem a convicção aqui dominante, neste momento.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 17 OUT. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Situação de tripulantes brasileiros em navios estrangeiros.

Da Embaixada em Londres

425 – QUINTA-FEIRA – 17 OUTUBRO 1941 – 18h00 – Estão surgindo numerosos casos de marítimos brasileiros, contratados em portos brasileiros para viagem redonda pelos comandantes de navios gregos, que aqui não têm cumprido a obrigação de volta ao porto inicial, admitindo que os marítimos façam alteração no contrato, a fim de prosseguirem viagem para outros destinos. Esta embaixada, o consulado-geral aqui e o consulado em Cardiff estão tratando de amparar os direitos dos interessados, na medida do possível. Em outras ocasiões, os próprios marítimos, seduzidos por maiores vantagens, rompem os contratos, criando sérias dificuldades, tendo havido até motins, determinando prisões, como o sucedido em Halifax, tendo sido esta embaixada informada pela legação no Canadá. Conviria que a capitania do porto brasileira estivesse informada e atenta, considerando as circunstâncias de momento, que invalidam a perfeita execução do contrato. Sendo possível, sugiro a proibição de engajamento de marítimos brasileiros para a zona de guerra. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 17 OUT. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Guerra germano-russa. Situação no Extremo Oriente.

Da Embaixada em Londres

426 – SEXTA-FEIRA – 17 OUTUBRO 1941 – 14h45 – As últimas notícias da frente russa indicam que a situação é muito grave, mormente no setor central, com séria ameaça para Moscou, já tendo dali se retirado parte do governo, sendo que Stalin e alguns diplomatas, ainda ali permanecem. A capital soviética lutará até o extremo limite e não será declarada cidade aberta, como teria sido proposto pelos alemães. A situação no Extremo Oriente, determinada pela atitude do Japão, cada vez mais agressiva, preocupa o governo britânico, que se mantém em permanente contato com o dos Estados Unidos da América, nas últimas 48 horas. Todas as possessões britânicas e americanas, no sul do Pacífico, foram postas de alerta, sendo que as Filipinas, a Austrália e as Índias neerlandesas tiveram ordem de estar prontas, a qualquer momento, para acontecimentos graves. MONIZ DE ARAGÃO

OFÍCIO • 22 OUT. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice*:] O controle governamental de produtos.

N. 779

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 22 de outubro de 1941.

Senhor Ministro,

Em anexo cabe-me remeter a Vossa Excelência um recorte do *Financial Times* de hoje, em que está publicada uma lista aproximada de todos os produtos que se acham sob o controle do governo britânico. Com a inclusão da borracha, realizada recentemente, todas as matérias-primas de importância, com a única exceção do estanho, estão agora controladas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*: "Commoditties under control". *Financial Times*, Londres, 22 de outubro de 1941.]

❖

TELEGRAMA • 28 OUT. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Proteção de interesses italianos na Síria. Manifestações do cônsul do Brasil a favor dos países do Eixo.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

436 – TERÇA-FEIRA – 28 OUTUBRO 1941 – 18h30 – Aditamento ao meu telegrama n. 434. O ministro das Relações Exteriores disse-me hoje lamentar o ocorrido, devido às autoridades competentes não estarem previamente prevenidas de que a proteção dos interesses italianos na Síria tinha sido confiada ao cônsul brasileiro. Acrescentou que os edifícios das duas escolas e dos consulados italianos em Beirute e Alepo foram requisitados pelas autoridades militares por necessidades de ordem superior, como já tem sido feito aqui em idênticas condições, mas depois de removidos os arquivos. Os consulados italianos em Damasco e Trípoli não foram ocupados. Assegurou que tais requisições foram feitas pela forma mais cordial, sendo

dispensada ao cônsul brasileiro a consideração devida. O ministro das Relações Exteriores referiu-me, confidencialmente, o fato de ter o cônsul brasileiro manifestado, por vezes, suas opiniões políticas favoráveis ao Eixo, o que não contribui para facilitar o desempenho de suas funções. Concluiu informando ter sido dada ordem para o reconhecimento do cônsul brasileiro como encarregado dos interesses italianos. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 29 OUT. 1941 • AHI 28/2/5

[*Índice:*] O último discurso do presidente Roosevelt.

N. 792

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 29 de outubro de 1941.

Senhor Ministro,

Os jornais unanimemente salientam hoje a importância do discurso proferido anteontem pelo presidente Roosevelt, considerando que suas palavras contêm verdadeiras declarações do chefe de uma nação em guerra.

2. As notícias aqui divulgadas sobre a repercussão na Alemanha e na Itália indicam que esses países também julgam as palavras do presidente americano como verdadeira declaração de guerra e os artigos violentos, insultuosos e sarcásticos dos jornais de Berlim e de Roma, oficialmente inspirados, demonstram uma visível inquietação.

3. O objetivo do *führer*, disse o presidente, é claro e visa amedrontar o povo americano, mas este não se deixará aterrorizar.

4. A marinha dos Estados Unidos não pode vergonhosamente ficar atrás da linha traçada por Hitler arbitrariamente, acrescentou o presidente Roosevelt.

5. Todos aqui acreditam que a lei de neutralidade será modificada, pois, é necessário que o material de guerra possa ser entregue com segurança aos países que combatem o nazismo tal como deseja o povo americano.

6. Além disso, os Estados Unidos denunciam os propósitos imperialistas de Hitler sobre a América do Sul, em contradição com as suas reiteradas declarações em sentido contrário.

7. O presidente Roosevelt, como Vossa Excelência sabe, revelou o plano secreto do *führer*. que pretende dividir o nosso continente em cinco Estados vassalos da Alemanha. Assim não resta dúvida sobre os propósitos nazistas de dominação do mundo tal como aliás está

mencionada na carta atribuída ao cônsul Widemann, apreendida nos Estados Unidos, e dirigida ao chanceler Hitler, publicada na revista americana *Fortune*, de agosto último.

8. A pretendida dominação não seria somente de caráter material, mas abrangeria também a parte cultural e espiritual e o presidente também aludiu ao programa hitleriano de abolir todas as religiões existentes que deveriam substituir a cruz de Cristo pela suástica.

9. Essas revelações produziram em toda a Grã-Bretanha a mais profunda impressão reafirmando a decisão do governo e do povo britânico de não deixar prevalecer essa combinação de uma nova ordem tal como Hitler quer impor ao mundo.

10. Os círculos ligados ao Foreign Office e os porta-vozes do governo britânico não escondem a impressão que todos têm agora de que, depois do presidente Roosevelt ter proferido o seu discurso e pelo que devem significar suas declarações, os Estados Unidos não têm mais senão uma pequena formalidade a cumprir para que entrem oficialmente na guerra contra as potências do Eixo.

11. É certo que tanto o *führer* como o *duce* ainda tudo farão para evitar uma ruptura definitiva, mas não resta dúvida que os Estados Unidos já tomaram sua posição na batalha e isso reforça a firme convicção que aqui todos têm de que a Alemanha será finalmente derrotada embora a luta tenha de ser longa e cheia de duros sacrifícios.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 03 NOV. 1941 • AHI 28/2/6

[*Índice:*] Propaganda nazista na América do Sul

N. 809

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 3 de novembro de 1941.

Senhor Ministro,

A título de informação tenho a honra de passar às mãos de Vossa

Excelência, no incluso recorte do *Times*, de hoje, uma correspondência de Buenos Aires, intitulada "Intrigas na América do Sul", a respeito das recentes atividades nazistas nos países latino-americanos.

2. Segundo esse correspondente do *Times*, os alemães exploram habilmente em seu favor as rivalidades políticas internas, os velhos conflitos de fronteira e as ambições imperialista de alguns países.

3. As referências ao Brasil revelam a ignorância do correspondente das nossas mais recentes medidas de defesa da nacionalidade.

4. A propósito deste artigo, remeto igualmente, nas folhas datilografadas inclusas[15], notícias confidenciais condensadas pelo Ministério da Informação sobre a quinta coluna hitlerista na América do Sul, para fins de publicidade.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

Anexo 1: *The Times,* 3 de novembro de 1941.

Intrigue in South America: Four alien groups with axes to grind

From our Buenos Aires correspondent

German *nazionalista* Bribes

Of the foreign enemies of the democratic cause in South America – German Nazis, Italian Fascists, Spanish Falangists, and Japanese – the Germans are by far the most formidable. They possess more wealth and influence than their allies and are more disciplined, energetic, and efficient. Moreover, they have national solidarity which does not exist among the Italians and Spaniards. Almost all Germans in South America are Nazis, excluding, of course, the Jews. Italians and Spaniards of the working class, on the other hand, are fervently anti-totalitarian. Many of the upper and middle-class Italians are apathetic. The Germans, too, belong to a higher social class than the other pro-totalitarian communities.

Nazi infiltration takes two forms. First there is the exercise of authority and rigid control from Berlin of their nationals in South America. This often extends to children and grandchildren. Some

15 Não transcritas.

years ago, a German Minister in Lima said that Germany might not have lost the last War if in all regions of the world she had organized the German communities in the Hitler manner. The implication is against the spirit of the New World, which places *jus soli* above *jus sanguinis* and it is strongly resented by Governments and peoples as a violation of their national sovereignty. Secondly, the Nazis foment internal conflicts and exploit the former antagonism of Latin America towards the United States. They subsidize organs of totalitarian and so-called nationalist (*nacionalista*, sometimes spelt by their opponents *Nazionalista*) movements. The masses of South America support whole-heartedly the democratic cause. The Governments, although not always democratic themselves, have traditional democratic aspirations. Administrations in all South American countries realize that a British victory means for them the *status quo*, while a Nazi triumph would bring a new order and a change of rules.

Irredentism

The Governments fear not so much an armed German invasion as the establishment in their own country of reactionary and pro-Nazi régimes. The traditional governing classes and parties are conservative. It is sometimes said that the conservatives are pro-British and that the radicals and socialists to-day are pro-United States, though really, they are pro -Roosevelt. Evidently there is no danger from any of these bodies, but the Extreme Right play with totalitarian ideas, and so do the discontented military factions. It is assumed that a German victory would bring into power in all the South American countries Governments favourable to the totalitarians. In every country some would benefit from a change of régime: and to them the Nazis have turned for support.

South Americans tend to copy the ideas and movements of European countries. Hitler's juggling with nations and frontiers finds would-be imitators. Nearly all South American nations have historical claims against their neighbours for frontier readjustment. These claims, based on the provincial boundaries shown in old and inaccurate Spanish maps, have caused periodical frontier disputes and sometimes wars. The Nazis through their "nationalist" sympathizers fan the flames of irredentism with the triple object of putting their friends in power, destroying South American solidarity, and weakening the influence of the United States. These propagandists argue that small nations have no right to exist especially when they have no racial basis. They say

to Argentines that on historical and racial grounds Uruguay should belong to Argentina, and that, since the natives of both Paraguay and the Argentine province of Corrientes are Guarani (an Indian people) in race and language, Paraguay also should be part of Argentina. This dazzling prospect of empire brings to some a thrill of enthusiasm.

Peru and Ecuador

Similarly, to the Peruvians the Nazi propagandists whisper that Bolivia should be part of Peru as in the days of the Spaniards when it was called Alto Peru. And if viewed only on the basis of race, religion, and language the argument is perfect since the proletariat of both countries are Quechua Indians. The Nazis have already succeeded in causing hostilities between Peru and Ecuador by persuading the Peruvians that the United States was arming Ecuador for an attack on Peru in return for the cession of the Galapagos Islands. Though Peruvian claims may perhaps be justified on historical grounds. Ecuador militarily is much the weaker of the two countries and therefore unlikely to be the aggressor. The Peruvian nationalists (not the Apristas, who are in favour of democracy and South American Unity) are claiming all Ecuadorian territory up to Guayaquil. It is believed that the Nazis by now would have had more success in stimulating *coups d'État* and frontier conflicts but for the material pressure of the United States and still more the moral prestige and influence of President Roosevelt, the paladin of Panamericanism.

The Germans, like most other Nordic communities, keep very much to themselves and socially mix but little with South Americans owing to differences of temperament, habits, religion, and language. And here the Italian Fascists and the Falange Española have done invaluable service to the Nazis by acting as a connecting link. Some South American nationalists actually belong to the Falange Española, whereas it is hardly conceivable that anyone without German blood would be a member of the Nazi Party. The Japanese, numerically important only in Peru, suffer from the disability to assimilate even more that the Germans: so for them also the Falange Española provides a *liaison*. Despite obstacles the Japanese have acquired considerable influence in Peru. Some Peruvian students go to universities in Japan and several generals in the Peruvian Army are strongly pro-Japanese.

Measures, great or small, have been taken in all the South American countries to combat the Nazi menace. The demand for governmental

investigation of illicit Nazi activities came not only from the Left. Even in those countries which had conservative administrations the authorities, although unwilling to go so far as a diplomatic rupture with Germany, cooperated with the Left in defence of national interests and sovereignty. Uruguay was the first to deal seriously with the Nazi danger. Early in 1940 the Uruguayan Government appointed a parliamentary committee of investigation and presented to Congress a Bill prohibiting the diffusion of Nazi ideas: later a law was passed suppressing illicit associations. Inspired by the revelations of the Dies committee in the United States, the Argentine Chamber of Deputies last June appointed a committee representing all parties to investigate pro-totalitarian or anti-Argentine activities. […][16]

❖

TELEGRAMA • 11 NOV. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Carnes brasileiras no mercado inglês.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

454 – TERÇA-FEIRA – 11 NOVEMBRO 1941 – 17h00 - Muito agradeceria uma resposta de Vossa Excelência ao meu telegrama n. 422. Segundo as informações recebidas das empresas frigoríficas, estão chegando importantes partidas de produtos em conserva dos Estados Unidos, convindo, assim, ativar nossas negociações. As negociações relativas às carnes frigoríficas estão em vésperas de conclusão. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 12 NOV. 1941 • AHI 28/2/6

[*Índice*:] O último discurso do senhor Churchill.

N. 826

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 12 de novembro de 1941.

Senhor Ministro,

Conforme informei a Vossa Excelência pelo telégrafo, o discurso do senhor Winston Churchill proferido anteontem, na Mansion House,

16 Artigo parcialmente transcrito.

despertou um grande interesse, tendo tido uma larga repercussão não somente aqui como através [d]o mundo, do extremo Oriente ao Extremo Ocidente.

2. A descrição feita pelo primeiro-ministro das atrocidades alemãs na Europa invadida, o calor dos sentimentos de simpatia que ele expressou a respeito de todos os povos oprimidos e especialmente pela França, a importância que liga às manifestações do espírito de resistência, atestam a falência de todas as tentativas de dominação nazista no continente.

3. A nova ordem se destrói na repressão, como as ofensivas furiosas diante de Leningrado e de Moscou se destroçam em face da resistência russa.

4. As duas coisas se ligam, pois, de uma parte as tropas de ocupação; os campos de concentração e as execuções em massa; a Europa oprimida, mas revoltada e de outra os heroicos soldados russos defendendo passo a passo o solo sagrado da pátria.

5. Não é mais possível a Hitler, a despeito do concurso servil que continuam trazendo os *Quislings* europeus, de falar em nome da Europa unida à sombra da cruz gamada.

6. Uma vez mais o senhor Churchill fez ver ao *führer* que em nenhum caso, nenhuma circunstância, a Grã-bretanha consentiria em negociar uma paz de compromisso com ele ou com qualquer representante do regime nazista.

7. Não é somente em relação à Alemanha hitleriana que o primeiro-ministro tomou posição tão definida.

8. Forte com a posição atual da Real Força Aérea e da Home Fleet ele se dirigiu abertamente ao partido militar e fascista do Japão e não hesitou declarar que se o governo de Tóquio se deixar arrastar em uma aventura bélica no Pacífico contra os Estados Unidos, no espaço apenas de uma hora, o governo britânico, apoiado por todos os domínios, estará ao lado do governo americano com todas as suas forças terrestres, aéreas e navais.

9. Aqui é sabido que existe um completo acordo entre os Estados Unidos, Grã-Bretanha, e a Austrália e que na última sessão do gabinete americano, no dia 6 de novembro corrente, foram aprovadas medidas estratégicas de defesa para o caso de uma agressão japonesa.

10. Anteontem o embaixador da China em Washington deu ao presidente Roosevelt o pleno apoio do marechal Chiang Kai-shek e assim o Japão não poderá alegar de que não foi em tempo prevenido sobre os perigos da situação que, aliás, é considerada em Londres como extremamente grave.

11. O discurso feito na celebração em honra do *lord mayor* de Londres fecha definitivamente a porta a toda sorte de chicanas que eventualmente fosse do agrado dos nazistas fazer em tal emergência, não restando a menor dúvida sobre a perfeita identidade de vista entre Londres e Washington.
12. Junto remeto a Vossa Excelência o retalho do *Times* contendo o texto do discurso em questão.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Maurício Nabuco
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores

Anexo[17]: ["Mr. Churchill on Britain's Expanding Power Air parity with Germany now attained". *The Times,* Londres, 12 de novembro de 1941.]

❖

OFÍCIO • 13 NOV. 1941 • AHI 28/2/6

[*Índice*:] Discurso do presidente e declarações do ministro.

N. 827

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 13 de novembro de 1941.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os recortes de jornais desta capital de ontem e hoje que publicaram referências ou trechos do discurso do senhor presidente Getúlio Vargas, pronunciado a 10 do corrente e das declarações do ministro Oswaldo Aranha ao chegar a Buenos Aires.
2. Conforme informei Vossa Excelência no meu telegrama de hoje, o *Times* e o *Daily Telegraph* publicaram com grande destaque as palavras do presidente como as do ministro, sendo que a maioria dos demais órgãos da imprensa limitou-se a anunciar os dois acontecimentos, que coincidiram com os discursos do presidente norte-americano e do

17 Não transcrito.

primeiro-ministro britânico, dos mesmos dias, roubando-lhes o reduzido espaço de que dispõem agora os jornais, devido às economias de guerra. Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Maurício Nabuco
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores

[*Anexo 1*]
Daily Telegraph & *Morning Post*, Thursday, Nov. 13th. 1941

Brazil Will Repel Invader – *Presidente* Vargas
Latin American Solidarity

By our diplomatic correspondent

A notable stiffening in the attitude of all the Latin American countries is typified in a speech delivered by the president of Brazil, dr. Vargas, on Monday, the fourth anniversary of the new constitution witch he introduced.

Speaking at the Brazilian ministry of War, the President declared: "Wherever an American nation is situated, the by her side will be found her sister nations of this hemisphere amongst whom Brazil can be counted upon as pledged to common defence."

He said that the chief concern of Brazil's armed forces was the territorial integrity of the country as well as the safeguarding of internal order.

[…]

Senhor Aranha, the Brazilian Foreign minister, stated yesterday, "We shall not be neutral if an American nation enters the war. We have been, are and will stay Pan-American. We follow America and will share America's destiny".

Ealier this year the Uruguayan Foreign minister, dr. Guani, sent a note to the diplomatic representatives in Montevideo of the United States, Argentine, Brazil, Bolivia, Paraguay, Colombia, Peru, El Salvador, Chile and Mexico, stating a new feature in his country's policy.

He stressed that should any American nation enter the war against an oversea power Uruguay would ignore the fact that she was nonbelligerent and would offer the use of her ports to the sister nation.

News now reaches me that four more Latin American countries, Bolivia, Cuba, Honduras and Paraguay, have agreed to support Chile's protest against the German execution of hostages in the occupied countries of Europe.

[*Anexo 2*]

The Times, Thursday, November 13th. 1941.

Brazil and Defense of Americas
Serving Common Cause

From our own correspondent

BUENOS AIRES, NOV. 12th – The Brazilian Foreign minister, dr. Oswaldo Aranha, arrived here yesterday by air from Rio de Janeiro on his way to Chile.

On the subject of continental defence, he said that Brazil would not take part in regional meetings or conferences with any particular countries, but would serve the cause of whole American continent in Pan-American conferences. Brazil would support any American nation which was attacked. Brazil was making her own bases, which would belong to all the American countries. No nation was building bases in Brazil except Brazil.

The vice-President of Peru, *señor* Rafael Larco Herrera, who arrived in the same aeroplane as dr. Aranha, said that his visit was purely journalistic and unofficial. He was there as chairman of the Peruvian newspaper *La Cronica*. He had visited the United States and Brazil to observe the strength and defense of democratic ideals in the continent and their ability to resist a possible invasion by the totalitarian powers. He would publish his conclusion in a special number of La Cronica.

He said that in Washington President Roosevelt had shown him the famous map prepared by the totalitarian powers for their future plans in the Americas whereby various South American countries would disappear. By President Roosevelt's request he could not reveal the details for fear of hurting national sentiment in the affected countries.

[*Anexo 3*]
The Daily Express – 13/11/41.

Brazil says: We fight if U.S. does

Rio de Janeiro, Wednesday – *Senhor* Aranha, Brazilian Foreign Minister, speaking at Porto Alegre today said:

> We have been, are and will stay Pan-American. We follow America and will share America's destiny.
> There cannot be two opinions. We shall not be neutral if an American nation enters the war.
>
> - Reuter

[*Anexo 4*]
O *Natal Mercury*, Durban, S.A.

Brazil and Argentine

President Vargas of Brazil recently told an Argentine university delegation that the unity of their two countries was an important factor in Pan-American solidarity "for common defense".

> Being the two national groups most numerous in South America – he said – certainly our example of understanding and collaboration without reserve will serve the Pan-American ideal, strengthen continental unity, and create a common spirit of indestructible freternity because the American nations must stand together, united and ready for anything for common defence and against all who would disturb the order of their work and the peace of their homes.

[*Anexo 5*]
O *Daily Mail* – 13/11/41

Brazil will fight alongside U.S.

Rio de Janeiro, Wednesday – Brazil will not be neutral if an American nation enters the war, declared *senhor* Oswaldo Aranha, Brazilian Foreign minister, in an interview at Porto Alegre.

"We follow America and will share America's destiny," he said.

- Reuter.

[*Anexo 6*]
O *Manchester Guardian* – 13/11/41.

Brazil follow United States

Rio de Janeiro, November 12th

"We shall not be neutral if an American nation enters the war," declared *senhor* Oswaldo Aranha, the Brazilian Foreign minister, in an interview at Porto Alegre. The minister, who is on his way to Chile, said that President Vargas's speech had put an end to any doubt as to Brazil's attitude in face of the present international situation.

> We have been, are, and will stay Pan-American. We follow the United States and will share her destiny. The present time does not permit of two attitudes nor of personal sentiments. The nations must be united or they will be lost in face of the threats of their enemies.
>
> – Reuter.

❖

OFÍCIO • 13 NOV 1941 • AHI 28/2/6

[*Índice*:] A projetada conferência de paz nazista

N. 830

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 13 de novembro de 1941.

Senhor Ministro,

A projetada conferência dos países do Eixo com participação de potências neutras e das nações ocupadas da Europa, que estava sendo preparada pelo chanceler Hitler para o mês de setembro deste ano e depois postergada, parece que foi novamente adiada, tal como naquela ocasião, devido à não terem sido obtidos na Rússia os resultados militares fulminantes com que contavam os alemães.

2. Segundo as últimas notícias aqui recebidas, os países neutros – tais como a Suécia, Suíça, Espanha e Portugal – estariam resistindo ao plano de Hitler de atraí-los à sua órbita para, unidos às nações invadidas, poder celebrar a apregoada conferência de paz europeia, cuja reunião muitos chegaram a crer estaria iminente com a escolha de Viena para tal celebração.

3. A primitiva intenção era de realizar a reunião em Moscou, de cuja ocupação, tão anunciada por Hitler, dependia em parte o prestígio para o êxito de uma tal aventura desde o seu recente discurso quando declarou ter começado o ataque decisivo contra a referida capital.
4. O atraso imprevisto da ocupação de Moscou teria determinado a escolha de Viena como sede do "Congresso de Paz da Nova Ordem Europeia" uma vez que não lhe foi possível reuní-lo na capital moscovita.
5. Os agentes políticos nazistas desde logo começaram a desenvolver uma grande atividade, com instruções de fazer circular notícias referentes às ofertas sedutoras de paz à Grã-Bretanha e vantagens extraordinárias aos países neutros da Europa.
6. O embaixador alemão na Turquia chegou a insinuar que a conferência poderia mesmo se realizar em Istambul se o governo de Ancara quisesse apoiar a iniciativa alemã.
7. Essa insinuação, embora não aceita pelo governo otomano, parece, porém, ter impressionado o povo turco e ainda mais fortemente com as palavras do presidente oferecendo uma mediação aos países beligerantes quando pronunciou o seu último discurso em Ancara.
8. O governo turco realiza [*sic*] que seu futuro econômico e político ficaria melhor garantido sem maiores compromissos com a Alemanha, além dos já contraídos pelo pacto comercial cauteloso que acaba de assinar. De outro lado quer se manter fiel à sua aliança com a Grã-Bretanha e em tal situação, cheia de perigos, deseja ardentemente que a guerra termine antes que seja obrigado a assumir uma posição definida com todas as consequências de um tal ato.
9. O embaixador britânico em Madri deve reassumir o seu posto, no corrente desta semana, depois de um curto estágio em Londres e sem dúvida informará logo a que ponto atingiu a pressão alemã sobre a Espanha durante sua ausência.
10. Notícias hoje divulgadas dizem ter havido em Madri uma conferência entre o ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol e os embaixadores da Itália e da Alemanha, o que indica que o trabalho de persuasão para uma colaboração mais ativa com o Eixo segue o seu rumo em marcha acelerada.
11. Em Lisboa a propaganda da nova ordem tem progredido em menor escala de que na Espanha. É sabido aqui que a atitude do governo português em relação à sua participação na projetada conferência é muito reservada, não deixando muita esperança aos governantes nazis.
12. A Suécia tem sido submetida a um ataque cerrado por parte da

imprensa e da rádio alemã, acusando os seus homens de Estado de traição contra a Europa e profetizando desastres futuros, a menos que o governo de Estocolmo se resolva a colaborar com a Alemanha na formação efetiva da nova ordem.

13. Os alemães têm tido quase por toda a parte respostas negativas por parte do governo sueco, que conta com o apoio da opinião pública na manutenção de uma atitude reservada em face de pedidos e ameaças do governo de Berlim.

14. A Suíça teria respondido que a sua participação em uma conferência de organização europeia estaria subordinada à presença dos Estados Unidos em tal assembleia.

15. Mesmo na França, o governo de Vichy parece insistir dever ser considerado como neutro, manifestando sua apreensão em relação à atitude hostil da opinião pública que se mostra cada vez mais contrária a qualquer esforço para ligar o destino desse país às decisões de Berlim.

16. A posição britânica em relação à propaganda alemã para implantação da chamada "Nova Ordem Europeia" tem sido claramente expressa pelos discursos do senhor Churchill e pelos do ministro Eden e pelos artigos dos jornais mais autorizados, como o *Times*, *Daily Telegraph*, *Daily Mail* e *The Economist*.

17. As tentativas de paz de compromisso feitas via Estocolmo, Istambul, Madri ou Santa Sé, têm sido encaminhadas do estrangeiro, mas sempre estão encontrando aqui a mais franca repulsa, sendo recebidas com desprezo, não refletindo de nenhuma maneira o desejo atual da opinião pública britânica e do seu governo que está disposto a prosseguir a luta até uma final decisão.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Maurício Nabuco
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 27 NOV. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Carnes brasileiras no mercado inglês.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

476 – quinta-feira – 27 novembro 1941 – 16h45 – Aditamento ao telegrama n. 466. Constando-me que os fornecimentos argentinos de carne de vaca em conserva ao Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, no terceiro ano de guerra, serão consideravelmente inferiores aos do ano passado, devido ao interesse daquele país em aumentar a exportação desse produto para os Estados Unidos da América, o delegado J. de Alencar Neto muito agradeceria a Vossa Excelência ser orientado se convém ao Brasil vender à Inglaterra o volume máximo possível de nossa carne em conserva, na hipótese de alcançarmos aqui preços equivalentes aos pagos nos Estados Unidos da América e considerando a possibilidade de se obter, relativamente à nossa percentagem futura, a quota referida no telegrama n. 422. Caso contrário, rogo dizer qual a proporção da nossa produção total disponível para a exportação, que deverei tentar colocar aqui. moniz de aragão

❖

OFÍCIO • 01 DEZ. 1941 • AHI 28/2/6

[*Indice*:] Mês político n. 12

n. 868

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 1º de dezembro de 1941.

Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n. 12, relativo ao mês de novembro próximo passado.

Mês político n. 12

Ao prorrogar a presente legislatura a 12 de novembro, o rei passou rápida revista aos acontecimentos do ano e acolheu cordialmente a aliança com os sovietes e o estreitamento cada vez maior dos laços que prendem o povo e o governo da Grã-Bretanha com os dos domínios e dos Estados Unidos ao povo e governo russos.

O primeiro-ministro inaugurou os debates com um discurso cheio de confiança. Essa nota era justificada pelo curso que vai tendo a Batalha do Atlântico, que ele considera a frente vital, pois, a vitória nessa frente tem que ser renovada diariamente; sem ela não seria possível obter vitórias noutros terrenos. Churchill declarou que a média mensal das perdas

nos quatro meses, terminados a 30 de junho, tinham caído de 500 mil para 180 mil nos quatro meses subsequentes. Essa modificação para melhor já se tinha refletido em aumento das rações para os trabalhadores na indústria e sobretudo na importação de material bélico e de matérias-primas. Esses últimos quatro meses viram também um considerável aumento na tonelagem afundada das frotas de Eixo, fato que equivale a uma derrota de primeira grandeza para o Eixo.

Churchill excusou-se de revelar os planos estratégicos para o futuro. Manter uma força adequada no país para repelir qualquer ameaça de invasão, prover os exércitos no Oriente Médio de modo a que estejam aptos a retomar a ofensiva, manter e robustecer a vigia no Oriente e intensificar a corrente de suprimentos para a Rússia são tarefas suficientemente vultuosas para que se faça necessário justificar a paralisação nas operações militares e elas absorvem os recursos econômicos e em homens do país, a energia e a capacidade de organização da indústria, bem como as disponibilidades em tonelagem mercante.

O primeiro-ministro negou-se a fazer as mudanças ministeriais que vinham sendo pedidas alegando, aliás galhofeiramente, que não tinha tempo de estudar as declarações públicas de todos os seus 80 ministros.

Na próxima reunião da Câmara dos Comuns, o governo apresentará um projeto de lei, com o pedido de urgência, a fim de ampliar os limites do serviço compulsório para os dois sexos. Espera-se que o governo peça poderes para estender a idade militar para os homens até os 50 anos e a compulsória para as mulheres até os 40. Introduzir-se-á a conscrição feminina para os serviços auxiliares das Forças Armadas, a qual não ultrapassará o limite de 30, mas até os 40 as mulheres serão obrigadas a prestar outra classe de serviços. A participação das mulheres em unidades combatentes, tais como a defesa antiaérea, continuará a ser voluntária. É possível também que o serviço militar comece para os homens aos 18 anos.

A moção apresentada pelo primeiro-ministro foi igualmente assinada pelo senhor Attlee, Sinclair, Brown e Burn, como *leaders* dos principais partidos e intitula-se significativamente "Máximo Esforço Nacional". Tem por fim mobilizar maiores disponibilidades tanto para as Forças Armadas quanto para a produção bélica.

Os poderes discrecionários de que estava armado o governo não bastam a seu ver para essa extensão dos limites do serviço obrigatório. A nova medida arrola toda a nação na guerra e é uma prova de como ela está empenhada a fundo na determinação de alcançar a vitória, e

vai sendo assim atingida a total mobilização de todas as forças vivas do país prevista em junho de 1940, quando foram votados os plenos poderes pelo Parlamento.

A discussão do Discurso do Trono durante as reuniões parlamentares de novembro revelou, da parte dos Comuns, sabedoria e paciência. Sabedoria – ao rejeitar a tentativa de debilitar a segurança nacional mediante a restauração do que equivaleria ao *Habeas Corpus*, revogando o hoje famoso artigo 18B do *Defence Act*, segundo o qual qualquer indivíduo pode ser mantido preso sem recurso aos tribunais. O ministro do Interior foi firme na defesa dessa faculdade, mas o assunto pôde ser amplamente debatido e ventilado, em benefício geral. Paciência – ao atender à argumentação de uma minoria de independentes, que monopolizou a atenção da Câmara durante uma semana enquanto se fariam combates ferozes pela causa da liberdade. Uma insignificante parcela da representação nacional foi, pois, ouvida com atenção, a despeito da desproporção do seu número.

A Finlândia rechaçou a proposta de mediação norte-americana para fazer a paz com a Rússia. Apesar da advertência que lhe dirigiu o senhor Cordell Hull de que, a continuarem os finlandeses combatendo ao lado dos alemães, sacrificariam a amizade dos Estados Unidos. A Finlândia evadiu a resposta, declarando que era seu direito assegurar-se contra a possibilidade de futuros ataques do seu agressor de [um] ano atrás.

O fato é que a Finlândia avançou consideravelmente dentro do território russo e, se está combatendo pela sua independência, vai também ajudando os alemães a imporem a sua hegemonia sobre a Europa, juntamente com os russos e os húngaros.

Indiretamente combate a Grã-Bretanha e suas Aliadas, e ameaça as linhas de comunicação com o mar Ártico por onde a Rússia recebe munições que lhe mandam a sua aliada e os Estados Unidos.

A recente adesão da Finlândia ao pacto Anticomintern tem alta significação; é mais uma prova da sua completa cooperação com as forças de Hitler.

Os círculos autorizados aqui esperam, todos os dias, a formal declaração de guerra à Finlândia pela Grã-Bretanha, à qual se seguirá a introdução de restrições econômicas pelos Estados Unidos.

A ofensiva na Líbia começou a 21 de novembro. Depois de meses de preparativos, o ataque tão impacientemente esperado foi afinal iniciado com grande ímpeto e com a cooperação da marinha e da aviação.

O povo inglês soube conter-se durante a enervante espera enquanto

a iniciativa não passava às mãos do exército britânico, consciente da responsabilidade que lhe cabe nessa guerra. É evidente o desabafo com que lhe foi acolhida essa notícia. Fez calar a inquietação política que se desenhava durante a longa inação e os agitadores que viviam a reclamar uma frente no Ocidente.

Desta feita não cometerão mais os ingleses o erro do ano passado de não ter levado ao fim as brilhantes vitórias sobre os italianos, eliminando o restante das suas forças em Trípoli, erro que estão amargamente curtindo. Os alemães não teriam podido então mandar os reforços do vulto que reuniram naquela região e com os quais novamente ameaçaram Suez, depois de uma rapidíssima campanha, que, em 18 dias, reconquistou todo o terreno ganho pelos ingleses.

Embora o material destes precisasse de reparações e os efetivos de que dispunham fossem mínimos, e não em condições de enfrentar as tropas frescas alemãs, por outro lado o êxito dos alemães é tanto mais de admirar, quanto tiveram que transportar duas divisões motorizadas através do bloqueio inglês.

A resistência alemã está sendo formidável. Não há dúvida que essa campanha, que é também para eles da mais alta importância, representa para a Inglaterra uma fase decisiva da guerra. As vantagens estratégicas estão do lado dos ingleses. A marinha permite o suprimento das tropas e protege-as ao longo da costa.

Assim sendo, pode-se contar com que os ingleses reforcem as suas unidades motorizadas, despachando-as, se preciso for, diretamente da Inglaterra, de modo a assegurar-se a vitória nessa frente, pois, eles não podem de modo algum admitir um fracasso.

Esta batalha dos tanques não tem precedentes na história militar. Pela primeira vez, eles somente constituem as únicas forças em ação. O senhor Churchill definiu bem a situação, comparando-a a uma batalha naval, sendo perfeita analogia do deserto ao mar, dada a liberdade e a fluidez dos movimentos. A própria aviação não tem podido participar de uma maneira eficaz. Os aviões de bombardeio não ousam atirar as suas bombas ante a confusão estabelecida entre as unidades dos dois lados. A armadura dos carros de assalto resiste à metralhadora dos aviões de caça. Só o avião armado de canhão de certa calibragem pode ter ação, e esses são pouco numerosos.

Há aqui confiança no êxito final das forças do general Auchinleck. O fato essencial é o do transporte de suprimento. Ora, aí há uma decisiva vantagem para os ingleses, cujas bases são mais próximas. Até

agora eles têm tido superioridade aérea, dispõem do porto de Tobruque e, o que é mais importante ainda, controlam o mar.

A tensão no Oriente e as negociações nipo-americanas em Washington têm absorvido a atenção diária da imprensa. Já o senhor Churchill declarou que a Grã-Bretanha acompanhará qualquer decisão que venha a ser tomada pelo governo de Washington, inclusive numa eventual declaração de guerra. Na verdade, a liderança do bloco A.B.C.D. (América, Britain, China & The Dutch), na frente unida que estão apresentando às expansões territoriais do Japão na Ásia, foi entregue pelos países interessados aos Estados Unidos.

Londres, 1º de dezembro de 1941.

Moniz de Aragão

Redação do sr. ministro Joaquim de Souza-Leão.

❖

TELEGRAMA • 16 DEZ. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Partida para Moscou do senhor Eden. Plano econômico comercial-militar. Conselho Supremo Aliado. Situação na Rússia, Líbia e Extremo Oriente. Atitude [*da*] Espanha.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

510 – TERÇA-FEIRA – 16 DEZEMBRO 1941 – 4h45 – Com a máxima reserva, informo que o senhor A. Eden partiu, secretamente, para Moscou onde permanecerá vários dias, a fim de combinar com Stalin o plano militar-econômico-comercial do molde do celebrado por ocasião da entrevista Roosevelt-Chuchill. Participará das conversações o embaixador americano aqui, em Moscou e técnicos militares para examinarem as vantagens e a melhor oportunidade do auxílio russo na campanha contra o Japão. Nos meios políticos julga-se estar sendo discutido criação do Conselho Supremo Aliado para melhor coordenar os esforços militares e diplomáticos dos Aliados, visando uma ação comum de todos no teatro da guerra. As últimas notícias indicam que as operações na Rússia e na Líbia prosseguem favoravelmente aos Aliados

enquanto a situação no Extremo Oriente parece melhorar (?) conquanto permaneça grave em Hong Kong. O governo britânico declarou o Sião território ocupado pelo inimigo. A situação na França e na Espanha está sendo acompanhada aqui com toda atenção, na previsão de próximos importantes acontecimentos. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 20 DEZ. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Guerra na Europa. Notícias da imprensa inglesa sobre a situação nos diversos teatros da guerra. Negociações de Moscou e Washington.

Da Embaixada em Londres

518 – SÁBADO – 20 DEZEMBRO 1941 – 11h00 – A imprensa, refletindo a opinião pública, insiste em medidas urgentes devido à agravação da situação militar na Malásia e em Hong Kong, em contraste com as melhoras verificadas nas Filipinas e no Havaí. As notícias da Rússia continuam satisfatórias, estando o exército alemão em plena retirada, sofrendo perdas avultadas, perseguido pelas tropas soviéticas. Da Líbia, as últimas notícias anunciam a derrota sofrida pelos alemães como de muita importância. As conversações entre Moscou e Washington, mencionadas em telegramas anteriores, também se referem aos problemas de fornecimentos à Rússia e à China de material bélico e matérias-primas, estabelecendo a coordenação, a fim de permitir que as remessas sejam feitas pelos Estados Unidos da América e pela Grã-Bretanha, pela via mais rápida e segura. Os principais jornais continuam salientando a importância da próxima Conferência dos Ministros das Relações Exteriores americanos e as contínuas manifestações de perfeita solidariedade continental, nas atuais circunstâncias. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 29 DEZ. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] Conversações entre os governos inglês e russo. Provável visita do senhor Eden ao chefe de Estado chinês.

Da Embaixada em Londres

530 – SEGUNDA-FEIRA – 29 DEZEMBRO 1941 – 17h15 – Foi hoje divulgado oficialmente, em comunicado informando que o ministro das

Relações Exteriores britânico está terminando importante conversa secreta com o governo russo em Moscou, relativa à unificação dos esforços na guerra, no sentindo de assegurar a derrota da Alemanha e combinar as medidas a tomar depois da guerra para assegurar a paz. Foi obtido completo acordo e a conferência em Moscou foi feita em harmonia com a realizada, ao mesmo tempo, em Washington e na capital da China, como pude antecipar a Vossa Excelência pelos meus telegramas n[úmeros]s. 510 e 512, respectivamente de 16 e 17 do corrente. Nos círculos políticos acredita-se na possibilidade de visitar o senhor Eden o chefe de Estado chinês na capital da China, antes de regressar a Londres. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 29 DEZ. 1941 • AHI 28/2/6

[*Índice:*] Dados estatísticos sobre o Brasil, publicados na revista *The Economist*, de Londres.

N. 925

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 29 de dezembro de 1941.

Senhor Ministro,

Com referência ao ofício n. 717, de 28 de setembro último, e anteriores, sobre a publicação de certos dados estatísticos na revista *The Economist*, de Londres, tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo[18], exemplares do último número da mesma revista, apresentando em seu suplemento comercial (página 7), pela primeira vez, tais informações relativamente ao nosso país.

2. Como Vossa Excelência verá, além de territórios do Império Britânico, só constam desse suplemento oito países estrangeiros, entre os quais o Brasil.

3. Considerando o benefício que poderá decorrer, para nós, dessa publicação no "*Economist*", renovo a Vossa Excelência o pedido já formulado em meu ofício n. 441, de 9 de outubro do corrente ano, no sentido de serem remetidos, regularmente e em tempo, os elementos indispensáveis para que a mesma continue a ser feita.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

18 Não localizados no volume.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 30 DEZ 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:] III Reunião Consultiva dos ministros das Relações Exteriores dos países americanos. Comparecimento, em caráter particular, de representante do general Gaulle.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

533 – TERÇA-FEIRA – 30 DEZEMBRO 1941 – 16h00 – O general de Gaulle pediu-me informar particularmente Vossa Excelência de ter ordenado ao seu representante em Buenos Aires ir ao Rio de Janeiro, em caráter particular, durante a próxima Conferência dos Ministros das Relações Exteriores dos países americanos, na qual está muito interessado. Acrescentou que a referida pessoa recebeu instruções para prestar todas as informações que Vossa Excelência julgar necessárias sobre a atitude da França Livre na África, nas ilhas do Pacífico e na América e a situação atual de Dakar e da Guiana Francesa, assim como sobre quaisquer outras questões que possam interessar ao governo brasileiro.
MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 31 DEZ. 1941 • AHI 28/2/6

[*Índice*:] O problema Hindu.

N. 930

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 31 de dezembro de 1941

Senhor Ministro,

As decisões tomadas pelo Congresso Pan-Hindu revestem uma importância que não pode ser menosprezada.

2. De fato o congresso rompeu com o senhor Gandhi e, seja qual for a fórmula jurídica invocada para cobrir essa decisão, ela não pode deixar de ser assim considerada.

3. Não resta dúvida que foi o próprio Mahatma quem pediu ser dispensado de suas funções de *leader* do Congresso e que o *Bureau* não fez mais do que aceder a esse desejo, mas isso não impede que as divergências que separam o senhor Gandhi dos seus antigos partidários continuem profundas e graves.

4. Isso, aliás, está evidenciado na carta que o Mahatma dirigiu ao presidente do Congresso pedindo sua renúncia e na qual nem mesmo dissimula as divergências acima referidas.

5. A revolução [*sic*] de 16 de setembro de 1940, ratificada pelo congresso Pan-Hindu, respeitou evidentemente as propostas do vice-rei das Índias e repeliu as condições por ele impostas no que diz respeito à cooperação com a Grã-Bretanha na conduta da guerra.

6. O congresso além disso insistia sobre uma plena liberdade em prosseguir a política fundada na "não violência" desejando, entretanto, segundo sua própria expressão, que a "não resistência não fosse levada, além do necessário, para a preservação da liberdade dos povos".

7. Tudo indica que a interpretação sobre essa frase é a causa principal do conflito, pois o senhor Gandhi julgava que o congresso tinha manifestado claramente a sua oposição de princípio a qualquer guerra e assim, na sua opinião, a tese de não resistência ao mal devia prevalecer em qualquer circunstância apesar de quaisquer riscos.

8. O *Bureau* do congresso não pensa assim e julga que as simpatias das Índias devem incontestavelmente ser dirigidas para os povos vítimas de agressões e que lutam pela sua liberdade, não podendo deixar de considerar a atual situação resultante do desenvolvimento e extensão da guerra e o fato que ela se aproxima das Índias.

9. O *Bureau* não pode deixar de tomar em consideração as necessidades da defesa do país e da ajuda que convém dar para "o triunfo das grandes causas que o conflito atual põe em perigo", nos próprios termos de sua declaração.

10. Sem dúvida a resolução do *Bureau* lamenta que a Grã-Bretanha não tenha ainda mudado sua política e proclama que somente poderia apresentar o seu papel na presente guerra uma Índia livre e independente como os demais domínios.

11. Segundo informações que pude obter em boas fontes, tudo parece indicar que o terreno está sendo preparado para a conclusão de um acordo entre as Índias e Londres.

12. Um telegrama de Nova Delhi, hoje publicado pela imprensa em

lugar de destaque, insinua que a resolução do congresso Pan-Hindu deve facilitar a abertura de negociações diretas entre as duas partes para a eliminação das presentes dificuldades e assim a Grã-Bretanha pode contar com o apoio completo de todas as forças políticas das Índias.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

1942

OFÍCIO • 02 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[*Índice:*] Mês político n. 1.

N. 3

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 2 de janeiro de 1942.

A Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n. 1, relativo ao mês de dezembro de 1941.

[*Anexo*]

Mês Político n. 1

Afinal Hitler logrou alistar ao Eixo a assistência de um aliado possuidor de uma marinha poderosa. Para realizar o seu sonho de dominação mundial, ele precisava firmar sua supremacia não só em terra e no ar como, em face da superioridade marítima dos seus inimigos, no mar. Só com o Japão a seu lado poderia fazê-lo, uma vez que a pressão que vem exercendo sobre a França não lhe deu ainda a esquadra francesa. Para isso, Hitler terá oferecido ao Japão o controle da Oceania ou outro engodo equivalente. A entrada do Japão na guerra acarretou a dos Estados Unidos ao lado da Inglaterra e como o ato de declaração de guerra foi deliberado, evidentemente Hitler o fez em virtude de acordo com o Japão. De outro modo, ele teria induzido os japoneses a só agredirem a Inglaterra, na esperança de que os Estados Unidos continuassem à margem.

Terminou o ano de 1941. Apesar dos golpes rudes que os japoneses infringiram [*sic*] à Marinha e às bases avançadas da Grã-Bretanha no Oriente, a situação é, sem dúvida, mais favorável que há um ano atrás [*sic*]; o novo ano foi acolhido com mais confiança que o precedente.

A Grã-Bretanha tem agora dois poderosos aliados na Rússia e nos Estados Unidos, quando o ano passado ela estava sozinha. Considerada a guerra globalmente, pode-se dizer que a resistência britânica em 1940 forçou a Alemanha a voltar-se para o Oriente. A resistência russa em 1941 obrigou a Alemanha a retroceder e a apelar para a Marinha e o Exército japoneses. A Inglaterra só pode ser batida no oceano. Para conquistar a colaboração do Japão ao Eixo, Hitler forçou Vichy a ceder-lhe a Indochina, o que colocou a península malaia dentro

da esfera da ação japonesa. A 7 de dezembro, o Japão desferiu o golpe de surpresa, que lhes conferiu grandes vantagens iniciais. A diversão era necessária para desviar a atenção pública alemã dos recentes desastres na frente russa. A demissão de Brauchitsch visa atirar-lhe sobre os ombros a responsabilidade do fracasso. Hitler assumiu a direção suprema dos exércitos e ganha assim tempo. Ele manterá a defensiva durante o inverno, que aproveitará para refazer os seus quadros e repousar as suas tropas para uma futura operação, na primavera, quando atacará o Cáucaso, a Turquia, ora quiçá a própria Inglaterra. Esta última alternativa dependendo do dano que o Japão possa infligir à esquadra e à marinha mercante britânicas.

A perda dos couraçados *Price of Wales* e *Repulse* demonstraram quão leviano e desprevenido foi o comando britânico ao expô-los sem proteção aérea.

Na Malásia, nem sequer os aeródromos estavam bem defendidos por forças terrestres, como se viu no ataque a Kota Bahru. Hong Kong não era a fortaleza inexpugnável como a ela se referiram não só o alto comando como também a imprensa. Na verdade, esses encontros vieram demonstrar que as lições da guerra ainda não foram aprendidas pelos chefes responsáveis.

Churchill e, em seguida, Roosevelt confessaram francamente a gravidade da situação. Atribuíram-na à surpresa e à traição japonesas. Até agora as duas marinhas não puderam reagir ao golpe desferido em Pearl Harbour e na costa da Malá[s]ia. Hong Kong rendeu-se a 25. Os desembarques japoneses em Penang e nas Filipinas continuam desimpedidos e o avanço dessas tropas sobre os seus objetivos prossegue vitorioso enquanto se retiram os exércitos imperial e americano.

O governo será obrigado pelo país e pelo Parlamento a tomar mais a sério a guerra no Oriente. É provável que agora se concretize o clamor pela formação de um Gabinete Imperial de Guerra. A Austrália e a Nova Zelândia, diretamente ameaçadas, deram vazão ao seu alarme. Daí o entendimento entre os governos da Austrália e dos Estados Unidos, que equivale a uma aproximação entre esses dois países, fora do quadro do Império. A 19 foi constituído um Conselho de Estado em Cingapura, com o senhor Duff Cooper, ministro-residente, representando o *War Cabinet*.

⌘⌘⌘⌘

A 22 foi anunciada a chegada de Churchill a Washington, notícia mantida em segredo desde o dia 15, data em que efetivamente partiu.

Ele foi tratar da unidade de ação entre os comandos aliados, coincidindo com a presença do secretário de Estado Eden em Moscou, para o mesmo objetivo.

Diz-se que a principal razão da viagem do primeiro-ministro foi assegurar à guerra na Europa a manutenção do esforço industrial-bélico dos Estados Unidos, tratar de convencer o presidente e governo americanos que o inimigo número um é e continuará a ser a Alemanha. Parece vitorioso o seu objetivo. Os Estados Unidos continuarão a suprir as necessidades dos Aliados na Europa, mantendo a sua promessa de ser o arsenal das democracias, a despeito das novas exigências que a agressão japonesa veio trazer à sua sobrecarregada capacidade industrial.

No dia 28 Churchill falou na Câmara dos Representantes, em Washington; uma quebra dos precedentes, e que marcará na história das relações anglo-americanas. Churchill lembrou com notável franqueza aos congressistas americanos que se a Inglaterra e os Estados Unidos tivessem agido de concerto e mantido uma frente única depois da guerra passada, a renovação da tragédia teria sido evitada agora, repetindo o que já dissera Roosevelt poucos dias antes ao povo americano, que nenhuma nação pode viver em isolamento. Comentando esse discurso, o *Times* disse que a Grã-Bretanha aprendera essa dura lição para não a esquecer tão cedo e a Rússia fez a mesma experiência este ano. A paz não pode ser mantida, nem a prosperidade reconquistada, continua o editorialista, mediante ações isoladas. A colaboração, portanto, dos Estados Unidos, dos sovietes e da Grã-Bretanha é a única garantia de que a ameaça do Eixo contra a civilização será desta vez contida, e a sua continuação, depois da guerra, é a única esperança de sua reconstrução sobre bases de justiça e liberdade.

⌘⌘⌘⌘

A batalha da Líbia está tendo afinal o êxito com que no princípio se contava. Não só o porta-voz militar no Cairo, como o primeiro-ministro, a 21 de novembro, fizeram declarações de um tal otimismo que se esperava aqui uma vitória sensacional e rápida, que eliminasse todas as forças do general Rommel e as italianas na Cirenaica, o que não aconteceu. Durante duas semanas feriram-se combates violentos e indecisos na região da fronteira. [Na] verdade esse otimismo não foi justificado pela qualidade dos *tanks* americanos, cujo armamento não era de ordem a enfrentar certos tipos de *tanks* alemães de armamento

mais pesado. Foi substituído um dos Cunningham pelo general Ritchie e o general Auchinleck teve que intervir pessoalmente. Em todo o caso, uma grande parte das três divisões com que começou a batalha foi destruída e é provável que o pouco que escape ao cerco dos britânicos não seja para inquietar.

A 11 de dezembro Churchill, no Parlamento, empregou linguagem mais sóbria ao fazer a sua declaração sobre o progresso dessa batalha.

A grande significação da vitória britânica é que veio ajudar a Rússia, pondo um fim à lenda da invencibilidade alemã.

A 7 de dezembro a Grã-Bretanha declarou guerra à Finlândia, à Hungria e a Romênia. O Foreign Office postergou o mais que pôde esse passo pedido pelos russos, na esperança de que os americanos conseguiriam mediar entre a Finlândia e a Rússia. Tal política do Foreign Office, dilatória, tem sido objeto de censura na imprensa, que já se manifestara a propósito das legações alemã e italiana em Teerã, retiradas só depois de alguns dias de ocupação. Em consequência, está havendo maior vigilância por parte da Casa dos Comuns nas atividades do Foreign Office.

⌘⌘⌘⌘

No seu discurso perante o Congresso, o senhor Salazar expôs sucintamente o que ocorreu no Timor português, por ocasião da ocupação preventiva de Díli por tropas australianas e holandesas.

Já em oficio tive ocasião de relatar as razões alegadas pelo governo britânico para tomar essa iniciativa que ele julgou indispensável ante às ameaças que se desenhavam de um eventual ataque japonês nesse ponto estratégico para uma invasão da Austrália. Já em novembro, o governo português havia concedido a uma companhia de navegação aérea japonesa o direito de estabelecer uma linha ligando essa ilha à rede japonesa do Pacífico. A guarnição portuguesa na ilha não passava de uns poucos oficiais e cerca de sessenta homens. A experiência anterior da Grã-Bretanha, respeitosa até agora da neutralidade dos pequenos países, só lhe ocasionara desastre sobre desastre, no norte da Europa como nos Balcãs; o governo português, por outro lado, estava em situação embaraçosa para ir mais longe do que assentara com os dois governos britânico e holandês – isto é, de apelar para a ajuda militar das forças destes países, quando esta já seria tardia, para a hipótese de verificar-se a agressão. Nestas condições é explicável que Londres não hesitasse em ultrapassar as bases do entendimento chegado com Lisboa a 12 de dezembro. A 17 de dezembro, portanto, procedeu ao desembarque de tropas, dando nessa ocasião a segurança de que as mesmas seriam evacuadas logo que o perigo desaparecesse.

O governo português não se conformou com essa decisão unilateral. Protestou com veemência contra o desrespeito à sua soberania e aos termos do acordo recém-entabulado. Tal é o ressentimento demonstrado pelo governo, como pelo povo, que se teme que o embaixador português seja retirado de Londres.

Os alemães estão exercendo forte pressão para que Portugal rompa com a Grã-Bretanha, ao que o senhor Salazar estaria opondo resistência, esperando achar uma saída amigável que resolva o passo difícil.

Diz-se em Londres, e o pessoal da embaixada portuguesa confirma a versão, que se a Alemanha invadir a península Ibérica, Portugal não podendo oferecer resistência, seu governo se refugiará nos Açores ou na África, caso os norte-americanos, do seu lado, decidam ocupar aquele arquipélago.

⌘⌘⌘⌘

A estada do senhor Eden em Moscou coincidiu com as vitórias do Exército Vermelho sobre forças invasoras, numa ofensiva que prossegue animadora.

Não se sabe ao certo quais as medidas militares que foram assentadas em comum durante as conferências de Eden e seus peritos com Stalin, Molotov e outros membros do governo russo, mas não há dúvida que eles abordaram todos os problemas da guerra, consolidando a coalizão, de que falou Stalin há dois meses, dos Estados Unidos, Rússia e Grã-Bretanha. A principal preocupação desses homens de Estado deve ter sido a da defesa eficaz do Cáucaso, não só pela importância dos poços de petróleo, como pela sua posição estratégica como porta de acesso para o Médio Oriente. Não é exato que a Rússia tenha feito exigências à Turquia a respeito dos Dardanelos. Tanto ela como a Grã-Bretanha aprovam a atitude diplomática que a Turquia vem adotando na guerra, respeitosa dos seus compromissos internacionais.

Tampouco tem fundamento os boatos lançados pela mesma propaganda alemã de que os sovietes venham exercendo pressão sobre a Pérsia para que assine o tratado, em negociações, com aquele país de um lado e com a Grã-Bretanha do outro. Enquanto funcionam satisfatoriamente os presentes arranjos para a passagem de suprimentos à Rússia através da estrada de ferro transiraniana, nem um nem outro país precisam preocupar-se com a demora na assinatura do tratado de aliança.

Não há indicação de que os ingleses tenham procurado induzir o governo russo a dividir seus esforços para atacar o Japão. Entretanto, não é improvável que se a Rússia se sentir suficientemente forte

na frente ocidental, ela se anime a atacar com a sua aviação as ilhas japonesas.

⌘⌘⌘⌘

Evidentemente a Grã-Bretanha não contava com o ataque simultâneo japonês contra as suas possessões no Pacífico e as dos Estados Unidos. Há quem critique o sacrifício feito em Hong Kong, durante 18 dias, dos seis batalhões que constituíam a guarnição daquela ilha.

Foi um otimismo fácil o que predominava em certas rodas de que Hong Kong era uma segunda Tobruk. A situação era bem diferente. Não tinham os ingleses lá o comando dos mares para reforçar a defesa. O Japão tirou todo o partido das novas bases que conquistara previamente na Indochina e no Sião para invadir a Malásia, bem como da deficiência britânica no ar, de que resultou o desastre naval na costa malaia. Em face dessa inferioridade, já não se pode considerar a posição em Cingapura como inviolável, só porque a Marinha está ali em força suficiente. Será necessário que se a reforce imediatamente com aviões de caça, cuja falta tanto se tem feito sentir. O Japão há de efetuar um esforço supremo para conquistar essa chave da defesa britânica, pois, sem se apoderar dela e enquanto as bases navais holandesas, de onde submarinos e aviões têm eficazmente intervindo [*sic*] na ação, estiverem à disposição dos Aliados, todas as suas conquistas serão precárias.

⌘⌘⌘⌘

Deu muito que falar aqui e nos Estados Unidos a ação do almirante Muselier ao apoderar-se das ilhas francesas de St. Pierre e Miquelon ao largo do Canadá.

Não é certo que para os ingleses tivesse sido uma surpresa. O general de Gaulle havia informado o governo britânico do que pretendia fazer, contando como contava com a maioria da população dessas ilhas, que o plebiscito veio confirmar. Parece que os ingleses desaconselharam-no a fazer, já visto terem os Estados Unidos obtido certas concessões do governo de Vichy quanto ao serviço meteorológico situado nessas ilhas.

De Gaulle, porém, não julgou que devesse sacrificar a sua decisão independente a esses escrúpulos.

Como não conviesse aos americanos expor as suas boas relações com Vichy, apoiando a ação dos Franceses Livres, relações que eles reputam vantajosas para ajudar os franceses a resistirem à pressão alemã, deram demonstrações de desagrado, mas que ficarão prudentemente nisso, aceitando o fato consumado. Ficou, aliás, provada, depois

da ocupação, a participação da poderosa estação de rádio no serviço de informações aos submarinos alemães.

Londres, 2 de janeiro de 1940.

Redação do ministro-conselheiro J. de Sousa-Leão Filho

❖

TELEGRAMA • 05 JAN. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Proteção de interesses italianos. Assistência médica a prisioneiros na Grã-Bretanha.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

2 – 5 janeiro 1942 – Governo italiano pede que as autoridades britânicas distribuam, de modo mais conveniente, os médicos italianos nos campos de concentração de prisioneiros de guerra na Grã-Bretanha. Deseja também conseguir desse governo a formação de comissões mistas, compostas de médicos ingleses e italianos, para visitar os prisioneiros atacados de tuberculose. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 07 JAN. 1942 • AHI 29/5/5

[Índice:] Espionagem nazista na América do Sul.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

3 – quarta-feira – 7 janeiro 1942 – 11h15 – Fui informado, confidencialmente, de que agenciadores nazistas na América do Sul estão sendo instruídos e habilitados, financeiramente, por intermédio de Portugal e Espanha para provocarem agitações e, possivelmente, revoluções no nosso continente, criando dificuldades à colaboração com os Estados Unidos da América e desorganizando a política de solidariedade americana, principalmente para impedir o prosseguimento das medidas que visam intensificar a nossa defesa. Instruções especiais teriam sido enviadas para perturbar a Conferência que aí se deve reunir dentro em poucos dias. Informações aqui chegadas indicam que agentes alemães

e italianos estão informando submarinos, por meio de emissoras clandestinas, dos movimentos dos navios aliados na América do Sul. As principais estações referidas estariam localizadas no Brasil, Argentina, Chile e Equador. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 07 JAN. 1942 • AHI 29/5/5

[Índice:] Repercussão dos últimos acontecimentos. Comentários lisonjeiros do *South American Journal* s[obre] o Brasil.

Da Embaixada em Londres

12 – QUARTA-FEIRA – 7 JANEIRO 1942 – 23h45 – A agravação da situação no Pacífico contribuiu para diminuir a satisfação provocada pelas derrotas ítalo-alemãs na Rússia e na África. As lições do ano findo foram demasiado graves para serem facilmente esquecidas. Assim o governo, a imprensa e as personalidades responsáveis de todas as seções da opinião pública buscam tudo fazer para evitar toda e qualquer negligência no preparo de defesas adequadas e na intensificação do esforço comum de guerra. Os meios militares competentes apoiam as declarações do primeiro-ministro Churchill sobre o perigo iminente de tentativa alemã de invasão e de novos bombardeios da Grã-Bretanha, exigindo toda a vigilância. O discurso do presidente Roosevelt produziu muita impressão. A próxima Conferência do Rio de Janeiro continua a inspirar o maior interesse. O *South America Journal* publica extenso artigo em que elogia o trabalho e a prosperidade do Brasil e sua atitude nas atuais circunstâncias, enaltecendo o esforço inteligente e a hábil direção política do presidente Getúlio Vargas. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 08 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Editorial do *Times* sobre a América do Sul.

N. 17

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 8 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos, em anexo, o importante editorial do *Times* de hoje, intitulado "Sexto Continente", sobre a posição da

América do Sul em face dos Estados Unidos na guerra e a propósito da próxima Conferência dos Ministros das Relações Exteriores no Rio de Janeiro.

2. O editorial alude à política do presidente Vargas de entendimento com os Estados Unidos e aos problemas criados pelo considerável número de colonos japoneses, italianos e alemães.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

Anexo:

The Times, Londres, 8 de janeiro de 1942.

"The Sixth Continent"

While the Prime Minister and Mr. Roosevelt are engaged in coordinating the strategy of campaigns involving five continents, the sixth continent is in the throes of defining its position. Elsewhere all the major countries have been drawn into the war as combatants. South America is still involved only as a benevolent neighbor of the northern continent, to which it is bound by Pan-American agreements and by a sense of common peril; and the significance of these agreements and the statesmanship of those who concluded them will shortly be put to the teste at a new conference of all the American States, due to assemble at Rio de Janeiro during this month. The small Republics of Central America, one after another, have already gone the full length of declaring war on Japan, on Germany, and Italy. Populous Cuba, where the Falange (with Hitler's approval) long angled for the support off a supposedly disaffected Latin people, has been notably strong and united behind a policy of war against all the aggressors. Mexico, where commercial frictions have sometimes obscured the true aspect of policy, has expressed solidarity by breaking off diplomatic relations with all the aggressor Powers. Behind this resolution the contesting Mexican parties have closed their ranks. President Camacho has appointed his predecessor and rival, General Cardenas, to command the forces on the exposed Pacific coast of the Republic. From Alaska to Panama, throughout North and Central America, the Germans, the

Japanese, and the Italians have been sent packing from their official posts of intrigue. In South America Axis diplomatists remain in occupation of most of their embassies and consulates, through with the knowledge that their activities lie under the wide-eyed observation of the authorities.

South America has for two years suffered economic convulsions through the war in Europe and the Atlantic, and during this time peoples and Governments have learned more and more clearly where to put the blame, and from which side to expect a restitution of commercial safety and order. They have also had opportunity to study Axis fifth column technique throughout the world. This has made the South Americans reflect that war is not what it was in the days when Garibaldi helped to spread freedom through their continent: every show of courtesy, every act of hospitality offered to the totalitarians is turned to account for the ruthless purposes of these deriders of faith and chivalry. When Japan consummated a long- prepared plot by the assault of December 7, President Roosevelt at once communicated the facts to all signatories of the Act of the Havana Conference of 1940 – that is, to the Governments of all the American Republics – and received from them a "heartening response". All of them have affirmed relations of solidarity with the United States as the victim of aggression in accordance with the formula which had been agreed to at Havana. Some have taken more positive measures, freezing assets and seizing shipping of the aggressors. Indeed Bolivia, and inland State, has declared war on Japan; while first Colombia and now Venezuela have severed diplomatic relations with Berlin, Tokyo, and Rome.

Elsewhere Governments have been criticized for resting content with a simple fulfilment of obligations. The Government of Argentina was one of the first to answer the notification sent by the United States with a declaration of solidarity; the Argentine President sent a special message of sympathy to President Roosevelt. When, however, public opinion began to demand more energetic cooperation with the democracies, a state of siege was declared, and the Argentine Press has been admonished not to speak ill of anybody at all – a hard counsel in a wicked world. How can the organs of opinion in such a firmly established State, with its jealously upheld constitutional principles, refrain from pointing out that the enemies of North America are plotting to destroy those principles everywhere in the world, and that they have long arrogated to themselves a special mission to overthrow any State which lives by lawful trade and prizes free institutions? Most Argenti-

nians are certainly as well aware as other citizens of the American continents how completely the programme which Nazi Germany preaches, and would translate into practice if she were victorious, is at variance with every ideal which Americans hold dear.

In neighbouring Brazil President Vargas has lately been moulding policy within the lines of a steady understanding with the United States. Brazil, with a large colony of Japanese in her midst, knows something of what it means to try to negotiate with the militarists of Tokyo, Brazil also gives the hospitality of her soil to large and concentrated groups of Italians and Germans who have for years been nursed by the Axis Governments in the design of rendering them a potent fifth column on the day of need. The effects of this work cannot disappear in a month, yet the fact that a Japanese outrage has brought the United States fully into the war against Germany and Italy has brought it home to the wiser and warier Brazilian citizens and settlers of German and Italian race, as it has to their fellows in the United States, that Hitler and Mussolini have outlawed themselves from the community of peoples of European origin. The conditions have thus been given for clearer line of policy than once seemed possible. The other State directly acquainted with the Japanese (and, like Brazil, also with a drilled and self-conscious German minority) is Chile, which shares chiefly with Peru the guardianship of an immense Pacific coastline. These and other States which have extended littorals a long one or other of the two great oceans are now faced with an urgent problem, of joint preparation in defense. The combined navies of Latin America would include five capital ships and a total weight of 200,000 tons. This force can exert an influence on the world situation, and its existence will be much in the minds of the deliberators at Rio de Janeiro this month.

In September, 1939, the ultimate scope of Axis policy was already clear. It was then that at the Panama conference the Foreign Ministers of all the American Republics agreed to a declaration of continental solidarity which was reinforced at the Havana conference of Jul, 1940. Under Article XV of the Act of the latter conference, any attempt on the part of a non-American State against the integrity of an American State is deemed an act of aggression against all of them. All the States are pledged to consultation on the circumstances of such and aggression, and may, according to the circumstances, negotiate agreements for common defense. It is to such a consultative conference, to be held at Rio de Janeiro, that

all the American States have been invited to send representatives in a fortnight's time.

❖

TELEGRAMA • 09 JAN. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: RM (III) Pedido de informações sobre a ordem do dia da 3ª Reunião de Ministros.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres[1]

9 – 9 JANEIRO 1942 – Resposta ao telegrama n. 9. A Conferência tratará de assuntos ligados à proteção do hemisfério ocidental e à solidariedade econômica das repúblicas americanas. Na parte política serão estudadas as medidas que devam ser tomadas contra atividades prejudiciais à paz e à segurança de cada país e as que venham a integrar-se na reconstrução da ordem mundial. Na parte econômica procurar-se-á dar estrutura mais sólida à economia interamericana, abordando-se a fiscalização da exportação, a produção estratégica, a manutenção da economia doméstica de cada república e a vigilância das atividades de estrangeiros no campo da economia e do comércio. EXTERIORES

❖

OFÍCIO • 09 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Artigo do *South American Journal* sobre o Brasil.

N. 22

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 9 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

Em adiantamento ao meu telegrama de 8 do corrente, tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, nos inclusos recortes, o texto do artigo publicado pelo *South American Journal*, de 3 deste mês, sobre o Brasil.

2. Trata-se, como Vossa Excelência verá, de uma recapitulação, em termos muito favoráveis, das atividades brasileiras, em todos domínios, durante o ano de 1941.

3. Diz o artigo, o qual foi intitulado "The Progress of Brazil", que

1 Intervenção à caneta: "também Berlim e Roma".

a escolha do Rio de Janeiro para sede da reunião dos ministros das Relações Exteriores das nações americanas, reunião essa determinada pela situação internacional, pode ser considerada como um gesto reconhecendo a posição tomada pelo presidente Getúlio Vargas em favor da solidariedade continental.

4. Durante o ano de 1941, continua o artigo, o Brasil indicou progressivamente sua atitude com relação à guerra. Das várias declarações oficiais a esse respeito, se destaca o claro aviso dado aos países agressores pelo presidente Getúlio Vargas, por ocasião da celebração do aniversário da independência brasileira, e o ponto culminante foi a declaração de solidariedade formulada logo após os últimos acontecimentos mundiais.

5. O jornal menciona a expansão brasileira, no tocante à aeronáutica e à construção de portos, como planejada de acordo com a defesa pan-americana, salientando que a unidade brasileira, em face de uma eventual agressão exterior, foi tornada possível pela unidade interior e política nacionalista seguida pelo regime do presidente Getúlio Vargas, sem interrupção durante o ano passado. Refere-se à criação do Ministério da Aeronáutica, que diz ter livrado o país da influência estrangeira, principalmente alemã, num setor importante das nossas atividades, aludindo ainda à instituição da Comissão da Marinha Mercante e do Departamento Nacional de Estradas de Ferro, como à interdição dos jornais e títulos em língua estrangeira, medidas – acrescenta – cuja sabedoria se torna evidente logo que se consideram as proporções da colônia alemã existente no Brasil, a qual desconhece o idioma do país e antes ali formava um forte grupo antinacionalista. Aliás, os acontecimentos dos anos passados forneceram completa justificação, se é que isso se tornava necessário, para a política seguida pelo presidente Getúlio Vargas, criando o Estado Novo, no qual os interesses nacionais tiveram precedência sobre as necessidades de certos grupos ou do estrangeiro.

6. O *South American Journal* menciona, a seguir, o interesse do Brasil em entreter relações culturais e comerciais com os outros países latino-americanos, citando os acordos firmados com a Bolívia e o Paraguai, assim como os ajustes comerciais feitos com a Argentina. Nos pactos assinados com esta última república – diz – foram estabelecidas certas felicidades cambiais que representam o primeiro passo para uma união aduaneira brasileiro-argentina.

7. Finalmente, o jornal estampa alguns quadros estatísticos sobre o nosso comércio e finanças, nos últimos dez anos.

8. A propósito desse artigo, devo dizer a Vossa Excelência que fomos

procurados, nesta embaixada, pelo Senhor Douglas Organ, editor do jornal em questão, o qual perguntou se desejaríamos reservar uma ou duas colunas na sua revista anual, para reprodução do mesmo artigo. Essa revista tem grande circulação, custando cada coluna £ 8-8-0.

9. O *South American Journal*, como algumas vezes, anteriormente, tivemos ocasião de dizer a Vossa Excelência, costumava referir-se ao nosso país de modo um tanto desagradável, devido, segundo parece, ao fato de não os termos subsidiado por meio de um grande número de assinaturas. O seu artigo, acima comentado, evidencia assim a que ponto melhorou o conceito em que é tido o Brasil aqui e o interesse que agora existe na Inglaterra pelo nosso país. A vista disso seria talvez conveniente aproveitarmos esta oportunidade para satisfazer a revista, atendendo ao pedido do senhor Organ. Assim, rogo a Vossa Excelência a bondade de mandar examinar o assunto e, se possível, autorizar-me a sacar o necessário (£ 16-16-0) para o mencionado fim.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo:* "The Progress of Brazil". *The South American Journal*, Londres, 3 de janeiro de 1940.]

❖

TELEGRAMA • 19 JAN. 1942 • AHI 29/5/5

[Índice:] RM(III) Mensagem do general de Gaulle à III Reunião de Chanceleres.

Da Embaixada em Londres

32 − SEXTA-FEIRA – 19 JANEIRO 1942 – 17h45 − O general de Gaulle antecipou-me para transmitir a Vossa Excelência a seguinte declaração que publicará amanhã: o Comitê Nacional francês não podia ficar insensível à imponente manifestação de solidariedade pan-americana, que tem lugar no quadro magnífico do Rio de Janeiro. Os laços inúmeros, que unem a França à América latina, quando a pátria é incapaz de exprimir-se em alta voz, levam os Franceses Livres a demonstrar

completa união de coração e espírito. De todas as nações do novo continente nos chegam mensagens de simpatia e encorajamento que tocam os nossos corações. No momento em que os representantes da América latina, ameaçada também pela política da agressão, deliberam em Comitê Nacional, expressa em nome da França inteira sua confiança na vitória. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA[2] • 23 JAN. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Fórmula aprovada pela 3ª Reunião de Chanceleres para o rompimento de relações com os países do Eixo.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
Às Embaixadas em Londres, Vichy, Berlim, Lisboa,
Roma, Madri e Tóquio

27 – 23 JANEIRO 1942 – Em reunião plenária dos ministros das Relações Exteriores das repúblicas americanas foi, esta noite aprovada a seguinte recomendação[3]: "I) Repúblicas americanas reafirmam considerar qualquer ato agressão dum [*sic*] Estado extracontinental contra uma delas como agressão contra todas, constituindo ameaça imediata à liberdade e independência América; II) Repúblicas americanas reafirmam completa solidariedade e sua determinação cooperar todas juntas para sua proteção recíproca até que efeitos presente agressão contra continente tenham desaparecido; III) Repúblicas americanas, seguindo processos estabelecidos em suas próprias leis e dentro posição e circunstâncias de cada país no atual conflito continental, recomendam ru[p]tura suas relações diplomáticas com Japão, Alemanha e Itália, tendo primeiro desses Estados agredido e outros dois declarado guerra a um país americano; e IV) Repúblicas americanas declaram último que antes restabelecimento relações a que se refere parágrafo anterior se consultarão entre si fim sua resolução tenha caráter solidário". EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 28 JAN. 1942 • AHI 29/5/5

2 Anotação à caneta no verso: "Berlim, Roma, Tóquio, aguarde instruções que seguirão oportunamente".
3 Tachado no original; acima à caneta: "declaração conjunta".

[*Índice*:] Ruptura de relações do Brasil com o Eixo. Proteção de interesses italianos.

Da Embaixada em Londres

44 − QUARTA-FEIRA – 28 JANEIRO 1942 – 11h30 − O rádio e os jornais de hoje noticiam e assinatura, ontem, do decreto de rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo. Agradeceria confirmação, a fim de poder comunicar ao governo britânico, devido à proteção dos interesses italianos. Agradeceria saber a quem devemos transferir esse encargo. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 28 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[*Índice*:] A Conferência do Rio de Janeiro.

N. 57

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 28 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar as informações que enviei a Vossa Excelência pelo telégrafo sobre o interesse aqui despertado pelos trabalhos da Conferência dos Ministros das Relações Exteriores Americanos aí reunida.

2. A imprensa desta capital e de toda a Grã-Bretanha publicou um desenvolvido serviço telegráfico e as irradiações da British Broadcasting Corporation também trataram do assunto em forma excepcional.

3. As decisões tomadas são aqui consideradas no seu justo valor sendo devidamente apreciada a importância que representa o fato incontestável da existência de uma unidade continental formando um bloco indestrutível.

4. A resolução final deu ao mundo a exata impressão de que existe uma base comum de entendimento entre os povos das Américas, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, apresentando uma união que infelizmente os países europeus não souberam manter nos momentos mais críticos em face dos seus agressores.

5. Da conferência foi também salientado que a única reserva estabelecida na recomendação de ruptura de relações com as potências do Eixo tenha sido precisamente uma ressalva de caráter essencialmente democrática, pois, se refere à consulta a organismos legislativos de

certos países que ainda dependem dos seus Parlamentos para tais resoluções.

6. A propaganda inimiga está tentando explorar esse fato, buscando fazer crer que se trata de uma contemporização com os países do Eixo, ou melhor, como sendo um sinal de temor em face de suas ameaças de represálias.

7. A impressão geral dos debates do Rio de Janeiro é que as Américas estão intimamente solidarizadas, mais do que nunca, com os princípios e ideais preconizados pelos povos livres que lutam pela sua liberdade.

8. Para o europeu vítima da expansão do nazismo a sensação produzida pela Conferência do Rio é que os povos americanos compreenderam o real perigo representado pelo isolacionismo e pela infiltração das doutrinas extremistas em países liberais.

9. Todos se regozijam pelo fato de que o continente americano parece ter bem compreendido e aproveitado a lição dada pelos alemães e italianos na sua ânsia de domínio e agressão.

10. Muitos aqui temiam que Berlim e Roma, usando as suas armas traiçoeiras e preferidas da corrupção interna, da mistificação ideológica para obter a decomposição administrativa de países livres, constituísse um perigo dificilmente evitável.

11. A imprensa em geral e nos círculos políticos mais autorizados todos rendem justiça ao trabalho patriótico do senhor presidente Getúlio Vargas com a valiosa colaboração de Vossa Excelência que tem imprimido ao Brasil um progresso extraordinário, aumentando as suas forças defensivas nos graves momentos que atravessamos.

12. As decisões tomadas impressionaram profundamente o governo britânico, assim como a ação enérgica e patriótica do nosso governo, demonstrativas de que o Brasil, confiado nos seus dirigentes, está disposto a lutar sem tréguas pela sua independência e a defender os demais países americanos no espírito de perfeita solidariedade continental sem ambições de qualquer natureza. Isso me foi dado ouvir de uma das mais altas personalidades políticas e com prazer informo a Vossa Excelência para os devidos efeitos.

13. Incluo uma coleção de recortes de jornais dos principais órgãos da imprensa britânica que se ocuparam sobre a reunião do Rio de Janeiro.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexos*:
N. 1 *Times*. Vários recortes datados de 15 a 29 de janeiro de 1942;
N. 2 *The Daily Telegraph*. Recortes datados de 16 a 23 de janeiro de 1942.]

❖

TELEGRAMA • 06 FEV. 1942 • AHI 29/5/5

Índice: RM(III) Mensagem do rei e do governo britânicos ao governo brasileiro.

Da Embaixada em Londres

56 – SEXTA-FEIRA – 6 FEVEREIRO 1942 – 17h00 – Fui hoje convocado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, o qual em entrevista extremamente cordial pediu-me, em nome de Sua Majestade e do primeiro-ministro, manifestar ao presidente da República e a Vossa Excelência a grande satisfação com que o governo britânico teve conhecimento do êxito obtido na Conferência do Rio de Janeiro, que considera como devido, principalmente, ao esforço e ao prestígio pessoal do presidente do Brasil e de Vossa Excelência. O senhor Eden declarou-me ainda que considera a Conferência um dos maiores acontecimentos políticos dos últimos tempos, acrescentando que podia assegurar ao governo brasileiro toda a colaboração da Grã-Bretanha, mormente referente à política de defesa do Brasil e do nosso continente em perfeita solidariedade com os Estados Unidos da América. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 06 FEV. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Proteção de interesses italianos. Encerramento e prestação de contas.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

39 – 6 FEVEREIRO 1942 – Havendo o Brasil interrompido as relações diplomáticas com a Itália a 28 de janeiro último, cessaram naquela data os serviços de proteção dos interesses italianos confiados a essa repartição[4].

4 Tachado no original: "missão".

Vossa Excelência deverá, portanto, encerrar aqueles serviços e a respectiva contabilidade, prestando deles conta detalhada à Secretaria de Estado. Como são frequentes os casos de demora na remessa de dinheiro, Vossa Excelência deverá transferir para a nova potência protetora, explicando-lhe a finalidade, qualquer quantia que depois daquela data lhe venha a ser entregue por conta do governo italiano. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 11 FEV. 1942 • AHI 29/5/5

[Índice:] Guerra. Situação nas diversas frentes de luta.

Da Embaixada em Londres

66 – QUARTA-FEIRA – 11 FEVEREIRO 1942 – 17h00 – A situação no Extremo Oriente é grave, sendo esperada uma batalha decisiva em Singapura dentro de 24 horas. O gabinete de Guerra do Pacífico está reunido quase permanentemente, em constante ligação com Londres e Washington, para deliberar sobre as medidas, visando principalmente uma ação defensiva tão rápida quanto possível, e o estabelecimento da unidade de comando nos principais centros de luta. Apesar do desenvolvimento da guerra japonesa, a situação na África continua entre as principais preocupações, devido, principalmente, à concentração da aviação alemã no sul da Itália e ao controle assumido por Berlim da força aérea italiana. Tudo indica que os alemães desejam o completo domínio na África setentrional, ajudados por Vichy, para melhor hostilizar os Aliados no Mediterrâneo e no Atlântico. A ação seria completada com a ameaça contra a Turquia para assegurar o domínio do Próximo Oriente e resolver o problema do petróleo, abrindo nova frente russa mais vulnerável. Continua a confiança na resistência russa. A última reorganização ministerial causou em geral boa impressão, robustecendo a posição do primeiro-ministro. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 16 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[*Índice:*] Ruptura de relações diplomáticas com os países do Eixo.

N. 100

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 16 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

De acordo com as instruções contidas na circular telegráfica de Vossa Excelência nº 1587, de 28 de janeiro último, dei-me pressa em passar nota a este governo informando sobre a ruptura das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha, Itália e Japão.

2. Entreguei pessoalmente a referida nota, de que junto uma cópia, e logo informei a Vossa Excelência pelo meu telegrama nº 50, de 29 de janeiro último, sobre a forma altamente cordial com que foi recebida essa notícia.

3. No dia 6 do corrente, fui convocado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros para ser informado de que Sua Majestade o rei, assim como o governo britânico, muito tinham apreciado a nossa decisão e que consideravam um triunfo pessoal do senhor presidente da República e de Vossa Excelência o legítimo êxito obtido pela conferência aí realizada.

4. Desse fato também logo dei notícia pelo meu telegrama n. 56, de 6 de fevereiro.

5. Nessa data recebi uma nota do Foreign Office, que junto em cópia, pela qual foi respondida a minha acima referida, confirmando as declarações a que fiz referência nos meus telegramas.

6. Devo ponderar que as declarações contidas no parágrafo 3 da aludida nota não foram determinadas por qualquer comunicação minha escrita ou verbal, mesmo porque ignoro o assunto, e suponho que sejam oriundas de informação recebida pelo governo britânico de sua embaixada no Rio de Janeiro.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]

N. 15

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 29 de janeiro de 1942.

Senhor Secretário de Estado,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência, para os devidos efeitos, que a Terceira Reunião Consultiva dos Ministros

das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, reunida no Rio de Janeiro, resolveu por unanimidade reafirmar a declaração de que considera qualquer ato de agressão de um Estado extracontinental contra uma delas como praticado contra todas, por constituírem ameaça imediata à liberdade e à independência da América, e, em consequência, recomendou a ruptura das relações diplomáticas das repúblicas americanas com o Japão, a Alemanha e a Itália, por ter o primeiro desses Estados agredido um Estado americano e lhe terem os dois outros declarado guerra.

2. O governo do Brasil, considerando a resolução acima referida e, fiel à sua tradição pan-americana, nunca tendo deixado de dar cumprimento imediato às decisões continentais, tal como a presente, que foi adotada pelas repúblicas americanas por forma solene e histórica naquela reunião, resolveu romper ontem suas relações diplomáticas e econômicas com o Japão, a Alemanha e a Itália.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência *The Right Honourable* Anthony Eden, M.P., M.C.
Principal Secretário de Estado de Sua Majestade Britânica dos Negócios Estrangeiros

❖

TELEGRAMA • 16 FEV. 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Discurso do primeiro-ministro britânico sobre a situação militar.

Da Embaixada em Londres

72 – SEGUNDA-FEIRA – 16 FEVEREIRO 1942 – 19h45 – O primeiro-ministro, ontem, no rádio, invocou a perfeita união nacional em face da maior derrota militar até hoje sofrida pelo Império Britânico, pois a divergência de opiniões, neste momento, seria crime mortal. Foram severas as críticas da imprensa em face da rendição de Singapura e da passagem da esquadra alemã pela Mancha, determinando interpelações na Câmara dos Comuns, onde o primeiro-ministro fará, dentro de poucos dias, declarações completas sobre os últimos graves acontecimentos. Recrudesce o desejo da opinião pública de que seja reforçada a coordenação dos três serviços de guerra com maior energia e ação, mesmo sob a orientação reduzida de um gabinete de Guerra,

composto de um ministro, independente de encargo administrativo, ideia essa a que o senhor Churchill tem resistido até agora, mas que parece inadiável nas atuais circunstâncias. O governo procura tranquilizar a opinião pública quanto ao futuro desenvolvimento da guerra, mormente quanto à possibilidade da invasão das ilhas britânicas. Os próximos debates serão acalorados, mas a confiança permanece intacta no primeiro-ministro, embora abalada em relação a alguns dos seus principais colaboradores, sendo exigida a formação de um governo com elementos mais jovens e enérgicos. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 20 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[*Índice*:] Cessação dos interesses italianos.

N. 110

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 20 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que, em obediência ao telegrama n. 39, de 6 do corrente dessa secretaria, esta embaixada já encerrou os serviços de proteção dos interesses italianos. A 19 do corrente tive comunicação do ministro da Suíça, de que a sua legação havia assumido esse encargo na Grã-Bretanha, pelo que somente hoje foi feita a entrega do edifício da embaixada italiana e dos arquivos da divisão especial da embaixada e do consulado-geral em Londres, relativos a esses serviços, à nova potência protetora, tendo sido tomadas providências junto aos demais consulados para que entreguem aos consulados suíços os arquivos dos consulados italianos, que lhes haviam sido confiados.

2. Para facilidade de referência, conforme o desejo expresso pelo Foreign Office e pela referida legação, foram emprestadas cópias da nossa correspondência com a embaixada do Brasil em Roma e com as autoridades do governo britânico, as quais ser-nos-ão devolvidas quando deixarem de ser necessárias, não havendo, aliás, assuntos de natureza confidencial nem reservada, que não conviesse dar conhecimento à legação da Suíça. Passei-lhe também o saldo dos fundos de assistência recebidos do governo italiano e as somas resultantes da venda de cinco automóveis pertencentes a membros da antiga embaixada italiana.

3. Logo que terminar os últimos pagamentos, prestarei contas detalhadas a essa secretaria, recolhendo o saldo à Casa Rothschild, na conta da delegacia do Tesouro.

4. Remeto a Vossa Excelência cópias dos relatórios que me apresentou o senhor Joaquim de Sousa Leão sobre os trabalhos agrícolas dos prisioneiros italianos e sobre as últimas visitas feitas por mim e pelos representantes da embaixada a diversos campos desses prisioneiros, conforme em tempo foi Vossa Excelência informado pelo telégrafo, os quais são detalhados depois de 28 de janeiro último, quando cessou o encargo da proteção dos interesses italianos. Entreguei cópias dos mesmos à legação suíça para que fossem levados ao conhecimento do governo italiano[5].

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 02 MAR. 1942 • AHI 28/2/7

[*Índice*:] Mês político n. 3.

N. 125

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 2 de março de 1942.

Senhor Ministro,

A Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n. 3, relativo ao mês de fevereiro próximo passado.

[*Anexo*]

Mês político n. 3

A queda de Singapura (a 14 de fevereiro), no panorama da história, tem a aparência de um golpe tão profundo como a perda das colônias americanas, disse o *Times*, num editorial de 28 de fevereiro. Num sentido,

5 Anexos não localizados no volume.

acrescentou o jornal, é igualmente irremediável: o domínio britânico no Oriente não será mais restaurado sob o mesmo aspecto, mas, como no caso da independência americana, servirá de ponto inicial para uma readaptação às novas condições, se é que a Grã-Bretanha há de continuar a ser uma grande potência. No futuro, prossegue o *Times*, não haverá mais lugar para a Grã-Bretanha do passado. Ela terá que fazer essa readaptação. Esse editorial ressoa quase como uma oração fúnebre. Já o correspondente em Batávia, referindo-se à perda de Malaca, considerou-a como o sinal súbito e dramático de uma época na história colonial do Império. Está, pois, bem definido o desafio que para a administração colonial britânica significam as vitórias japonesas na Ásia. Esses problemas tornaram-se prementes sobretudo em relação à China e à Índia, as duas grandes nações, que, sozinhas, contêm quase a metade da população do globo, e que no passado constituíram frutíferos campos para o espírito empreendedor dos ingleses. Ninguém poderá negar que o imperialismo britânico tenha sido civilizador, humano e construtivo. A integridade da sua administração civil será reconhecida pela história. Já a opinião pública inglesa admitia que o regime atual com relação à China e à Índia estava exigindo uma revisão. Essa necessidade já fora expressa nas declarações políticas dos homens de Estado, bem como nos debates parlamentares. Mas a transformação dessas aspirações não se traduzia senão de maneira lenta e relutante em programa governamental, sobretudo quanto à Índia. Falta de imaginação, pouca flexibilidade, demasiado tradicionalismo e apego aos interesses criados impediram uma reorientação suficientemente corajosa para enfrentar o temporal que desencadeou no Pacífico o aparecimento de outra grande potência imperialista como o Japão. O esforço guerreiro que a Índia vem fazendo, com o seu exército de um milhão de homens, o grande desenvolvimento da sua indústria bélica, vão lhe assegurar depois da guerra uma posição de considerável importância. O recente intercâmbio dos ministros plenipotenciários com os Estados Unidos e as suas relações especiais com a China já deixam entrever qual será o seu *status* internacional.

A herança dos tratados onerosos do século XIX só não perturbava as boas relações da Grã-Bretanha com a China porque esses tratados já haviam caducado com a invasão japonesa desde 1937. Salta aos olhos que depois da guerra eles não serão mais mantidos e isso já tem sido indicado em mais de uma declaração oficial britânica nestes últimos anos. A posição conquistada pela China nos conselhos de

guerras assegura-lhe a uma situação de perfeita igualdade na Conferência da Paz. Os interesses econômicos dos dois países terão que ser resolvidos sob outro critério, numa colaboração bilateral sem exclusões ou privilégios. O destino de Hong Kong liberada será determinado segundo os desejos de uma China vitoriosa e emancipada.

As relações da China com a Índia progrediram consideravelmente com a visita do general Chiang Kai-shek a [*Nova*] Delhi. Somente no caso da Índia apresentam-se obstáculos que não existem no da China, cuja unidade nacional foi agora soldada permanentemente no cadinho da guerra, durante quatro anos e meio, sozinha, na defesa da sua independência. Na Índia o caso complica-se com o problema de defesa do Império, enquanto durar a guerra, e agrava-se com as divisões e rivalidades intestinas, que dificultam a expansão lógica das aspirações políticas daquela nação. São essas dificuldades que têm protelado a solução do problema. Perderam-se diversas oportunidades – a última quando da proclamação da Carta do Atlântico – e, agora que o inimigo está às portas, o tempo urge. De um lado, o partido do Congresso a insistir pela supremacia da maioria, do outro a Liga Islâmica exercendo o papel de minoria obstrucionista (os dois mais importantes partidos), impediram a elaboração de uma Constituição, assim como o funcionamento representativo do Conselho Vice-Real, primeiro passo dado pelo governo britânico para a consecução gradual daquele objetivo. Desse impasse Londres não tem culpa, sendo genuíno o propósito de chegar a um entendimento, em bases de igualdade, a ser concretizado depois da guerra. Por ser esse o desejo da opinião pública aqui, novos homens certamente substituirão os atuais dirigentes (vice-rei e secretário da Índia), menos empedernidos pela tradição, mais representativos de novo espírito que penetra as esferas governamentais, com a entrada para o gabinete de *sir* Stafford Cripps. Boa vontade de parte a parte e a eliminação do impasse político fortaleceriam a resistência espiritual da Índia. Faz-se, portanto, mister de liderança patriótica entre os hindus e de sagacidade entre os homens de Estado ingleses, para melhor organizar a defesa dessa pretensiosa unidade do Império. Como disse o *Times* no referido editorial, seria fatal que as dificuldades atuais servissem de escusa para diferir a ação. A ameaça japonesa é reconhecida pela imprensa hindu, não só como uma ameaça para a Índia senão também para a sua independência futura. A solução seria a constituição de um governo nacional interino com a participação dos partidos, de modo a que o poder possa ser transferido já às mãos dos hindus, sem

prejuízo das prestações constitucionais dos ditos partidos, o que equivaleria a um *status* de domínio efetivo. Acredita-se na Índia que, se o governo britânico fizer tal gesto, será possível obviar os problemas das pastas da Defesa, abrindo-lhes uma exceção temporária.

O desastre de Singapura – Dunquerque australiano – revela que os ingleses ainda estão cometendo os mesmos erros que os franceses em 1940. A confiança depositada na linha Maginot, como a [*depositada*] naquela base naval, prejudicou o espírito de preparação militar. Houve a mesma falha na apreciação do potencial militar do inimigo. Esta deficiência ainda foi exemplificada por ocasião da passagem pelo canal da Mancha da esquadra alemã (12 de fevereiro). A vigilância normalmente mantida pelos ingleses teria bastado para fazer frente a um couraçado protegido por uns quantos aviões, mas revelou-se escandalosamente inadequada para uma esquadra escoltada por mil aeroplanos. As guarnições de Malaca e Singapura foram sobrepujadas por um inimigo bem mais numeroso e melhor equipado mecânica e aereamente.

Como na linha Maginot, não se previu por que lado viria o ataque. Faltou aos dirigentes franceses e agora ingleses a visão da realidade geográfica. Contava-se com o inimigo por um lado e ele apareceu pelo outro. E, se o acesso por terra tivesse sido bem protegido, o ataque viria pelo ar. A estratégia do japonês é igual à do alemão: impedir que o inimigo se bata. A esquadra inglesa não pode entrar em ação na Mancha. Os 60 mil homens de Singapura rederam-se sem combate. Foram paralisados por circunstâncias não militares. A esquadra americana em Pearl Harbour tampouco pôde ir ao encontro do adversário. No Timor português a guarnição australiana de 700 homens retirou-se também sem ferir combate. Houve uma só escaramuça, em que foi morto um único soldado japonês. A esperança dos alemães é que o exército de três milhões de homens estacionado nas ilhas britânicas não tenha ocasião de combater. Nos próprios meios militares aqui já se pilheria sobre os três milhões de prisioneiros ingleses de Hitler.

Essa série de insucessos acentua a inquietação com que a opinião pública assiste ao desenvolvimento da guerra. A liderança de Churchill não é posta em cheque, já porque não há outro nome nacional que o possa substituir, já porque a sua coragem e determinação continuam inabaláveis. O que ela estava exigindo é que a sua tarefa fosse aliviada.

A reconstituição do gabinete de Guerra, reduzido de nove para sete membros, foi oficialmente anunciada a 19 de fevereiro. *Sir* Stafford Cripps

foi nomeado *lord* do Selo Privado e *leader* na Casa dos Comuns e o senhor Oliver Lyttelton, ministro de Estado, no lugar de *lord* Beaverbrook.

A reconstrução do governo ainda não foi de todo completada. A 22 de fevereiro foi iniciada uma drástica reconstrução. Foram substituídos cinco ministros, os senhores Greenwood, Margesson, Morre--Brabazon e os *lords* Reith e Moyne. Entraram para a pasta da Guerra, o secretário-geral desse departamento, *sir* James Grigg; para o Ministério de Obras Públicas, *lord* Portal; para o da Guerra Econômica, *lord* Wolner; para o da Produção, coronel Llewellin; para o Board of Trade, Hugh Dalton; para o das Colônias, *lord* Cranborne. O senhor Attlee substitui *lord* Cranborne na Secretaria de Estado para os Domínios.

Consta que sairá o senhor Amery, secretário da ìndia. Provavelmente essa pasta será incorporada à dos Domínios, à vista do fracasso da política de conciliação na Índia.

A saída do governo de *lord* Beaverbrook foi a maior surpresa. Em parte deixou-o porque o seu estado de saúde dificilmente lhe permitia manter a sua usual atividade, mas principalmente pelas inúmeras críticas que lhe vinham fazendo as altas patentes dos departamentos militares. Terá uma missão em Washington. Dada a sua recente nomeação para uma nova pasta criada unicamente para esse grande amigo de Churchill – o da Produção de Guerra – com funções definidas por decreto, tal reviravolta em menos de quinze dias só se explica por uma imposição das classes armadas.

Já tive ocasião em ofícios anteriores de analisar a significação política dessas modificações ministeriais, da qual sem dúvida a mais importante foi a inclusão de *sir* Stafford Cripps, com o objetivo de aliviar o trabalho do primeiro-ministro de uma das suas atividades que mais tempo lhe tomavam.

Em geral foram elas bem recebidas, sobretudo a entrada de Cripps, que é, sem dúvida, o *coming man*, o provável sucessor de Churchill, caso a estrela deste venha algum dia a empalidecer.

Apenas de volta da Rússia, Cripps iniciou uma campanha em que ecoa o clamor público por que se imprima maior eficiência e atividade total na produção bélica, a exemplo do que faz a Rússia, postos de lado os interesses seccionais e a salvaguarda de concepções do tempo de paz. Os seus discursos batem duas teclas: continuação em máxima escala do auxílio à Rússia, para a consecução da vitória e colaboração com a Rússia na reconstrução do mundo, após a vitória.

Londres, 2 de março de 1942

Moniz de Aragão

Redação do ministro Joaquim de Sousa Leão

❖

TELEGRAMA • 13 MAR. 1942 • AHI 29/5/5

[Índice:] Situação do Império Britânico em face do desenvolvimento da guerra na Ásia. A situação da Índia.

Da Embaixada em Londres

95 – QUINTA-FEIRA – 13 MARÇO 1942 – 17h30 – O revés em Java, a ameaça contra a Índia e a Austrália, decorrentes da rendição de Singapura e Rangoon, e o desembarque japonês na Nova Guiné constituem motivo para a imprensa exigir, enérgica e imediatamente, o abandono da guerra puramente defensiva e um esforço máximo de todo o país, conjuntamente com os Estados Unidos da América e a Rússia, para impedir que os japoneses possam ocupar novas posições vitais britânicas na Ásia e na África. As declarações do primeiro-ministro sobre a situação, não obstante, nada revelaram sobre a resolução do gabinete de Guerra britânico, informando que o ministro Stafford Cripps seguirá imediatamente para a Índia, a fim de combinar com os chefes dos partidos a aceitação de um plano para o novo governo da Índia. O sr. Churchill explicou que o sr. Cripps leva plenos poderes, confiando na liberalidade do plano, que tem todas as condições de ser aceito. A publicação antecipada do referido projeto poderia suscitar discussões inoportunas, mormente quando o inimigo se aproxima das fronteiras. Nos círculos bem informados acredita-se num plano concedendo à Índia, praticamente, todas as vantagens e liberdades de que gozam os domínios e permitindo a todos os partidos que se reúnam em franca colaboração para a defesa do país neste trágico momento. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 13 MAR. 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Atividades quinta coluna na América do Sul.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

96 – QUINTA-FEIRA – 13 MARÇO 1942 – 17h30 – Informações de fonte

autorizada indicam que estão sendo feitas, secretamente, importantes transferências de fundos da Suíça e da Suécia, por ordem da Alemanha e da Itália, sob pretexto comercial, para a Argentina, a fim de realmente alimentar a campanha da quinta coluna na América do Sul. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 23 MAR. 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice:*] Plano militar japonês no Brasil.

Da Embaixada em Londres

105 – SEGUNDA-FEIRA – 23 MARÇO 1942 – 12h30 – A imprensa inglesa dá grande publicidade à notícia, proveniente do Rio de Janeiro, sobre planos militares japoneses no Brasil, principalmente do correspondente aí do *Daily Mail*, Henry Aspinall. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 01 ABR. 1942 • AHI 29/5/5

[Índice:] Delegado da França Livre no Brasil.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

111 – QUARTA-FEIRA – 1 ABRIL 1942 – 17h00 – O general de Gaulle volta a falar-me sobre o assunto a que me referi no meu telegrama n. 337 do ano passado, dizendo que estimaria obter a aquiescência do Brasil para enviar ao Rio de Janeiro um delegado, sem caráter oficial, tal como os existentes nos Estados Unidos da América, Argentina, Uruguai e México. Repeti-lhe a resposta contida no telegrama de Vossa Excelência n. 181, mas o general pediu-me para explicar não querer enviar um agente oculto, e que desejava esclarecer não se tratar absolutamente de pedido de qualquer forma de reconhecimento do Comitê Nacional francês, de Londres, e que o seu delegado teria instruções formais de não se ocupar de assuntos políticos de Vichy e, sobretudo, não criar de qualquer forma dificuldades entre o governo brasileiro e a embaixada francesa. O objetivo do seu novo pedido é o de permitir ao seu delegado combinar com Vossa Excelência a melhor maneira de defender os interesses dos sírio-libaneses residentes no Brasil, privados de proteção, pois estão confiados à França Livre; outrossim, conversar sobre assuntos comerciais interessando o nosso país e a África francesa

governada pelo Comitê de Londres, além de outras questões que estão surgindo, decorrentes do tráfego de aviões, procedentes dos Estados Unidos da América, via Pará e Natal, que utilizam bases africanas sob jurisdição do referido comitê, cuja autoridade o governo americano acaba de reconhecer. Acrescentou que, caso Vossa Excelência preferir, o referido delegado viajaria com passaporte diplomático inglês. Limitei-me a ouvi-lo e prometi transmitir o antes mencionado pedido de instruções. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 17 ABR. 1942 • AHI 28/2/7

[*Índice*:] Editorial do *Times* sobre liderança na América do Sul.

N. 206

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 17 de abril de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, um artigo publicado nesta data, na coluna dos editoriais do *Times*, intitulado "Leadership in South America", em que é dado o devido relevo ao Brasil assim como ao nosso governo, pela atitude assumida neste grave instante do mundo.

2. Durante a Conferência Pan-americana, esta embaixada teve ocasião de mostrar certa estranheza ao *Times*, pelo fato de publicar somente, a respeito dos acontecimentos de alta significação internacional que se realizavam no Rio de Janeiro, telegramas vindos de Washington e Buenos Aires. Pondo-se em contato com o *Foreign Editor*, do *Times*, foi então informada de que esse jornal não tem no momento nenhum correspondente na capital brasileira, e por tal motivo se via obrigado a utilizar o material que lhe chegava dos seus correspondentes nas capitais dos capitais dos Estados Unidos e da Argentina.

3. Ponderou o aludido redator que se tratava de uma falha capaz de ser reparável, sugerindo mesmo a possibilidade da designação de um representante brasileiro.

4. A fim de conversar sobre o assunto, um dos secretários desta embaixada convidou o senhor R. Deakin, *Foreign Editor* do *Times*, para um almoço, no decurso do qual foi amplamente discutido o meio de ter o importante jornal londrino um representante no Rio de Janeiro. O senhor Deakin, que já esteve no Brasil fazendo parte da comitiva

do príncipe de Gales, inqueriu a respeito da presente situação político-econômica do nosso país, assim como da ação desenvolvida pelo presidente Getúlio Vargas, com reflexo no continente sul-americano, interessando-se vivamente pela legislação que, desde 1937, obstou a propagação de ideias e partidos fascistas no Brasil.

5. O senhor Deakin teve oportunidade de frisar que era um de seus propósitos colocar o Brasil no cartaz, devotando ao nosso país e ao nosso governo, sempre que lhe fosse possível e com o máximo de frequência, as colunas do *Times*.

6. Quanto à escolha de um representante no Rio de Janeiro, aceitava o alvitre desta embaixada de ser feita pela Associação Brasileira da Imprensa, a quem, em tempo oportuno, encaminharia seu pedido.

7. Pode-se considerar o artigo incluso, publicado dois dias após o almoço acima referido, ser já o primeiro resultado dessa entrevista.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*: "Leadership in South America". *The Times*, Londres, 17 de abril de 1942.]

❖

TELEGRAMA • 27 ABR. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Delegado da França Livre no Brasil.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

84 – 27 ABRIL 1942 – Resposta ao telegrama 135. Rogo a Vossa Excelência dizer ao general de Gaulle que, não obstante a simpatia que nos liga à causa que ele e seus partidários propugnam, não podemos reconhecer qualquer delegado seu sem provocar protestos do governo de Vichy, com o qual mantemos relações. Entretanto, consideraremos bons para o Brasil os passaportes ingleses concedidos aos seus partidários que satisfaçam os demais requisitos legais. Situação dos Estados Unidos, país em guerra, é bem diferente da nossa, no caso. EXTERIORES

OFÍCIO • 28 ABR. 1942 • AHI 28/2/7

[*Índice*:] O último discurso do chanceler Hitler.

N. 221

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 28 de abril de 1942.

Senhor Ministro,

A impressão geral aqui dominante sobre o discurso pronunciado pelo chanceler Hitler no domingo passado perante o Reichstag é que presentemente na Alemanha deve existir uma grave crise política não somente de ordem externa, mas também interna.

2. Jamais um discurso do *führer* pareceu tão vazio até o momento em que anunciou exigir a obediência incondicional da nação para agir com crescente e inconcebível rigor, tornando-se de fato o senhor absoluto de todos os alemães, com direito de vida e morte, suprimindo os raros empecilhos jurídicos ou morais que ainda poderiam se opor à sua vontade absoluta.

3. A impressão ao ser anunciada a imprevista reunião do Reichstag foi que o chanceler alemão faria declarações sensacionais sobre política internacional, tal como o anúncio de um projeto de união europeia, ou de um acordo selado com Vichy.

4. Nada nesse gênero foi revelado pelo *führer* e deve ser notada a visível falta de ligação existente entre a introdução do seu discurso anunciando em termos bombásticos o "início de um novo capítulo da história", "inauguração de uma nova era" e a parte principal contendo simplesmente o pedido de poderes que fez, objeto da resolução adotada docilmente pelos membros do Reichstag, todos incapazes de opor a menor resistência sem assim justificar as suas iniciais asseverações.

5. A passagem mais importante da oração repete as acusações habituais contra a Grã-Bretanha, sua política de dominação, a responsabilidade dos judeus e bolchevistas na presente guerra, tudo no diapasão do *Mein Kampf*, e conforme o texto dos manuais de propaganda em uso nos colégios e escolas da Alemanha e nos centros nazis do estrangeiro.

6. O *führer* se absteve por completo de aludir a qualquer acordo internacional ou ao preparo de futuras negociações políticas e não se refere às operações militares senão para afirmar que uma decisão foi obtida no último inverno na frente russa e que o desastre ameaçado foi para sempre afastado.

7. O orador não fez alusão à possibilidades de uma segunda frente

de batalha, limitando-se a ridicularizar os ataques dos "comandos" britânicos e silenciou por completo sobre a ofensiva aérea britânica em pleno desenvolvimento contra as indústrias de guerra e bases militares aéreas e navais do Reich, não perdendo porém o ensejo de ameaçar a Grã-Bretanha com severas represálias no caso de bombardeios aéreos como se estivéssemos em face de um fato ainda em projeto.

8. O discurso foi considerado como desprovido de interesse político, diplomático ou militar e cuja justificação está baseada na resolução proposta pelo marechal Goering.

9. Nos termos dessa decisão, Hitler não reconhece nenhuma lei, nenhum privilégio ou direito e nenhuma autoridade senão a sua própria vontade; que assim pode exigir a incondicional obediência de todos os alemães ou cidadãos dos países ocupados na execução de suas ordens.

10. É o pleno despotismo que aqui procuram justificar pela declaração desesperada feita pelo *führer* que "se perdemos esta guerra, isso significaria o fim de todos os alemães."

11. Quando Hitler em dezembro assumiu o comando em chefe dos exércitos alemães e dispensou o general Von Brauchitsch, dominou a impressão da existência de um profundo desacordo entre o chanceler e o alto comando militar.

12. O decreto imposto ontem pelo *führer* à nação alemã confirma aquela suposição e faz prever a adoção de medidas de uma violência sem limites, talvez um novo "banho de sangue" no gênero do ocorrido em 1934.

13. Nessas condições não é somente na Europa ocupada que Hitler precisa fortalecer o seu domínio vacilante, mas também na própria Alemanha, entre seus generais, o seu poder parece gravemente ameaçado e daí a necessidade urgente de medidas tais como as que vai aplicar, fazendo imperar o terror para sua própria segurança.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 29 ABR. 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice:]* Bombardeio de cidades inglesas pela aviação alemã.

Da Embaixada em Londres

143 – QUARTA-FEIRA – 29 ABRIL 1942 – 12h45 – A aviação militar alemã desde alguns dias está bombardeando cidades históricas inglesas, visando apenas a destruição de monumentos de grande valor artístico, pois Bath, York e Norwich são unicamente centros culturais. Foram causados grandes prejuízos, havendo elevado número de vítimas. Entretanto, os aviões britânicos prosseguem na ofensiva devastadora das bases militares, aéreas e navais da Alemanha e dos países ocupados. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 29 ABR. 1942 • AHI 28/2/7

[*Índice*:] Propostas alemãs de paz.

N. 232

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 29 de abril de 1942.

Senhor Ministro,

Uma vez mais, como geralmente acontece antes do *führer* empreender uma qualquer ação militar de excepcional importância, circulam boatos, aliás com algum fundamento, de que a Alemanha teria feito desde março último três tentativas para entrar em negociações para uma paz de compromisso com os Estados Unidos e o Império Britânico, visando ter os mares livres para suas operações a [l]este da Europa.

2. A primeira dessas tentativas, segundo é afirmado, foi feita por intermédio do governo turco, a pedido do embaixador Von Pappen; a segunda pelo governo suíço e a terceira pelo rei da Suécia, por interferência direta da Wilhelmstrasse.

3. Essas sucessivas propostas coincidem todas nas suas grandes linhas, sendo mais conhecido o texto do *memorandum* atribuído ao marechal Goering, que foi entregue em Estocolmo pelo ministro alemão no começo do corrente mês para ser submetido aos governos britânico e americano.

4. O referido *memorandum* expõe em nove páginas datilografadas as condições e as propostas do Reich que são as seguintes:

a) a Grã-Bretanha e os Estados Unidos reconhecem o controle alemão na Europa e o Reich tomará em consideração as sugestões de Londres e Washington referentes à nova ordem europeia;

b) o Reich anexará os territórios russos que julgar necessário para completar o seu esforço vital europeu e garantir sua defesa;

c) o Reich reivindica uma parte das colônias francesas, belgas e holandesas.

5. Essas três condições fundamentais, uma vez aceitas, o governo alemão se comprometeria: a reconhecer o Império Britânico sob sua forma atual; a reconhecer o controle político e econômico dos Estados Unidos sobre o México, América Central e do Sul, reservando porém certas facilidades para o seu comércio, principalmente no que se refere a certas matérias-primas e a colaborar para a organização de um sistema de livre câmbio entre os três Impérios – alemão, americano e britânico.

6. O último parágrafo do *memorandum* de Goering contém uma alusão ao auxílio que o Reich estaria pronto a dar aos países anglo-saxões para obrigar o Japão [*a*] se manter dentro dos seus limites asiáticos naturais.

7. Os meios diplomáticos julgam que a violência das medidas solicitadas pelo *führer* no seu último discurso e os insultos dirigidos contra a Grã-Bretanha e os Estados Unidos manifestam claramente a decepção sentida por Berlim diante da recusa formal que foi dada às propostas acima referidas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 30 ABR. 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice:*] Comentários da imprensa sobre o afastamento do senhor Mussolini.

Da Embaixada em Londres

148 – QUINTA-FEIRA – 30 ABRIL 1942 – 16h00 – A imprensa desta capital, inclusive o *Times*, desde há dois dias está comentando largamente as notícias provenientes de países neutros, principalmente de Buenos Aires, sobre um movimento político na Itália, chegando a

afirmar a possibilidade do afastamento do senhor Mussolini e iminente crise no regime fascista. Alto funcionário do Foreign Office disse que essas informações devem ser acolhidas com reservas, pois, porquanto seja sabido existir grande descontentamento geral na Itália, nada ainda autoriza a crer que esse mal-estar possa produzir movimento tão grave quanto os jornais induzem a fazer crer. Acrescentou que a dominação alemã na Itália é tão forte, que dificilmente poderá permitir um movimento revolucionário, a não ser que o povo italiano possa contar com o auxílio externo, o que ainda não existe e só futuramente poderá ser feito. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 08 MAIO 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Desastre automóvel presidente Getúlio Vargas.

Da Embaixada em Londres

156 – SEXTA-FEIRA – 8 MAIO 1942 – 13h00 – Referência às circulares relativas ao acidente do nosso presidente. Despertou aqui vivo interesse a sua saúde, tendo o Foreign Office pedido notícias e o *lord mayor* de Londres exprimido votos de pronto restabelecimento. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 11 MAIO 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Fornecimento de carnes à Grã-Bretanha. Restrições à matança de gado no Brasil.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

95 – 11 MAIO 1942 – Em resposta ao seu telegrama n. 130. Informa o Ministério da Agricultura que as restrições da matança de vacas visaram a defesa do rebanho bovino nacional, tendo-se, entretanto, fixado adequada percentagem de matança para os estabelecimentos industriais de carnes, como o prova o fato de os Frigoríficos Armour, Swift e Wilson estarem habilitados a cumprir os seus compromissos. A quota do Frigorífico Anglo foi elevada agora de 15% para 22%, habilitando-o assim a garantir os fornecimentos para a Grã-Bretanha. EXTERIORES

❖

OFÍCIO • 11 MAIO 1942 • AHI 28/2/8

[Índice:] O discurso do senhor Churchill.

N. 257

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 11 de maio de 1942

Senhor Ministro,

O primeiro-ministro dirigiu-se ontem à noite pelo rádio ao povo britânico por motivo do segundo aniversário de sua elevação ao poder e aproveitando o ensejo procurou demonstrar o verdadeiro estado atual da situação política e militar da Grã-Bretanha e de seus aliados, concluindo com uma impressão de franco otimismo sobre o futuro.

2. O grande estadista que se encarregou, em 10 de maio de 1940, do pesado encargo da direção da guerra, que encarnou a vontade decidida do povo britânico, na hora em que devia, absolutamente só, defender o Império Britânico e a civilização universal, tem o direito de falar como fez, com um legítimo orgulho, sobre o imenso esforço então feito pelo seu governo.

3. Pode ser dito em uma só frase que, entre os meses de junho de 1940 e de 1941, a nação britânica e o seu chefe salvaram o mundo da escravidão e do barbarismo.

4. O senhor Churchill recorda oportunamente que

> quando o führer atirou os seus exércitos contra a Rússia a decisão imediata do governo e do povo britânico desfez a manobra hitleriana na sua simulada tentativa de formar uma coalizão de povos contra o governo de Moscou, podendo aparar esse golpe com o auxílio dos aliados da Grã-Bretanha.

5. A agressão japonesa contra os Estados Unidos completou essa reunião de nações livres que lutam conjuntamente pelo restabelecimento da liberdade e pela defesa de nossa civilização.

6. A presente situação, a despeito dos revezes sofridos no Pacífico, permite as maiores esperanças.

7. O primeiro-ministro justificou esse modo de pensar aludindo aos erros graves cometidos pelo senhor Hitler, suas dificuldades atuais, suas fraquezas e elevadas perdas em homens e material sofridas pelos alemães na Rússia, onde caíram em dez meses tantos soldados do Reich quanto os que a nação alemã perdeu durante os quatro anos da precedente guerra.

8. Para ainda mais justificar o seu alegado, o senhor Churchill fez referência à força crescente da Royal Air Force, cujo poder de destruição

aumenta sem cessar, à fragilidade dos êxitos obtidos pelos alemães e japoneses e em comparação com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, à mediocridade dos recursos de que dispõem os nipônicos.

9. Isso no que se refere ao passado e quanto ao futuro o orador está cheio de um robusto otimismo.

10. A Alemanha conhecerá praticamente todas as devastações de é capaz a arma aérea dos britânicos e dos americanos e se Hitler empregar a guerra química em qualquer frente terá logo a resposta, pois o senhor Churchill deixou claramente estabelecido que imediatamente aplicaria os gases contra a Alemanha, estando para isso bem preparada a aviação britânica.

11. Deixou também evidenciado que poderá vir a ser formada uma segunda frente terrestre e, referindo-se de passagem a esse assunto, felicitou-se do espirito ofensivo que já se está manifestando nos dois lados do Atlântico.

12. Sem dúvida o heroísmo dos franceses que em St. Nazaire se gruparam ao lado das tropas britânicas impressionou particularmente o primeiro-ministro como representando a manifestação da vontade de liberação que anima a França e a Europa contra os seus opressores.

13. Com a emoção afetuosa que domina o senhor Churchill, sempre que se refere aos franceses, não deixou de lhes tributar uma calorosa homenagem asseverando que "a França de St. Nazaire compreende a nação francesa heroica, cuja restauração entre as grandes potências mundiais é indispensável ao futuro e segurança da Europa".

14. O discurso do senhor Churchill, que está tendo a mais franca acolhida tanto aqui como nos Estados Unidos, é sem dúvida uma das suas mais importantes orações e pode ser considerado como uma mensagem de esperança e de confiança que ele dirigiu ao Império Britânico e ao mundo, confirmada pela sua convicção de que "nada mais nos resta para vencer senão aguentar firme como temos feito e perseverar".

15. Junto remeto o texto completo do referido discurso[6].

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

6 Anexo não localizado..

TELEGRAMA • 25 MAIO 1942 • AHI 29/5/5

[Índice:] Informações do embaixador na Grã-Bretanha sobre conversações entre os governos britânico e russo.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

180 – SEGUNDA-FEIRA – 25 MAIO 1942 – 12h45 – Transmito a Vossa Excelência uma informação estritamente confidencial, de fonte autorizada, pedindo não divulgá-la [*sic*] antes do governo britânico dar publicidade. O comissário dos Negócios Estrangeiros, senhor Molotov, chegou à Grã-Bretanha, há três dias, em segredo, para continuar e ultimar as conversações iniciadas pelo ministro Eden em Moscou. Os governos britânico e russo procuram estabelecer relações políticas e diplomáticas sobre bases mais positivas e eficientes, num tratado, indicando a firme determinação de prosseguir a guerra até a vitória completa e estabelecer em sólidos fundamentos a cooperação política e econômica na reconstrução mundial depois da guerra. As conversações, que estão sendo mantidas em absoluto segredo, estariam encontrando certa dificuldade, mormente na parte relativa às fronteiras russas, de acordo com as suas pretensões na Polônia e Romênia e no futuro estatuto dos países bálticos, as quais parecem infringir os dispositivos da Carta do Atlântico. Também está sendo discutida a abertura de uma segunda frente de batalha. Reina otimismo, devendo ser publicado comunicado somente depois da conclusão das entrevistas. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 25 MAIO 1942 • AHI 28/2/8

[*Índice*:] Declarações do senhor J. M. Keynes.

N. 276

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 25 de maio de 1942

Senhor Ministro,

Tratando-se de um economista da importância do senhor J. M. Keynes, hoje membro da diretoria do Banco da Inglaterra e autor do célebre livro "The Economic Consequences of the Peace", são de interesse algumas declarações feitas pelo mesmo, quanto ao comércio de exportação do Reino Unido depois da guerra, em discurso pronunciado quando recebeu o título de doutor em direito *honoris causa da Universidade de Manchester*.

2. Declarou o senhor Keynes que a futura prosperidade da Grã-Bretanha dependia de uma grande expansão no seu comércio de exportação, devendo o mesmo ser aumentado de pelo menos 50% sobre o nível do ano de 1938. Tal aumento significaria um valor equivalente à exportação de 1929. Para consegui-lo era, contudo, indispensável a cooperação da indústria têxtil de Lancashire e da indústria de máquinas, parecendo que nos círculos têxteis reinava, disse o senhor Keynes, certo pessimismo quanto à possibilidade de exportar seus produtos em quantidades importantes.

3. Acredita o senhor Keynes que o Reino Unido precisará de três anos para refazer-se dos efeitos da guerra e que durante esse período será necessário submeter o país a uma disciplina ainda bastante severa, mesmo que não o seja tanto quanto durante a guerra. Depois desse período podia-se esperar um nível de prosperidade e saúde mais elevado do que antes se tinha atingido.

4. O senhor Keynes encara, portanto, a continuação do controle governamental da economia do país depois da guerra por um espaço de pelo menos três anos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 27 MAIO 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice*:] Informações complementares do embaixador na Grã-Bretanha sobre conversações entre os governos britânico e russo.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

181 − QUARTA-FEIRA – 27 MAIO 1942 – 12h00 − Aditamento ao telegrama n. 180. O assunto continua sendo mantido em segredo absoluto. As conversas abrangeram, além da questão indicada, a participação direta dos Estados Unidos da América na aliança militar anglo-russa e o aumento de volume do fornecimento de material bélico para a Rússia, principalmente por parte do governo americano, cujas entregas

não alcançaram ainda o limite prometido. A futura situação política dos países do Báltico, que Moscou deseja absorver, é outra questão com a qual o governo russo deseja que os Estados Unidos concordem e à qual ligam grande importância. Já começaram conversas paralelas, em Washington, para onde é provável que o senhor Molotov siga nos próximos dias, levando consigo uma alta personalidade britânica, que, logo que seja possível, identificarei, para continuar com o presidente Roosevelt as conversações aqui iniciadas. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 29 MAIO 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice:*] Informações complementares do embaixador da Grã-Bretanha sobre conversações entre os governos britânico e russo.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

185 – SEXTA-FEIRA – 29 MAIO 1942 – 13h30 – Aditamento ao meu telegrama n. 181. O senhor Molotov partiu, ontem, por via aérea para os Estados Unidos da América. Antes do embarque, teria assinado com o governo britânico uma aliança militar por vinte anos, importando na integral cooperação na guerra, como depois, na paz. O pacto implicaria na abertura de nova frente de batalha logo que seja possível. Com referência à futura fronteira russa, o assunto ficou adiado para ser resolvido conjuntamente com os Estados Unidos da América. O comissário do povo russo vai negociar com o governo americano uma aliança militar idêntica e de intensificação militar. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 30 MAIO 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice:*] Comentários da imprensa londrina sobre a atitude do México e do Brasil.

Da Embaixada em Londres

186 – sábado – 30 maio 1942 – 12h.00 – A declaração de guerra do México causou viva impressão e satisfação. O *Times*, comentando o acontecimento, fez referência lisonjeiras à firme atitude do governo brasileiro na defesa da nossa soberania em face dos ataques dos submarinos do

Eixo. As recentes ações dos nossos aviadores mereceram comentários especiais da imprensa. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 04 JUN. 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Cessação de exportação de açúcar do Brasil, em consequência da seca no Nordeste.

Da Embaixada em Londres

191 − QUINTA-FEIRA – 4 JUNHO 1942 – 17h00 − O delegado brasileiro no Conselho Internacional do Açúcar recebeu pedido de confirmação da notícia, aqui divulgada, dizendo que, em consequência da seca no Nordeste do Brasil, a safra total do açúcar brasileiro será muito inferior a 1.240.000 toneladas orçadas, acarretando, como resultado, a cessação da exportação desse produto. Muito agradeceria informações a esse respeito. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 13 JUN. 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice*:] Aliança militar anglo-russa.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

198 − sábado – 13 junho 1942 – 13h00 − A opinião pública e a imprensa estão muito satisfeitas com o novo tratado anglo-soviético, feito de acordo com os Estados Unidos e cuja negociação secreta aqui e em Washington anunciei em tempo. Esse acontecimento histórico marcou os pontos principais de completa colaboração durante a presente guerra, a futura paz e o período de reconstrução; cooperação para impedir a repetição da agressão pelos países do Eixo e mútua assistência contra-ataques, pela duração de vinte anos do tratado, como antecipei. As questões territoriais russas não foram objeto de discussão, apesar do desejo de Moscou. Importantes problemas militares foram examinados tanto aqui como em Washington com o ministro Molotov, mormente os relativos ao abastecimento de material bélico. O comunicado oficial declara o inteiro entendimento sobre a abertura de nova frente de batalha na Europa, em 1942, estando a isso ligada a chegada às águas inglesas de importante esquadra americana e de contínuos reforços de tropas canadenses e americanas. MONIZ DE ARAGÃO

TELEGRAMA • 19 JUN. 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Viagem do primeiro-ministro britânico aos Estados Unidos.

Da Embaixada em Londres

206 – sexta-feira – 19 junho 1942 – 12h30 – O primeiro-ministro chegou a Washington acompanhado do chefe do Estado-Maior do Exército e do general em chefe do Ministério da Defesa. A viagem do primeiro-ministro Churchill causou grande surpresa e desperta vivo interesse nos círculos militares e diplomáticos, principalmente por ter sido realizada quando a situação da Líbia atravessa um período crítico. Assim, acredita-se que a viagem foi motivada por razões extremamente urgentes, ligadas a decisões imediatas a serem tomadas, decorrentes do tratado anglo-russo e das conversas de Molotov com o presidente Roosevelt, mormente sobre a questão militar de abertura da segunda frente europeia, cada vez mais exigida pelos russos e com a qual os Estados Unidos concordaram. Os problemas dos transportes marítimos e do abastecimento da Rússia e do exército em operações na África, além da situação no Mediterrâneo, também constituem importantes assuntos das atuais conversas, considerando-se que os ataques cada vez mais severos dos submarinos inimigos, diminuindo a tonelagem aliada, constituem um fator extremamente importante a atender urgentemente, dominando o conjunto da estratégia de guerra aliada. As conversações também devem tratar do recente acordo concluído sobre a íntima colaboração e coordenação para a melhor utilização da totalidade dos recursos, da produção anglo-americana. O primeiro-ministro Churchill não fará discursos durante a sua permanência nos Estados Unidos, devendo fazer declarações na Câmara dos Comuns logo ao chegar. moniz de aragão

❖

OFÍCIO • 23 JUN. 1942 • AHI 28/2/8

[*Índice*:] A viagem do ministro Winston Churchill.

N. 308

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 23 de junho de 1942

Senhor Ministro,

Na madrugada de anteontem foi sabido nesta capital e em Washington que o primeiro-ministro britânico tinha inesperadamente voado para os Estados Unidos a fim de conferenciar com o presidente

Roosevelt sobre o desenvolvimento das operações de guerra e sobre a forma de melhor e mais rapidamente assegurar a vitória dos Aliados.

2. Desde logo foi afirmado que o senhor Churchill viajou para Washington para combinar em forma segura, entre outras coisas, a abertura de uma segunda frente europeia.

3. Essa terceira viagem do primeiro-ministro à América do Norte foi resolvida em poucas horas e sob o mais absoluto segredo e apenas os membros do gabinete de Guerra foram prevenidos, mas ainda assim na mesma noite tive conhecimento do assunto e na manhã de 19 do corrente telegrafei a Vossa Excelência informando detalhadamente.

4. O senhor Churchill foi acompanhado pelo general *sir* Alan Brooke, chefe do Estado-Maior do Exército britânico, dos generais *sir* Hastings Ismay e Stewart, do Conselho de Defesa e de dois outros oficiais de menor importância e que empresta à viagem um caráter essencialmente militar.

5. Entre os outros assuntos a serem discutidos com o presidente Roosevelt e como aludi no meu referido telegrama figuram em primeiro plano: a) a abertura de uma segunda frente europeia; b) a situação da marinha mercante em face dos ataques inimigo; c) a estratégia no Próximo e Médio Oriente e d) o abastecimento de material de guerra à Rússia e à China.

6. A chegada do primeiro-ministro em Washington e as declarações feitas no mesmo dia em Moscou pelo ministro Molotov demonstram claramente a importância decisiva do período que agora se inicia, assim como o espírito de resolução que anima as Nações Unidas e os seus chefes.

7. Nunca desde dois anos a situação em conjunto, tanto estratégica como política, se apresentou tão propícia a decisões que favoreçam a sorte dos Aliados, a despeito de certos pontos fracos, tais como a presente ação na Líbia.

8. As Nações Unidas sentem cada dia crescer sua força e principalmente nos Estados Unidos está tomando um tal desenvolvimento que pode ser dito sem exagero que se trata do milagre da produção americana como antes ocorrera na Grã-Bretanha.

9. Esta força já vai se expandindo para todos os pontos do mundo onde sua presença é necessária e útil. Os japoneses e alemães no Mediterrâneo e no Pacífico já sentiram os seus efeitos recebendo severos golpes.

10. No mesmo instante as potências unidas encontraram a base de um perfeito acordo e estabeleceram a fórmula de uma perfeita cooperação.

11. O discurso pronunciado pelo senhor Molotov sublinhou com força o significado exato do Tratado anglo-russo de 26 de maio último, e da declaração de Washington de 11 do corrente mês, que contêm os princípios fundamentais da colaboração da União Soviética, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Ele também insistiu sobre o completo acordo entre Moscou, Londres e Washington no que se refere à formação de uma segunda frente em 1942.
12. Os telegramas recebidos de Washington salientam o cordial acolhimento dispensado ao senhor Churchill e confirmam as suposições aqui feitas sobre o verdadeiro objetivo da presente viagem que, seguindo de perto a que fez o senhor Molotov à Londres e à capital americana, demonstra que a guerra vai entrar em uma nova fase de grande atividade, animada agora de um espírito ofensivo por parte dos Aliados.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 24 JUN. 1942 • AHI 28/2/8

[*Índice*:] As conversações Churchill-Roosevelt.

N. 315

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 24 de junho de 1942.

Senhor Ministro,

Acaba de ser divulgado um comunicado sobre os resultados preliminares das conversações que estão tendo lugar em Washington entre o primeiro-ministro britânico e o presidente Roosevelt.
2. O referido comunicado define o objetivo das conferências na Casa Branca, especificando que se trata essencialmente de promover a máxima concentração de força no futuro mais próximo da potência de guerra dos Aliados contra o inimigo comum e de combinar todas as medidas de forma a desenvolver e sustentar o esforço das Nações Unidas.
3. Essa declaração veio a propósito para calmar a impaciência de um certo número de políticos e tranquilizar outros, servindo para restabelecer

a perspectiva exata dos acontecimentos e responde aos desejos da opinião pública tanto aqui como nos Estados Unidos nas presentes circunstâncias.

4. Nas críticas tanto mais vivas quanto gerais que a imprensa anglo-americana apresentou a respeito da rendição de Tobruk transparece o desejo de um franco exame da situação e percebe-se também a preocupação de não ser tomada nenhuma decisão precipitada que possa comprometer o equilíbrio geral das forças ou que seja suscetível de romper a coordenação do esforço geral.

5. O comunicado de ontem mostra que o presidente Roosevelt e o senhor Churchill também estão dominados por essa preocupação, que estão resolvidos a respeitá-la e não se desviarão do caminho que traçaram no desenvolvimento da política de íntima colaboração entre Londres e Washington.

6. A inesperada queda de Tobruk que surpreendeu aos próprios alemães – e tão grave tenha se tornado devido a isso a posição do exército britânico na Líbia – não impede perder de vista o conjunto da situação que, apesar do revés sofrido em uma frente, parece permanecer favorável comparando com a existente na mesma época no ano passado.

7. A relação das forças imediatamente disponíveis entre as Nações Unidas e seus inimigos modifica-se quase diariamente com vantagem para as primeiras e o potencial, a força absoluta dos Aliados não cessa de aumentar como me foi dado observar na minha recente visita aos centros industriais britânicos, enquanto que desde alguns meses as possibilidades de desenvolvimento e as faculdades de recuperação da Tríplice parecem ter atingido o seu limite se não estiver, como alguns opinam, em franco declínio.

8. No Pacífico como na frente russa e no Atlântico alguns fatos recentes confirmariam essa asseveração.

9. Na batalha aeronaval de Midway, como na do mar de Coral, os americanos dominaram francamente os japoneses, os quais prudentemente abandonaram o oceano Índico; no Chekiang os chineses, duramente atacados, enfrentam resolutamente o inimigo e muitas vezes o têm obrigado a bater em retirada.

10. No Atlântico, ao longo das costas americanas, os submarinos alemães já vão dando provas de menor atividade diante da energia e da eficácia dos ataques por parte da marinha de guerra e da aviação dos Estados Unidos.

11. Finalmente na frente russa as primeiras batalhas da primavera demonstram a potência de choque e a força de resistência dos mosco-

vitas e parece estar determinando um certo esmorecimento no ímpeto e na potência de penetração dos alemães.

12. As notícias aqui chegadas de Berlim indicam que ali todos continuam a perguntar quando Hitler decidirá a tomar a anunciada ofensiva e alguns já duvidam que ele possa empreender uma dessas ações grandiosas e espetaculares como assistimos no verão de 1941.

13. Parece que a atenção do Alto Comando alemão está presentemente concentrada nos preparativos defensivos das costas, desde Narvik até Baiona, na previsão de um possível e próximo ataque por parte dos Aliados.

14. Assim o problema atual não é o de fazer face a uma situação imprevista, mas simplesmente organizar e assegurar uma repartição dos recursos em material e homens entre os diversos teatros de operações tal que permita, segundo os lugares, aumentar ou atacar com o máximo de força e de probabilidade de êxito.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 01 JUL. 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice*:] Atividades nazistas no Brasil.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

223 – QUARTA-FEIRA – 1 JULHO 1942 – 17h30 – Soube, por fonte segura, que existem aqui suspeitas de que a ligação entre os chefes nazistas, atualmente na Argentina, com os elementos que ainda ocultamente estão no Brasil, estaria sendo feita por intermédio da representação diplomática e consular espanhola, principalmente por membros da Falange. Por esse meio, seriam transferidos recursos e fornecidas instruções destinadas a facilitar as atividades subversivas no nosso país.

MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 08 JUL. 1942 • AHI 28/2/8

[*Índice*:] A grande ofensiva.

N. 334

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 8 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

A batalha do Egito continua em pleno desenvolvimento e as informações recebidas em Londres nas últimas quarenta e oito horas são francamente mais favoráveis do que as precedentemente conhecidas e indicariam que a luta está apresentando uma feição satisfatória e que os Aliados teriam retomado a iniciativa naquele teatro da guerra.

2. A propaganda de Berlim, de Roma e de Vichy constitui uma afirmação dessa suposição, pois, baixou o tom de sua publicidade e isso poderia indicar que está preparando a opinião pública tanto na Alemanha como na Itália para uma paralisação das operações ou talvez mesmo para um recuo dos exércitos do general Rommel.

3. Foi nesse momento que o *Führer* lançou o seu ataque contra as forças do general Timoshenko, a mais potente ofensiva tentada desde o início deste ano.

4. Ele procedeu lentamente como que a contragosto, seja porque os seus preparativos fossem mais difíceis e mais longos que supunha; seja porque os seus planos tenham sido perturbados pelo ataque imprevisto do referido general russo; seja ainda porque as primeiras batalhas do fim da primavera nas regiões de Kertch, Sebastopol e Kharkoff tenham sido mais difíceis e longas, causando aos alemães custosas perdas e assim não tenham trazido o que tinha previsto e, finalmente, talvez porque o *Führer* tenha hesitado em face das opiniões contraditórias dos seus conselheiros militares.

5. Como é sabido, uns sugeriam não mais empreender ofensivas dispendiosas em homem e material na frente russa e de concentrar o maior esforço na África e no Levante e outros preconizavam, ao contrário, um esforço supremo tendo em vista não esmagar definitivamente os exércitos russos, mas destinado a se apoderar das posições estratégicas que colocariam os soldados alemães ao abrigo de uma contraofensiva e onde poderiam, tal como foi prometido pelo *Führer*, passar o próximo inverno em condições mais confortáveis, uma vez que tenham podido alcançar os campos petrolíferos do Cáucaso.

6. Hitler parece ter adotado este último alvitre e assim a batalha de Koursk, iniciada em 28 de junho, está se estendendo e aumenta cada dia

de intensidade e de violência e aos poucos está se transformando em uma grande ofensiva, a maior talvez da presente guerra, como diz Berlim.

7. O Alto Comando alemão está empregando todas suas melhores forças em ações limitadas a alguns setores onde pode assegurar previamente uma superioridade numérica considerável.

8. A tática russa de oposição consiste em defender o terreno metro a metro para evitar rupturas nas suas linhas e recuar quando o perigo é ameaçador. Consiste ainda em contra-ataques sobre os flancos sempre ameaçados do general von Bock.

9. Trata-se de uma defensiva conjugada com uma ofensiva para retardar o avanço inimigo, infligindo-lhe pesadas perdas, ou seja, uma manobra decisiva contra a tática de exterminação e essa parece ser a fórmula empregada na batalha que se está violentamente travando na Ucrânia.

10. Os exércitos russos enfrentam o inimigo com uma completa confiança na sua própria força, com um espírito de sacrifício total e com a certeza de poder dominar a avalanche de aço e de fogo que lhes atiram os alemães continuamente.

11. A opinião aqui está confiante na resistência russa e tudo está sendo feito para serem socorridos da melhor forma possível.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 20 JUL. 1942 • AHI 28/2/8

[*Índice*:] O grande esforço alemão.

N. 351

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 20 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

Da mesma forma que no ano passado, em idêntica época, tudo desaparece diante da importância dos acontecimentos que se estão desenrolando na frente russa e tudo está submetido ao resultado dessas operações.

2. Todos sentem que esses terríveis choques de armas e essas potentes massas de homens devem exercer uma influência quase decisiva, senão decisiva, sobre a guerra no decurso do presente ano.
3. A imprensa britânica e russa não esconde a gravidade da situação, manifestando, porém, tal como o Alto Comando soviético, uma decidida confiança na coragem, decisão e força dos exércitos moscovitas.
4. "A pátria está em perigo" é a fórmula que domina hoje em toda a União Soviética, indicando a cada cidadão russo qual o seu dever em tão graves circunstâncias.
5. Os alemães não sentem menos do que os Aliados a importância da partida formidável que está sendo jogada nas margens do Don.
6. Neste outono, escrevia há dias a *Gazeta de Frankfurt* [*sic*] [*que*] a sorte será lançada e nos próximos meses a guerra estará, senão acabada, pelo menos decidida.
7. Essa afirmação, que significa um encorajamento, encerra uma explicação muito clara da tática seguida pelo Alto Comando alemão e dos resultados que o Fü*hrer* espera obter.
8. Ele lança na batalha todas as forças de que pode dispor em material e homens, formando um bloco poderoso para esmagar os exércitos do marechal Timochenko e isolá-los com a esperança de aniquilar a potência militar da Rússia e, principalmente, a sua força ofensiva, que se mantém firme e se apresenta como a mais terrível ameaça para os alemães.
9. Esse almejado resultado, que Hitler há um ano tenta obter e que sempre lhe escapou até agora, deve ser obtido antes da chegada do novo inverno, cuja perspectiva infunde pavor aos soldados alemães, recordando tudo o que sofreram no começo do corrente ano.
10. Faltando apenas pouco mais de três meses, o Alto Comando alemão, com uma pressa febril, ataca furiosamente para obter a vitória a qualquer preço sem a menor consideração pelo sacrifício de vidas.
11. No artigo acima referido a *Gazeta de Frankfurt* [*sic*] diz ainda: "Nós não subestimamos o valor da produção americana, mas, antes que o material manufaturado possa chegar à frente de batalha, a resistência do inimigo deverá estar quebrada".
12. Assim, como o Fü*hrer* declarou, em 26 de abril último, no Reichstag, os alemães sabem que esta nova campanha será

dura e desde já nutrem poucas esperanças de um resultado decisivo e a ambição dos militares nazistas parece estar limitada, como dizia há poucos dias um comentador italiano, a paralisar a potência militar russa antes do inverno e antes que recebam em grandes quantidades o material bélico anglo-americano.

13. Parece-me que deve ser notada essa dupla preocupação do chanceler Hitler e, sobretudo, da modéstia, que a todos surpreende, de suas presentes pretensões e objetivos.

14. Ninguém pode fazer previsões, mas aqui domina, como disse, o sentimento de confiança no valor militar russo.

15. O marechal Timochenko, que não foi surpreendido pelo ataque alemão, opõe à tática de von Bock uma ação defensiva em profundidade e os generais nazis sabem que no lugar escolhido pelo marechal russo eles encontrarão um novo exército já instalado, há muito tempo, em posições solidamente preparadas pelo Estado-Maior moscovita.

16. Nessas condições não parece que Hitler esteja prestes a lograr a decisão definitiva que ele novamente se empenha, freneticamente, em conseguir, mesmo ao preço de perdas irreparáveis.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 27 JUL. 1942 • AHI 28/2/8

[*Índice:*] Dívida externa brasileira.

N. 357

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 27 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

Terminando, em março próximo, o esquema provisório que modificou o chamado "Plano Aranha", para o pagamento da dívida externa brasileira, julgo de interesse manter essa Secretaria de Estado ao par das opiniões manifestadas pela imprensa desta capital, a respeito da solução que, no parecer dos círculos financeiros britânicos, deverá ser dada, naquela data, a esse problema.

2. Remeto, em anexo, um recorte do *Financial Times*, de 27 do corrente, contendo o texto de uma carta de um senhor A. C. Boorman, que trata, sobretudo, dos títulos brasileiros classificados na 8ª categoria do dito plano[7].

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 29 JUL. 1942 • AHI 28/2/8

[*Índice*:] A organização da paz.

N. 359

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 29 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

A opinião pública tem por meses manifestado na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos uma certa impaciência diante da recusa, aliás justificada, dos governos de Londres e de Washington em publicar uma completa exposição sobre os reais objetivos da guerra ou mesmo apenas uma interpretação exata da "Carta do Atlântico".

2. O discurso do senhor Cordell Hull é, com efeito, um comentário autorizado à margem da "Carta do Atlântico", e tendo sido proferido depois de certas declarações do presidente Roosevelt, do vice-presidente Wallace e do senhor Summer Wells, para citar apenas os dirigentes americanos, não parece conter ideias novas nem querer fazer revelações.

3. O senhor Cordell Hull, porém, em forma concisa, exprime a parte essencial do pensamento dos homens de Estado americanos sobre a conduta da guerra e a futura construção da paz.

4. O discurso referido, que aqui causou grande impressão, foi muito comentado, pois claramente indica que de fato a guerra teve início em 1931 quando o Japão atacou a China, o que então foi considerado indiferentemente pelos que obstinavam em acreditar nos sentimentos pacíficos dos países do Eixo, em vez de reagirem contra a política de agressão que se inaugurou naquela época.

7 Recorte não localizado no volume.

5. Isso naturalmente provocou aqui uma grande reação, constituindo uma real reprovação às diplomacias britânica e francesa de contemporização com a Alemanha e que prevaleceu até a guerra de 1939, permitindo que se preparasse para a guerra**.**
6. Por uma feliz coincidência, que deve ser salientada, o ministro senhor Anthony Eden, falando aqui no mesmo dia em que o secretário de Estado americano fazia suas declarações, usava da mesma linguagem, em termos quase idênticos, definindo a atual política do governo britânico no que se refere à futura organização da paz.
7. "Nós perdemos a última paz", disse o senhor Eden, "porque as nações não trabalharam para conservá-la com a mesma energia que tinham desenvolvido durante a guerra. Desta vez nós não cometeremos os mesmos erros e a respeito da Alemanha nós trataremos de não mais correr os riscos a que nos expusemos confiando demasiadamente nas suas declarações de amor ao pacifismo".
8. Tal como o senhor Cordell Hull, o ministro dos Negócios Estrangeiros britânico declarou-se em favor da criação de uma organização internacional no seio da qual a Grã-Bretanha trará ao lado dos Estados Unidos, da Rússia e da China a sua decidida contribuição para o desenvolvimento de uma grande civilização universal.
9. Assim, pois, pouco a pouco vão sendo elaborados a doutrina e os métodos de aplicação da paz que a vitória das Nações Unidas trará ao mundo para garantir uma era de segurança e de prosperidade.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 29 JUL. 1942 • AHI 28/2/8

[*Índice*:] O Eixo e a segunda frente.

N. 363

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 29 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

A atitude de Berlim e de Roma a respeito de uma segunda frente de batalha é deveras interessante.

2. A propaganda do Eixo tratando dessa eventualidade evoluiu sensivelmente nos últimos oito meses.

3. Primeiramente e durante muito tempo o senhor Goebbels tinha ridicularizado a ideia e afirmado com energia que a muralha levantada a oeste pela organização Posdt, sob a imediata inspeção do *Füh*rer, constituía um obstáculo inexpugnável.

4. Ainda não há muito a imprensa alemã estava cheia de artigos e declarações de técnicos nazistas desafiando os ingleses ao ataque do continente.

5. A aludida propaganda ainda não cessou de todo de explorar esse tema, mas desde algumas semanas o seu tom tornou-se mais grave e está apresentando novos argumentos.

6. A Alemanha e a Itália já estão agora encarando a possibilidade da abertura de uma segunda frente pelos Aliados e a transição do desprezo ao receio no espírito dos dirigentes do Eixo e na forma de sua propaganda coincidiu, no começo deste ano, com a aparição dos "Comandos" britânicos, operando também nas costas da Europa Ocidental, com o aumento dos bombardeios da Real Força Aérea, com a chegada contínua de tropas americanas na Grã-Bretanha, assim como com o reforço e a generalização da resistência passiva e ativa das populações da Noruega, Países-Baixos, Bélgica e França.

7. A nomeação, em 15 de abril último, do marechal von Rundstedt para exercer o comando em chefe dos trabalhos de defesa e das eventuais operações na Europa Ocidental, marcou a primeira fase dessa modificação de atitude.

8. Posteriormente foi sabido que o marechal referido estava ativamente fazendo preparar as fortificações defensivas contra os anunciados ataques dos Aliados, mormente na costa franco-belga, holandesa e na Noruega.

9. Há poucos dias foi publicado em Berlim um comunicado oficial anunciando a terminação das manobras executadas pelas forças alemãs de terra e mar no norte da França.

10. As viagens do ministro Molotov a Londres e Washington, o acordo firmado nessa ocasião entre a Rússia, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos sobre as "tarefas urgentes a serem empreendidas visando a criação de uma segunda frente na Europa", o comunicado de 27 de junho último, publicado por motivo da entrevista Churchill--Roosevelt anunciando que "as próximas operações desviarão forças alemãs da frente russa", marcaram o começo da terceira etapa.

11. Desde então a propaganda alemã e italiana se esforça tanto em anunciar o certo desastre de uma tal empresa, devido principalmente às perdas marítimas causadas pelos submarinos, quanto inútil, em face da fraqueza crescente da potência militar russa e nessas condições os Aliados chegariam demasiadamente tarde e com meios insuficientes para lograr um êxito eficaz.
12. Por outro lado, a mesma propaganda ameaça abertamente com as mais severas represálias as populações dos países ocupados, no caso em que procurem ajudar os invasores.
13. Nessas condições a formidável ofensiva do Cáucaso mostra a sua verdadeira razão.
14. A Alemanha tenta desesperadamente reduzir a Rússia, aniquilando o seu poder militar, para poder se instalar a [*l*]este, em uma posição defensiva e voltar-se para oeste antes que se constitua a segunda frente e que a torrente de produção americana chegue à Europa, para onde já está sendo encaminhada.
15. Permanece, apesar da gravidade da situação na frente russa, uma grande esperança e mesmo confiança de que os russos possam aguentar com a sua força militar intacta até o próximo inverno, o que seria extremamente grave para os alemães e permitiria aos Aliados desenvolverem a sua ação com mais segurança e preparo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 01 AGO. 1942 • AHI 28/2/8

[*Índice:*] Mês político n. 8.

N. 374

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 1º de agosto de 1942.

Senhor Ministro,

A Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos

cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o Relatório Político n. 8, relativo ao mês de julho, próximo passado.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

[*Anexo*]

Mês político n. 8

A situação militar das Nações Unidas é mais grave agora que em qualquer outra ocasião desde o verão de 1940, disse o *Times* em editorial de 29 de julho. Caiu Rostov e os exércitos alemães avançam sobre Stalingrado e o Volga. A campanha é vital não só para a Rússia, como para a causa das Nações Unidas. O atraso na ofensiva, que em vez de primavera foi de verão, não lhe diminuiu a intensidade.

Mas, não há razão para sermos demasiados pessimistas, disse em almoço, nesta embaixada (29 de julho), o senhor Winston Churchill.

A máquina militar alemã é ainda senão mais que nunca formidável. Devíamos contar com esta ofensiva em grande escala sobre a Rússia e que ela havia de alcançar grande avanço territorial, mas o fato de que ela está concentrada sobre um só ponto e que Moscou não seja visada é um sintoma favorável, quando se compara a posição deste ano com a do ano passado, em que a ofensiva era sobre toda a frente e os alemães avançavam sobre a capital, Leningrado e o Cáucaso. Há um ano ninguém acreditava, nenhum dos técnicos militares do governo admitia, que os russos pudessem resistir até o inverno e sobretudo havia o receio do colapso do governo ou da submissão da população. Hoje, como orgulhosamente manifestou Molotoff [*sic*] ao primeiro-ministro, na sua recente visita a Londres, o patriotismo admirável dos russos, defendendo aferradamente o território nacional, tinha sido uma inspiração para o governo, dando-lhe uma coragem e uma determinação a resistir a todo o transe, o que não tinha acontecido na guerra contra a Finlândia e até a última, conforme observou o senhor Churchill. No passado a Rússia jamais resistiu sozinha contra a Alemanha. Neste segundo ano de guerra ela estava lutando com mais entusiasmo que nunca, mas evidentemente as perdas territoriais e industriais pesavam sobre a eficiência do seu fator bélico. Assim, o primeiro-ministro é agora de opinião que a guerra vai durar, bem mais que a passada, infelizmente. Embora o ataque não fosse tão temível quanto o ano passado, a máquina de guerra alemã nada perdeu da sua força, nem ele acredita que a Alemanha se renda da mesma maneira que então. Haverá, pois,

que contar com uma guerra prolongada e feroz. As Nações Unidas, porém, haveriam de conduzi-la à vitória final, quaisquer que fossem as vitórias alemães e que a Inglaterra haveria de conduzir a ofensiva ao continente. Três anos de preparação aqui, graças ao erro de Hitler de marchar sobre a Rússia, e a contribuição cada dia mais poderosa dos Estados Unidos, eram a garantia de que aquelas esmagarão finalmente o inimigo. Já a luta está travada no ar. A ofensiva aérea britânica, declarou o senhor Churchill, prosseguirá com crescente intensidade, e agora sem a precaução até há pouco mantida de poupar a população civil, exatamente como se exprimiu [*o*] *air marshal* Harris no seu discurso do dia 28 ao povo alemão, pelo que estava certo de que os alemães, logo que puderem, voltarão a bombardear Londres e outras cidades inglesas com a mesma ferocidade do outono de 1940. Destas palavras se conclui que Churchill está convencido de que antes do inverno a Alemanha poderá transferir para este lado a intensidade do seu esforço militar. O primeiro-ministro fez críticas severas à atitude da Finlândia, cuja permanência na guerra não mais se justificava pelo erro dos seus chefes militares, fascistas de coração, os quais impuseram sua vontade sobre o governo civil e democrático, e colocarão o país, malgrado as simpatias que a sua causa tivera entre os ingleses em 1940, na barra dos criminosos.

Segundo se ouve dizer, altos chefes militares americanos e ingleses estão tendo conferências diárias com o senhor Churchill, inclusive o senhor William Bullitt, representante especial do secretário da Marinha Frank Knox, para discutir problemas de suprimentos à Rússia pela via do mar Ártico, onde os comboios britânicos estão sendo insistentemente atacados por aviões e unidades navais alemãs. Outro tópico dessas conferências deve ser a "segunda frente" ou uma diversão que obrigue os alemães a desviarem forças do Oriente para o Ocidente. Não há dúvida sobre o anseio nacional pela segunda frente, anseio acolhido pelo primeiro-ministro como "evidência do espírito militante e agressivo do país".

Mas há outros problemas que requerem solução. Acredita-se que seja eminente um ataque japonês sobre a Sibéria, calculado de modo a atacar a Rússia pelas costas, no momento em que a pressão alemã se tornar mais decisiva. Há dois meios, menos perigosos, em que as forças anglo-americanas podem auxiliar a Rússia em tal emergência. Como o ataque dos japoneses será desferido das ilhas Aleutas, recentemente conquistadas, o golpe aliado deverá dirigir-se sobre elas para desalojá-los. O outro meio é suprir os chineses com mais aviões, que, em colaboração

com a aviação estacionada na Índia, poderiam forçar o Japão a desviar sua força aérea.

O debate sobre a condução da guerra na Câmara dos Comuns foi pouco satisfatório, não tendo as discussões conduzido a resultados práticos, nem trazido à luz fatos ou indicações construtivas. As críticas não foram senão a repetição das anteriores. O primeiro-ministro conseguiu esmagadora maioria, repetindo também argumentos conhecidos. O debate teve lugar porque uns quantos membros de todos os partidos não gostam de Churchill e opõem-se à sua liderança. Além desse antagonismo pessoal, a onda de emoção que a queda de Tobruk provocou em todo o país, obrigou os parlamentares a tomarem posição.

Sir John Wardlaw-Milne, que já tem tido discussões com o primeiro-ministro como presidente do Comitê da Despesa Pública, julgou dever interpretar a inquietação nacional. Como a campanha no Egito ainda prosseguia indecisa, o voto foi prematuro e a ocasião mal escolhida. A queda de Tobruk não foi senão um incidente. Ninguém podia saber o que viria depois. Tampouco o governo. O primeiro-ministro e os membros do gabinete achavam-se tão ansiosos quanto os parlamentares. Assim, a votação em favor do senhor Churchill podia ter sido ditada por considerações de solidariedade, num momento em que a gravidade da situação impunha a união nacional. Na verdade, o governo cometeu erros e o senhor Churchill os confessa. Mas nenhum resultado teria tido sobre o resultado da batalha a decisão do Parlamento. Os críticos do primeiro-ministro procuraram transferi-las de Tobruk para a questão da produção. Infelizmente o senhor Oliver Lyttelton não esteve à altura do momento e o senhor Churchill teve que admitir com franqueza diversas falhas, mas indicou com habilidade a mesquinheza desses ataques, acusando-os de minarem a estabilidade do gabinete, em matéria de somenos relevância.

Segundo estatísticas recentes, os últimos acontecimentos diminuíram a confiança popular no governo, bem como sobre a pessoa do senhor Churchill. Sua popularidade baixou de 90% para 70%. Metade da população, segundo essas cifras, está [in]satisfeita com a condução da guerra.

A situação na Índia passou por mais uma transformação, que, para melhor compreensão, requer uma recapitulação. Entre as duas guerras mundiais foram feitas tentativas para resolver o problema hindu: as duas *Round Table Conferences* em Londres, a Comissão Simon, a promessa britânica da concessão do *status* de domínio e o Decreto de 1935, que é um começo de realização dessa promessa. Finalmente,

sir Stafford Cripps foi mandado à Índia para submeter propostas que eram a um tempo práticas e liberais, tendo empregado para o seu êxito grandes esforços e exemplar paciência. Tudo foi em vão. Os políticos hindus mantiveram-se aferrados às suas dissensões e a proposta fracassou: a responsabilidade não pode mais ser atribuída ao governo britânico. Como disse, na Câmara dos *Lords*, no dia 30, *lord* Hardinge, antigo vice-rei, "quem conhece a Índia sabe que um acordo entre as diferentes raças e credos será impossível por muitos anos ainda". A proposta foi abandonada, mas o governo deixou a porta aberta para futuras tentativas de solução.

Nesta altura entra em cena o senhor Gandhi com uma proposta tragicômica. A instigações suas, o Comitê Executivo do Partido do Congresso adotou, a 14 de julho, *ad referendum* do seu "All India Committee", uma resolução exigindo a imediata retirada do domínio britânico da Índia, sob ameaça de um movimento de desobediência civil, autêntica sabotagem, caso não seja atendida. Isso quando o conquistador inimigo está às portas e que a posição da Inglaterra é a mais embaraçosa. Gandhi pensa poder afastar esse perigo mediante um apelo aos japoneses e, quanto aos dois outros parceiros do Eixo, acredita que com o despacho de missões a Berlim e Roma obterá a paz. Não há na história da diplomacia passagem de maior ingenuidade. Pandit Nehru, meio perplexo ante essa negação de bom senso, saiu-se do embaraço atacando as propostas de Cripps. A única explicação inteligível para o plano de Gandhi é o seu transparente maquiavelismo para impor a vontade da maioria sobre os partidos dissidentes num país essencialmente de minorias. Da sua adoção resultaria a anarquia para a Índia e um inesperado serviço para os inimigos da liberdade, a que a Índia aspira. Como declarou o senhor Amery, secretário da Índia, nos Comuns, afirmando o ponto de vista do governo, em resposta ao senhor Gandhi, "não se pode conceber maior desserviço à causa porque se batem as Nações Unidas e todo o mundo tem que repelir essa catástrofe, num dos teatros da guerra mais vitais". Assim, assegurou ele que "o governo da Índia não hesitará um minuto em tomar as medidas que a situação exigir", reiterando que o governo de Sua Majestade continua ligado às propostas transmitidas por Cripps.

A Liga Islâmica não deixou passar a ocasião sem repelir em linguagem enérgica o desafio que representa essa resolução do Congresso. O senhor Jinnah, presidente da Liga, declarou que a proposta do senhor Gandhi de modo algum poderia ser aceita, pois

não passa de uma manobra para eliminar o projeto de Federação (Paquistão) pelo qual se bate o seu partido.

Depois de umas poucas sessões o Parlamento vai entrar nas férias de verão pelo espaço de um mês. Alguns membros quiseram propor a redução do prazo, mas o governo não é favorável a essa sugestão e o primeiro-ministro julgou não dever fazer uma nova declaração sobre o progresso da guerra, recusando-se a discutir a situação militar mesmo em sessão secreta.

O Partido Laborista vai reunir-se nos primeiros dias de agosto para discutir a cisão criada pelo voto de 47 dos seus representantes na Câmara, sobre o recente aumento de meia coroa na pensão da velhice, em desobediência ao *leader*, senhor Greenwood, que havia aceito a promessa dada pelo ministro Bevin de estudar um possível suplemento na próxima legislatura. Foi esta uma rebelião, que embora não signifique uma deslealdade para com o governo ou para com os chefes do partido, é, entretanto, uma quebra perigosa de disciplina, que está sendo fortemente criticada pela imprensa conservadora.

Londres, 1º de agosto de 1942.

Moniz de Aragão

Redação do senhor ministro J. de Sousa Leão

❖

TELEGRAMA • 05 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice*:] Partida do senhor Churchill para Moscou. Declarações vice-primeiro-ministro à Câmara dos Comuns.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

263 – QUARTA-FEIRA – 5 AGOSTO 1942 – 16h30 – Informo confidencialmente estar informado, de fonte autorizada, que o primeiro-ministro deve ter partido anteontem de avião, secretamente, para Moscou, onde estaria em conferência de muita importância com Stalin, sobre assuntos militares, requerendo decisão imediata sobre a abertura da segunda frente e a organização do comando militar único e sobre a situação na Índia. As declarações que deviam ser feitas pelo senhor Churchill, ontem, na Câmara dos Comuns, reunida inesperadamente em sessão

secreta, foram prestadas pelo vice-primeiro-ministro que pediu à Câmara dos Comuns paciência até o regresso do primeiro-ministro. O assunto está sendo mantido em segredo absoluto, esperando-se um comunicado oficial dentro em poucos dias. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 07 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Conversações anglo-russo-americanas em Moscou. Impressão nos círculos políticos da Grã-Bretanha

Da Embaixada em Londres

270 – SEXTA-FEIRA – 7 AGOSTO 1942 – 16h00 – Em aditamento ao meu telegrama n. 263. O assunto continua mantido em segredo absoluto, mas os círculos políticos estão ansiosos por conhecer o resultado das conversações em Moscou de que também participam os embaixadores americano aqui e o inglês, além de altas patentes da Marinha e do Exército dos Estados Unidos da América e da Grã-Bretanha. A forma rápida de intensificar o auxílio militar à Rússia constitui uma das principais preocupações do senhor Churchill e do presidente Roosevelt, considerando-se que o recente e rápido êxito obtido pelos alemães na ala direita da frente russa torna grave a situação dos Aliados, com o presente desenvolvimento das operações ameaçando a área ao norte do Cáucaso. Nestas condições, tornou-se de máxima importância a urgente e íntima colaboração e consulta pessoal entre Stalin e o senhor Churchill e os técnicos militares responsáveis pela tática e estratégia a serem combinadas sem demora entre o Supremo Conselho de Guerra em Moscou e as autoridades responsáveis pela direção militar anglo-americana. Da conferência resultará, certamente, a decisão sobre a oportunidade e a possibilidade da abertura de segunda frente, o que a Rússia deseja imediatamente e os Aliados preferem seja na próxima primavera. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 10 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice:*] Operação embaixador Moniz de Aragão.

Da Embaixada em Londres

272 – SEGUNDA-FEIRA – 10 AGOSTO 1942 – 12h00 – Atacado de crise de apendicite, fui operado em condições satisfatórias. MONIZ DE ARAGÃO

OFÍCIO • 10 AGO. 1942 • AHI 28/2/8

[*Índice*:] Artigo do *Times* sobre a América Latina.

N. 397

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 10 de agosto de 1942.

Senhor Ministro,

A título de informação e em aditamento ao meu ofício n. 340, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o interessante artigo, aparecido hoje, do correspondente do *Times* em Buenos Aires, intitulado "Latin America since Rio", em que a atitude da Argentina e do Chile e os perigos de isolamento são examinados à luz dos últimos acontecimentos.

2. No mesmo número, apareceu um editorial sobre a Argentina, a propósito das desculpas apresentadas pela Câmara de Deputados argentina pelo assalto de que foi vítima o senhor Waldo Frank em Buenos Aires, em que o *Times* diz que, embora as simpatias do povo argentino sejam pelas Nações Unidas, o governo hesita entre os azares da guerra e as vantagens de uma precária neutralidade, tornada cada vez mais difícil por atos dos próprios países do Eixo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*: "Latin America Since Rio". *Times*, Londres, 10 de agosto de 1942.]

❖

TELEGRAMA • 17 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice*:] Proibição exportação carnes brasileiras.

Da Embaixada em Londres

279 – SEGUNDA-FEIRA – 17 AGOSTO 1942 – 12h30 – Agradeceria confirmação urgente das notícias aqui divulgadas sobre o decreto federal proibindo a produção de carne frigorificada e carne em conserva para exportação durante 60 dias, a começar de 1º de setembro. Fomos

consultados sobre se a medida afetará a exportação das nossas mercadorias já prontas para embarque. J. J. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 17 AGO. 1942 • AHI 28/2/8

[*Índice*:] Agentes nazistas na América.

N. 405

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 17 de agosto de 1942.

Senhor Ministro,

O *Times* de hoje publicou uma correspondência de Washington sobre a campanha de sabotagem e espionagem nazista na América. O Federal Bureau of Investigation já prendeu 10 mil estrangeiros, a metade dos quais japoneses, um terço alemães e o resto italianos, pelo que não tem havido maiores depredações pela Quinta Coluna, mas o problema dos submarinos continua a preocupar, acreditando-se que estes recebam informações de terra. A propósito, diz o correspondente, a imprensa brasileira tem alegado que alguns portos, na Martinica e na Guiana Francesa, estão sendo frequentados pelos submarinos. Menciona ainda, em corroboração, a organização chefiada por um George Gough, comerciante nas Honduras Britânicas, *bootlegger*, que empregava dez veleiros rápidos no suprimento clandestino dos submarinos no mar [*do*] Caribe, como foi constatado pelo serviço de contraespionagem americano.

2. Comentando as revelações deste artigo, o referido jornal, em editorial que incluo juntamente com o artigo do correspondente[8], diz que o desapontamento dos alemães na América Latina não tem sido menor do que na América do Norte, com a German-American Bund. Desde a subida ao poder o Partido Nazista procurou arregimentar a comunidade alemã no Brasil e o plano tinha tido êxito até a intervenção magistral do presidente Vargas, que soube fazer impor a unidade e a independência da maior das repúblicas sul-americanas. Até a colônia italiana voltou-se contra o fascismo, como se constata da imponente demonstração dos Italianos Livres, em Montevidéu, prestando colaboração ainda menos apreciável que a Falange Espanhola. Felizmente, conclui o *Times*, em mais de um país surgiram estadistas de energia e clarividência suficientes para perceberam a transitoriedade dos presentes triunfos alemães.

8 Não localizado no volume.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 18 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice*:] Conversações anglo-russo-americanas em Moscou. Comunicado inglês.

Da Embaixada em Londres

283 – TERÇA-FEIRA – 18 AGOSTO 1942 – 18h00 – Aditamento ao meu telegrama n. 270. Foi divulgado o comunicado sobre a Conferência de Moscou com a participação do senhor Churchill, conforme já comuniquei. O senhor Churchill passou pelo Egito, a fim de conferenciar com os chefes militares e o general de Gaulle. As conversações do chefe do governo abrangeram todos os aspectos da presente guerra. O comunicado indica que foram obtidos diversos acordos relativamente à estratégia a ser adotada contra os países do Eixo. Foi reiterada a firme deliberação dos governos aliados no prosseguimento da luta, com todos os elementos de que dispõem, até a completa destruição do inimigo. Toda a imprensa salienta o perfeito entendimento anglo-russo-americano, julgando que as medidas adotadas marcarão grande passo para a futura direção da guerra, reforçando a resistência das nações aliadas e permitindo mais energia por parte das unidades de comando, principalmente na fase atual, considerada crítica, devendo durar algum tempo. A abertura da segunda frente e a intensificação imediata do auxílio à Rússia foram as matérias principais discutidas. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 18 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice*:] Proibição exportação carnes brasileiras

Da Embaixada em Londres

285 – TERÇA-FEIRA – 18 AGOSTO 1942 – 17h15 – Em aditamento ao meu telegrama n. 279. O Ministério da Alimentação espera que se não ignorará, no

decreto em questão, a exportação, durante setembro, de carnes preparadas anteriormente a 1º de setembro. Informa que reservou praça, no próximo mês, para 2.637 toneladas de carne frigorificada e 11 mil de carnes em conserva a serem embarcadas em Santos e no Rio de Janeiro. Lembro que as mencionadas quantidades são parte integrante do contrato global deste ano com aquele ministério. Wilson e, bem assim, o Frigorífico Anglo julgam que a medida desarticulará a distribuição normal do gado apropriado, disponível, para a execução do contrato, a qual permita-me ponderar, é essencial para o prestígio do Brasil e a manutenção da posição adquirida desde a guerra neste mercado, relativamente à carne. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 19 AGO. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Proibição de exportação de carnes brasileiras.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

159 – 19 AGOSTO 1942 – Resposta aos seus telegramas números 279 e 285. Há dois decretos sobre o assunto: um, que proíbe a frigorificação ou a industrialização da carne de bovino, para fins de exportação, pelos estabelecimentos situados apenas nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, dentro do prazo de 60 dias que, entretanto, a critério do governo, poderá ser prorrogado ou reduzido; outro, que obriga os estabelecimentos industriais de abatimento de gado para exportação, em todo o país, a atender às requisições de carne que lhes forem feitas pelas prefeituras para consumo local. As medidas em ambos previstas entrarão em vigor a partir de 1º de setembro próximo, visam assegurar o abastecimento de carne à população do país e não afetam a exportação das mercadorias já prontas para embarque até 30 do corrente. O governo do Brasil tratará de acautelar os interesses do comércio exterior brasileiro, limitando-lhe ao mínimo possível os prejuízos que, porventura, se tornarem necessários. EXTERIORES

❖

TELEGRAMA • 20 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice*:] Torpedeamento navios brasileiros. Condolências governo britânico.

Da Embaixada em Londres

289 – QUINTA-FEIRA – 20 AGOSTO 1942 – 18h00 – O ministro das Relações

Exteriores convocou-me ao Foreign Office. Por estar retido na clínica, compareceu o conselheiro da embaixada, dele recebendo os pêsames do governo britânico pelo afundamento dos navios e perdas de vidas brasileiras. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 20 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice*:] Proibição exportação carnes brasileiras

Da Embaixada em Londres

290 – QUINTA-FEIRA – 20 AGOSTO 1942 – 19h15 – Aditamento ao meu telegrama n. 285 e referência ao telegrama de Vossa Excelência n. 159. Os representantes aqui das firmas Wilson, Anglo e Armour acabam de enviar-nos uma carta coletiva, salientando que, a não ser que sofram modificações, os decretos afetarão seriamente o cumprimento do contrato com o Ministério da Alimentação. Esclarecem que, embora o prazo nominal para a terminação do contrato seja a 31 de agosto, na prática sobra sempre uma quantidade que é preparada e embarcada depois. No corrente ano, o saldo da carne ainda não preparada e que não estará pronto antes do fim do mês, será substancial. A falta integral da execução do contrato acarretará, na sua opinião, grandes prejuízos ao Brasil, agora e para o futuro. Referiram-se ao vulto das praças reservadas para setembro. Rogo a Vossa Excelência que procure obter, com urgência, o reexame da questão, a fim de salvaguardar o cumprimento total do contrato, assegurando ressalvas para os saldos, que serão especificados pelos frigoríficos, sob pena de ficar o nosso país em posição insustentável para negociações futuras e exposto a explorações fáceis por parte dos países concorrentes. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 20 AGO. 1942 • AHI 28/2/8

[*Índice*:] A Conferência de Moscou.

N. 414

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 20 de agosto de 1942.

Senhor Ministro,

O encontro entre os senhores Churchill e Stalin constitui um acontecimento histórico.

2. Por duas vezes o ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, senhor Eden, tinha visitado Moscou depois do ataque alemão.
3. É, porém, a primeira vez que o primeiro-ministro pessoalmente vai à Rússia e no momento em que os Aliados resolveram dar uma solução concreta aos problemas de coordenação de seus esforços e de sua ação na atual luta.
4. Nesse sentido a presença do senhor Churchill para participar das conversas de Moscou, além de um representante pessoal do presidente Roosevelt, constitui uma resposta à visita que o vice-presidente do Conselho dos Comissários russo tinha feito ao senhor Churchill e ao presidente americano no mês de maio último.
5. Naquela ocasião foi assinada em Londres a aliança anglo-russa e foi divulgado o comunicado anglo-russo-americano de Washington referente à abertura de uma segunda frente em 1942.
6. A significação da presença do senhor Churchill nas conversas de Moscou é tão evidente que não permite fazer mistérios a respeito.
7. A tarefa urgente de criar uma segunda frente em 1942 foi reconhecida anteriormente e evidentemente uma questão dessa importância e gravidade deve ser submetida a uma discussão e exame completo, franco e livre entre as potências unidas.
8. A Rússia é tanto ou quase diretamente interessada quanto os britânicos e americanos, sendo essencial para ela como para a Grã-Bretanha e para os Estados Unidos que no momento da abertura de uma segunda frente exista um máximo de força, de eficácia e de probabilidade de êxito.
9. É evidente que o assalto devia ser realizado no momento mais oportuno e não vir tarde ou muito cedo.
10. Por mais grave que seja atualmente a situação na Rússia do Sul, trata-se, entretanto, de uma ofensiva secundária com objetivos relativamente limitados.
11. Os alemães não estão empregando senão uma parte de sua força e os russos conservam o grosso dos seus exércitos intacto, devendo ser acrescentado que a maneira pela qual os russos afrentaram em Voronezh e Stalingrado mostra que a ofensiva alemã é longe de poder ser considerada como total.
12. O senhor Churchill naturalmente discutiu todos esses assuntos com Stalin e os termos do comunicado final demonstram que o acordo foi completo e que os Aliados decidiram passar à ação sem perda de tempo.

13. A participação nas conversas Churchill-Harriman-Stalin dos generais Wavell e Alan Brooke e do general Voroshilov marca o caráter militar das questões tratadas no decurso dessa memorável conferência que, de fato, deve ser considerada como um verdadeiro conselho de guerra anglo-americano-russo.
14. Certas informações lançadas tendenciosamente pela propaganda de Berlim tentavam desde algum tempo fazer crer que as relações entre Londres e Washington com Moscou atravessavam uma crise e que os governos americano e britânico recuavam diante dos seus compromissos com a União Soviética.
15. As entrevistas realizadas agora e os termos do comunicado oficial demonstram, como disse, ter sido realizado o mais completo acordo.
16. Há três semanas o ministro Lyttelton falava dos oitenta dias de lutas decisivas e de dificuldades que os Aliados deviam enfrentar.
17. Hoje Hitler dispõe apenas de dois meses para alcançar os resultados decisivos que ambiciona.
18. O mundo inteiro e os próprios alemães já verificaram que o exército russo está intacto e que suas reservas estratégicas não foram ainda utilizadas. Os ingleses e os americanos, por seu lado, estão apenas no começo do seu esforço bélico e o Alto Comando alemão busca em vão adivinhar o momento e o local onde se produzirá a ofensiva aliada.
19. As notícias sobre a conferência aqui divulgadas causaram grande satisfação, sendo unanimemente comentada pela imprensa com entusiasmo.
20. Os observadores políticos acham particularmente encorajante a afirmação contida no comunicado de que «os três governos – britânico, russo e americano – estão decididos a combater com toda a força, toda a energia, até a completa destruição do hitlerismo».
21. A confiança geral foi reforçada e todos estão certos que as decisões tomadas pelos senhores Churchill e Stalin permitirão alcançar tais objetivos.
22. Em tempo informei a Vossa Excelência pelo telégrafo logo que me foi dado saber da partida secreta do senhor Churchill para Moscou.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

TELEGRAMA • 23 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice*:] Declaração estado guerra do Brasil com Alemanha e Itália. Solidariedade funcionários diplomáticos e consulares na Inglaterra.

Da Embaixada em Londres

291 – DOMINGO – 23 AGOSTO 1942 – 12h15 – Rogo a Vossa Excelência transmitir ao senhor presidente da República e aceitar pessoalmente os protestos de solidariedade que fazemos, o pessoal desta embaixada e dos consulados neste país, em face dos graves momentos que estamos atravessando. Pedimos todos ao governo brasileiro dispor dos nossos préstimos incondicionalmente, como melhor julgar, para a defesa da pátria. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 23 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice*:] Comentários imprensa e rádio Grã-Bretanha sobre declaração estado guerra do Brasil com Alemanha e Itália.

Da Embaixada em Londres

292 – DOMINGO – 23 AGOSTO 1942 – 12h30 – Todos os jornais desta manhã e as irradiações das últimas 24 horas tratam longamente da decisão do governo do Brasil em aceitar o estado de guerra com a Alemanha e a Itália, repelindo a agressão à soberania brasileira. A atitude corajosa e espontânea do nosso governo produziu profunda impressão em todos os círculos, sendo objeto de elogiosos comentários do porta-voz da colaboração do Brasil no esforço de guerra com os Aliados e a repercussão extraordinária que terá nossa atitude em todo o continente americano. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 23 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

[*Índice*:] Comunicação do Brasil ao governo inglês sobre a declaração estado de guerra com Alemanha e Itália.

Da Embaixada em Londres

293 – DOMINGO – 23 AGOSTO 1942 – 20h00 – A nota, de acordo com a circular n. 1646, foi entregue hoje de tarde ao subsecretário de Estado na ausência do secretário de Estado que me manifestou a grande satisfação

deste governo pela resposta altiva que o governo brasileiro deu à agressão não provocada, aceitando os riscos da beligerância e não faltando com as suas tradições. Apreciou a colaboração que o Brasil vem prestando à causa das nações aliadas, certo de que esta será da máxima relevância para a vitória final. MONIZ DE ARAGÃO

❖

OFÍCIO • 26 AGO. 1942 • AHI 28/2/8

[*Índice*:] Repercussão da declaração [*de*] guerra [*do*] Brasil na imprensa inglesa.

N. 422

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 26 de agosto de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que a declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha e a Itália tem repercutido entusiasticamente em todos os círculos sociais ingleses.

2. Toda a imprensa, através de artigos elogiosos, vem aplaudindo a atitude do governo brasileiro que reafirmou as tradições de dignidade e de coragem do nosso país.

3. Passo às mãos de Vossa Excelência, em anexo, alguns dos artigos mais interessantes aparecidos nestes últimos dias[9].

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

9 Anexos não localizados no volume.

RIO DA PRATA

(Buenos Aires – 1832 - 1834)

Apresentação

A Missão de Antonio Cândido Ferreira nas Províncias Unidas do Rio da Prata (1832-34): uma perspectiva diplomática da instabilidade regional

Lydia de Carvalho Coelho
Thayná Fuly Garcia[1]

Na sequência das publicações sobre a diplomacia brasileira no Rio da Prata durante a primeira metade do século XIX, transcrevemos neste número a correspondência de Antonio Cândido Ferreira, chefe da legação brasileira e cônsul-geral junto às Províncias Unidas do Rio da Prata entre 1832-1834. No período da missão ele encontrou, na região, uma conjuntura especialmente difícil devido à combinação entre as divisões internas nas Províncias Unidas e os conflitos no Uruguai (recém-independente) que alimentavam disputas entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires. Acrescente-se a instabilidade no Brasil, com os conflitos que marcaram o período regencial. As estruturas políticas ainda estavam em processo de institucionalização e era frágil a legitimidade dos Estados sul-americanos. Se na missão Correia da Câmara a Buenos Aires entre 1822 e 1824, publicada no número 31 dos *Cadernos do CHDD*, vimos as tensões e as disputas em torno do processo de consolidação da independência, nesta série testemunhamos o processo, complexo e conflitivo, de estabelecimento das bases dos Estados nacionais Cone Sul.

1 Graduandas do curso de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Para melhor compreender os eventos retratados pelas fontes primárias transcritas, é necessário voltar nossa atenção para um período anterior da história do Rio da Prata, mais precisamente para a Guerra da Cisplatina, que ocorreu entre os anos de 1825 e 1828. O conflito da Província Cisplatina era de importância estratégica para o Império do Brasil e para as Províncias Unidas. A hipótese de vitória e anexação da disputada província por um dos lados teria profundas consequências para a geopolítica da região e mesmo para a estruturação dos Estados nacionais. O desequilíbrio de poder regional poderia acarretar um confronto militar. Risco tanto maior quanto a expansão serviria a propósitos internos, pois, como observa Demétrio Magnoli, "a expansão externa funcionaria como meio de confirmação de um poder e um consenso que não são expressos através da representação de grupos sociais".[2] A rivalidade regional alimentava e era alimentada pelos problemas internos e esse será uma questão recorrente no Prata.

O desfecho da Guerra da Cisplatina se deu através do reconhecimento da independência da Banda Oriental, posteriormente República Oriental do Uruguai. A negociação entre o Império do Brasil e a Confederação Argentina foi mediada pela Inglaterra, que tinha grande influência na política sul-americana. O interesse da potência europeia era o de "garantir a internacionalização do Rio da Prata"[3] e, portanto, as vantagens comerciais que obtinha na região. Em 1828, foi firmada, entre o Brasil e a Argentina, a Convenção Preliminar de Paz que garantia a independência da Província Cisplatina e a livre navegação do Rio da Prata (e dos rios que nele desaguam). Sobre essa complexa disputa em torno do território do atual Uruguai, Magnoli sintetiza as divergências entre as diferentes partes envolvidas no processo:

> A Questão Cisplatina ilumina a posição de cada um dos atores e esclarece as relações entre o Império e a Grã-Bretanha. A independência uruguaia – cuja legitimidade política foi atestada, desde o início, pela popularidade de Artigas – não correspondia ao interesse de nenhuma das potências platinas. A Argentina, engajada no projeto das Províncias Unidas, a encarava como mais um episódio da fragmentação do antigo vice-Reinado, manipulado do exterior pela diabólica aliança entre a Grã-Bretanha e o Brasil. O Império, por seu turno, a interpretava como perda do acesso ao estuário, que passava ao controle indisputado da Argentina. Entretanto, o

2 MAGNOLI, Demétrio, 1997, p. 139.
3 FERREIRA, Gabriela N., 2009, p. 58.

> Uruguai independente identificava-se plenamente com os objetivos da Grã-Bretanha, cuja política visava, simultaneamente, afastar o Brasil do Rio da Prata e evitar que as duas margens do estuário ficassem sob domínio argentino.[4]

A Convenção Preliminar significa o fim da guerra, mas não estabiliza a região. Como se verá na correspondência, parte das observações diz respeito a atritos entre o Brasil e as Províncias Unidas e aos conflitos entre facções no Uruguai que começam a repercutir nos dois países e, como sabemos, serão decisivos para a dinâmica regional ao longo do século XIX. As instruções da missão, publicadas no número 12 dos *Cadernos do CHDD*,[5] indicam a centralidade das questões do pós-guerra da Cisplatina e da navegação no Prata. Em função da precariedade dos meios de comunicação, outro objetivo da missão de Ferreira era transmitir informações sobre o Chile, o Peru e o Paraguai, além de buscar resolução para questões que interessavam diretamente alguns cidadãos brasileiros, como, por exemplo, o problema do confisco de bens de deputados da Bahia pelo governo de Buenos Aires durante a guerra.

Importante assinalar também que as citadas diretrizes anunciam o que se tornará um princípio norteador das relações diplomáticas do Brasil no continente: a necessidade da redução da influência europeia nos negócios americanos – tema que, naquele momento, está ligado a atitude de neutralidade do Governo Imperial que queria afastar as suspeitas de que executava, no continente, a política da Santa Aliança. As instruções elaboradas pelo ministro Francisco Carneiro de Campos não poderiam ser mais claras:

> No momento de sua apresentação, deverá V. Mce. manifestar os sentimentos de boa inteligência e consideração de que se acha animada a Regência deste Império para com essa república, cujas relações de amizade e boa vizinhança se esmerará em conservar, com aquela franqueza e candura que deve existir entre povos americanos, cujo interesse é ligar-se mutuamente e fugir da política tortuosa e maquiavélica de que usam os governos da Europa nas suas transações e que tem sido, talvez, a principal causa das dissensões e desgraças que têm assolado o nosso continente, sendo, por isso, tempo que abramos os olhos e tratemos de malograr as intrigas que fazem para a nossa geral desunião.[6]

4 MAGNOLI, Demétrio, 1997, p. 148

5 Cf. *Cadernos do CHDD*, ano VII, n. 12, primeiro semestre, 2008, p. 142-145, Francisco Carneiro de Campos a Antonio Cândido Ferreira, 12 jan.1832.

6 *Ibidem*, 2008, p. 142.

A orientação política ganha sentido concreto quando da invasão das Malvinas pela Grã-Bretanha. Em ofício de janeiro de 1833, ao falar sobre a questão das Ilhas Malvinas e em solidariedade à posição argentina, Antonio Cândido Ferreira enfatiza essa postura de distanciamento da Europa, ao concordar com a colocação do correspondente argentino sobre tal assunto, que afirma que "a América deve ter uma política peculiar sua, concentrando-se em si mesmo, e esquecendo-se da velha Europa, que é a causa das suas dissensões e desgraças".[7]

No exame da correspondência, os ofícios sobre a questão da Banda Oriental são reveladores. Ao Império, em momento de instabilidade política, interessava chegar a um tratado definitivo de paz por várias razões, a começar pelas questões relacionadas à contenção de possíveis tentativas da Confederação Argentina de anexar o território da Banda Oriental[8]. As diferenças das perspectivas brasileira e argentina ficam expostas na sugestão que faz o ministro argentino Manoel Vicente Maza ao encarregado brasileiro no ofício de 19 julho de1832.

O sonho de reconstituir o Vice-Reinado do Prata ainda era alimentado por Rosas e explica, entre outras razões, o quanto ele retardou o reconhecimento do Paraguai. Por outro lado, a Convenção Preliminar de Paz "abria uma brecha [...] para a ingerência britânica nos conflitos platinos"[9] na medida em que a Inglaterra era a nação mediadora do acordo. Havia também o impasse relacionado aos pecuaristas do sul do Império brasileiro, que manifestavam forte interesse comercial na "disputa pelo estoque de gado da Banda Oriental".[10] Assim, um dos personagens frequentes na documentação é Lavalleja que, em 1832, se rebela contra a presidência de Fructuoso Rivera, é derrotado e se refugia no Brasil.[11] Não por acaso, a primeira visita que recebe Antonio Cândido Ferreira quando assume o posto é a de Lavalleja e para manifestar "reservadamente (...) os desejos que tinha, de que a província de Montevidéu

7 É interessante notar que, na correspondência da legação imperial em Londres, o enviado especial e ministro plenipotenciário, Eustáquio Adolfo de Melo Matos, faz menção a despacho do MNE sobre auxílio do Brasil à Argentina, em relação a soberania desta sobre as Ilhas Malvinas e narra também, conversa com o representante argentino sobre a publicação e distribuição, entre o corpo diplomático, de nota de protesto não respondida pelo Foreign Office. Apesar do conselho de cautela de nosso representante, a nota é publicada. Cf. os ofícios de 6 fev., 4 jul. e 7 ago. 1833 - AHI 216/1/14; ver também, ofício de 5 jun.1833 - AHI 217/3/2.

8 Ver ofício de 5 de abril que mostra que a assinatura do Tratado de Paz é objeto da primeira conversa com o ministro das RREE da Argentina.

9 FERREIRA, Gabriela N., 2006, p. 59.

10 Op. cit, p. 59.

11 Juan Antonio. Lavalleja y de la Torre foi um dos generais de Artigas durante o conflito no Uruguai e manteve ambições de governar o Uruguai.

fosse incorporada federalmente ao Império, pois que estava convencido que só assim ela seria feliz: eu lhe fiz ver que, os sentimentos do governo de S. M. o Imperador eram os da sinceridade e desinteresse a respeito dos governos seus vizinhos, fazendo-lhe conhecer, igualmente, a sua boa-fé; porém no caso de convir à província a união com o Império, e se a este igualmente lhe conviesse, a seu tempo, o governo fizesse suas proposições ao do Império".[12]

Outro ponto importante, e que perpassara toda a missão de Antonio Cândido Ferreira, diz respeito à figura de Juan Manuel de Rosas. O caudilho assumiu o governo de Buenos Aires no ano de 1829, após um período de instabilidade política na província, decorrente da Guerra da Cisplatina. Rosas governou a província entre os anos de 1829 e 1832, e depois entre 1835 e 1852. Seu prestígio entre a população marcou a história argentina e assegurou seu domínio político na região: "Rosas conseguiu alterar o equilíbrio político da província de Buenos Aires ao reunir sob seu comando – simultaneamente – a cidade e o campo".[13]

Durante a missão de Antonio Cândido Ferreira, Rosas não estava de forma direta no governo, por conta da ação militar que empreendeu no interior do território argentino; a "Campanha do Deserto" tinha por objetivo conquistar os territórios ao sul do país, que eram ocupados pelas populações nativas da região.[14] Mesmo com o afastamento de Buenos Aires, a influência de Rosas não deixou de pairar sobre a política da Confederação, o que, de certa forma, dificultaria a realização dos objetivos que continham as instruções de Ferreira. No oficio de 18 de maio de 1832, o representante brasileiro relata seu encontro com Rosas, e considera que as respostas do general às demandas do Governo Imperial foram apenas paliativas.

O diplomata também faz observações frequentes sobre o estado dos conflitos entre as províncias argentinas e não deixa de mencionar o caudilho Facundo Quiroga, como no ofício de 11 de junho 1832.[15] Antonio Cândido transcreve um minucioso relatório de seus crimes. O texto não menciona autoria, mas supõe-se que seja uma autoridade provincial porque

12 Cf. ofício de 26 março de 1832. Lavalleja volta a ser objeto de ofícios em 1833: ofícios de 8 de maio, 16 e 28 de junho.

13 REZENDE, 2016, p. 15.

14 MAESTRI, Mário, 2016, p. 69.

15 As menções a Rosas são frequentes, especialmente voltadas aos conflitos internos nas Províncias Unidas. Antonio Cândido Ferreira faz uma descrição minuciosa dos movimentos rebeldes de fins de 1833. Ver ofícios de 21 e 29 de outubro e de 30 de dezembro. A descrição é um retrato do estilo conspiratório e militar dos primeiros anos das repúblicas sul-americanas.

é divulgada em dia que chega com a sua Divisão dos Andes à Buenos Aires.[16] Lendo o relato, é fácil imaginar as razões pelas quais Sarmiento, no clássico *Facundo: Civilização e Barbárie*,[17] de 1845, toma Quiroga como personificação da barbárie, antecipando conflitos que atingiriam o seu ápice ao longo do domínio de Rosas.

O tema da navegação do Rio da Prata é central no período e objeto de atenção de Ferreira. É crucial para o Brasil, como as próprias instruções da missão deixam claro, pois propiciava o melhor acesso ao interior do país, mais especificamente à província do Mato Grosso, em razão da inviabilidade da passagem por via terrestre. As diretrizes especificam a importância da navegação nos rios platinos:

> Sendo, sem dúvida, de muita utilidade para o nosso comércio interior que ele se facilite pela navegação dos rios e sendo o do Paraguai mui apropriado para aquele fim, convém que V. Mce. haja de fazer proposições aos estados argentinos de Corrientes, Entre Ríos e Paraguai [*sic*], para que se não ponha obstáculo às nossas embarcações que navegarem ao longo do dito rio, demandando as terras da nossa província de Mato Grosso, que, por este modo, se pode tornar uma província marítima.[18]

É possível compreender a preocupação da diplomacia imperial quando o movimento político de Rosas, na década de 1830, determina o fechamento do Rio Prata, aproveitando-se da brecha política que a ausência do Tratado Definitivo de Paz oferecia. Esta conjuntura define de maneira determinante o principal objetivo de Antonio Cândido Ferreira na província portenha, pois era de extrema necessidade a negociação de um acordo definitivo que mantivesse a estabilidade fronteiriça. Como afirma Gabriela Nunes Ferreira:

> A reconstrução do antigo Vice-Reino do Rio da Prata, ou mesmo o controle político estrito do governo da Confederação Argentina sobre os [rios] do Uruguai e do Paraguai, representava, no tocante à questão da navegação, o pior dos mundos para o Império: daria a um só país, e país rival, o controle dos rios platinos. A defesa das independências uruguaia e paraguaia era a garantia de "internacionalização" dos rios Uruguai, Paraná e Paraguai – objetivo compartilhado pelas potências europeias interessadas no comércio da região.[19]

16 Ofício de 20 dez. 1833.
17 SARMIENTO, Domingo Faustino. 2010.
18 Cadernos do CHDD, Ano 7, número 12, primeiro semestre, 2008, p. 143.
19 FERREIRA, op. cit., p. 65.

Na série documental publicada nesse volume, é constantemente assinalada a condução dessa instrução por parte do encarregado, como, por exemplo, no ofício no qual Ferreira apresenta algumas proposições ao ministro das Relações Exteriores argentino Vicente Lopez, datado de 9 de junho de 1832:

> O abaixo-assinado[...] tem a honra de levar ao conhecimento do Exmo. Sr. Ministro de Relações Exteriores as proposições que se acha autorizado para propor sobre a livre navegação do Rio Paraná pelas embarcações brasileiras que se dirijam à província de Mato Grosso.
>
> Primeira[:] Será livre e franca a navegação do rio Paraná para as embarcações brasileiras que se destinem às províncias de Mato Grosso, São Paulo e Minas;
>
> Segunda[:] Será livre e franca a navegação do Rio Paraguai em toda a extensão que compreende a província de Mato Grosso, para as embarcações da República das Províncias Unidas do Rio da Prata, que se destinem às províncias do Alto Paraguai;
>
> Terceira[:] Será livre e franca a navegação do Rio Paraná e seus confluentes, na extensão que este compreenda nas províncias de São Paulo e Minas, para as embarcações da República das Províncias Unidas do Rio da Prata que se dirigirem as outras(?) províncias.[20]

As dificuldades para realizar tal acordo sobre a navegação dos rios podem ser percebidas em diversos relatos de Ferreira. Em ofício do dia 6 de julho de 1832, o encarregado de negócios expõe tal contrariedade durante sua correspondência com o ministro de Relações Exteriores, Manuel Maza:

> Pelo contexto da resposta do ministro verá V. Exa. a pouca disposição em que está o governo de Buenos Aires em franquear a navegação pelo interior aos estrangeiros; porque teme que os estados de Santa Fé, Entre Ríos e Corrientes façam o comércio diretamente com os estrangeiros, privando-o, por isso, dos direitos que aqui pagam os gêneros que importam e exportam estes estados, que recebe esta alfândega.
>
> O artigo adicional do Tratado Preliminar de Paz é o que tem dado mais cuidado a este governo, e será, sem dúvida, o que apresentará mais dificuldades na sua convenção, pelos motivos expendidos. Será,

20 Antonio Cândido Ferreira a Francisco Carneiro de Campos, Buenos Aires, 9 jun.1832.

> portanto, necessário que a comissão encarregada dos trabalhos do Tratado definitivo de [*ilegível*] presente este artigo.[21]

É também importante salientar a situação da política interna brasileira no período da missão Antonio Cândido Ferreira. Com a abdicação de D. Pedro I em 1831, o Império passara então ao ínterim de governos regenciais, já que o herdeiro Pedro de Alcântara ainda não completara idade para assumir o trono. A descentralização do poder conferiu ao período regencial uma constante instabilidade política interna, notoriamente constatada pela quantidade de revoltas populares que ocorreram à época[22].

O Império brasileiro, portanto, deveria lidar com as adversidades que atravessavam o país e que afetam a política externa para o Rio da Prata. Demétrio Magnoli afirma que "a política platina do Império tornou-se menos afirmativa durante o período regencial, quando as rebeliões internas transformaram-se no principal desafio para o poder central"[23]. Nesse sentido, a conjuntura interna tem reflexo direto no posicionamento diplomático: a postura adotada pelo Estado Imperial do Brasil era, pois, evitar as animosidades com relação à Confederação Argentina provendo negociações de maneira amistosa.

Podemos verificar, por exemplo, a relação da instabilidade interna com a instabilidade inerente ao estuário platino para a eclosão do conflito no sul do país em 1835 – a Revolução Farroupilha. Os relatos de Antonio Cândido Ferreira sobre essas questões são frequentes na documentação aqui publicada, como no ofício do dia 16 de novembro de 1832, no qual o representante brasileiro indica a participação de Bento Gonçalves nas articulações da política local com a Banda Oriental.

Para além dos assuntos de maior destaque, é possível identificar na documentação os relatos de Ferreira sobre as demandas dos súditos brasileiros. Um curioso caso é o da descoberta de prisioneiros brasileiros com o exército paramilitar de Rosas, em sua Campanha no Deserto:

> Ilmo. e Exmo. Sr.,
> Constando-me que em Patagônicas, Serra do Tandil, e Bahia Branca, existiam [*sic*] porção de prisioneiros brasileiros servindo

21 Antonio Cândido Ferreira a Francisco Carneiro de Campos, Buenos Aires, 6 jul.1832

22 As missões brasileiras recebiam regularmente notícia de quando eram debeladas as rebeliões. Ver ofícios de 2 jul. 1832 e 9 fev. 1833.

23 MAGNOLI, Demétrio. Op. Cit. p. 152.

> forçadamente nos Corpos de 1ª linhas que se acham destacados nos po[s]tos indicados; fiz todas as diligências para saber seus nomes, e classes, em que corpos estavam com praça.[24]

Como também indicado nas diretrizes, havia a questão de políticos brasileiros que tiveram os bens apreendidos pelos navios *Ontario* e *Plant*, que praticavam corso na bacia platina.[25] Antonio Ferreira relata o caso acerca desta negociação com os americanos, como na correspondência que envia a Manoel Maza:

> O abaixo-assinado [...] tendo recebido ordens do Governo Imperial para reclamar do supremo governo desta república a indenização dos prejuízos causados pelos corsários desta república aos membros da Assembleia Legislativa do Império do Brasil, [...] tem a honra de dirigir-se a S. Exa. [...] a fim de que o supremo governo desta República determine a que tribunal deve o abaixo-assinado dirigir-se com os respectivos documentos, que acreditam a justiça de tais reclamações.[26]

Os assuntos pessoais de brasileiros também aparecem nos documentos da missão, estando, por vezes, relacionados aos interesses comerciais da região sul do Brasil, como no caso do cultivo da erva mate. O encarregado discorre sobre o histórico de cultivo e o mercado da erva na província do Rio Grande e postula os benefícios de um investimento na melhoria das plantações. O diplomata não apenas recomenda valorização estratégica do comércio para a "indústria nacional", como destaca a sua importância no cenário comercial entre o Império, as províncias do Prata e o Chile[27]. Sugere, pois, a implantação de novas técnicas de cultivo que ele mesmo indica por meio de instruções bem detalhadas. A importância desse ofício sobre tema comercial de Ferreira está relacionada com as tradições de algumas populações da América: "de tempo imemorável costumam os habitantes destas províncias, as de uma grande parte das do Peru, e de todo o Estado do Chile, a usarem da erva-mate ou congonha, como usam em outras partes, do café e chá".[28] Vale também destacar a menção acerca da importação de salitre para a corte do Império.[29]

24 Cf. ofício de Antonio Cândido Ferreira a Francisco Carneiro de Campos, Buenos Aires, de 19 mar. 1833.
25 Cf. despacho de Francisco Carneiro a Antonio Cândido, *Cadernos do CHDD*, n. 12, p. 143.
26 Cf. ofício de Antonio Cândido a Francisco Carneiro, Buenos Aires, de 11 jul. 1832.
27 Cf. ofício de Antonio Cândido para Pedro d'Araújo Lima, Buenos Aires, 26 set. 1832.
28 *Ibidem*.
29 Cf. ofícios de Cândido Ferreira para Bento Lisboa, Buenos Aires, 19 jan. e 18 mar. 1833.

Os despachos enviados pelos ministros dos Negócios Estrangeiros e publicados como anexos neste número reiteram as preocupações da Regência com todas estas questões: a política de boa vizinhança com as repúblicas da região, a livre navegação da bacia do Prata, principalmente o rio Paraná, a defesa do interesse particular de brasileiros que tiveram bens confiscados em Buenos Aires, a venda do salitre, bem como sobre o combate ao tráfico ilegal (contrabando) de escravizados africanos, em conformidade com a lei de 7 de novembro de 1831.

A variedade dos temas de que trata a documentação aqui apresentada é uma primeira mostra da complexidade e abrangência das relações entre Brasil e Argentina. Assuntos estratégicos como a navegação no Prata e a disputa de hegemonia sobre o Uruguai combinam-se com uma variedade de assuntos pessoais e comerciais. Impressiona a sobriedade e precisão com que Antônio Cândido Ferreira faz os informes sobre os temas e realiza as gestões sobre questões delicadas, algumas mesmo de sua iniciativa. Outro dado fundamental são traços do discurso sul-americano do Brasil, ainda tímidos, ainda defensivos, mas claros, como mostra o episódio do apoio à Argentina na invasão das Malvinas pela Grã-Bretanha. Daí o valor e o interesse da série documental aqui publicada. São os primeiros passos de uma relação bilateral que será central para a política externa brasileira. Cabe, então, ressaltar – e acima de tudo, fomentar – a análise acurada de tal documentação, verificada sua farta gama de possibilidades de pesquisa no campo da historiografia diplomática, bem como a divulgação deste distinto acervo documental do Arquivo Histórico do Itamaraty.

❖

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DORATIOTO, Francisco. *O Brasil no Rio da Prata*. 2. Ed. Brasília: FUNAG, 2014.

FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a consolidação do Estado imperial*. São Paulo: Hucitec, 2009.

MAESTRI, Mario. *Mar del Plata*. Dominação e Autonomia no Sul da América: Argentina, Brasil, Uruguai (1810-1864). Porto Alegre: FCM Editora, 2016.

MAGNOLI, Demétrio. *O Corpo da Pátria*: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Moderna, 1997.

REZENDE, Rafhael Ribeiro. *Grande americano ou tirano do Prata?* Juan Manuel de Rosas na imprensa brasileira. 2016. 86 f., il. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo, ou Civilização e Barbárie*. 1 ed. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2010.

1832

OFÍCIO • 08 MAR. 1832 • AHI 205/2/15

[*S/N*]

[*Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil*]
Buenos Aires, 8 de março de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de participar a V. Exa. que a 17 do mês passado cheguei a Montevidéu, onde me demorei, por falta de condução, até o 1º do corrente: a 2 cheguei a esta capital.

Ontem dirigi ao ministro a nota do estilo, para a entrega da minha credencial.

O estado de moléstia em que me acho me priva nesta ocasião de fazer ciente a V. Exa. do estado político de Montevidéu, o que executarei com a brevidade possível.

Pelos impressos juntos verá V. Exa. a nomeação dos nossos ministros.[1] Garcia pediu a sua [demissão] e ocupou seu lugar Rosas.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s anos.

Sou, Exmo. Sr., com a mais alta consideração e respeito, de V. Exa. o mais atento e reverente criado.

Antonio Cândido Ferreira

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 26 MAR. 1832 • AHI 205/2/15

N. 2

Legação do Império do Brasil
Buenos Aires, 26 de março de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

A 6 do corrente mês de março tive a honra de levar à presença de V. Exa. a minha chegada a Montevidéu, a 17 do mês de fevereiro próximo passado, e a esta cidade a 2 do corrente mês.

Dois dias depois da minha chegada àquela praça, fui visitado pelo general Lavalleja, acompanhado do padre Caldas, e nesta primeira

1 Não localizados no volume.

visita, reservadamente, me manifestou os desejos que tinha, de que a província de Montevidéu fosse incorporada federalmente ao Império, pois que estava convencido que só assim ela seria feliz: eu lhe fiz ver que os sentimentos do governo de S. M. o Imperador eram os da sinceridade e desinteresse a respeito dos governos seus vizinhos, fazendo-lhe conhecer, igualmente, a sua boa-fé; porém, no caso de convir à província a união com o Império, e se a este igualmente lhe conviesse, a seu tempo, o governo fizesse suas proposições ao do Império.

Pelo que pude alcançar de Lavalleja, me persuado que quer ser o primeiro no seu país, tanto pelo partido que tem, como por estar *mui* rico, e querer segurar sua fortuna: ele teme perdê-la e, portanto, diz que deseja [a dita] união.

Se Lavalleja quisesse desprender-se de cem mil pesos, sem dúvida daria a lei, mas a sua falta de generosidade o tem alongado do que tanto aspira. Pelo contrário, Frutuoso, que à força de prodigar, tem adquirido bastante partido na campanha; porém não tendo mais que dar, seus partidários o abandonarão.

O padre Caldas é íntimo amigo de Lavalleja, seu [compadre], e mora em sua própria casa em Montevidéu, por esta razão Frutuoso é seu inimigo, e o fez retirar de Cerro Largo (sobre a fronteira), onde estava paroquiando interinamente, e tem uma pequena fazenda. Nas muitas visitas que me fez, e conversações que tivemos, no tempo que existi em Montevidéu, persuado-me que seus sentimentos são brasileiros, e amigo do governo de S. M. o Imperador. Só o que posso assegurar a V. Exa. é que o padre Caldas tem grande crédito para Lavalleja e é seu mentor.

Pelo que observei em Montevidéu, creio que Frutuoso e seus conselheiros entretêm relações em Porto Alegre e outras partes da província do Rio Grande, a fim de que ela se una a Montevidéu. Sem dúvida serão nulos seus esforços, porém não será inútil que o presidente daquela província esteja prevenido a este respeito.

Na primeira embarcação que se dirija àquela província, pertendo [*sic*] oficiar ao presidente, e juntam[en]te pedir-lhe todos os documentos que existam naquela secretaria, relativos aos Tratados de Limites.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e
Cônsul-Geral do Império do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 30 MAR. 1832 • AHI 205/2/15

N. [5]

Legação do Império do Brasil
Buenos Aires, 30 de março de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que esta república goza de tranquilidade, e igualmente as províncias internas.

Os Correios ainda não se acham ordenados, e há mui pouca comunicação com as províncias do interior, principalmente com a República de Bolívia, e Chile, por cujo motivo não tenho feito remessa do despacho de V. Exa. ao encarregado de Negócios interino residente em Lima,[2] nem tenho tido correspondência com o de Bolívia.[3] Pela via de mar igualmente não se tem proporcionado ocasião.

Pelo n. 729 do *Luzeiro*[4] ficará V. Exa. ciente que dr. Pasqual Echagüe foi nomeado pelos representantes reunidos em S[an]ta Fé, governador – e capitão-general da província de Entre Ríos.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e
Cônsul-G[er]al do Império Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

2 Ver *Cadernos do CHDD*. Ano 9, segundo semestre, 2010. Sobre a missão de Duarte da Ponte Ribeiro.
3 Idem. Ano 14, segundo semestre, 2015. Sobre missão de Antonio Gonçalves da Cruz.
4 Periódico *El Lucero*. Recorte não localizado.

OFÍCIO • 05 ABR. 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 6

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 5 de abril de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. o resultado da conferência que tive com o ministro de Relações Exteriores, conforme participei a V. Exa. no meu ofício de 28 de março próximo passado.

Em 29 de março tive uma conferência com o ministro de Relações Exteriores dr. Vicente Lopes, na qual lhe fiz ver novamente os sentimentos de consideração que animam ao governo de S. M. o Imperador, a respeito desta república, da pretensão do governo de Montevidéu a fim de efetuar o tratado definitivo de paz sem intervenção desta república, da resposta dada por V. Exa. a esta pretensão, do quanto se fazia necessário dar o quanto antes princípio ao tratado definitivo de paz, da sua conclusão na Corte do Império, das ordens que tinha para propor aos governos de S[an]ta Fé, Entre Ríos, Corrientes e Paraguai, relações de comércio, e que já havia oficiado ao ditador Francia; sem nunca tocar nas reclamações pelos motivos já expostos a V. Exa. no meu citado ofício de 28 de março p[róximo] p[assa]do também não me insinuei sobre a [minha] apresentação ao governador, apesar de estar persuadido que o devia ser, visto estar na categoria de um diplomata de terceira ordem.

Tendo me informado da maneira pela qual tem sido recebido os empregados da minha classe, nenhuma informação exata tenho tido da etiqueta adotada por este governo. Queira V. Exa., portanto, ter a bondade de esclarecer-me, e dirigir-me suas ordens a este respeito. Depois de ter feito ciente ao ministro o que fica relatado, disse-me ele, cheio de prazer, que faria presente ao governador a minha exposição, e que me responderia, o que até hoje não se tem verificado.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[erin]o e Cônsul-Geral do Império Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 18 MAIO 1832 • AHI 205/2/15

N. 8

Legação e Consulado-Geral
Buenos Aires, 18 de maio de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. o resultado de entrevista que tive com o governador Rosas na noite de 16 de abril próximo.

Depois de significar-lhe os generosos sentimentos do governo de S. M. o Imperador para com esta república, e a boa-fé que guarda nos seus tratados, como comprovara a nota de V. Exa. em resposta a do governo de Montevidéu, em consequência da proposta feita pelo mesmo governo para a conclusão do tratado definitivo de paz, sem intervenção deste governo, assim como de que me achava autorizado para fazer proposições aos Estados de S[an]ta Fé, Entre Ríos e Corrientes sobre a livre navegação do Paraná para as embarcações brasileiras, em virtude do que, por estar o governo da república autorizado por ditos Estados para tratar com as potências estrangeiras, me dirigia a S. Exa. a este respeito. Contestou-me que o governo estava seguro da boa-fé e amizade do governo de S. M. o Imperador, e que lhe era mui lisonjeiro poder igualmente assegurar-me dos sinceros votos de amizade, boa harmonia e vizinhança que este governo professara ao de S. M. o Imperador. Que o governo de Montevidéu lhe havia igualmente dirigido uma nota, fazendo-lhe ver que o governo de S. M. o I[mperador] havia anuído [a uma] proposta para o ajuste final do Tratado de Paz, sem intervenção deste governo, porém que também não fora aceita a proposta que lhe fez, por ser contrária à boa-fé e dignidade deste governo; e que, enquanto a livre navegação do Paraná para as embarcações brasileiras, seria conveniente esperar que o espírito dos povos estivesse mais acalmado, para então tratar-se deste particular.

Sem embargo desta resposta, que me pareceu puramente paliativa, dirigi a este governo em 10 do corrente a nota que, por cópia, tenho a honra de levar à presença de V. Exa.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

[*Antonio Cândido Ferreira*]
[*Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Império Brasil.*]

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

Cópia

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 10 de maio de 1832.

O abaixo-assinado encarregado de Negócios interino e cônsul-geral do Império do Brasil recebeu positivas ordens do governo de S. M. o Imperador para fazer proposições aos Estados de S[an]ta Fé, Entre Ríos e Corrientes sobre a livre e franca navegação do rio Paraná pelas embarcações brasileiras que se destinarem à província de Mato Grosso, porém havendo os referidos Estados delegado seus poderes ao governo desta república, para por eles tratar com as potências estrangeiras, o abaixo-assinado tem a honra de dirigir-se a S. Exa. o Sr. Ministro de Relações Exteriores, participando-lhe a referida imperial ordem, e se lisonjeia ao mesmo tempo, que as mencionadas proposições serão aceitas pelo governo desta república por serem do maior interesse ao comércio e indústria dos cidadãos dos d[it]os Estados e os do Império.

O abaixo-assinado, cumprindo por esta maneira as ordens do seu governo a este respeito, aproveita esta ocasião para renovar a S. Exa. o Sr. Ministro de Relações Exteriores o seu alto apreço e a distinta consideração.

Ao Ilmo. e Exmo. Sr. D[o]n Vicente Lopes
Ministro das Relações Exteriores

Está conforme:
Antonio Cândido Freire

❖

OFÍCIO • 19 MAIO 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 9

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 19 de maio de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, por

decreto deste governo de 3 do corrente, foi nomeado o dr. d. Manuel Vicente Maza ministro e secretário do Departamento de Graça e Justiça.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios inter[in]o e Cônsul-Geral
do I[mpério] do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 19 MAIO 1832 • AHI 205/2/15

[N. 1]0

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 19 de maio de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que em 16 de março p[róximo] p[assa]do, a Sala de Representantes da Província de Catamarca autorizou a este governo para poder entrar em relações exteriores e negociações políticas com as nações estrangeiras. Esta peça oficial se acha no *El Lucero* [5] n. 764.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-Geral
do I[mpério] do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

5 Não consta do volume.

OFÍCIO[6] • 19 MAIO 1832 • AHI 205/2/15

[N. 1]1

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Em Buenos Aires, 19 de maio de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de participar a V. Exa. que em 11 do corrente mês teve lugar a abertura da Sala de Representantes desta república.

A mensagem deste governo e discurso dirigido pelo governador Rosas aos representantes, em que se desprende das faculdades extraordinárias, vão inclusos aos *Lucero*, que nesta ocasião tenho a honra de remeter a V. Exa.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-Geral do Brasil.

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 20 MAIO 1832 • AHI 205/2/15

N. [1]2

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 20 de maio de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que no *Lucero* n. 755 vem transcrita a nota passada a este governo pelo comand[an]te das Forças dos Estados Unidos e a do ministro de Relações Exteriores em contestação à mesma. Pelo espírito da nota do comand[an]te, julgará V. Exa. quais serão as pretenções do governo dos Estados Unidos na presente questão. Também levo ao conhecimento de V. Exa. que o *Lucero* n. 771 traz um artigo que diz haver aparecido peste em Valparaíso, levada àquele porto por um barco americano procedente de Cantão.

Ao Tribunal da Junta do Comércio remeti em 12 do corrente mês o pré-citado n. 771 do [*El*] *Lucero*, e os dois mapas dos semestres do ano de 1831, que ainda não haviam sido enviados ao mesmo tribunal.

6 Anexos não localizados.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 21 MAIO 1832 • AHI 205/2/15

N. 13

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 21 de maio de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

A *Gazeta Mercantil* desta cidade n. 2482 que tenho a honra de remeter a V. Exa. traz um artigo da *Gazeta de Valparaíso*[7] que diz haver chegado àquele porto em 16 de março o encarregado de Negócios do Brasil junto à República de Bolívia.[8]

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

A. C. Ferreira

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 24 MAIO 1832 • AHI 205/2/15

N. 14

Legação e Consulado-geral do Brasil
Buenos Aires, 24 de maio de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecim[en]to de V. Exa. que no dia

7 Não localizado.
8 Ver *Cadernos do CHDD*. Ano 14, segundo semestre, 2015. Sobre missão de Antonio Gonçalves da Cruz.

24 do corrente foi sepultado nesta capital o *comodor* Rodgers, comandante das forças dos Estados Unidos presentemente neste porto.

[*H*]á poucos dias chegou a esta capital o correio de Chuquisaca pelo qual pretendo remeter os despachos de V. Exa. para o encarregado de Negócios interino junto ao governo de Bolívia, e ao cônsul-geral que se acha em Lima. Por decreto deste governo de 22 do corrente, foi nomeado encarregado de Negócios junto a República de Bolívia d. Pedro Feliciano Cavia, o qual deve partir dentro de um mês.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

DESPACHO • 26 MAIO 1832 • AHI 207/3/8

P[alácio] do G[overno], 26 de maio de 1832.

Acuso a recepção dos ofícios n. 2, 3, 4 e 5, e de dois outros que deveriam ter os ns. 1 e 6, que V. Mce. me dirigiu de Buenos Aires, e estou certo do seu conteúdo, e das notícias que me comunica.

Respondendo ao mais essencial, tenho a significar-lhe que havendo em cada nação fórmulas peculiares para a recepção dos agentes diplomáticos, não posso daqui nada recomendar-lhe quanto a que V. Mce. aí obteve, senão que deverá reclamar para o Brasil o mesmo que com as outras nações se pratica; e informado que seja da [não compreendi palavra], [insinuando] confidencialmente a sua pretensão ao respectivo ministro, procurando evitar sempre contestações menos fundadas, que porventura alterem a boa harmonia que tanto interessa conservar com os Estados conterrâneos.

Embora se não ache temporariamente nessa cidade o agente dos E[stados] U[ruguaios], pode V. Mce. encetar a correspondência com esse governo; mas este negócio deve ser tratado com toda a delicadeza, em forma do que marquei nas instruções que lhe dei, às q[ue] se restringirá sempre; o que igualmente praticará nas relações que entabular com

os outros Estados dessa república, quer diretamente, quer por intermédio do governo central que, como V. Mce. diz, está hoje autorizado competentemente para esse fim.
E por esta ocasião devo observar a V. Mce. que foi menos prudente a confidência que V. Mce. fez ao ministro Lopez, de haver o governo de Montevidéu pretendido efetuar o Tratado de Limites sem intervenção dessa república, pois sendo o objeto principal da Regência, em nome do Imperador, conciliar os Estados vizinhos, sem a mínima vista de interesse, aos seus agentes cumpre prevenir e não promover as suas dissensões.

Vai junto requerimento do negociante brasileiro Manoel Antonio Pereira, para que V. Mce. dê a este negócio o andamento que lhe for possível p[ara] haver o bom deferimento da reclamação q[ue] faz, o que tudo lhe participo para sua inteligência e execução.

[*sem assinatura*]

Para Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO • 28 MAIO 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 23

Legação e Consulado-Geral do I[mpério] do Brasil
Buenos Aires, 28 de maio de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que por decreto de 13 de junho foi demitido o ministro de Relações Estrangeiras o dr. d. Vicente Lopez, tomando a pasta inteiramente o dr. d. Manoel Vicente de Maza, como verá V. Exa. no [*El*] *Lucero* n. 793, onde se acha também a renúncia do dito Lopez. Tem sido geralmente sensível a separação do ministério deste homem honrado, e a mim com especialidade, por esperar dele a mais satisfatória correspondência e boa inteligência.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios inter[in]o e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 09 JUN. 1832 • AHI 205/2/15

[*N. 1*]5

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 9 de junho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Em 13 de maio p[róximo] p[assa]do tive a honra de levar à presença de V. Exa. a cópia da nota que havia dirigido a este governo em 10 do dito mês, sobre a livre navegação do rio Paraná para as embarcações brasileiras que se destinassem a Mato Grosso, cuja contestação tenho a honra de levar nesta ocasião, por cópia n. 1, à presença de V. Exa. Por ela ficará V. Exa. ciente quanto me era necessário fazer as proposições enunciadas na minha citada nota de 10 de maio, pelo qual, e em cumprimento das ordens de V. Exa., em que me determina "haja eu de fazer proposições aos Estados argentinos de Corrientes, Entre Ríos e Paraguai, para que se não ponha obstáculo às embarcações brasileiras que navegam ao longo do dito rio, demandando as terras de província de Mato Grosso", dirigi a este governo em 7 do corrente a nota n. 2, que por cópia tenho a honra de apresentar a V. Exa.

Três razões me obrigaram a fazer as referidas proposições; a primeira foi o não ter ordem positiva de V. Exa. que me indicasse os artigos que deveria propor. A segunda, estar persuadido que se não se franqueasse a navegação para as embarcações da república, como indicam a 2ª e 3ª proposições, da maneira que se propunha na primeira para as brasileiras, não seria admitida, pois que não oferecia reciprocidade à proposta; ademais de que, estar convencido das vantagens que tirará o Império desta navegação interior; e da pouca disposição que tem este governo em permitir que os estrangeiros naveguem pelo interior do país. A terceira, finalmente, por vir que não podia ser comprometida a dignidade do Governo Imperial, nem os interesses da nação.

Eu serei, Exmo. Sr., mui ditoso se forem do agrado de V. Exa. e do governo Imperial as proposições que acabo de propor ao governo desta república, que tenho a honra de levar à presença de V. Exa.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

[*Anexos*][9]
Cópia N. 2

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 7 de junho de 1832.

O abaixo-assinado encarregado de Negócios int[eri]no e cônsul-geral do Império do Brasil tem a honra de acusar a recepção da nota de S. Exa. o sr. ministro de Relações Exteriores datada de 5 do corrente, em resposta a que lhe dirigiu o abaixo-assinado em 10 de maio p[róximo] p[assa]do.

O abaixo-assinado, respondendo a referida nota de 5 do corrente, tem a honra de levar ao conhecimento do exmo. sr. ministro de Relações Exteriores as proposições que se acha autorizado para propor sobre a livre navegação do rio Paraná pelas embarcações brasileiras que se dirijam à província de Mato Grosso.

Primeira – Será livre e franca a navegação do rio Paraná para as embarcações brasileiras que se destinem às províncias de Mato Grosso, São Paulo e Minas;

Segunda – Será livre e franca a navegação do rio Paraguai em toda a extensão que compreende a província de Mato Grosso, para as embarcações da República das Províncias Unidas do Rio da Prata, que se destinem às províncias do Alto Paraguai;

Terceira – Será livre e franca a navegação do rio Paraná e seus confluentes, na extensão que este compreenda nas províncias de São Paulo e Minas, para as embarcações da República das Províncias Unidas do Rio da Prata que se dirigirem às ditas províncias.

O abaixo-assinado [julga] [que] as proposições que [tem] [*ilegível, 1 linha*], são fundadas na mais restrita reciprocidade, e de maior interesse para os cidadãos de ambos Estados, e por isso terá a maior satisfação que o exmo. sr. ministro de Relações Exteriores levando-as à presença do supremo governo desta república sejam admitidas.

9 Cópia n. 1 não transcrita.

O abaixo-assinado com este motivo tem a satisfação de reiterar a S. Exa. o sr. ministro de Relações Exteriores os sentimentos da sua mais distinguida consideração e respeito.

Anto[ni]o Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral
do Império Brasil

Ilmo. e Exmo. d. Vicente Lopez
Ministro de Relações Exteriores

Está conforme:
Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO • 09 JUN. 1832 • AHI 205/2/15

[N. 16]

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
[*Buenos Aires*], 9 de junho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. que há quatro dias se anunciou pela gazeta a chegada a este porto do encarregado de Negócios americano, o qual até hoje se acha a bordo; logo que o mesmo esteja reconhecido, porei em execução as ordens de V. Exa. respectivas às reclamações das propriedades dos srs. senadores e deputados, roubados pelos corsários argentinos.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 09 JUN. 1832 • AHI 205/2/15

[*N. 1*]7

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 9 de junho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Em observância das ordens de V. Exa., participo hoje ao encarregado de Negócios interino junto ao governo da República de Bolívia, a ordem de V. Exa. para comunicar-me com ele e lhe remeto o despacho de V. Exa. e a do encarregado que se acha em Lima, assim como alguns impressos que lhe podem interessar. Também, em 12 de abril, participei ao presidente da província do Rio Grande as ordens que tinha de V. Exa. para comunicar-me com ele, participando-lhe ao mesmo tempo algumas notícias que podiam interessar-lhe, e pedindo-lhe por cópia os documentos que existissem naquela secretaria, relativos aos Tratados de Limites, e convenções que se hajam feito entre o governo do Brasil e o espanhol. Tenho continuado a remeter-lhe os impressos que julguei de utilidade para que chegasse ao seu conhecimento. Ao encarregado de Negócios interino residente em Montevidéu, tenho feito igual participação e, em 4 do corrente, lhe oficiei participando-lhe que no lugar do Salto (Uruguai parte Oriental), se queria exigir direitos dos gêneros que se importassem, e exportassem da nossa prov[ín]cia de Missões etc, como verá V. Exa. da cópia junta que tenho a honra levar ao conhecimento de V. Exa.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

Cópia

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 4 de junho de 1832.

Ilmo. Sr.,

Dr. Estevan Señorans representou a esta legação e consulado-geral, como procurador dos interessados súditos brasileiros que,

havendo despachado a goleta *Nueba Esperanza,* de sua propriedade, com destino ao Salto conduzindo efeitos e fazendas pertencentes aos súditos do Império residentes em Missões, se lhe exigia direitos pelo trânsito que devem fazer pelo Território Oriental até Missões, ademais do de armazenagem que está estabelecido pagar e que, por este motivo, se achava dita goleta retida no Uruguai esperando a decisão desse governo.

Parecendo-me justa a representação mencionada a participo à V. Sa. para que com a brevidade possível faça ver a esse governo a injustiça da exigência, pois não sendo os gêneros consumidos no Território Oriental, me persuado que não devem pagar os cidadãos brasileiros tais direitos, tendo V. Sa. a bem contestar-me logo que o governo dessa república resolva a este respeito. Iguais direitos querem exigir dos frutos exportados de Missões que fazem o mesmo trânsito pelo Uruguai, os quais também me parece não ter lugar, por não serem produções do Território Oriental.

Deus guarde a V. Sa. m[uito]s anos.

Ilmo. Sr. Encarregado de Negócios i[nterino] e Cônsul-Geral
[do] Império do Brasil [*ilegível*]
[*ilegível, 1 linha*]

Está conforme:
Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO[10] • 10 JUN. 1832 • AHI 205/2/15

[N. 1]8

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
[*Buenos Aires*], 10 de junho de 1832.

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. a nota cópia n. 1 que dirigi ao ministro de Relações Exteriores em 10 de maio p[róximo] p[assa]do com motivo de ser precedido pelo cônsul-geral de França na concorrência do corpo diplomático à festa de 25 de maio e a resposta do mesmo ministro, cópia n. 2, pela minha nota ficará V. Exa. ciente das razões que nela expendi para não ser precedido pelo cônsul-geral

10 Não transcritas ambas as cópias de notas.

de França e pela resposta do ministro verá V. Exa. que ele se inclina a conceder-lhe dita precedência. Neste caso não pretendo concorrer a nenhuma função pública, sem receber ordens e esclarecim[en]tos de V. Exa. a este respeito.

Levando à presença de V. Exa. esse negócio, tenho igualmente a satisfação de afirmar a V. Exa. que, nunca [antes] a importância dos princípios que ditam a [*ilegíveis, duas linhas*] [do Governo] Imperial e a honra nacional.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[erin]o e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 11 JUN. 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 19

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 11 de junho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que o governo desta república tem por costume destinar ao serviço das armas aos brasileiros que cometem algum pequeno delito que, com qualquer correção policial ficariam castigados, assim bem de lhes assentar praça na Marinha quando fazem levas. Este procedimento inaudito me parece injusto e arbitrário, pelo que pertendo [*sic*] reclamar os brasileiros que peçam proteção a esta legação e consulado-geral, que estejam nestas circunstâncias, assim como os que foram prisioneiros de guerra, de que estão cheios os corpos de primeira linha. Eu conheço que vou entrar em renhidas contestações sobre estas reclamações, porém, entendo que são do meu dever fazê-las; como atualmente já estou fazendo, a respeito de alguns indivíduos que foram tomados de leva, e servem nos corpos de primeira linha, e pelos referidos delitos e do seu resultado farei ciente a V. Exa.

É de muita necessidade que V. Exa. me dirija suas ordens a este respeito, no caso de que este governo não aceda, como é de esperar, às minhas justas reclamações.

Seria de muita importância que o governo de S. M. o Imperador determinasse que neste porto houvesse efetivamente uma embarcação de guerra, cujo comandante fosse prudente, porém zeloso da honra e dignamente do governo e da nação.

Desta maneira se faria respeitar mais o Pavilhão Nacional e os direitos dos cidadãos brasileiros que sempre se procura menos calar.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[eral] do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 11 JUN. 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 20

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 11 de junho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecim[en]to de V. Exa. que há três dias se difundiu nesta cidade a notícia de que um irmão do general Lavalleja, com alguma gente havia atacado vários [pontos] da costa oriental do Uruguai, sem, contudo, se saber qual seja o motivo deste procedimento. Já V. Exa. estará ciente da revolta dos índios que formaram a nova colônia estabelecida por Frutuoso no terreno entre o Guaray e Arapey. Corre igualmente a notícia de que Queiroga não está em boa inteligência com o governo da província de Córdoba, e dizem que se prepara para vir com a sua gente a esta província.

Tenho também a honra de participar a V. Exa. que remeti à França [*sic*], ditador do Paraguai, a 2ª via do ofício que lhe dirigi em 22 de março, cuja cópia levei à presença de V. Exa.

Esta república goza por hora de tranquilidade.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 12 JUN. 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 22

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 12 de junho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. que tendo manifestado ao governador Rosas na entrevista que tive com ele, e por várias vezes ao ministro de Relações Exteriores d. Vicente Lopez, a necessidade de se dar princípio aos trabalhos do tratado definitivo de paz, cuja negociação deve ser concluída nesta corte, ainda não tive nenhuma comunicação a este respeito.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s an[o]s.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios inter[in]o e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

DESPACHO • 22 JUN. 1832 • AHI 207/3/8

P[alácio] do G[overno], 22 de junho de 1832.

Acuso a recepção dos ofícios Nº 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 14 que V. Mce. me dirigiu e fico certo do seu conteúdo, bem como das notícias que comunica, em que convém que V. Mce. seja mais extenso para que o Governo Imperial esteja sempre ao fato das ocorrências que sobrevém.

Cumprirá que V. Mce. insista, com a delicadeza conveniente,

em obter que as embarcações brasileiras possam livremente navegar pelo rio Paraná, pois disso resultará sem dúvida grande incremento ao comércio entre os dois Estados, os quais reciprocamente podem tomar as cautelas que lhes [parecer] para evitar todas as fraudes.

Igualmente recomendo a V. Mce. que se não descuide dos [de] mais negócios, os encargo[s], sobretudo da reclamação dos membros da Assembleia-Geral que foram roubados pelo corsário americano, como no anterior despacho se lhe mandou haja de transmitir quaisquer informações que possa alcançar acerca da epidemia que grassa no Chile, a fim de se darem providências para prevenir o seu ingresso no Império.

Deus g[uard]e V. Mce..

[*sem assinatura*]

Para Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO • 01 JUL. 1832 • AHI 205/2/15

N. 24

Legação e Consulado-Geral do Brasil
[*Buenos Aires*], 1º de julho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Em 21 de junho p[róximo] p[assa]do, tive a honra de receber o despacho de V. Exa. de 12 de abril, no qual teve V. Exa. a bem participar-me do acontecimento de 3 do mesmo mês, cujo desenlace foi a derrota dos conspiradores, e o completo triunfo dos defensores da pátria, e do governo de S. M. o Imperador.

Antes de receber o despacho de V. Exa. sobre os ditos acontecimentos, já se havia aqui dado ao público, sem alteração, o seu resultado, pelo que não me pareceu necessário mandar transcrever a notícia oficial.

Tenho a satisfação juntam[en]te de levar ao conhecimento de V. Exa. que as pessoas sensatas deste país fazem votos pela tranquilidade do Império, a qual garantirá sem dúvida a desta república.

Enquanto a mim, Exmo. Sr., vou rogar a V. Exa. queira fazer-me a honra de levar ao conhecimento da regência do Império as minhas felicitações por este motivo, assegurando ao mesmo tempo a V. Exa. os mais ardentes votos pela prosperidade do Brasil.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 02 JUL. 1832 • AHI 205/2/15

N. 25

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 2 de julho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção do despacho de V. Exa. de 15 de maio, recebido a 21 de junho p[róximo] p[assa]do, em que me anuncia a remessa do despacho de 17 de abril, que ainda não recebi, e dos tristes acontecimentos ocorridos em Pernambuco em 14 de abril p[róxim]o p[assa]do, originados pelo Partido Restaurador, e do seu feliz resultado.

Antes de receber o despacho de V. Exa. a respeito deste acontecimento já se havia dado ao público pela imprensa nesta cidade, sem alteração.

Por este motivo, e pela decisiva vitória alcançada pelos defensores do governo de S. M. o Imperador em 17 de abril, contra os insensatos e exóticos caramurus, vou suplicar a V. Exa. a graça de levar à imperial presença o meu júbilo, e as minhas respeitosas felicitações.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 03 JUL. 1832 • AHI 205/2/15

N. 26

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 3 de julho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. a acusação de recepção do despacho de V. Exa. de 27 de abril, acompanhado do aviso do exmo. sr. ministro da Justiça, que determinou as medidas policiais para acautelar a introdução de estrangeiros no Império, e cumprindo com a ordem de V. Exa., já fiz público nesta cidade pela imprensa.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira

Ilmo. e Exmo. Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • [?] JUL. 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 27

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, [*corroído*] de julho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr..

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. a cópia da nota que recebi do ministro de Relações Exteriores, Maza, em resposta a que lhe dirigi em 7 de junho p[róximo] p[assa]do propondo-lhe a livre navegação do rio Paraná para as embarcações brasileiras, da maneira que levei à presença de V. Exa. no meu oficio de 9 de junho. Pelo contexto da resposta do ministro verá V. Exa. a pouca disposição em que está o governo de Buenos Aires em franquear a navegação pelo interior aos estrangeiros, porque teme que os Estados de Santa Fé, Entre Ríos e Corrientes façam o comércio diretamente com os estrangeiros, privando-o, por isso, dos direitos que aqui pagam os gêneros que importam e exportam estes Estados, que recebe esta alfândega.

O artigo adicional do tratado preliminar de paz, é o que tem dado mais o cuidado a este governo, e será, sem dúvida, o que apresentará mais dificuldades na sua convenção, pelos motivos expendidos. Será,

portanto, necessário que a comissão encarregada dos trabalhos do tratado definitivo de paz [tenha] [*ilegível*] presente este artigo.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

[*Anexo*] Cópia

Buenos Aires, Julio 6, [1]832.

Al Señor Encargado de Negocios Interino y Cónsul General del Imperio del Brasil,

El infrascripto Ministro de Gracia y Justicia Encargado del Departamento de Relaciones Exteriores ha elevado al conocimiento de S. E. la nota de 5 de junio p. p.do en la cual el Señor Encargado de Negocios Interino y Cónsul General del Imperio del Brasil le participa las tres proposiciones que se halla autorizado para proponer a este Gobierno sobre la libre navegación del Rio Paraná, para las embarcaciones brasileras que se dirijan a la Provincia de Mato Grosso.

S. E. ha considerado detenidamente este negocio, y ha ordenado al infrascripto contesta al Sñr. Encargado de Negocios Interino y Cónsul General del Imperio del Brasil que conteniendo la convención preliminar de paz celebrada en 27 de agosto de 1828 un artículo adicional relativo à la navegación del Rio de la Plata, y de todos los otros que desaguan en él, por el cual se deven emplear todos los medios para que dicha navegación sea libre a los súbditos de una y otra nación, en la forma que se ajustara en el tratado definitivo de paz; será entonces la oportunidad de hacer el arreglo sobre las proposiciones que ahora presenta el Sñr. Encargado de Negocios Interino y Cónsul General del Imperio del Brasil.

El infrascripto aprovecha esta oportunidad para saludar al Sñr. Encargado de Negocios Interino y Cónsul General del Imperio del Brasil con su más distinguida consideración.

Manuel V. [de] Maza

Está conforme:
Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO[11] • 05 JUL. 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 28

Legação e Consulado-Geral do Brasil
[*Buenos Aires*], 5 de julho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. a cópia da participação que me fez o encarregado de Negócios em Montevidéu, por motivo dos acontecimentos que ali tiveram lugar no dia 3 do corrente; assim bem, a *Gaceta Mercantil* desta cidade, n. 2521, em que vêm transcritas algumas notícias relativas aos mesmos.

Até hoje não consta que este governo tenha dado providências a respeito da revolução de Montevidéu, e parece-me que nenhuma dará, pela pouca impressão que esta notícia causou nesta cidade.

No bergantim de guerra francês *Nysus*, que chegou a este porto no dia 7 do corrente, veio de passagem o encarregado de Negócios do Peru, e segue para essa corte no mesmo bergantim. A mesma embarcação conduziu o cônsul-geral de França La Forest, nomeado junto a esta república, o qual não foi aceito por este governo.

Por decreto deste governo de 6 do corrente, foi reconhecido cônsul de S. M. B. Carlos Griffiths.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

11 Anexos não transcritos.

OFÍCIO • 09 JUL. 1832 • AHI 205/2/15

N. 30

Legação e Consulado-G[era]l do Império do Brasil
B[ueno]s Aires, 9 de julho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. as razões pelas quais tenho demorado a remessa do diploma de José d'Araújo Silva, nomeado vice-cônsul nesta cidade pelo meu antecessor. É notório que este sujeito há mui poucos anos exercia ofícios de [moço] em uma taverna de sua propriedade; passou depois a servir de caixeiro ao vice-cônsul Francisco da Costa Pereira, e presentemente tem um insignificante armazém.

Seja por estas razões, ou por outras que ignoro, tem a desgraça de não gozar do melhor conceito na praça, juntando-se ademais não ter a mais pequena instrução.

O ex-cônsul Barboza, apesar de [o nomear] vice-cônsul, não pôde deixar de confessar-me que, em último recurso o havia nomeado. Na verdade, não há nesta cidade onde se escolha, porque, os brasileiros que aqui existem não têm representação, e os adotivos são sumamente ignorantes, e em geral pouco afeitos ao Brasil, à exceção de João de Souza Monteiro, a quem falou o meu antecessor p[ar]a servir de vice-cônsul, o que ele recusou.

Estas considerações e o conhecimento que tenho do caráter deste povo, que só dá importância as coisas pelas aparências, me induzem a levar ao conhecimento de V. Exa. que, depois de bem pensar na escolha de um vice-cônsul digno da nação brasileira, e ao mesmo tempo que mereça conceito, e tenha representação pública nesta cidade, determinei-me a falar a José Joaquim de Almeida, para servir este emprego, no caso de ser do agrado de V. Exa. Contestou-me que o serviria com muito gosto, e ao Brasil, se fosse do agrado do Governo Imperial, apesar de não ser brasileiro.

Este homem é amante do Brasil, probo, talvez o maior capitalista desta cidade, um dos diretores do banco, e goza geralmente de muita consideração. É filho de Braga, porém se naturalizou neste país em 1805.

Estas qualidades reunidas em Almeida, o conhecê-lo há trinta anos, a falta de brasileiros capazes, e ver que o falecido Francisco da Costa Pereira, sendo também argentino, servia o lugar de vice-cônsul do Brasil, me determina a propor a V. Exa. para servir este lugar ao

referido Almeida, o qual, sem dúvida, o desempenhará com toda dignidade e zelo, se for do agrado de V. Exa.

Depois de ter levado ao conhecimento de V. Exa. os motivos que fizeram retardar a remessa do diploma, tenho igualmente de asseverar a V. Exa. o quanto me é sensível de ter que expressar-me em desfavor de um brasileiro, mas os deveres do meu emprego me obrigam a esta dura necessidade.

Só espero as ordens de V. Exa. para remeter o diploma, p[o]r ser mui urgente a existência de um vice-cônsul nesta capital.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-Geral

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 11 JUL. 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 31

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 11 de julho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção do despacho de V. Exa. de 26 de maio p[róximo] p[assado], no qual me determina da maneira que me devo conduzir a respeito da minha recepção; ordenando-me juntamente que, sem embargo de não achar-se temporariamente nesta cidade o agente americano, encete a correspondência com este governo sobre as reclamações, cujo negócio deve ser tratado com toda a delicadeza, e na forma das minhas instruções.

Levo, portanto, ao conhecimento de V. Exa. que jamais me insinuei ao ministro no particular da minha recepção, esperando as ordens de V. Exa., as quais executarei reclamando para o Brasil o mesmo que se pratica com as outras nações. Em quanto a ordem de V. Exa. para encetar a correspondência das reclamações, cumpre-me levar ao conhecimento de V. Exa. que ao quarto dia depois que desembarcou o agente americano, tive com ele uma entrevista para informar-me se

trazia instruções de seu governo a este [respeito], fazendo-lhe saber, ao mesmo tempo, da exigência feita pelo ex-ministro marquês de Aracati ao ministro americano, e sua resposta. Fez-me saber pelo seu secretário, que servia de intérprete, não ter nenhuma recomendação do seu governo a tal respeito, mas que prometia a sua cooperação neste negócio. Nesta virtude pedi, em 24 de junho p[róximo] p[assado], uma entrevista ao ministro interino de Relações Exteriores, dr. d. Manoel Vicente de Maza, a qual teve lugar na noite de 26. Nela expendi as razões que me pareceram mais adequadas para persuadi-lo da justiça das reclamações, fazendo-lhe conhecer juntamente a resolução do Governo Imperial, no caso do brigue *Leonidas*; ele se achou consignado no Tratado que celebrou o mesmo com o governo dos Estados Unidos, o princípio marítimo de cobrir a bandeira a carga da embarcação; e finalmente insinuando-me da maneira mais delicada possível, para que me declarasse se o governo reconhecia este princípio. Contestou-me que nada me podia responder decididamente sem consultar com o governador, e que lhe remetesse os documentos acompanhando-os com uma nota, para o governo, à vista deles, resolver o que fosse de justiça. Por esta resposta julguei necessário mandá-los copiar para ficar cópia neste consulado, o que se concluiu hoje, enviando ao ministro sem perda de tempo a minha primeira nota relativa às reclamações, a qual tenho a honra de levar à presença de V. Exa.[12] V. Exa. notará que, nesta nota nada digo relativamente à declaração que, como já disse a V. Exa., tinha pedido ao ministro, sobre se o governo reconhecia [o princípio] em questão. O motivo que tive para [*ilegível*] [este quesito] foi por alcançar no decurso da conferência que este governo não o tem reconhecido, e que não obrigando-o a pronunciar-se categoricamente, podia resolvê-lo a indenização sem necessidade de se declarar pela negativa e por esta razão, de mover-se mais este negócio.

Também levo ao conhecimento de V. Exa. que por decreto de 9 de outubro de 1829, se estabeleceu uma comissão mista de súbditos argentinos e ingleses, para conhecerem das reclamações que por atos ilegais cometidos pelos corsários fossem feitas, mas hoje se acha esta comissão em Londres, e o governo é quem entende nestes negócios.

Pela resposta do ministro saberei o que deva fazer, e caso ponha o governo as dificuldades que costuma nos negócios desta natureza, pretendo exigir se forme uma comissão em que entrem brasileiros, para entender nas reclamações que tenho de fazer.

12 Não localizada.

Ademais das contas dos prejuízos apresentadas nas reclamações, pretendo reclamar os juros dos dinheiros roubados.

Há catorze dias que se acha enfermo o ministro Maza, e muito desejo que seja substituído, pois que tem a pior opinião possível sendo, sem embargo, quem dirige em tudo ao governador desta república.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

[*Anexo*] Cópia

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 11 de julho de 1832.

O abaixo-assinado encarregado de Negócios interino e cônsul-geral do Império do Brasil, tendo recebido ordens do Governo Imperial para reclamar do supremo governo desta república a indenização dos prejuízos causados pelos corsários desta república aos membros da Assembleia Legislativa do Império do Brasil, a bordo dos brigues mercantes norte-americanos *Ontario* e *Plant* e outros cidadãos brasileiros, tem a honra de dirigir-se a S. Exa. o sr. ministro de Graça e Justiça encarregado interinamente das Relações Exteriores, a fim de que o supremo governo desta república, determine a que tribunal deve o abaixo-assinado dirigir-se com os respectivos documentos, que acreditam a justiça de tais reclamações.

O abaixo-assinado com este motivo aproveita esta ocasião para reiterar a S. Exa. o sr. ministro de Graça e Justiça encarregado interinamente das Relações Exteriores a sua particular estima e distinta consideração.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-Geral do Brasil

Ao Ilmo. e Exmo. Sr. d. Manuel Vicente de Maza
Ministro de Graça e Justiça, Encarregado interinamente das Relações Exteriores

Está conforme:
Antonio Cândido Pereira

❖

OFÍCIO • 19 JUL. 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 32

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 19 de julho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que ontem, 18 do corrente, fui invitado para as duas horas da tarde deste dia, [a] conferenciar com o ministro interino das Relações Exteriores dr. d. Manoel Vicente de Maza, o qual se expressou da maneira seguinte:

> O governo da república se encontra em grande embaraço para responder a uma nota que lhe dirigiu o vice-presidente da República Oriental, na qual lhe manifesta o estado político daquela praça, assumindo-se o governo da m[esm]a o coronel Garzon; e recorda o compromisso em que está o governo da república em consequência dos artigos 10 e 11 da Convenção Preliminar de Paz, para auxiliar ao governo legal daquela república contra o partido revolucionário que com mão armada o quer destruir: e como não existe na praça nenhuma autoridade legal, não pode entender-se com outro que não esteja neste caso. Consta também ao governo que as partidas do general Lavalleja perseguem as do presidente da República Oriental, o qual se acha da outra parte do rio Negro, porém sem se saber, com certeza, o lugar da sua existência. Ao general Lavalleja se reúnem grandes massas, e parece que a opinião geral se decide a seu favor. O governo, portanto, deseja ser instruído se V. S. está autorizado para entender-se com ele neste caso.

Disse-me juntamente que, sem embargo, de ter o governo da república exuberantes motivos de queixas a respeito do presidente, era, contudo, da sua honra e dignidade, auxiliar e proteger ao governo legal de Montevidéu, na conformidade dos artigos 10 e 11 da Convenção Preliminar de Paz.

> A minha contestação à exposição do ministro foi a seguinte: que me parecia que, o Governo Imperial daria as providências necessárias em conformidade com os ditos artigos 10 e 11 da Convenção Preliminar de Paz; e que a respeito dos acontecimentos, não esperados, de Montevidéu, eu não me achava autorizado para intervir nas providências que o governo da república quisesse dar neste caso, pelo que julgava conveniente que S. Exa. oficiasse diretamente ao governo se S. M. o Imperador para que de comum acordo ambos os governos determinassem o que fosse mais acertado: que eu juntamente participava a V. Exa. a exposição que S. Exa. me acabava de fazer, por cuja razão esperava as ordens de V. Exa. a este respeito.

Convindo nisto o ministro, tratamos também de que se remeteria no correio que deve sair no dia 21 para Montevidéu as participações dirigidas a V. Exa., para seguirem no paquete inglês, caso ainda o encontrasse naquele porto.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 21 JUL. 1832 • AHI 205/2/15

[N. 3]3

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 21 de julho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que ontem fui convidado para ter segunda conferência, às 5 horas da tarde, com o ministro interino de Relações Exteriores Maza, o qual tomando a palavra disse: que se havia esquecido de mostrar-me, na conferência do dia 18, o ofício do vice-presidente da República Oriental, o qual

me apresentou para ler; depois leu o borrão do ofício que dirige a V. Exa. acompanhado da cópia do ofício do vice-presidente, datado em 10 do corrente; e prosseguindo, fez-me ver que, era conforme estabelecido neste governo fazer-se ata das conferências que se tinham com os ministros, e encarregados de Negócios estrangeiros, mostrando no livro das mesmas atas as firmas de *lord* Ponsonby, do encarregado de Negócios de Chile, e outros. Leu depois o borrão da que tinha feito da conferência do dia 18, para que eu fizesse as minhas observações, no caso de a não achar conforme; e achando-a eu [consistente], lhe disse que a assinaria, não duvidando dar este passo, por não haver comprometimento, e ser de prática.

No meu ofício n. 2, de 19 do corrente, levei ao conhecimento de V. Exa. que, conviemos eu, e o ministro, de remeter pelo correio de Montevidéu, que devia sair a 21, o ofício que ele me leu, e cópia do vice-presidente, e eu o meu citado ofício n. 32; porém, demorando-se o dito correio até o dia 23, assentei que já não encontraria o paquete inglês em Montevidéu, e que saindo o outro paquete a 30 do corrente, era mais acertado esperar sete dias mais, para o dirigir com segurança à presença de V. Exa. Ignoro se o ministro, apesar da demora do correio, remeteria a sua correspondência a V. Exa.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 24 JUL. 1832 • AHI 205/2/15

N. 34

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 24 de julho de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que nesta data remeto ao Tribunal da Junta do Comércio o mapa demonstrativo

deste primeiro semestre do corrente ano dos gêneros que importaram e exportaram os barcos nacionais e estrangeiros, dos portos do Brasil para este porto, e deste porto, para os do Brasil; e igualmente levei a seu conhecimento a venda feita aqui do iate nacional *Boa Nova*, da propriedade de Manoel d' Abreu da Silva Leite ao negociante argentino d. Manoel Carrera, ficando por esta maneira, o dito iate embandeirado com a bandeira desta república.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO[13] • 06 AGO. 1832 • AHI 205/2/15

N. 35

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 6 de agosto de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

O *Lucero* n. 834 traz o decreto do governador Rosas de 4 do corrente, pelo qual delega suas faculdades aos ministros. Tenho a honra de remeter a V. Exa. os n[úmer]os da gazeta desta cidade que trazem alguns artigos oficiais tendentes aos negócios de Montevidéu, e os ns. 2543 e 2544 da mesma, em que se acha um ofício do governo de Corrientes em resposta a este, e a circular que o dito governo passou às outras províncias. Por estas peças verá V. Exa. realizada a minha opinião expendida no meu ofício n. 27, de 4 de julho, em que indicava o motivo porque este governo evitará, sempre que possa, a franca navegação do Paraná e Uruguai para os barcos estrangeiros. Pelo [El] Lucero n. 849 ficará V. Exa. ciente que Lopez, governador de Santa Fé, foi reeleito, pelos representantes daquela província.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

13 Periódicos não localizados.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO[14] • 16 AGO. 1832 • AHI 205/2/15

N. 36

Legação e Consulado-Geral do I[mpéri]o do Brasil
Buenos Aires, 16 de agosto de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. o requerimento que os cidadãos brasileiros, do comércio desta cidade, fazem a S. M. o Imperador, suplicando seja estacionada neste porto uma embarcação de guerra brasileira, para proteger, em caso necessário, as suas pessoas e propriedades, assim bem a cópia do que me foi dirigido, para levar o mesmo requerimento à imperial presença [*corroído*][;] este requerimento verá V. Exa. n[*corroído*] –cimento da necessidade de uma embarcação de guerra neste porto, [*corroído*] eu já tive a honra de indicar a [*corroído*] no meu ofício n. 19 de 11 de [*corroído*] p[róximo] p[assa]do.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Carneiro de Campos
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

[*Anexo*] Cópia

Ilmo. Sr. Encarregado de Negócios Interino e Cônsul-Geral do Brasil,

Dizem os negociantes e súditos brasileiros assinados no requerimento incluso que, considerando o quanto os seus interesses estavam

14 Documento em suporte danificado.

expostos nesta cidade e porto aos caprichos dos empregados subalternos deste governo, julgaram do seu dever e de justiça requerer ao Governo de Sua Majestade Imperial uma embarcação de guerra para este porto, a fim de serem mais respeitados os seus direitos; e sendo igualmente a bem dos sup[licant]es que este requerimento seja remetido por intermédio de V. Sa. com aquelas observações que achar de justiça, eles o põe nas mãos de V. Sa. a fim de que seja remetido para a corte com a brevidade possível, portanto.

P[ar]a V. Sa. seja servido deferir como requerem.

E. R. M[a.]

Está conforme:
Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO[15] • 24 AGO. 1832 • AHI 205/2/15

N. 37

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 24 de agosto de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que sendo assassinado em dezembro do ano p[róximo] p[assa]do o brasileiro José de Miranda, no povo[*ado*] de Lobos onde residia, requisitou o meu antecessor ao governo desta república para mandar recolher os bens do dito falecido, cópia n. 1, cuja contestação há a da cópia n. 2, em que diz o ministro de Negócios Estrangeiros não ser Miranda brasileiro, pela justificação a que procedera o juiz de paz do dito povo[*ado*]; por esta razão lhe dirigi a nota cópia n. 3, em que demonstro ser Miranda brasileiro e não português. V. Exa. notará que o ministro na sua primeira nota diz, prescindindo de toda outra questão, isto é, que ainda no caso de ser Miranda brasileiro, competia ao governo arrecadar os seus bens, e não a este consulado. A cópia n. 4 é a contestação do ministro à minha nota n. 3, em que diz manda proceder a nova informação, ratificando sempre o que inculca na sua primeira nota. Esperando eu contestação do ministro sobre a nova informação que

15 Cópias de números. 1 a 6 não localizadas no volume.

disse mandava proceder, e não a tendo desde 3 de abril até 18 de junho, tendo, ademais, acorrido a este consulado vários credores de Miranda, lhe dirigi a nota n. 5, e sua resposta é a de n. 6. Conhecendo eu por esta nota a resolução do governo em intervir neste negócio, fosse Miranda ou não brasileiro, oficiei ao presidente do Rio Grande, cópia n. 7, para com os documentos que me enviasse renovar esta reclamação, respondendo ao mesmo tempo, à última nota do ministro. V. Exa. ficará inteligenciado, pela minha última nota, [*d*]a exposição que fiz a respeito do que estava em uso, e prática, relativo aos demais estrangeiros que haviam falecido *ab intestatos* neste país, apesar de não haver tratados com os seus respectivos governos, mostrando-lhe igualmente o exemplo de haver já o meu antecessor tomado conta dos bens de um brasileiro que falecera *ab intestato*, o que nada foi bastante, como verá V. Exa. pela dita nota cópia n. 6.

Logo que receba qualquer documento que mais esclareça a origem de Miranda ser brasileiro, imediatam[en]te renovarei esta reclamação.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Pedro d'Araujo Lima
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça,
Encarregado interinamente dos Estrangeiros

[*Anexo*]
Cópia n. 7

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 7 de agosto de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que havendo falecido *ab intestato* em dezembro p[róximo] p[assa]do José de Miranda, súdito brasileiro, no povo[*ado*] de Lobos, distante desta cidade trinta léguas, requisitou o meu antecessor a este governo para fazer recolher a esta legação e consulado-geral os bens do dito falecido, cuja contestação foi já recebida por mim. Nela diz o governo que pela justificação que procedeu o juiz de paz do dito povo[*ado*], resultou que o falecido Miranda não era brasileiro, mas sim português, e filho da

cidade do Porto, e que ainda prescindindo desta origem, o governo tomara conta dos seus bens, segundo as leis vigentes deste país. Com esta resposta, me vi obrigado a mostrar ao governo o engano que havia sobre a origem de Miranda, já pela sua filiação existente neste consulado, como pelo juramento prestado por ele para obter a papeleta de súdito brasileiro, em que declarou ser filho de Porto Alegre; não sendo isto bastante para que o governo se desse da sua primeira pretensão, vou rogar a V. Exa. queira mandar indagar se existe nos livros do antigo Batalhão de Infantaria, voluntários do Rio Grande, ou bem, de dragões de Rio Pardo, a filiação deste homem, pois estou informado que desertara de um destes corpos, haverá 12 ou 16 anos, e caso não seja assim, talvez se poderá saber o lugar do seu nascimento por anúncio nos papéis públicos dessa capital.

Também estou informado que era bastante trigueiro, talvez pardo, assim bem de que os seus bens chegarão a seis contos de réis.

Remeto a V. Exa. os n[úmer]os da gazeta desta cidade em que vem transcrita algumas participações sobre a revolução de Montevidéu; e a contestação do governo de Corrientes ao desta república. Até hoje não se tem conhecido a menor providência de parte deste governo a este respeito, e creio que nada empreenderá sem ser de acordo com o Governo Imperial, e mesmo assim, pouco poderá fazer pela falta de recursos e de soldados.

Deus Guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Manoel Antonio Galvão
Presid[en]te da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul

Está conf[orm]e:
Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

❖

OFÍCIO • 03 SET. 1832 • AHI 205/2/15

[N]. 38

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 3 de setembro de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que em 25 de agosto p[róximo] p[assa]do foi vendido o bergantim argentino *Eloiza* da propriedade de d. Pedro Antonio Plomer, desta cidade, ao comerciante brasileiro Manoel de Azevedo Ramos aqui residente, segundo a escritura de venda passada neste consulado com a mesma data, e os documentos apresentados, pelo valor de 14$000 pesos, moeda corrente deste país, ficando por esta causa o dito bergantim embandeirado com a bandeira brasileira levando a declaração no passaporte extraordinário deste consulado, com que saiu deste porto, para ser paga à casa correspondente, no primeiro porto dos do Império onde chegue, na conformidade das imperiais ordens. Com esta mesma data faço igual participação ao Tribunal da Junta do Comércio.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Pedro d'Araujo Lima
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império,
Encarregado interinamente dos Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 04 SET. 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 39

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 4 de setembro de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa., que a *Gazeta* [*sic*] *Mercantil* desta cidade, de 3 do corrente, traz a notícia de que havia chegado a Pernambuco a fragata americana *Eugenia*, a qual fora perseguida por um bergantim goleta com bandeira espanhola, e com uma peça de rodízio, e que parecia ser construção de Baltimore, a qual

depois de dar caça por algum tempo a dita fragata, [virou] dirigindo-se a uma goleta americana que vinha em sua companhia. Ao tribunal da Junta do Comércio faço igual participação nesta mesma data.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Pedro d'Araujo Lima
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império,
interinamente dos Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 19 SET. 1832 • AHI 205/2/15

N. 40

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 19 de setembro de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. haver cessado o contágio que grassava em Valparaíso anunciado pelas gazetas desta cidade. As últimas notícias vindas daquele lugar assim o asseguram.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Pedro d'Araujo Lima
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça, interinamente
Encarregado dos Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 20 SET. 1832 • AHI 205/2/15

[N. 4]1

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 20 de setembro de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção do despacho de V. Exa. de 6 de agosto p[róximo] p[assado], no qual me participa que a Regência em nome de S. M. o Imperador havia nomeado a V. Exa. ministro e secretário de Estado dos Negócios da Justiça, interinamente encarregado dos Estrangeiros, pela demissão que concedeu ao conselheiro Francisco Carneiro de Campos, assim bem aos senhores Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalgante [*sic*] de Albuquerque para a Fazenda, e Império, e Bento Barroso Pereira para a Guerra e Marinha, de cuja participação fico inteligenciado, e igualmente da inquietação que causou na corte do Império a demissão dada pela Regência em nome de S. M. o Imperador, a qual não foi aceita pela Assembleia Geral do Império, prestando-se a mesma Regência a continuar as suas altas funções e de haver-se mantido a tranquilidade pública, que o governo espera não será perturbada.

Cumpre-me, portanto, ter que asseverar a V. Exa. que os meus votos sempre serão dirigidos à prosperidade do Brasil e do governo de S. M. o Imperador.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarreg[a]do de Negócios int[eri]no e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Pedro d'Araujo Lima
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça, Encarregado interinamente dos Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 21 SET. 1832 • AHI 205/2/15

N. 42

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 21 de setembro de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção dos despachos de V. Exa. de 22 e 27 de junho, os quais recebi em 30 de agosto. No de 22 de junho me ordena V. Exa., recomendando-me novamente as reclamações dos senhores senadores e deputados, pelo que levo à presença de V. Exa. a

cópia da nota n. 1, que recebi do ministro de Relações Exteriores em contestação a que lhe dirigi em 11 de julho, a qual já havia acompanhado o meu ofício de 11 do mesmo mês, n. 31. Em consequência da contestação do ministro, oficiei ao encarregado de Negócios do Norte da América, Francis Baylies, pedindo-lhe uma conferência, cópia n. 2, cuja contestação é a cópia n. 3.

Esperava eu por esta contestação ter a conferência pedida dentro de poucos dias, em virtude da qual devia ser [coadjuvado] por ele, como me havia prometido, mas havendo-se passado bastantes dias sem ter aviso do dia destinado para a conferência resolve remeter ao ministério os documentos das reclamações acompanhado de uma relação circunstanciada dos mesmo e da minha nota de remessa, cópia n. 4.

Quando exigi a conferência do encarregado de Negócios de América, foi justamente nos dias em que ele se achava mui ocupado com o negócio da questão das Malvinas, como ele me asseverou hoje despedindo-se de mim; havendo ao terceiro dia depois de sua resposta à minha nota, exigido os seus passaportes, para se retirar, sendo esta a causa por que não teve lugar a conferência.

Hoje se embarcou o encarregado de Negócios e o ex-cônsul na corveta *Warren* com destino a essa corte, não ficando nesta república nenhuma autoridade norte-americana.

Também me ordena V. Exa. no mesmo despacho insista para se obter que as embarcações brasileiras possam navegar pelo rio Paraná. Sobre este negócio já tive a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. a cópia da resposta dada pelo ministro às proposições feitas por mim a este respeito, acompanhada do meu ofício de 4 de julho, n. 27.

D[eu]s g[uar]de a V. Exa. m[uito]s anos.

[Antonio Cândido Ferreira]

Ilmo. e Exmo. Sr. Pedro d'Araujo Lima
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça, Encarregado interinamente dos Estrangeiros

[*Anexo*][16]
Cópia N. 1

Buenos Ayres, agosto 18 de 1832

16 Cópia n. 3 não transcrita.

Al Sñr. Encargado de Negocios Interino y Cónsul General del Brasil,

El Ministro que subscribe, en contestación a la nota de 11 de pasado en la cual el Señor Encargado de Negocios Interino y Cónsul General del Brasil manifiesta que tiene orden de su Gobierno para reclamar una indemnización de los prejuicios causados por los Corsarios, de esta República a los Ministros de la Asamblea Legislativa, y otros Ciudadanos Brasileros a bordo de los buques Norte Americanos *Ontario* y *Plant* y que desea saber a qué Tribunal podrá ocurrir con los documentos que acreditan la justicia de sus reclamaciones.

El Ministro que subscribe participa al Señor Encargado de Negocios Interino y Cónsul General del Brasil, que si ha de promover oficialmente sus solicitudes, puede dirigirse a este Ministerio, más si es en distinto concepto debe ocurrir al Juzgado de Marina que reside en la Comandancia de Matriculas.

Con este motivo saluda al Señor Encargado de Negocios a quien se dirige con particular distinción.

Manuel Vicente de Maza

Está conforme:
Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios Int[eri]no e Cônsul-G[era]l do Brasil

Cópia n. 2

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 22 de agosto de 1832.

O abaixo-assinado encarregado de Negócios interino e cônsul-geral do Império do Brasil tem a honra de levar ao conhecimento do sr. Encarregado de Negócios dos Estados Unidos de Norte América Francis Baylies que, em consequência das ordens que recebeu de seu governo, deseja ter uma conferência com o sr. encarregado de Negócios dos Estados Unidos de Norte América, para o que espera o abaixo-assinado que S. Sa. lhe indique o dia e hora para este fim.

O abaixo-assinado tem a maior satisfação de asseverar ao sr. Encarregado de Negócios dos Estados Unidos de Norte da América, a sua perfeita estima e distinta consideração.

Antonio Cândido Ferreira

Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil.

Ao Ilmo. Sr. Francis Baylies
Encarregado de Negócios dos Estados Unidos de Norte América

Está conf[orm]e:
Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios Interino e Cônsul-Geral do Brasil

Cópia n. 4

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 7 de setembro de 1832.

O abaixo-assinado encarregado de Negócios interino e cônsul-geral do Brasil tem a honra de acusar a recepção da *apreciable* nota de S. Exa. o sr. ministro de Graça e Justiça encarregado interinamente das Relações Exteriores dr. d. Manoel Vicente Maza, datada de 18 do corrente, na qual designa que sejam enviadas ao ministério desta república os documentos tendentes às reclamações anunciadas pelo abaixo-assinado na sua nota de 11 de julho próximo passado. Em consequência leva o abaixo-assinado à presença de S. Exa. o sr. ministro interinam[en]te das Relações Exteriores os referidos documentos constantes da relação junta.[17]

O abaixo-assinado, à vista dos docum[en]tos que plenamente demonstram a justiça dos interessados, escusa por ora de oferecer mais esclarecimentos que aqueles que os m[es]mos apresentam com a maior evidência, na esperança de que o supremo governo desta república, tomando na devida consideração estas justas reclamações, determine com a brevidade possível a sua indenização.

O abaixo-assinado tem a honra igualmente de levar ao conhecimento de S. Exa. o sr. ministro que o Governo Imperial, no tratado que celebrou com o dos Estados Unidos do Norte América, consignou o princípio de direito marítimo, hoje estabelecido pelas nações americanas de que "a bandeira cobre a carga", por isso, quando por decreto de 21 de maio de 1828, se decidiu a revista de graça especialíssima sobre presas, no caso do brigue americano *Leonidas*, declarou o Governo Imperial que "usaria da devida reciprocidade para com as nações que adotassem o mesmo princípio de que a bandeira cobre a carga". Nesta

17 Não localizada.

conformidade, o Governo Imperial ordenou que fosse avaliada a carga do dito brigue, pertencente aos súditos desta república, e seu valor depositado no Tesouro Imperial para ser restituído, no caso de ser igualmente adotado pelo governo argentino o princípio mencionado.

O abaixo-assinado tem a maior satisfação de poder assegurar a S. Exa. o sr. ministro que o Governo Imp[eria]l jamais se apartará dos princípios de justiça e devida reciprocidade, tanto neste negócio, como em outro qualquer que para o futuro se oferecer.

O abaixo-assinado renova com prazer a S. Exa. o sr. ministro de Graça e Justiça, interinamente encarregado das Relações Exteriores, os votos da sua mais distinguida consideração e apreço.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. D. Manoel Vicente Maza
Ministro de Graça e Justiça encarregado interinamente das Relações Exteriores

Está conforme:
Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios inter[in]o e Cônsul-Geral do Brasil

❖

OFÍCIO[18] • 26 SET. 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 43

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 26 de setembro de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Sendo a congonha, ou erva-mate, um dos principais ramos de comércio que o Brasil tem hoje com as províncias do Rio da Prata e de Chile, julgo do meu dever levar ao conhecimento de V. Exa. o estado deste comércio presentemente e o suscetível que é de aumento este ramo da indústria nacional. De tempo imemorável costumam os habitantes destas províncias, as de uma grande parte das do Peru, e de todo

18 Anexos não transcritos.

o Estado do Chile, a usarem da erva-mate ou congonha, como usam em outras partes, do café e chá.

Conhecendo os jesuítas das missões dos rios Paraguai, Paraná e Uruguai que este costume se havia já convertido em necessidade, fundaram o edifício de sua grandeza no fabrico da congonha, que é indígena destes lugares; porém, vendo eles depois que a congonha plantada, e cultivada, o trabalho era menor, e mais lucrativo, seguiram o método de a plantarem em ordem, como se planta um pomar, e beneficiada em um só lugar, o que mui poucas vezes acontece nos bosques.

Foi a congonha as ricas minas que tantas riquezas e nome deram aos povos de missões, ou guaranis. A revolução de Buenos Aires de 1810 fez com que fossem tropas ao Paraguai, e seguir-se a guerra com esta província, cuja consequência foi cortar-se o comércio que havia com Buenos Aires. Por esta causa o preço nesta cidade da erva-mate em [*1*]814 foi o de 40 pesos fortes arroba espanhola. Então me achava eu em Porto Alegre, onde fiz presente ao capitão-general d. Diogo de Sousa as vantagens que tiraria a província, se beneficiasse erva-mate dos imensos ervais que nela abundam.

Anuindo a minha proposição, me pediu desse algumas instruções para o seu fabrico ao modo dos espanhóis. Com este motivo dei a direção pouco mais ou menos como a que havia adquirido em 1841 do coronel Espínola, natural do Paraguai, e o maior fabricante de erva nos ervais de Vila Rica desta província, proibindo juntamente que se cortassem as árvores, o que estava sem costume praticar-se. Desde então se começou a fabricar a erva melhor, e eu fui o primeiro que em 1814 exportei [11 mil] arrobas pela Barra do Rio Grande com direção a Montevidéu. A falta que dela havia, apesar de não ser ainda bem beneficiada, fez com que fosse vendida a oito pesos fortes a arroba espanhola. Este preço e conhecerem os negociantes espanhóis, e portugueses que o Brasil podia suprir a falta da erva do Paraguai, fez que houvesse grande concorrência à sua compra no Rio Grande, o que deu causa a não escrupulizarem os fabricantes, os quais eram todos homens sem capitais, a misturá-la com outras congonhas inferiores, que os índios denominam *Caaverá*, *Caauna*, e [*Caminys*], e ainda mesmo com a folha do araçá. Por esta razão foi em decadência este comércio até o ano [*18*]16, que regressei a Porto Alegre de Montevidéu. Nesta época governava o marquês de Alegrete, a quem fiz ver, e pedi providências para atalhar um mal de tanta transcendência. Nada pude obter deste s[e]nh[o]r; porém fiz conhecer às pessoas com quem tinha rela-

ções e que se haviam dedicado a este ramo de indústria, o quanto perdia a província no mau benefício da erva, dando-lhe ao mesmo tempo instruções por escrito, e animando-as no possível. Algumas destas se corrigiram, porém, [*n*]a maior parte continuaram quase da mesma forma no fabrico da erva até 1823, que saí da província.

Os preços vantajosos que oferecia a erva fizeram com que em Curitiba também a beneficiassem para exportá-la; por esta razão a casa de comércio dos Anchorenas fizeram sociedade com d. Francisco Alzogaray, homem bastante inteligente no benefício da erva, para que fosse a Paranaguá, e ali dar novo benefício a erva feita em Curitiba, e remetê-la a Buenos Aires, e a Chile. Em 1818 se dirigiu Alzogaray ao Rio de Janeiro recomendado ao espanhol d. João de Santiago Barros para dali seguir a Paranaguá. O governo de então sabendo deste projeto invitou a Alzogaray com um privilégio exclusivo neste negócio, o que ele não aceitou. Logo que chegou Alzogaray a Paranaguá deu princípio aos seus trabalhos, remetendo erva a Buenos Aires, e Montevidéu, e carregando embarcações em direitura a Chile. Pelo benefício que este homem dava, a erva principiou a valer em Buenos Aires a seis pesos fortes arroba espanhola e a conhecerem os espanhóis que a erva do Brasil era igual à do Paraguai sendo bem-feita.

Em pouco mais de três anos ganhou a sociedade mais de cento e vinte mil pesos fortes, apesar de se ter perdido três expedições com destino a Chile, havendo lucrado Alzogaray a metade dos ganhos. No ano de [*18*]24 se retirou de Paranaguá, deixando ali algumas luzes, porém não foi suficiente isto, porque continuaram a beneficiá-la mal e a falsificá-la, desacreditando-se de tal sorte que presentemente se acha de 800 réis arroba. No Rio Grande aconteceu com pouca diferença o mesmo, porém hoje tem mais algum valor que a de Paranaguá, porque se vende a 1100 réis e 1280, preços sumamente ínfimos.

A decadência da erva pelas razões expendidas, fez com que alguns especuladores empreendessem dar-lhe aqui novo benefício, porém não sendo este como o que dava Alzogaray, lhe prometeram oito mil pesos fortes para os instruir, ao que não assentiu, pedindo-lhes 20 [mil]. Continuaram os especuladores desde o ano [*18*]29 a beneficiar a erva do Brasil que, vem a ser: moê-la mais, levá-la ao forno para dar-lhe o necessário grau de calor, e combiná-la, o que de alguma maneira a melhora. Se a erva no seu primeiro fabrico fosse bem-feita, seria muito melhor, porque, não sendo depois exposta ao ar, como acontece neste novo benefício, conservaria todo o seu aroma, e gosto primitivo. Estou persuadido que

se a erva, desde o seu primeiro benefício, for feita da maneira que indico nas instruções que tenho a honra de remeter a V. Exa., se conseguirá sem dúvida erva tão excelente como a melhor do Paraguai.

Vendo eu, pelo que fica relatado, a urgente necessidade de se remediar este mal, dando a devida importância a um dos p[rin]cipais ramos de comércio e indústria [naci]onal, determinei falar a Alzogaray, a que não conhecia senão de nome, e propor-lhe se queria ir a Porto Alegre, para ensinar o modo de beneficiar a erva, como a do Paraguai, preferindo aquela província à Paranaguá, por várias razões, entre elas o de ser em geral a província do Rio Grande mais abundante de ervais, a facilidade de se viajar embarcado até pouca distância dos mesmos, assim como das conduções da erva, e poder ir Alzogaray em curto tempo aos próprios ervais instruir os fabricantes neste trabalho. Anuiu a minha proposição dizendo-me que, seria necessário que o Governo Imperial, ou alguma sociedade de negociantes brasileiros, lhe concedesse a assinação que ele propusesse, pois que pelas suas circunstâncias não poderia decidir-se a este negócio sem vantagens que, ao menos, igualassem aos lucros que atualmente tinha nos seus negócios. Disse-lhe que fizesse as proposições que lhe conviessem, que eu as levaria à presença do Governo Imperial, e que no caso de serem admitidas, logo lhe participaria da sua resolução. Nesta virtude me enviou as que tenho a honra de levar à presença de V. Exa. Cumpre-me, portanto, de significar a V. Exa. que, pela importância que se vai dar a este ramo de indústria nacional, não só na província do Rio Grande, como na de São Paulo, porque desta última podem vir algumas pessoas a instruir no fabrico da erva, para dirigirem estes trabalhos nos seus ervais; e se o Governo Imperial anuir as proposições de Alzogaray, estou seguro que ainda quando se franqueie o comércio do Paraguai, nunca poderá este rivalizar o do Brasil neste artigo.

Alzogaray reúne as qualidades de probo e ativo; é presentemente membro da Sala de Representantes desta província, o que não obsta para empreender esta viagem, segundo me assegura ele. Tem ademais grande nomeada, como inteligente no fabrico da erva, e o maior prestígio possível a este respeito. Os especuladores têm feito grandes fortunas com este negócio em detrimento dos negociantes brasileiros, porque, não sendo a erva que se fabrica presentemente mui bem torrada, nem bem moída, eles a compram pelo que querem, e [en]tão somente com dar-lhe um grau maior de calor e pisá-la mais, tem um lucro de [400] por 100.

As proposições que faz Alzogaray não me parecem excessivas,

atendendo as suas circunstâncias, a importância do negócio, e a utilidade que deve reportar o Brasil.

No caso que o Governo Imperial decida pela afirmativa, queira V. Exa. dar-me as suas ordens imediatamente para com antecedência as participar a Alzogaray e chegar ele a tempo próprio de principiar os trabalhos que são desde janeiro até agosto.

Eu e *mr*. [Bonflad] somos de opinião que os ervais devem ser artificiais, plantando-se as árvores em ordem e método como faziam os jesuítas em missões; este sistema tem tantas vantagens que facilmente se compreendem.

A soma que haverá de despender-se com Alzogaray e os dois companheiros que o devem acompanhar no decurso dos dezoito meses que terá de existir no Brasil, não excederá de vinte e quatro contos em papel.

Tenho igualmente a honra de levar à presença de V. Exa. uma demonstração do número das arrobas de erva-mate, exportadas do Brasil e importadas nesta cidade desde o 1º de janeiro até 25 de setembro do presente ano, assim bem os preços pelo que a vendem os brasileiros, e os especuladores, cuja diferença é um prejuízo do Brasil na importância de 265:234$200 réis em menos de nove meses.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Pedro d'Araujo Lima
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça, Encarregado interinamente dos Estrangeiros

❖

OFÍCIO[19] • 27 SET. 1832 • AHI 205/2/15

N. 44

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 27 de setembro de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

19 Anexos não localizados.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que em 22 de julho p[róximo] p[assado] faleceu nos subúrbios desta cidade o comerciante brasileiro Jorge Joaquim Alz, cuja morte foi causada pela queda de um cavalo, à qual sobreviveu poucos minutos. No seguinte dia pela manhã tive notícia deste acontecimento, pelo que mandei logo chamar a Manoel d'Azevedo Ramos, negociante brasileiro aqui residente, em cuja casa vivia o falecido, e a quem se tinha consignado para que me informasse do acontecimento, e saber se era o proprietário do brigue Ninfa, cujo nome se achava no passaporte desta embarcação. Confirmou Ramos o motivo da morte, asseverando-me também não ser este o proprietário do brigue Ninfa, mas sim [*um*] português natural do Porto, e emigrado, o qual lhe tinha sido recomendado dessa corte. Não me parecendo ingênua esta resposta o despedi, e mandei chamar o cap[*itão*] do dito brigue, Luís José Maria, ao qual indaguei para declarar-me se o falecido era o proprietário do brigue de que ele era capitão. Contestou-me com pouca diferença o mesmo que Ramos. Não me satisfazendo igualmente esta resposta, não poupei diligência para descobrir a verdade, e vindo no conhecimento de que o falecido era o verdadeiro proprietário do brigue Ninfa, e também que era o dono do carregamento ou sócio no mesmo, consignado a Ramos, fiz chamar a este segunda vez, e lhe fiz ver o quanto se comprometia ocultando-me a verdade, pelo que o responsabilizava pelo extravio que pudesse haver nos bens e papéis do falecido existentes em seu poder, os quais logo deviam ser apresentados neste consulado, assim como as contas dos efeitos vendidos de conta do mesmo, dirigindo-lhe logo o ofício cópia n. 1º. As minhas razões, e os argumentos que ademais lhe fiz, fizeram que declarasse ser o falecido o mesmo que indicava o passaporte do brigue, e sócio no carregamento que lhe havia entregado o capitão Luís José Maria, segundo este lhe havia dito; e que em quanto a papéis, não sabia se o falecido os tinha: que em sua casa unicamente se achava, pertencente a este, um baú e um colchão velho.

Depois desta declaração fiz comparecer neste consulado o capitão e exigi do mesmo os papéis e bens que tivesse a bordo pertenc[en]tes ao falecido. Respondeu-me que es[*corroído*] nada tinha a bordo, à exceção das contas e as [*corroído – 1 palavra*] da sociedade que com ele tinha o faleci[do] e a carta da arrematação do brigue, cujos papéis ao seguinte dia m´os apresentou. Por eles nada pude coligir da forma e maneira desta sociedade, apesar da declaração que se encontra no conhecimento da casa da dita arrematação do brigue, cópia n. 2, que

declara tão somente ser arrematado estes pelo falecido e comp[anhi]a, não tendo a quitação esta declaração cópia n. 3. Nestas circunstâncias, e esperando melhor esclarecer a verdade deste negócio, assim como receando que esse governo se quisesse ingerir neste particu[lar], como fez, tomando conta de bens do [bra]sileiro José de Miranda, de que já tive a [hon]ra de levar ao conhecimento de V. Exa. no me[u] [o]fício de 24 do corrente, n. 37, julguei conven[ien]te levar este negócio com toda prudência e m[ode]ração possível, convocando cinco negociantes [bra] sileiros dos mais acreditados, e entre eles o me[smo] Ramos, para que examinando os papéis e co[ntas] apresentadas pelo cap[it]ão Luís José Maria, co[nsór]cio (?) do falecido, dessem o seu parecer, o qual fo[i] [pela] cópia n. 4. Por esta razão, e a de não se p[oder] aclarar a forma desta sociedade, e também pelos [an]tecedentes da ocultação dos bens, e por asseverar [o ca]pitão que nessa corte provaria facilmente [so] ciedade em igual parte, tanto no brigue como carregamento, com o falecido, o que aqui não [po]dia fazer, resolvi recolher a este consulado o [lí]quido do carregamento, constante da conta [corrente] dada pelo consignatário cópia n. 5, assim co[mo] o que achei no [baú] do falecido que demo[ns]tra o inventário cópia n. 6. A cópia n. 7 é a conta de venda e despesas feitas com o carregamento, cujo líquido, seguindo a conta corren[te] cópia n. 5, é de 18:627 pesos 1 real papel-moeda deste país. Exigi do cap[it]ão as contas do custeio do brigue, desde a sua chegada a este porto, e das soldadas da equipagem, para serem pagas por este consulado; apresentou o que indica a cópia n. 8, a qual não me parecendo conforme, pelas adições que nela se encontram separadas das despesas desta última viagem, e pelo câmbio que ele fazia da moeda, resolve convocar novamente os mesmos negociantes, à exceção de José Agostinho Barbosa, que não po[de] assistir, ocupando seu lugar Joaquim d'Almeida Ribeiro, negociante brasileiro, para que dessem o seu parecer, como práticos, e donos de embarcações, sobre o quanto se devia pagar a ele capitão, contramestre e um moço que achavam na matrícula cópia n. 9, sem soldada, ou ajuste declarado, o qual o cap[it] ão arbitrava na conta apresentada. Resultou deste exame o que aparece na cópia n. 10, conformando-se o parecer com a minha resolução, antes pronunciada, de não pagar senão o que a lei determinasse. Sem embargo desta minha resolução anterior, quis, contudo, que o cap[it]ão ficasse persuadido da justiça com que procedia, ouvindo a opinião dos ditos comerciantes, acreditados e práticos nestas transações.

Devendo-se pôr em praça o brigue, e seus pertences, na confor-

midade da lei, nomeei a dois capitães brasileiros, um carpinteiro e um calafate, para avaliarem o brigue, e seus pertences, cuja avaliação foi de sete mil pesos papel desse país como consta do termo cópia n. 11, mas parecendo-me ser esta feita mui baixa, determinei que se fizesse segunda, a que [assenti] em pessoa, sendo por isto feita com mais exatidão, chegando por essa razão a 13.126 p[eso]s 3½ [de] moeda-papel, como se vê da cópia do inventário e avaliação n. 12. Feita a avaliação, mandei fazer público pela imprensa, oito dias antes, e em diferentes idiomas os três dias de praça que determina a lei, e hoje foi o brigue arrematado em leilão pelo próprio capitão Luís José Maria, pela quantia de dezenove mil e cinco pesos, moeda-papel, cópia n. 13, cuja importância líquida de 18.235 p[eso]s fica recolhida neste consulado, assim como a quantia de 2:841$262 réis que fazem patacões 2.960, à razão de 960 réis cada um, a qual existia em Montevidéu em poder de Manoel [Glz.] da Costa pertencente ao falecido, segundo a conta corrente remetida pelo dito Costa a este consulado, cópia n. 14. Para não correr o risco de mar [*sic*] a esta quantia, na sua passagem a esta, recebi de João de Souza Monteiro, em moeda-papel pelo câmbio do dia de 6 pesos e 6 reais cada moeda de 960 réis, que faz a quantia de 19:980 pesos papel. Na matrícula do brigue se acham seis escravos da propriedade do capitão, porém perguntando-lhe eu, se com efeito eram de sua propriedade, respondeu-me que eram da sociedade, em partes iguais; por esta declaração, e [*por*] não ter outro documento que pusesse em dúvida a própria confissão do capitão, entendi dever tomar conta da parte pertencente ao falecido, o que verifiquei recebendo dois dos escravos, e 800 p[esos]s papel, metade do valor pelo qual vendera o capitão um, havendo ficado fugido em Santa Catarina o outro, segundo declarou o cap[it]ão. A cópia n. 15 é a conta da despesa do [custeio] e soldadas pagas até o dia 28 de agosto em que se arrematava o brigue, e a cópia n. 16 é a conta corrente das despesas feitas por este consulado e o líquido existente no mesmo.

Cumpre-me igualmente levar ao conhecimento de V. Exa. o motivo pelo qual se acha feito e assinado o conhecimento da carga pelo próprio [punho] do capitão Luís José Maria, cópia n. 17. Achava-se quase carregado o brigue *Ninfa* por conta do falecido José Joaquim Alz, ou da sociedade que diz ter o capitão Luís José Maria no carregamento, quando foi aquele pronunciado pela Justiça de Santa Catarina [à] prisão e livramento, e tendo-se evadido à mesma, saiu daquele porto no mesmo brigue ocultamente para esta cidade. Sem dúvida este acon-

tecimento deu origem a que os escravos viessem todos na matrícula em nome do capitão; assim como (talvez) depois da morte de José Joaquim Alz fosse feito o conhecimento pelo mesmo, com as cláusulas que nele se encontra, de ser o carregamento de sua conta e risco, e de quem mais pertencer, e do frete de 1:500 pesos fortes, certamente quantia exorbitante para o tempo em que carregou em Santa Catarina.

Eu não duvido que o capitão tenha sociedade com o falecido, pois o afirmam algumas pessoas; porém não tendo aparecido contas, nem documentos por onde legalmente se pudesse conhecer a sua existência de alguma maneira, o Tribunal da Junta do Comércio poderá decidir, pelas provas que apresentar, da parte que deve ter na sociedade.

Antes de ser arrematado o brigue se havia perdido a lancha do mesmo por causa de um temporal a qual ainda não apareceu.

Em Santa Catarina deve existir um escravo que diz o capitão ficara fugido, e que tem notícia achar-se em poder de Lino Borges Álvares Cabral, pelo que pretendo oficiar-lhe a fim de que o conserve em seu poder até que tenha ordem de ser entregue.

Pela conta corrente cópia n. 16 ficará V. Exa. inteligenciado da quantia líquida que existe neste consulado, faltando na conta da despesa feita no mesmo a parcela da comissão mercantil que a lei determina aos cônsules nesses casos, por não ter a certeza da parte que deverá pertencer ao falecido, cuja quantia será incluída logo que o tribunal competente a determine.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Pedro d'Araujo Lima
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça, Encarregado interinamente dos Estrangeiros

❖

DESPACHO • 05 OUT. 1832 • AHI 207/3/8

Palácio do Governo, 5 de outubro de 1832.

Transmitindo a V. Mce. a inclusa cópia de um aviso em data

de 3 do corrente que recebi da Repartição dos Negócios da Guerra, versando sobre a conveniência de se promover a exportação de salitre desse país para esta capital, a fim de que da abundância deste gênero no nosso mercado tire partido a Fazenda Pública na sua compra para o fabrico da pólvora, cumpre-me recomendar-lhe o exato cumprimento do que é requisitado no citado ofício aviso, na inteligência de que qualquer despesa que possa necessitar-se para este [efeito] lhe será abonada pela sobredita Repartição da Guerra.

Deus g[uard]e a V. Mce..

B[ento] da S[ilva] Lisboa

Para Antonio Cândido Ferreira
Na mesma conformidade para Manuel de Almeida Vasconcellos – em Montevidéu

❖

DESPACHO • 06 OUT. 1832 • AHI 207/3/8

P[alácio] do G[overno], 6 de outubro de 1832.

Inteirado dos diversos conteúdos dos seus ofícios de ns. 15 a 35, em cuja série falta o n. 22, passo a comunicar a V. Mce. a solução, que alguns possam exigir.

Se ao receber deste despacho ainda não houver esse governo resolvido a seu favor a questão de precedência ali suscitada pelo cônsul-geral francês, de que trata o ofício n. 18, formalmente insistirá V. Mce. sobre o direito, que lhe dá o caráter diplomático, de que se acha revestido; circunstância que não ocorre no ref[erid]o empregado, e que conseguintemente anula a sua infundada pretensão. Valendo-se V. Mce. do que em sem[elhant]e matéria se convencionou no Congresso de Viena, bastará mostrar que a autorização de que se acha munido o cônsul-geral francês para negociar um tratado de comércio o não pode investir de caráter diplomático, pois que os poderes que recebeu para aquele determinado efeito, de forma alguma suprem as credenciais, para cujo meio se acreditam os membros do corpo diplomático, em cujo o número não pode [portanto] ser nele contemplado. No caso, porém, pouco provável de que esse governo queira condescender com

o agente francês espaçando a decisão deste negócio, deverá V. Mce. abster-se de comparecer em qualquer ato público por que possa ser convidado, ao que do Governo Imperial dará circunstanciada conta de quanto [tiver] ocorrido a este respeito.

Passando ao despacho n. 19, tenho de significar-lhe que [em] [faltar] de polidez que se deve usar na correspondência diplomática deverá V. Mce. representar com toda a energia e eficácia contra a prática abusiva que diz seguir esse governo mandando assentar praça na sua marinha à súditos deste Império, com quem usa de outras violências. Sobre este caso me transmitirá V. Mce. mais circunstanciada informação, na inteligência de que tem rigorosa obrigação de proceder sem perda de tempo a quaisquer diligências que sejam conducentes a conservar ilesa a dignidade nacional, sem receios das contestações a que V. Mce. alude.

À vista de quanto expende no ofício n. 27 sobre a pouca vontade mostrada por esse governo em anuir à pretendida negociação para a livre navegação do rio Paraná, só me ocorre recomendar-lhe que haja de espreitar alguma melhor oportunidade para prosseguir neste negócio. Por intermédio da Legação Imperial em Montevidéu, já tínhamos conhecimento das notas falsas, de que V. Mce. trata no seu oficio n. 29. Fiz a devida participação deste negócio ao sr. ministro da Justiça, e hei por mui recomendada a V. Mce. a continuação de suas indagações de acordo com o nosso [objeto] no sobredito Estado.

Quanto ao que expende em seu ofício n. 30 acerca do vice-cônsul nomeado pelo seu antecessor, só tenho a dizer-lhe que não se havendo passado o beneplácito imperial, e [cabendo] em suas atribuições e responsabilidade a escolha de [ilegível] agentes, pode V. Mce. efetuá-la na pessoa que [ilegível], submetendo o respectivo título à sanção do Governo Imperial.

Refiro a V. Mce., quanto à reclamação sobre qual versa o seu oficio n. 31, para as instruções, que por diferentes vezes lhe expediu o senador [Carneiro] de Campos para que V. Mce., ainda prescindindo da coadjuvação oficiosa do [agente] americano, prossiga nas diligências ordenadas, a fim de que sejam finalmente indenizados os [súditos] bras[ileir]os que foram roubados por um corsário argentino, a bordo do navio americano Leonidas.

Quanto aos seus ns. 32 e 33, já com o meu despacho de 20 do mês findo, a V. Mce. transmiti a resposta que dei ao ministro dos Negócio Estrangeiros dessa república acerca dos derradeiros

sucessos do Estado Oriental do Uruguai. Desnecessário é ponderar a V. Mce. quão circunspecto lhe cumpre ser em matérias tão melindrosas, para evitar qualquer comprometimento ao Governo Imperial a quem V. Mce. miudamente informará de toda as circunstâncias que lhe forem relativas.

Deus g[uard]e a V. Mce.

B[ento] [da] S[ilva] Lisboa

Para Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO[20] • 16 OUT. 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 45

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 16 de outubro de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que esta província e, as do interior da república, se acham em tranquilidade, à exceção da de Corrientes, que, presentemente parece não estar em boa inteligência com o governo do Paraguai, segundo se depreende da correspondência inserta na *Gazeta* [*sic*] *Mercantil* desta cidade n. 2594, que tenho a honra de enviar a V. Exa. inclusa aos *Luceros*, assim bem pelas notícias que circulam com alguma variedade a este mesmo respeito. A mesma gazeta n. 2602 traz uma correspondência do coronel Bento Gonçalves com o presidente do Estado Oriental, em que lhe participa haver desarmada a gente de Lavalleja que se havia acolhido ao Brasil, e depositado o armamento.

Os *Luceros* trazem algumas comunicações oficiais de Mendonza, e comandantes da fronteira desta província, em que asseguram terem sido derrotados alguns caciques, que fizeram incursões nas províncias de São Luiz, Mendonza, e nesta.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-G[era]l do Brasil

20 Anexos não localizados.

Ilmo. e Exmo. Sr. Pedro d'Araujo Lima
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça
Encarregado interinamente dos Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 18 OUT. 1832 • AHI 205/2/15

[N. 4]6

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 18 de outubro de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, com data de 17 do corrente, recebi participação do ministro de Relações Exteriores, incluindo o decreto do governo desta república, em que reconhece no caráter de encarregado de Negócios interino junto a ele, ao secretário da legação britânica Felipe G. Gore, em consequência de achar-se nomeado para a corte do Império do Brasil o ministro plenipotenciário aqui residente, o cavaleiro Enrique E. Fox, cuja cópia tenho a honra de remeter a V. Exa.[21] Juntamente tenho a honra de enviar a V. Exa. a coleção dos documentos oficiais da questão pendente entre este governo, e do Norte da América, sobre as ilhas Malvinas.[22]

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Pedro d'Araujo Lima
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça
Encarregado interinamente dos Estrangeiros

❖

21 Anexo não transcrito.
22 Não localizados.

OFÍCIO[23] • 19 NOV. 1832 • AHI 205/2/15

N. 47

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 19 de novembro de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

No meu ofício de 16 de outubro p[róximo] p[assado] n. 45 tive a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que as províncias internas desta república gozavam de tranquilidade, à exceção da de Corr[*i*]entes, que pelas notícias havidas nesta cidade parecia não estar aquele governo em boa inteligência com o do Paraguai, o que agora se confirma pelo manifesto do governo de Corrientes, inserto na *Gazeta* [*sic*] *Mercantil* desta cidade n. 2615, que tenho a honra de enviar a V. Exa.

Posterior a dito manifesto não consta que hajam havido hostilidades, porém sim que alguns preparativos hostis entre ambos governos.

O *Lucero* n. 906 traz participações do governador da província de Salta, em que diz haverem sido presos dois Unitários, o coronel Puch e outro que se achavam refugiados na [al]tura da Republica de Bolívia, por intentar surpreender e revolucionar dita província.

Por decretos deste governo de 10 do [cor]rente foram nomeados o brigadeiro general d. Carlos Maria d'Alviar, enviado extraordinário junto ao governo de Norte América e o dr. d. Afonso Moreno, encarregado de Negócios junto ao governo britânico [*e*] ministro plenipotenciário junto ao mesmo.

Ontem finalmente foi rechaçada unanimemente pela Sala de Representantes desta província o projeto de lei apresentado para Comissão de Constituição, a fim de dar-se faculdades extraordinárias ao Poder Executivo em consequência da nota enviada por ele à Sala de Representantes na mesma ocasião que dirigiu a sua mensagem na abertura da mesma.

Esta resolução tem feito, segundo a opinião geral, com que o governador Rosas não aceite o governo em dezembro próximo se for reeleito: neste caso os candidatos são o atual ministro da Guerra Balcarcel, o brigadeiro d. João Jose Viamão e o brigadeiro d. Félix Alvaga.

Por estes quatro dias deve sair para Porto Alegre a escuna nacional

23 Periódicos citados no ofício não foram localizados.

Bella Angelica, pela qual tenciono remeter ao presidente da província do Rio Grande [do Sul] o manifesto do governo de Corrientes, ha[vendo] já dirigido a *Gaceta* em que está in[serto] ao tenente-coronel Lagos, comandante do departamento de Missões, sem embar[go] de estar próximo à província de Corrientes, por me persuadir que com muita demora [che]gará a sua notícia.

A 5 do corrente chegou a esta cidade o general Lavalleja com [seus] oficiais, vindo de Porto Alegre na es[cun]a *Bella Angelica*, de onde saiu em [*corroído - data*] de outubro.

Diz ele que fora bem recebido pelo presidente e habitantes daquela província.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Pedro d'Araújo
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça,
Encarregado interinamente dos Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 20 NOV. 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 48

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 20 de novembro de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção dos despachos de V. Exa. datados em 3 e 10 do corrente mês, as quais recebi ontem, e darei exato cumprimento às ordens que neles se acham.

Já fiz presente a alguns dos negociantes brasileiros o quanto a Regência, em nome de S. M. o Imperador, protegia aos súditos do Império, deferin[do] graciosamente as súplicas que haviam [lev]ado à sua presença para proteção do comércio brasileiro nesta república.

Em consequência da ordem de V. Exa. para que com individuação leve à presença de V. Exa. o que haja ocorrido sobre os espólios dos súditos brasileiros José de Miranda e José Joaquim Alz que aqui faleceram; cumpre-me levar ao conhecimento de V. Exa. que os bens deste último

se acham recolhidos neste consulado-geral, como se vê no meu ofício de 27 de setembro p[róximo] p[assado] n. 44 e conta corrente que o acompanhou; e sobre o primeiro já, igualmente, tive a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. em ofício de 24 de agosto p[róximo] p[assado] o estado em que se acha a minha requisição, feita a este governo, sobre os seus bens e que só esperava receber documentos do presidente da província do Rio Grande sobre a origem de Miranda para continuar esta reclamação, a qual se acha parada por esta razão.

Tenho tido duas entrevistas com o ministro interino de Relações Exteriores, a fim de agitar eficazmente as reclamações dos senhores senadores e deputados. Em ambas, sempre me assegura que o governo com a brevidade possível deve proceder ao exame das mesmas, e que brevemente terei solução deste negócio; porém, eu creio que nada fará presentemente por estar o governador próximo a largar o governo, assim como o ministro o seu lugar, caso não seja reeleito dito governador.

Em 7 de dezembro deve eleger-se o novo governador, e se espera que os ministros atuais sejam mudados. Creio que estes são os principais motivos da demora na resolução do governo sobre as reclamações, e os da grande questão que tem havido sobre as faculdades extraordinárias que têm ocupado a Sala dos Representantes da província e o governo.

Posso assegurar a V. Exa. que não haverá em mim o menor descuido no cumprimento dos meus deveres, e mui principalmente neste negócio das reclamações.

D[eu]s guarde a V. Exa. m[uito]s anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 28 NOV. 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 49

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 28 de novembro de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que ontem marchou pelo Correio de Peru o despacho de V. Exa. para o encarregado de Negócios em Bolívia, e a 16 do próximo mês de dezembro marchará para Chile o que vai de dirigido ao ministro dos Negócios Estrangeiros daquela República.

As províncias do interior se acham em tranquilidade, à exceção da de Salta que há sofrido a guerra intestina, como verá V. Exa. pelas comunicações daquele governo, e o de Santiago que, se acham insertas no [*El*] *Lucero* n. 92.[24]

Por notícias posteriores ao manifesto do governo de Corrientes, se sabe com certeza, achar-se interceptado o comércio que faziam os brasileiros da província de Missões com a República do Paraguai, por terem ocupado os correntinos a estrada por onde transitavam.

Estou bem persuadido que o motivo principal da desavença que existe entre o governo de Corrientes e o do Paraguai é o zelo que o primeiro tem, do comércio que faz o segundo com os brasileiros, cujas vantagens o governo de Corrientes não pode repartir.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s an[o]s.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[eri]no e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 20 DEZ. 1832 • AHI 205/2/15

[N.] 50

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 20 de dezembro de 1832.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que a 8 do corrente, um dia depois que recebi o despacho de V. Exa. de 20 de setembro acompanhado da resposta para o ministro dos Negócios

24 Não localizado.

Estrangeiros desta república, e poucos momentos antes da remessa que pretendia fazer da mesma, acompanhada de uma nota minha, por me achar enfermo de um ataque reumático, não podendo por este motivo cumprir exatamente as ordens de V. Exa., se apresentou o ministro na minha morada com destino de visitar-me. Esta oportunidade favoreceu os meus desejos proporcionando-me o prazer de cumprir as ordens de V. Exa.

O ministro muito se lisonjeou pela exposição que lhe fiz; e mui particularmente me encarregou, fizesse presente a V. Exa, que o governo desta república nutre iguais sentimentos para com o Governo Imperial, e que ademais, faz sinceros votos pela felicidade do Império.

Dias antes desta entrevista me havia remetido o ministro um ofício para V. Exa., o qual nesta ocasião vai incluso aos meus.[25]

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

[Antonio Cândido Ferreira]
[Encarregado de Negócios Interino e Cônsul-Geral do Brasil]

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

25 Não localizado.

1833

OFÍCIO • 01 JAN. 1833 • AHI 205/2/15

[*N. 52*][1]

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 1º de janeiro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. o resultado das diligências que tenho praticado para promover a importação de salitre à corte do Império.

Imediatamente que recebi o despacho de V. Exa. de 5 de outubro, acompanhado da c[ó]pia do aviso da Repartição dos Negócios [da] Guerra relativo a este objeto, mandei indagar se existia nesta cidade algumas [porções] de salitre do interior, seu preço e qualidade; depois de feitas todas as diligências [possíveis], vim no conhecimento de que há mais [de] seis anos não tem vindo do interior nenhuma remessa deste gênero, pelo que até hoje não tenho obtido uma amostra para remeter a V. Exa. Com o motivo da guerra intestina, principalmente nas províncias [de] [Arrioja] e Cuyo, que são as que têm este mineral, não se tem exportado este [gênero] para esta cidade.

Hoje pela primeira vez que saio a [*margem danificada*] depois de trinta e nove dias de moléstia, [para] falar a um comerciante espanhol, [que] há negociado neste gênero, para que mandasse vir uma amostra de salitre, e me [in]formasse a que preço ficaria o quintal [de] cem libras posto aqui. Disse-me que dentro de um mês teria uma amostra [e] que em quanto ao preço, que nada me p[ode] dizer, sem saber o que atualmente teria [em] Córdoba, porém que quando viessem as amostras me informaria do valor que importaria cada quintal posto nesta cidade.

Pelo que pude alcançar, creio que o quintal de salitre posto aqui andará de oito a [dez] pesos metal.

Queira V. Exa., portanto, determinar-me suas ordens participando-me a que preço se deve comprar nesta cidade, por conta [d]o Governo Imperial, que sem dúvida utilizará a Fazenda Nacional, fazendo-se as compras por conta da mesma.

Logo que obtenha as amostras [de] salitre, e os preços, remeterei à presença [de] V. Exa.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

1 A numeração dos primeiros sete ofícios de 1833 continua a sequência de 1832, terminada no n. 51. A partir de 14 de janeiro a numeração é corrigida.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios inter[in]o e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 02 JAN. 1833 • AHI 205/2/15

N. 53

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 2 de janeiro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Havendo lido no *Diário do Governo* [n.] 109 o ofício do ministro da Fazenda [de] 27 de outubro ao ministro da Guerra, relativo aos dinheiros existentes em mão de Gonçalo Gomes de Mello, residente em Montevidéu. Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que dito Mello faleceu repentinamente a 26 do mês passado, [no] povo de Santa Luzia no Estado Oriental; [*margem corroída*] por ora se saber se teria feito testamento.

Deus guarde a V. Exa. muitos a[no]s.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios inter[in]o e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO[2] • 03 JAN. 1833 • AHI 205/2/15

[N.*54*] [*margem corroída*]

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 3 de janeiro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de juntar aos *Luceros*[3], que nesta ocasião remeto a

2 Periódicos não localizados no volume.
3 *El Lucero.*

V. Exa., a *Gazeta*[4] *Mercantil* desta cidade de 5 de dezembro, que traz algumas reflexões sobre o governo do Paraguai, assim bem a de 10 que traz o desenlace da revolução da província de Salta, que hoje se acha em sossego.

A *Gaceta* de 11 do dito mês traz o decreto do governo de Correntes [*sic*] relativo à fatura da erva-mate na província de Missões. Eu creio que o governo do Paraguai obstará que tenha efeito este decreto. A de 12 traz os tratados de amizade, aliança e comércio celebrados entre a República do Peru e a do Equador, concluídos a 12 de julho p[róximo] p[assado]. As *Gazetas* de 17, 19 e 20 de dezembro trazem a mensagem do governo de Bolívia; e a de 31 traz a apresentação do encarregado de Negócios do Brasil junto ao governo de Bolívia, a sua fala, resposta do presidente, e a credencial que apresentou o mesmo encarregado.

O *Lucero* n. 943 traz a recepção do atual governador Balcarce, e o de n. 949 a dos ministros Maza e Garcia.

Consta que as províncias do interior existem em tranquilidade, porém sempre em alarma pelas continuadas incursões dos índios.

Um barco chegado há poucos dias de Patagônicas dá a notícia de que mil e quinhentos índios se haviam aproximado àquela povoação, porém até ao presente nada mais se sabe a este respeito.

Pelo correio do Peru que deve sair a 5 do corrente, remeterei os despachos de V. Exa. dirigidos ao encarregado de Negócios junto ao governo de Bolívia.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

[Ilmo. e] Exmo. Sr. Bento da Silva [Lisboa]
Ministro e Secretário de Es[tado] [d]os Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 06 JAN. 1833 • AHI 205/2/15

[N. 5]5

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 6 de janeiro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

4 *La Gaceta Mercantil.*

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. a inclusa denúncia que me há dado um negociante brasileiro aqui estabelecido, cuja lhe comunicou [um] negociante norte-americano, vindo há cinco meses do Brasil, para que me fosse transmitida. O negociante brasileiro se eximiu de indicar-me o nome do negociante americano por temer ser este assassinado por algum dos facinorosos indicados, [no] caso de se fazer pública a sua denúncia. Em igual caso se acha o negociante brasileiro, havendo-me muito recomendado que o seu n[o]me não aparecesse por ora, o que lhe prometi.

Pela pessoa que me deu a denúncia, e pela probidade do negociante americano, parece ser v[e]rídica esta denúncia, que tal [qual] levo ao conhecimento de V. Exa.

Deus guarde a V. Exa. muitos a[no]s.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado dos Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva [Lis]boa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

[*Anexo*]

Um negociante anglo-americano, atualmente residente em B[ueno]s Aires, o qual saiu do Brasil há cinco meses, participa a seguinte comunicação:

Que viajando haverá um ano, pouco mais ou menos, pela província de Minas Gerais, em companhia do irlandês João Spears, de profissão lapidário, ou cravador, em um lugar entre Vila Rica e o Tejuco, fora convidado pelo dito Spears para entrar em uma sociedade de salteadores que pretendia formar com o fim de roubarem as tropas que transitassem desde o Tejuco a Vila Rica conduzindo diamantes, ouro etc. Que sendo esta proposta registrada por ele com indignação, quis Spears persuadi-lo, cobrindo suas verdadeiras intenções, de que a proposição que lhe tinha feito era tão somente para conhecer os seus sentimentos etc.

Que poucos dias depois da sua chegada a B[ueno]s Aires encontrara com Spears, e que pouco depois tivera notícia de que este homem e seu irmão Guilherme [F.] Spears, unidos a Guilherme T. Harris, Lemuel Concklin, e Briman, americanos e irlandeses, se tinham aqui preparado de armas e do mais necessário para se dirigirem às costas do Brasil para

porem em prática seus nefandos projetos. Que os dois primeiros, João e Guilherme Spears, haviam saído desta cidade em novembro do ano p[róximo] p[assado] no brigue mercante americano *Algerino*, cujo capitão pretendiam comprar p[ar]a os distar perto da confluência do rio Doce, por onde tencionavam subir para Minas. Que os três últimos haviam saído desta cidade haverá 25 dias no navio bremense *Wanderer* com destino a Montevidéu, para se unirem aos primeiros; porém que, talvez estes três se transbordassem em Montevidéu para a corveta de guerra americana *Lexington* que se dirige ao Rio de Janeiro, a bordo da qual, quando aqui esteve, ele tinha visto um caixão com clavinas, que lhe disseram pertencer a estes celerados. Que as intenções destes eram logo que se reunissem, dirigirem-se dois ao Tejuco fingindo-se mascates de quinquilharia, e com este pretexto adquirirem notícia de alguma tropa que conduzisse diamantes, ouro etc. para avisarem aos outros, que se devem manter ocultos nas matas, e todos juntos atacá-la assassinando seus condutores.

O negociante americano recomenda muito que se encarregue as diligências que se hajam de fazer a este respeito ao capitão João Bento [de tal], morador na freguesia da Concepção, distante três léguas do Morro, por ser este homem mui temido destes ladrões, dos quais alguns estiveram em sua casa, e que sem dúvida os deve conhecer.

Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO • 10 JAN. 1833 • AHI 205/2/15

[*N. 58]*

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 10 de janeiro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, por decreto de 7 do corrente foi nomeado ministro dos Negócios da Fazenda desta república o dr. d. José Ceferino Lagos, por demissão de d. José Maria Roxas.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. [*e*] Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 14 JAN. 1833 • AHI 205/2/15

[N. 8][5]

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 14 de janeiro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. o título de nomeação de vice-cônsul do Brasil nesta cidade, na pessoa de José Joaquim de Almeida, súdito desta república, para obter o beneplácito e sanção do Governo Imperial.

Deus g[uard]e a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Pereira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO[6] • 14 JAN. 1833 • AHI 205/2/15

N. 9

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 14 de janeiro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. o resultado das indagações que [pra]ticaram, por ordem deste governo, pela Comissão da Marinha em 29 de setembro p[róximo] p[assado], para verificar existência de um banco de areia que se [pensa] haver entre o banco de Ortiz e a ponta do Índio, no Rio da Prata.

5 Numeração à lápis, no canto superior esquerdo do documento.
6 Anotação no topo, à esquerda: "À J[un]ta do Comércio, em 2 de março [*de*] [*1*]833."

Nesta mesma data participo à Imperial Junta do Comércio a descoberta [exis]tência deste novo banco.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 16 JAN. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 10

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 16 de janeiro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. haver ontem fundado neste porto a goleta de guerra *Sarandi* pertencente a esta república, a qual estava destinada para guardar as costas das ilhas Malvinas, e evitar a pesca de lobos nos mesmos barcos estrangeiros. Diz o comandante [da] *Sarandi* que no dia 2 do corrente chegara à [ilha] da Soledade (uma das Malvinas) a corveta de guerra *Clio* de S. M. B, cujo comandante Onslow lhe oficiara participando-lhe que, por ordem do comandante em chefe das forças navais [bri]tânicas estacionadas na América do Sul, ia [recla]mar possessão das ilhas Malvinas em nome de [S.] M. B., e que depois de haver protestado por não poder resistir, fora no dia 3 arvorada a bandeira inglesa no porto de San Luis na dita ilha da [Sole]dade, a qual existia arvorada até o dia 5 em que saiu para este porto.

Esta inesperada notícia há causado gr[ande] sensação, tanto ao governo, como ao povo, e o clamor [é] geral contra o governo inglês. O comandante da *Sarandi* foi hoje recolhido à [*margem danificada*] para responder a Conselho de Guerra em virtude deste acontecimento.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Minis[tro] e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

[*Anexo*]

O novo banco é de areia parda: quando o rio está baixo tem de profundidade 15 pés, medida inglesa; e no canal que forma este banco e o de Ortiz se encontra 22 ½ pés da mesma medida. A diferença que há do novo banco ao canal, é de 7 ½ pés, e a qualidade do fundo é lama. No canal da parte do sul deste banco se acha também quando o rio está baixo 19 ½ pés, o fundo é lama, e a diferença da profundidade 6 ½ pés. Da ponta do Índio demora a ponta do N. O. do dito banco ao N. 19º 30' [*a*] E. também do mundo, distância de 11 milhas e 1 décimo.

Está conforme:
Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

❖

OFÍCIO[7] • 18 JAN. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 12

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 18 de janeiro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de incluir aos *Luceros* que por este paquete remeto a V. Exa. a *Gazeta* [*sic*] *Mercantil* desta cidade n. 2900, a qual traz uma correspondência relativa à ocupação das Malvinas pelo governo inglês, e o pouco respeito que lhe merece este. Aparecem junta a esta correspondência dois documentos que mostram o nenhum direito do governo inglês sobre ditas ilhas, como se inteirará V. Exa. Parece que o correspondente tem razão, quando diz que, a América deve ter uma política peculiar sua, concentrando-se em si mesma, e esquecendo-se da velha Europa, que é a causa das duas dissensões e desgraças.

Aqui corre por certo, e me afirma uma pessoa que está em contato com pessoas do governo, que o encarregado de Negócios

7 Anexos não localizados no volume.

desta república junto à República de Bolívia d. Pedro Feliciano Cavia, o qual saiu desta em setembro p[róximo] p[assado], volta desde Salta, onde se acha, por não permitir o governo de Bolívia sua entrada no território daquela república, dando por causais; 1º – o ser este enviado nomeado em tempo que este governo não estava ainda autorizado pelas províncias da república para tratar com os governos estrangeiros; 2º – por não haver tido contestação a uma sua nota em que intervinha nas dissensões civis antes de se dar ação entre o general Quiroga do Partido Federal, e o general Lamadrid do Unitário; e 3º – por não ser o enviado da confiança daquele governo. Sobre esta notícia nada se tem dito por parte deste governo.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva [Lisboa]
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

DESPACHO • 19 JAN. 1833 • AHI 207/3/8

N. 2
2ª Via

Palácio do Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1833.

Partindo nesta ocasião a corveta Bertioga, que ali vai [estacionar], a pedido dos agentes [de] negócios, cujo requerimento V. Mce. transmitiu, e a Regência, em nome do Imperador, benignamente deferiu, tenho de remeter a V. Mce. a inclusa cópia de um aviso do [sr.] ministro da Marinha, para quem V. Mce., em sua conformidade, haja de efetuar as ordenadas transações para pagamento das despesas que fizer a dita corveta a [cujo] comandante deverá igualmente V. Mce. prestar todos os bons ofícios, e [apois] [*sic*] que dessa legação haja [mister][8]

Deus guarde a V. Mce.

8 O texto a partir deste ponto é tachado pelo autor: "evitando com o maior empenho todo e qualquer passo que possa comprometer o decoro do Governo Imperial". Há um "x" assinalado na entrelinha, sem, no entanto, a inserção de palavra(s) de substituição.

B[ento] [da] S[ilva] L[isboa]

[Para] Antonio Cândido Ferreira

[*P.S.*] Por esta ocasião devo prevenir a V. Mce. que se [cuide] de remeter à Legação Imperial em Montevidéu uma cópia de cifra, de que V. Mce. usa, a fim de que dela se possa servir nas comunicações secretas que V. Mce. tiver de fazer [àquela] legação.

❖

DESPACHO • 24 JAN. 1833 • AHI 207/3/8

N. 3
2ª Via

Palácio do Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1833.

Tendo presentes os ofícios que V. Mce. assinou sob ns. 50, 51, 52, 53 e 54, e bem assim o de n. 22, que se não havia ainda recebido nesta Secretaria de Estado.

Ciente de seus variados conteúdos, tenho somente de significar-lhe que em seu devido tempo comunicar-lhe-ei a solução do sr. ministro da Guerra sobre a encomenda do salitre de que trata o ofício n. 52, que já submeti à S. Exa.; e, quanto ao de n. 22, que não deverá V. Mce. urgir por ora pelas diligências que nele participa haver encetado.

Deus g[uarde] a V. Mce.

B[ento] [da] S[ilva] L[isboa]

[Para] Antonio Cândido Ferreira

❖

DESPACHO • 28 JAN. 1832 • AHI 207/3/8

N. 4
2ª Via

Palácio [do Rio de Janeiro], 28 de janeiro de 1833.

Em aditamento ao meu precedente despacho, tenho de prevenir a V. Mce. que o sr. ministro da Guerra acaba de resolver que certa quantia,

cuja cobrança está diligenciando a Legação Imperial em Montevidéu, seja aplicada para a compra do salitre, que S. Exa. há encomendado, e que esta se verifique ali, ou nessa cidade, segundo seja mais vantajoso para a Fazenda Pública. Nesta conformidade, acabo de oficiar àquela legação, ordenando-lhe que com V. Mce. se entenda sobre o melhor cumprimento da presente incumbência. No entanto, bom será que V. Mce. conclua as indagações de que trata em seu ofício n. 56, e remeta para esta corte, com as declarações convenientes, as amostras que diligenciava.

Deus guarde a V. Mce.

B[ento] [da] S[ilva] L[isboa]

[Para] Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO • 09 FEV. 1833 • AHI 205/2/15

[N. 16]

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 9 de fevereiro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção do despacho circular de V. Exa. de 10 de dezembro, recebido em 7 do corrente, pelo qual se digna V. Exa. participar-me do feliz resultado das forças imperiais comandadas pelo general Labatut, destinadas contra o dissidente Joaquim Pinto Madeira, o qual e o vigário de Jardim, Anto[nio] Manoel de Sousa, se achavam presos em Pernambuco, havendo-se submetido, e entregado as armas mil quatrocentos e cinquenta dissidentes, e que mais de três mil dos iludidos se haviam apresentado a dito general. Também se digna V. Exa. transmitir-me a plausível notícia de haver-se restabelecido o sossego na comarca de Rio Negro, tendo-se já ali reconhecido as autoridades da província, ass[im] bem, de que as demais províncias do Império gozam de tranquilidade, pelas salutares medidas adotadas pelo Governo Imperial.

Por tão lisonjeiras, e gratas notícias, tenho a honra de felicitar a V. Exa., congratulando-me, ao mesmo tempo, com os brasil[eiros] amantes da ordem, e do governo de S. M. I. por tão fausto motivo. Tenho juntamente que asseverar a V. Exa. o quanto me é sensível as dissensões ainda existentes em Panelas, as quais, sem dúvida, cessarão

pelas acertadas providências do Governo Imperial, reunindo-se por esta maneira toda a família brasileira para sustentar e defender o Trono do senhor d. Pedro II, e a Regência, em cujo nome governa.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
[Ministro e] Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

DESPACHO • 13 FEV. 1833 • AHI 207/3/8

N. 7

Palácio do Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1833.

Acuso a recepção dos ofícios de n. 55 a 59 que V. Mce. me dirigiu, de cujo conteúdo fico perfeitamente inteirado.

O papel que acompanhou o n. 55 foi remetido ao sr. ministro da Justiça, para que haja de dar as providências que convier; e sendo concedido o imperial beneplácito ao vice-cônsul por V. Mce. nomeado, José Joaquim de Almeida, cumpre que ele o faça solicitar por esta Secretaria de Estado.

Deus guarde a V. Mce.

[sem assinatura]

Para Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO[9] • 04 MAR. 1833 • AHI 205/2/15

[*S*/*N*]

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 4 de março de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

9 Anotação no topo, à esquerda: "[À] J[un]ta do Comércio em 12 de abril [*de*] [*1*]833."

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que em 29 de dezembro p[róximo] p[assado] encalhou nas baixas de S[an]to Isidro, cinco léguas ao N. deste porto, a escuna nacional denominada *Sociedade*, mestre Joaquim Francisco Xavier Ferreira [*sic*], e da propriedade de Francisco Militão, a qual foi impelida por um forte temporal que a conduziu àquele lugar, havendo saído em lastro dois dias antes, com direção ao Rio Grande. Pela vistoria a que mandei proceder, se conheceu que não era possível fazê-la navegar sem se despender a quantia de 31:600 pesos, soma certamente mui excessiva ao seu valor, pelo que o mestre requereu a este consulado a venda em leilão do casco, e mais pertences da dita escuna, por conta do seguro, o que teve lugar no dia 29 de janeiro.

Nesta mesma data participo ao Tribunal da Junta do Comércio este acontecimento.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
M[inis]tro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 06 MAR. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 26

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 6 de março de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que o ex-ministro da Fazenda Lagos, [não] podendo efetuar o empréstimo de um mil e quinhentos mil pesos, pedidos pelo governo passado, para as despesas da expedição projetada contra os índios, se demitiu, como participei a V. Exa., em ofício de 4 do corrente n. 25. Sem embargo de se não poder realizar o empréstimo, a expedição por esta província se acha reunida na fronteira, e deve sair qualquer destes dias a reunir-se às forças das províncias de Mendonza, San João [*sic*], Cuyo, Rioja,

Córdoba, e San Luis, comandadas pelo general Quiroga, para combinadas atacarem e perseguirem os índios inimigos até as suas remotas habitações da cordilheira dos Andes. Apesar das lisonjeiras esperanças que nutre Rosas e Quiroga, de poder acabar com os índios inimigos, é opinião geral de que o resultado será de pouca consequência, por estar a melhor estação muito avançada, e serem as massas que os deve [*sic*] atacar mui morosas nos seus movimentos, tendo os índios a seu favor a mobilidade que lhe é própria para evitarem qualquer ataque. Todas estas forças reunidas chegarão a 3.500 homens, segundo a opinião dos mais inteligentes.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
M[ini]stro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO[10] • 13 MAR. 1833 • AHI 205/2/15

[*corroído* 2]7

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 13 de março de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar nesta ocasião à presença de V. Exa. a cópia da nota que dirigi a este governo, na qual insistia pela declaração que lhe havia exigido em minha nota de 31 de maio, a respeito da pretensão infundada do cônsul-geral da França, na precedência que exigira a meu respeito no cerimonial do corpo diplomático em 25 de maio p[róximo] p[assado], como já tive a honra de levar ao conhecimento de V. Exa., e juntamente a cópia da nota em contestação, na qual declara o ministro não reconhecer o governo no cônsul-geral de França o caráter de diplomático. Por esta explícita declaração dada pelo ministro à minha exigência, já não tem lugar a pretensão do cônsul-geral de França.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

10 Anexos não transcritos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios int[erin]o e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Minist[ro] e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO[11] • 18 MAR. 1833 • AHI 205/2/15

[*N. 28*]

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 18 de março de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, havendo-se demorado a vinda das amostras de salitre que deviam vir de Córdoba encarregadas a um negociante desta praça, conforme participei de V. Exa., determinei escrever a um comerciante daquela cidade, conhecido meu antigo, pedindo-lhe a remessa de algumas amostras de salitre, e o preço por que poderia ficar aqui posto o quintal, para com mais exatidão poder informar a V. Exa. A resposta que obtive é a que tenho a honra de levar à presença de V. Exa., esperando a amostra e o aviso que promete fazer-me o comerciante Silva, sobre o seu custo, que tudo levarei à presença de V. Exa. Será difícil presentemente obter-se salitre da Rioja, tanto pela falta de condução daquela província à de Córdoba, como por estar paralisado este ramo de comércio pelas guerras civis, e a pouca extração neste mercado.

Remeto a V. Exa. uma amostra de salitre da Ásia, do qual haverá de 50 a 60 quintais de cem libras, única porção que pude encontrar, e cujo preço é de quatorze pesos prata cada cem libras. Se assim fizer conta a Fazenda pública, queira V. Exa. transmitir-me suas ordens com a brevidade possível, para comprá-lo, e embarcá-lo na corveta *Bertioga*, evitando-se desta maneira a despesa do frete, ou em outra embarcação, caso a necessidade que haja deste artigo assim o exija.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios inter[in]o e Cônsul-Geral do Brasil

11 Anexo não transcrito.

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
[Mini]stro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO[12] • 19 MAR. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 29

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 19 de março de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Constando-me que em Patagônicas, serra do Tandil e Bahía Blanca existiam porção de prisioneiros brasileiros servindo forçadamente nos corpos de 1ª linha que se acham destacados nos postos indicados, fiz todas as diligências para saber seus nomes, e classes, em que corpos estavam como praça.

O resultado destas indagações foi saber com evidência que se achavam em Patagônicas trinta e sete prisioneiros brasileiros servindo na Companhia de Caçadores ali destacada, cujos nomes formam a lista da cópia n. 1. Em consequência, dirigi ao governo a nota cópia n. 2 e a de n. 3 é a contestação do ministro.

Antes de dirigir a minha nota clamando os prisioneiros tive uma conferência com o ministro sobre este particular, na qual lhe fiz ver a existência dos prisionei[ros] em Patagônicas, e a necessidade de serem enviados ao Brasil com a brevidade possível. O ministro ao princípio quis persuadir-me do contrário; porém, apontando-lhe fatos do que lhe acabava de participar, disse-me que o governo mandaria informar-se, e que no caso [de] os haver, seriam logo conduzidos a esta cidade [p]ara me serem entregues.

Sem embargo desta promessa, estou bem persuadido que muito se demorará a vinda dos prisioneiros, tanto pela falta de soldados que tem o governo para a presente expedição contra os índios, como por ser da sua política retardar quanto pode, realizar as reclamações que lhe são feitas; porém, eu cumprirei com o meu dever, instando com energia pa[r]a que esta se realize.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira

12 Anotação no topo, à esquerda: "Ao min[istro] de Marinha em junho [*de*] [*1*]833."

Encarregado de Negócios inter[in]o e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
[Min]istro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

[*Anexos:*]
[N].1

[Relaç]ão das praças dos corpos de artilharia de [*ilegível*] pertencentes às guarnições das corvetas *Itaparica*, e [*margens direita e esquerda corroídas*] a [ilegível], brigue-escuna *Escudeira*, e a es[*margens direita e esquerda corroídas*] que foram prisioneiros no Río Negro de Patagônica [*margem esquerda corroída*] hoje feitos soldados argentinos, e guarnecendo a [*margem esquerda corroída*] Bahía Blanca.

— Antonio Dias	— José Gomes	— Manoel Antônio
— Antônio Agostinho	— José Cardoso	— Manoel Luiz Pereira
— Antonio Francisco	— Joaquim José Fernandes	— Manoel Victorino
— Bartholomeo	— Joaquim Francisco	— Lourenço das Virgens
— Barnabé dos Reis	— Joaquim Lourenço	— Lorenço José
— Cândido	— Laurindo	— Mariano Alves
— Estacio Gonçalves	— Manoel Joaquim dos Santos	— Mauricio
— Francisco	— Manoel José da Conceição	— Pedro Gomes Ferreira
— Fabiano de Christo	— Manoel Francisco da Costa	— Thomas Teixeira
— Henrique	— Manoel Elario	— Vidal Ferreira
— João Evangelista	— Manoel Luis;	— Vicente Ferreira
— João Felix	— Manoel Alberto	
— José Carlos	— Manoel de Amorim	

[*N.*] 2

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 23 de fevereiro de 1833.

O abaixo-assinado encarregado de Negócios interino e cônsul-geral do Brasil nesta cidade tem a honra de levar à presença de S. Exa. o sr. ministro de Graça e Justiça, interinamente encarregado dos Negócios Estrangeiros desta república a inclusa relação nominal constando de trinta e sete indivíduos brasileiros que foram prisioneiros em Patagônicas,

na última guerra entre o Império do Brasil e a República Argentina, os quais se acham atualmente com praça nos corpos daquela guarnição, a fim de que o exmo. governo desta república ordene seu regresso com a brevidade possível a esta capital para serem enviados ao Governo Imperial, na conformidade do art. 16 da Convenção Preliminar de Paz celebrada em 27 de agosto de 1828, entre o Governo Imperial e os das Províncias Unidas do Rio da Prata.

O abaixo-assinado aproveita esta ocasião para significar a S. Exa. o sr. ministro de Graça e Justiça, interinamente encarregado dos Negócios Estrangeiros desta república, a sua mais distinta consideração, e apreço.[13]

A S. Exa. o Sr. Ministro de Graça e Justiça,
interinamente Encarregado dos Negócios Estrangeiros
Dr. D. Manoel Vicente de Maza

Está conf[orm]e:
Antonio Cândido Ferreira

[*N.*] 3

Buenos Ayres, Febrero 26 de 1833.
Año 24 de la Libertad y 18 de la Independencia

El infrascripto ministro de Gracia y Justicia, Encargado de las Relaciones Exteriores, tiene la satisfacción de dirigirse al Sñr. Encargado de Negocios Interino y Cónsul General del Brasil para manifestarle que ha recibido su nota fecha 23 del Corriente y la relación nominal a ella adjunta de los súbditos brasileiros, que fueron hechos prisioneros en Patagones en la última guerra entre la Republica y el Imperio, y sirven actualmente en los Cuerpos de aquella guarnición. En consecuencia, el gobierno ha ordenado lo conveniente para que con presencia de lo que dice y pide el Señor Encargado de Negocios Interino en su citada nota con arreglo al art. 16 de la Convención Preliminar de Paz celebrada el 27 de Agosto de 1828, informe el Comandante Político y Militar de Patagones, tomando al efecto todos los conocimientos necesarios en el particular.

13 Documento sem assinatura.

Dios guarde al señor Encargado de Negocios Interino y Cónsul General del Brasil muchos años.

Manoel Vicente de Maza

Al Sr. Encargado de Negocios Interino y
Cónsul General del Imperio del Brasil

Está conf[orm]e:
Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO • 24 MAR. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 30

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 24 de março de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, sendo-me apresentada a lista dos soldos e mais vencimentos dos oficiais da corveta *Bertioga* vencidos até o fim de fevereiro, a qual importaria em 1:210$213 réis, e passando a entregar ao comissário esta quantia em moeda-papel deste país, equivalente ao valor do papel dessa corte, cujo prêmio é ao presente de 320 [por cento], recusou este dizendo-me que consultaria ao comandante, e que me participaria do resultado. Ao seguinte dia veio a esta legação o comandante, e seu imediato, asseverando-me ambos que, tanto eles como os demais oficiais, estavam persuadidos que receberiam os seus soldos em prata, e não em papel, como recebem na corte, por ser de prática assim pagar-se às embarcações de guerra brasileiras quando [se] acham em portos estrangeiros, como por assim lhes haverem feito ver antes de saírem dessa corte. Em atenção ao que fica referido, lhes fiz ver que não tinha instruções do sr. ministro da Marinha sobre a maneira por que deviam ser pagos, porém, que se ele, comandante, e seus oficiais ficassem responsáveis pelo aumento que, porventura, recebessem nos seus soldos, no caso de não ser aprovada pelo sr. ministro da Marinha, se lhe faria o pagamento na forma requerida, para o que me oficiasse neste sentido, que eu levaria à presença de V. Exa. e do sr. ministro da Marinha o que representavam. Nesta

virtude, recebi o ofício que junto por cópia, em virtude do qual entreguei ao comissário 1.260 patacões, cinco réis prata, à razão de 960 réis cada um patacão, que fizeram a quantia de 9.434 p[eso]s 5 ½ réis papel, conforme se vê do recibo do mesmo que nesta ocasião remeto com a conta do que se tem despendido até hoje, ao sr. ministro da Marinha. Fica existente neste consulado a favor da Intendência da Marinha 8:989 pesos 4 ½ réis, resto de 26:000 p[eso]s das letras que saquei contra ela.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro [e Secre]tário de Estado dos Negócios Estrangeiros

[*Anexo*]

[À] Bordo da corveta *Bertioga*, surta nas Balizas Exteriores
Buenos Aires, 2 de março de 1833.

Ilmo. Sr.,

Tenho a honra de levar a conhecimento de V. Sa. que havendo comunicado aos meus oficiais que o pagamento se ia fazer em papel deste país, avaliado sob mil réis papel do Rio de Janeiro, conforme V. Sa. assim o determinou pagar, disseram que desta maneira vinham a perder em seus soldos; portanto, pedia a V. Sa. que os pagamentos fossem em prata, ou o equivalente em papel do país, pois assim se tem praticado com as nossas embarcações de guerra nos diferentes portos estrangeiros que tem estado; e no caso que o nosso governo não a bem o pagamento feito desta maneira, ficaram os mesmos oficiais depois responsáveis para se lhe descontar na corte.

Deus guarde a V. Sa..

Jorge Manson
Capitão de Fragata, Comandante

Ilmo. Sr. Antônio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Está conforme:
Antônio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO[14] • 25 MAR. 1833 • AHI 205/2/15

[N. 3]1

[Legação e Consulado-Geral do Brasil]
Buenos Aires, 25 de março de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, havendo este governo determinado por decreto de 17 de agosto de 1821 que os estrangeiros que saíssem do país para domínios estrangeiros levassem nos seus passaportes o visto-bom dos seus respectivos cônsules; e havendo-se sempre observado esta ordem, ocorre que d. Antonio de Saldanha, e os celebérrimos Francisco Antonio Braga (sapateiro) e Antonio José d´Almeida Franco, estes dois últimos matriculados neste consulado em tempo do meu ante[ces]sor, tiraram passaportes da polícia na qualidade de vassalos portugueses, como se vê da informação do oficial, a cujo cargo está o cuidado de expedir os passaportes, e cujos informes tenho a honra de remeter por cópia a V. Exa.[15]

É muito sensível que brasileiros tenham uma tal conduta, assim como de me ver na obrigação de a manifestar a V. Exa.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Neg[ócios] Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 26 MAR. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 33

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 26 de março de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção dos despachos de V. Exa. ns. 7 e 8 de 13 de fever[eir]o e 9 de março, e a circular n. 4 acompanhada

14 Anotação no topo à esquerda: "Ao min[istro] da Justiça em 13 de abril [*de*] [*1*]833."
15 Anexos não transcritos.

da carta de gabinete, a qual ontem foi entregue por mim ao ministro na ocasião em que lhe fiz entrega do despacho de V. Exa., que acompanhava o despacho n. 8.

Ontem me dirigi à morada do governador para pessoalmente lhe fazer entrega da carta de gabinete, porém sendo dia de partida de vários correios não lhe pude falar, pelo que fez entrega d[e]la ao ministro, como fica referido. Amanhã tenciono falar ao governador, e mui principalmente sobre as reclamações dos senhores senadores e deputados.

Hoje sai[u] o correio para o interior e foram remetidos [o] despacho, e impressos para o encarregado de Negócios em Bolívia. Disse-me o[n]tem o ministro que estava interceptada a correspondência entre Bolívia e a província de Salta, e por consequência com este governo, cujo enviado com destino a Bolívia se acha ainda em Salta, e é provável que regresse a esta.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Neg[óci]os Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 28 MAR. 1833 • AHI 205/2/15

N. 34

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 28 de março de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, a 13 do corrente saiu desta cidade o general Lavalleja com destino à província de Entre Ríos, acompanhado de oito oficiais e alguns soldados.

Já participei a V. Exa. no meu ofício n. 23, de 2 do corrente, que Lavalleja se ia reunir a seu irmão, e a pouco mais de cem homens que estão com este.

O dinheiro que leva Lavalleja não passa de cinco mil pesos prata, devendo tirar da campanha oriental os recursos p[ar]a fazer a guerra a Fructuoso, como ele mesmo me assegurou.

Apesar das diligências que fiz p[ar]a descobrir se algum brasileiro

protege seus projetos, não pude descobrir o menor indício a este respeito; e estou persuadido, que aqui não [terá] ele proteção de um só brasileiro.

Em 3 do corrente saiu desta na escuna brasileira *Bella Angelica* o coronel d. Benito Olazabal, com direção ao Rio G[ran]de. Este oficial é compadre de Lavalleja, e se diz que vai comandar a gente do coronel Garson que se acha no Serrito.

Me asseguram [*sic*] que Lavalleja, apesar da proteção que indiretamente lhe presta o g[over]no de Entre Ríos, só podem juntar 500, ou 600 homens nesta província.

Já participei ao presidente do Rio G[ran]de e ao nosso encarregado em Montevidéu da saída de Lavalleja, e do coronel Olazabal.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 02 ABR. 1833 • AHI 205/2/15

[N. 3]5

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 2 de abril de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que em 30 do mês passado teve lugar a entrevista com o governador Balcarce, anunciada no meu ofício n. 33, não podendo efetuá-la antes pelo mau tempo, e os dias festivos que se interpuseram. Na mesma ocasião dirigi ao governador uma breve alocução, por motivo da entrega da carta de gabinete, análoga ao assunto da mesma, manifestando-lhe ademais, o justo sentimento da nação brasileira pelo falecimento da augusta princesa a senhora dona Paula Mariana. O governador contestou-me de uma maneira patética, expressando o pesar que o acompanhava, e ao povo argentino, por tão fatal acontecimento, e pedindo-me ao mesmo tempo, fizesse presente a V. Exa. a parte que ele tomava no sentimento da Regência em nome de S. M. o senhor dom Pedro II, pelo falecimento da augusta princesa, a senhora dona Paula Mariana.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 08 ABR. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 38

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 8 de abril de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção dos despachos de V. Exa. n. 9 de 18 de abril e circular n. 6 de 13 do mesmo mês. Neste último se digna V. Exa. participar-me dos lamentáveis acontecimentos que tiveram lugar em 22 de março na cidade de Ouro Preto, capital de Minas Gerais,[16] e das acertadas e prontas providências dadas pela Regência, em nome do Imperador, a fim de ser empossado o presidente legítimo [e] restabelecida a ordem e tranquilidade. Igualmente se digna V. Exa. participar-me que no dia 10 de abril se abriu a Assembleia extraordinariamente; e que felizmente reina a tranquilidade na corte do Império, e que as províncias da Bahia e Pernambuco gozam de sossego, não obstante os partidos que têm aparecido por causa das eleições.

Cumpre-me, portanto, levar à presença de V. Exa. o meu justo pesar pelo sucesso da capital de Minas Gerais, na qual certamente a esta hora achará restabelecida a ordem, tanto pelas acertadas providências do Governo Imperial, como pelos esforços dos brasileiros, dignos deste nome; e da minha ilimitada satisfação pela tranquilidade que goza a corte do Império, Bahia e Pernambuco.

Deus g[uar]de muitos anos a V. Exa.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

16 A "Revolta do Ano da Fumaça", em 22 de março de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro [e Secr]etário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 11 ABR. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] [*margem corroída*]

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 11 de abril de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, havendo tido no 1º do corrente uma entrevista com o ministro de Relações Exteriores, em que lhe instei pela pronta decisão do governo sobre as reclamações que lhe tenho feito, e mui principalmente às dos senhores senadores e deputados; e depois de assegurar-me que o governo se ocupava atualmente neste negócio, de cujo resultado me comunicaria imediatamente, me participou que o governo acabava de nomear ao general d. Thomas Guido no caráter de ministro plenipotenciário junto ao Governo Imperial; e que esta nomeação fora feita antecipadamente, por haver o governo do Estado Oriental nomeado um agente diplomático junto à corte do Império, e a de Londres, como manifestava na sua mensagem de 6 do mês p[róximo] p[assado], e que se dizia ser o enviado daquele governo d. Lucas José Obes, o qual havia acompanhado ao presidente a campanha.

Este governo, e creio que, o do Estado Oriental entendem que em setembro do presente ano finaliza o tempo estipulado na Convenção Preliminar de Paz, para efetuar-se o tratado definitivo; e é esta a razão, sem dúvida, por que o governo argentino fará sair o mais breve possível o seu enviado, o qual não sairá, contudo, sem sair para Norte América o general Alvear, que ainda não tem dia determinado para a sua saída.

Já tive a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que Lavalleja havia saído desta a 13 do mês passado, e até hoje só se sabe que desembarcara perto do arroio da China, ao terceiro dia de viagem, onde devia ter uma entrevista com o governador da província de Entre Ríos.

Junto aos *Luceros*, que nesta ocasião remeto, encontrará V. Exa. a exposição que deu Lavalleja antes da sua saída, e os n[úmero]s. 2959, e [*29*]60 da *Gazeta Mercantil*, que trazem comunicações oficiais do presidente do Estado Oriental ao presidente da província do Rio Grande,

resposta deste; e uma carta do marechal Barreto a dito presidente do Estado Oriental.[17]

Esta província, até o presente, existe em tranquilidade.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro [e Secre]tário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

DESPACHO • 18 ABR. 1833 • AHI 207/3/8

N. 9

Palácio do Rio de Janeiro, 18 de abril de 1833.

Acuso a recepção da série de ofícios que V. Mce. me dirigiu de n. 21 a 34 e ficando inteirado do seu variado conteúdo, passo a responder aos artigos que carecem solução.

A comunicação que V. Mce. faz no seu n. 23 foi transmitida aos srs. ministros da Justiça e Guerra, para seu conhecimento; e tenho de dizer-lhe a respeito que sendo o objeto do dito ofício do número dos reservados, em numeração separada, convinha classificá-lo, como é praxe.

À Junta do Comércio participei o naufrágio da escuna brasileira Sociedade, e mais circunstâncias que expende no seu n. 24, para informação de quem convier.

A Regência, em nome do Imperador, estimou que V. Mce. concluísse satisfatoriamente a questão de precedência, que sem fundamento, movera o cônsul-geral de França, como o comprova a nota do respectivo ministro, que V. Mce. remete com o n. 27.

O sr. ministro da Guerra achou muito alto o preço que exigem nesse país pelo salitre, e me participou não poder ter lugar a compra desse gênero, a que lhe servira de governo e resposta ao n. 28.

O sr. ministro da Marinha oficiará diretamente ao respectivo comandante acerca da pretensão dos oficiais da corveta Bertioga, de receberem em prata os seus vencimentos, não podendo eles, decerto, ter jus senão a serem pagos como o eram na corte.

17 Anexos não localizados no volume.

O negócio sobre que versa o seu n. 31 foi remetido ao sr. ministro da Justiça, para dar as convenientes providências; e assuntos tais deverão sempre merecer a sua consideração.

Cumprirá também que continue a apoiar a reclamação dos representantes da nação brasileira que foram roubados a bordo do bergantim americano Ontario, de cujo bom resultado V. Mce. dá esperanças no seu n. 32.

Não se depreendendo do seu n. 33, se V. Mce. pediu dia e hora para entregar pessoalmente ao governador a carta de gabinete que lhe era dirigida, como é do estilo diplomático, cumpre-me ponderar-lhe que não convém prescindir as formalidades estabelecidas e que por decoro nacional deve estritamente observar em casos idênticos.

Finalmente já o sr. ministro da Guerra está informado das notícias que expende no n. 34, e o que tudo lhe participo para sua inteligência

Deus guarda a V. Mce.

[*sem assinatura*]

Sr. Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO[18] • 26 ABR. 1833 • AHI 205/2/15

[N. ?]

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 26 de abril de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de [V.] Exa. que por decreto deste governo datado a 20 do corrente foi nomeado o general d. Thomas Guido [no] caráter de ministro plenipotenciário junto ao Governo Imperial, em consequência de se aproximar o tempo para efetuar-se o Tratado definitivo [de] Paz entre o Império do Brasil e esta república. No [*El*] *Lucero* n. 1042 encontrará V. Exa. dito decreto. Entre os *Luceros* que nesta ocasião remeto [a] V. Exa. incluo o Tratado de Amizade, Comércio [e] Navegação celebrado entre esta república e o governo britânico.

Ontem foi a minha visita [de] cumprimento ao general Guido, o qual está [mui] satisfeito com esta nomeação. Disse-me ele que não sairia para essa corte sem sair par[a] Norte América o general Alvear, nomeado

18 Anexos não localizados no volume.

à [oito] meses encarregado de Negócios junto àquele governo. Pelo que tenho alcançado, suponho que em junho, ou princípios de julho, é que poderá sair o general Guido para a corte do Império.

Pelo próximo paquete terei a honra de enviar a V. Exa. alguns apontamentos entre [*os*] quais irão algumas das advertências feitas pelo meu antecessor, quando foi o general Guido ultimamente a essa corte, por entender que faria o Tratado de Paz e Comércio.

Eu me acho bem convencido que à penetração de V. Exa. nada será oculto, porém julgo do meu dever levar ao conhecimento de V. Exa. algumas pequenas circunstâncias [que] são peculiares a este país, e que talvez pos[sam] esclarecer a matéria quando dela eu tratar.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO[19] • 08 MAIO 1833 • AHI 205/2/15

[N. ?] [*margem corroída*]

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 8 de maio de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que em Chile foi descoberta uma conspiração que tinha por objeto pôr a O'Higgins no governo. O governo deu as providências necessárias, cujos detalhes se acham no *Lucero* n. 1036 e *Gazeta* n. 2963 que também traz a notícia da prisão de Natal, comandante de uma escuna de guerra oriental.

A *Gazeta* [*sic*] n. 2964 que também remeto traz a fala do presidente da República do Peru no encerramento da Assembleia: por ela se colige o estado de agitação em que se acha aquela república. Igualmente encontrará V. Exa. na mesma gazeta um decreto do governo da província de San Juan expatriando os unitários. O *Lucero* n. 1052 traz uma resposta à reflexão que faz o [*El*] *Universal de Montevideo* sobre a

19 Anexos não localizados.

época de efetuar-se o Tratado de Paz entre o Império e esta república. A *Gazeta* [*sic*] n. 2980 traz igualmente uma análise à opinião do [*El*] *Universal* sobre este objeto.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO[20] • 08 MAIO 1833 • AHI 205/2/15

[secreto] N. 4

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 8 de maio de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento [de] V. Exa. que Lavalleja se acha na província [de] Entre Ríos, e que há oito dias passou ao Paraguai com direção ao Rincão das Galinhas, [com] uma partida de perto de 250 homens comandada por seu irmão Manoel Lavalleja.

Esta gente deve operar em combinação com a do coronel Olazabal, que acaba de sitiar Serro Largo. Esta notícia me acaba de ser confidencialmente ^9fm44brxxo–9$fz6nzRzf$. quem acaba de remeter munições, vestuários e armamento para 300 homens, e é quem fornece a Lavalleja. 7 |_| 94br o– irm 32br o– 62744 fz irm 94–oø7br rrff 651 fz 72–o rr 51 Rz |_| sobre o que não há a menor dúvida, pois vi documentos irrefragáveis.

Da expedição contra os índios nada se sabe, porém creio que a esta hora estará em Bahía Blanca.

O coronel Pazolo se acha em Montevidéu segundo me diz o mesmo sujeito.

Esta província se acha em tranquilidade.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

20 Intervenção de decifragem ilegível nas entrelinhas dos trechos cifrados.

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO[21] • 09 MAIO 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 40

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 9 de maio de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que no dia 8 do corrente chegou a este porto o mestre, e proprietário do patacho nacional *Calado* Antonio dos Reis Fidalgo, com toda a [sua] tripulação, por haver dito patacho encalhado no Banco Inglês às três horas da noite do 1º do corrente. Apesar das diligências praticadas para salvar o navio, teve a tripulação que abandoná-lo, por haver aberto água, que não foi possível esgotá-la, procurando por esta causa salvar-se na lancha, e uma jangada, a qual foi logo abandonada. Felizmente apareceu o brigue mercante inglês [*ilegível*]*gerstom* que recebeu a tripulação e a conduz[iu a] este porto. Esta embarcação saiu do por[to de] Santos em 15 de abril com carregamento a [*margem corroída*] car: o mestre foi por mim socorrido, com a quantia de cem pesos, e a tripulação já está empregada nos barcos brasileiros aqui existentes.

Sendo possível a repetição de iguais [acon]tecimentos nas embarcações nacionais, cujas tripulações necessitem dos socorros deste consulado, vou suplicar a V. Exa. queira dirigir-me suas ordens, indicando-me se os poderei prestar por conta da Fazenda Nacional, pois que as minhas instruções nada dizem a tal respeito.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

21 Anotação no topo, à esquerda: "À [Junta] do [Comércio] em 27 de junho [*de*] [*1*]833."

OFÍCIO • 14 MAIO 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 41

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 14 de maio de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, havendo obtido informações posteriores a reclamação que fiz a este governo sobre os prisioneiros brasileiros que se acham com praça, e servindo nas guardas da fronteira, lhe dirigi a nota que indica a cópia n. 1, cuja contestação é a cópia n. 2.

Estou bem persuadido que terá grande demora a vinda dos prisioneiros, mui principalmente nesta ocasião que a expedição contra os índios está nas cercanias de Bahía Blanca, onde se acham os mesmos; porém creia V. Exa. que não cessarei enquanto não os vir aqui, e forem remetidos a essa corte.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Neg[ócios] Estrangeiros

[*Anexos*]

N. 1

Legação Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 15 de abril de 1833.

O abaixo-assinado encarregado de Negócios interino e cônsul-geral do Brasil, tendo a honra de dirigir a S. Exa. o sr. ministro de Graça e Justiça, interinamente encarregado das Relações Exteriores da República Argentina, a sua nota de 23 de fevereiro p[róximo] p[assado], acompanhada da relação nominal constando de 37 brasileiros que foram prisioneiros em Patagônicas na última guerra entre o Império do Brasil e a República Argentina, na qual requisitava a entrega de ditos prisioneiros, em consequência do artigo 16 da Convenção Preliminar de Paz celebrada em 27 de agosto de 1828, leva novamente ao conhecimento de S. Exa. o sr. ministro

de Graça e Justiça, encarregado interinamente das Relações Exteriores, que para informações posteriores à referida nota consta com evidência ao abaixo-assinado existirem os mencionados prisioneiros em Bahía Blanca servindo constrangidamente nas tropas daquela guarnição em qualidade de caçadores. Ademais das informações referidas, tem o abaixo-assinado a honra de levar à presença de S. Exa. o sr. ministro de Graça e Justiça, interinamente encarregado das Relações Exteriores, a cópia da carta de um oficial brasileiro que foi igualmente prisioneiro com os mesmos indivíduos, a quem o abaixo-assinado também pediu informações: por ela virá no conhecimento [*de*] S. Exa. que em janeiro ou fevereiro do corrente ano em que, sem dúvida, saiu de Bahía Blanca d. Felipe [Goÿ], deixou ali os prisioneiros indicados, e talvez outros q[ue] se ignoram seus nomes. Por esta razão vai o abaixo-assinado novamente suplicar a S. Exa. o sr. ministro de Graça e Justiça, encarregado interinamente das Relações Exteriores, queira levar ao conhecimento de S. Exa. o sr. governador desta república o que fica relatado, e em sua consequência determinar a condução para esta capital os prisioneiros que hajam naquela jurisdição, e na de toda a república, e entregados ao abaixo-assinado para serem enviados ao seu governo em cumprimento das ordens que tem do mesmo.

O abaixo-assinado toma a liberdade de lembrar a Sua Exa. o sr ministro de Graça e Justiça, interinamente encarregado das Relações Exteriores, a oportuna ocasião que se apresenta para a vinda dos prisioneiros que estão em Bahía Blanca, no regresso da embarcação que o exmo. governo determina enviar àquele destino segundo é informado. O abaixo-assinado renova a S. Exa. o sr. ministro de Graça e Justiça, encarregado interinamente das Relações Exteriores, os protestos da sua mais alta consideração e apreço.

Antonio Cândido Ferr[eir]a
Encarreg[a]do de Neg[óci]os int[e]ri[n]o e Cônsul do Brasil

A Sua Exa. o Sr. Ministro de Graça e Justiça interinamente Encarregado das Relações Exteriores
Dr. D. Manoel Vicente de Maza

Está conforme:
Antonio Cândido Ferreira

N. 2

Buenos Ayres, Abril 22 de 1833.
Año 24 de la Libertad y 18 de la Independencia.

Al Sr. Encargado de Negocios interino y Cónsul General del Brasil,

Con esta f[ec]ha se pasan en copia autorizada al comandante de Bahía Blanca, para que informe la nota y documentos adjunto à ella que ha dirigido al Sr. Encargado de Negocios interino y Cónsul General del Imperio del Brasil; y con fecha 15 del corriente todo ello relativo a los súbditos Brasileiros, que fueron hechos prisioneros en la última guerra con el Imperio, y existen en aquel destino.

Dios guarde al Sñr. Encargado de Negocios muchos años.

Manoel Vicente de Maza

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Está conforme:
Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO • 15 MAIO 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 42

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 15 de maio de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, havendo representado a esta legação dois súditos [brasileiros] residentes no povo de Dolores, que os queriam alistar nos corpos de milícias da campanha, dirigi a este governo a nota cópia n. 1, e a contestação do ministro é a cópia n. 2.

Até o presente não se tem alistado mais nenhum brasileiro, e os requerentes voltaram ao seu destino. Sem embargo, estou à espera da resolução do governo, como indica o ministro na sua resposta, para defender os direitos dos súditos brasileiros, no caso que o governo insista em querer alistá-los nos corpos de milícias.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

[*Anexos*]
N. 1

Legação e Consulado-Geral
Buenos Aires, 30 de abril de 1833.

O abaixo-assinado encarregado de Negócios interino e cônsul-geral do Brasil tem a honra de levar à presença de S. Exa. o sr. ministro de Graça e Justiça encarregado das Relações Exteriores os requerimentos que a esta legação e consulado-geral fizeram os súditos brasileiros Joaquim Antonio Carneiro e Claudio José de Almeida, habitantes da jurisdição do povo de Dolores, por motivo de ser o primeiro chamado para o alistamento no Regimento de Milícias do comando do sr. coronel d. Prudêncio Rosas, e o segundo por haver sido alistado no mesmo regimento, como se depreende da papeleta de praça que acompanhou o seu requerimento.

O abaixo-assinado julga que o sr. coronel Rosas há enrolado em milícias os súditos brasileiros sem prévia ordem do superior governo, pois não consta ao abaixo-assinado que igual procedimento tenha havido com os súditos franceses e norte-americanos existentes na campanha e que se acham nas mesmas circunstâncias que os brasileiros; por isso vai o abaixo-assinado suplicar a S. Exa. o sr. ministro de Graça e Justiça, encarregado interinamente das Relações Exteriores, queira levar à presença do superior governo o que fica referido, a fim de ser o abaixo-assinado esclarecido sobre este particular.

O abaixo-assinado reitera a S. Exa. o sr. ministro de Graça e Justiça, interinamente encarregado das Relações Exteriores, a sua mais distinta consideração e respeito.

Antônio Cândido Ferreira
Encarregado de Neg[óci]os interino e Cônsul-Geral do Brasil

A Sua Exa. o Sr. Ministro de Graça Encarregado interinamente das Relações Exteriores
Dr. Dom Manoel Vicente de Maza

Está conforme:
Antônio Cândido Ferreira

N. 2

Buenos Ayres, Maio 2 de 1833.
Año 24 de la Libertad, y 18 de la Indepen[den]cia.

Al Sr. Encargado de Negocios interino y Cónsul General del Imperio del Brasil,

El inf[rascript]o Ministro de Gracia y Justicia, Encargado del Departamento de Relações [*sic*] Exteriores ha recibido la nota f[ec]ha 30 del p[asa]do a la cual el Sñr. Encargado de Neg[ocios] int[erin]o y Cónsul Ge[ne]ral del Imperio del Brasil, acompaña las solicitudes de Joaquim Antonio Carneiro, y Claudio Jose de Almeida, brasileiros residentes en el pueblo de Dolores, quexandose [*sic*] de [ql.] se les obliga a servir en los cuerpos de milicia de aquel distrito.

El infrascripto ha pasado a informe del Ministerio de la G[ue]rra el contenido de la nota de Su Señoría, sobre el particular, y [apurar] la verifique tendrá la satisfacción de participar le lo [ql.] resolución S. E.

Dios gu[ard]e al Sñr. Encargado de Negocios interino y Cónsul Ge[ne]ral del Imperio del Brasil m[ucho]s años.

Manoel Vicente de Maza

Está conf[orm]e:
Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO[22] • 19 MAIO 1833 • AHI 205/2/15

[N. 4]3

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 19 de maio de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. a cópia da nota que me dirigiu o ministro dos Negócios Estrangeiros da República da Bolívia, participando o falecimento do encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil junto àquele governo.

A esta nota acompanha um oficio do mesmo ministro para V. Exa., e outro que eu havia dirigido a dito encarregado em 12 de setembro, remetendo-lhe dois despachos de V. Exa., e um para ser

22 Anexo não transcrito.

enviado ao general mexicano d. Melchior Alvarez, residente em Lima, e outro, creio que do núncio para o cônego penitenciário de Lima. Estes dois últimos remeti hoje ao ministro de Negócios Estrangeiros de Bolívia, pedindo-lhe os faça seguir a Lima, e os de V. Exa., assim como o último que recebi para o falecido encarregado, e um oficio deste governo, vão incluso[*s*] a este.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negó[cios] Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 28 MAIO 1833 • AHI 205/2/15

[N. 4]4

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 28 de maio de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, como mais antigo dos encarregados de Negócios junto a este governo, tive que felicitá-lo, como está em prática, em nome do corpo diplomático, por ocasião da festa de vinte cinco de maio.

A minha fala se acha no [*El*] *Lucero* n. 1070, a qual muito desejo que seja do agrado da Regência, em nome do Imperador, e de V. Exa.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negó[cios E]strangeiros

❖

OFÍCIO • 29 MAIO 1833 • AHI 205/2/15

[N. 4]5

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 29 de maio de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. a nota que tive a honra de indicar a V. Exa. no meu ofício n. 37.

Até hoje não se sabe quando sairá para essa corte o general Guido.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

[*Anexo*]

Nota para o Exmo. Sr. Ministro

1º – Todos os direitos de importação e exportação serão para os súditos do Império o mesmo que pagar a nação mais favorecida;
2º – Todas as despesas de ancoragem, e mais despesas do porto, o mesmo que a nação mais favorecida;
3º – Os súditos brasileiros serão isentos de pagar toda e qualquer contribuição forçosa, e nenhuma contribuição se lhe exigirá mais do que pagarem os naturais do país;
4º – Não serão obrigados os súditos brasileiros a nenhum serviço militar de qualquer natureza que seja, tanto na 1ª linha, como em Marinha e milícias ativas, e passivas;
5º – Para justificação de ser súdito brasileiro bastará que apresente certificado do cônsul;
6º – Nenhum súdito do Império será sentenciado por crime civil ao serviço da tropa ou Marinha;
7º – Os caixeiros dos súditos brasileiros, sendo argentinos, serão isentos do serviço de milícias;
8º – O cônsul terá direito de tomar conta dos bens dos brasileiros que falecerem no país sem testamento, assim como nomear testamenteiro a benefício dos herdeiros legítimos sem intervir nisto autoridade nenhuma do país;

9º – Os súditos brasileiros serão isentos de todo empréstimo forçoso, de exações e requisições militares, nem pagarão nenhuma contribuição ordinária mais grande [*sic*] que os súditos do país.

❖

OFÍCIO[23] • 29 MAIO 1833 • AHI 205/2/15

[N. 4]8

Legação e Consulado-Geral do Brasil[24]
Buenos Aires, 29 de maio de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento [de] V. Exa. que foi vendida em 22 do corrente a s[u]maca nacional *União*, por ordem de seu proprietário Antonio José Vieira Ramalho, residente em Paranaguá. Por este motivo embandeirou dita sumaca com a bandeira desta república.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 30 MAIO 1833 • AHI 205/2/15

[N. 4]6

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 30 de maio de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Havendo incluído no meu oficio n. 45 os apontamentos que tive a honra de indicar no de n. 37 levaria à presença de V. Exa. Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Exa. que um dos motivos que tem este governo para dificultar a navegação do Paraná e Uruguai às embarcações brasileiras é o achar-se ligado pelo tratado com a Inglaterra, a

23 Numeração conforme original; não segue a ordem cronológica.
24 Anotação no topo, à esquerda: "[À] J[*un*]ta do Comércio, 20 de julho [*de*] [*1*]833."

franquear-lhe a mesma navegação e entradas nos portos da república, como a outros estrangeiros se permita, ou possa ser permitido, como melhor verá V. Exa. no 2º artigo do dito tratado. Sem embargo, V. Exa. está bem penetrado do quanto pode interessar ao Império a navegação de ambos rios; e é por isso que tenho bem fundadas esperanças que esta cláusula [se] consignará no tratado que se fizer.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

[Ilmo.] e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Mi[nistro] e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

DESPACHO • 29 MAIO 1833 • AHI 207/3/8

N. 10
2ª Via

Palácio do Rio de Janeiro, em 29 de maio de 1833.

Acuso a recepção dos ofícios ns. 36, 37, 38, 39, e secreto n. 4, de cujo conteúdo fico inteirado, bem como das notícias diversas que expende.

A respeito deste último tenho de observar a V. Mce. que ainda não possuo ofícios reservados marcados com os números anteriores ao n. 4.

Estimei saber que esse governo nomeara um ministro plenipotenciário para vir aqui, com o fim de concluir o Tratado definitivo de Paz entre os dois Estados; em muito mais [ilegível] por ter recaído a escolha em pessoa já tão vantajosamente conhecida nesta corte, o que V. Mce. com delicadeza insinuará ao general Guido.

Ser-me-á mui agradável que V. Mce. me transmita os apontamentos que promete, e não só sobre este assunto como sobre quaisquer outros que V. Mce. julgue adequados para estreitar as boas relações que unem os dois países.

Comunico-lhe para sua inteligência [que] ultimarei o presente despacho anunciando a V. Mce. que lhe mandei abonar a ajuda de custo a que V. Mce. tinha direito, como melhor verá da relação n. 5, que acompanhou o meu relatório que V. Mce. remete com a circular n. [8].

Deus guarde a V. Mce.

[*sem assinatura*]

Sr. Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO • 30 MAIO 1833 • AHI 205/2/15

[N. 4]7

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 30 de maio de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que a 20 do corrente saiu para Montevidéu a corveta *Bertioga*, em cujo porto fundeou no dia 22, como me participou o seu comandante. O motivo por que anuí aos desejos do mesmo para já estacionar naquele porto há sido o de aproximar-se a estação em que reinam os ventos S. E. que certamente causam bastantes estragos neste porto e juntamente não haver urgente necessidade da sua estada aqui, sendo talvez mais útil em Montevidéu.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios [Estra]ngeiros

❖

OFÍCIO[25] • 01 JUN. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] [*margem corroí*da]

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 1º de junho de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Ontem teve lugar a abertura da Sa[la] de Representantes em que

25 Folheto anexo, intitulado "Mensage del Gob[ierno] a la undécima legisla[corroída] de la provinci[a]", danificado, conteúdo ilegível.

assistiu o governa[dor], cuja fala tenho a honra de incluir a e[ste]. Sem embargo de haver-se feito este ato [tran]quilamente, tem havido vivos debates s[obre] a ilegalidade das eleições da paróquia [de] Socorro, porém a Sala as reconhece legais.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos N[egócios] Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 27 JUN. 1833 • AHI 205/2/15

[N. 5]2

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 27 de junho de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, pelas excessivas chuvas havidas desde a chegada do paquete, não há sido possível ver ao general Guido, e cumprir com as ordens de V. Exa.

A saída do general Guido para essa corte creio que se demorará até agosto ou setembro. Esta demora é por falta de dinheiro, o que tem causado igualmente a saída de Alvear para Norte América, o qual, segundo me disse há poucos dias, não sabe quando será despachado por esta causa.

Há dez dias chegou a esta o encarregado de Negócios d. Pedro Feliciano Cavia, enviado por este governo à Bolívia. Ainda não lhe falei, pois, indo a visitá-lo não o encontrei. Sei, contudo, que uma das razões que [deu] o governo de Bolívia para não o admitir foi que quando foi nomeado não estava este governo autorizado por todas as províncias que compreende a República Argentina para tal missão.

Logo que saiba pelo mesmo Cavia os demais motivos que foram alegados para não ser admitido os levarei ao conhecimento de V. Exa.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios [Estr]angeiros

❖

OFÍCIO • 27 JUN. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 53

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 27 de junho de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que em 18 do corrente teve lugar a no[me]ação de seis deputados pela cidade, por haver[rem] sido eleitos igual número juntamente, pela campanha e cidade, e terem preferido a nomeação da campanha. A votação principiou sem distúrbios, porém pouco depois apareceram as rivalidades e partidos sobre as listas encarnada, e negra, chegando-se a chocar-se alguns indivíduos a ponto de irem às vias de fato, de que resultou algumas feridas. Nestas circunstâncias o governo mandou s[us]pender as eleições por um decreto, que s[e] acha inserto no [*El*] *Lucero* n. 1086. Esta providência tem motivado a correspondência titulada "Golpe de Autoridade", assinada pelo cidadão, que principia no número 3017 da *Gazeta* [*sic*] *Mercantil*, e segue nos demais números, que vão com os *Luceros*, e com sinal. Nesta mesma gazeta encontrará V. Exa. o Projeto de Constituição dado pela [Sa]la, o Acordo do Governo, por motivo das eleições, e a notícia da revolução na província de Córdoba, que também o [*El*] *Lucero* n. 1088 transcreve.

A *Gaceta Mercantil* n. 3012 traz uma correspondência do cidadão estrangeiro, contestando ao [*El*] *Universal de Montevideo*, e uma carta de Fructuoso Ribeiro escrita a Pozolo, comandante do Serro Lar[g]o, que se diz fora interceptada ao índio Lourenço, assim bem, a ata ou capitulação que [trazia] este com o coronel Olazabal.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
[Min]istro e Secretário de Estado dos Negó[cios] Estrangeiros

❖

OFÍCIO[26] • 28 JUN. 1833 • AHI 205/2/15

[N. 5]4

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 28 de junho de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, pelo correio da Província de S[an]ta Fé chegado a esta cidade na manhã de 24 do corrente, um meu amigo teve cartas do governador da província de Entre Ríos, o c[oron]el d. Pascual Echague, as quais vi, em que se diz haver resolvido, em conformidade [com] o governador de Santa Fé, López, que o g[ene]ral Lavalleja se retire, assim como a sua gente, das margens do Uruguai, e que este, e os demais chefes deveriam retirar-se à vila do Paraná, capital da província. Esta inopinada providência foi, sem dúvida, tomada em consequência da dispersão dos emigrados que estavam em Jaguarão.

Tenho a mais completa satisfação de levar à presença de V. Exa. a cópia da ordem de Echague dirigida ao comandante do 2º Departamento da Costa do Uruguai, d. Justo J. Urquiza. Esta notícia ainda não está divulgada.

Tenho a honra, igualmente, de enviar a V. Exa. cópia da contestação que [me] deu o ministro de Negócios Estrangeiros da República [*do*] Chile à minha nota que acompanhou o despacho de V. Exa. para [aquele] ministro.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lis[boa]
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

[*Anexo*]

Paraná y Junio 11 de 1833.

Habiendo llegado a conocimiento del gobierno que los emigrados orientales que se hallaban em las costas del Uruguay están reservadamente preparándose para invadir sobre el Estado Oriental del Uruguay, comprometiendo con este paso la tranquilidad de la Prov[inci]a, y lo que es más el honor y crédito de la República Argentina: para evitar males

26 Anexo não transcrito.

de tamaña magnitud ha venido en ordenar al comand[an]te g[ene]ral del segundo Departamento principal los haga retirar a todos los jefes y oficiales a esta Capital, y que no permita la más pequeña reunión en toda su jurisdicción bajo el pretexto más inocente que se exponga. El gob[ier]no confía en el zelo acreditado del expresado comandante que no dará lugar a la menor reconvención a este respecto.

Dios g[uar]de a comand[an]te g[ene]ral muchos años.

Pascual Echague

Sr. Comand[an]te General d. Justo J. de Urquiza

Está conforme:
Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO • 06 JUL. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] [*margem corroída*]

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 6 de julho de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que em 29 de mês passado fui visitar ao general Guido, e ao mesmo tempo pedir-lhe por terceira vez quisesse interessar-se com alguns dos novos representantes, e o presidente da Sala, a quem eu já havia informado da pretensão e serviços de Antônio Machado de Carvalho, a fim de que nesta sessão se tratasse deste particular, e tivesse bom êxito a sua súplica. Com este motivo me insinuei com toda a delicadeza, fazendo-lhe conhecer que a sua nomeação de ministro plenipotenciário, e o seu motivo, fora recebida com agrado na corte, e com muita satisfação por parte de V. Exa. me contestou reiterando o que já me havia dito quando o visitei pela nomeação, e agregou que o ministro antes de nomear ao general Alvear para Norte América, lhe havia proposto esta missão, porém que ele a rejeitara preferindo com especialidade a dessa corte, por todas as razões.

Cumpre-me nesta ocasião levar ao conhecimento de V. Exa. o que tenho feito, em cumprimento das ordens recebidas a respeito da pretensão de Machado. Logo que aqui cheguei, procurei saber o estado deste particular: soube que o governo havia enviado os seus papéis à

Sala e que ali existiam sem haver quem lhes desse impulso, porque o seu procurador era falecido.

Logo que se abriu a sessão do ano passado falei a treze representantes dos mais influentes, a fim de se lhes dar andamento com feliz resultado. Todos me prometeram a sua cooperação, porém me asseguraram que a nação ao presente pouco poderia assinar em recompensa à Machado, mas que fariam o que pudessem. Entretanto, se ofereceram assuntos graves, e mui principalmente o das faculdades extraordinárias, que não foi possível tratar-se deste negócio na série da sessão.

Creio que nesta se tratará deste particular, pois assim se me tem prometido, e o mesmo presidente me assegura. Terei muita satisfação em ter a honra de dar a V. Exa. uma agradável notícia do seu resultado que, segundo as promessas que se me tem feito, suponho será favorável ao interessado.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO •11 JUL. 1833 • AHI 205/2/15

[N. 57]

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 11 de julho de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção do despacho de V. Exa., circular n. 11, de 15 de junho,[27] no qual se digna transmitir-me as notícias dirigidas ao Governo Imperial, e fatos praticados por um partido, cujo fito é a restauração do duque de Bragança ao Trono do Império do Brasil, o que deu origem à mensagem incumbida pela Regência, em nome do Imperador, e apresentada por V. Exa. à Câmara dos senhores deputados; e juntamente ordenar-me que oportunamente leve ao conhecimento deste governo.

Em cumprimento desta ordem de V. Exa. amanhã pretendo pedir

27 Ver *Cadernos do CHDD*, ano 3, n. 4, primeiro semestre de 2004, p. 57-58.

uma audiência ao próprio governador para este efeito, cujo resultado levarei ao conhecimento de V. Exa. imediatamente.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 12 JUL. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 58

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 12 de julho de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção do despacho de V. Exa. circular n. 12, de 22 de junho, acompanhada da cópia do decreto de 30 de maio próximo passado, para conhecimento desta legação, pelo qual a Regência, em nome do Imperador, houve por bem revogar o decreto de 23 de dezembro de 1828, na parte relativa às ajudas de custo dos empregados diplomáticos do Brasil que são removidos de umas para outras missões.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 13 JUL. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 59

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 13 de julho de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção do despacho de V. Exa. n. 11, de 27 de junho p[róximo] p[assado], acompanhado da cópia do

despacho do sr. ministro da Marinha, relativo aos prisioneiros brasileiros que se acham ao serviço deste governo.

Cumprirei as ordens de V. Exa., instado pela vinda dos brasileiros prisioneiros, e defendendo o direito dos que se acham nesta república, como me cumpre.

No próximo paquete levarei à presença de V. Exa. o que me ordena sobre os apontamentos.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 14 JUL. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 60

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 14 de julho de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

No meu ofício n. 53, de 27 do mês de junho p[róximo] p[assado], tive a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. os acontecimentos que tiveram lugar em 18 do dito mês, com motivo das eleições dos seis representantes que faltavam para completar a Sala.

Depois daquela data se tem manifestado abertamente, pela imprensa, os partidários do ex-governador Rosas contra os do atual governador que, os seus dizem, sustenta os princípios liberais. Por este motivo, desenvolvem ambos partidos bastante animosidade.

Pelo próximo paquete levarei à presença de V. Exa. todos os periódicos que tratam desta matéria, e a resolução da Sala, que se espera dentro de poucos dias a respeito do decreto da suspensão das eleições. Os mesmos periódicos dizem estar o ministério em contradição de princípios, e que os ministros Maza e Zuñiga são os corifeus da lista colorada, e partidários de Rosas, e o da guerra, Martínez, o da lista negra, partidário do atual governador, e do Partido Liberal.

Geralmente se diz que serão demitidos os Ministros Maza e Zuñiga.

Depois das notícias que levei à presença de V. Exa. no meu ofício

n. 54, respeito a Lavalleja, nada mais se sabe, senão que o governo de Montevidéu deve indenizar-lhe dos seus prejuízos, e assinar-lhe uma pensão. O governador de Santa Fé, e o de Entre Ríos, creio que garantem este convênio, segundo me afirma o mesmo agente desta negociação, quem me prometeu dar cópia de alguns documentos relativo a ela, os quais serão logo enviados a V. Exa.

Nada se diz sobre a saída do general Guido para essa, e suponho, como já participei a V. Exa., que só terá lugar para setembro.

Por ora esta província se acha em tranquilidade.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO[28] • 16 JUL. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 61

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 16 de julho de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. cópias dos documentos relativos a Lavalleja que no meu ofício n. 60 indiquei levaria à presença de V. Exa. Estas cópias foram tiradas das que remeteu, de sua própria letra, o ministro do Governo Oriental, Santiago Vázquez, ao cônego d. Pedro Paulo Vidal, agente secreto daquele governo, para negociar com os governos de Santa Fé e Entre Ríos, e juntamente com Lavalleja, a fim de desvanecerem-se os projetos hostis que este nutria contra o Governo Oriental. O resultado desta negociação há sido feliz, pois que Lavalleja, e seus primeiros oficiais, foram chamados à capital da província de Entre Ríos, a sua gente dispersa, e o armamento, se diz, fora vendido ao governo de Correntes [*sic*]. Nada posso assegurar-se a V. Exa. respeito às condições e forma desta negociação, porém pelo que se depreende da correspondência do general Guilherme Brown,

28 Anexos não transcritos.

e cônsul-geral de França *mr*. Mendeville, com o ministro Vázquez, resposta deste, e exigências de Lavalleja, é de supor que estas seriam satisfeitas em parte, ou no todo, o que, sem embargo, nada se tem transferido até o presente. Lavalleja ainda se acha em Entre Ríos, e pelo que tem dito a d. Pedro Trápani, seu íntimo amigo, é de crer que ali se demore algum tempo. O que posso assegurar a V. Exa. é que o mesmo cônego Vidal me há certificado estar concluído este negócio, e que o Governo Oriental nada mais [de]ve temer de Lavalleja.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
[Min]istro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO[29] • 22 JUL. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 63

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 22 de julho de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, sendo aqui vendido no ano de 1831 o brigue brasileiro *Eólo*, da propriedade de Francisco Luiz da Costa Guimarães, residente nessa corte, a Antonio Marques Guimarães, residente em Montevidéu, pela quantia de dez mil pesos moeda corrente deste país, o meu antecessor anotou no respectivo passaporte o valor [cor]respondente da ciza que devia satisfazer em qualquer porto do Império onde fosse fornecido de outro passaporte, como é determinado. S[aiu] este brigue de Montevidéu com direção a Pernambuco, e dali foi para Gênova, e desde [*sic*] cujo porto veio a este. Suspeitando eu, por vários motivos, que não fora satisfeita a ciza em Pernambuco, fiz as indagações necessárias a este fim, e vim no conhecimento que na verdade não a tinham satisfeito. Nesta virtude, exigi do consignatário a ciza respectiva de quinhentos pesos papel, os quais ficam recolhidos neste consulado-geral, à disposição do Governo Imperial.

29 Anotação no topo da página: "Ao min[istr]o da Fazenda em 31 de agosto [de] [1]833."

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
[Mi]nistro e Secretário de Estado dos Negó[cios] Estrangeiros

❖

OFÍCIO[30] • 23 JUL. 1833 • AHI 205/2/15

[N. 6]4

Le[gaçã]o e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 23 de julho de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. a cópia da nota que me dirigiu o ministro de Negócios Estrangeiros desta república, contestando definitivamente a minha nota de 15 de abril, em que reclamava os brasileiros prisioneiros que se acham com praça em Bahía Blanca, assim bem [a cópia] n. 2 da informação que dera ao ministro o comandante daquele destino, sobre ditos prisio[neiros].

Pela informação referida, conheci [*margem danificada*] as minhas suspeitas, se realizavam, é dizer; q[ue se]ria iludida a minha reclamação, pela nec[essi]dade que há de soldados naquele destino, pro[cu]rando-se pretextos para dificultar a vinda dos prisioneiros, como se conhece da mesma informação.

Nestas circunstâncias me pareceu pruden[te] diferir os meus argumentos em contrário do qu[e] expendeu o comandante, até que esteja mel[hor] informado, e possa com mais data insistir na entrega dos prisioneiros, por cujo motivo contestei ao ministro da maneira que verá V. Exa. na có[pia] n. 3. Contudo, rogo a V. Exa. queira indicar-me a linha de conduta que devo observar, caso este governo não atenda às razões que expendo para demonstrar que os prisioneiros não estão por sua vontade naquele deserto, muito mais sendo todos das províncias do Norte que, [sem] dúvida, nunca se acostumaram às maneiras [e] modo de vida destes habitantes.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

30 Anexos não localizados no volume.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios inter[in]o e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

[*Anexos*]
[*N.*] 1

Buenos Ayres, Julio 18 de 1833.
Año 24 de la Libertad y 18 de la Independencia.

Al Sñr. Encargado de Negocios Interino y Cónsul General del Imperio del Brasil,

El infrascripto ministro de Gracia y Justicia, encargado del Departamento de Relaciones Exteriores, tiene la complacencia de dirigirse al Sñr. Encargado de Negocios interino, y Cónsul General del Imperio del Brasil, para poner en su conocimiento que habiendo ordenado al comandante de Bahia Blanca le informase sobre la situación de los treinta y siete individuos brasileros prisioneros en la última guerra, ha recibido en contestación la nota que en copia autorizada incluye.

El infrascripto considera suficientemente satisfecha la reclamación del Sñr. Encargado de Negocios interino y Cónsul General del Imperio del Brasil, desde que se ve que las personas reclamadas se hallan avecindadas en su distrito del territorio de la Provincia con arraigo en ella, y espontáneamente establecidas – con las ventajas que manifiesta la expresada nota.

El infrascripto aprovecha con placer esta oportunidad para reiterar al Sñr. Encargado de Negocios Interino y Cónsul General del Brasil, a quien se dirige las seguridades de su más perfecta consideración.

Dios guarde al Sñr. Encargado de Negocios m[ucho]s años.

Manoel Vicente de Maza

Está conf[orm]e:
Antonio Cândido Ferreira

[*N.*] 2 / copia

Fuerte Argentino, a 6 del mes de América de 1833.
Año 24 de la Libertad y 18 de la Independencia.

Señor,

Los individuos indicados en la relación nominal adjunta, han marchado, con el Sñr. Comandante General de campaña en persecución de los indios enemigos, y hoy deben estar como a ochenta leguas de distancia.

Son pobladores de esta guardia. – Los unos tienen ya sus casas en ella, mujeres e hijos; otros sus quintos, y son comprendidos en el reparto de tierras que pidieron, y se les concedió en propiedad por la superioridad, con los títulos correspondientes, que están ya en el último trámite que solo faltaba para pasarlos a los agraciados.

Exmo. Señor Martín Rodriguez

Esta conforme:
El Of[icia]l Mayor en el Ministerio de R[elaciones] Ex[teriores]
Manuel de Yrigoyen

Está conf[orm]e:
Antonio Cândido Ferreira

[*N.*] 3

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 23 de julho de 1833.

O abaixo-assinado encarregado de Negócios interino e cônsul-geral do Brasil tem a honra de acusar a recepção da apreciável nota de S. Excelência o sr. ministro de Graça e Justiça encarregado das Relações Exteriores desta república, datada em 18 do corrente, a qual acompanha cópia da nota do comandante do Forte Argentino, em que participa acharem-se os trinta e sete prisioneiros brasileiros reclamados por esta legação incorporados à expedição contra os índios atualmente em campanha, assim bem de que são povoadores de dito forte, tendo ademais alguns deles mulheres e filhos, e contemplados na repartição das terras que haviam pedido, e se lhes haviam concedido.

Em consequência, o abaixo-assinado vai levar ao conhecimento de seu governo o estado desta reclamação, e esperar as ordens que o mesmo se digne enviar-lhe a este respeito, e então terá a honra de as levar ao conhecimento de S. Exa. o sr. ministro de Graça e Justiça, encarregado das Relações Exteriores.

O abaixo-assinado tem particular satisfação de reiterar a S. Exa. o sr. ministro de Graça e Justiça, encarregado das Relações Exteriores, os seus protestos da mais alta consideração e apreço.

Antônio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

A Sua Exa. o Sr. Ministro de Graça e Justiça, encarregado interinamente das Relações Exteriores da República Argentina
Dr. D. Manoel Vicente de Maza

Está conf[orm]e:
Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO[31] • 06 AGO. 1833 • AHI 205/2/15

[N. 6]5

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 6 de agosto de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, ao seguinte dia de receber os diários do governo vindos pelo paquete inglês *Cockatrice*, enviei ao redator do [*El*] *Lucero* aqueles em que vinham a fala da Regência, o relatório de V. Exa., e os interessantes documentos do triunfo da legalidade em Minas Gerais. Destes documentos só foi publicada a mensagem de V. Exa., que se acha no [*El*] *Lucero* n. 1114, não sendo os demais, por se achar mui ocupado o redator com os assuntos do dia, que o fez despedir-se da redação desta fala; porém ele me assegura que os demais serão publicados no *Restaurador*[32] prontamente.

Envio a V. Exa. os últimos *Luceros*, e no de n. 1112 verá V. Exa. a exposição do ministro Zuñiga sobre o decreto da suspensão das eleições.

No *Restaurador* n. 29 se acham as renúncias dos ministros Zuñiga e Maza, e a nomeação de d. Manoel José Garcia de ministro de Fazenda e encarregado dos Ministérios de Governo e Relações Exteriores. No mesmo periódico n. 30 se acha a nota de Garcia em que não admite a nomeação, e a do governador, não admitindo dita renúncia. Todos os

31 Anexos não localizados no volume.
32 *El Restaurador de las Leyes.*

demais periódicos que tenho a honra de remeter a V. Exa., levam um asterismo [*sic*] os assuntos mais salientes que neles se encontram.

Não existindo mais o [*El*] *Lucero*, e não havendo um periódico, até o presente, com caráter oficial, queira V. Exa. determinar-me suas ordens, para a remessa daquele que for do agrado de V. Exa.

Deus g[uar]de a V. Exa. m[uit]os anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negó[cios Es]trangeiros

❖

OFÍCIO[33] • 08 AGO. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 5

secreto

Legação e Consulado-G[eral] do Brasil
Buenos Aires, 8 de agosto de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, em virtude da ordem que V. Exa. me transmitiu na circular n. 11, de 15 de junho p[róximo] p[assado],[34] tive uma larga conferência no dia 14 do mês p[róximo] p[assado] com o governador Balcarce, na qual lhe fiz ver os justos receios do Governo Imperial sobre os projetos do duque de Bragança respeito ao Brasil, e o perigo que corria a causa da liberdade, e independência dos povos americanos de se efetuar a restauração premeditada. Depois de várias reflexões expendidas na série da entrevista, concluiu o governador dizendo-me com bastante entusiasmo:

Pode o sr. ministro assegurar ao governo de S. M[ajestad]e o sr. dom Pedro II, Imperador americano, e nosso compatriota, que o governador Balcarce e o povo argentino sempre seguirão e defenderão os princípios pelos quais os patriotas brasileiros fizeram a revolução de 7 de abril, assim como que se acha disposto a realizar um tratado de

33 Anotação à lápis na margem superior: "26-6-33."
34 Ver *Cadernos do CHDD*, ano III, n. 4 - 1º semestre 2004, p. 58.

aliança ofensiva e defensiva com o Império do Brasil para mais robustecer a liberdade e independência de ambos povos.

Ontem tive outra entrevista com o governador para fazer-lhe conhecer o patriotismo que anima a Assembleia Nacional, depois do relatório apresentado por V. Exa., dando-lhe juntamente o mesmo relatório, e vários correios oficiais que tratam deste objeto.

O governador me manifestou os mesmos sentimentos que na primeira entrevista, e agregou:

Suplico ao sr. ministro que faça ver juntamente aos seus amigos, e patriotas brasileiros, que esta república fará todos os esforços para formar a mais estreita união com o Governo Imperial, e com os patriotas que defendem os princípios liberais e independência do povo americano.

É com a maior satisfação que tenho a honra de levar à presença de V. Exa. os sentimentos manifestados pelo governador desta república.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos a[no]s.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 08 AGO. 1833 • AHI 205/2/15

[N. 6]6

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 8 de agosto de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que foram aceitas as renúncias que fizeram os ministros de Governo, e de Graça e Justiça, e por decreto de 6 do corrente nomeado pra Ministro da Fazenda d. Manoel José Garcia, encarregado interinamente dos Negócios do Governo e Estrangeiros.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

[Ilm]o. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Ne[gócios] Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 08 AGO. 1833 • AHI 205/2/15

[N. 6]7

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 8 de agosto de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que a província de Córdoba se acha já tranquila, havendo sido dispersa a força do comandante Castilho, e passado pelas armas seus chefes. As demais províncias se acham igualmente tranquilas, assim como esta.

O general Guido me diz que só para fins de setembro sairá para essa corte.

Pelo bergantim nacional *Amizade Feliz,* que deve sair dentro de oito dias para essa corte, participarei a V. Exa, se Garcia aceitou o ministério, e circunstanciadamente sobre o estado político desta província.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

[Ilm]o. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negó[cios Es]trangeiros

❖

OFÍCIO[35] • 18 SET. 1833 • 205/2/15

[N.] 69

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 18 de setembro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Havendo anunciado a V. Exa. no meu oficio n. 67, de 8 do [*mês*] passado, que pelo bergantim nacional *Amizade Feliz,* o qual devia sair

35 Anexos não localizados no volume.

dentro de oito dias para essa corte, levaria ao conhecimento de V. Exa. o resultado da nomeação de d. Manoel José Garcia para o Ministério da Fazenda, participando igualmente o estado político desta província, desde 16 de junho até a sua saída. Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Exa. que dito bergantim mudou de viagem, pelo que agora levo ao conhecimento de V. Exa. o anunciado no dito meu oficio n. 67.

D. Manoel José Garcia não aceitou o ministério pelas razões indicados na exposição que publicou, e se acha inserta no *Restaurador* n. 39. Este passo de Garcia foi altamente reprovado pelo partido intitulado Liberal, e mui especialmente do redator do periódico [*El*] *Constitucional*, como se vê dos seus números 40 a 44, as quais junto a outros que envio a V. Exa.

Já fiz presente a V. Exa. que desde as últimas eleições de 16 de junho (que não tiveram efeito) se chocaram abertamente o partido do ex-governador Rosas, e do atual governador Balcarce. Desde então se batem pela imprensa com a maior animosidade, e procura cada um atrair à sua devoção o povo da campanha. As notabilidades mais marcadas do partido de Rosas são: os ex-ministros Maza e Zuñiga, o general Guido, e o deputado Anchorina; as do partido do governador, ou Liberal, são: o atual ministério, os deputados, generais Olazabal e Iriarte.

Ambos os partidos contam influentes tanto na campanha, como na cidade, porém, a maioridade da Sala é do Liberal. Os federais nesta província estão perfeitamente dividido [*sic*].

Depois de renhidos debates na Sala, respondeu esta em 4 do corrente à nota do governo, aprovando a sua conduta em 16 de junho sobre a suspensão das eleições. No *Amigo do País*[36] n. 51 se acha esta resolução.

A *Gaceta Mercantil* n. 3085 traz a circular que passou este governo aos demais da América, relativo à ocupação das ilhas Malvinas pelos ingleses; e o *Amigo do País* n. 42 a contestação do governo de Bolívia à mesma circular. No mesmo periódico n. 43 vem a notícia de ter havido uma revolta contra o governo da província de Catamarca em 11 de julho, a qual foi sufocada, e presos os revoltosos.

A polaca nacional *Conceição*, que chegou a este porto a 11 do corrente vinda do Rio Grande, conduziu o coronel Garzon e oito oficiais orientais pertencentes à gente de Lavalleja; e no dia 13 chegou este e seu irmão da província de Entre Ríos, havendo-se dispersado a sua gente e conduzido a esta o armamento que ali tinha, ficando, portanto, desvanecidas as suas tentativas, por ora, sobre o Estado Oriental.

36 *El Amigo del País.*

O governo tem retardado as eleições dos representantes que faltam pelo estado de exaltação em que se conservam os partidos; contudo, se crê que se efetuarão em todo o presente mês.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

[Il]mo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Minis[tro e Secr]etário de Estado dos Neg[óci]os Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 19 SET. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 70

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 19 de setembro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção dos despachos de V. Exa. ns. 13 e 14, de 26 de julho e 2 do corrente.

As ordens de V. Exa. transmitidas no de 13 de julho não foram executadas, por não existir presentemente junto a este governo agente diplomático da República de Bolívia; por este motivo dirigirei o despacho de V. Exa. para o ministro daquela república, acompanhado de uma nota minha em que lhe manifeste as ordens recebidas de V. Exa. no m[en]cionado despacho. As ordens contidas no despacho n. 14, de 2 do corrente, serão religiosamente executadas.

Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Exa. que no dia 10 do corrente tive uma larga conferência com o atual ministro de Relações Exteriores o dr. d. Jose Ugarteche, na qual lhe manifestei a necessidade da decisão das reclamações dos sen[ho]res senadores e deputados, assim bem, das que se acham pendentes, e de serem adotados os princípios hoje estabelecidos por todas as nações americanas de que "a bandeira cobre a carga".

O ministro conveio nestes princípios, e me assegurou que prontamente seriam decididas as reclamações, significando-me ao mesmo tempo que os desejos do atual ministério eram de estreitar intimamente as relações de amizade, e a melhor harmonia entre o Governo Imperial e a República.

Em consequência da demissão dos ministros Maza e Zuñiga, foram nomeados por decreto de 13 de agosto o dr. d. Gregório Tagle para ministro do Governo, e o dr. d. José Ugarteche para ministro de Relações Exteriores; por decreto de 10 do corrente foi nomeado para ministro da Fazenda d. Manoel H. Aguirre.

Pelo que me disse o ministro a respeito da enviatura para a corte do Império, não terá lugar a saída do general Guido senão para novembro.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
[Mi]nistro e Secretário de Estado dos [Neg]ócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 17 OUT. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 71

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 17 de outubro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção do despacho de V. Exa. sob o n. 15, de 24 de setembro, recebido a 14 do corrente, ao qual acompanhara o jornal que traz a relação circunstanciada da catástrofe dos proprietários, e cap[it]ão do patacho nacional *Dona Clara*, a que deram causa a tripulação do mesmo patacho. Em cumprimento das ordens transmitidas por V. Exa. no referido despacho, hoje dirigi a este governo a nota que por cópia tenho a honra de levar à presença de V. Exa. sob o n. 1, havendo ademais praticado outras diligências para adquirir notícias do dito patacho, não tendo até ao presente obtido nenhuma; contudo, asseguro a V. Exa. que farei todas as diligências que estejam ao meu alcance para cumprir as ordens dirigidas a tal respeito. Ademais do jornal que acompanhava o despacho de V. Exa. recebi outro em que vinha inserto um anúncio da viúva do desgraçado proprietário do patacho *Dona Clara*, e parecendo-me ser mais a propósito para inteligência a este governo do infausto acontecimento a que se refere o acompanhei à minha nota.

Tenho igualmente a honra de levar à presença de V. Exa. a cópia n. 2 que dirigi ao ministro dos Negócios Estrangeiros da República de Bolívia, acompanhada do despacho de V. Exa. para o dito ministro anunciada no meu oficio n. 70.

Neste mesmo oficio também participei a V. Exa. haver tido uma larga conferência com o ministro de Relações Exteriores desta república em 10 do mês passado, a respeito da necessidade da decisão que tantas vezes tenho exigido deste governo sobre as reclamações dos senhores senadores e deputados, e as demais pendentes, relativas a presas; e que o ministro me havia assegurado serem prontamente decididos estes negócios. O ministro cumpriu com o que me havia prometido, pois consta-me que levara para sua casa os respectivos documentos, onde atualmente existem; porém, até hoje nada tem resolvido o governo, sem dúvida, por causa das novidades que têm sobrevindo, como ficará V. Exa. inteligenciado no meu oficio de notícias. Logo que o governo se ache mais livre dos graves embaraços que o rodeiam presentemente, agitarei com toda a eficácia este negócio como me cumpre.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Minis[tro e] Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

[*Anexo 1*]

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 17 de outubro de 1833.

O abaixo-assinado encarregado de Negócios interino e cônsul-geral do Brasil, tendo a honra de levar à presença de S. Exa. o sr. ministro de Relações Exteriores da República Argentina a cópia junta de um anúncio[37] feito pela esposa do falecido Luís Botelho de Sampaio, e inserto no *Jornal do Comércio* da corte do Império do Brasil de 5 de setembro deste ano, no qual se vê o horrível atentado cometido no dia 24 de agosto próximo passado a bordo do patacho brasileiro *Dona Clara* que saiu do porto do Rio de Janeiro a 4 do dito mês com direção à vila de São Matheus, vai juntamente levar ao conhecimento de S. Exa.

37 Não localizada.

o sr. ministro que, pelas notícias dadas pelos passageiros escapados à carnagem, se colige que os assassinos tencionaram dirigir-se ao porto de Patagônicas, ou a algum outro desta república. Em consequência, o abaixo-assinado roga a S. Exa. o sr. ministro que, levando o expendido ao conhecimento do supremo governo queira o exmo. sr. governador determinar às autoridades do porto de Patagônicas, na primeira oportunidade, e às demais da república, para que no caso de arribar a algum deles o referido patacho, seja este apreendido com tudo o que conduza, assim como os cinco marinheiros assassinos e o contramestre que os acompanha, e sejam remetidos com toda a segurança a esta capital.

O abaixo-assinado tem a maior satisfação de assegurar a S. Exa. o sr. ministro de Relações Exteriores da República Argentina a sua particular estima e distinta consideração.

Antônio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

A Sua Exa. o Sr. Ministro de Relação Exteriores Dr. D. João Ugarteche

Está conf[orm]e:
Antônio Cândido Ferreira

[*Anexo 2*] Cópia

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 25 de setembro de 1833.

O abaixo-assinado encarregado de Negócios interino, e cônsul-geral do Império do Brasil junto ao governo da República Argentina, tem a honra de dirigir à presença de S. Exa. o sr. ministro de Relações Exteriores da República da Bolívia o incluso despacho do Governo Imperial, que lhe fora ordenado fosse entregue ao agente diplomático dessa república aqui residente, assim bem de significar-lhe ao mesmo tempo, de quanto o Governo Imperial ficou penhorado pelas provas de atenção com que foi tratado pelo governo da República de Bolívia o falecido encarregado de Negócios brasileiro Antônio Gonçalves da Cruz, não só durante a sua enfermidade, mas até depois que deixou de existir.

O Governo Imperial teve a bem ordenar igualmente ao abaixo-assinado pusesse à disposição do mencionado agente diplomático a quantia que, porventura, possa haver a favor do Tesouro e da República

de Bolívia; e não existindo aqui presentemente agente diplomático dessa república, o abaixo-assinado tem a honra, e a maior satisfação, de dirigir-se diretamente a S. Exa. o sr. ministro de Relações Exteriores da República de Bolívia, transmitindo-lhe os vivos e sinceros sentimentos de gratidão do Governo Imperial, e suplica juntamente a S. Exa. queira indicar ao abaixo-assinado a quem deve fazer efetiva a entrega da quantia que possa haver a favor do Tesouro dessa república.

O abaixo-assinado reitera a S. Exa. o sr. ministro de Relações Exteriores da República de Bolívia os sentimentos da sua perfeita estima e distinta consideração.

Antônio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

A Sua Exa. o Sr. Ministro de Relações Exteriores da República de Bolívia
D. Mariano Enrique Calvo

Está conforme:
Antônio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO • 21 OUT. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 72

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 21 de outubro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa as novidades que têm ocorrido nesta cidade desde 18 de setembro p[róximo] p[assado], em que participei a V. Exa. as que haviam até aquela data.

Continuando os partidos a hostilizarem-se pela imprensa com o maior escândalo, o fiscal acusou a todos os periódicos que abusavam da liberdade da imprensa: [*El*] *Constitucional* n. 75 [*margem corroída*]no[;] foi igualmente acusado o mesmo fiscal pelos redatores do *Defensor*, *Amigo do País*[38] e [*El*] *Constitucional*, veja-se o *Constitucional* n. 76. Dos periódicos acusados foi unicamente chamado a juízo o redator do *Restaurador*. Com

38 *El Defensor de la Patria; El Amigo del País.*

este motivo, em 11 do corrente se reuniram em frente ao tribunal, na praça maior, pouco mais de cem homens, maior parte de cavalo para assistirem a este juízo, o qual não teve efeito, por falta de um dos juízes.

Divulgada esta notícia os assistentes deram ali repetidos vivas ao periódico *Restaurador* e ao general Rosas, e à rédea solta pelas ruas da cidade se dirigiram para o campo por serem [a] [maior] [parte] homens moradores dos sobrados da cidade.

Nessa mesma noite, e ao seguinte dia, formaram-se algumas reuniões destes mesmos homens, e outros, principalmente carniceiros e parte do corpo de milícias de cavalaria com alguns oficiais, de que é comandante o general Agostinho [*sic*] Pinedo. Por este motivo, o governo determinou enviar ao mesmo general Pinedo para fazer tornar à subordinação os seus soldados e dispersar as pequenas reuniões; porém este general, longe de cumprir as ordens do governo, se pôs à cabeça dos sediciosos e é quem os dirige presentemente. Nestas circunstâncias, o governo oficiou à Sala de Representantes no dia 12, e esta lhe contestou que ia enviar uma comissão aos cidadãos armados (desta maneira trata a Sala aos amotinados) e que no [entanto] o governo não fizesse uso da força armada – *Gaceta Mercantil* n. 3114. Saiu a comissão a tratar com os amotinados, que se acham légua [e] meia distante da cidade, e depois de três dias de conferências regressou sem nenhum resultado defi[niti]vo. Entretanto, as partidas avançadas dos [a]motinados hostilizavam a cidade, proibindo a introdução de gado e de mais víveres da campanha. [Esta] conduta hostil moveu ao governo a dirigir à Sala a nota de 14 do corrente a proclamar ao povo no dia 15 – *Defensor* n. 94.

O general Benito Rolon, cunhado de Pinedo, e comandante de um corpo de infantaria composto de pretos, depois de protestar fidelidade ao governo no dia 14, na noite desse mesmo dia se passou aos amotinados com a maior parte do seu corpo, em cujo trânsito teve que bater-se com alguns pequenos piquetes do governo, e se acha reunido aos grupos de cavalaria dos amotinados que sitiam a cidade pela parte do norte.

A liberdade de imprensa foi suspendida por quinze dias em consequência do decreto de Sala de 15 – *Gazeta* n. 3118; por este motivo os redatores dos periódicos *Restaurador*, *Amigo del País*, *Constitucional* e *Defensor* pararam de escrever.

A Sala contestou em 18 a nota que o governo lhe havia dirigido em 14, e deu ao público o resultado dos trabalhos da comissão enviada aos amotinados – *Gazeta Mercantil* n. 3119, na qual igualmente se acham dois

decreto[s] do governo de 17 e 18 do corrente; no primeiro, torna a chamar ao serviço o regimento de milícias [de] patrícios que havia licenciado pouco há; e no segundo, decreta penas aos soldados e paisanos que se passem aos amotinados. Na noite de 19 foi descoberta uma conspiração que devia efetuar a tropa de Marinha aquartelada em terra, em número de 150 praças. Foram presos o ex-comandante da goleta *Sarandy*, irmão do general Pinedo, o comissário e quatro sargentos que deviam dirigir o movimento. Dizem que os conspiradores tinham por objeto assassinar ao comandante do porto e outros oficiais, e apoderarem-se da *Sarandy* e de uma canhoneira, únicas forças marítimas da república, e passar-se aos amotinados.

Pouco tempo depois que o general Balcarce tomou conta do governo, veio no conhecimento que Rosas pretendia dirigir os negócios e a política do Estado, influindo para que continuassem [no] ministério os ministros Maza e Zuñiga, ambos da sua confiança e seus partidários; porém [log]o que Rosas se alongou da capital 150 léguas [com] a expedição dirigida contra os índios, Balcarce [e] o ministro da Guerra, Martínez, procuraram [s]air da dependência em que o tinha o mesmo, e [fazê]-lo cair da opinião que goza, principalmente [na] campanha. Para isto influíram a que [a Sala] revivesse a lei da liberdade de imprensa: [*margem corroída*]ram escritores que escrevessem no sentido liberal; e, proclamando com energia estes princípios, atacaram os amigos de Rosas, ou dos seus princípios, e muito particularmente aos ministros Maza e Zuñiga, Guido e os Anchorenas, e enfim fizeram todos os esforços para que Rosas perdesse a opinião que tinha, e renunciassem os dois ministros, o que conseguiram. Os amigos de Rosas trataram de o defender, pela *Gaceta* e *Restaurador de las Leys*, título este que lhe conferiu a Sala depois de concluída a guerra intestina. Sobrevieram as eleições de abril; ambos os partidos se esforçaram para que seus amigos saíssem deputados, e naquela ocasião ganhou o Partido Liberal; porém, nas de junho, mais prevenidos os da lista colorada, ou do partido de Rosas, haviam disposto as coisas de maneira que se o governo não suspende as eleições, perdia a votação o seu partido. [Desde] então se atacaram os partidos sem consideração aos indivíduos, e mesmo do governo até o dia [*margem corroída*] do corrente.

Balcarce se enganou completamente quando se persuadiu que os princípios triunfariam das afeições pessoais, não advertindo que Rosas fomentou quanto pôde para aumentar a imposição, que já havia, entre os povos da campanha [e] os moradores da cidade quando capitaneou o Partido Federal, que era o da multidão e dos aspirantes.

Desde 16 do corrente tem havido pequenas guerrilhas nos subúrbios da cidade, e ontem houve uma dentro da cidade que durou desde às 10 horas do dia até às 8 da noite: houveram [*sic*] sete mortes e vários feridos. Sem embargo do exposto, a cidade parece estar em uma tal apatia que admira a todos os estrangeiros, e muito principalmente por estar tranquila presentemente.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios inter[in]o e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO[39] • 26 OUT. 1833 • AHI 205/2/15

N. 73

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 26 de outubro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Em 21 do corrente tive a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. as ocorrências políticas que tinham havido nesta cidade até aquela data; e nesta ocasião tenho a honra de levar à presença de V. Exa. as que se têm oferecido até hoje.

O governo enviou em comissão à província de Santa Fé ao cônego d. Paulo Vidal, representante da Sala desta província, com o objeto de pedir auxílio ao governador López contra os amotinados, e mil e quinhentas onças para pagar as tropas que venham em seu auxílio. Tem havido guerrilhas todos os dias e estas se têm batido em diferentes pontos da cidade, como demonstram os boletins transcritos nas gazetas que remeto a V. Exa., assim como o manifesto do governo, no qual, de alguma sorte, se queixa do procedimento da Sala em paralisar as suas operações.

A cidade se acha sitiada, e o povo já sente falta de víveres. Corre por certo que o governo oficiara ao general Rosas participando-lhe os acontecimentos do dia, cuja contestação espera lhe seja favorável.

Levo juntamente ao conhecimento de V. Exa. que López, gover-

39 Anotação no topo: "Ao ministro da Marinha em 14 de novembro [de] 1833."

nador de Santa Fé, e o general Quiroga estão há muito tempo divergentes; e se López auxilia a este governo contra os amotinados, que dizem defendem a Rosas, será um pretexto para acender-se novamente a guerra civil em toda a república, no caso de Rosas assentir às pretensões dos amotinados. Até hoje esta cidade goza de tranquilidade, cujos habitantes não têm manifestado grande entusiasmo pelo governo, e princípios liberais que tem proclamado. O governo pode contar com três mil homens de todas as classes, e asseguram que os amotinados serão em número de dois mil, a maior parte habitantes da campanha.

Nada se diz sobre a saída do ministro Guido para essa corte, e creio que esta missão terá grande demora.

Pelas circunstâncias em que se acha este país, iminentemente ameaçado pela anarquia, tenho de rogar a V. Exa. o envio de uma embarcação de guerra, de qualquer força que seja, para proteção dos súditos brasileiros aqui residentes, caso o Governo Imperial a possa dispensar.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios inter[in]o e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 29 OUT. 1833 • AHI 205/2/15

[N. 7]4

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 29 de outubro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. as cópias do oficio e cópia da exposição que me há enviado do campo o general Agostin Pinedo, chefe dos amotinados, o qual recebi a 29, às três horas da tarde. Igual ofício e cópia da exposição recebeu o encarregado de Negócios interino de S. M. B., com quem estou em inteligência para obrarmos de acordo nas presentes circunstâncias.

A força com que o governo contava às ordens dos generais Espinosa e Esquierdo desapareceram, como era de esperar de tais soldados.

Aqui se acham ditos generais refugiados, havendo-se passado aos amotinados os seus soldados.

Ontem recebeu o governador Balcarce uma comissão enviada pelos amotinados, composta de d. Eustaquio Días Vélez, e o coronel d. Gervásio Rosas; e antes que os comissionados tomassem a palavra, lhes disse o governador. "Já sei que os cidadãos dissidentes exigem a mudança de ministério, e a minha separação do governo; desde já o governador acede aos seus desejos, porém, oito dias depois da saída dos ministros pedirei a minha demissão." Hoje se deve concluir esta transação, e se assegura que o novo ministério será composto de d. Manoel José Garcia, o general d. Felix Alzaga, e o general Guido.

Neste momento que são as dez horas da manhã sai o patacho *Novo Erval* p[ar]a o Rio Grande, pelo que aproveito esta ocasião para levar estes acontecimentos à presença de V. Exa.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Ne[gócios] Estrangeiros

[*Anexo*]

Restauración de las Leyes

Chacra de Panelo, octubre 25 de 1833
Año 24 de la Libertad, y 18 de la Independencia.

Al Señor Ministro Encargado de Negocios del Imperio del Brasil,

El infrascripto general aclamado por sus ciudadanos, para dirigirlos en la patriótica empresa de restablecer las Leyes y la Constitución, tiene el honor de adjuntar al Señor Ministro Encargado de Negocios, a quien se dirige, una exposición que ha creído del caso hacer, referente a los sucesos ocurridos después del once, para que ella quede en depósito en los archivos de los S[eño]res Ministro Extranjeros residentes en la capital, afín de que puestos al cabo de los pasos amigables que ha dado, estén del todo instruidos.

Dios guarde al Señor Ministro Encargado de Negocios del Imperio del Brasil por muchos años.

Agustín de Pinedo

Está conforme:
Antonio Cândido Ferreira

[*Anexo*]

Exposición de los ciudadanos reunidos fuera de la ciudad Capital, vecinos de ella, y de la Campaña

Cuando del once al doce del presente, un puñado de ciudadanos entusiastas abandonaron la capital y se retiraron a la campaña presumieron el asentimiento de sus compatriotas, y no se equivocaron. Se reunieron en la mente de acusar a un Poder Ejecutivo, infractor de las leyes, nulo e ilegal, ante el Cuerpo Legislativo, poniendo en ejercicio el derecho constitucional de petición, se armaron en el concepto de que esta precaución era necesaria contra un poder que, habiendo hallado todos los respetos, y atropellado todos los derechos, no hubiera visto impasible el ejercicio de uno que ponía en peligro su existencia. Se alejaron de sus Logares para ejercitar una acción que era de un riesgo inminente intentar bajo la firula de un poder arbitrario y tiránico; cuando ya las garantías y la Constitución habían desaparecido por una revolución, que, si no había empezado en la Plaza, se había realizado en el Palacio: desde que un poder, creado por la Constitución se había sobrepuesto a ella.

La H. S. espectadora de los sucesos del once al doce se dirige a esos ciudadanos ya reunidos, y su comisión, oye estes conceptos, y oye también, que ningún motivo personal, ninguna pretensión exagerada los anima: que todo era generosidad, y la reclamación del ejercicio de la Constitución, para lo cual debían alejar-se los obstáculos que hiciesen esto imposible – solo se pedía, que alejado el general Balcarce de la administración, ella recayese en el Presidente de la Legislatura, provisoriamente, ínterin completada la Sala por una elección libre podía efectuarse una elección permanente de Gobernador. Esta solicitud moderada: esta solicitud conciliatoria por todos aspectos, y esta por el carácter mismo del indicado, se apoyaba también en una deducción de la Ley de 23 de diciembre de 1823, que se señala al presidente de la Legislatura la administración en algunos casos: esta solicitud era tan destituida de ideas mezquinas, que hasta el quiso ahorrar al General

Balcarce, el rubor de oír su acusación; y la última nota dirigida por el General Pinedo a la Comisión, dice entre otras cosas

A los S. S. Representantes es dado más que a nadie poner un término a los males que ya siente la Provincia y con grande aumento la amenazan: un pequeño esfuerzo de patriotismo bastaría para conjúralos todos, y hacer que la dicha y la prosperidad, sucediesen à ellos; y para venir a este término, resoluciones espontaneas, serian preferentes à las que debiesen su origen al uso del derecho de petición, que se preparan a ejercitar.

Se hiso más: se manifestaron con franqueza à los S. S. Comisionados las comunicaciones que probaban que de gran parte de la Provincia era aceptada, e iba a ser segundada la medida comenzada el once, y las esperanzas de que el resto de ella respondiese de un modo uniforme.

Así se despidió la comisión nombrada por la Salla [*sic*], y mientras que se esperaba oír el concepto de esta y la oportunidad de introducir la petición, si el patriotismo, no podía arrancar medidas espontaneas, los papeles públicos han anunciado al mundo que nombrada una comisión por la H. S. para dirigirse a la administración, esta cortó la discusión declarando: "Que se hallaba con medios y recursos suficientes para castigar a los sublevados", como se nos llama. Terminamos la Sala en vista de esta declaración por prevenir al Ejecutivo que antes de llegar a términos extremos, adoptase medios de conciliación.

Aquí saltan los hechos: el primero la falta de libertad de la Sala, oprimida por una facción liberticida que interrumpe por una declaración tan falsa, como atrevida, la acción conciliatoria de los representantes; el segundo, que nada había ya que esperar de una administración egoísta y antipatriota, que sacrificaba la Provincia à la ambiciosa pretensión de mantenerse en un puesto que lo arroja de sí.

A pesar de esta convicción, todavía se trató de dar un término à los acontecimientos que no fuese precedido, ni del estrepito de las armas, ni del derramamiento de sangre argentino, y para ello se solicitó del Comandante General de armas un salvo conducto para los comisionados, que, a nombre de los ciudadanos reunidos, debían dirigirse a la Legislatura. Su contestación fue negar-se a darlo, [hasta] con [ajé] de los respetos del general que lo firmaba.

Por último, el ciudadano y vecino d. Joaquim Arana, que se hallaba en el campo, contando con su antigua amistad con el General Balcarce, y con la confianza o [asindiente] que esta le daba, propuso el mismo,

que se le permitiese pasar a la ciudad para instruir a ese jefe del verdadero estado de las cosas, sobre el cual, presumía estaba engañado por las personas que lo rodeaba. También se aceptó este pensamiento: y en la mañana del veinte tres partió para la ciudad, de donde debía regresar en la mañana siguiente: p[ar]a volviendo en la noche del mismo día, solo trajo una carta del General Balcarce, en que decía

Señor d. Joaquim Arana, mi apreciado amigo: sea cual fuese el motivo porque solicita V. hablarme, no puede venir a mi presencia a hacerlo, sin un riesgo manifiesto. En esta virtud, he destinado al General Olazabal cerca de V. y por su conducto quedo dispuesto a oír a V. y contestarle, según crea convenir al bien público, y al honor de su amigo, Juan Ramon Balcarce.

La conferencia tuvo lugar, y su único resultado, fue oír una negativa absoluta, dada por el General Olazabal, a un he del Gobierno y la declaración emitida del mismo modo "de que antes de venir à ninguna clase de medida conciliatoria, serian degolladas [hasta] las familias de los Patriotas que estaban fuera, incendiada la Ciudad; y puesta a saco la Campaña", convirtiendo así una cuestión política en la causa, ahora también de la inocencia, de los afectos de la naturaleza, y del primer vinculo de la sociedad… Obraremos en adelante por restablecer el imperio de la Ley, sí; primero obraremos también en favor de objetos que no dan espera: en protección de nuestras Madres, de nuestros hijos, de nuestros amigos, de nuestras propiedades… Unos hombres a quienes se confió la dirección legal del Estado, se han convertido en verdugos: en facinerosos; declaran que ninguna especie de atrocidades será capaz de contenerlos; y antes de dar acogida a ningún sentim[ien]to de patriotismo, se lisonjean, como ha dicho el General Olazabal, en bañarse en sangre hasta los pechos…

En vano la voz elocuente de los hechos, se levanta para expresarles de un modo significativo la impotencia de sus medios para gobernar la Provincia; en vano los mismos hombres que por la fuerza conducen a sus filas, las abandonan de tropel, desde que pueden escapar à la Campaña; en vano las reuniones de esta se aumentan por un movimiento voluntario y del todo libre; en vano, más de seis mil ciudadanos rodean la Ciudad en el breve espacio de doce días, y son los representantes del sentim[ien]to público; en vano siente el General Balcarce, y sus colegas, que su autoridad no existe ya en la Provincia, y que ella no se extiende à más que el estrecho recinto de la Capital, oprimida por sus satélites… Todavía se cierra la puerta a todo: se quiere sangre: Sangre! si: sangre, y sangre inocente se pide!... Se él [M] se derrama caiga sobre las cabezas

de los que negando-se a oír la voz de la Patria, de la razón y de la justicia, buscan esa sangre. Mientras que los ciudadanos que firman esta exposición, por si, y a nombre de más de seis mil ciudadanos y vecinos que están reunidos, y a nombre también de toda la Campaña con cuya aquiescencia cuentan, y de la gran mayoría de la Capital, que gime, oprimida, dejan al cuidado de esta simple exposición de los hechos, patentizar su justicia, y atraer à su favor el sufragio del Universo.

Chacra de Pañelo, 24 de octubre de 1833.

Siguen las firmas de los ciudadanos.

Es copia:
Pinedo Antonio

Está conforme:
Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO • 14 NOV. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 75

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 14 de novembro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Nos meus ofícios n[úmero]s. 73 e 74 tive a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. as novidades ocorridas nesta cidade até 29 de outubro, e nesta ocasião levo ao conhecimento de V. Exa. as que se têm oferecido até esta data.

Ao seguinte dia da entrevista que teve o governador Balcarce com o general Días Vélez e o coronel Rosas, comissionados pelos amotinados, foram chamados pelo governador treze cidadãos dos mais respeitáveis, entre eles vários generais, para darem a sua opinião a respeito das exigências dos amotinados: dez foram de parecer que o governo devia renunciar, cedendo às circunstâncias, e três foram de opinião contrária ao que assentiu o governador.

Em 30, se demitiram os ministros Martínez e Ugarteche, e em 31 os comissionados Rosas e Díaz Vélez dirigiram uma nota aos indivíduos do conselho, queixando-se de que o governador havia faltado à sua promessa de separar-se do [mando], e de haverem sido insultados. No 1º de novembro o governador declarou [*a*]o povo em assembleia,

e lhe dirigiu duas proclamas: a Sala de Representantes se declarou em sessão permanente e oficiou ao general Pinedo, determinando-lhe a suspensão de hostilidades, enquanto deliberava sobre uma nota do governo que acabava de receber, na qual lhe manifestava os poucos recursos com que contava para defender-se; e a Sala lhe contesta no dia 2, indicando-lhe a marcha que devia seguir. O governador contesta em 3 e conclui protestando à Sala que cumprirá a resolução que ela tinha por bem adotar a respeito da cessação da sua autoridade; em consequência, a Sala o exonera do emprego, e lhe pede continue no governo enquanto procede à nova nomeação. No dia 4 foi nomeado governador o general d. João José Viamont, o qual aceitou pelas reiteradas súplicas dos seus amigos. Sem embargo da boa opinião que, em geral, goza Viamont, não foi esta nomeação bem aceita pelos amotinados, porém felizmente se lhes pôde persuadir da sua conveniência, e reconheceram o novo governador, que prestou nesse mesmo dia o juramento do costume. No mesmo dia 4 o governador enviou uma comissão ao campo do general Pinedo, participando-lhe a sua nomeação, e no dia seguinte foi em pessoa a tratar com dito general sobre a maneira da entrada das tropas na cidade.

A 6, foi nomeado d. Manoel José Garcia, ministro de Negócios do Governo, e de Finanças, e o general Guido, ministro de Negócios Estrangeiros, e de Guerra e Marinha. O coronel Olazabal, e muitos oficiais e soldados em número de trezentos se apoderaram da goleta de guerra *Sarandy* e dois barcos mais do governo, e se dirigiram, segundo se diz, para a Colônia. Um dos barcos desarmados, voltou há três dias a este porto, porém nada se sabe da *Sarandy,* e dos outros que a acompanharam; julga-se que se encaminharam com destino a Santa Fé. A 7 do corrente entraram as tropas, e gente de toda a classe, às ordens do general Pinedo, em número de cinco mil homens: o governador, com seus ajudantes de ordens, e o ministro Guido se acharam na praça. As tropas deram vivas ao governo, e ao general Rosas, e se retiraram em boa ordem.

Tem havido bastantes excessos, apesar da vigilância do governo: muitas casas têm sido invadidas por soldados para prenderem os que defenderam o governo. Isto tem dado motivo a que se tenham ocultado muitas pessoas das mais distintas, vindo refugiar-se a esta legação dois deputados, um coronel, e um sargento-mor, onde se acham. Presentemente reina o sossego nesta capital; os espíritos se vão tranquilizando, e é de esperar que em poucos dias a ordem seja perfeitamente restabelecida.

A *Gazeta* de 6 do corrente traz a contestação do general Rosas, as notas do governo, participando-lhe os últimos acontecimentos: por ela se deduz que os amotinados esperavam no apoio de Rosas, muito mais quando se via a decidida proteção que lhes dava a família e parentes do mesmo.

A *Gazeta Mercantil* n. 3136 traz um decreto do Congresso Nacional da República do Chile autorizando ao Poder Executivo a suspensão de algumas garantias, por motivo da conjuração que foi descoberta em 29 de agosto p[róximo] p[assado], assim bem um oficio datado em 15 de agosto da povoação de Huantana, República do Peru, em que participa d. Jose Allende ao vice-presidente do Senado, encarregado do Governo, a derrota dos sublevados no cerro de Pultunchara.

A exposição que me enviou o general Pinedo acompanhada da sua nota de 25 de outubro foi igualmente enviada à Sala de Representantes, a qual se acha transcrita na *Gaceta Mercantil* n. 3137.

O governo de Santa Fé enviou, em consequência dos últimos distúrbios desta província, uma comissão conciliadora; no entretanto, muitas cartas particulares asseguram que López faria preparativos de guerra, com o pretexto de atacar aos índios. A *Gazeta* [*sic*] n. 3139 traz os ofícios passados a este governo pela comissão, e resposta do ministro Guido.

Pelo bergantim português *Saudade*, que deve sair dentro de poucos dias, levarei à presença de V. Exa. as novidades que se seguirem, podendo assegurar a V. Exa. que o governo se esmera para o restabelecimento da ordem, que há bem fundadas esperanças se obtenha.

Deus g[uar]de a V. Exa. m[uit]os anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios inter[in]o e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 15 de dezembro de 1833.

Relatório

Em 1830 deixou este governo de reconhecer ao cônsul-geral da República de Chile, determinando que cessasse nas suas funções: a causa desta providência foi haver ele defendido que os súditos chilenos fossem alistados nas milícias desta república. O governo chileno não fez nova nomeação de cônsul, e desde então as relações entre ambos governos têm seguido com frieza até o presente, apesar de haverem operado em combinação as forças de Chile, e as deste governo, contra os índios no presente ano.

O governo da República de Bolívia se negou admitir o encarregado de Negócios desta república, d. Pedro Feliciano Cavia, que lhe fora enviado o ano passado, pretextando haver-lhe este pedido garantias desde Salta, receoso de que os emigrados argentinos, que se achavam asilados nas províncias fronteiras, intentassem contra a sua pessoa na passagem a Chuquisaca; de não estar o governo de Buenos Aires autorizado por todas as províncias da União para tratar no exterior; e ultimamente pela pouca confiança que o enviado manifestava ter do governo de Bolívia, pedindo-lhe garantias, cuja conduta o autorizava para obrar da mesma maneira a seu respeito. Sem embargo desta negativa, as relações amistosas se têm mantido entre este e aquele governo, desde aquela época até o presente.

A província de Corrientes acha-se em armas pelo receio de ser invadida pelo governo do Paraguai, como se vê da comunicação de Ferrer a este governo em 25 de outubro, porém, se o for terá de sucumbir, apesar de ser auxiliada por este governo, porque qualquer auxílio que lhe possa prestar será diminuto, e sem dúvida não chegará a tempo de lhe ser útil. Parece que o motivo principal do movimento do Paraguai sobre Correntes [*sic*] é o de haver Ferrer proibido o comércio que os brasileiros, desde São Borja, faziam com aquela república, transitando pela província de Missões da parte ocidental do Uruguai.

A saída de López à campanha com uma força de 1.500 homens se julga com fundamento que ela não é dirigida contra os índios do Chaco, mas sim para obrar conjuntamente com auxílios das províncias de Córdoba, S. Luis, Santiago, Tucumán e Salta, contra qualquer

tentativa que o general Quiroga em união com Buenos Aires premedite contra ele. Quiroga e López há muito tempo são inimigos: o primeiro tem trabalhado para dominar a seu bel-prazer as cinco províncias indicadas, porém elas se têm resistido a esta pretensão não se deixando dominar; por este motivo, se assegura que estas províncias têm feito tratados secretos com López para as proteger contra as maquinações de Quiroga, e não serem subjugadas e despostiçadas por ele, como estão as províncias de Mendoza, S[a]n João [*sic*], Catamarca e La Rioja. Se assegura [*sic*] com evidência que a última revolução de Córdoba encabeçada pelo comandante Castillos fora obra de Quiroga, encomendada ao general Ruiz Huidobro que comandava o Regimento dos Andes estacionado em S[a]n Luis, fronteira de Córdoba. Felizmente foram batidos os revoltosos, apesar da influência de Huidobro, pelo que caiu no desagrado de Quiroga, e foi enviado sob outro pretexto a esta cidade, onde se aparente o seu julgamento. Castillo foi reclamado por Quiroga ao governo de Córdoba, que o remeteu, e consta que se acha em Mendoza protegido por ele. Também se diz com toda a certeza que Quiroga fora chamado a toda a pressa pelo general Rosas; e certamente a sua vinda inesperada a esta cidade dá lugar a suspeitar-se que há grandes planos em vista entre Rosas e Quiroga. Este antes de sair de Mendoza prendeu ao único ministro de Estado que ali havia, sem se saber ainda o motivo desta prisão. O mesmo, e pior talvez, aconteceria ao mesmo governador, Ortiz, se não fugasse para esta, deixando a sua renuncia à Sala. O motivo desta fuga foi o não dar execução às ordens de Quiroga, mandando-lhe aprontar duas mil reses à custa da província para abastecer a divisão do general Aldao, que devia operar em combinação com o exército de Rosas. Ortiz é um homem de luzes, e mui querido na sua província, pelo que, diz ele, não quer ser o instrumento da ruína do seu país.

O estado de Mendoza, a segunda província da república, se pode julgar pelo discurso do deputado Rodríguez, em que manifesta a suma pobreza, e desgraça daquele estado – *Gazeta* [*sic*] n. 3141.

Este governo suspendeu a consignação de quatro mil pesos metal, que se comprometeu dar ao de S[an]ta Fé mensalmente: este tem reclamado a consignação, porém não foi atendido, pelo que, é voz constante, que se apoderou da goleta de guerra *Sarandy*, que ali se achava com os emigrados desta que se dirigiram àquela província.

Prontamente deve chegar a esta cidade o general Rosas. Se este homem, que governará de fato esta província, escolher um círculo de

pessoas que dirijam a república pelos princípios constitucionais, e se for acessível aos conselhos dos atuais ministros, haverá sempre uma esperança de melhoramento e prosperidade neste país; mas, se se quer outros princípios, e aceder às pretensões de Quiroga contra López, toda a república se comoverá, renovando-se a guerra civil, até que finalmente o caudilho que for mais feliz dará a lei aos povos como bem lhe aprouver, praticando, talvez, piores feitos que os indicados na lista junta pelo general Quiroga, cujo nome é bastante para encher de terror, pânico aos povos, e aos governos das províncias que têm a desgraça de serem dominados por ele. O estado de todas as províncias da república, com particularidade as do interior, é o mais lastimoso possível. O seu comércio é mui diminuto, e a sua indústria sem atividade, pela falta de braços, e pela perseguição sistemática aos homens que ainda conservam alguma pequena fortuna. Pelo que fica relatado é de supor que passarão bastantes anos para que a República Argentina se constitua, e desfrutem os povos de uma perfeita paz.

Ontem a Sala de Representantes desta província revogou o decreto de 15 de outubro p[róximo] p[assado] que proibia o uso da imprensa livre, e tomou em consideração vários projetos de lei da liberdade da imprensa q[ue] lhe foram apresentados. Também foram derrogados os decretos que vedavam a extração dos metais em moeda e em barras se arbitrou o direito de um por cento de saída.

Em cumprimento das ordens transmitidas por V. Exa. na circular n. 14, de 5 de agosto p[róximo] p[assado], é o que presentemente tenho a honra de levar à presença de V. Exa. no presente relatório.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

❖

OFÍCIO[40] • 20 DEZ. 1833 • AHI 205/2/15

[N. 7]6

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 20 de dezembro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. a cópia da nota que

40 Anexos não localizados no volume.

me dirigiu o ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Ugarteche, datada no 1º de novembro, em que me invita a uma entrevista às duas horas da tarde do mesmo dia.[41] À hora aprazada dirigi-me ao Palácio do Governo, onde encontrei o encarregado de Negócios inglês, o cônsul-geral de França e os cônsules das cidades asiáticas, Países Baixos e Bélgica. O ministro tomou a palavra, e dirigindo-se a mim, disse:

> O governo me ordenou que fizesse presente ao sr. encarregado de Negócios do Império do Brasil, e aos demais senhores ministros e cônsules que se acham nesta capital que, achando-se ela ameaçada de ser atacada a todos os momentos pelos sublevados que a sitiam, há determinado oferecer todo o auxílio de força que lhe requisitem os ministros e cônsules para custódia das suas habitações e as dos súditos respectivos que forem atacadas; e juntamente espera o governo que os senhores ministros e cônsules não se oporão a que os súditos das suas nações façam rondas, conjuntamente, com habitantes da cidade, para seguridade da mesma.

Depois de agradecer ao ministro a oferta que me fazia em nome do governo, lhe fiz ver o perigo que correriam os súditos brasileiros que, achando-se incorporados às rondas da cidade, fosse necessário bater-se com as guerrilhas que se internavam até o centro da mesma; e muito mais, se o inimigo intentava entrar de noite, como se anunciava, que neste caso se veriam forçadas a entrarem em combate e, por consequência, exporiam as suas vidas e bens, se o inimigo fosse vencedor; e que só no caso de que algum brasileiro quisesse voluntariamente incorporar-se às rondas de vizinhos, para guardar as suas casas de dia, e não fosse obrigado a bater-se com o inimigo, ele o poderia fazer. O ministro instou, com muita delicadeza, para que os brasileiros rondassem também de noite, porém, fazendo-lhe eu outras reflexões, que sem dúvida o convenceram, disse-me ultimamente que nunca fora da intenção do governo comprometer os estrangeiros nas dissensões que agitavam o país, e que esperava, sem embargo do exposto por mim, que os brasileiros, e demais estrangeiros cooperariam para a tranquilidade pública em tudo o que fosse compatível com a sua seguridade, e não intervenção nos seus negócios em questão. O encarregado inglês e todos os cônsules foram da minha opinião, concluindo-se por esta maneira a nossa entrevista.

Felizmente não foram atacadas as habitações dos brasileiros, e nem suas pessoas, à exceção de um pequeno número, que foram presos

41 Não transcrita.

de leva, os quais logo reclamei, e foram soltos; por este motivo os invitei pela *Gazeta* a que usassem do Tope Nacional, o que executaram, e desde então foram respeitados.

Apesar das reiteradas ordens do governo para evitar as desordens e vinganças particulares praticadas pelos soldados, e principalmente pelos negros, foram insultadas as casas da família do próprio governador Viamont, e do pai do general Rosas, como se vê nas ordens do governo transcritas nas *Gazetas* n. 3153 e [*31*]54. Com a punição dos agressores cessaram as tropelias cometidas pelos soldados e a tranquilidade pública se acha quase restabelecida.

Em 14 do mês passado se divulgou nesta cidade a notícia de haver sido prisioneiro pela tropa do governo de Salta o ex-ministro d. Pablo Alemán, e perto de cem homens que este mandava. Alemán se havia conspirado contra o governo de Salta desde Tucumán, onde existia refugiado, e sendo prisioneiro escapou à morte pelos empenhos da família do mesmo governador, e foi unicamente fuzilado um dos seus comandantes de nome Obejero. Os diários de Valparaiso até 8 de outubro dizem que depois de sufocado o movimento militar de Ayacucho, no Peru, houveram [*sic*] outros em Arequipa e Trujillo, contra a administração do presidente Gamarra, e que a mesma capital (Lima) se acha em desordem. Em Guayaquil, República do Equador, foi descoberta uma conspiração contra o presidente Flores, pelo que se acha aquela república na maior agitação.

Na *Gaceta* n. 3148 verá V. Exa. a nota que passou o governo de Corrientes a este, participando-lhe das invasões que fizeram os paraguaios no território de Corrientes, exigindo o cumprimento dos tratados que fizeram as quatro províncias litorais sobre o auxílio que se devem prestar, assim bem a contestação deste governo ao de Corrientes. Igualmente se encontra nesta gazeta uma nota do encarregado de Negócios inglês passada a este governo, notificando-lhe que as ilhas Malvinas vão a ser guarnecidas por um destacamento para proteger os direitos do seu governo naquelas ilhas, assim bem a contestação do ministro Guido a esta nota.

O ministro Guido dirigiu uma nota em 15 do mês passado ao ministro de Negócios estrangeiros do governo de N[orte] América, na qual diz que por haverem ocorrido circunstâncias de grave consideração se tem demorado a missão diplomática nomeada junto àquele governo; e que sem embargo de estar pendente a questão que motivou a saída do encarregado de Negócios Bailles, o governo admitirá um cônsul, lisonjeando-se de uma idêntica reciprocidade de parte àquele governo.

A *Gazeta* n. 3155 traz a mensagem do governo de Bolívia, e a de [*n.*] 3160 uma nota do ministro de Negócios Estrangeiros desta república em contestação a do ministro daquela, participando-lhe que este governo nunca distara[*?*] nenhuma providência que interrompesse as relações que estabelecesse o direito de gentes, e os da boa amizade, e correspondência entre povos irmãos; e que de acordo com os sentimentos do de Bolívia procurará facilitar as relações de comércio entre ambas nações.

O governador da província de Santa Fé, López, se acha atualmente em campanha contra os índios do Chaco: se diz que a sua força conta de mil e quinhentos homens, e espera ser reforçado pelas províncias de Córdoba, e San Luis. Em 13 do corrente chegou a esta cidade o general Quiroga, conduzindo a chamada Divisão dos Andes, composta de 300 homens que estavam ao mando do general Ruiz Huidobro na província de S[a]n Luis.

Ontem a Sala de Representantes revogou o decreto de 15 de outubro p[róximo] p[assado] que suprimiu a liberdade da imprensa, e foi apresentado um projeto de lei a tal respeito; e por decreto de 6 do corrente foram derrogados os decretos proibitivos da extração da moeda e metais, devendo tão somente exigir-se o direito de um por cento de saída.

Até o presente nenhum contágio tem atacado a saúde pública em todo o Estado; e esta capital se acha tranquila, e há bem fundadas esperanças que continue.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

[Il]mo. e Exmo. Sr. Bento da Silva [Lisboa]
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

[*Anexo*]

Relación de algunos [h]echos del general Quiroga practicados desde el año 26 hasta el de [*1*]833

1º – En el año 27 en San Juan castigó a d. Reducindo Roxas amarrado à un cañon; sujeto de la primera categoría.
2º – En el año 29 después de la batalla de la Tablada, que fue el 22 y 23

de junio, regresó à la Rioja donde prendió algunos sujetos respetables y entre ellos al alemán d. Carlos Baunes, y al ministro de Hacienda d. Angel Mariano Pasos, d. Ezequiel Ascueta, d. Pedro Gordillo, d. Thomas Gordillo, d. Ignocencio Delmoral, y sus dos hijos, d. N. Corro, y su compañero; estos desgraciados fueron fusilados en el acto por mera sospecha que tenía de ellos.
3º – En el año 30 en S[a]n Juan fusiló al Capitán Guerreros por haber amparado a un amigo suyo; lo mismo ejecutó con el dueño de la casa donde se hallaba el referido amigo.
4º – En el mismo año el 25 de febrero fusiló al sargento Donoso, en los momentos de la acción se ignora la causa.
5º – En el año 31 mandó fusilar en Mendoza a 28 oficiales prisioneros en el Rio Cuarto, en este mismo tiempo mandó azotar atado al cañón al ex gobernador de la Rioja d. José Patricio del Moral; y a tres ciudadanos más que de estos murieron dos en el castigo; y en el mismo año fusiló en San Juan a d. Nicomedes Castro, y otros varios oficiales: en este año fusiló en Capayán diez individuos entre ciudadanos y oficiales, y lanceó al ten[ien]te d. Manuel Errero, y al alférez Morales.
6º – En el mismo año el 5 de noviembre mando fusilar en la plaza de Tucumán a todos los jefes y oficiales que se tomaron prisioneros, empezando por el coronel Larralla hasta el número de treinta, sin salvar otro que al coronel Barcála. En el mismo año y en el mismo mes fusiló al capitán d. Beatrez Soria, porque suponía que había dado la bós de alto en los momentos de la pelea, pero se sabe que es falso.
7º – En el año 27 – hizo azotar en Tucumán al comerciante Rita y Luganes, por estos *darem queixa* de un robo que suponían ser sus soldados; y los largo desnudos por las calles de la ciudad hasta [la plan].
8º – En el año 33 mandó azotar al jefe de policía de Mendoza, Pedro Julián Obredor, por no estar [usando] algunos uniformes que se habían mandado [hacer].

❖

OFÍCIO • 21 DEZ. 1833 • AHI 205/2/15

[N.] 77

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 21 de dezembro de 1833.

Ilmo. e Exmo. Sr.,
Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. a cópia n. 1 da nota

que dirigi ao ministro Ugarteche a respeito dos emolumentos, indevidamente levados pela Capitania do Porto aos barcos brasileiros, relativos à carta de saúde, assim bem a de n. 2 em resposta, e a de n. 3 do ministro Guido, participando-me definitivamente haver o governo resolvido por ponto geral que para o futuro somente se pagasse a carta de saúde quando fosse exigida pelos capitães dos barcos.[42]

Cumpre-me, portanto, participar a V. Exa. que fiz esta reclamação por me parecer justa, sem que para a fazer houvesse a representação dos capitães dos barcos brasileiros, como digo na minha nota ao ministro. Também levo à presença de V. Exa. a cópia da nota n. 4 que o ministro me dirigiu em contestação à minha nota em que pedia se ordenasse as autoridades da Patagônica, e Bahía Blanca fosse apreendido o patacho *Dona Clara* e a sua tripulação remetida a esta cidade, caso arribasse a alguns daqueles portos. O ministro, passados alguns dias depois, me enviou dois ofícios para ditas autoridades, os quais seguiram o seu destino. Pelos demais portos desta república não consta haver chegado dito patacho.

Em 20 do mês passado tive uma conferência com o ministro Guido sobre as reclamações pendentes; no dia 21 tive outra com o governador Viamont sobre o mesmo, na qual lhe fiz ver a conveniência de ser reconhecido o princípio marítimo, hoje estabelecido em quase todos os governos americanos, de que "a bandeira cobre a carga". Ele conveio nestes princípios, e me assegurou, assim como o ministro, que com a brevidade possível seria decidido este negócio, pelo que espero que pelo próximo paquete levarei à presença de V. Exa. a resolução deste negócio.

Há quatro dias veio a esta legação o inglês João [*sic*] Fitton, aqui estabelecido, e me participou que tinha documentos que provavam que o carregamento do brigue inglês *Restaurador*, procedente de Londres, que foi apresado em 1828 pela esquadra do bloqueio, é propriedade argentina, assim como o bergantim sardo *Assumto*, com procedência de Montevidéu, que também foi apresado em 27 pela esquadra, é propriedade argentina; e igualmente o bergantim americano *Brutus*, vindo dos portos do Brasil, que foi igualmente apresado, é de propriedade argentina. Diz ele que pelos documentos que deve apresentar serão condenadas ditas presas, assim bem que, se o Governo Imperial lhe fizer alguma proposição razoável, ele manifestará os documentos, ou passará a essa corte. Antes de fazer-me esta declaração, pediu todo o segredo.

42 Cópias anexas não transcritas. Anotação no verso da última página: "[?] Em 29 de janeiro de 1834."

No caso de ter algum fundamento esta proposição, queira V. Exa. dar-me as necessárias ordens a este respeito.

Deus g[uar]de a V. Exa.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios inter[in]o e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

1834

OFÍCIO • 17 JAN. 1834 • AHI 205/2/15

N. 1

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 17 de janeiro de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. o mapa demonstrativo dos gêneros importados dos portos do Império, exportados deste porto para os daquele, pelas embarcações nacionais e estrangeiras no último semestre do ano findo, assim bem o mapa geral que compreende os de ambos semestres do mesmo ano.[1] Por ele verá V. Exa. o aumento que houve na importação e exportação no ano de 1833 respeito ao de 1832; e é de esperar que este vá em progressão, principalmente nos principais gêneros de consumo neste país, como são o açúcar, o fumo, a aguardente, a erva-mate e o arroz.

Igualmente levo ao conhecimento de V. Exa. que em 20 de maio do ano próximo passado foi vendida neste porto a sumaca nacional *União*, por ordem de seu proprietário Antônio José Vieira Ramalho, residente em Paraguai, a qual embandeirou com a bandeira argentina. A chalupa nacional *Firmeza*, de propriedade de Francisco de Lemos Pinto, residente em Porto Alegre, foi vendida por sua ordem em 14 de dezembro p[róximo] p[assado], e embandeirou com a bandeira argentina.

A sumaca *Rio Jacuí*, da propriedade de José de Leão, residente em Porto Alegre, foi igualmente vendida por ordem do mesmo em 28 de dezembro p[róximo] p[assado], e embandeirou com a bandeira argentina. O patacho argentino *Restaurador* foi arrematado em hasta pública por José Coelho, mestre da chalupa *Firmeza*, pelo valor de cinco mil pesos moeda corrente e embandeirou com a bandeira nacional, levando no seu passaporte a nota correspondente para satisfazer em Porto Alegre, para onde se destinou, a correspondente ciza.

Também tenho a honra de levar à presença de V. Exa. a cópia inclusa da nota, que ontem me dirigiu o ministro Guido, em que promete contestar-me decisivamente para o próximo paquete.[2] Suponho que a contestação do ministro será satisfatória à reclamação tanto pelos sentimentos, que me tem manifestado nas diferentes entrevistas, que com ele tenho tido sobre a conveniência de adotar a república o princípio marítimo da "bandeira cobrir a carga", como porque o governador Viamonte

1 Não localizado no volume.
2 Não transcrita.

me tem manifestado os mesmos sentimentos, todas as vezes que lhe tenho falado a este respeito. Tenho toda a certeza que este negócio já estaria decidido favoravelmente se existisse o governo do general Balcarce, porque ele e o ministro Ugarteche assim haviam prometido.

D[eu]s g[uar]de a V. Exa. m[uito]s an[o]s.

Antônio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
[Min]istro e Secretário de Estado dos Negócios Es[trang]eiros

❖

OFÍCIO • 29 JAN. 1834 • AHI 205/2/15

Bahia, 29 de janeiro de 1834.

Tenho a honra de participar a V. Exa. que em conformidade do que escrevi a V. Exa. em ofício de 11 de outubro do ano próximo findo, parti de S[ão] Petersburgo em 26 do referido mês e ontem cheguei a esta cidade, onde tenciono ficar parte do tempo da licença que a Regência, em nome de S. M. o Imperador, se dignou conceder-me.

Na minha passagem por Londres, o ministro brasileiro naquela corte encarregou-me de quatro maços endereçados a V. Exa., os quais entreguei ao sr. presidente desta província para mandar lhes dar a competente expedição.

O arranjo de negócios particulares e da família, exigindo a minha atual estada nesta cidade, por ora posso somente ter a satisfação de assegurar a V. Exa. que logo que cesse este motivo não perderei um instante em apresentar-me na capital do Império para ter a honra de solicitar a graça de ser admitido a beijar as augustas mãos de S. M. o Imperador e das princesas suas irmãs; entretanto, mui acatadamente peço a V. Exa. o distinto obséquio de fazer chegar à presença de SS. MM. e AA. II. as expressões dos sentimentos de adesão e fidelidade que, com o mais profundo respeito, tributo à[s] suas augustas pessoas, tomando ao mesmo tempo a liberdade de renovar a V. Exa. os protestos do meu reconhecimento e subida consideração.

Deus guarde a V. Exa.

Gaspar José Lisboa

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa

❖

DESPACHO • 29 JAN. 1834 • AHI 207/3/8

N. 17

Palácio do Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1834.

Acusando o recebimento dos seus ofícios ns. 73, 74, 75, 76 e 77, direi a V. Mce. o que se me oferece em solução aos seus diversos conteúdos.

Não pode por agora ter lugar a ida da embarcação de guerra que V. Mce. pede para proteção dos súditos brasileiros nesse porto, à vista do que me comunicou o sr. ministro da Marinha, e que havia feito constar o seu pedido.

Avivando por esta ocasião as recomendações contidas no meu anterior despacho, lhe significarei quanto cumpre que as não perca de vista quando tiver de dar asilo a qualquer pessoa nessa legação, pois que unicamente o deverá praticar, quando não possa deixar de fazê-lo, sem quebra da dignidade e decoro da nação brasileira.

Aprovo a resposta que V. Mce. deu sobre pegarem os brasileiros em armas, devendo V. Mce. procurar que estes se não intrometam jamais nos negócios desse país, a fim de que se não privem da proteção, que lhes é devida por essa legação.

E concluirei certificando-o de que espero pela solução dos negócios que me anuncia no seu citado ofício n. 77, bem como de que fico inteirado de quanto nele representa.

Deus g[uard]e a V. Mce.

B[ento] da Silva Lisboa

P[ara] Antonio C[ândido] Ferreira

❖

OFÍCIO • 26 FEV. 1834 • AHI 205/2/15

N. 2

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 26 de fevereiro de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção do despacho de 29 de janeiro do corrente ano, sob o n. 17, recebido a 24 do corrente, no qual V. Exa. reitera, em parte, as ordens que se dignou transmitir-me no despacho n. 16, que até esta data não tenho recebido, julgando, por este motivo, haver-se extraviado.

Havendo-me assegurado o ministro Guido pela sua nota de 16 do mês passado, cuja cópia acompanhou o meu ofício n. 1, de 17 de janeiro, que antes da saída deste paquete me daria uma contestação decisiva a respeito das reclamações pendentes, me participou verbalmente no dia 15 do corrente, com motivo de uma entrevista que tive com ele sobre a reclamação dos bens do brasileiro José de Miranda, de que resultou dirigir-lhe a nota que por cópia tenho a honra de levar à presença de V. Exa., assim bem a da sua resposta,[3] que antes da saída deste paquete não podia contestar-me, como havia prometido, pelos muitos e variados assuntos que o ocupavam presentemente, mas que antes da partida do vindouro o faria sem falta. Esta [é] a razão pela qual nada posso presentemente participar a V. Exa. a este respeito.

A 3 do corrente saiu para Bahia Blanca e Patagônia um destacamento a relevar o que existe naqueles destinos, de donde [*sic*] suponho virão alguns dos prisioneiros brasileiros; neste caso logo os reclamarei, cingindo-me em tudo as anteriores ordens de V. Exa.

Esta província e as do interior desta república gozam ao presente de tranquilidade, à exceção a de Corrientes, que se acha em armas contra a província do Paraguai, como indica a mensagem daquele governo transcrita na *Gaceta Mercantil* de 13 do corrente. Pelo meu ofício de notícias n. 3 verá V. Exa. o estado desta questão.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s anos.

Antônio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro Secretário de Estado dos Negó[cios] Estrangeiros

❖

3 Ambas não transcritas.

OFÍCIO • 27 FEV. 1834 • AHI 205/2/15

N. 3

Legação Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 27 de fevereiro [de 1834].

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que sendo invitado pelo ministro Guido para uma entrevista na qual, me disse ele, tinha de comunicar-me assuntos de alta importância, esta teve lugar na noite do dia 1º do corrente. O ministro principiou fazendo-me uma exposição do que contém a nota do ministro argentino em Londres, dirigida a este governo, assim como dos documentos relativos à ideia e projeto de monarquizar-se a América do Sul, fazendo, ademais, algumas reflexões sobre a impossibilidade de realizar-se tal projeto concebido pela corte de Madri. Eu lhe asseverei que a comunicação que me acabava de fazer a levaria à presença de V. Exa. como me cumpria; porém, há poucos dias aparece impressa nas *Gazetas* [*sic*] ns. 3211 e 12 a nota do ministro Moreno, e os documentos em que este refunda para o referido projeto as notas do ministro Guido aos governos de Chile e Oriental, circulares às províncias desta república e resposta do ministro Guido ao ministro Moreno em Londres.

A publicação destes documentos me escusa de relatar a V. Exa. o que o ministro me comunicou, pois que eles contêm o mesmo que me foi dito por ele.

A *Gazeta* [*sic*] n. 3293 traz a mensagem do governo de Correntes [*sic*], e trata sobre as desavenças entre ele e o do Paraguai. As notícias particulares vinda de Correntes [*sic*] asseguram que os paraguaios ocuparam a posição que antes tinham, e que a força que passaram a Candelaria sobem de três mil homens. Por ora não se observam preparativos nesta província contra o Paraguai; se diz, contudo, que este governo prestará auxílio ao governo de Correntes [*sic*], o qual certamente será insignificante, no caso de se verificar. O governo de Correntes [*sic*] diz que a conquista da sua província é o que pertende [*sic*] o ditador Francia, para desta maneira estimular a República Argentina contra ele; porém creio, com algum fundamento, que não são essas as vistas de Francia, mas sim de ocupar unicamente as antigas posições que tinha na parte ocidental do Paraná.

A 17 do corrente a Sala de Representantes qualificou o movimento de 11 de outubro como a expressão da vontade geral da província.

A *Gaceta* n. 3222 traz transcrita a pauta da Alfândega de Chile; a de [*n.*] 3223, a resposta do ministro do Estado Oriental ao ministro Guido sobre a nota do ministro Moreno, e a de [*n.*] 3225, algumas reflexões sobre a contestação do ministro Obes.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s anos.

Antônio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Mi[nis]tro e Secretário de Estado dos Negócios Es[tran]geiros

❖

OFÍCIO[4] • 20 MAR. 1834 • AHI 205/2/15

N. 4

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 20 de março de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que na noite do dia 8 do corrente se embarcou furtivamente em San Isidro, seis léguas ao norte desta capital, o general Lavalleja acompanhado de seu irmão e de duzentos e trinta e cinco homens mal-armados, com destino de desembarcar nas costas do Estado Oriental, o que conseguiu no dia 11, desembarcando na Ponta de Camacho, vinte léguas ao norte da Colônia. Antecedentemente o governo desta república havia dado algumas providências para evitar a reunião de gente que fazia Lavalleja na costa de San Isidro, e mesmo foi reconvenido [*sic*] pelo governo, como verá V. Exa. no *Imparcial* n. 37, que envio à presença de V. Exa., porém foi iludido completamente tanto por Lavalleja, como pelo general Penedo, hoje inspetor de armas, a quem havia encarregado a dispersão da gente reunida. As notícias que têm vindo da parte oriental depois da saída de Lavalleja são incertas, por isso as não transmito à presença de V. Exa. A opinião dos homens sensatos deste país, assim como a minha, é de que Lavalleja será malsucedido nesta desesperada tentativa.

A 12 do corrente participei pela escuna nacional *Bella Angelica* o acontecimento e hoje o faço ao nosso encarregado de Negócios em Montevidéu.

4 Não localizado no volume.

Respeito aos negócios de Corrientes e Paraguai, se sabe que estes não têm ocupado senão o departamento de Candelaria, sua antiga posição: sem embargo, o governo de Corrientes e os militares sem emprego desejam que este governo se declare definitivamente contra o ditador Francia, porém, o governo conhece os seus poucos recursos para empreender uma tal guerra; sem embargo, a Sala facultou ao governo para poder auxiliar a Corrientes com quatro embarcações armadas [*e*] equipadas por duzentos homens.

Aproveito a saída repentina deste barco americano para transmitir a V. Exa. estas notícias, as quais darei mais detalhadamente pelo próximo paquete.

D[eu]s g[uar]de a V. Exa.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Bento da Silva Lisboa
Ministro e [Secre]tário de Estado dos Negócios Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 17 ABR. 1834 • AHI 205/2/15

N. 5

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 17 de abril de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção dos despachos de V. Exa. sob ns. 1 e 2, de 3 e 24 de março do corr[en]te ano, e circular de 25 de fevereiro, em que V. Exa. me participa que a Regência, em nome do Imperador, aceitara a demissão que dera o sr. conselheiro Bento da Silva Lisboa do cargo de ministro e secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, havendo por bem nomear a V. Exa. interinamente para aquele lugar, assim bem a circular n. 2, em que me determina contrarie os boatos que os mal-intencionados acintemente espalharem neste país a respeito dos insurgentes que infectam os distritos de Jacuípe e Panelas de Miranda, do que fico inteirado, e serão cumpridas as ordens de V. Exa. a tal respeito.

Tenho a honra igualmente de acusar a recepção da cópia do despacho n. 16, de 10 de de[zembro] do ano p[róximo] p[assado], cujo

original, acompanhado do despacho para o ministro mexicano residente em Valparaíso, se há extraviado.

Pelo próximo paquete levarei ao conhecimento de V. Exa. o resultado das diligências que houver praticado ante este governo sobre a remoção dos obstáculos que têm havido por parte do governo de Correntes [*sic*] para a continuação das relações comerciais com a província do Paraguai, na conformidade das ordens de V. Exa. transmitidas no despacho n. 1, ao que acompanhou a cópia do ofício do presidente da província de São Pedro.

Ontem tive uma entrevista com o ministro Guido, a fim de obter a contestação decisiva sobre as reclamações que me havia prometido dar antes da partida do paquete de fevereiro, como me assegurou na sua nota de 16 de janeiro, que por cópia levei à presença de V. Exa. O ministro depois de desculpar-se por não haver cumprido a sua palavra, por achar-se – disse ele – sumamente ocupado com os negócios internos, me assegurou que prontamente contestaria. Sem embargo desta promessa, lhe apontei a ideia de se cometer este negócio a uma comissão mista, de pessoas brasileiras e argentinas, no caso de que o governo encontrasse embaraços a decidir com prontidão este assunto. O ministro acedeu muito satisfeito a esta ideia, e tratamos dentro em poucos dias ter uma conferência para se proceder à nomeação das pessoas que devem compor a comissão. Pelo que fica relatado é de supor que este governo reconhece o princípio marítimo de que a bandeira cobre a carga. Neste caso, a comissão em pouco tempo concluirá os seus trabalhos, e o seu resultado levarei imediatamente ao conhecimento de V. Exa.

Aproveitei esta mesma ocasião para, desde logo, cumprir as ordens de V. Exa. transmitidas no despacho n. 2, significando ao ministro o vivo interesse que toma o Governo Imperial pela sorte dos Estados conterrâneos, e oportunamente o farei igualmente ao mesmo governador.

Levo à presença de V. Exa. as cópias das notas em contestação às que dirigi ao governo de Bolívia,[5] acompanhadas do ofício incluso para V. Exa.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s an[o]s.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

5 Cópias anexas, datadas de 25 nov. 1833 e 4 fev. 1834, não transcritas.

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oli[vei]ra Coutinho
Ministro e Secretário de Estado [dos] Negócios da Justiça [*e*]
interinamente dos [Es]trangeiros

❖

OFÍCIO[6] • 17 ABR. 1834 • AHI 205/2/15

[N.] 6

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 17 de abril de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Em ofício de 20 de março remetido pelo bergatim americano *Estados Unidos* tive a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. as notícias mais interessantes sobre Correntes [*sic*] e a passagem de Lavalleja para o Estado Oriental do Uruguai. Então participei a V. Exa. que Lavalleja havia passado ao Estado Oriental com duzentos e trinta e cinco, pelas notícias mais fidedignas que corriam; porém, a força única que desembarcou foram setenta e seis homens, havendo-lhe desertado anteriormente parte da gente que tinha oculta em uma das ilhas do Paraná. Desembarcou com efeito no dia 12 de março no lugar chamado Camacho, porém, não encontrando apoio, dirigiu-se à costa do Río Negro, onde foi perseguido mui de perto pelo coronel Medina no passo do Correntino [*sic*], o qual passou com trabalho, e se dirigiu para os campos que estão presentemente despovoados entre os rios Arapey e Quaraí, na fronteira do Brasil, onde se diz que se lhe reunirá alguns dos seus partidários.

A parte que dá o presidente Frutos Ribeiro [*sic*] ao governo de Montevidéu – *Gaceta* n. 3255 – é verídica, e por ela se pode ajuizar as forças com que Lavalleja pretendeu atacar o seu rival. Se assegura [*sic*] que dentro de quinze dias sairá a esquadrilha que vai proteger a Corrente [*sic*], a qual é composta de cinco pequenas barcas armadas ao mando do coronel Espora. As notícias de Corrientes pouco têm adiantado sobre os movimentos das forças paraguaias, as quais se acham na mesma posição de Candelaria, somente na defensiva. As últimas notícias de 5 de janeiro do Estado do Peru, são desagradáveis, pois a guerra civil continua com muito vigor. A *Gaceta* n. 3263 traz alguns detalhes a este respeito.

6 Anexos não localizados no volume.

Porém as províncias do interior se acham tranquilas, assim como esta. Deus guarde V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oliveira Couti[nho]
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da [Justi]ça [*e*] interinamente dos Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 14 MAIO 1834 • AHI 205/2/15

[N.] 7

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 14 de maio de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção dos despachos de V. Exa. sob n. 3, de 10 e 22 de abril, recebidos a 12 do corrente.

Em observância das ordens de V. Exa. transmitidas no despacho de 22 de abril, cumpre-me levar ao conhecimento de V. Exa. que Lavalleja tem nesta cidade mui poucas relações, e essas insignificantes para quadejuvarem [*sic*] nas suas pretensões, não havendo um só brasileiro entre elas. O governo desta província, mui distante de apoiar suas miras, fez todo o possível para impedir-lhe a passagem à parte oriental, como verifica pela ata que firmou ante o governo em 26 de fevereiro p[róximo] p[assado], inserta no *Imparcial* n. 57, que incluo às gazetas que nesta ocasião tenho a honra de enviar a V. Exa.

No meu ofício de 17 de abril, n. 5, levei ao conhecimento de V. Exa. que por este paquete participaria o resultado das diligências que houvesse praticado a respeito da remoção dos obstáculos que têm havido por parte do governo de Correntes [*sic*], para a continuação das relações comerciais entre o Brasil e o Paraguai, o qual levo nesta ocasião ao conhecimento de V. Exa.

No dia 21 de abril tive uma entrevista com o ministro Guido para tratarmos a respeito da comissão mista que deve entender sobre as reclamações pendentes, conforme levei ao conhecimento de V. Exa. no meu citado ofício n. 5. Com este motivo, fez-me ver o ministro que o governador havia determinado que os documentos relativos às

mesmas reclamações fossem enviados ao assessor-geral, a fim de dar o seu parecer, e que no caso de não se expedir uma resolução que conciliasse os interesses da Justiça, o governo estava disposto a nomear a comissão mista em que havíamos convindo. Nesta virtude, recebi no dia 10 do corrente a nota oficial que por cópia levo à presença de V. Exa. sob o n. 1. Sem dúvida haverá demora em dar o seu ditame o assessor-geral, como é de costume; porém, cumpre-me assegurar a V. Exa. que não perderei ocasião de agitar este negócio, a fim de que com a brevidade possível dê o assessor o seu parecer, e marche consequentemente à sua final decisão.

Nesta mesma ocasião fiz ver ao ministro os embaraços que o governo de Corrientes havia posto às relações comerciais entre o Brasil e o Paraguai, impedindo a livre comunicação do comércio brasileiro pela província de Missões a Itapúa, e que, portanto, o Governo Imperial tinha as mais lisonjeiras esperanças nos bons ofícios que, sem dúvida, prestaria o governo desta província, a fim de cessar a interrupção de dito comércio. O ministro asseverou-me que o governo interporia os seus bons ofícios a este respeito, porém que presentemente não era possível dar este passo, por se achar o governo de Corrientes em um estado de guerra com o do Paraguai, mas, que no caso de continuar a interrupção do comércio brasileiro, o governo se prestaria gostoso a interpor os seus respeitos com o de Corrientes para remover estes obstáculos.

Somente reclamei ao ministro a intervenção do governo para a não interrupção do comércio brasileiro com o Paraguai, sem tocar-lhe na reclamação que se deve fazer dos escravos fugidos da fronteira de Missões, de Alegrete para Corrientes, que, segundo notícias tenho, se tem reclamado sem fruto, por que pretendia rogar a V. Exa., como agora faço, a remessa da cópia da reclamação feita pelo governo do Brasil em 1813, ou 14, sobre a devolução dos escravos que se evadissem para esta república, em consequência do decreto da Assembleia, dado em 3 de fevereiro de 1813, sobre os escravos que chegassem a esta república, e a da resposta deste governo à mesma reclamação para, firmado nestes documentos, poder reclamar os escravos que tenham fugido do Império para qualquer província da república. Apesar de haver feito todas as diligências possíveis para obter estas peças oficiais, não tem sido possível alcançá-las até o presente.

Levo igualmente à presença de V. Exa. a cópia n. 2 da nota que me dirigiu o ministro Guido,[7] participando-me que o governo havia

7 Não transcrita.

nomeado em 30 de abril a Nuno Maria de Seixas para cônsul da república em Pernambuco, e autorizando-o para embandeirar as embarcações que queiram tomar a bandeira argentina, com a condição de vir tomar passaporte neste porto.

Esta província, assim como as demais da república, por ora, desfrutam de tranquilidade.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s an[o]s.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oli[veira] Coutinho
Ministro e Secretário de Esta[do dos] Negócios da Justiça [*e*]
interinamente dos [Estra]ngeiros

[*Anexo I*]
[cópi]a

Buenos Ayres, mayo 10 del 1834.
Año 25 de la Libertad y 19 de la Independencia.

Al Señor Encargado de Negocios, y Cónsul General del Brasil,

El que subscribe Ministro de Relaciones Exteriores tiene la satisfacione [*sic*] de dirigirse al Se[ñ]or Encargado de Negocios, y Cónsul General del Imperio del Brasil para poner en su conocimiento, que con esta fecha el Gobierno ha pasado al Asesor General todos los documentos en que el Señor Cónsul funda la reclamación de indemnizaciones de perjuicios causados por corsarios argentinos a ciudadanos brasileiros, por la extracción de efectos existentes a bordo de los Buques mercantes Norte Americanos *Untario* y *Plant* recomendándole el pronto despacho de este negocio.

Con este motivo, el infrascripto debe manifestar al Se[ñ]or Encargado que si después de substanciado este grave negocio, que debe dar por resultado el establecimiento de un principio de derecho internacional, que sirva de regla en lo sucesivo entre los Gobiernos de la República Argentina, y el Brasil, no se llegase a expedir una resolución que concilie los intereses de la justicia, S. E. estará dispuesto al nombramiento de una comisión mista, cuya opinión se tendrá presente en los consejos de la autoridad para que ella se pueda pronunciar de un modo equitativo, y conveniente a los derechos que se promueven.

El que subscribe saluda al Señor Encargado de Negocios su más distinguida consideración.

Tomas Guido

Está conf[orm]e:
Antonio Cândido Ferreira

❖

OFÍCIO[8] • 15 MAIO 1834 • AHI 205/2/15

[N.] 8

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 15 de maio de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. as notícias mais interessantes que circulam relativamente à posição de Lavalleja.

Depois de ser perseguido pela gente do presidente Frutos [*sic*] no passo do Corrientino, em Río Negro, se dirigiu ao território entre os rios Arapey e Quaraí, o qual se acha somente povoado pelos restos dos índios charruas, a quem se uniu no potre[*i*]ro grande mui imediato à fronteira de Alegrete. Desde ali oficiou ao comandante Bento Manoel pedindo-lhe socorros de gado, que lhe foram dados, como se vê na *Gaceta* n. 3268 a resposta que este dera ao presidente do Estado Oriental a este respeito. Se assegura que terá Lavalleja de 80 a 100 homens, e que o presidente Frutos [*sic*] o espreita com forças superiores.

A *Gaceta* n. 3273 traz a proclama do vice-presidente da República do Peru, Obergoso, o qual indica o estado anárquico em que se acha aquela república. Pelas *Gazetas* [*sic*] n. 3267 e 68 verá V. Exa. a correspondência oficial que tem havido entre o governo de Corrientes e este, relativamente aos negócios presentes desta província e o Paraguai.

Em 4 do corrente mandou este governo sustar a saída da esquadrilha destinada a socorrer a província de Corrientes, por haver este governo determinado retirar as suas forças, deixando ocupar as forças paraguaias as posições que tinham em Candelaria e Missões.

A 7 do corrente teve lugar a abertura da Sala de Representantes desta província, e pela mensagem do governo, que tenho a honra remeter

8 Anotação no topo da última página: "R[espondido] em 17 de junho de 1834." Anexos não encontrados no volume.

a V. Exa.,se vê que está resolvido a entregar o mando pelos acontecimentos que tiveram lugar na noite de 29 de abril, que foram os seguintes:

Nesta mesma noite [às] oito da [*rasura*] se dirigiram seis homens a cavalo armados de espingardas à casa do cônego d. Pedro Paulo Vidal, e depois de dispararem alguns tiros com bala às janelas do dito cônego, gritaram: "morra o governo, e viva o general Rosas"; dali se dirigiram à casa do ministro G[uido] e dispararam vários tiros com bala às janelas, que felizmente não ofende[ram o] dito ministro, passando-lhes as balas mui imediato a ele.

Em seguida deram um tiro em um jovem que se achava defronte da casa, sem mais motivo que perguntar a razão porque atiraram à casa do ministro, do que resultou a morte deste jovem ao seguinte dia. Geralmente se diz que este acontecimento teve origem pela casa de Rosas. Este homem não tem contestado aos repetidos ofícios do governo, que lhe há dirigido há cinco meses, e nem tampouco aos seus amigos, achando-se setenta léguas distantes desta capital.

O governador Viamonte e os ministros estão decididamente determinados a deixarem a administração, o que tem causado grande agitação no público.

D[eu]s g[uar]de a V. Exa. m[uito]s an[o]s.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oliveira [Couti]nho
Ministro e Secretário de Estado dos Neg[óci]os [da] Justiça
e interinamente dos Estrangeiros

❖

OFÍCIO[9] • 15 JUN. 1834 • AHI 205/2/15

[N.] 9

Legação Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 15 de junho de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção dos despachos de V. Exa.

9 Anotação a lápis no topo da primeira página: "Inteirado das notícias 15/6/34." e na última página: "R[espondido] em 18 julho 1834." Anexos não localizados.

sob n. 4, de 14 e 15 de maio, e o despacho n. 16, de 10 de dezembro do ano passado, que acompanhava outro para o ministro mexicano em Valparaíso, o qual seguirá amanhã pelo correio de Chile com direção ao cônsul-geral do Brasil Bento Gomes de Oliveira, residente naquela praça.

Neste paquete se dirigiu à corte do Império o general d. Mariano Armoza, encarregado de Negócios, e cônsul-geral da República de Bolívia junto ao Governo Imperial.

O governador e capitão-general desta província renunciou [*a*] o governo em 5 do corrente, como verá V. Exa. na *Gaceta* n. 3305. A Sala, porém, até hoje não tem contestado a este respeito. Esta resolução definitiva do general Viamonte, a renunciar [*a*]o governo, tem causado bastante agitação, porém se tem conservada tranquila até hoje esta cidade.

A mensagem da Regência do Império será inserta nos periódicos, assim bem se darão publicidade àqueles pontos para acreditar o Governo Imperial.

As ordens de V. Exa. serão cumpridas, relativamente aos Regimentos das Legações Imperiais e Consulares, logo que V. Exa. se digne remetê-las a esta legação.

Queira a Providência conservar a preciosa existência do jovem Imperador, e de sua augusta família, como convém ao Brasil.

Deus g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oliveira [Cou]tinho
Ministro e Secretário de Estado dos Negó[cios d]a Justiça [*e*]
interinamente dos Neg[óci]os Estrangeiros

❖

OFÍCIO[10] • 16 JUN. 1834 • AHI 205/2/15

[N.] [1]0

Legação e Consulado-Geral do Império do Brasil
Buenos Aires, 16 de junho de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

10 Anotação a lápis no topo da primeira página: "Inteirado das notícias 16/6/34." e na última página: "R[espondido] em 18 jul. 1834". Anexos não localizados.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. as notícias que presentemente correm nesta cidade.

A província de Corrientes se acha tranquila, e as forças paraguaias ocupam as posições de Candelaria e Povos de Missões.

O presidente do Estado Oriental bateu em 15 do mês passado ao general Lavalleja, que teria como cem homens na costa do Quaraí, fronteira de Alegrete, como verá V. Exa. na parte que dá dito presidente ao governo, inserto na *Gaceta* n. 3302. O general Lavalleja se há refugiado no território do Império. A mulher do general Lavalleja se há dirigido a Porto Alegre em consequência desta notícia.

O general Quiroga saiu a 11 do corrente a conferenciar com o general d. João Manoel Rosas, que se acha a nove léguas desta cidade. Se assegura [*sic*] que desta conferência resultará um futuro lisonjeiro para este país, em virtude dos sentimentos de ordem, e de que se dê uma Constituição a toda a república, que há publicamente manifestado o general Quiroga, sem dúvida, em oposição aos sentimentos do general Rosas. Amanhã se espera o general Quiroga, e certamente terei uma notícia verídica do resultado desta conferência.

Esta província, e as do interior da república, gozam de tranquilidade até o presente.

D[eu]s g[uar]de a V. Exa. m[uito]s an[o]s.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho
[Mini]stro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça [*e*]
[inte]rinamente dos Estrangeiros

❖

DESPACHO • 17 JUN. 1834 • AHI 207/3/8

N. 5

P[alácio] do R[io] de J[aneiro],
Em 17 de junho de 1834.

Inteirado do conteúdo dos seus ofícios ns. 7 e 8 em datas de 14 e 15 de maio deste ano, cumpre-me recomendar a V. Mce. a continuação

de sua interposição a bem de não sofrerem as relações comercias do Brasil com o Paraguai, e em geral com as províncias argentinas.

Quanto à nomeação que esse governo fizera de Nuno Maria de Seixas para cônsul da República em Pernambuco, não pode o Governo Imperial prestar-lhe o seu exequátur, pelo motivo de que o dito Seixas, quando exercera na mesma cidade o lugar de cônsul do Estado Oriental do Uruguai, fora dele demitido, em consequência de representação do mesmo governo, por se haver portado insolentemente com o respectivo presidente, que se queixou de seu mau procedimento, convindo, portanto, que se nomeie outro indivíduo, o qual deverá seguir as leis em vigor quanto à nacionalização das embarcações que forem compradas por argentinos.

Deverá V. Mce. continuar em suas representações sempre que o nosso território seja invadido, no que jamais consentirá, procedendo logo às necessárias participações às autoridades brasileiras mais próximas e ao governo. [Hei, outrossim, por mui recomendado a V. Mce. a ultimação, tão procrastinada, da reclamação dos deputados e senadores do Império.][11] E concluirei participando-lhe que se mandou pôr em execução um regimento consular, que lhe será oportunamente comunicado, convindo que sobre ele faça as reflexões que lhe parecerem acertadas.

Deus g[uar]de a V. Mce.

A[ureliano] de S[ousa] e Oliveira Coutinho

Para A[ntonio] Cândido Ferreira

❖

DESPACHO • 20 JUN. 1834 • AHI 207/3/8

P[alácio] do R[io] de J[aneiro],
Em 20 de junho [*de*] 1834.

Não pode ter escapado à perspicácia de V. Mce. o afinco com que o G[overno] I[mperial], fiel aos tratados a que está ligado, e dirigido pelas leis da humanidade, pretende fazer cessar o horrível comércio da escravatura no Brasil.

11 Inserção do autor.

Nos diversos relatórios apresentados à Assembleia Geral Legislativa, apontaram os ministros de Estado os danos que a introdução de africanos por contrabando produzia, e as causas que se opunham a que se conseguisse vedá-la, sendo um dos mais fortes, sem dúvida, a facilidade com que as autoridades portuguesas das colônias da costa da África, e mesmo as do Brasil, permitem que quaisquer embarcações se cubram com a bandeira portuguesa e, desta forma, ainda que apreendidos com o negro carregamento, evitam sofrer as penas da lei de 7 de novembro de 1831, e da Convenção de 23 de novembro de 1826, ainda que brasileiros sejam os seus proprietários, e tripulação.

Recentes e repetidos exemplos de tais fatos têm ocorrido, continuando assim indivíduos daquela nação a hostilizar-nos indiretamente e a prejudicar a nossa crescente prosperidade; e nota-se que grande número de tais embarcações vem munidas com passaportes para o Rio da Prata e [fraudulentos] contratos com negociantes aí estabelecidos, a fim de mostrarem que transportam colonos e não são destinados para o Império. Mas, posto que as leis dessa república sejam severíssimas contra o mesmo tráfico, contudo, não só é provável que o g[overno] encontre os mesmos óbices na sua execução que o da R[egência], em n[ome] do I[mperador], mas até talvez ainda ignore esta fraude de alguns seus concidadãos, que por sordidez estão cooperando para o mal de uma nação conterrânea e [amiga?], e cuja amizade sem dúvida ela aprecia justamente.

Convirá, pois, que V. Mce. pedindo uma conferência ao ministro competente, nela lhe faça contar que o G[overno] I[mperial] tem provas exuberantes do que levo expendido e inste para que mandando ele pôr em observância as leis contra o negro comércio, se promulguem aquelas novas disposições que [parecem ?] adequadas, a fim de inibir aos cidadãos dessa república, que concorrem para que ele seja escandalosamente continuado no [extenso] litoral [das] [nossas] [*corroído*] infração das leis, iminente perigo, e terrível abalo da moralidades dos nossos patrícios.

O G[overno] I[mperial] tem oficiado com energia ao Encarregado de Negócios de [S. M. F.] nesta corte, e mesmo tem procurado a intervenção do G[overno] B[ritânico] para se alcançar que nas colônias sobreditas se não consinta o embarque de africanos para o continente americano, ou ao menos que haja o mais escrupuloso exame na nacionalização e despachos dos [vasos] que requererem [os portugueses] e esperando [senão] da vida bons resultados das negociações encetadas,

quer por todos os meios esforçasse por obter o grande fim a que se propõem; e por isso encarrego ao seu zelo esta parte que lhe compete em negócio tão [meritório], que hei por mui recomendado a V. Mce.

D[eu]s g[uar]de V. Mce.

[*sem assinatura*]

Para M[ano]el d´Alm[ei]da [*e*] Vasconcellos – n. 8
Antonio Cândido Ferreira – n. 6

❖

OFÍCIO • 23 JUL. 1834 • AHI 205/2/15

[N.] 11

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 23 de julho de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção dos despachos de V. Exa. ns. 5 e 6, de 17 e 23 de junho, e circular n. 5 de 11 do dito mês.

Em cumprimento da ordem de V. Exa. transmitida no despacho n. 5, em que me determina a continuação da minha interposição, a bem de não sofrerem as relações comerciais do Brasil com o Paraguai, e em geral com as províncias argentinas, tenho a satisfação de levar ao conhecimento de V. Exa. que ao presente se acham estas restabelecidas, e mui principalmente com a província de Corrientes, desde que o atual governador d. Rafael Atienza tomou conta do governo daquela província. Ontem me confirmou esta agradável notícia o correntino d. Gregorio Araujo, que me foi apresentado pelo agente fiscal desta cidade dr. d. Francisco Acosta, asseverando-me ademais, que sendo comissionado pelo governador Atienza para aregrar [*sic*] as guardas da fronteira, e passar a tratar com o comandante-geral da fronteira de Missões, o tenente-coronel Manoel da Silva Pereira do Lago, sobre o restabelecimento das relações comerciais entre o Brasil e Corrientes, havia naquela ocasião recebido procurações de alguns estancieiros brasileiros da fronteira para fazer voltar vários escravos q[ue] haviam fugado para aquela província, havendo já feito remessa de dez, e tinha em seu poder três do coronel José Maria da Gama para enviá-los logo que regressasse à sua habitação; e que, havendo reclamado quatro destes escravos

que tinham passado à província de Entre Ríos, lhe foram entregues por ordem daquele governo. Por esta relação, e pelo que me assegurou dos sentimentos de ordem e de boa vizinhança que têm manifestado o governador Atienza, é de esperar que se conserve a melhor harmonia naquela fronteira. Pela minha parte, lhe fiz ver os generosos sentimentos que animam do Governo Imperial, a fim de conservar a melhor inteligência e boa harmonia com as províncias argentinas, o que podia participar oficiosamente aos governos de Corrientes, e Entre Ríos, sem embargo de não investir presentemente nenhum caráter público nesta capital. Segundo a época em que foram restabelecidas as relações comerciais entre o Brasil e a província de Corrientes, não puderam influir os bons ofícios deste governo para um tal resultado.

Amanhã pretendo pedir a conferência que V. Exa. me determina no despacho n. 6 tenha com o ministro competente, e nesta mesma ocasião lhe farei participante das razões que teve o Governo Imperial para não prestar o seu exequátur a Nuno Maria de Seixas, nomeado cônsul desta república em Pernambuco, convindo, portanto, que seja outro indivíduo nomeado, o qual deverá seguir as leis em vigor quanto à nacionalização das embarcações que forem compradas por argentinos.

Desde 27 de junho, em que foi admitida a renúncia do governador, estão os negócios públicos sem andamento; e sendo o assessor-geral juntamente deputado, pouco tem adiantado sobre as reclamações pelas continuadas sessões da Sala a que tem assistido desde aquela data.

Ele me há significado que, imediatamente depois de estar nomeado o novo governador, despacharia este negócio.

Deus guarde a V. Exa. m[uito]s anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

[Il]mo. e Exmo. Sr. Aureliano de S[ou]za e Oliveira Coutinho
[Min]istro e Secretário de Estado dos Negócios da Justi[ça]
[*e*] interinamente dos Estrangeiros

❖

OFÍCIO[12] • 23 JUL. 1834 • AHI 205/2/15

[N.] 12

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 23 de julho de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que a 27 de junho p[róximo] p[assado] foi admitida, pela Sala, a renúncia que, dias antes, havia feito o governador Viamonte: desde aquela data os negócios públicos estão quase paralisados. A Sala nomeou para governador ao general João Manoel Rosas; não tem este querido aceitar a nomeação, que tem sido reiterada por terceira vez, como se vê da sua última nota em contestação, e inserta na *Gazeta* [*sic*] n. 3335. Hoje se acha a Sala reunida para ultimar este negócio. A opinião geral é de que Rosas não aceita o governo sem que se lhe dê as faculdades extraordinárias e, sendo a maioria da Sala de seu partido, não haverá muita dificuldade em concedê-las, dourando-as com o título de robustecer a ação do governo. Com este motivo se acha esta cidade em muita ansiedade e grande número de pessoas se aprontam para abandonarem o país.

A guerra civil continua no Peru. As repúblicas de Chile e Bolívia estão em tranquilidade, e bem assim as províncias argentinas, à exceção da de Sn. Luis, que [h]á sido saqueada a sua campanha e assassinado grande número de seus habitantes pelos índios.

Pelo iate português *Bom fim*, que deve partir a 27 do corrente, levarei ao conhecimento de V. Exa. o que haja resolvido a Sala, assim bem as novidades que ocorrerem.

Deus guarde a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho
[Mi]nistro e Secretário de Estado dos Negócios da Jus[tiça] e interinamente dos Estrangeiros

❖

12 Anotação a lápis à esquerda da margem superior: "[Inteirado] 24/07/34.". Anexo não localizado.

OFÍCIO[13] • 30 JUL. 1834 • AHI 205/2/15

N. 13

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 30 de julho de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

No meu oficio n. 12, de 24 do corrente, signifiquei a V. Exa. que pelo iate português *Bom Fim* participaria a resolução da Sala a respeito da terceira renúncia do general Rosas. A Sala instou por quarta vez, como verá V. Exa. no *Censor* n. 75; e a *Gazeta* [*sic*] de hoje n. 3348 traz a contestação do general Rosas, em que definitivamente renuncia [*a*]o governo.

Continua a agitação e receios dos habitantes desta cidade a respeito das faculdades extraordinárias e, sobretudo, há temores que uma revolução dissolva a Sala, e seja aclamado ditador o general Rosas, qualquer destas [noites]. Não será difícil que se verifique este acontecimento, que temem os homens sensatos e amigos da ordem, porque o número dos proletários é grande, e a ínfima classe está em extremo desmoralizada.

As notícias recebidas ontem vindas do interior asseguram que em 22 do mês passado foram presos vários sujeitos na província de Tucumán, por haverem conspirado contra o governo, havendo fugado outros para a de Salta. Tucumán fica, sem embargo, em tranquilidade, assim como está.

Deus guarde a V. Exa.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Geral do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oliv[eir]a Coutinho
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça
e interinamente dos Estrangeiros

❖

13 Periódicos não localizados no volume.

OFÍCIO[14] • 30 AGO. 1834 • AHI 205/2/15

[N. 15]

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 30 de agosto de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que sendo nomeado governador desta província o dr. d. Thomas Manoel de Anchorena, em consequência da renúncia do general Rosas, há igualmente renunciado por segunda vez. A Sala vai fazer nova nomeação, a qual recairá em último resultado no mesmo Rosas: esta é a opinião geral. A segunda renúncia de Anchorena se acha na *Gaceta* n. 3365.

Tem havido alguns distúrbios na província de la Rioja, porém hoje se acha tranquila – *La Gaceta* n. 3353. Na de n. 3371 verá V. Exa. uma nota passada por Frutuoso ao presidente da província de São Pedro, a qual se faz notável pelo seu estilo.

Das Repúblicas de Peru e Chile não há notícias posteriores às que levei ao conhecimento de V. Exa. pelo paquete passado.

Continuam as relações de comércio entre o Brasil e o Paraguai, e a boa harmonia entre a província de Corrientes e o Brasil.

Cumpre-me certificar a V. Exa. que todos os meus desvelos se dirigem unicamente ao exato cumprimento das ordens imperiais.

Deus guarde a V. Exa.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e [Olive]ira Coutinho
Ministro e Secretário [de E]stado dos Negócios da Justiça
[*e*] inte[rino] dos Estrangeiros

❖

OFÍCIO[15] • 12 SET. 1834 • AHI 205/2/15

[N.] 16

Legação e Consulado-Geral do Brasil

14 Periódicos não localizados.

15 Anotação a lápis no topo da primeira página: "[Inteirado] 12/09/34."; e no verso, a caneta: "R[espondido] em 11 outubro 1834."

Buenos Aires, 12 de setembro de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

A conclusão da guerra civil em Pernambuco, a consolidação da ordem estabelecida, a prosperidade do comércio e aumento de crédito nos fundos públicos, a caída do requerimento do senador José Saturnino a respeito da ilegalidade das reformas constitucionais, a solene promulgação da lei da reforma constitucional recebida com entusiasmo nessa corte e, finalmente, o estado de perfeita saúde que goza a família imperial, que V. Exa. se digna participar-me no despacho circular n. 7 de 13 de agosto, são outros tantos motivos de sumo prazer para um brasileiro que ama sua pátria, e de gratidão aos patriotas que têm contribuído para a glória e prosperidade nacional. As demais participações, que V. Mce. se digna dirigir-me no mencionado despacho, fico delas inteirado, assegurando a V. Exa. que as ordens imperiais serão cumpridas religiosamente.

D[eu]s g[uar]de a V. Exa. muitos anos.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e [Olive]ira Coutinho
Ministro e Secretário de [Esta]do dos Negócios da Justiça,
Encarregado interinamente dos Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 13 SET. 1834 • AHI 205/2/15

[N.] 17

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 13 de setembro de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que a Sala aceitou a renúncia do governador feita por d. Nicolas Manoel de Anchorena, e que até o presente não se tem feito outra nomeação, havendo, portanto, o general Viamonte insistido com a Sala para a sua separação do governo.

A Sala de Representantes sancionou em 3 do corrente o decreto de 1º de fevereiro de 1832, dado em tempo do general Rosas, que proíbe a liberdade d[e] imprensa. Esta resolução e outras que agradem a dito general farão que ele se resolva a governar a província.

As províncias do interior gozam, por ora, de tranquilidade, assim como esta. As notícias do Estado Oriental asseguram que em consequência das últimas ordens imperiais, a respeito de Lavalleja, e seus chefes, este celebrara um convênio com o presidente Frutos [*sic*], em que se deve se estipular o regresso ao Estado Oriental de todos os anarquistas, absoluto esquecimento do passado, e indenização em dinheiro dos prejuízos de Lavalleja.

Deus guarde a V. Exa.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oli[veira] Coutinho
Ministro e Secretário de Estado [dos] Negócios da Justiça,
Encarregado interina[mente] [dos] Estrangeiros

❖

DESPACHO • 22 SET. 1834 • AHI 207/3/8

N. 11

P[aláci]o do R[io] de J[aneiro],
Em 22 de setembro de 1834.

Pela leitura dos seus ofícios ns. 14, 15, datados de 30 de agosto último e das cópias anexas, fiquei inteirado de seus respectivos conteúdos, e em resposta direi a V. Mce. que deverá insistir pelas providências prometidas por esse governo acerca do comércio de africanos, cumprindo que V. Mce. examine com o maior escrúpulo os contrabandos de tal natureza, que se cobrem com a bandeira portuguesa; e bem assim o que respeita ao bergantim argentino *Domingo* que menciona.

Publicar-se-á o mapa que remeteu. E uma vez que possam navegar livremente as embarcações brasileiras para Itapúa, deverá V. Mce. antes promover do que estorvar tal comércio.

Convém que V. Mce. ouça as proposições do inglês Fitton, e o aconselhe que venha com efeito apresentar os documentos que possui acerca das embarcações que apontar; e sendo elas razoáveis, o governo tomará em consideração esse negócio, que melhor poderá ser tratado pelo dito Fitton nesta corte.

D[eu]s g[uar]de a V. Mce.

Aureliano de S[ousa] e Oliveira Coutinho

Para A[ntonio] Cândido Ferreira

❖

DESPACHO • 30 SET. 1834 • AHI 207/3/8

N. 13

Palácio do Rio de Jan[ei]ro,
Em 30 de setembro de 1834.

Pela cópia inclusa do of[íci]o, que em data de ontem dirigi ao nosso encarregado de Negócios interino e cônsul-geral em Montevidéu, ficará V. Mce. ciente do afinco com que o governo continua a dar as mais eficazes providências, não só para a expulsão dos emigrados orientais do território brasileiro, como para que a dignidade do Império não sofra a menor quebra sob qualquer pretexto que se ofereça; e é de acordo com estas vistas que a R[egência], em n[ome] do I[mperador] o sr. d. Pedro II, ordena, que sem perda de tempo V. Mce. solicite do ministro das Relações Exteriores desse Estado uma conferência com que lhe faça sentir perfeitamente qual a boa-fé do Governo Imperial e que o esmero com que não cessa de prová-la pelos meios mais enérgicos e concludentes, cumprindo assim religiosamente o disposto na Convenção de 27 de agosto de 1828.

Deus g[uard]e V. Mce.

Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho

Para Antonio Cândido Ferreira

❖

DESPACHO • 14 OUT. 1834 • AHI 207/3/8

N. 16

Em 14 de outubro [*de*] 1834.

Tendo a Reg[ênci]a, em n[ome] do Imperador, pelo decreto da cópia inclusa, desonerado a V. Mce. dos lugares que ocupava de encarregado de Negócios interino e cônsul-geral deste Império junto do governo dessa república; e havendo a mesma Regência nomeado para

o substituir ao cavalheiro Gaspar José Lisboa na qualidade de encarregado de Negócios e cônsul-geral, cumpre-me assim participar-lhe a V. Mce. para sua inteligência, e a fim de que logo que o referido seu sucessor se apresente nessa legação, V. Mce. lhe entregará ~~todos os utensílios dela~~[16], informando-o de todos os negócios pendentes e de qualquer assunto do serviço nacional que lhe requerer.

O Governo Imperial houve por bem conceder a V. Mce. a importância de dois meses do seu ordenado a título de ajuda de custo, e desta determinação se preveniu o Tesouro mandando suspender os seus vencimentos logo que conste da chegada do referido seu sucessor.

Deus g[uard]e.

[*sem assinatura*]

Para Anto[nio] Cândido Ferr[eir]a

❖

OFÍCIO • 16 OUT. 1834 • AHI 205/2/15

[*S/N*]

Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1834.

Tenho a honra de acusar o recebimento do despacho que V. Exa. me expediu em 14 do corrente, transmitindo-me cópia do decreto da mesma data, pelo qual a Regência, em nome de S. M. I. o senhor d. Pedro II, houve por bem nomear-me para servir o lugar de encarregado de Negócios, e da gestão do consulado-geral do Império na República das Províncias Unidas do Rio da Prata, ordenando-me V. Exa. ao mesmo tempo que siga quanto antes para o meu destino.

Aceitando a honrosa comissão que me é confiada, enquanto não vou pessoalmente, tomo a liberdade de pedir a V. Exa. o especial favor de levar à presença da Regência, em nome do Imperador, as expressões do meu profundo respeito e maior gratidão que tributo a S. M. Imperial pelo novo testemunho de confiança que se dignou dar-me, incumbindo-me de tão importante missão, e iguais agradecimentos a V. Exa., com reconhecimento, ofereço pela parte que teve na concessão desta graça; e protestando pelo zelo e fidelidade com que continuarei a empregar-me no serviço imperial e nacional, tenho a satisfação de assegurar a V. Exa.

16 Tachado no original, substituição de palavras ilegível na entrelinha.

que, logo que recebi o supracitado despacho, procurando dar pontual cumprimento às ordens de V. Exa., principiei a tratar da minha viagem; e conto partir desta capital no dia 23 do presente mês.

Deus guarde a V. Exa.

Gaspar José Lisboa

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho

❖

OFÍCIO[17] • 20 OUT. 1834 • AHI 205/2/15

[N.] 18

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 20 de outubro de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção da circular n. 8, de 29 de agosto, acompanhada do Regimento Consular, o qual desde já fica posto em prática, na conformidade da ordem de V. Exa., e dos despachos n[*s*]. 10, 11 e 12, de 30 de agosto, 22 e 25 de setembro, cujas ordens neles transmitidas terão a sua devida execução.

Levo ao conhecimento de V. Exa. que a corveta de guerra nacional *Sete de Abril* fundeou neste porto a 9 do corrente, a qual se tem mantido até hoje sem a menor novidade, devendo sair para Montevidéu no dia 30, na conformidade das ordens.

A ordem de V. Exa. para significar a este governo a eficaz cooperação do Governo Imperial para o reconhecimento da independência dos Estados americanos ainda não foi cumprida por me achar há cinco dias atacado da gota, o que verificarei logo que me ache melhorado.

Levo ao conhecimento de V. Exa. que depois da última renúncia do general d. Agnelo Pacheco, nomeado governador desta província, foi eleito governador interino o presidente da Sala o dr. d. Manoel Vicente de Maza. Até ao presente não tem o governador feito a nomeação de ministros, por cujo motivo não posso dar a V. Exa. uma solução definitiva a respeito das reclamações, o que farei na primeira ocasião.

D[eu]s g[uar]de a V. Exa.

17 Anotação a lápis à esquerda da margem superior: "[Inteirado] 20/10/34."

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oliveira Cou]tinho
Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça,
interinamente dos Estrang[eir]os

❖

OFÍCIO[18] • 21 OUT. 1834 • AHI 205/2/15

[N.] 19

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 21 de outubro de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

As *Gacetas* n. 3388 e 3403 trazem documentos de bastante interesse sobre a independência dos Estados da América espanhola; e nas de n. 3407 e 3416 se acham igualmente documentos que manifestam o estado de agitação em que se acham as províncias de Santiago, Tucumán, Salta e Catamarca.

O general Quiroga, que suponho é o autor da correspondência na *Gaceta* n. 3416, me assegurou que prontamente se fariam a guerra às referidas províncias, e que as demais da república seriam igualmente envolvidas nesta desgraça, sem, contudo, dar-me uma ideia exata dos motivos que há para agitar-se a guerra civil nesta república.

Esta província por ora se acha tranquila.

Deus guarde a V. Exa.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho
Ministro e Secre[tário] de Estado dos Negócios da Justiça
[*e*] interinamente dos Estrangeiros

❖

18 Anotação a lápis no topo: "Inteirado 21/10/34." Anexos não localizados.

OFÍCIO[19] • 18 NOV. 1834 • AHI 205/2/15

[N.] 21

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 18 de novembro de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de acusar a recepção do despacho de V. Exa. n. 16, de 14 de outubro, acompanhado da cópia do decreto da mesma data em que a Regência, em nome do Imperador o sr. d. Pedro II, houve por bem dispensar-me de exercer o lugar de encarregado de Negócios, e cônsul-geral do Império do Brasil nesta república, havendo a mesma Regência nomeado para substituir-me ao cavaleiro Gaspar José Lisboa, na qualidade de encarregado de Negócios, e cônsul-geral. Cumpre-me, portanto, levar ao conhecimento de V. Exa. que o meu sucessor chegou a esta cidade no dia 15 do corrente; e, sem embargo de achar-me muito incomodado, hoje dirigi a nota que por cópia tenho a honra de enviar a V. Exa., na qual peço ao ministro me indique dia e hora para o apresentar e entregar [*a*]o referido meu sucessor a sua credencial.

Todas as demais ordens que V. Exa. neste despacho me determina serão religiosamente cumpridas.

Deus g[uar]de a V. Exa.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-Ge[ra]l do Brasil

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oliveira [Cou]tinho
Ministro e Secretário de Estado dos Ne[góci]os da Justiça,
interinamente dos Estrangeiros

❖

OFÍCIO[20] • 20 NOV. 1834 • AHI 205/2/15

N. 22

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 20 de novembro de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

19 Nota anexa não transcrita. Anotação a lápis no topo da página: "Inteirado 18/11/34."
20 Anotação a lápis no topo: "Inteirado 20/11/34."

As notícias que V. Exa. teve a bondade de participar-me no despacho circular n. 8 são sumamente agradáveis a todo brasileiro que deseja sinceramente a prosperidade e glória da pátria; e mui principalmente por desfrutar de perfeita saúde o augusto monarca brasileiro, e suas augustas irmãs.

Até ao presente não se tem espalhado notícias que tendam a desacreditar a conduta do Governo Imperial, que pudessem sugerir os inimigos do Brasil com respeito aos negócios do Estado Oriental e, no caso de aparecer, serão rebatidas pela imprensa.

Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Exa. que esta província, assim como as demais da república, gozam atualmente da tranquilidade.

Deus guarde a V. Exa.

Antonio Cândido Ferreira
Encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

[Il]mo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oliveira [Couti]nho
Ministro e Secretário de Estado dos Negó[cios] [da] [Ju]stiça,
interinamente dos Estrangeiros

❖

OFÍCIO • 28 NOV. 1834 • AHI 205/2/15

[N.] 23

Legação e Consulado-Geral do Brasil
Buenos Aires, 28 de novembro de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. a cópia n. 1 da nota do oficial-maior d. Manuel Yrigoyen, encarregado interinamente do Ministério de Estrangeiros, em contestação a que lhe dirigi em 16 do corrente, depois da conferência que teve lugar com o mesmo em 16 do corrente, como participei a V. Exa. no meu ofício n. 20, de 17 do corrente. Por ela ficará V. Exa. inteligenciado que este governo promete resolver definitivamente sobre o conteúdo da minha nota de 17 do corrente, logo que se organize o ministério de que atualmente se ocupa. Sem embargo dos desejos que diz ter o governo para formar o quanto antes o seu ministério, creio com algum fundamento que decorrerá algum tempo antes que se forme tal ministério.

Juntamente tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que no dia 25 do corrente foi por mim apresentado, ao competente ministro, o encarregado de Negócios e cônsul-geral meu sucessor e, havendo-lhe este apresentado a sua credencial, recebeu em consequência o decreto do seu reconhecimento neste mesmo dia.

A minha atual moléstia, que apenas me permite assinar as diligências que têm havido a fazer para suprir a escuna *Rio da Prata* do que lhe era mister, por haver sofrido alguma avaria no temporal de 17 e 18 do corrente, tem retardado a entrega do arquivo desta legação e consulado-geral ao meu sucessor, o que verificarei o mais pronto possível, em cumprimento das ordens imperiais; e levarei ao conhecimento de V. Exa. pelo próximo paquete a entrega do arquivo e das quantias existentes nesta legação e consulado-geral.

Deus g[uar]de a V. Exa.

Antonio Cândido Ferreira
Ex-encarregado de Negócios interino e Cônsul-G[era]l do Brasil

[Il]mo. e Exmo. Sr. Aureliano de S[ou]za e Oliveira Coutinho
[Mi]nistro e Secretário de Estado dos Negócios da Justi[ça],
Encarregado interinamente dos Estrangeiros

[*Anexo I*]

Buenos Ayres, noviembre 24 del 1834.
Año 25 de la Libertad y 19 de la Independencia.

El infrascripto Oficial Mayor, Encargado del Despacho en el Departamento de Relações [*sic*] Exteriores, ha presentado al conocimiento de S. E. el Señor Gobernador y Capitán General de la Provincia la nota de 17 del corriente, en la cual el Señor Encargado de Negocios y Cónsul General del Imperio del Brasil, d. Antonio Cândido Ferreira, le manifiesta que ha recibido instrucciones de su Gobierno para hacer presente que urge el cumplimiento de la Convención Preliminar de Paz celebrada con el Imperio del Brasil en la parte que previene el nombramiento de Ministro Plenipotenciario para el Tratado definitivo de Paz.

S. E. el Señor Gobernador ha ordenado al infrascripto participe al Señor Encargado de Negocios a quien se dirige, que apenas haya integrado el Ministerio, de cuya organización actualmente se ocupa, resolverá definitivamente sobre el particular que contiene la nota del Señor Encargado de Negocios, cursando oportunamente su resolución.

El infrascripto aprovecha esta oportunidad para reiterar al caballero Ferreira las seguridades de su más alta consideración.

Manuel de Yrigoyen

Al Señor Encargado de Negocios y Cónsul General del Imperio del Brasil D. Antonio Cândido Ferreira

Está conf[orm]e:
Antonio Cândido Ferreira

[*Anexo III*]

Buenos Aires, 20 de dezembro de 1834.

O encarregado de Negócios de S. M. o Imperador do Brasil, abaixo-assinado, tem a honra de se dirigir ao sr. oficial-maior incumbido do Ministério de Relações Exteriores, d. Manuel de Yrigoyen, para chamar à lembrança de S. Exa. a resposta que lhe prometeu dar sobre os negócios que fizeram o objeto da conferência que o abaixo-assinado teve a satisfação de entreter com S. Exa. no dia 16 do corrente, a saber:

1º – A nomeação e pronta partida do plenipotenciário que por parte do governo das Províncias Unidas do Rio da Prata deve ir ao Rio de Janeiro ajustar o Tratado definitivo de Paz entre o Império do Brasil e a República Argentina, em conformidade do §XVII da Convenção de 27 de agosto de 1828;

2º – A indenização das perdas e danos causados aos senhores senadores e deputados [da] Assembleia Geral do Brasil que, indo de passagem da Bahia para o Rio de Janeiro a bordo dos navios dos Estados Unidos da América do Norte *Planta e Ontario*, foram saqueados por um corsário argentino;

3º – O depósito no consulado-geral do Império dos bens que se acharam por morte do súdito brasileiro José de Miranda, assassinado no povo de Lobos, os quais o governo de Buenos Aires, na suposição de que o dito Miranda era português, mandou recolher à Tesouraria da república.

O abaixo-assinado se lisonjeia de que o sr. oficial-maior incumbido da Repartição das Relações Exteriores, sabendo apreciar a necessidade em que ele se acha de informar o ministério imperial das verdadeiras intenções do governo das Províncias Unidas do Rio da Prata acerca dos negócios em questão, se servirá enviar-lhe a resposta prometida em tempo para ser expedida pelo paquete que está a largar para o Rio de Janeiro;

e nesta persuasão o abaixo-assinado tem a satisfação de oferecer ao sr. d. Manuel de Yrigoyen as expressões da sua mui subida consideração.

Gaspar José Lisboa

Está conforme:
Gaspar José Lisboa

❖

OFÍCIO[21] • 22 DEZ. 1834 • AHI 205/2/15

N. 24

Buenos Aires, 22 de dezembro de 1834.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

Tenho a honra de levar à presença de V. Exa. a cópia do meu ofício de 8 do corrente dirigido ao meu sucessor, na ocasião de entregar-lhe o arquivo, e depósito das quantias particulares existentes nesta legação, e consulado-geral, as quais fazem a soma de cinquenta e cinco mil cento e noventa e quatro pesos e três [reais] moeda-papel, assim bem, a da nota que constitui o arquivo desta legação e consulado-geral.

Cumpre-me igualmente levar ao conhecimento de V. Exa. que não foram cumpridas imediatamente as ordens imperais, relativas à entrega do arquivo, logo que aqui chegou o meu sucessor, por existir enfermo até o dia 7 do corrente, e juntamente por não ter ele ainda casa para colocá-lo.

Devo juntamente asseverar a V. Exa. que todo e qualquer serviço da nação que o meu sucessor exigir de mim, sempre me achará pronto, assim como o tenho feito no decurso de 27 anos, prestando à minha pátria, não só com os meus bens, mas ainda arriscando, por vezes, a minha própria existência, como é notório.

Deus guarde a V. Exa.

Antonio Cândido Ferreira

Ilmo. e Exmo. Sr. Aureliano de Souza e Oliveira [Co]utinho
Ministro e Secretário de Estado dos Negó[cios] da Justiça [*e*]
interinamente dos Estrangeiros

❖

21 Anotação a lápis no topo da página: "Inteirado 22/12/34." Anexo não transcrito.

Publicação semestral do Centro de História e Documentação Diplomática (CHDD)
Direitos de publicação reservados à Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG)

FUNAG
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bl. H, Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília - DF
Telefones: (61) 2030-6033 / 6034
Fax: (61) 2030-9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@funag.gov.br

CHDD
Ministério das Relações Exteriores
ERERIO - Pálacio Itamaraty
Av. Marechal Floriano, 196
20080-002 Rio de Janeiro - RJ
Telefones: (21) 2233-2318/2079
Site: www.funag.gov.br/chdd
E-mail: chdd@funag.gov.br

Editora Executiva
Wilma Rodrigues d´Oliveira Kroff

Revisão
Érika S. Coutinho do Nascimento
Dominique Daria Rocha de Almeida Fernandes

Editoração e revisão
Sarah Stefany Fonseca Corbo
Wilma d´Oliveira Kroff

Layout da Capa
Eduarda Rocha Rodrigues Passos

Trabalharam na pesquisa e transcrição dos documentos de Londres, sob a supervisão do CHDD, Daniel Cruz, Willian Teixeira e os estagiários de história Jheniffer Ribeiro, Mayara Tosta e Bárbara Laranjeiras. Nos documentos de Buenos Aires trabalharam Erick Ciqueira, Thayná Fuly e Lydia de Carvalho, todos da UFRJ.

Impresso no Brasil - 2018

Cadernos do CHDD / Fundação Alexandre de Gusmão, Centro de História e Documentação Diplomática. – Ano XVII, Número 32. – [Brasília, DF] : A Fundação, 2018.
614 p. ; 17 x 25 cm

Semestral
ISSN: 1678-586X

1. Brasil – Relações exteriores – História – Periódicos. 2. Diplomacia – Brasil – História – Periódicos. I. Fundação Alexandre de Gusmão. Centro de História e Documentação Diplomática.

CDU 341.7(81)(0.91:05)

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei nº 10.994, de 14/12/2004.

Esta publicação foi elaborada com as fontes Garamond, Georgia, Myriad Pro e Trajan Pro, versões open type.

ISSN 1678586-X

Neste número

Carta do editor

Londres

A correspondência da embaixada em Londres entre 1940-42:
universalização da guerra e a posição brasileira
Pablo Saturnino Braga

Rio da Prata (Buenos Aires)

A Missão de Antonio Cândido Ferreira
nas Províncias Unidas do Rio da Prata (1832-34):
uma perspectiva diplomática da instabilidade regional
Lydia de Carvalho e Thayná Fuly

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO
www.funag.gov.br